

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MÍDIA E POLÍTICA:
narrativas de *Veja* na construção do sentido político-ideológico sobre a América Latina,
entre 2008 e 2012

Antonio Sebastião da Silva

Brasília, 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MÍDIA E POLÍTICA:
narrativas de *Veja* na construção do sentido político-ideológico sobre a América Latina,
entre 2008 e 2012

Antonio Sebastião da Silva

Tese apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Comunicação da Universidade de
Brasília/UnB como parte dos
requisitos para a obtenção do título
de Doutor.

Brasília, 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

MÍDIA E POLÍTICA:
narrativas de *Veja* na construção do sentido político-ideológico sobre a América Latina,
entre 2008 e 2012

Antonio Sebastião da Silva

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gonzaga Motta

Banca:

Presidente - Prof. Drº Luiz Gonzaga Figueiredo Motta (UnB)
Prof. Drª Celia Maria dos Santos Ladeira Mota (UnB)
Prof. Drª Maria Jandyra Cavalcanti Cunha (UnB)
Prof. Drº César Ricardo Siqueira Bolaño (UFS)
Prof. Drº Sérgio Euclides Braga Leal de Souza (Uniceub)

AGRADECIMENTOS

As vitórias por mais simples que sejam nunca se materializam em um trabalho solitário, mas na relação de várias vozes e pensamentos de importantes pessoas, que nos cercaram com seu prestígio e conhecimento. Instantes de lembrar-nos dos nossos professores da escola primária, inesquecíveis das primeiras letras, os quais acreditamos com zelo e muita esperança. Tempos de bons amigos, que fundamentalmente se inserem numa narrativa para a nossa estória. Na Universidade, amigos fervorosos por ideias e ideais, que nos fizeram ver o mundo por trás da cortina do senso comum arraigado, pelos quais perdemos noites de sono e devotamos apreço por suas palavras e dedicação à pesquisa, à ciência. Fato, que nem todos seguiram viagem com consciência ou convicções que defendemos, mas nas disputas pelas ideologias remamos juntos na pesquisa ou fora dela. Na pós-graduação, outros tanto amigos. Debates, discussões compreensões, desentendimentos teóricos, afirmação de pensamento, outros caminhos. Adiante, para narrativas mais recentes, a satisfação de fazer parte dos pesquisadores, como discente da pós-graduação da Universidade de Brasília (UnB), com imenso aprendizado, discussões e conhecimento. Não há dúvida de que foram muitos amigos, a quem dedicamos muito apreço, carinho especial e tornamos nossos, seus enunciados nesta polifonia de vozes. Em nome de todos, e são muitos, agradecemos com sinceridade a orientação do Prof. Luiz Gonzaga Motta, que, em poucas palavras, conseguiu nos guiar em caminhos incertos e desafiadores, quem terá mais um seguidor para as metodologias narrativas, discussões e publicações. A todos nosso reconhecimento, pela importância na configuração da diegese desta pesquisa, pelo que pensamos e como olhamos para o mundo, escrevemos, lemos suas histórias e interferimos na realidade. À profa. Maria Celeste Saad Guirra (UFMT) pelas correções gramaticais e ortográficas deste texto, em relação aos quais assumimos a responsabilidade pelos erros que porventura tenham persistido, mesmo depois da nossa releitura. Também agradecemos à profa. Maria Jandyra Cavalcanti Cunha (UnB), pelo modo atencioso conosco nos ajustes do texto final. Especialmente à minha família que soube conviver com a nossa ausência imponderável, na convivência distante de um filho, esposo e pai. Amado, por vezes, estrangeiro.

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de compreender de que maneira a mídia brasileira organiza o conhecimento social sobre a América Latina, a partir de suas narrativas, com suas estratégias, seleção de vozes e desempenho dos personagens nas intrigas. Em essência, analisar a os procedimentos narrativos para a construção de uma matriz narrativa hegemônica provisória. Para atingir tal objetivo, a metodologia empregada é a Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2013), enfocando-se os procedimentos dos narradores na configuração dos agentes sociais na tessitura da trama e na formação da diegese jornalística. Tornam-se importantes nessa análise várias categorias da narrativa - como acontecimentos-intriga, configuração diegética, pontos de viradas, protagonistas, antagonistas, matriz narrativa – que permitem ao leitor identificar o projeto dramático dos narradores da Revista *Veja*. O *corpus* da pesquisa foi retirado de narrativas políticas sobre a América Latina publicadas entre os anos de 2008 e 2012. Na pergunta que norteia este trabalho é: ‘quais são as vozes predominam na definição da ideologia política, poder e verdades sobre a América Latina?’. Nos resultados obtidos, sobressai-se à concepção de um núcleo simbólico de personagens, responsável por dar tessitura e estruturar a trama da narrativa política da revista *Veja* em uma matriz narrativa hegemônica provisória que, enfatiza a globalização e fazendo a defesa do modelo neoliberal, com reflexo na política, economia e cultura regional.

Palavras-Chave: Narrativa jornalística. Hegemonia. Globalização.

ABSTRACT

This research has the goal here to understand how the Brazilian media organizes social knowledge about Latin America from their narratives, with their strategies, as a selection of voices and performance of the characters in the intrigues. In essence, analyzing the narrative procedures for the construction of a matrix narrative hegemonic Provisional. To achieve this goal, the methodology employed was the Critical Analysis of the Narrative (MOTTA, 2013), focusing the narrators procedures in the configuration of social actors in the plot and the building of journalistic diegesis. Several categories of narrative, events – such as intrigue, dramatic framework, turning points, protagonists, antagonists, narrative matrix - are important analysis, so as to allow the identification of the dramatic project of the *Veja* magazine. The research *corpus* was extracted from political narratives of this in editions published between 2008 and 2012. The research question that guides this investigation is: ‘Which voices predominate in the definition of political ideology, power and truths about Latin America?’. The results showed that there is a dominate of a symbolic nucleus of characters that is responsible for giving texture and structure the plot of *Veja* magazine within a temporary hegemonic narrative matrix that, by emphasizing globalization and making a strong defense of the neoliberal model, reflects in politics, economy and regional culture.

Keywords: Journalistic narratives. Hegemony. Globalization.

RESUMEN

Esta investigación tiene el objetivo aquí para entender cómo los medios de comunicación de Brasil organizan el conocimiento social sobre América Latina de sus narraciones, con sus estrategias, como una selección de voces y el comportamiento de los personajes de las intrigas. En esencia, el análisis de los procedimientos de narrativas para la construcción de una matriz narrativa hegemónica Provisional. Por lo tanto, la metodología empleada es el Análisis Crítico Narrativa (MOTTA, 2013), se centrando en los procedimientos de los narradores en la configuración de los actores sociales en el tejido de la trama y la formación de la narración periodística. Es importante en este análisis de diversas categorías narrativas – tales como evento-intriga, configuración diegética, puntos de inflexión, los protagonistas, antagonistas, matriz narrativa – que permiten al lector a identificar el diseño dramático de los narradores de la revista *Veja*. El *corpus* de la investigación fue tomada de las narraciones políticas en América Latina entre 2008 y 2012. La pregunta que guía este trabajo es: '¿Cuáles son las voces predominan en la definición de la ideología política, el poder y verdades sobre América Latina?. Los resultados mostraron que hay un predominio de un núcleo simbólico de caracteres que se encarga de dar textura y estructura de la trama en la narrativa política de la revista *Veja* dentro de una matriz narrativa hegemónica temporal que, enfatizando la globalización y haciendo una fuerte defensa del modelo neoliberal, se refleja en la política, la economía y la cultura regional.

Palabras clave: Narrativas periodísticas. Hegemonía. Globalización.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Análise crítica da narrativa	12
Respostas às questões-problemas	15
Capítulo I	
HEGEMONIA NARRATIVA GLOBAL E REGIONAL	18
O poder do simbólico e o regionalismo	27
Economia para as vozes	32
Narrativas da globalização e o neoliberalismo	40
Neoliberalismo na América Latina	43
Modelo Neoliberal brasileiro de FHC e Lula	47
Capítulo II	
NARRATIVAS DA AMÉRICA LATINA	56
Cenário para as narrativas na América Latina e seus personagens	62
Elites nacionais e as vozes para a dependência	77
Resgate das tramas no tempo	85
Capítulo III	
AS METANARRATIVAS DA AMÉRICA LATINA	91
Disputas narrativas na América Latina	96
O mundo das massas heterogêneas	101
Capítulo IV	
ANÁLISE CRÍTICA DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS	108
Mickey Mouse na origem de <i>Veja</i>	119
Surgimento de <i>Veja</i> e suas narrativas	123
Estórias para um mundo admirável	126
METODOLOGIA PARA ANÁLISE DAS VOZES DE <i>VEJA</i>	129

TEMPO DE DIÁLOGO PARA AS NARRATIVAS	139
--	------------

Capítulo V

Episódio 1 - NARRATIVAS DE UMA TRAMA POLÍTICA	141
--	------------

Perspectiva global da capa	150
---	------------

DIEGESE PARA UMA ILHA COMUNISTA	153
--	------------

Comunismo, já vai tarde	154
--------------------------------------	------------

A fuga da Ilha e os Estados Unidos	163
---	------------

A realidade nas disputas pelo poder simbólico	169
--	------------

Os verdadeiros mártires e anti-heróis da política cubana	179
---	------------

Territórios da revolução pós-moderna	190
---	------------

Democracia na globalização	199
---	------------

Capitalismo em vista, personagens em cena	205
--	------------

A realidade das Mimeses, números e carros	208
--	------------

No confronto, os antagonistas na estória	218
---	------------

Indústria cultural de uma ilha comunista	224
---	------------

VOZES DA NARRATIVA DE UMA ILHA COMUNISTA	237
---	------------

Vozes institucionais paradigmáticas da matriz	242
--	------------

Territorialidade das vozes narrativas nas regiões globais	247
--	------------

Capítulo VI

Episódio 2 - COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E PERFORMANCE	251
---	------------

Perspectiva global da capa	258
---	------------

KIRCHNERISMO, PODER E COMUNICAÇÃO	263
--	------------

Os piqueteiros e as panelas	265
--	------------

A batalha das panelas	272
------------------------------------	------------

Mercado para o estado do bem-estar social	279
--	------------

Ecos neoliberais para matriz narrativa hegemônica	287
--	------------

Vitória política esperada para protagonistas desconhecidos	291
A política dos grandes mensageiros das estórias	294
A matriz narrativa dos guardiões globais na disputa política	298
Os personagens das intrigas nas disputas de poder	301
Política de estado e os conglomerados de comunicação	308
Adeus ao Kirchnerismo nas disputas simbólicas	313
Os narradores da política na América Latina	320
Disputas institucionais e seus personagens	323
Finalmente as eleições presidenciais	327
Estória das histórias	332
Política e cultura regional vs poder global	335
Nacionalismo e neoliberalismo em guerra	338
Disputas das elites	344
Brasil neoliberal e Argentina nacionalista	355
Nem prego do mundo neoliberal	358
Nas ilhas da América Latina	366
VOZES HEGEMÔNICAS DA NARRATIVA SOBRE A ARGENTINA	375
Poder simbólico dos personagens na narrativa	379
Territórios da matriz hegemônica	381
CONCLUSÃO	386
BIBLIOGRAFIA	394

INTRODUÇÃO

A América Latina não é uma territorialidade simples de abordagem no campo da pesquisa sobre Jornalismo, considerando as disputas que envolvem diferentes linhas de pensamentos e grupos de pensadores. Além da implicação das publicações transgirem com o sistema partidário, de modo a exigir atenção sobre o lugar de fala dos próprios pesquisadores e linha de discussão. Outro ponto importante é a quantidade de pesquisas sobre a comunicação, uma territorialidade de poucas teorias, que aprofunde na abordagem de seus objetos específicos. Sobre o universo teórico os consensos se revelam ainda distantes, no qual as linhas de pensamento enveredam para caminhos sem alguma homogeneidade, com pouco diálogo entre as correntes de pensamento, o que minimamente seria benéfico para a ciência.

Logo, a pesquisa sobre a região no terreno da política não facilita a construção de um olhar mais profundo, exigindo organizar quantidade significativa de textos, como estratégia de se distanciar da subjetividade e posicionamento ideológico. Para além disso, o acesso às bibliografias publicadas em língua espanhola, sobretudo, não é fácil, devido a interesses comerciais de editoras, em publicar as reconhecidas obras na língua vernácula, principalmente aquelas à margem do consensual, nos tempos modernos neoliberais. Ademais, a dimensão da América Latina torna nada fácil adquirir publicações de países mais longínquos, que no final têm preços proibitivos. Em essência, a necessidade de organizar o conhecimento sobre região, inicia-se como delimitada por uma ordem sistemática do poder comercial e de consumo, com reflexo na formulação de pensamento sobre a região.

Quanto a esta pesquisa, se propõe a se inserir no campo das mediações, na perspectiva teórica do processo de comunicação, de modo a somar ao entendimento da abordagem ideológica crítica do jornalismo sobre a política, na formação cultural e influência da opinião pública regional, com reflexo no cotidiano.

De modo geral, a pesquisa tem o objetivo aqui de *Compreender de que maneira a mídia brasileira organiza o conhecimento social sobre a América Latina, a partir de suas narrativas, estratégias, seleção de vozes e performance dos personagens nas intrigas*. Em essência, analisar a os procedimentos narrativos para a *construção de uma Matriz Narrativa Hegemônica Provisória*.

Assim, especificamente, a) verificar como o semanário usa do imaginário popular para gerar sentido sobre o seu discurso, nas narrativas da América Latina; b) examinar a seleção, enunciados e performance das fontes-personagens das histórias do meio de comunicação, que dão vozes e sentido de verdade na tessitura das narrativas; c) analisar as narrativas a partir da definição das intrigas como acontecimentos e posicionamento dos narradores, diante dos enfrentamentos dos personagens, porta-vozes de discursos, no texto jornalístico.

Como aporte teórico, além de várias obras pesquisadas para as análises sobre as mediações da comunicação/Jornalismo, em tempos de globalização e neoliberalismo, há substancial importância de grupos de pesquisadores para a consolidação do diálogo na pesquisa – como se pode observar na bibliografia ao final deste texto. Entre os quais, contudo, selecionamos alguns como fundamentais: CANCLINI, Néstor García; MATIN-BARBERO, Jesús; MORAES, Dênis; THOMPSON, John B; IANNI, Octavio; CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo; RAMOS, Jorge Abelardo; MOTTA, Luiz Gonzaga; BAKHTIN, Mikhail; FOUCAULT, Michel. Fundamental ressaltar, os pesquisadores acadêmicos de universidades brasileiras, com suas teses, que muito contribuíram para esta pesquisa.

Análise crítica da narrativa

Metodologicamente, a análise crítica da narrativa, se fez o caminho para chegar à compreensão das reportagens, com sua tríade de narradores: a) Veículo, b) Jornalista, e c) Personagens-fonte. Sempre organizando o processo narrativo numa relação entre real e ficção, considerando a realidade como sendo organizada no tempo passado (*flashback*), presente e com projeções para o futuro, a partir de uma ordem previamente roteirizada pelo narrador.

Neste sentido, as disputas ganham importância no palco dos fatos, considerando também a relação triádica sistêmica entre equilíbrio-desequilíbrio-equilíbrio, perpassando as narrativas que sucedem, avançando no tempo para a construção da realidade. Os conflitos, portanto, tornam-se fundamentais nesta análise para dar tessitura a trama, que se revela a cada passo, envolvendo inúmeros personagens com suas performances na diegese do narrador.

Outra categoria importante, deste modo, são os *acontecimentos-intriga*, o epicentro das crises para a busca de soluções, exigindo a configuração dos agentes sociais nessa tessitura, com vista à moral e visão de mundo apresentada pelo narrador, que resulta na formação do *fio narrativo*, ou seja, na *diegese*, o plano virtual da história. Assim, como forma de análise, efetivamente, os personagens ganham sumária importância, sendo organizados, de maneira dual efetivamente, para análise em: a) Protagonistas, com seus adjuvantes, os legitimados na narrativa; b) Antagonistas e adjuvantes; que ao contrário são os vilões da trama, c) Neutros, aqueles que não se enquadram nas referências, como método da pesquisa.

Pontualmente, o *enquadramento dramático*, se mostrou uma maneira importante para se conhecer como o veículo-revista organiza sua diegese, no diálogo com a cultura e valores de seu interlocutor, seguindo adiante com eficiência no seu *projeto narrativo*, a contemplar um *roteiro*. Assim, surgem os chamados *pontos de viradas*, quando no processo narrativo ocorrem pontos de mudanças de rumos na diegese e alterações na trama, em função de fatos novos que merecem ser retomados, para nova configuração da narrativa.

Considerando a quantidade de reportagens (narrativas), como metodologia, as quais foram divididas, ao final, por *episódios* narrativos, o que resulta em uma sequência de “eventos inter-relacionados”. Portanto, culminou, neste contexto, em análise de *Cuba e Argentina*.

Substancialmente, os procedimentos para desconstrução das narrativas jornalísticas sobre a América Latina, resultaram da divisão em três planos: A) da expressão (linguagem ou discurso); b) da história (ou conteúdo); e, C) plano da metanarrativa (tema de fundo). Sendo que, no *primeiro*, a atenção foi para o modo de expressão dos narradores, considerando a configuração textual, com suas estratégias de linguagens, na busca de sentido. No plano da *Estória*, a análise persegue a superfície narrativa da diegese, ou seja, a trama sendo construída pelo narrador, quando se efetiva a tessitura da narrativa. Desta forma, a história, sem o “H”, por considerar a tradução do jornalismo da realidade existente *a priori*, como explicaremos com mais detalhes mais adiante. Finalmente, as *metanarrativas*, o projeto dramático do narrador que visa a moral, a ideologia apresentada para o leitor, na busca de delimitar a almejada visão de mundo do narrador. Planos que são organizados concomitantemente nas análises.

A rigor, como recorte para a pesquisa, o veículo analisado foi a revista *Veja*, pertencente à *Editora Abril*, que se destaca em seu segmento no Brasil, com amplo poder de influência da política brasileira, reproduzida frequentemente por outras mídias nacionais e internacionais, repercutindo suas estórias. Para tanto, foram verificadas as reportagens entre os anos de 2008 e 2012, considerando como válidas a ordem dos países latino-americanos na cobertura do semanário paulista, primeiramente. Embora, no final, nesse momento, fechamos a pesquisa nas análises críticas das narrativas de Cuba e Argentina.

Na busca de compreender a composição das vozes dos personagens para formação de uma matriz narrativa, os narradores foram divididos conforme a tríade esquematicamente: a) Veículo, b) Jornalista e c) Personagens; para análise quantitativa dos espaços usados para narrar, de cada um deles. Assim, a maneira encontrada foi tratar o veículo como espaço por coluna e os dois últimos em contagem das palavras, dispensadas ao longo do texto, com atenção nas disputas pelo poder, nos acontecimentos-intrigas. Especificamente sobre os personagens da narrativa de *Veja*, novamente separados aqueles com voz, sem voz e neutros. Neste ponto, considerando apenas cada narrativa separadamente em unidades, sem avaliar contagem de palavras. Da observação destes personagens, revela-se o núcleo dos protagonistas e antagonistas na formação da matriz narrativa de *Veja*.

Com o objetivo de entender quais as instituições que exercem mais poder na narrativa do semanário, chamadas por Thompson como paradigmáticas, foram ordenadas em sete diferentes, quais sejam: a) econômica (empresarial); b) Políticas; c) coercitivas (justiça); d) Simbólicas, as quais envolvem o espaço intelectual e mídias; e) ONGs (Organização Não-Governamental); f) Populares, grupo de personagens formado por pessoas selecionadas com performance na narrativa, com voz; e, g) outros, sem especificidade institucional evidente. Assim, tornou-se possível avaliar quais instituições tem mais poder nas narrativas analisadas, a conhecer em essência, sua relação no universo da globalização e neoliberalismo.

Finalmente, a divisão do poder territorial das vozes nas estórias do Narrador-*Veja*, objetivando observar qual a origem do poder dos personagens na narrativa. Assim, foram agrupados em: a) América Latina; b) Brasil; c) Estados Unidos; d) Europa; e, e) outros. Aqui, metodologicamente, pretendeu-se acompanhar ponto a ponto da narrativa, no sentido conhecer a realidade política, construída pelo jornalismo brasileiro sobre os países da

região e seus personagens legitimados pelo narrador na diegese, a qual desvela a territorialidade do poder para composição das verdades.

Efetivamente, por considerar que a leitura das narrativas de *Veja* inicia-se pela capa, cuja página tem grande importância na sedução do leitor para a *hermenêutica* das reportagens (Estórias), esta ganhou relevância para a pesquisa. Assim, o procedimento se efetiva pelo recorte sobre a temática política, das edições delimitadas pelos episódios das narrativas do semanário – Cuba e Argentina. Fundamentalmente, a proposta será de observar a concepção cognitiva do processo de leitura dos interlocutores de *Veja*, das narrativas publicadas em suas edições sobre América Latina.

Como metodologia de análise das capas, a divisão foi feita por gêneros Jornalísticos e da geopolítica dos destaques *principais* da Revista; e, posteriormente, pelos destaques *secundários* (via de regra, da parte superior da página) de *Veja*, conforme gêneros jornalísticos e da geopolítica, separadamente. Como resultados, o conhecimento da tessitura da trama que origina na página de abertura da narrativa, considerando o tempo dos principais acontecimentos narrativos, os momentos de tensão, devido a maior cobertura e a inserção da América Latina na diegese global.

No que se referem aos gêneros jornalísticos, os temas que mais se destacam, no sentido de chamar a atenção do leitor. Ainda, na globalização quais os territórios com mais poder merecem estrategicamente mais atenção do narrador, na configuração da tessitura da trama, geograficamente. Na política, de fato, cubana se destaca no universo da página, sobretudo, em tempos de eleições no Brasil. Enquanto que a Argentina aparece com mais evidência nas manchetes secundárias, numa referência a política nacional, como consequência dos movimentos nacionalistas da família Kirchner, que contrapõe a matriz narrativa hegemônica do narrador.

Respostas às questões-problemas

Depois do percurso metodológico aplicado nas análises das narrativas de *Veja* sobre a América Latina, os resultam surgem para as questões-problemas que nortearam a pesquisa. As quais, inicialmente, foram divididas em cinco mais importantes, que passamos, então, a descrever. Em seguida rapidamente as argumentações, de modo resumido, porém com mais detalhes nos capítulos que seguem.

Primeiramente, em essência, quais *as vozes predominantes para a formação de matriz narrativa hegemônica provisória, sobre a América latina, para delimitação de pensamento político-ideológico da globalização?*

Hegemonicamente, as vozes que mantêm vínculos institucionais, que sustentam a diegese da narrativa, ao modelo neoliberal, na globalização. Predominantemente selecionadas e legitimadas pelo narrador, que assumem papel de protagonistas na configuração da estória jornalística, na disputa de poder, de modo que prevaleça, então, uma matriz narrativa, ainda que provisória, em decorrência do processo hermenêutico da leitura.

Há outras vozes implicadas nos enunciados que ultrapassam os narradores midiáticos (Revista, Jornalistas, personagens) sobre a formação político-ideológica da América Latina e qual a sua origem institucional?

Há um Núcleo simbólico ordenado que dá fundamentos ao discurso de *Veja*. Como observado na pesquisa, o qual ganha evidência, cuja origem vem da Europa, Estados Unidos e países da América Latina. Além de instituições da ordem neoliberal global, que nem sempre tem voz, mas mantém ECOS na narrativa, e de maneira eficiente na condução da narrativa. Assim, embora não haja a personificação do agente da estória, mas efetivamente organiza como ponta de lança na diegese de *Veja*, para as verdades e metanarrativas, as quais devem prevalecer.

A rigor, as vozes de quais atores (personagens) sociais sustentam a narrativa da revista Veja, em seu noticiário sobre a América Latina, para formação de consenso narrativo hegemônico?

De modo geral, na intersubjetividade dos atores no núcleo existente na narrativa, formada por vozes, com hegemonia, com destaque para aquelas ligadas ao meio acadêmico, que permitem simbolicamente a definição de verdade - como veremos mais adiante, ao final de cada episódio -, cujo perfil dos personagens com falas e ações na diegese tem origens territoriais e ideologias reconhecidas e legitimadas simbolicamente. Agentes sociais da narrativa definidos pelo narrador, conforme uma espécie de roteiro a configurar a trama dos acontecimentos-intrigas a cada avanço na estória, nas disputas. O jogo de poder regional na narrativa está numa relação dual moralmente, por vezes pontual entre, o nacionalismo (antigo, ultrapassado) *versus* neoliberal (pós-moderno).

Sobre o narrador-Veja, quando o texto interpretativo da revista assume posições e pontos de vista próprios, ao relatar as histórias latino-americanas, ela o faz em nome de quais personagens (os protagonistas) na narrativa?

Especificamente seguindo a matriz narrativa hegemônica, com sua formação de personagens de conhecimento e legitimidade simbólica, diante a especificidade das instituições sociais ordenadas ao longo do texto. A diegese segue nas relações entre os protagonistas que dão conta da defesa da realidade ideológica expressa na história de *Veja*, nos enquadramentos dramáticos, de modo a influenciar o seu interlocutor.

Na própria história, nos momentos de disputas entre os personagens protagonistas e antagonistas, o semanário assume posição como agente política da narrativa, de modo a ordenar a construção do imaginário social para a visão de mundo hegemônica, conforme matriz narrativa. Protagonistas e antagonistas não são figuras concretas, portanto.

Em síntese, quais são os personagens que falam na narrativa da revista a respeito dos episódios latino-americanos, na composição de uma matriz hegemônica provisória?

A matriz narrativa hegemônica provisória se mostra, portanto, uma realidade na história de *Veja*. Há um núcleo simbólico de personagens que atuam para determinados resultados políticos e modelo social. Em resumo: há uma sequência de enunciados, desse núcleo simbólico legitimado, que sustentam uma linha ideológica, na definição da realidade latino-americana. Pontualmente, como analisaremos mais adiante, as relações dos personagens na história tem ambiguidades, pois, os heróis podem se tornam vilões neste roteiro, de modo a dar sentido a uma ordem ideológica. Desta forma, Brasil e presidente Lula são personagens distintos, pois, enquanto o País segue hegemônico na relação com os grandes centros econômicos mundiais, o presidente assume o papel de anti-herói ao apoiar governos ditadores, como o Cubano da família Castro.

No universo das narrativas, sobretudo do jornalismo (talvez cada vez mais), segue um roteiro definido previamente, contudo na sua essência exige negociação com o seu interlocutor a cada passo da diegese, o que torna a matriz hegemonia plenamente provisória. Portanto, ao final não quer dizer eficiente sumariamente para a construção da realidade política da América Latina. Uma história, portanto, a ser contada a seguir.

Capítulo I

HEGEMONIA NARRATIVA GLOBAL E REGIONAL

A consequência metodológica é a crença de que basta o estudo dos objetivos econômicos das mídias e da estrutura ideológica de suas mensagens para que se possam deduzir as necessidades que geram nos espetadores. Não se reconhece nenhuma autonomia às culturas populares, nem à relação entre consumidores, objetos e espaço social. (CANCLINI, 1988, p. 67)

A análise das narrativas da América Latina ganha relevância para compreender como os meios de comunicação se tornam protagonistas na formação cultural dos países, que compõem um vasto território com suas representações simbólicas. No entanto, cabe uma ampla avaliação de como o jornalismo pode interferir no universo político e econômico das populações periféricas em relação às forças neoliberais que avançam sobre as fronteiras dessas nações, interferindo no seu imaginário e senso comum. Pensar o comportamento social dos latino-americanos, por certo, passa pela cobertura dos acontecimentos que envolvem interesses locais, regionais e internacionais nas suas disputas, que vão além dos modelos econômicos, mas se materializam no território do simbólico e das identidades sociais. Nessa perspectiva, a proposição nesta pesquisa é discutir qual o papel da política regional, levando em conta os meios de comunicação de massa na formação do pensamento endógeno, considerando as relações de poder internacional, os interesses exógenos. Nesse sentido, como seus líderes políticos, personagens das narrativas jornalísticas, em tempos de globalização, se inserem nessas disputas.

Sem o objetivo de ser exaustivo sobre o tema, que mereceria uma abordagem com mais profundidade, que exigiria uma pesquisa histórica (trabalho para um historiador e não das narrativas jornalísticas, no seu tempo presente), se se quiser específica, porém, temos como proposta discorrer sobre a realidade vivida pela América Latina e as tramas dos personagens nas produções midiáticas para a formação do pensamento político em tempos globais. Antes, porém, faz-se necessário compreender a realidade das narrativas em tempos de globalização, a partir de seu surgimento e dos principais protagonistas que permitiram avolumar suas forças para além das fronteiras de algumas nações desenvolvidas e como isso se dá nos emergentes estados periféricos. Além disso, perceber seu desenvolvimento

no estágio atual e seus efeitos nas mídias, nas populações dos diversos países latino-americanos e centros financeiros por onde gravitam suas ideologias e poder, capazes de interferir nas culturas e modos de vida dos leitores de mídias, em um mundo efetivamente globalizado, embora com suas diferenças simbólicas efetivas e locais. Quais os personagens que assumem o papel de protagonistas do neoliberalismo no jornalismo, e que organizam suas narrativas? Somos dependentes das mídias nos tempos atuais e o que isso tem a ver com a política da América Latina? Qual a relação das narrativas jornalísticas e culturas globalizadas? Talvez seja mesmo tempo, com atenção no jornalismo na pós-modernidade, de começarmos a analisar a formação de uma possível matriz narrativa hegemônica, que tem ampla influência no território cultural brasileiro e de nossos vizinhos, latino-americanos.

Em um mundo globalizado, com grande quantidade de informação, que circula pelas redes de comunicação, torna-se indispensável conhecer a importância das narrativas na formação do pensamento do homem, nos tempos contemporâneos. Por certo, a realidade que se forma diante de nossos olhos advém da trama de histórias, com seus inúmeros, importantes personagens, que chegam ao conhecimento da sociedade, de maneira a interferir no comportamento de pessoas e de nações inteiras, e que perpassam a cultura e o modo de vida. O escritor ou o narrador responsável por organizar as relações entre os protagonistas e antagonistas e seus parceiros, na definição de ações, deverá ter motivos para preencher páginas e páginas de textos, cujos acontecimentos encerram na finitude relativa o tamanho da obra em questão. Quando o assunto é jornalismo, os acontecimentos se sucedem e as narrativas não terminam, sempre projetando desfechos futuros, que, embora prováveis, formam potenciais percepções no leitor, em decorrência do recorte da trama narrada. O passado, o presente e o devir se ordenam nas mediações, que interligam narradores e personagens numa ordem de sentido, que é fundamental para o sentimento de pertencimento do leitor-social à sociedade e à evolução do tempo.

Não defendemos nesta pesquisa o domínio absoluto dos meios de comunicação de massa, com suas narrativas sobre uma audiência indefesa e passiva, sendo moldada, dirigida e condicionada a um enquadramento midiático. Longe também da defesa do fim da ideologia, como se tudo se resumisse em espetáculo das produções da indústria cultural que, com seus especialistas advindos dos mecanismos da publicidade, orquestrassem o pensamento do público. Como analisa Terry Eagleton, “O argumento de que o capitalismo

avançado elimina todos os vestígios de subjetividade ‘profunda’, e, portanto, todos os modos de ideologia, não é tão falso quanto é drasticamente parcial” (1997, p. 45). O autor defende que não há ideologias puras, mas que há diferenças de concepções de mundo, tanto dos dominadores como dos dominados nas relações de comunicação, que se prolongam para o cotidiano da sociedade. Nesse sentido, não haveria o desejo de alguém prestar serviço a outro, se nessa perspectiva não houvesse algum resultado particular, que o condicionasse a uma satisfação.

Com referência a Mikhail Bakhtin, diz Eagleton, com o que concordamos, “Uma ideologia governante deve ser simultaneamente ‘dialógica’; pois mesmo um discurso autoritário é dirigido *a* um outro e só sobrevive na resposta do outro” (1997, p. 51). A ideologia dominante na disputa com o espaço das práticas, não se define como absoluta, portanto, como ideias elaboradas a organizar de maneira intransigente as relações sociais, de modo a favorecer grupos no poder, seja político, ou econômico. Nesse aspecto, como discutiremos mais adiante, há necessidade de estratégias narrativas, no envolvimento deste outro nas formas simbólicas capazes de convencer, e, por vezes, dominar.

Ainda nesse sentido, no que se refere à narrativa na relação com a ideologia, considerando serem histórias que vão sendo ordenadas pelos narradores, isto não quer dizer que haja possibilidade de se encontrar os efeitos mais sublimes, enquadramentos capazes de definir previamente a catarse da audiência, pois entre a linguagem e o público, torna-se importante compreender a relação entre o significante e o significado. Seguindo análise semiótica da linguagem, diz Eagleton:

Hoje ninguém morre de amores por uma ideia de representação em que o significante propõe seu próprio significado, em que se imagina a existência de algum vínculo orgânico entre os dois, de modo que o significado possa ser representado *apenas* dessa maneira, e na qual o significante não altere em nenhum sentido o significado, mas permaneça um meio de expressão neutro e transparente (EAGLETON, 1997, p. 184, grifo do autor).

Dessa forma, mais uma vez, a ideologia se forma no confronto dos significados que se estabelecem nas relações sociais, ainda que por mediação da linguagem, na formulação das narrativas. O mundo, portanto, revela-se pleno de significados emanados das culturas, de modo que a comunicação é um processo mais complexo do que a capacidade dos narradores, de simplesmente determinar uma ideologia hegemônica e dominante, o que não quer dizer, contudo, que a realidade se forme de maneira livre e consciente, pois a busca pelo poder num sistema político é complexa e exige estratégias no processo de

convencimento e na busca da manutenção da estrutura que predomine. Desse modo, os meios de comunicação se tornam mais emblemáticos e fundamentais no processo de formação de ideologias, por suas mediações.

John B. Thompson, por sua vez, critica o uso indiscriminado da palavra ideologia, considerando que o termo se adequa a conceitos variados, determinados por linhas teóricas variadas. Assim, argumenta:

O problema principal com esse uso generalizado do termo 'ideologia', e com suas variações específicas, é que ele tende a minimizar ou dissolver o elo entre ideologia e dominação. [...] O uso generalizado de 'ideologia' na grande narrativa é também enganador, pois dirige nossa atenção para doutrinas políticas isoladas, para sistemas políticos ou para sistemas simbólicos, e, dessa maneira, afasta nossa atenção das muitas maneiras como as formas simbólicas são usadas (THOMPSON, 1995, p. 115).

O autor mantém sua visão mais detida no processo de produção da comunicação de massa, descrevendo sua importância na modernidade - como prefere identificar teoricamente, e não pós-modernidade -, em que há avanço tecnológico e redução do tempo e do espaço, devido às mediações. Nesse sentido, discute a eficácia da crítica pessimista dos frankfurtianos, sobretudo, Theodor Adorno e Max Horkheimer, na sua concepção de indústria cultural, publicada na década de 40. O autor mantém sua atenção na formação da subjetividade dos interlocutores das mídias, ao pensar a capacidade dos especialistas em definir previamente a ordem de pensamento, aproximando-se, assim, de Eagleton, no que se refere à dialogicidade da comunicação para a construção da realidade. Escreve Thompson:

A recepção e a apropriação de produtos culturais é um processo social complexo, que envolve uma atividade contínua de interpretação e a assimilação do conteúdo significativo pelas características de um passado socialmente estruturado de indivíduos e grupos particulares. A tentativa de derivar as consequências dos produtos culturais dos próprios produtos significa esquecer essas atividades permanentes de interpretação e assimilação; é especular sobre o impacto desses produtos sobre as atitudes e comportamentos de indivíduos, sem examinar esse impacto de uma maneira sistemática (THOMPSON, 1995, p. 139).

Desse modo, de maneira resumida, definimos que a ideologia se relaciona a sua capacidade de organizar nas narrativas as formas simbólicas, com o objetivo de atingir o seu interlocutor e convencê-lo de suas verdades, dominando-o, no sentido de dar ordem às instituições sociais e beneficiar determinados modelos sociais. Nessa linha de raciocínio, o liberalismo, antes de uma busca pela organização econômica do mundo globalizado, é também maneira de legitimação de grupos de poder, elegendo atores sociais que

reproduzem a performance dos dominantes para uma sociedade de submissões às ideias transmitidas ideologicamente pelas mídias. Contudo, repetimos, considerando as negociações com a sua audiência formada por indivíduos e suas relações sociais estruturadas nas suas práticas cotidianas e senso comum.

Importante assegurar que as narrativas buscam o pano de fundo para a moral dos fatos, conduzindo experiências sobre o mundo, com reflexos nas atividades humanas que sucedem, as quais se fazem impossíveis de acompanhar diretamente, diante do desenrolar das ações dos indivíduos, no seu campo de atuação. Mesmo a ficção, com seu autor na sua torre de marfim, eleva-se para apresentar suas ideias sobre diversos gêneros narrativos, de modo a permitir ao seu leitor observar diferentes pontos de vistas, com vozes de personagens, que ganham poder para afirmar e dar sentença sobre a verdade e definir ideologias. Porém, no texto jornalístico, a trama é mais complexa e intrincada, diante da sociedade, que efetivamente está inserida na realidade descrita, na qual os protagonistas e antagonistas têm nome e papel social, podendo serem vistos em suas ações no mundo, na apresentação das cenas televisuais, nas fotografias estampadas nos jornais ou revistas e falas descritas, feitas diretamente por eles na textualidade que conduz a trama. O narrador trata com suas fontes-personagens existentes para levar ao seu público leitor o que se materializa no cotidiano de milhares de pessoas.

Um aspecto que é necessário acrescentar é a relação entre o real e o ficcional que se misturam, ao conceber literalmente as informações noticiosas, a partir dos acontecimentos. A seleção desses fatos - e não de outros - com certeza, já seria o princípio da roteirização da narrativa jornalística na formação das intrigas, com disputas persistentes numa sociedade que mantém e aumenta sua complexidade. A linha de ideias dessa trama posiciona o olhar de seu leitor para o que será apresentado, visando à definição de verdades, mesmo que provisórias, ao considerar que as narrativas se prologam para além das mídias. Nesse cenário, a realidade se apresenta de modo a não duvidar de sua existência, tal qual o jornalista a descreva numa relação de presença no território, nesse campo de disputas. Sua materialidade pode ser vista na afirmação da própria imagem capturada, enquanto os personagens se movimentam e disputam decisões de poder, momento em que ações importantes são tomadas na batalha sobre a moral da trama, materializada na mídia.

O narrador, portanto, é, no mínimo, cúmplice das determinações que descrevem os acontecimentos, ao se decidir pela ordem dos personagens na escrita, ou mesmo da posição de cada falante no texto jornalístico, considerando sua condição de protagonistas ou antagonistas¹. O processo é narrativo, em que não é possível se desvencilhar da ordenação da realidade, pois se escolhem as vozes, com seus devidos tempos de atuação dos personagens, com suas características, com vistas a confirmar ou não suas ideias na trama, além dos ângulos que se quer revelar. Não é possível, portanto, crer plenamente na objetividade da narrativa jornalística dos acontecimentos diários, produzida pelas mídias, que, no final, forma uma moral, uma visão de mundo, a ideologia.

Aqui já seria possível discutir um ponto importante desta análise, na narrativa jornalística: conceitualmente, promover a mudança da “História” dos pesquisadores desse campo, para “Estória”, assim mesmo, com “E”, sem o “H”, reconhecido na língua portuguesa, em razão de haver uma diferença que facilita nosso entendimento. Afinal, na língua inglesa, como pontua Luiz Gonzaga Motta (2013, p. 13), há os termos *history* e *story*, que evitam confusões. Sendo que “[...] *history* se refere à narração da história realista e rigorosa do passado, à historiografia; a palavra *story* por sua vez se refere à narração inventiva da ficção, como o conto, romance, filmes, etc.” Como veremos, não se trata de conceber o Jornalismo como um lugar de ficção que se distancia da veracidade, contudo, toda narrativa, e mesmo a jornalística, é um processo de relato dos acontecimentos. Por sua vez, prossegue o autor, a palavra *história* refere-se “[...] à narrativa cuja produção é referencial, e cuja intenção é remeter o leitor ao referente objetivo a fim de produzir o efeito de veracidade” (2013, p. 13). Aqui devemos entender a postura como uma missão que busca incessantemente os índices que sustentam a veracidade para se chegar à concretude histórica dos acontecimentos revelados.

Concretamente, no entanto, até mesmo o autor deste texto roteiriza os caminhos que formarão um determinado conceito de realidade, evidentemente, a partir de várias vozes de diversos lugares e concepções, seguindo uma metodologia que servirá como parâmetro para evitar que a subjetividade emergja hegemônica e dominante. A aposta desta pesquisa é na condução para uma nova verdade que possa ser aceita a partir de técnicas

¹ Ao analisar o enquadramento na narrativa jornalística, Cavalcanti Cunha (2012: 119) destaca a importância do **lugar de fala** do autor-jornalista. “Esse lugar é exterior e anterior à narrativa, é o ponto de onde emanam as decisões do autor. É como autor, e não como narrador, que o jornalista delimita o enquadramento dos fatos. O lugar de fala é ideológico”.

convencionadas pelo mundo acadêmico. Mesmo assim, sabe-se de antemão de seu limite para estabelecer sua verdade, ainda que provisória, pois pode ser contestada na posteridade por outros pesquisadores ou grupo de pensadores em debate sobre o tema.

Outros caminhos percorre o Jornalismo, com suas estórias publicadas diariamente, porém, lançando mão de seus valores e técnicas para definir notícias, narradas cotidianamente, numa sequência no limite do tempo das publicações, na onda dos movimentos sociais que se formam, em decorrência das rupturas ocorridas no cotidiano em função de diversos fatores, como registrados na descontinuidade da própria história. Por isso, o texto jornalístico é conduzido por diferentes pontos de viradas, ou seja, quando fatos emergem, exigindo nova condução da narrativa jornalística, que está numa relação imanente com o homem social, porém envolvendo-o diuturnamente, numa mediação que se mostra onipresente e onisciente, sobretudo nos tempos atuais, com novas tecnologias da informação. Conhecer essas limitações significa ser mais capaz para não se deixar levar pelo domínio poderoso dos meios de comunicação, indispensáveis no mundo pós-moderno, em que há sempre mais e mais acontecimentos e narrativas, que nos agarram para a vida e sem as quais o mundo seria sem sentido, uma ilha sem disputas e sem memória, com final inosso, pálido e torturante. Entretanto, a aceitação do domínio pela sujeição ao pensamento do narrador, sobretudo, midiático, pode tornar o homem objeto dos interesses alheios, em conformidade com processos políticos e econômicos; ou, mesmo, alienado à realidade dos desejos de outros, tornando-se, assim, apenas aquele que reproduz ideal e sentidos.

Se um dia foi possível uma comunicação diretamente entre interlocutores que se veem, observando gestos e semblante que denotam sentimentos, ao expressar palavras, na atualidade, um *médium para a comunicação* se torna indispensável, o que, de alguma forma, modifica o próprio acontecimento.

O desenvolvimento dos meios de comunicação criou assim o que agora descrevemos como uma “historicidade mediada”: nosso sentido do passado e de como ele nos alcança se torna cada vez mais dependente da expansão crescente de um reservatório de formas simbólicas mediadas. [...] À medida que se recua no passado, fica cada vez mais difícil que os indivíduos tenham chegado ao sentido dos acontecimentos através de experiências pessoais ou de relatos de testemunhas transmitidas em interações face a face. A tradição oral e a interação face a face continuam a desempenhar um papel importante na elaboração de nossa compreensão do passado, mas elas operam cada vez em conjunto com um processo de compreensão que serve cada vez mais do conteúdo simbólico presentes nos produtos das indústrias da mídia (THOMPSON, 1998, p. 38).

Isso implica dizer que, cada vez mais, estamos diante dos relatos contados que passam por um ou vários mediadores-narradores, seja por que suporte for: papel, imagético, sonoro; por meio físico, eletrônico ou fluido, como os digitais, on-line ou off-line, que se desenvolvem ao longo do tempo, conforme exigência da própria sociedade na sua evolução social, econômica e cultural. Nesse sentido, o autor observa que na contemporaneidade se chegou ao tempo da “[...] mudanidade mediada: nossa compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal, de nosso lugar dentre dele, está sendo modelada cada vez mais pela mediação de formas simbólicas” (THOMPSON, 1998, p. 38).

Essencialmente, as narrativas mediadas dos acontecimentos organizam nossas experiências da realidade, que se revelam textualmente a partir dos narradores midiáticos. Assim, “[...] compartilhamos um caminho comum através do tempo e do espaço, uma origem e um destino comuns, também vai sendo alterada: Sentimo-nos pertencentes a grupos e comunidades que se constituem em parte através da mídia” (THOMPSON 1998, p.39), completa o autor da obra “Mídia e Modernidade” (1998). Claro está, entretanto, que a formação cultural e seus significados não são somente uma tarefa dos meios de comunicação de massa, ou seja, da indústria das mídias, que, antes de tudo, tem um produto que comercializa e está em busca de um amplo público, com capacidade monetária.

Isso não significa que a mídia é o mundo. Há por parte do homem no seu cotidiano a autorreferencialidade, subjetividades, senso comum. Caso se negue a experiência do leitor na relação com o texto jornalístico “[...] a mídia se torna a medida de todas as coisas, mas sabemos que ela não o é. [...] Nossas vulnerabilidades à influência ou à força de persuasão da mídia são desiguais e imprevisíveis, que há diferenças entre ver, compreender, aceitar, acreditar e agir” (SILVERSTONE, 2002, p. 26). Nesta análise, levando em conta a experiência do espectador no seu mundo, em meio aos simbólicos, ao cotidiano, adverte Thompson, que não é sequer razoável defender “[...] decisivamente a ideia de que os receptores dos produtos da mídia são consumidores passivos; eles mostraram mais de uma vez que a recepção dos produtos da mídia é um processo mais ativo e criativo do que o mito do assistente passivo sugere” (1998, p.42). Nada mais errôneo, portanto, do que entender a existência de uma massa, com receptores vazios e prontos para absorção dos conteúdos midiáticos. O movimento dos personagens,

contracenando nas notícias para a formação de uma linha de pensamento condutora da experiência, relaciona-se com o contexto do mundo das práticas da sociedade. Portanto, analisa Roger Silverstone, “[...] entender a mídia como processo também implica um reconhecimento de que ele é fundamentalmente político ou talvez, mais estritamente, politicamente econômico” (2002, p.17).

Importante compreender que cada vez mais as mediações têm relações globais, cujos significados não resultam de uma comunidade específica, singularmente, mas de relações que percorrem as fronteiras dos estados nacionais, deixando para trás os limites das pequenas aldeias, ao transpassarem as redes para uma aldeia global². “Os significados oferecidos e produzidos pelas várias comunicações, que inundam nossa vida cotidiana, saíram de instituições cada vez mais globais em seu alcance e em suas sensibilidades e insensibilidades”, (SILVERSTONE, 2002, p.17). Mais adiante escreve Silverstone: “É no mundo mundano que a mídia opera de maneira mais significativa. Ela filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária” (2002, p. 20), e assim, dá-se a produção e a manutenção do senso comum. Em outras palavras, os significados no cotidiano passam a estar no fio condutor das narrativas, de modo a agir nas sensibilidades das culturas singulares e globais, que tecem a rede da experiência, dependentes das mediações, e se comunicam por meio das formas simbólicas, da representação – sem desconsiderar aqui a influência do senso comum e suas práticas. Cabe acrescentar que “As instituições não produzem significados. Elas os oferecem. As instituições não apresentam uma mudança uniforme. Elas têm ciclos de vida diversos e histórias diferentes” (SILVERSTONE, 2002, p.18).

As narrativas, portanto, estão na relação entre mídia e leitor, numa *coprodução*, que necessita de sentido para atingir os seus objetivos, no processo de mediação e condução da linha de pensamento, que induz ao convencimento. Não deixam dúvida, no entanto, as diferentes estratégias do narrador para esse fim, na organização de sua trama com vistas ao seu pano de fundo ideológico. A dramaticidade e seus enquadramentos se fazem elementos importantes nessa missão, como veremos mais adiante, como forma de transpor as

² Conceito desenvolvido pelo canadense Marshall McLuhan (2006), que entende a importância dos meios de comunicação como extensões do homem (*understanding media*), que transforma o comportamento das pessoas, as quais passam a ser mais comunitárias ao se deparar com um mundo ao alcance de seus membros. O planeta não passaria de uma vila, retornando à sociedade comunitária das antigas aldeias, com uma diferença singular, agora numa aldeia global.

barreiras de resistência cultural e simbólica do leitor, que, no seu cotidiano, depara-se com significados de suas práticas e senso comum. Seguindo as propostas desta pesquisa, as concepções sobre a América Latina, na definição de personagens de conflitos, protagonistas e antagonistas, heróis e vilões, passam pelas narrativas midiáticas, na tessitura das suas relações políticas, econômicas, históricas e culturais.

O poder do simbólico e o regionalismo

Algumas indagações socioeconômicas e geográficas iniciais se fazem importantes. Afinal, considerando a proximidade territorial e a origem, o que efetivamente nos distancia das nações vizinhas, preferindo aproximação com culturas distantes, como a norte-americana ou a europeia? O Brasil tem alguma importância nesse processo narrativo para formação política e econômica da região, em tempos de globalização? Quais as vozes que se inserem na produção de sentido das mídias, quando o assunto é América Latina? Efetivamente, não se trata de uma trama organizada por apenas um meio de comunicação ou resultado de sua ordenação de discursos, mas se há uma “mundanidade mediada” (THOMPSON, 2002, p.38), notoriamente os narradores midiáticos ganham importância. Seria possível crer na formação de uma matriz narrativa hegemônica, que em consenso discursivo conduz na tessitura da trama, o fio de sentidos? As respostas virão no seu tempo, conforme o desenvolver deste trabalho.

A América Latina é uma região de conflitos históricos, com sua vida política e social cravada nas disputas globais, um *global player*, com diferentes jogos de poder, desde a imposição da cultura dita do primeiro mundo, passando por modelos de comportamentos modernos. Pelo uso das últimas tecnologias, ou, mesmo, por interesses econômicos, fundamentais para o desenvolvimento das nações consideradas economicamente avançadas, elas, por isso, se apresentam culturalmente com vantagens sobre outras de diversas localidades do planeta. Na realidade, estabelece-se a artimanha do poder, em que o princípio da força do simbólico ganha importância, na tentativa de dominação, e no qual as narrativas midiáticas se tornam a base para o conhecimento de novos modelos sociais e abertura de novos caminhos, rumo ao desenvolvimento.

Nesse sentido, analisa Pierre Bourdieu, “Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação

[...] contribuem fundamentalmente para a reprodução da ordem social” (2010, p.10). Estão ao alcance do público, nas mais intelectivas vozes de personagens reconhecidos pelas mídias e sociedade, com seu capital simbólico, advindas de instituições que legitimam seu nome e força discursiva. Na maioria das vezes, elas merecem *status* para atuar nas narrativas como personagens protagonistas, as quais exigem do público leitor parar para ouvir e compreendê-los. Logo, adverte Bourdieu, “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível” (2010, p.7). Seria uma espécie de representação de modelo de pensamento que socialmente deve atingir o consenso para o desenvolvimento, seja no campo cultural, político ou econômico. Um mundo mediado, historicizado, que passa pelo poder do capital simbólico, impregnado nas páginas de diferentes suportes, dentre os quais estão para além das novidades digitais, os livros e as mídias jornalísticas. As narrativas, portanto, se estabelecem nesse jogo de poder, considerando que as representações resultam da aceitação ou não dos representados, a população nos seus espaços cotidianos. Então, se há vozes privilegiadas, os protagonistas, sobram aquelas que merecem o antagonismo na estória, responsáveis por um mundo consensual às avessas, de cabeça para baixo, no parâmetro com o desenvolvimento das economias avançadas, cujas nações passam a ser reconhecidas como as responsáveis pela ordem global e simbólica.

“É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação” (BOURDIEU, 2010, p. 11). Um sistema pode estabelecer-se como violência simbólica, na domesticação dos dominados, acrescenta o autor, para tempos novos que exigem sujeição para novos valores e experiências de um tempo rápido, imediato, verdadeiramente pós-moderno. Dessa forma, as intrigas que sucedem no processo de produção das mensagens jornalísticas, nas narrativas – neste contexto sobre a América Latina - servem a propósito, no sentido de evitar a ampliação da força simbólica regional, na definição de uma ordem nacionalista, social, política, e, por isso, antagônica e ineficaz na formação cultural e econômica das Américas (Sul e Central), no seu conjunto e independente, fundamentalmente, fora do tempo de prosperidade de um novo modelo político, econômico e cultural.

Manteremos, pois, nossa atenção nas vozes das narrativas que dizem respeito ao território, de colonização espanhola, balcanizado³ com formação de diversas nações, com constituição de estados com sua política e cultura latino-americanas. O Brasil, nesse cenário, com dimensões continentais, torna-se um país estratégico na formação de tal poder simbólico⁴ para a ordem de consensos narrativos, fundamentais na produção de modelos para a região, reproduzidos nas estórias narrativas no Jornalismo. Ao observar, mesmo que rapidamente, o mapa das Américas ficará perceptível a grandiosidade das terras brasileiras, com volumosas riquezas naturais a serem exploradas, uma locomotiva em movimento que aponta como o eterno país do futuro. Com a força da população de mais de 200 milhões de pessoas, que, no seu conjunto, forma uma pátria, com suas diferenças culturais de sul a norte, impulsiona o consumo, portanto, de grandeza econômica, política e de produção. Pode-se pressupor um *império* para o desenvolvimento regional, porém, também um espaço de fortes batalhas internas, sobretudo na política, com sua secular má distribuição de renda, com riquezas e pobreza, dialogando ou contrapondo-se cotidianamente na busca de solução para eternos problemas.

Não só, mas até mesmo em consequência de sua importância geográfica, ocasionando forte reflexo no universo social e econômico, fora de seus limites territoriais, num mundo globalizado, o qual pressupõe interdependência no capitalismo pós-moderno. Em essência, a nação brasileira por si só possui as mais diversas disputas internas, também quando se consideram suas matrizes culturais nacionais, formações, condições de vida, com população vivendo em lugares distintos, convivendo a rusticidade com a pós-modernidade. Nas suas fronteiras, povos de diversas nações latino-americanas, que também convivem com as consequências dos movimentos políticos, econômicos e sociais interna e externamente, dependentes das inovações tecnológicas e desenvolvimento em tempos de economias centralizadas e em conformidade com os princípios de um mundo dos mercados e sistema financeiro sem fronteiras, portanto, globalizados.

³ Balcanização se refere à divisão dos países da América Espanhola, durante o período de sua independência da metrópole europeia, o que resultou em conflitos que duraram séculos, os quais tinham como objetivo impedir a formação da Grande América (ou Grã-Colômbia), como idealizada por lideranças política da região, cujo objetivo seria romper o domínio dos impérios econômicos. Tempos de disputas que ainda fazem parte do debate regional, sobretudo, na academia.

⁴ Como descreve Bourdieu: “O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico”(2010, p. 14).

O Jornalismo brasileiro, por certo, ganha lugar de fala com privilégios, diante da robustez deste país, quando a notícia é América Latina, ao estar sediado no maior país da região⁵, considerando, sobretudo, seu poder de participação no jogo global, na sua condição eufemisticamente de economia em desenvolvimento. O Brasil, que é um dos integrantes do chamado G20, está entre as 19 maiores economias do mundo. Além de pertencer aos BRICS, formados por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Um considerável e atuante *player global*.

Se há conflitos, não se deve desconsiderar, portanto, a razão e a função das intrigas que sucedem nas narrativas para, posteriormente, encontrar consensos na ordenação dos sistemas simbólicos, que no final servem para dar solução aos problemas atuais e históricos – o que envolve símbolos, ideias e princípios, em conformidade com culturas milenares, remanescentes, a exemplo das reconhecidas tribos indígenas exterminadas por espanhóis e portugueses, no período de colonização e posterior, nas disputas por território e exploração de seu trabalho escravo, como ocorreu com os Incas (Peru), Astecas (México) e civilização Maia (pré-colombiana), além de milhares de grupos étnicos no território brasileiro, que ainda deixam vestígios de sua cultura impregnados nas tradições e costumes -, tendo como pano de fundo as ideologias. Mas, é possível seguir o conceito de Bourdieu e sugerir como hipótese que uma matriz dominante se relaciona com ideias, que se difundem, a partir de princípios e objetivos definidos na sociedade, quais sejam: a do discurso dominante, “[...] que tende a impor a apreensão da ordem estabelecida como natural (ortodoxia) por meio da imposição mascarada (logo, ignorada como tal) de sistemas de classificação e de estruturas mentais objetivamente ajustadas às estruturas sociais” (2010, p.14).

O fenômeno da globalização elevou as narrativas a uma condição de importância significativa, ao se distanciar fisicamente os homens da ocorrência dos fenômenos, como pontua Thompson (1998), sendo necessária a comunicação dos meios, para as mediações, no sentido de permitir as trocas de mensagens e informação – e proporcionar uma persuasão através do consenso dominante, em conformidade com os modelos que emergem na definição de *status quo global*. Na busca de formação de consenso discursivo na sociedade, as vozes e sua representação ganham notoriedade e importância para a ordem do mundo. As instituições, nesse sentido, passam a ter papel fundamental na legitimação do capital simbólico para os porta-vozes desta mesma sociedade. No entanto, analisa

⁵ Comparativamente, somente para registrar, há estados brasileiros com dimensões que sobrepõem países inteiros da América Latina, em número populacional e cifras econômicas.

Michel Foucault: “Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, procedimentos de *exclusão*. O mais evidente, o mais familiar também, é a *interdição*. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo” (1996, p. 9, grifos do autor). Acrescentando que, além da sexualidade, na política onde “[...] a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam” (p. 9). A verdade, portanto, que legitima o capital simbólico das vozes para determinados personagens nas histórias midiáticas, pode estar relacionada com a decisão e suporte de instituições, “Mais fundamentalmente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (FOUCAULT, 1996, p. 17).

Assim, o que pensar sobre o capital simbólico e as vozes que constroem a ideologia política sobre a América Latina? A sua origem e sua representação dos atores sociais e suas vozes públicas como protagonistas, com poder de fala, ou antagonistas sem legitimidade, esvaziadas diante de sua visão de mundo que se contrapõe, às vezes, à matriz narrativa hegemônica, impulsionadas por disputas em decorrência dos acontecimentos que podem gerar *pontos de virada*, ou seja, imprimir histórias para novos caminhos ao mundo, nesta análise, sobretudo no terreno político. O autor da obra *A Ordem do Discurso* afirma que: “Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 18).

Por ora, numa concepção resumida sobre a proposta de definição de verdade para a narrativa na formação do pensamento da sociedade para a América Latina, cabe com propriedade na avaliação do pensador francês, de *Microfísica do Poder*, Michel Foucault:

Em nossas sociedades, a “economia política” da verdade tem cinco características historicamente importantes: a “verdade” é centrada na forma do discurso científico e nas instituições que o produzem; está submetida a uma constante incitação econômica e política (necessidade de verdade tanto para a produção econômica, quanto para o poder político); é objeto, de várias formas, de uma imensa difusão e dum imenso consumo (circula nos aparelhos de educação ou de informação, cuja extensão no corpo social é relativamente grande, não obstante algumas limitações rigorosas); é produzida e transmitida sob o controle, não exclusivo, mas dominante, de alguns grandes aparelhos políticos ou econômicos (universidade, exército, escritura, meios de comunicação); enfim, é objeto de debate político e de confronto social (as lutas “ideológicas”) (FOUCAULT, 1979. P. 13).

Compreender os meios de comunicação no processo social, como agente ativo na formação de pensamento, com papel importante no debate social, levando consigo suas amarras ideológicas, torna mais fácil nossa postura para a análise da comunicação, principalmente nos tempos atuais, o da mundanidade mediada. Se os narradores midiáticos

estão relacionados com a ordem da verdade, suas vozes, que saem das diversas instituições sistêmicas, devem ser competentes para tal finalidade, com seus valores, impregnando as narrativas para modelos que servem de conhecimento de um mundo com diferentes possibilidades e ordenações políticas, sobretudo. Com esta observação, Dênis de Moraes descreve sua percepção sobre as características do sistema midiático, nos tempos contemporâneos, de globalização econômica e neoliberalismo: inicialmente, “[...] evidencia a capacidade de fixar sentidos e ideologias, interferindo na formação da opinião pública e em linhas predominantemente do imaginário social” (2013, p. 20).

Não devemos perder de vista o processo de formação das vozes das narrativas, neste contexto. Trata-se, portanto, na perspectiva do Jornalismo a definição das verdades, como analisa Foucault, a partir de seu lugar de pertencimento nesse jogo de poder. Fica evidente, no entanto, que as disputas são constantes, e os conflitos denotam a resistência da sociedade no processo de organização das narrativas midiáticas que é comunicativo, numa relação entre narrador e leitor, no mínimo de trocas de imagens impregnadas na experiência do narrador e do leitor, separadamente, cada um em seu mundo. A persuasão e o convencimento são práticas intrínsecas da textualidade, e, dessa forma, prossegue Moraes, das características das mídias na contemporaneidade, “[...] demonstram desembaraço na apropriação de diferentes léxicos para tentar colocar dentro de si todos os léxicos, a serviço de suas conveniências particulares” (2013, p. 20). Assim, há as exclusões de comportamentos políticos (dos enunciados) de grupos sociais que se posicionam contrários a essa proposta de ordem política e econômica, por estratégia, como bem dito por Foucault. “Palavras que pertenciam tradicionalmente ao léxico da esquerda foram ressignificadas no auge da hegemonia do neoliberalismo, nos anos 1980 e 1990” (MORAES, 2013, p. 20), acrescenta.

Economia para as vozes

Não há consenso sobre o início do processo de globalização, quando as nações se organizam em torno da comunicação que integra diferentes Estados, com a relação entre diversidades culturais e civilizações mundiais. Fato é que o capitalismo parece ser o impulsionador das travessias de um lugar para outro no mundo, em busca de riquezas e lucros, cada vez mais fáceis, ágeis e sempre para mais prosperidade.

Desse modo, pode-se acreditar que o fenômeno global se efetiva com as grandes navegações marítimas, no Século XV, com os europeus na busca da exploração dos mares, atrás de riquezas, usando de sua força marítima e descobertas de armas mortais eficientes, distinguindo-se dos adversários pelo poder da guerra. As novas tecnologias da informação no século XX seriam, nessa perspectiva, mais precisamente depois da segunda grande guerra (1939-1945), a consequência de meios de comunicação que pudessem ser capazes de mais integração entre homens, efetivamente espalhados por diferentes territórios, com fins econômicos e efetivamente culturais. Pode-se pressupor, como estratégia, que o poder simbólico sobrepõe às armas e à guerra, no campo de batalha, mas gerando consequências e transformações no cotidiano, agora mediado por novas narrativas e personagens desconhecidos. Porém, a comunicação, como sinônimo de – um contraditório sistema - desenvolvimento, crescimento, integração.

Nos tempos contemporâneos, possivelmente de descobertas não mais de territórios, de novas terras e civilizações atrasadas e primitivas, se comparadas com as vicissitudes do velho mundo europeu. Os novos tempos entram e passam certamente pelas conquistas de consciência e mutabilidade de significados que se transformam perenemente, provocados pelo maior fluxo de comunicação. Assim, “Abalam-se os quadros mentais de referência. Abalam-se os significados e as conotações do tempo espaço, da geografia e história, do passado e presente, da biografia e memória, da identidade e alteridade, do ocidente e oriente” (IANNI, 2011, p. 196-197). Sob o grande impacto das novas tecnologias, Ianni avalia que a globalização ganha mais dimensão no espaço social pela aceleração e desenvolvimento dos meios de comunicação, provocando mudanças com reflexos na produção material e espiritual.

A globalização também tem o seu viés econômico, como ingrediente importante, embora não único, mas fundamental, nesse cenário de transformação, atingindo diversos estados e civilizações.

A expansão do poder capitalista nos últimos quinhentos anos esteve associada não apenas à competição interestatal pelo capital circulante, como enfatiza Weber, mas também à formação de estruturas políticas dotadas de capacidade organizacional cada vez mais ampla e complexas para controlar o meio social e político em que se realiza a acumulação de capital em escala mundial (ARRIGHI, 1996, p.14).

Arrighi (1996) traz uma significativa contribuição, ao enumerar os impérios que dominaram o mundo, ao longo de vários séculos de poder, concentrado inicialmente nos

limites de terras europeias e suas longevas monarquias, porém com seus tentáculos potencialmente alongados, necessitando cada vez mais de conquistas de território para avolumar a produção e, no final, promover excedentes de capital e riquezas. No seu rastro, grandes batalhas, domínio e conquistas de novas terras, como ocorreu com a América Latina, nos tempos do Império Britânico, que manteve determinante influência na colonização Espanhola e Portuguesa, nas novas terras da América, com enorme potencial de lucros para a coroa, e prontos para exploração em tempo de expansão do capitalismo global. Os ingleses mantiveram, nesse tempo, substanciais interferências nas políticas que emergiam duramente, em decorrência do poder econômico e militar das metrópoles, resultando em intermináveis e improdutivas negociações com as monarquias ávidas por mais recursos e engrandecimento de seus castelos, nas disputas pelos mares e hegemonia das classes do poder imperial – não foram poucos aqueles que saíram ceifados nas guerras, em nome da liberdade política de uma região, na rota do capitalismo, que se globalizava.

Dessa forma, na esteira do estado, com sua força bélica e ordem institucionais, estão grupos econômicos que agem politicamente, servindo de sustentação para as conquistas das monarquias imperialistas, sobretudo para si e seus pares, geralmente banqueiros e investidores de seus recursos, com ganhos extraordinários nos países sob domínio dos impérios. Na modernidade, entretanto, a hegemonia no sistema político e econômico muda de mãos. Os Estados Unidos passam a zelar pela ordem global, que antes transmutou pelos ciclos de quatro sistemas de acumulação capitalista: Genovês, Holandês, Britânico e, finalmente, do país norte-americano.⁶ Portanto, como aponta Arrighi (1996), chegou o tempo do sistema capitalista estadunidense, vizinho do norte dos latino-americanos, com sua pujança econômica, simbólica e bélica⁷.

O estabelecimento de uma nova ordem mundial, centrada nos Estados Unidos e organizada por esse país. Em alguns aspectos fundamentais, ela diferiu da extinta ordem mundial britânica e mundial e se transformou na base de uma nova fase de reprodução ampliada da economia mundial capitalista. No fim da Segunda

⁶ – Com seu tempo de glórias reproduzido pelas mídias em sua diversidade mundo afora. E como os sistemas são complexos e intrincados, numa sociedade que convive plenamente com as disputas, os Estados Unidos começam a sentir, neste começo de século, o seu ciclo de crise econômica e queda de seu poder institucional sistêmico e da ordem global, como aponta Arrighi, em sua obra (1996).

⁷ Poder de domínio sobre a política latino-americana que sai das mãos da coroa britânica para a sua colônia, séculos depois, mantendo braço forte e gerando debates e embates em torno deste poder imensurável, nos vários países da região. Nos tempos que correm, são comuns grupos considerados antiamericanos, com forte participação na política, como é o caso da Venezuela, Bolívia, Equador e Argentina. No Brasil, apesar da relação da defesa de política de aproximação, por grupos políticos e empresariais, há no país forte resistência por segmentos sociais, que questionam a subserviência ao modelo institucional e neoliberal do vizinho do norte.

Guerra Mundial, já estavam estabelecidos os principais contornos desse novo sistema monetário mundial: em Bretton Woods foram estabelecidas as bases do novo sistema monetário mundial; em Hiroshima e Nagasaki, novos meios de violência haviam demonstrado quais seriam os alicerces militares da nova ordem; em San Francisco, novas normas e regras para a legitimação da gestão do estado e da guerra tinha sido explicitada na Carta das Nações Unidas (ARRIGHI, 1996, 283).

A concentração de poder mundial definitivamente tinha outras mãos e sem precedentes, não somente com sua força militar, mas, sobretudo, com o uso das novas tecnologias de comunicação, com suas grandes produções que chegam aos mais diversos países. Como meio de acesso aos diversos países latino-americanos e mundiais, o novo poder político global investe e desenvolve eficiente estratégia, para a ampliação e exportação de seu poder simbólico. A população passa a ter acesso facilmente e conviver também com uma nova cultura e modo de vida, com a forte presença da indústria do entretenimento, a exemplo de Hollywood e Disney. As narrativas ganham dimensões com suas vozes para o desenvolvimento capitalista e transformações sociais e culturais.

O conceito de hegemonia, podemos analisar, se refere “[...] à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas. Em princípio, esse poder pode implicar apenas a gestão corriqueira desse sistema, tal como instituído num dado momento” (ARRIGHI, 1996, p. 27). Mas, adverte o autor, “Historicamente, entretanto, o governo de um sistema de Estados soberanos sempre implicou algum tipo de ação transformadora, que alterou fundamentalmente o modo de funcionamento do sistema” (ARRIGHI, 1996, p.27). Estrategicamente, o Estado dominante se mostra hegemônico quando lidera um sistema de Estados, conduzindo-os para rumos desejados, sendo visto como defensor dos interesses gerais. No entanto, “[...] um Estado dominante também pode liderar no sentido de atrair os demais para sua própria via de desenvolvimento” (ARRIGHI, 1996, p. 29).

Para Octavio Ianni: “Sim, o capitalismo se apresenta como um modo de produção e um processo civilizatório” (2011, p. 187). A globalização tem na sua esteira a força do capitalismo, com suas ramificações em diferentes Estados-Nações, promovendo alterações na forma de vida da população, que se vê, cada vez mais, dependente de suas atividades produtivas. Interfere nas reformas institucionais, persevera na busca pela privatização de empresas estatais, age politicamente para a desregulamentação da economia, alteração na legislação trabalhista e a incessante política para abertura de novos mercados, de maneira a minimizar o poder do Estado regulador e aumentar o poder de decisões das empresas,

quase sempre grandes monopólios, com capacidade de interferir, com frequência, nas decisões dos poderes instituídos nos países, sobretudo periféricos.

Como analisado anteriormente, a globalização dos mercados caminha muito de perto com o processo de comunicação, que se autogerindo vai definindo regras e normas, ganhando musculatura e capacidade para se beneficiar do processo da redução das fronteiras, através das mensagens mais fluidas nas mídias, pelas narrativas, seus discursos e ideias de uma matriz hegemônica. Aqui se pode avaliar a relação de proximidade entre globalização e neoliberalismo, ainda que não se deva confundir o conceito de um com o outro, reduzindo o primeiro ao segundo.

Apesar da forma hegemônica das grandes potências econômicas, em tempos contemporâneos de comunicação e poder simbólicos, criando modelos sociais,

O globalismo pode ser visto com uma configuração histórico-social no âmbito da qual se movem os indivíduos e as coletividades, ou sociais, povos, tribos, clãs e etnias, com as suas formas sociais de vida e trabalho, com as suas instituições, os seus padrões e os seus valores, juntamente com as peculiaridades de cada coletividade, nação ou nacionalidade, com as suas tradições ou identidades, manifestam-se as configurações e os movimentos do globalismo. São realidades sociais, econômicas, políticas e culturais que emergem e dinamizam-se com a globalização do mundo, ou a formação da sociedade global. (IANNI, 2011, p. 183).

Com sua perspicácia crítica, preferindo o termo globalismo à globalização - assim como alguns pensadores preferem mundialização, considerando não ser um conceito tão fluido, com suas complexidades, com influência na territorialidade cultural, com instrumentação de poder e ideologia - Ianni afirma que não se pode negligenciar historicamente a quantidade de disputas, ao longo dos séculos e na atualidade, que permanecem na ordem do dia entre nações, regiões, povos, etnias, gerando guerras e longas batalhas políticas. Longe de estabelecer um único modelo de civilidade, as tensões aumentam, como se pode ver na América Latina, com frequência.

Nesta análise estão as guerrilhas políticas das Farc na Colômbia, com sequestros e disputas de poder com o Estado institucionalizado, nas últimas décadas, contando com um forte aliado, os Estados Unidos no combate aos insurgentes contra o modelo econômico e político colombiano - destaque para o governo de Álvaro Uribe (2002-2010 - em dois mandatos consecutivos), personagem importante desta estória, que decretou guerra contra os guerrilheiros, tornando o país mais inseguro e violento; o MST, no Brasil, na luta pela reforma agrária e assentamentos em terras públicas, com enfrentamentos contra o aparelho

coercitivo do estado – além da frequência dos indígenas brasileiros em Brasília em busca de seus direitos, contra fazendeiros que invadem terras de suas tradições, resultando em conflitos e mortes; cartéis de tráfico de drogas no México, com mortes e sequestros de migrantes e forças militares, depois do aumento da pressão do vizinho, Estados Unidos, contra o governo mexicano, nas fronteiras.

No final, são tensões que provocam tomadas de decisão dos Estados nacionais, que não passam incólumes pelo Estado hegemônico, com seu sistema de liderança e suas instituições, criadas efetivamente para o restabelecimento da ordem mundial. Conflitos que chegam aos mercados nacionais e globais, com alterações de líderes políticos, estatizações e debates sobre o monopólio dos meios de comunicação e a tentativa de sua regulamentação – poder simbólico -, que reclamam pelo seu direito de expressão e informação, apelando pela defesa da insondável democracia social e da comunicação livre – não devendo descartar a influência do modelo impregnado pela hegemonia do sistema capitalista e da ordem sistêmica global. Como observa Ianni, “Resulta de um jogo complexo de forças atuando em diferentes níveis da realidade, em âmbito local, nacional, regional e mundial” (2011, p.184).

Com fundamentação nos estudos culturais, o argentino Néstor García Canglini, destaca em sua obra, “A Globalização Imaginada”, que a globalização não se resume ao processo mercantil e determinante na dominação de culturas e povos. Com criticidade peculiar afirma que

A globalização pode ser vista como um conjunto de estratégias para realizar a hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras, majors do cinema, da televisão, da música e da informática, para apropriar-se dos recursos naturais e culturais, do trabalho, do ócio e do dinheiro dos países pobres, subordinando-os à exploração concentrada com que esses atores reordenaram o mundo na segunda metade do século XX (CANCLINI, 2007, 29).

O autor, no entanto, afirma: “[...] mas a globalização é também o horizonte imaginado por sujeitos coletivos e individuais” (2007, p. 29), fazendo referência aos governos e produtores culturais de países dependentes, que buscam também novos mercados – e imaginários - com seus produtos. Portanto, na busca de se inserirem no negócio de entretenimento, como o de produção de conhecimento, através das novas mídias, obtendo no final, vantagens econômicas - de um mundo, acredita-se, sem fronteiras e expansionista para novas ideias e culturas. Neste sentido, avalia o argentino: “As políticas globalizadoras obtém consenso, em parte por que excitam a imaginação de

milhões de pessoas ao prometer que o dois e dois que sempre somou quatro pode resultar em cinco ou até seis” (2007, p. 29).

Canclini, ao descrever a origem da globalização no século XX, adverte que, antes se deve considerar o processo de internacionalização e transnacionalização. “A *internacionalização* da economia e da cultura tem início com as navegações transoceânicas, a abertura comercial das sociedades europeias para o Extremo Oriente e a América Latina e a conseguinte colonização” (2007, p.41, grifo do autor). Período em que portugueses e espanhóis chegam ao mundo novo com seus navios de guerra. Depois de erros de navegação em direção às Índias, se deparam com as imensas terras povoadas por indígenas de milhares de tribos e etnias com suas diferenças culturais, de linguagem e de desenvolvimento. Mais adiante, Canclini faz referência, então, a *transnacionalização*, que resultou em “[...] um processo que se forma mediante a internacionalização da economia e da cultura, mas que dá alguns passos além, a partir da primeira metade do século XX” (2007, p. 42, grifo do autor) – antes, porém, opera-se o avanço do sistema capitalista, com formação de importantes instituições financeiras globais, com presença política no estado hegemônico fortemente emergente, como o reconhecido império britânico, com presença marcante nas colônias europeias na América, com participação política e desenvolvimento produtivo. Finalmente, a *globalização*, que decorre do “[...] crescimento e da aceleração de redes econômicas e culturais que operam em escala mundial e sobre uma base mundial” (CANGLINI, 2007, 42, grifo do autor). Importante registrar em todas essas fases da mundialização da cultura e da economia os avanços substanciais dos novos meios de comunicação e seu poder de transformação na política e na economia, sem os quais a desconstrução de fronteiras, transformações de culturas e significados se tornariam lentos, ou não haveria rupturas drásticas da cotidianidade e na historicidade.⁸

O sonho de um mundo de desenvolvimento, de riqueza e de democracia se esbarra em crise, lembra o pensador argentino, gerando dúvidas sobre a sua consistência e seus benefícios. Como ocorreu com “[...] o modelo no México e em outros países latino-americanos, a partir de dezembro de 1994, na Rússia e no sudeste asiático, desde 1997, no Brasil, em 1998 e na Argentina, em 2001-2002, com conflitos sociais agravando-se em toda parte” (CANGLINI, 2007, p. 44). Importante ressaltar, os enfrentamentos sucessivos

⁸ Como descreve, sobretudo Haroldo Innis, na sua obra “Viés da Comunicação” (Vozes, 2011) e posteriormente Marshall McLuhan, o seu discípulo, no livro “Os Meios de Comunicação como extensões do homem” (Cultrix, 2006).

na Argentina, nos últimos anos, envolvendo setores rurais de exportação e governo da família Kirchner e seus antecessores, além das várias crises econômicas por que passa o país, inclusive com dívida externa a ser quitada com credores, sendo questionada pela justiça dos Estados Unidos, em decorrência de interpelação judicial de setor especulativo, cobrando valores integrais, diferentes dos negociados entre setor financeiro internacional e governo argentino – os chamados fundos abutres; movimentos sociais no Brasil, em junho de 2013, com milhares de pessoas nas ruas das principais cidades brasileiras, reclamando por direitos e mudanças políticas nacionais, ocasionando instabilidade no Congresso Nacional entre os partidos, com reflexos nas eleições presidenciais em 2014, com disputa acirrada entre a petista Dilma Rousseff - que obtém votos suficientes para a sua reeleição, com pequena margem - e o tucano Aécio Neves, pela primeira vez postulante ao cargo; Guerra civil na Venezuela entre governo e opositores ao chavismo e bolivarianismo no governo de Nicolás Maduro, depois da morte do presidente popular e antiamericano Hugo Chávez – cujo governo convive há anos com crises sucessivas com setores da imprensa local e de investimento em empresas privadas, muitas delas estatizadas por Chávez.

Acrescente-se a grave crise da denominada bolha imobiliária nos Estados Unidos, ocorrida em 2008, com quebra de grandes bancos privados – que receberam ajuda da Casa Branca para evitar catástrofe no mercado financeiro do país, que se alastraria para bolsas globais – tempo de expectativa e ansiedade entre investidores e mercado financeiro; além, no mesmo país, da ocupação por milhares de jovens, em setembro de 2011, da principal rua do sistema financeiro internacional, a *All Street*, contra o sistema financeiro sediado nos EUA, conhecido como *Occupy* – que mereceu amplo debate mundo afora, considerando a crise financeira dos Estados Unidos e a força dos movimentos sociais pelo mundo contra o moderno sistema financeiro global e a desigualdade social, sendo lembrada a frase: *Nós somos 99%*. Importante enumerar as graves guerras étnicas em várias partes do mundo, como na África, na região do Oriente Médio, como Iraque e Afeganistão, sem data para o seu término; além dos confrontos entre Europa e Estados Unidos contra Rússia, em razão da guerra provocada pela aproximação econômica da Ucrânia (país integrante da Ex-URSS, com tradições culturais e língua de origem russa) com a União Europeia, culminando com a guerra dos separatistas contra o governo de Kiev.

Os conflitos se sucedem, muitos deles iniciados em um passado distante e se arrastam mais graves nos dias atuais, numa sociedade que convive com o sistema tecnológico de informação e mercados internacionais neoliberais, sobretudo, sob a influência poderosa do sistema financeiro atuante em escala global.

Narrativas da globalização e o neoliberalismo

Antes de prosseguir, torna-se indispensável evitar a confusão de conceitos que envolvem a globalização, que não se reduz ao neoliberalismo, embora seja uma afirmação quase consensual nas conversas cotidianas. Na realidade, é preciso pensar a globalização como espaço de fluxo de comunicação, com amplo espaço para o surgimento de diferentes tendências culturais. Mas cabe advertir que nesta onda está o mercado, na empreitada da promoção dos excedentes de capital. Para Canclini, “A globalização sem a interculturalidade é um ‘OCNI’, um objeto cultural não identificado” (2007, p. 46) – o que aumenta a importância das narrativas no processo de formação de conhecimento, considerando um mundo em disputas por ideias e ideologias, dominação e poder, com papel importante e fundamental dos meios de comunicação, nessas mediações. Porém, adverte para o reducionismo que se busca para o conceito, considerando que “[...] a estratégia hegemônica da globalização costuma atentar somente à parte desses processos que é redutível ao mercado, ou seja, àquilo que cabe em suas políticas clientelistas” (2007, p.46). Apesar do esforço na perspectiva de ocultar os espaços simbólicos que ganham novas dimensões sociais, a realidade está muito longe disso.

Para Ianni, “[...] no âmbito do globalismo pode florescer o multiculturalismo [...] a perspectiva múltipla, a pluralidade de vozes, a polifonia do transculturalismo [porém] É no contexto do globalismo que o liberalismo se transfigura em *neoliberalismo*” (2011, p. 191, 192 e 217 – grifo do autor). As novas tecnologias de comunicação têm sua participação na propagação sem limites do modelo, em que a valorização do mercado se sobrepõe ao mundo local das culturas e da política com vocações nacionais e regionais. Um mundo novo das mediações, que permitem as trocas comunicativas no espaço e no tempo, todavia, sob a pressão de mercados que se espalham para as mais tradicionais e inóspitas regiões do

planeta, provocando mudança nas tradições, costumes, leis, economia e política. Dessa maneira,

São muitas e evidentes as interpretações, as propostas e as reivindicações que se sintetizam na ideologia neoliberal: reforma do estado, desestatização da economia, privatização de empresas produtivas e lucrativas governamentais, abertura de mercados, redução de encargos sociais relativos aos assalariados por parte do poder público e das empresas ou corporações privadas, informatização de processos decisórios, produtivos, de comercialização e outros, busca da qualidade total, intensificação da produtividade e da lucratividade da empresa ou corporação nacional e transnacional. [...] impregnam tanto as práticas das empresas, corporações e conglomerados transnacionais como as práticas de governos nacionais e organizações multilaterais. Além disso, estão presentes na vida intelectual em geral, dentro e fora das universidades e outras instituições de ensino e pesquisa. E traduzem-se em uma vasta produção de livros, revistas, jornais, programas de rádio e televisão, tanto quanto se traduzem em ensaios e monografias. Aí mesclam ciência, ideologia e utopia. (IANNI, 2011, p. 218).⁹

Não se trata de um modelo sem sua força motriz; o neoliberalismo pressupõe guardiães, com suas ideologias, força política e monetária para interferir nos Estados: como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial ou Banco Internacional de Reconstrução de Desenvolvimento (BIRD) e a Organização Mundial do Comércio (OMC). “Três guardiães dos ideais e das práticas do neoliberalismo; ou a santíssima trindade guardiã do capital em geral, um ente ubíquo, como um deus” (IANNI, 2011, p. 218)

O peso do modelo neoliberal na política e economia dos Estados faz logo surgir os seus efeitos, com reflexos, sobretudo, na classe trabalhadora, com o surgimento do desemprego estrutural, com aumento da pobreza; com isso, “[...] as xenofobias, os etnicismos e os racismos atingem principalmente os setores sociais assalariados, desempregados, pauperizados ou migrantes; as intolerâncias relativas ao sexo a idade também permeiam principalmente esses mesmo setores” (IANNI, 2011, p. 223). As privatizações se sucedem pelo mundo, atingindo terra, mar e ar, rio, lago, arquipélagos e continentes, analisa o autor. Além da privatização dos recursos naturais, o que gera conflitos em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, com amplo debate sobre a exploração dos recursos naturais da Amazônia e a construção de lagos para funcionamento de hidrelétricas para suprir o funcionamento de um país moderno; com população com

⁹ Importante ainda destacar as várias vozes que cotidianamente reproduzem as afirmações neoliberais, defendendo o modelo nos diversos setores de mídias nacional e internacional. Portanto, antes de ser um paradigma econômico, se insere como negociação para comportamentos sociais em que envolvem produção e consumo, exigindo posicionamento político institucional do Estado, com aprovação de leis que regulamente o setor, ou mesmo a sua desregulamentação. O ideológico misturado com o simbólico, por vezes a utopia do capitalismo.

potencial de consumo, e cada vez mais conectada a novos e sofisticados equipamentos eletrônicos, o que resulta no aumento necessário da produção de bens pelas indústrias e geração de eletricidade.

A nova ordem econômica mundial apenas contempla os interesses das corporações transnacionais, ou as diretrizes das organizações multilaterais, que administram a economia mundial e os interesses da maioria dos governos nacionais atrelados às condições e às exigências do neoliberalismo. Grande parte da população mundial, compreendendo grupos e classes, tribos e nações, empregados e desempregados, migrantes e refugiados, esses em geral padecem carências elementares, vivem a questão social em escala global. Compõem os grupos e as classes subalternos, que os neoliberais denominam “pobreza”, “miséria”, “marginalizados”, “massas”, “multidões” ou “classes perigosas”. Trata-se de categorias sociais formuladas por aqueles que se autodefinem como “elites esclarecidas”, ou “inovadoras” (IANNI, 2011, P. 223).

Cabe avaliar a importância, nesse cenário, de grupos que se beneficiam dos resultados neoliberais e se posicionam em sua defesa, cotidianamente. “A rigor, estas “elites” são a parte mais visível de grupos, classes ou forças sociais que detêm a maior parcela do poder econômico e político, em âmbito nacional e transnacional” (IANNI, 2011, p. 223). O jornalismo nas suas estórias insere em suas narrativas vozes com seus lugares de fala, nas intrigas com seus propósitos e conhecimentos, aqueles que carregam o símbolo do poder e da verdade e seus detratores. A atenção nos porta-vozes institucionais e grupos de pressão nos tempos de globalização e neoliberalismo pode ser uma forma eficiente de perceber a realidade, que tem influência e consequências no mundo econômico e político.

Não se deve ter dúvida sobre a inserção do modelo neoliberal na América Latina, uma região ainda jovem na sua formação institucional – no Brasil, por exemplo, poucos foram os presidentes eleitos por voto direto da população até os dias atuais; na sua maioria, tomaram o poder representativo sem consulta popular –, dependentes das economias internacionais e transigentes com modelos dos grandes centros econômicos mundiais; além da diversificação dos meios de comunicação, com ampla força para a difusão dos novos estilos de vida de nações com hegemonia de poder político e cultural, que se reproduzem na indústria do entretenimento. As crises do capitalismo impregnam o mundo globalizado, cujas instituições se formam no bojo das ações provocadas por agentes internacionais, que têm, quase sempre, boa acolhida, como vozes sistêmicas do novo modelo, nas redes midiáticas.

Para o historiador londrino, Perry Anderson, “[...] o neoliberalismo nasceu logo depois da II Guerra Mundial, na região da Europa e da América do Norte, onde imperava o capitalismo” (1995, p. 9). O modelo foi uma reação contra a força do Estado

intervencionista e de bem-estar, cujo primeiro texto sobre o tema é *O caminho da Servidão*, de Friedrich Hayek, escrito já em 1944, pontua o autor. “Trata-se de um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciadas como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política” (ANDERSON, 1995, p. 9).

Anderson descreve que o surgimento do neoliberalismo não foi de improviso; exigiu pelo menos uma década, os anos 70, “[...] quando a maioria dos governos da OCDE – Organização Europeia para o Comércio e Desenvolvimento – tratava de aplicar remédios para os Keynesianos às crises econômicas” (1995, p.9). No governo de Margaret Thatcher, na Inglaterra, é que veio a oportunidade da implantação do novo modelo para salvar os países por meio dos mercados livres, sem a regulamentação das instituições estatais – entidades públicas e burocráticas, uma trava ao desenvolvimento econômico que exige território e liberdade, sem amarras constrangedoras públicas; modelo que, em seguida, é abraçado pelo presidente dos Estados Unidos, nos anos 80, Ronald Reagan, difundindo-o em seu país e para o resto do mundo, usando seus mecanismos de representação mundial, com amplos e densos tentáculos, alcançando com eficiência os continentes globalizados. Os ingleses conviveram com o modelo econômico, implantado na política da Dama de Ferro, da maneira mais pura, desregulamentando mercados, instabilizando os sindicatos nacionais e alterando leis trabalhistas, como descreve o historiador inglês. Período de manifestação e agitações políticas que ficou marcado na biografia de Thatcher, descrito em quantidade no Jornalismo e inclusive no cinema.¹⁰

Neoliberalismo na América Latina

Não demorou muito e o neoliberalismo aportou na América Latina. De fato, a região tem o seu pioneirismo e peculiaridades políticas, quando o assunto é o neoliberalismo econômico.

Depois dos países da OCDE e da antiga União Soviética, genealogicamente este continente foi testemunha da primeira experiência neoliberal sistemática do mundo. Refiro-me bem entendido, ao Chile sob a ditadura de Pinochet. Aquele regime tem a honra de ter sido o verdadeiro pioneiro do ciclo neoliberal da história contemporânea. O Chile de Pinochet começou seus programas de maneira dura: desregulação, desemprego massivo, repressão sindical,

¹⁰ O filme foi lançado em 2011, com o nome *The Iron Lady*, estrelado por Meryl Streep como Margaret Thatcher e Dirigido por Phyllida Lloyd.

redistribuição de renda em favor dos ricos, privatização de bens públicos. Tudo isso foi começado no Chile, quase um decênio antes de Thatcher, na Inglaterra (ANDERSON, 1995, p. 19).

O neoliberalismo chileno, na ditadura de Augusto Pinochet não ocorre por acaso; e em parte tem grande influência da política internacional, nas Américas, sobretudo dos Estados Unidos. Antes da implantação do novo modelo econômico, o Chile elegeu Salvador Allende, em 15 de setembro de 1970, apeado do poder por meio de golpe de Estado, questionado pela veemência da política externa hegemônica do governo norte-americano, na região. O novo presidente chileno, declaradamente com posições socialistas, provocou a ira da Casa Branca, com Richard Nixon no poder, que convivia com obscuros e tenebrosos tempos de tensão contra o modelo comunista soviético, a chamada Guerra Fria, que poderia, num apertar de botão, dar fim ao mundo polarizado por duas potências com modelo políticos antagônicos – sendo encerrada apenas quase 20 anos depois, em 1989, com a queda do muro de Berlim, que dividia a cidade em duas partes distintas: capitalista e comunista. A derrota ficou com o lado comunista de Moscou e cantada a vitória de Washington, cujos fantasmas se arrastam ainda nos dias atuais, com espíritos que provocam riscos e tensões, tanto na política como na economia, com destaque na América Latina, de Fidel Castro (Cuba), Hugo Chávez (venezuelano, ainda que morto, é sempre lembrado), Evo Morales (Bolívia) e Rafael Correa (Equador).

A possibilidade da propagação do comunismo no quintal dos norte-americanos sentenciou Allende e seu governo a um fim trágico, sobretudo considerando tratar-se de um presidente eleito legitimamente, porém boicotado por empresas e setor financeiro global, com interferência de Nixon.

O discurso de campanha de Salvador Allende, carregado de ideais marxistas, anunciavam a socialização dos meios de produção, a desapropriação de terras e a nacionalização das companhias estrangeiras, o que repercutiu intensamente em Washington¹¹. Após as eleições [...] Richard Nixon ordenou claramente: impeçam esse homem de tomar posse ou derrubem o governo se ele chegar a assumir. [...] Mais de 400 agentes da CIA chegaram a operar em território Chileno. (TAQUARI, 2012, p. 38)

Além de milhões de dólares despejados no país para prover de recursos jornais e jornalistas, na produção de artigos e editoriais que eram dirigidos contra o novo governo,

¹¹ O que faz lembrar as mesmas narrativas sobre a tomada do poder militar no Brasil em 1964, nos tempos históricos inesquecível, tendo como personagem João Goulart. Governos autoritários instalados, a repressão vai durar 21 anos, cujas lembranças continuam guardadas em armários institucionais, que não puderam ainda ser abertos devidamente.

sitiado no Palácio do Governo, o socialista Allende executou um tiro no próprio queixo, em 1973. O militar conservador e legalista Augusto Pinochet assume a liderança no golpe e instala a ditadura chilena. O neoliberalismo já estava a caminho, com um governo de exceção e sob o controle das instituições nas mãos da ditadura. “O neoliberalismo chileno, bem entendido, pressupunha a abolição da democracia e a instalação de uma das mais cruéis ditaduras militares do pós-guerra” (ANDERSON, 1995, p. 19).

Após o Chile, a Bolívia também embarca no novo modelo, o neoliberalismo, em 1985, com o objetivo de aplacar uma hiperinflação que aterrorizava a população. Lembra pontualmente Anderson: “Mas o Chile e a Bolívia eram experiências isoladas até o final dos anos 80” (1995, p.20). Depois, outros países aderem ao regime de mercado livre e redução do poder do Estado soberano, com Carlos Salinas de Gortari, que iniciou o novo modelo econômico, ao tomar posse na presidência, no México (1988-1994). Na sequência, adere ao sistema econômico Carlos Menem, na Argentina, em 1989, na época, aliado dos Estados Unidos, cujo mandato presidencial foi até 1999. O Neoliberalismo levou o país do Rio da Prata à maior crise de sua história recente, ao desnacionalizar suas maiores empresas estatais, dispendo-as a preços módicos, de cavalheiro, para o setor privado. Num primeiro momento, advém a melhoria substancial das contas do governo, mas logo se depara com esgotamento financeiro nas suas contas públicas, apesar dos recursos em abundância, inicialmente. No primeiro momento, Menem recebe apoio da população, assistindo a um crescimento extraordinário que o faz o homem público glorioso, com honras. Logo após, a impopularidade, sendo obrigado a conviver com as crises financeiras, que foram deixadas como herança para os próximos governos ¹² – entre elas a que pôs milhares de pessoas nas ruas, no governo de Fernando de la Rúa, o sucessor de Menem, levando-o a sofrer impeachment, posteriormente.

A Argentina, por sua vez, ostenta a duvidosa glória de ser o país com maior grau de desnacionalização de sua economia, onde tudo foi mal vendido e alienado durante o fatídico decênio do capitalismo selvagem presidido por Carlos S. Menem. Venezuela, Bolívia, Colômbia, além de Brasil e México, preservaram o controle estatal da riqueza petroleira; já, na Argentina, ao contrário, YPF¹³ foi

¹² A Argentina, que é conhecida por ser um dos países com melhores condições de desenvolvimento na América Latina, com terras férteis e crescimento econômico, com investimento dos ingleses, até 1930. Cantado em prosa e verso por inúmeros turistas da nação europeia que passara a viver na famosa região do Rio da Prata. Hoje a realidade é bem outra, como se pode observar nas narrativas midiáticas, com seus personagens, e na realidade Ver RAMOS, Jorge Abelardo. História da Nação Latino-Americana. Insular: Florianópolis, 2012.

¹³ No governo de Cristina Kirchner o país retoma, em 2012, o controle majoritário da direção da empresa YPF, de propriedade da Repsol, espanhola, o que gerou amplo debate e ataques de representantes do mercado, contra o governo da família Kirchner por não honrar contratos com o setor internacional.

privatizada. E se o México pôde até hoje conservar o controle público sobre a comissão Federal de Eletricidade, na Argentina sua filial foi dividida em duas partes e privatizada a preço vil. O mesmo ocorreu com o gás, os telefones, as linhas aéreas, a água e um sem-fim de empresas públicas que haviam sido fundadas com as economias dos Argentinos (BORON, 2010, p. 34).

A Venezuela, de acordo com relato de Anderson, em 1989, mesmo ano da Argentina, adere ao neoliberalismo, no governo de Carlos Andrés Pérez, isto no seu segundo mandato presidencial, sendo, porém, o único presidente venezuelano a sofrer impeachment, no país, o que ocorreu em 1993. Na lista, ainda aparece Alberto Fujimori, que implanta no Peru o neoliberalismo, em 1990, após ser eleito.¹⁴

Das quatro experiências viáveis desta década, podemos dizer que três registraram êxitos impressionantes a curto prazo – México, Argentina e Peru – e uma fracassou: Venezuela. A diferença é significativa. A condição política da deflação, da desregulamentação, do desemprego, da privatização das economias mexicana, argentina e peruana foi uma concentração de poder executivo formidável: algo que sempre existiu no México, um regime de partido único, com efeito, mas Menem e Fujimori tiveram de inovar na Argentina e Peru com uma legislação de emergência, autogolpes e reforma da Constituição. Esta dose de autoritarismo não foi factível na Venezuela, com sua democracia partidária mais contínua e sólida do que em qualquer outro país da América do Sul (ANDERSON, 1995, p. 21).

Considerando a afirmação de Anderson, nos últimos anos, a situação política na Venezuela vem se agravando, principalmente depois da morte de Hugo Chávez, em 2013, em consequência de Câncer, não sem antes de ser reeleito (2012) para mais um mandato, de um governo que se estendeu por 14 anos (1999-2013). Nicolás Maduro, embaixador e posteriormente vice-presidente do último mandato, na gestão chavista, foi designado pelo próprio Chávez como seu sucessor, antes de morrer, registrado nas estórias midiáticas. Maduro, que, depois de realizadas as eleições, na abertura das urnas, obteve pequena margem de votos a mais do que o seu adversário aguerrido, Henrique Capriles Radonski, um dos principais líderes da oposição.

Desde então, o país passa por enfrentamentos políticos, envolvendo chavistas e opositoristas, nas ruas, com presença de militares, com prisões de populares e políticos da oposição. Mortes já ocorreram como resultados da batalha civil. Com a redução do preço

¹⁴ Alberto Fujimori que se manteve no governo do Peru até o ano 2000. Mesmo sendo impedido de continuar no poder por mais um mandato, por meio fraudulento, vence as eleições, no país. Depois de descoberta as fraudes com dinheiro público, ainda em 2000 viajou para o Japão, onde ficou refugiado por cinco anos. Tempo depois, preso no Chile após uma viagem, que o extraditou para o Peru, onde cumpre pena, com sentença de 25 anos de prisão, desde 2009. “Confessou ter pago 15 milhões de dólares a Vladimiro Montesinos” (TAGUARI, 2012, P. 225), na época deputado, que a ser preso confessou que recebeu o suborno de Fujimori para votar em favor de sua reeleição.

do petróleo, o principal produto de exportação do país, neste ano, os venezuelanos passam a sentir mais ainda o peso de um governo que se intitula socialista, recebendo questionamento sobre a política e economia internamente e, sobretudo do exterior, liderado pelos Estados Unidos, um dos principais protagonistas das tramas políticas da América Latina, no papel de agente crítico do modelo chavista.

As disputas de Maduro com os veículos de comunicação venezuelanos continuam sendo um fato que percorre as mídias internacionais, que questionam a democracia e a liberdade de expressão no país. Na América Latina, a Venezuela se torna um país emblemático, sendo visto por alguns como uma democracia que mais se aproxima do socialismo do Século XX, capaz de distribuir a riqueza do país entre os mais pobres, com respeito às leis e à constituição, sobretudo na defesa da liberdade de imprensa. Para outros, sobretudo vozes do setor financeiro internacional, que ganham destaques na mídia da região, inclusive a brasileira, com hegemonia, trata-se de uma ditadura comunista, com forte laço de amizade com a família Castro, no comando da política socialista cubana, desde a sua revolução em janeiro de 1959. Eterno indesejado vizinho, a mais renhida oposição ao modelo capitalista praticado pelos Estados Unidos, com seu poder global e neoliberal.

Modelo Neoliberal brasileiro de FHC e Lula

Afinal, qual a intensidade da atuação do mercado externo no Brasil, impondo suas regras e desregulamentação do Estado? Como o país se comporta quanto ao modelo neoliberal?

A discussão parece não ser fácil, considerando ser um país dividido, quando a questão é riqueza e distribuição de rendas e suas diferenças regionais. O sudeste se destaca com suas riquezas econômicas, com ampla produção industrial, sobretudo, na principal cidade da América Latina, São Paulo, governado por tucanos, há mais de uma década. Razoável diferença com o nordeste, que convive com as intempéries naturais, com muito tempo seco e famílias de baixa renda, embora haja as inegáveis diversidades dentro da própria região, a exemplo do que ocorre nas demais regiões brasileiras; um centro-oeste voltado para a agricultura e pecuária de exportação, principalmente grãos e carne bovina; um sul que amplia a industrialização, sobretudo com o setor de alimentos e produção

agrícola, e no norte permanecem as diferenças de renda de um dos países com a pior distribuição de renda do mundo. Nesse contexto, a política torna-se um enigma, ainda mais considerando que, nas diferentes regiões e seus respectivos estados, a situação se mistura entre ricos e pobres, de maneira complexa para aqueles que desejam a representação social e a defesa de um modelo econômico privilegiando classes e grupos sociais.

Nas últimas eleições, as disputas se organizaram em torno dos dois principais líderes políticos, surgidos depois da ditadura militar (1964-1985), os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, que, após dois mandatos cada um, na presidência, continuam sendo personagens das mídias, aqueles que fomentam e apoiam os postulantes a candidatos à presidência da República Brasileira, como ocorreu em 2014, entre Aécio Neves, tucano (FHC) e Dilma Rousseff, petista (LULA).

Um, sociológico, acadêmico, com facilidade entre figuras importantes da política internacional; e o outro, ex-sindicalista, com ampla capacidade de liderança política, de origem humilde e fácil diálogo, carismático com a população de baixa renda do Brasil, por isso, com popularidade alta. Se a direita liberal vira o nariz para Lula, tem boa aproximação com FHC, contudo, não se pode afirmar que nos dois mandatos de Lula (2002-2010) estiveram prioritariamente representantes da esquerda latino-americana ou mesmo brasileira – nem que o Partido dos Trabalhadores (PT), de Lula, seja um bastião dos defensores dos trabalhadores, seguindo as tradições dos tempos das lutas sindicais dos anos 80. No entanto, difícil dizer sobre a postura de um e outro na política, que sinalize apoio sem amarras ao modelo neoliberal no Brasil.

Vejamos o caso do Brasil. Os defensores do triste rumo seguido pelos governos de Fernando Henrique Cardoso e de Lula em política econômica dizem que, devido ao endividamento público e externo do Brasil e à sua fragilidade financeira, o país necessitava ganhar a confiança dos investidores internacionais para desencadear um fluxo de capitais que estabilizasse o setor externo da economia brasileira. Com essa finalidade, o governo do presidente Lula designou, como presidente do Banco Central do Brasil [...] Henrique de Campos Meirelles, ex-gerente-geral do Fleet Boston. [...] O que acontece no Brasil é mais do mesmo, ratificando-se o rumo neoliberal adotado por sucessivos governos brasileiros, se bem que com um ligeiro matiz, especialmente sobre o final do primeiro mandato de Lula (BORON, 2010, p. 74-75).

Caberia a Fernando Henrique Cardoso a pecha daquele que se aproxima do modelo que se iniciou na Europa, nos tempos de Margareth Thatcher e agora está na ordem global dos Estados Unidos, de Barack Obama, do partido Democrata. FHC não consegue se libertar da memória das privatizações de grandes empresas estatais, como telefonia e

extração de minerais, para restringir a dois exemplos, com venda de uma das maiores empresas do setor, a Vale do Rio Doce. Por muitas vezes repete nas narrativas das mídias, entre vozes de seus aliados, ou no papel de protagonista, as vantagens da eficiência do setor empresarial, contra a lentidão da burocracia estatal, quase sempre metida em denúncias de corrupção entre seus diretores e funcionários. Dilma Rousseff¹⁵, aliada de Lula, também não se esqueceu de repassar ao setor privado os Aeroportos e concessões de rodovias federais, no seu primeiro mandato presidencial, entre 2010 e 2014.

O jornalista Matias Spektor pesquisou os 18 dias de Lula (28 de outubro a 8 de novembro), que antecederam a sua posse, em 2002, com observação da relevância política de FHC para o ritual de aproximação do recém-eleito presidente ao principal personagem da política global, com poder de influência sobre os desígnios econômicos na América Latina. Assim, tornando inequívoco o diálogo dos governos brasileiros para a condição de governabilidade, mantendo relações políticas de amizade com os Estados Unidos – país com frequência nas páginas das narrativas das mídias latino-americanas, implícita e explicitamente nas tramas, nas intrigas dos acontecimentos, com hegemonia como protagonista. Governo de Washington, na época da pesquisa do autor, presidido pelo conservador George W. Bush. Na sua narrativa, a falta de interesse do país da América do Norte poderia causar problemas principalmente para um governo petista, visto como de esquerda, antiliberal e pouco afeito ao modelo econômico adotado pela Casa Branca.

Fernando Henrique ao contrário, mantinha diálogo político e afinidade com modelos econômicos implementados pelos mercados da potência global. Pois, a rigor,

A eleição de Fernando Henrique no fim de 1994 foi amplamente celebrada nos Estados Unidos porque se tratava de uma personalidade com a qual o establishment norte-americano podia dialogar. Na comparação, Geisel, Figueiredo, Sarney, Collor e Itamar eram muito mais difícil. No entanto, as diferenças entre os americanos e o tucano eram profundas. Para observadores americanos de todas as afiliações, Fernando Henrique era um homem de esquerda, influenciado pelo socialismo europeu – eles achavam graça cada vez que comentaristas brasileiros rotulavam o presidente como neoliberal. O fator que mais contribuiu para que ele fosse aceito em Washington foi a defesa tucana da economia de mercado. A chegada de FHC ao poder abriu oportunidades fabulosas de negócios para a iniciativa privada e para o mercado financeiro americano (SPECTOR, 2014, p. 100).

¹⁵ Rousseff, repetindo a posição de Lula, descrito por Boron (2010), retirou o economista Guido Mantega (o mais longo ministro da economia brasileira - 2006-2014), elevando para a cadeira de ministro da economia, em seu segundo mandato, Joaquim Levy, com passagem como integrante do FMI e BIRD, duas instituições guardiãs do neoliberalismo mundial.

Talvez seja mesmo uma utopia acreditar que algum país no mundo contemporâneo viva inteiramente distante da globalização, com sua força de multiculturalismo, numa relação de transformações no confronto entre o local e o global. Ou mesmo, imaculados, ante as relações neoliberais, impostas por resistentes corporações, com apoio político e institucional das grandes potências, que dependem das riquezas dos mercados para a manutenção de seu poder, na ordem moderna global. Na realidade, na esteira da política e das decisões econômicas das nações, umas mais outras menos, já se tornam reais motivos para acaloradas narrativas sobre a América Latina, que revelam disputas de vozes legitimadas pelas instituições, cujas intrigas se ordenam na perspectiva da hegemonia de poder.

Os meios de comunicação, com suas narrativas, na contemporaneidade de uma sociedade local e global são sobremaneira responsáveis pelas mediações de difusão de modelos econômicos, culturais e sociais. A questão que resta, e vale discutir, é avaliar como as vozes são organizadas nas narrativas, em tempos modernos, com mais informações, fluidas no tempo e espaço, sem desprezar os símbolos e culturais locais, regionais e nacionais. Ainda nesse sentido, quais as estratégias narrativas das mídias jornalísticas para a ordem de pensamento para a formação de ideologia política, considerando dois fatores: o regionalismo e as políticas neoliberais?

Apesar das múltiplas vozes com o advento da globalização é possível afirmar que há uma matriz narrativa hegemônica, ainda que provisória, que faz parte da ordem do dia, nas páginas impressas da mídia brasileira sobre a América Latina.

Finalmente, em essência, as histórias sobre o processo de produção das narrativas midiáticas são complexas e passam por diversas disputas ideológicas, em consonância com a atuação dos agentes sociais, sendo protagonistas e antagonistas para a formação do pensamento regional, com influência de outros personagens globais, por vezes, efetivamente no papel principal da trama. Para além disso, cada vez mais a sociedade está na dependência dessa mundanidade mediada, ampliando a importância dos *meios* para a formação das experiências, com reflexos no imaginário endógeno das comunidades da América Latina.

A globalização, portanto, não é apenas um fluxo contínuo de histórias pelas páginas dos mediadores comunicacionais, com seus protagonistas e antagonistas visivelmente descritos, mas há outras abordagens sumariamente necessárias. Como por exemplo, sua potencialidade de mudanças estruturais nas sociedades, considerando o multiculturalismo e o desenvolvimento político e econômico, de maneira a elevar a democracia, a igualdade social e ampliar a visão de mundo para novas realidades culturais – desenvolvimento tecnológico, avanços das economias hegemônicas, exploração de territórios, formação

cultural e comunicações fluidas na contemporaneidade. No entanto, as grandes potências mundiais desenvolvem modelos econômicos amplificados que atravessam fronteiras, em busca de produção e consumo que exige estruturação da realidade, a da utopia capitalista. Nesta abordagem, os países da América Latina não são somente agentes passivos nas transformações sociais, mas politicamente ativos e efetivos nas tramas das histórias das mídias, com atuação dos agentes de poder.

A hegemonia narrativa das grandes mídias jornalísticas, longe de ser uma produção simples, apenas uma questão de escolha de cada grupo familiar, ganha conotações complexas, nesse território de disputas, na definição das ideologias hegemônicas. Os personagens das tramas, por sua vez, dependem da realidade que se apresenta no mundo globalizado, sem esquecer-se de suas relações nas culturas locais e modelos políticos, cultural e economicamente global. As mídias fazem parte desse campo de disputas em que, nos acontecimentos, confrontam-se nas intrigas dos personagens, os quais nas histórias objetivam atingir o poder símbolo, e, no final, se inserem na representação, a partir da aceitação ou não da sociedade, na sua relação hermenêutica.

A América Latina, nessa perspectiva neoliberal, não é simplesmente a territorialidade de países com imaginários distintos em suas referências simbólicas, mas lugar em que a política tem importância e se faz fundamental para a manutenção das fronteiras culturais, contudo, na dependência de vozes de outras narrativas, que se inserem com influência e proposta de efeitos culturais, com suas verdades definidas pelas instituições também globais, na esteira de estratégias de sentido das narrativas para pensamento econômico e novos significados.

Compreender as narrativas do jornalismo contemporâneo é uma necessidade para se chegar à concepção do mundo pós-moderno e seus relatos, à formação de imaginários sociais, que são organizados nas histórias, publicadas diariamente pelas mídias, com a atuação de seus personagens. Antes de tudo, a visualização dos protagonistas e antagonistas na diegese do jornalismo político permite uma melhor compreensão da globalização e de imaginários com os quais convivemos e seus efeitos na comunicação para a realidade latino-americana, considerando nossa participação nesse universo das disputas ideológicas e poderes do domínio hegemônico regional e global.

A rigor, diante do exposto cabe-nos, descrever ainda a relação entre hegemonia e narrativa, considerando como importante nesta mesma abordagem as consequências do universo em expansão, que podemos conceitua-lo como moderno ou pós-moderno, dependendo do ponto de vista do analista. São categorias teóricas, contudo, fundamentais neste debate sobre as estórias que ultrapassam os limites dos estados para uma sociedade cada vez mais complexa, em decorrência do fenômeno globalização, em tempos de novas tecnologias da informação, para mais histórias (ou seria estórias?) e conhecimento. Deste modo, como podemos compreender a realidade em que vivemos nos tempos contemporâneos? Como relacionar a comunicação das mídias e hegemonia narrativa nesses tempos fluídos de comunicação e incertezas? Seria mesmo o fim dos metarrelatos, tão caros ao mundo científico, ou o mundo acadêmico (intelectual) ganha cada vez mais importância na formação dos relatos para definição de verdade e poder?

Emergencialmente o conceito de pós-modernidade traz a dúvida quando a fluidez da realidade que se descortina, diante de uma sociedade em contato com novas informações, disseminadas em quantidade por linguagens possíveis que resultam em conhecimento. A verdade, nesta análise, estaria a reboque da própria rapidez dos relatos, que sucedem internamente à comunicação social.

Simplificando ao extremo, considera-se ‘pós-moderno’ a incredulidade em relação ao metarrelatos. É, sem dúvida, um efeito do progresso da ciência; mas este progresso, por sua vez a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. A função narrativa perde seus atores (*functeurs*), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativas, mas também denotativos, prescritivos, descritos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis*. Cada um de nós vive em muitas destas encruzilhadas (LYOTARD, 2013, p. XVI, grifos do autor).

A pós-modernidade resultaria, portanto, como descreve o autor, na suspensão das verdades, com mudanças sucessivas de poder, cuja história (ideologia) estaria sendo questionada, considerando as metanarrativas resultantes da ciência sociais, deslegitimando-se os grandes relatos definidos ao longo do tempo, com seus atores e heróis. Um universo fluido em construção, com perda de poderes dos estados-nação, no centro do poder econômico e políticos dos últimos séculos.

Definitivamente, uma realidade pensada para o futuro, mas que ainda não se materializa numa sociedade em construção, sob a influência do poder que perpassa as nações, convivendo com sua realidade e cultura locais em disputas regionais e globais,

diante das diferenças que se mostram presentes, sobretudo na identidade, política e economia.

Em síntese, neste conceito, a condição de pós-modernidade pensada pelo Lytord, na sua obra “A Condição Pós-moderna” (2013), estaria numa perspectiva de desconstrução da grande narrativa “o ‘enredo’ dominante por meio qual somos inseridos na história como seres tendo um passado definitivo e um futuro predizível. [...] uma pluralidade de reivindicações heterogênea de conhecimento, na qual a ciência não tem lugar privilegiado” (GIDDENS, 1991, p.12).

De fato, um paradoxo considerando a importância dos relatos organizados pelas narrativas midiáticas nos tempos atuais, como veremos, para formação de conhecimento com capacidade de interferência na construção e desconstrução de heróis e símbolos para uma sociedade organizada pelo poder de seus agentes, por vezes centralizado em instituições sociais, com grande importância na definição narrativa de verdade e ordem de poder. Por outro lado, a racionalidade, que referencia a modernidade (da ciência e seus metarrelatos), já não seria mais o suficiente para definir os novos tempos contemporâneos, de comunicação e informação. Na visão de Giddens, apesar de “não nos deslocarmos para além da modernidade, porém estamos vivendo precisamente através de uma fase de sua radicalização” (1991, p.57).

Assim, descreve o autor,

Devo analisar a pós-modernidade com uma série de transições imanentes afastadas – ou ‘além’ – dos diversos feixes institucionais da modernidade [...]. Não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas. Nos termos desta análise, pode facilmente ser visto por que a radicalização da modernidade é tão perturbadora, e tão significativa (GIDDENS, 1991, p. 58).

De outro modo, pós-moderno ou modernidade radical, as disputas se revelam sucessivas na sociedade contemporânea pelo poder, de modo que não somente a ciência passa a ter importância na construção da realidade, bem como as instituições de maneira dinâmica. Os meios de comunicação, com suas narrativas seguem na definição da hegemonia narrativa a dar direção para uma sociedade em transformação, numa relação permanente com organismos que são fundamentais para uma sociedade sistêmica do desenvolvimento e tecnologia. Como resultado, a busca de poder torna-se cada vez mais complexo em tempos de mais informação. Assim, como descreve Giddens, “É que a

extensão global das instituições da modernidade seria impossível não fosse pela concentração de conhecimentos que é representada pelas ‘notícias’” (1991, p. 82). Não seria sem razão, portanto, a importância das narrativas midiáticas, na conservação e articulação de uma matriz hegemônica narrativa persistente, na modernidade.

Mas afinal, nestes tempos que descrevemos de transformação social, como pensar o poder hegemônico e suas narrativas (ou metanarrativas)?

Numa perspectiva, a categoria de hegemonia que adotamos nesta pesquisa, tem como importância, o ponto de referência do pensador italiano Antonio Gramsci, que considera, na modernidade, basilar a formação cultural e senso comum, através de grupos importantes na sociedade, formado pelos intelectuais na relação de poder. A rigor, descreve que “A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata [...], mas ‘mediatizada’, em diversos graus, por todo o tecido social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os ‘funcionários’” (GRAMSCI, 2006, p.20).

Como podemos notar, essencialmente, o que o autor tenta revelar é o espaço de disputas que ocorrem na sociedade, no sentido da formação do senso comum. Cujos resultados visam à hegemonia de elementos sociais, que atingem objetivos para uma sociedade para o desenvolvimento.

Por enquanto, podem-se fixar dois grandes ‘planos’ superestruturais: o que pode ser chamado de ‘sociedade civil’ (isto é, o conjunto de organismos designados vulgarmente como ‘privados’) e o da ‘sociedade política ou Estado’, planos que correspondem, respectivamente, à função de ‘hegemonia’ que o grupo dominante exerce em toda a sociedade e àquela de ‘domínio direto’ ou de comando, que se expressa no Estado e no governo ‘jurídico’. Estas funções são precisamente organizativas e conectivas. Os intelectuais são os ‘prepostos’ do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso ‘espontâneo’ dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante e à vida social, consenso que nasce ‘historicamente’ do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de correção estatal que assegura ‘legalmente’ a disciplina dos grupos que não ‘consentem’, nem ativamente, mas que é constituído para toda a sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo (GRAMSCI, 2006, p.20).

Deste modo, não seria sem razão a defesa de Lyotard (2013) para o fim dos metarrelatos que encontram diferentes formas de linguagem para se expressar numa sociedade pós-moderna de tempos fluidos, com a perda de poder da própria racionalidade das ciências – das mídias tradicionais. Contudo, na modernidade radical, a que defende

Giddens (1991), a história segue seu rumo, de modo a organizar a sociedade a partir dos fundamentos de dominação para determinados limites de conhecimentos e realidade cultural e política. Como nossa contribuição para este debate, à importância das instituições de poder na definição de uma organização que mantém a hegemonia de pensamento de grupos, que encontram seu poder nas linguagens narrativas dos meios de comunicação, um agente importante, nessa pós-modernidade do avanço tecnológico. A cada passo, no tempo, a reestruturação passa por estratégias, como aqui analisamos, chegando efetivamente à importância das narrativas na definição e manutenção de metanarrativas para a condução de uma matriz hegemônica. A instituição midiática tem sua fundamentação nesta conectividade com os novos tempos. Todavia, se as narrativas mediadas se apoiam na legitimidade dos intelectuais¹⁶, isto não significa domínio absoluto e irrestrito, numa ordem global, pois, “Um erro muito difundido consiste em pensar que toda camada social elabora sua consciência e sua cultura do mesmo modo, com os mesmos métodos, isto é, com os métodos dos *intelectuais profissionais*” (GRAMSCI, 2006, p. 205, grifo nosso).

Em resumo, sem desconsiderar as mudanças sociais que ocorrem e suas instituições na relação com a sociedade civil, como descreve Lyotard (2013), seguimos o pensamento de que as narrativas (hegemônicas) se modificam, mas não na fluidez que pressupõe as novas tecnologias. Isto em decorrência da materialidade das relações simbólicas e culturas pertencentes às sociedades latino-americanas, seguidas no tempo e de suas narrativas, numa relação com o passado, perpassando o presente e apontando para o futuro. Com razão, reconhece Giddens (1991), há transformações sucessivas na contemporaneidade, mas sempre na relação entre poder e hegemonia, com suas matrizes narrativas e discursivas mediadas, como tentaremos demonstrar mais adiante.

¹⁶ Neste ponto, torna-se importante considerar que, especificamente no universo da ciência, podemos acreditar na multiplicidade de pensamento e posicionamento ideológico, com diferentes visões de mundo e enfrentamentos, ainda mais complexos na contemporaneidade. Neste contexto, conforme análise desta pesquisa, a hegemonia narrativa estaria na *estratégia* do narrador midiático na legitimidade e organização de vozes. Assim, sustentar a matriz narrativa de poder e consenso para o prestígio daqueles que buscam a defesa da ordem, conforme realidade política panejada - discursivamente.

Capítulos II

NARRATIVAS DA AMÉRICA LATINA

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder. [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade. [...] as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p. 12).

A definição do sistema de poder que se estabeleceu nos Estados emergentes da América Latina forma-se, de maneira emblemática, como descrevem vários autores, os quais têm como objetivo compreender as forças políticas em disputa na América Latina – os seus efeitos na realidade contemporânea, na pós-modernidade. Para os objetivos desta pesquisa, cabe questionar como se formaram e se hegemonizaram tais poderes, no sentido de observar o papel dos principais protagonistas da política da região, de modo a analisar a configuração das narrativas midiáticas na diegese jornalística, considerando a ordem de desenvolvimento e independência desses países, tanto do lado da colonização espanhola como portuguesa.

Como tentaremos demonstrar, o controle político e econômico dos estados latino-americanos exigiu tempo de disputas, com necessidade de armas, ceifando vidas de ambos os lados, cujas narrativas prosseguem com intrigas sucessivas, diante dos mais variados interesses de elites locais e regionais, com intensa pressão dos países imperialistas – os do poder na época e aqueles que disputam domínio para a exploração das riquezas latino-americanas e mão de obra colonial escrava, o que torna a realidade contemporânea mais intrincada e complexa. Nesse imbróglio, está a formação de heróis latino-americanos e suas causas políticas, nos tempos de independência e guerras.

A organização dos Estados Nacionais passou por um período denominado anárquico devido a certa ausência de poder político, pouco consolidado, porque ele não se materializou efetivamente e, durante o período colonial, ou no pós-colonialismo, diante das disputas entre diferentes forças internas e externas. Duas potências imperialistas tiveram forte presença na formação da estrutura política da região, ou melhor, interferência

estrategicamente na determinação de poder externo, no empreendimento efetivo de uma organização endógena, que levasse em conta os interesses prioritariamente regionais, os da população nativa. Nesse sentido, os personagens desta análise são a monarquia inglesa e grupos econômicos emergentes do capitalismo, em busca de territórios para o excedente de lucros; depois, os Estados Unidos, com sua capilaridade cultural, econômica e política, com seu neoliberalismo e ordem global.

A globalização está na gênese da formação do capitalismo latino-americano, com uso dos meios de comunicação e suas narrativas que se inserem na luta pelo poder, o que vai se configurar, depois, nas batalhas pela independência dos Estados, definindo-se a partir de novas alianças econômicas, delineando-se os mercados nacionais e efetivando-se, assim, os grupos hegemônicos de cada estado, com interferência internacional das nações que buscam aumentar sua condição de império global. As narrativas sobre a hegemonia das elites, com lastros em outros centros econômicos se estenderam aos dias atuais, permanecendo com sua influência e poder na região, mantendo relações com grupos locais. Nesse cenário político se instalou no continente a globalização, cuja ideologia liberal é chave para a análise das vozes narrativas que desenvolveremos adiante, nesta tese.

Quando se pensa na América Latina e Jornalismo sempre vem à mente do pensador o questionamento sobre as coberturas jornalísticas que centram atenção nos acontecimentos dos grandes centros econômicos, como Nova York e Washington, com as imagens do poder político dos presidentes hospedados na Casa Branca, nos Estados Unidos, além das pequenas cidades que não se conhecem, devido à distância das metrópoles, mas fazem parte das cenas numa relação com os fatos do momento – além de países da fantasia, como a Disney, Hollywood, Vale do Silício, com suas tecnologias de ponta, que vão além da imaginação; e outros espaços maravilhosos com belas paisagens e enquadramentos narrativos. Na Europa, Londres, Paris, Roma, Berlim e os cenários dos poderes políticos e religiosos em disputas para tomada de decisões econômicas, sociais e culturais, nos últimos tempos de crises sucessivas da União Europeia. Na Ásia, Tóquio e Pequim, com destaque para a liberal Taiwan (com sua dependência chinesa), nos diversos conflitos com o governo comunista central, neste contexto, Taipé.

Na ordem do dia, são cenas comuns repórteres do mundo todo, representantes de diferentes veículos de comunicação e de grandes agências internacionais, com informações em tempo real dos assuntos relacionados à política, à economia e à cultura, envolvendo

grandes artistas, renomes do cinema, da literatura – além de programas de entrevistas com conexões entre Brasil e Estados Unidos, etc. -, das novidades tecnológicas, dos personagens das fortunas. Um cidadão brasileiro ou latino-americano não tem por que questionar a falta de conhecimento das notoriedades simbólicas de um mundo em movimento frenético e inovador, que aparecem em destaque nas capas de jornais e revistas regionais. No entanto, quanto à “comunidade latino-americana”, falta rapidez e os personagens das histórias quase sempre se transmutam de antagonismo, atraso, falta de modernidade, com guerras civis, violência, corrupção, drogas, guerrilhas, cenário de desolação. A rigor, dois lugares distintos para o processo comunicativo (global e regional) e, por vezes, revela-se imutável, passando de geração em geração. Dificilmente há grandes relatos sobre Buenos Aires, Montevidéu, Lima, La Paz, Santiago, Caracas, Bogotá, Quito e tantas outras importantes cidades com sua política, sistema econômico e social – Brasília ganha destaque na relação de seu poder global, certamente pela sua condição política na região e importância estratégica nas relações econômicas internacionais.

Será mesmo que, na história midiática do mundo, protagonistas e antagonistas já se definem sobre o território, com atenção aos cenários em que atuam? Um ser-mundo com diferentes membros, no qual cada um com os seus valores e desvalores. São os personagens que definem os holofotes, ou há outros valores jornalísticos para as histórias, como a hegemonia de uma narrativa que vai se materializando em conformidade com um roteiro simbolicamente definido?

Avaliar a relação entre território, cultura e narrativas midiáticas, neste contexto, pode nos levar a questões pontuais, como a geopolítica da cultura, como propõe Margareth Born Steiberger:

É a teoria do pensamento geopolítico popular, traduzido imaginário geopolítico popular. No passado, esse imaginário originou-se de sistemas de referência predominantemente mitológicos ou religiosos, ou científicos. [...] Hoje, o imaginário social geopolítico das pós-modernidade origina-se, principalmente, da interação social com as mídias, desde o cinema e a publicidade até a informação veiculada pelos jornais. Parto do pressuposto de que a percepção jornalística sobre os atores e suas relações no cenário internacional vinculam-se, ainda que de forma indireta ou inconsciente, com um quadro teórico-conceitual geopolítico, que não se constrói, entretanto, alheio ao conjunto de práticas socioinformativas que se delineiam no dia-a-dia dos noticiários. Para investigar, então, a possibilidade de um imaginário geopolítico social na América Latina, é preciso avaliar os modos de formação da opinião pública latino-americana sobre temas internacionais, descrever como se produz o noticiário internacional que circula entre nós e como nossos jornalistas constroem cenários geopolíticos no cotidiano das redações. Além dos discursos jornalísticos, também os discursos militares, diplomáticos e acadêmicos contribuem para esta discussão. (STEINBERGER, 2005, p.248-249).

Os critérios de noticiabilidade¹⁷ podem apontar algumas respostas teóricas, mas é preciso questionar os valores que simbolicamente norteiam o mundo narrativo do jornalismo, não somente dos tempos da globalização e do neoliberalismo, porém neste contexto mais efetivos e imediatos. O que estaria por trás da diferença de representatividade de pessoas, em seus territórios e cultura, sobretudo, na capacidade instantânea de informação? Protagonismo e antagonismos, portanto, podemos acreditar, já se definem previamente à narrativa, nos seus valores e hegemonia de uma cultura sobre outras. Ainda, nesse sentido, os personagens que reproduzem a hegemonia de conceitos, reconhecidos e legitimados com capital simbólico, prevalecerão sobre as ações nos acontecimentos, tal qual empenham os pensadores na análise sobre os critérios do Jornalismo para a definição da notícia. Assim, no entendimento das narrativas podem revelar seus valores (como os da territorialidade, da cultura), inseridos nas intrigas, disputas e os poderes que simbolizam o imaginário e a realidade, descrita cotidianamente nas publicações do jornalismo também na pós-modernidade.

Dênis de Moraes caminha nessa discussão com a visão do espaço comercial, como a proposta da dominação entre global e local: “A universalização de produtos, marcas, eventos referência culturais pode abalar a antiga supremacia de localismos e regionalismos, tradições e traços comunitários específicos, transformados agora em componentes de ampla e complexa geografia do consumo” (2013, p. 47). Para além das lógicas comerciais, a visão política de poder se insere nas mensagens, sendo de cunho comercial ou não. A propósito, no capitalismo, a busca incessante pelo monetário seria uma das maneiras teóricas de formar o fio da estória, o consenso narrativo, de modo a manter a realidade que não se pode revelar, nas intrigas da diegese. Por conseguinte, avalia o autor “[...] a distribuição das ofertas simbólicas geralmente vincula as diferenças socioculturais aos interesses comerciais – isto é, ‘tende a construir somente diferenças vendáveis’” (RAMOS, 2013, p. 48).

¹⁷ Análise bem pontuada por Mauro Wolf, no seu livro clássico sobre as Teorias da Comunicação (2001), na avaliação do papel fundamental dos Jornalistas, narradores, na definição da notícia, a ser publicada diariamente, com suas limitações, da materialidade das mídias. Uma discussão, talvez mais complexa em tempos contemporâneos, dadas as transformações no próprio suporte e limitações do espaço e tempo. Neste sentido, Traquina trás importante colaboração com também clássico livro sobre “Teorias do Jornalismo, Vol. II” (2005), quando descreve os valores-notícia, para se definir a hierarquia da informação jornalística. Valores que são do universo do jornalismo, considerando sua cultura e tradições. Longe, evidentemente da afirmação de que “As notícias são aquilo que o Jornalista entende como tal” (WOLF, 2001, p. 190).

Porém, as vozes que formam o pensamento na América Latina, passam por estratégias mais intrincadas, no processo de ordenação do conhecimento sobre os acontecimentos enquadrados, selecionados, agendados. Os fatores econômicos por si só, indubitavelmente, não conseguem dar conta das decisões de poder. O simbólico tem papel importante no jornalismo, para a historicidade mediada, de tal forma a se inserir no imaginário social. Não somente as mídias, mas as instituições sociais local, nacional e internacional, na perspectiva hegemônica, recebem função importante no Jornalismo com suas vozes, quando o assunto é a política, a economia e a sociedade. A rigor, a dominação “[...] não se esgota nessas manifestações econômicas, políticas, ou de violência” avalia Octavio Ianni (1974, p. 119), que se dedicou, nas suas pesquisas, à relação imperialismo e América Latina. Nesse sentido, o neoliberalismo é uma forma de poder capitalista que difunde o seu modelo globalmente, entretanto, não se não pode descrever do papel fundamental das culturas regionais, com seu imaginário e historicidade – mesmo em tempos de globalização. Por sua vez, as elites dos diversos Estados latino-americanos exercem papel fundamental, se a questão é poder externo, na formação da cultura da dependência e dominação, além da heterogeneidade nas disputas, que passam pelas intrigas narrativas nos meios de comunicação. “Mais ainda, a análise do imperialismo não se tornará completa enquanto não se conhecerem também as suas manifestações no interior das sociedades subordinadas. Essas manifestações dizem respeito a instituições” (IANNI, 1974, p. 122). Aqui, o autor se refere às relações econômicas, políticas, militares, educacionais, científicas, etc. E, por nosso turno, acrescentamos: não somente como força de poder na decisão de ações políticas, empiricamente, com força estrutural que exercem, mas na capacidade de tornar suas vozes de entendimento e condição de verdade na difusão simbólica. A mídia ganha fundamental importância no processo de se fazer conhecer a realidade que se apresenta, nas mediações. “Em outras palavras, trata-se de uma hegemonia consentida pelos povos subordinados” (IANNI, 1974, p. 124), ou na busca dessa concessão, por meio de argumentos, com capacidade de inserção no imaginário social. Portanto, o poder ideológico se torna efetivo quando se generaliza “[...] no interior da sociedade subordinada. Note-se, contudo, que a ideologia – sobre as mais diferentes modalidades – desempenha uma função fundamental nesse processo de internacionalização do domínio imperialista” (IANNI, 1974, p. 179), de consenso hegemônico, ainda que provisório.

A rigor, Descreve Maria Nazareth Ferreira:

A identidade de um sujeito individual ou coletivo é o compasso, a bússola que o orienta através da história. É por isso que qualquer projeto de dominação utiliza-se do controle psicológico do submetido. A destituição da identidade é o primeiro passo em qualquer tentativa de dominação: a colonização do submetido. A destruição da identidade é o primeiro passo em que qualquer tentativa de dominação: a colonização da personalidade (FERREIRA, 2008, p.59).

Seguindo o pensamento de Foucault quanto às vozes legitimadas pelas instituições, nesta análise, seria correto afirmar que as figuras heroicas estariam na definição da intelectualidade, local e global, de alguma forma reproduzidas na mídia planetária, na contemporaneidade? Quais seriam os personagens importantes da vida da América Latina, na sua formação política e social? Como analisar as batalhas de Simón Bolívar, San Martín, Antonio José de Sucre, nos tempos do sonho da Grã-Colômbia (a união de vários estados numa única nação, com poder institucional, político e econômico), das disputas políticas na Argentina do casal Domingos Perón e Evita Perón; da revolução cubana com Fidel Castro e Che Guevara; do neoliberalismo de Augusto Pinochet; do socialismo de Hugo Chávez, Evo Morales, Rafael Correa; na Colômbia das disputas entre as FARC e Álvaro Uribe; da simplicidade do revolucionário José Mujica, no Uruguai; do casal político Néstor e Cristina Kirchner, na Argentina; do trabalhismo de Getúlio Vargas, no Brasil; do cosmopolita e sociólogo Fernando Henrique Cardoso; do sindicalista e popular Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula? Nas narrativas os heróis e anti-heróis ganham status nas intrigas, de modo a formar o fio da estória, que leva, no final, o cunho ideológico, o que se insere numa perspectiva global da comunicação e das mediações simbólicas – neste meio está o poder capaz de interferir na construção simbólica e ressignificação de símbolos locais e regionais.

Seria talvez pouco defensável a afirmação de que as narrativas com visão de mundo hegemônico, desconsiderando o regionalismo para a formação de identidade é fenômeno dos tempos de globalização. No entanto, pode-se afirmar que na contemporaneidade o desenvolvimento tecnológico tende a aprofundar mais a separação entre protagonistas e antagonistas, na condução do fio da narrativa, de maneira consensual, considerando, então, as identidades culturais e territoriais, uma espécie de colonização no espaço simbólico. De fato, “O resultado dos avanços tecnológicos sobre os produtos simbólicos e sobre todas as esferas da vida social, criou um conceito novo de cultura: a cultura planetária” (FERREIRA, 2008, p. 59). Assim, as estórias vão sendo organizadas, de maneira mais

fluida, que “[...] atua sobre a sensibilidade, o imaginário social, modificando atitudes e comportamentos, interferindo profundamente no cotidiano da sociedade e transformando significativamente a relação entre cultura e comunicação” (FERREIRA, 2008, p. 60). A trama certamente se mostra mais intrincada, com estratégias mais sutis e na dinâmica das comunicações modernas, mais visual; no entanto, mais envolvente, de modo a atingir eficiência, na relação com o leitor. Contudo, o poder está na ordem do tempo e das narrativas, com suas vozes, para a construção da realidade – ademais, deve-se pressupor, nesse contexto, a busca incessante pelo universalismo dos valores ocidentais, por séculos.

Cenário para as narrativas na América Latina e seus personagens

A América Latina não está fora da *rota dos tempos* de exploração do comércio de especiarias e avanço do capitalismo mar adentro, em busca de novas terras para exploração. Encontrar novos territórios seria uma consequência de trabalho árduo já implementado pelo capitalismo emergente, no sentido de conquistas, exploração e riqueza. No contexto da historicidade da região, português e espanhol não estavam sozinhos no mundo; para as conquistas de novas terras e riquezas, uma grande potência na época navegava em alto-mar sob o comando da monárquica Britânica, com sua força bélica e política imperial, com uma elite econômica determinada a encontrar novos caminhos para o excedente econômico e satisfatórios lucros.

O sociólogo brasileiro Fernando Henrique Cardoso e o chileno Enzo Faletto, na famosa obra “Dependência e Desenvolvimento na América Latina” descrevem a postura política distinta dos impérios na formação da economia da região.

O predomínio da vinculação com as metrópoles – Espanha ou Portugal – durante o período colonial, a dependência da Inglaterra mais tarde e dos Estados Unidos por último têm muita significação. Assim, por exemplo, a Inglaterra, no processo de sua expansão industrial, exigia em alguma medida o desenvolvimento das economias periféricas, dependentes dela, posto que as necessitava para se abastecer de matérias-primas. Requeria, por conseguinte, que a produção das economias dependentes lograsse certo grau de dinamismo e modernização; essas mesmas economias, além disso, integravam o mercado comprador de seus produtos manufaturados, portanto, também era evidentemente necessário que se desse nelas certo dinamismo. A economia norte-americana, ao contrário, contava com recursos naturais e com um mercado comprador interno que lhe permitia iniciar um desenvolvimento mais autônomo com relação às economias periféricas, e ainda mais, em alguns casos, colocava-se em situação de concorrência com os países produtores de matérias-primas. A relação de dependência adquire assim uma conotação de controle do desenvolvimento de outras economias, tanto da produção de matérias-primas como da possível formação de outros centros econômicos (CARDOSO e FALETTTO, 2004, p.47).

Tal análise sugere a dependência dos países da América Latina em períodos remotos, na formação de sua cultura e identidade, considerando a cultura espanhola e a portuguesa, com influência política sobre as instituições regionais dos então impérios britânico e, depois da Segunda Grande Guerra, estadunidense – portanto, dependência econômica e política, com influência cultural e política.

Mas o surgimento das Américas para a historiografia ocidental tem como protagonistas Portugal e Espanha, que encontra um mundo novo desconhecido, porém, cheio de possibilidades para exploração. Do lado espanhol, a posse das riquezas é imediata, tornando os nativos escravos da ordem econômica da coroa, que desprezava, no período, o trabalho e a produção em seu território. A América Latina se torna a forma de manutenção do fausto reino espanhol, com sua monarquia, clero e nobreza em meio à riqueza do Estado monárquico.

Merece destaque a obra do pensador argentino Jorge Abelardo Ramos, a “História da Nação Latino-Americana” (2012), lançada em 1968, em espanhol e, em português, em 1994, na sua segunda edição. O texto, nas suas 583 páginas, consegue narrar com profundidade a condição histórica da região, no cenário internacional, considerando as interferências políticas, que causam, no final, a balcanização dos países latino-americanos, cuja separação política ocorre sob força dos países hegemônicos, primeiramente, pela Inglaterra, o chamado império Britânico com força imperial no comércio mundial. Depois vêm os Estados Unidos da América do Norte, inicialmente emergentes nas disputas econômicas internacionais, para se tornarem uma grande potência mundial, um vizinho com forte influência sobre as nações da América Latina¹⁸. Com muitos detalhes, Ramos descreve o perfil dos principais personagens da história, sobre as condições políticas e econômicas do colonizador espanhol, antes do processo de “descoberta” da América Latina, até os acontecimentos históricos da região, na contemporaneidade.

Assim, uma Espanha ávida por riquezas, depois de um erro de navegação, encontra terras desconhecidas pelos europeus, invade, então, o Novo Mundo, em busca de exploração e fonte de lucros, levando a região a se tornar um personagem das intrigas no mundo político e econômico, cujas economias se globalizam, ao longo dos séculos, difundindo sua cultura e seu capitalismo.

¹⁸ Sobre este tema Giovanni Arrighi, trás ampla discussão, na sua obra “O Longo Século XX”. São Paulo: Unesp. 1996.

Os que aqui chegavam do velho mundo, mesmo os simplórios, logo seguiam a tradição dos comportamentos faustos da metrópole.

Enobrecia-se, deixando de trabalhar. Ao longo de trezentos anos, com desenvolvimento da mineração, agricultura e indústrias, a situação dos índios não havia mudado. No Peru, os caciques indígenas se transformaram em cúmplices da exploração espanhola. Uma ordem de 1601 proíbe expressamente nas tecelagens a mão de obra indígena, que deve ser substituída por negros, pois os nativos estavam em vias de extinção (RAMOS, 2012, p. 100).

Os espanhóis, ao se depararem com a América, não encontraram uma terra sem habitantes, porém havia civilizações indígenas desenvolvidas, mesmo diante do modelo Europeu, com construções de edificações importantes na época, e que deixaram suas marcas nos tempos atuais. Símbolos que podem ser vistos nos tempos contemporâneos, geralmente preservados para exploração como lugares turísticos. Como explica Ramos,

[...] o império incaico exercia sua influência sobre o atual Peru, Bolívia, Equador, partes do Chile e do Norte argentino, certa fração da selva brasileira e até sobre um pedaço da Colômbia. O saqueio dos conquistadores contribuiu para dificultar um estudo completo da sociedade incaica e de suas origens. Os incas não tinham chegado ainda à escrita. Desconheciam a roda, o manuseio de metais (ferro), o vidro, o trigo e o cavalo. A civilização incaica fundava-se na propriedade coletiva da terra, no cultivo do milho e na domesticação da lhama. O desenvolvimento e o apogeu do império duraram quatro séculos. Constituíam, ao todo, uma confederação altamente centralizada de tribos. [...] Para sobreviver numa natureza que ainda não podia dominar, essa sociedade original havia criado um engenhoso sistema de irrigação agrícola, superior e muitos aspectos ao romano, e um conjunto de estradas digno de ser comparado ao concebido pela civilização clássica, e que ainda se usa parcialmente (RAMOS, 2012, p. 89).

Não somente os incas estavam por séculos na América, mas aqui havia ainda os Astecas, que formavam, na época da chegada dos espanhóis na região do México, “[...] uma confederação inorgânica de tribos, pouco afinadas com o poder central, cujas disputas internas ameaçavam gravemente a débil unidade de um regime menos integrado que o incaico”. Os astecas conseguiram, substancialmente, disseminar sua cultura numa parte reduzida do atual território mexicano. Os registros dão conta de outras civilizações de índios que habitavam a região, como descreve Ramos: os zapotecas, os tlascaltecas.

Deve se estabelecer desde já que a conquista espanhola enfrentou um grande império, cujo núcleo dominante encontrava-se assentado numa pequena ilha, da qual o poderio militar *náhuatl* (ou asteca) exercia o controle global sobre parte as 38 províncias tributárias dos astecas. [...] Ainda que sobre os astecas se disponha de informações mais abundantes que em relação às velhas culturas mexicanas, pode-se considerar que a conquista espanhola, como no caso do império Inca, provocou uma devastação de tal magnitude nos monumentos, templos, arquivos e manuscritos que grande parte do passado pré-hispânico acabou, em grande parte, indecifrável para a moderna investigação (RAMOS, 2012, p. 93).

Com a proposta de reduzir às cinzas a memória das civilizações indígenas, sacerdotes espanhóis, como no caso de Juan de Zumárraga, primeiro arcebispo do México, se “[...] envaidecia, numa carta de 1547, de que seus sacerdotes haviam destruído, até aquele momento, mais de 500 templos mexicanos e queimado mais de 20 mil ídolos” (RAMOS, 2012, p.93). Outro exemplo, “[...] Arcebispo de Yucatán, Diego de Landa, que em 1562 entregou ao fogo purificador os manuscritos maias, o único povo da América pré-colombiana que conseguiu criar uma escrita” (RAMOS, 2012 p. 93). No final, o resgate de suas realizações e cotidiano se perdeu para sempre, de uma civilização que havia desaparecido quando da chegada dos explorados europeus.

Nas colônias, organizaram-se os donos das terras, de origem espanhola, com concessões aos nativos, que conseguissem se enriquecer, porém com privilégios para os descendentes de europeus:

Os latifundiários criadores de gado, fazendeiros, mineradores ou donos de plantações com produtos exportáveis destinados ao mercado mundial eram espanhóis ou americanos enriquecidos, que, com mão de obra escrava ou servil, se inseriam no novo mercado internacional controlado pela Inglaterra. O açúcar, os diversos minérios, o charque, o sebo, os chifres, os couros, o tabaco, o trigo, o cacau, o café e o algodão dos vice-reinos do Peru, Rio da Prata, Nova Espanha, Nova Granada ou Império Português na América, ou na Antilhas, eram extraídos com sangue e o suor do trabalho forçado e transformados em capital comercial (RAMOS, 2012, p. 108).

Como descreve Ramos, logo as vozes surgem para desmerecer, ou, mesmo, invalidar sua cultura, as condições de vida de um povo que está dominado pela coroa europeia, embora com seus símbolos e marcas de desenvolvimento no tempo, de uma civilização com suas tradições, cultura e símbolos da América Latina. Para aqueles do Velho Mundo, como o conde de Buffon (Georges-Louis Leclerc – Naturalista, matemático e escritor francês), “De resto tudo na América é monstruoso. Os grandes animais ferozes são de pequeno porte; por outro lado, os répteis são enormes, os insetos descomunais, bem como são gigantes as rãs e os sapos os pântanos e a umidade cobre todo o continente” (RAMOS, 2012, p. 114). Uma terra que somente pode gerar homens frios e animais fracos. “Voltaire, por sua parte, é tributário da teoria climática de David Hume, quando afirma que ‘os povos distantes dos trópicos têm sido sempre invencíveis e os povos mais próximos dos trópicos têm vivido submetidos a monarcas’” (RAMOS, 2012, p. 115), portanto, nações inferiores ao resto da espécie. “A ciência ainda surpreende: no México, os porcos tinham umbigo na espinha. Embora conte com cordeiros grandes e robustos, os leões da América,

por outro lado, são esqueléticos, covardes e calvos” (RAMOS, 2012, p. 115). Voltaire descreve em uma “América Fantástica”, a singular ignorância do Europeu nos próximos séculos, destaca Ramos. No final, a narrativa define uma realidade, a qual vai se transformando, num país conquistado, com as marcas de impressão do conquistador, com nova cultura, cujos símbolos vão sendo substituídos por outros conhecidos no velho mundo, na agora América Espanhola.

Seguem as pesquisas de Ramos, entre decadência espanhola no Velho Mundo e perda da população indígena escravizada, que reduz drasticamente, ao longo de dois séculos, e um mundo que começa a sofrer alterações, ante o capitalismo que floresce e precisa de produtos e consumidores. A Companhia de Jesus, com a liderança de Ignácio de Loyola, tem papel importante nas disputas políticas com os europeus na América, diante de uma Roma conservadora, convivendo nas disputas com o protestantismo emergente na Europa. Com um exército espiritual e a intenção de defender o poder da igreja na América, os Jesuítas passam a exercer papel importante na defesa da causa dos indígenas.

Entre os séculos XVII e XVIII, os jesuítas se introduziram nas profundezas da América hispânica, até aonde nenhum espanhol ou português havia chegado ainda, e constituíram lá as célebres missões. No Paraguai, as missões alcançaram a sua forma mais evoluída, após meio século de experiências na Nova Granada [Colômbia]. Essas missões têm sido ‘formas socialistas’ ou ‘comunistas’ de convivência e de sistemas econômicos. [...] O capital acumulado no ‘campo de Deus’ era investido em obras de interesse geral: instrumentos mecânicos, edifícios, sementes, vestidos, etc. Os instrumentos de produção, bestas de carga, arados etc. eram de propriedade pública. Não existia, naturalmente, o latifúndio (RAMOS, 2012, p. 127).

Para manter as missões paraguaias longe dos caçadores de escravos, inclusive do Brasil, foi montado um exército com cerca de 30 mil soldados indígenas. Entretanto, logo, tudo veio abaixo, “Só a guerra da Tríplice Aliança, com a civilizada burguesia portenha e os escravagistas brasileiros de 1870, após aniquilar toda a população ativa do Paraguai, conseguiu instalar a grande propriedade privada na terra guarani” (RAMOS, 2012, P. 130). Os índios das missões que conseguiram fugir entraram mata adentro e foram *viver nas florestas*, naquela época, em algumas partes impenetráveis, como a região da Amazônia. Poderia ser uma segunda destruição da memória dos povos da América. Tudo o que foi construído e escrito ali, inclusive as bibliotecas dos Jesuítas, foi reduzido às cinzas.

Uma Espanha cada vez mais decadente com sua economia para a guerra e os faustos da nobreza, logo se depara com um personagem importante: Napoleão Bonaparte, que entra no país com seu exército e depõe a coroa, empossando como imperador o irmão,

José Bonaparte, em 1808. Um ano antes, o líder francês, reconhecido e temido por suas façanhas militares, nas conquistas de novos territórios, com seu exército, também expulsa a família real portuguesa para o Brasil, como descrito em quantidade pela historiografia brasileira, mudando definitivamente, o desenvolvimento político, social e cultural do lado brasileiro¹⁹.

A América espanhola passa, então, a ser comandada por uma Junta Central, com dificuldades para liderar politicamente sua colônia. Cenário que faz surgir dois personagens importantes, com suas disputas políticas e, sobretudo, econômicas no novo mundo: a Inglaterra e os Estados Unidos.

O governo britânico conseguiu atravessar momentos difíceis. A economia inglesa sofria com o bloqueio continental decretado por Napoleão. Os Estados Unidos levantavam, ao mesmo tempo, uma dura barreira protecionista contra a sua antiga metrópole. A tentação dos mercados sul-americanos tornava-se demasiado forte (RAMOS, 2012, p. 151).

Diante da falta de poder central e ambições diversas, envolvendo o desejo de ganhos capitalistas na região, a revolução latino-americana pela independência vai se mostrando um caminho possível, com ações nesse sentido sendo organizadas pela população e elites, que se formam nas frágeis economias locais. O próprio exército espanhol estava dividido em terras americanas e os interesses regionais das “[...] classes privilegiadas crioulas exportadoras e latifundiárias que, vinculadas, em geral, com o império britânico, só pensava em romper com a Espanha para enriquecer sem limites” (RAMOS, 2012, p. 158). Entra nesta trama um personagem muito importante, amado e odiado no meio político da região, que, de fato, compõe as narrativas da América Latina espanhola, há quase dois séculos: Simón Bolívar.

Simón José Antonio de la Trindad Bolívar nasceu em Caracas, em 24 de julho de 1783. Oriundo de família abastada e descendente de espanhóis da região de Biscaia, ao norte do país, seus antepassados chegaram à Venezuela em torno de 1589. Seu avô, Juan Bolívar, pagou para obter o título de Marquês de São Luiz, o que lhe foi negado, posto que os genealogistas encarregados de certificar a pureza de sangue da família Bolívar encontraram traços índios entre os antepassados investigados (FREDRIGO, 2010, p. 23).

Simón Bolívar foi pego pelo destino logo cedo. Tornou-se órfão prematuramente. “Perdeu pai e mãe aos três e aos nove anos respectivamente” (FREDRIGO, 2010, p. 24),

¹⁹ Numa referência ao desenvolvimento da imprensa no Brasil, Marques de Melo, tem ampla discussão sobre o tema, numa relação à colonização Espanhola e Portuguesa, com diferenças de colonização, com reflexos na comunicação impressa, em “História Social da Imprensa”, Porto Alegre, EDIPUCRS, 2003.

conta a autora. Depois de passar sob a proteção de familiares, encontrou uma pessoa que seria importante para sua formação política e intelectual. “Leitor e admirador de Rousseau, Simón Rodrigues teve influência decisiva na formação do jovem venezuelano” (FREDRIGO, 2010, p. 24), que vai ficar na sua companhia até os 14 anos. Rodríguez é expulso do país devido à suspeita de participar de rebelião contra o poder espanhol. Então, Bolívar inicia sua vida militar “[...] no IV Batalhão de Milícias de Blancos de los Valles de Aragua” (FREDRIGO, 2010, p. 24). Ele que vai se tornar o herói para muitos defensores de uma política de integração regional, aquele que luta nos campos de batalha e nos espaços políticos, nos centros econômicos mundiais da época, pela união da América Latina em torno de um governo, grandeza territorial e poder político. Para isso, arregimenta força militar, com importantes aliados, para vencer o exército espanhol na região, além das fortes intervenções políticas regionais, cujos personagens obtinham retorno com negociações, com centros comerciais, com negócios na América Latina. Bolívar se preparava também para as batalhas contra as elites escravocratas e exploradoras do trabalho dos nativos e governos favoráveis à dependência econômica aos países centrais.

Um protagonista lembrado em muitos pronunciamentos recentes do ex-presidente Hugo Chávez (morto vítima de Câncer, em 2013), que, durante seu governo, na Venezuela, usou, com frequência, a imagem do herói da revolução latino-americana para defender o nacionalismo venezuelano, principalmente nas disputas de poder regional com os Estados Unidos²⁰. Nos discursos de Chávez, a defesa da chamada política bolivariana, que moveu céus e terras para criar e manter a Grã-Colômbia, integrando várias nações em um único país, seguindo os princípios de integração da América Latina, em conformidade com proposta política do Simón Bolívar, como deixa entender em seus pronunciamentos nas emissoras de Rádio e TVs estatais.

Depois de várias viagens - e aproveitar a boa vida na Europa - Bolívar inicia outra fase de sua vida como protagonista importante na América, quando

[...] já em 1810, Bolívar trava em Londres relações com Francisco de Miranda. O ancião revolucionário concederá ao jovem mantuano o seu primeiro grau militar. Ali nasce o Bolívar Histórico. Lembrar-se-á que Miranda não era pura e simplesmente um ‘agente britânico’, mas o criador da ideia de uma América unida (RAMOS, 2012, p. 174).

²⁰ Ao longo do tempo, com a referência permanente ao bolivarianismo em discursos publicados pela mídia, a associação entre Chávez e os ideais de Simón Bolívar, tornou-se senso comum – além da visibilidade entre as apresentações do boliviano, com exploração de imagens do revolucionário latino-americano.

Outro personagem da historicidade da América Latina é um soldado do exército espanhol, “[...] um índio, de traços que lembravam os de um mestiço. Era filho de um capitão espanhol. [...] É San Martín, que encabeçaria, no Rio da Prata, o ‘partido hispano-americano’ contra o localismo portenho dos Rivadavia” (RAMOS, 2012, p. 170). Bernardino de la Trinidad González Rivadavia y Rivadavia foi outro personagem que merece ser lembrando, cujo protagonismo se insere entre aqueles que defenderam o domínio britânico na região portenha, do Rio da Prata, depois, Buenos Aires, Argentina. Em alguns momentos, dividiu sua atenção com o poder dos Estados Unidos, tornando-se uma figura exponencial para a formação política do país, defendendo a separação das demais nações da região, impondo-se contra Simón Bolívar e San Martín, tornando-se, ao longo das disputas políticas, um forte inimigo da revolução de independências da América Espanhola – em algum momento, traíndo a confiança dos líderes da revolução, usando de estratégias e proteção das economias imperiais para impedir resultados políticos revolucionários. Martín e Bolívar, como descreve Ramos (2012, p. 172), inicialmente são responsáveis pela pressão política, em 9 de julho de 1816, pela independência da Espanha das províncias do Rio da Prata.

Com a monarquia Espanhola enfraquecida com as guerras napoleônicas na Europa, a América Latina aos poucos vai se organizando com suas elites, no interior do território, na busca da independência. Entre os marcos das lutas latino-americanas, uma delas se mostra irrefutável na sua historicidade, com ganhos políticos dos novos líderes determinados às batalhas: o surgimento da Grande Colômbia, como descreve o jornalista Carlos Taquari:

A vitória de Simón Bolívar sobre os espanhóis na Batalha de Boyacá, em agosto de 1819, levou à formação da República da Grande Colômbia, que incluía todos os territórios sob jurisdição do vice-reinado da Grande Granada de Espanha (hoje correspondente ao Panamá, à Venezuela e à Colômbia). Bolívar assumiu o governo da Grande Colômbia como presidente, tendo como vice-presidente seu companheiro de batalha general Francisco de Paula Santander. Em 1822, o Equador juntou-se ao grupo, mas a República da Grande Colômbia teria vida Curta (TAQUARI, 2012, p. 240).

As condições para a existência da Grande Colômbia exigiu o reconhecimento estratégico da Grã-Bretanha, que assinou tratado de comércio com o vice-presidente, Santander. Os objetivos de Bolívar de obter a proteção dos ingleses e evitar nos países da Europa a cobiça nos mercados sul-americanos e impedir a revolução, eram políticos.

Na região conhecida como Peru, San Martín quis dialogar com a coroa Portuguesa, cujo Rei era Fernando VII. O objetivo seria pedir ao monarca designar uma junta governamental escolhida pelo vice-rei e ele para reinar sobre o Peru, jurando previamente a constituição, como destaca Ramos (2012, p. 209). Martín foi ignorado e somente restava a independência através das armas. Porém, a empreitada do soldado da independência não estava resolvida, faltava lutar pelo Alto Peru, que passaria às mãos dos realistas. Sem recursos, a saída seria buscar ajuda com os portenhos, mas Rivadavia se negou a fazer empréstimos e lutar pela independência dos alto-peruanos. Não se pode dizer que a burguesia argentina estaria de fato interessada nas batalhas pela emancipação da região, afinal, suas relações eram sempre muito próximas com os Britânicos, que espreitavam reduzir a força dos líderes, de modo a enfraquecer a política dos independentes, e continuar com os negócios com as burguesias da região. Martín logo se vê incapaz de vencer a guerra e depõe as armas, deixando a solução peruana para Bolívar.

Outro personagem que ganha fama nas narrativas da América Latina é Antonio José de Sucre, o qual, heroicamente, consegue libertar a população do Peru das garras do exército espanhol, de maneira definitiva, sendo um general subordinado e amigo de Simón Bolívar. A batalha ocorre nas montanhas de Ayacucho.

As forças patrióticas somavam 5 780 homens e os realistas do vice-rei La Serna com, 9 310 soldados. A vitória americana foi completa. Caíram prisioneiros o Vice-rei La Serna com todos os seus generais, começando por Canterac e Valdés, com mais de 600 oficiais e 2 mil homens de tropa. Quase 2 mil mortos ficaram sobre o campo de Ayacacho, encerrando-se aí o poder espanhol na América (RAMOS, 2012, p. 227).

Os portenhos exploravam o comércio do Alto Peru, com uso da força de trabalho indígena por suas elites. Nesse sentido, seria de esperar a anexação à Argentina, que logo entende ser necessária a independência do território, com política própria, para incompreensão de Bolívar, o qual buscava incessantemente a revolução latino-americana. Em 17 de julho (1825), Sucre marca Assembleia com deputados do Alto Peru, que esperou uma semana a decisão dos portenhos, que oficialmente decidem que não tomariam parte nos destinos do alto-peruanos. “Apesar de Sucre ser favorável a tal solução, a assembleia de encomendeiros e advogados temia que Bolívar resistisse a aprovar o projeto. Começou então a ‘deificação’ de Bolívar” (RAMOS, 2012, p. 246-247). Na sequência, como deliberação da política local, nasce a República Bolívar, como forma de homenagear e ganhar a proteção político-militar de Simón Bolívar. “De acordo, com tal resolução,

Bolívar exerceria o supremo poder da República para todo o tempo que desejasse residir nela; fora de seu território, gozaria das honras de protetor e Presidente.” (RAMOS, 2012, p.247). No país que é hoje presidido por Evo Morales, antes Alto-Peru, havia milhares de indígenas explorados²¹ pela burguesia portenha na extração de minérios e comércio de produtos importados da Europa. O nome do país torna-se, na sua origem, uma homenagem ao herói da revolução sul-americana, com sua independência definitiva da Espanha, em 6 de agosto de 1825.

A América Latina vai ganhar ares de região com políticas próprias, de modo a formar uma nação com capacidade para promover movimentos comerciais e políticos, no entanto, as duas potências na época espreitam a região, com preocupação e zelo. A Inglaterra sempre com um jogo dúbio, ao mesmo tempo em que se mostrava parceira dos espanhóis se aproximava da América, interferindo na sua política e impedindo o poder da Espanha na região, além de criar embaraços políticos entre os líderes da revolução, no sentido de evitar o seu progresso, que resultasse em união das Américas.

Os Estados Unidos, por sua vez, tentam se aproximar da região, mantendo uma posição de neutralidade. “Desse modo, a marinha mercante norte-americana estabeleceu estreitas relações mercantis com os portos Pacíficos, especialmente com Chile. Comercializou intensamente com o Caribe, Venezuela, México e o Rio da Prata” (RAMOS, 2012, p. 255). Como mostra Ramos (2012, p. 255), em 1806, 12% do valor das exportações dos americanos do norte vinham da relação com esses países latino-americanos. “Indústria e o comércio norte-americano alimentavam grandes esperanças no gigantesco mercado que se oferecia sem esforço no Sul. Porém, o processo revolucionário latino-americano abre as portas para o comércio livre em todas as antigas colônias espanholas” (RAMOS, 2012, p. 257), mas os britânicos conseguem franquias exclusivas para inundar o continente com suas manufaturas.

No Uruguai, por sua vez, surge outro personagem das narrativas latino-americanas, José Artigas, que pertencia a uma das sete famílias que fundaram a cidade de Montevideú. “O futuro caudilho era da terceira geração de militares e fazendeiros orientais (Rio da Prata) que combatiam na fronteira contra o vizinho português” (RAMOS, 2012, p. 260). Em linhas gerais, o protagonista se vê numa disputa com Espanha e Portugal, na banda

²¹ Como descreve Ramos (2012, p. 240), nas minas do alto peru trabalhavam 15 mil índios mitayos, que eram obrigados ao trabalho na extração de minério até a morte. Aqueles que conseguiam sobreviver depois de anos de trabalho (período da mita), eram resgatados por qualquer pretexto para morrerem nas minas.

oriental do Rio da Prata. Em fins do Século XVIII, Artigas se une a Dom Félix de Azara, “[...] um militar, homem da ciência, naturalista, geógrafo, engenheiro e civilizador” (RAMOS, 2012, p. 261). A missão que assumem é a distribuição de terras da banda oriental para os índios que restaram das missões jesuíticas. Logo, conseguem superar os absolutistas espanhóis, porém, os europeus, depois de dez anos, vencem a batalha. Mas a guerra não havia terminado, deviam ainda enfrentar os portugueses que veem oportunidade de anexar ao Brasil a parte Uruguiaia, banda oriental do Rio da Prata. Artigas logo vai sentir a falta de apoio dos portenhos, de muitos que o apoiavam anteriormente, que se recusam agora a entrar na batalha a seu favor, com atenção aos interesses de manter domínio comercial e territorial. Sem apoio dos fazendeiros, sobram-lhe os índios, porém, sem condições materiais para as batalhas, já em farrapos e acuados pelas condições políticas e financeiras. Em 1820, como conta Ramos, ao ver a derrota, o personagem foge para o Paraguai, país em que, após 30 anos, veio a morrer. Os portugueses incorporam a região denominada pelo governo brasileiro de Província Cisplatina. Anos mais tarde, a Banda Oriental consegue sua independência e forma a República Oriental do Uruguai, não sem antes disputar, em campo de guerra, envolvendo portenhos e brasileiros, com interferência dos britânicos em favor dos portugueses, porém, com a vitória dos argentinos.

O próprio Brasil se converteu em ponta de lança britânica contra o resto da Nação Latino-americana enquanto esta, por sua vez, era jogada pelo mesmo amo imperial contra o Brasil. Ignoraram seus heróis e conflitos, seus pensadores e suas revoluções, que permaneceram enclausuradas atrás das imensas fronteiras (RAMOS, 2012, P. 266).

O jogo de poder, sobretudo do império britânico na América Latina consistia em evitar, a qualquer custo, as relações políticas e econômicas entre os países da região, de modo a impedir a organização de forças que pudessem enfraquecer os contratos com os europeus. Nessa empreitada, os ingleses não estavam sozinhos e contavam com o apoio de governos e elites locais, de modo a obter resultados para determinados grupos políticos, como o caso dos portenhos, com acesso ao mar, cuja região obtinha acesso rápido ao comércio e produtos, por meio de navios do Velho Mundo. O Brasil estava posto nesse tabuleiro, como uma nação que se mostrava distante das decisões do lado da América Espanhola²².

²² Talvez seja uma discussão para os tempos atuais de globalização, em que grande parte da mídia e grupos econômicos volta seus olhos e atenção para os mercados dos grandes centros, como Estados Unidos e Europa. As intrigas das narrativas midiáticas, neste sentido, envolvendo os personagens políticos da América

Ademais, a história brasileira estava tão separada da história da América espanhola como a de Portugal a respeito da Espanha. O Império britânico realizaria na América a tarefa magistral de criar um antagonismo básico entre Portugal e Espanha, que disputaram sempre absurdas diferenças territoriais, enquanto a Inglaterra dominava ambos os mercados, submetia as duas dinastias governantes e impedia a unidade nacional das duas metrópoles ibéricas (RAMOS, 2012, p. 298-299).

O Paraguai, por sua vez, como narra Ramos, nas disputas regionais, com interferência decisiva dos britânicos e estadunidenses, colocando em lados opostos os interesses da política portenha e de Simón Bolívar, vai se refugiando de maneira isolada. Passa a existir apenas com as tradições e culturas deixadas pelos jesuítas, das missões, sem latifúndio – “[...] que permitiu a seus governos posteriores fundar a sua estabilidade sobre uma espécie de democracia agrária solidamente enraizada” (RAMOS, 201, p.300). No comando da nação, exercido com mão de ferro, estava Dr. José Gaspar Rodrigues de Francia, que preferiu formar um país autossustentável, de forma a não depender dos vizinhos em conflitos permanentes, exigindo tomada de posição política dos governantes dos países.

O isolamento do Paraguai encontrou no seu solo e na sua estrutura econômica uma base real de resistência. Já os jesuítas haviam organizado a produção de erva-mate. Da mesma forma, a província paraguaia produzia, praticamente, todo o tabaco que se consumia no vice-reinado. [...] Como o Paraguai contava com as mais variadas madeiras e cursos de água navegáveis, nasceu também uma discreta indústria naval, que construía barcos de até 160 toneladas. A criação de gado e a agricultura eram prósperas [...] Cultivava-se também o algodão, que fornecia a matéria-prima para fazer os tecidos necessários para a vestimenta das 600 mil almas que habitavam o Paraguai. [...] Nunca chegou a entender que, ou o Paraguai se integrava a uma confederação latino-americana como província, para inserir-se no progresso histórico geral da ação, ou deveria integrar-se, forçosamente, ao mercado mundial como uma ‘nação’ agrária submetida. Francia não quis nem uma coisa nem outra. (2012, p. 301).

As disputas regionais, nas décadas de 1820, se firmavam entre as nações que mantinham relações com britânicos e Estados Unidos e não desejavam a formação de uma América Latina política e economicamente unida, como é o caso notório da Argentina de Rivadavia; os que se mantinham neutros, temiam fazer escolhas erradas e submeter à população do país as mais graves dificuldades de sobrevivência, como foi o caso do Paraguai e das nações que seguiam a política da independência das grandes economias externas, ao lado de Simón Bolívar.

Latina, sempre vistos como anti-heróis, podem sinalizar um cenário com propostas estratégicas de impedir organização regional, capaz de competir com as forças econômicas internacionais mesmo regionalmente.

Com o propósito de formar um consenso político e definir diretrizes para a região, com uma América Latina independente e unida, Bolívar, depois de fundar a Colômbia, “[...] colocou em prática o seu propósito de iniciar a confederação dos novos estados hispano-americanos. A ideia de reuni-los num congresso no Istmo do Panamá tomou forma” (RAMOS, 2012, p. 287). O sonho de um grande império hispano-crioulo, não mais existia e a via seria mesmo a da política, envolvendo as lideranças das várias nações. Se não era possível uma confederação com os espanhóis, que não aceitavam a independência dos países da região, sendo apenas um integrante, então, não restava outra alternativa. O Peru, aliado de primeira hora de Bolívar, mostrou-se pronto para o Congresso, mas tinha como proposta a participação dos Estados Unidos, da Grécia e de Portugal.

Quanto aos argentinos a recepção ao convite não foi a mesma. Rivadavia, o homem forte da política, diante de negociações com os britânicos e os Estados Unidos, não se prontificou a participar do congresso, posicionando-se contrário a qualquer política na região que não fosse de abertura com os parceiros econômicos, embora se dissesse empenhado na independência dos países latino-americanos. O México se prontificou a estar presente no Panamá, nação que convivia com um drama: a proximidade com os Estados Unidos, vizinhos de fronteiras e capazes de ampliar seu domínio sobre o território mexicano; então, procurava estreitar relações com a Grã-Bretanha, “[...] que lhe permitisse respaldar-se no poder europeu” (RAMOS, 2012, p. 294-295), sem aproximar-se muito dos Estados Unidos.

Assim, os países da América Central participaram do Congresso, circunscrito ao Peru, à Colômbia (que integraria a Venezuela e o Equador) e ao México. Já o Chile, apesar de comprometer-se de enviar representantes, eles lá não chegaram. O Brasil, envolvido nas disputas internas, não enviou ninguém para representá-lo, como seria de esperar. A rigor, o Brasil oficial se mantinha distante da América Espanhola, mas “[...] o Brasil revolucionário estava presente nos exércitos de Bolívar, na pessoa de José Inácio de Abreu e Lima, o ‘General das massas’” (RAMOS, 2012, p. 298), o qual lutou em várias batalhas, sendo mais conhecido do lado espanhol do que do brasileiro.

O Paraguai, diante da sua decisão de isolamento, não se faz representar. O mesmo vai ocorrer com os Estados Unidos, que, mesmo convidados, a contragosto de Bolívar, e apesar do compromisso de enviar representante, isso não ocorreu. Diferentemente dos britânicos que se fizeram representar por um agente oficial, Edward J. Dawkins. Sua

missão seria a de evitar que no Congresso fossem retirados poderes comerciais firmados com a Inglaterra. Outra missão, impedir o poder dos Estados Unidos na imposição sobre os países latino-americanos. Ao constatar que o país da América do Norte não estava representado, a proposta do agente estava assegurada.

No final, o Congresso se realizou entre os dias 15 de junho e 15 de julho de 1826. No dia do encerramento do congresso,

[...] se assinou um tratado de União, Liga e Confederação perpétuo entre os quatro estados, aos quais poderiam se incorporar os estados restantes da América espanhola, se dentro do ano da sua ratificação resolvessem aderir a ele. A cada dois anos haveria uma reunião confederativa, em tempos de paz; e cada ano, em tempo de guerra. Também se estabeleceu uma proporção de dinheiro e de tropas para a defesa comum (RAMOS, 2012, p. 304).

O congresso do Panamá, embora tenha sido importante momento político, no sentido de demonstrar proposta de união das nações latino-americanas, no final, marcou em definitivo o futuro da América Latina, levando à morte o seu herói. A Espanha havia deixado sua herança na economia da região com uma elite dependente da mão de obra escrava e comércio com as grandes nações exteriores. Se Bolívar conseguia força militar e ideológica, o mesmo não ocorria na estrutura econômica de uma região dependente e com economia frágil, encravada em meio à imensidão de terras. Importante, ainda, considerar que a Grã-Colômbia que se estabelecia no Congresso teria Bolívar como uma espécie de Rei, com poder absolutista.

O edifício começa a ruir nos seus próprios alicerces. Às antigas acusações portenhas de aspirar à ditadura do continente se somam, agora, com renovadas forças, vozes provenientes da própria Colômbia e até o seu círculo íntimo, que falam de suas pretensões de coroar como rei. Lembre-se que a Constituição Boliviana escrita pelo libertador estabelecia a presidência vitalícia e uma soma de atribuições presidenciais próximas do poder absoluto (RAMOS, 2012, p. 309).

O sonho político da revolução latino-americana começava a dar sinal de pesadelo, quando todas as nações entravam em conflito com interesses das oligarquias e fazendeiros. A imposição da constituição centralista boliviana ao Peru e à Grande Colômbia gerou crise em todo o sistema. No Peru, havia conspiração contra Bolívar para romper os laços com a Colômbia e a Bolívia. O vice-presidente da Colômbia, general Francisco de Paula Santander, começou a tramar a morte do presidente colombiano, Simón Bolívar. “Santander era forte no Senado e no comércio, os dois pilares clássicos das oligarquias latino-americanas” (RAMOS, 2012, p. 311), e naquele momento se mostrava temeroso,

devido às intrigas políticas contra Bolívar, e aguardava o pior. Na busca de atingir seus objetivos, o vice-presidente da Colômbia reunia-se com militares próximos, para se armar contra o revolucionário latino-americano. Numa tentativa de assassiná-lo, porém, a companheira de Bolívar conseguiu salvá-lo. Manuelita Saz recebeu os assassinos de camisola e “[...] com uma espada em punho, enquanto Bolívar se punha a salvo. Um dos conspiradores derrubou aquela mulher que havia combatido com lança em Ayacucho e, uma vez caída no chão, lhe golpeou a cabeça com a bota.” (2012, p. 315), descreve Ramos.

Sucre não conseguia sobrepor-se ao poder oligarca na Bolívia, que começava a ruir, sendo obrigado a abrir mão da presidência e rapidamente socorrer Bolívar que enfrentava insurgentes na invasão peruana. “A grande Colômbia caía em pedaços. Os encomendeiros bolivianos se declaravam independentes; o mesmo fazia o Peru. O general Flores, Fervoroso bolivariano, tornava independentes os departamentos do sul da Grande Colômbia e fundava a República do Equador” (RAMOS, 2012, p. 316). Aos 47 anos e doente, Bolívar já sentia a derrota. Tanto Bolívar quanto Sucre, o general de tantas batalhas, deixavam a Colômbia. O primeiro para cuidar da saúde e o segundo para encontrar a esposa em Quito, num tempo difícil de lutas e derrotas, sobretudo na política revolucionária, que parecia chegar ao fim. Na sua viagem, ao atravessar a província de Pasto, governada pelo general Obando - cuja região se mostrava revoltada contra a revolução na América Latina -, caiu numa emboscada e foi morto.

Bolívar se encontrava perto de Cartagena quando recebeu a notícia do assassinato de Sucre, que o deixou estupefato e precipitou sua morte. Estava disposto a viajar para a Europa, embora não tivesse mais recursos, pois havia presenteado a sua chácara, penhorado sua prataria e distribuído seus últimos centavos entre a multidão de oficiais, soldados e partidários que fugiam da hostil Bogotá. Aquele mantuano que, ao iniciar a revolução, tinha mil escravos, libertara a todos. Agora, os proprietários de escravos, que ele recusou expropriar, o expulsavam de sua pátria. Só esperava um barco para afastar-se da terra das suas façanhas. Ao sentir agravado o seu mal, chegou até Santa Maria. Ali, os médicos comprovaram que seus dias estavam contados. [...] Morreu em 17 de dezembro de 1830 em Santa Maria, em cama alheia, médico gratuito, sem um centavo e com a Grande Colômbia dividida em cinco estados (RAMOS, 2012, p. 323).

Os personagens heróis que lutaram pela revolução da América Espanhola sucumbiram ao destino - San Martín envelhecia na França -, das grandes disputas comerciais, oligarcas, em uma região com fortes relações com outros centros econômicos. Em muitos momentos os protagonistas voltam ao imaginário libertador da América Latina, mas logo desaparecem como um passe de mágicas, num processo de intrigas e disputas que

está vivo nos dias contemporâneos e pode ser entendido nas vozes da mídia latino-americana, numa estória que não termina.

Depois da Conferência do Panamá, outras reuniões foram convocadas por alguns países em razão de uma fragilidade momentânea, é o caso do Congresso de Lima de 1847/1848 que ocorreu por temor de uma nova intervenção da Espanha no Equador e que assegurou uma ideia de segurança coletiva; Conferência de Santiago em 1956 que teve resultados mais importantes para o direito internacional privado; Conferência de Lima de 1865 que ocorreu depois da invasão francesa ao México e cuja proposta era a criação de uma União Latino-americana que fosse capaz de manter a paz e solucionar disputas fronteiriças. Essas Conferências Pan-Americanas, conhecidas como movimento pan-americanista, tiveram adesão de poucos países e não conseguiram consolidar nenhum projeto duradouro (RICOBOM, 2012, p. 99).

Neste cenário não se pode esquecer da iniciativa dos Estados Unidos em criar a doutrina Monroe (anunciada no governo de James Monroe), em 1823, cujo objetivo propagado estaria em conformidade com o lema “América para os Americanos” – três anos antes do Congresso do Panamá, de Simón Bolívar. Nessa disputa pelo poder, a proposta tinha outro interesse, a “afirmação dos Estados Unidos no cenário internacional frente às potências monárquicas da Europa, auto-protetidas na Santa Aliança” (RICOBOM, 2012, p. 97). Como anotado por Ramos (2012), em sua obra, com destaque na sua narrativa, em várias partes de suas análises, na disputa entre Grã-Bretanha e Estados Unidos, esta seria o que pode se chamar de jogada de mestre, de modo a fazer prevalecer a força desses países imperiais. Mais tarde, os norte-americanos se transformam na maior potência mundial econômica, cultural e bélica (ARRIGHI, 1996). A América Latina estaria sob a influência de um já conhecido personagem, com ações que promovem transformações na região, como a anexação de partes do México entre seus estados.

Elites nacionais e as vozes para a dependência

A compreensão das vozes para consenso narrativo na América Latina passa pelo entendimento da postura dos diferentes personagens em disputa na política e na economia regional. A dependência dos latino-americanos é um tema que, por muito tempo, chamou a atenção com calorosos debates. No entanto, as disputas nos diversos países da região continuam arraigadas, com desdobramentos políticos na contemporaneidade, fomentando mais discussão. A rigor, o comportamento das elites no interior do estado se relaciona com as mudanças econômicas e culturais, com reflexo no desenvolvimento das nações.

Com efeito, a mudança das estruturas sociais, longe de ser somente um processo acumulativo no qual se agregam novas 'variáveis' que se incorporam à configuração estrutural, implica fundamentalmente um processo de relações entre os grupos, forças e classes sociais, através do qual alguns destes tentam impor ao conjunto da sociedade a forma de dominação que lhes é próprio (CARDOSO; FALETTTO, 2004, p. 29).

Como visto em Ramos, na obra “História da Nação Latino-americana” (2012), resumidamente, as disputas ocorrem internamente entre as elites que se formam nos estados, com participação efetiva nas decisões políticas, com desdobramentos institucionais e relações com as forças externas. Como observamos, desde a descoberta do Novo Mundo pelos Europeus até os dias atuais, há hegemonia de duas fortes potências econômicas que tentam influenciar os latino-americanos, sobretudo, suas lideranças econômicas, para excedentes financeiros nos países dependentes, com fluxo para as metrópoles. Os enfrentamentos políticos se tornam inevitáveis, embora no caso da América Latina acabem prevalecendo as particularidades de grupos que se associam ao capitalismo internacional, mesmo que para isso tenham de travar duras batalhas contra os insurgentes locais, como ocorreu várias vezes na historiografia da região, como descrito na definição da balcanização da América Espanhola.

Mas, afinal, como as elites locais e regionais se organizam com grupos hegemônicos internacionais em torno do estado, com vistas à exploração de suas forças econômicas? Como analisar as mídias nesse contexto de disputas globais, considerando que os enfrentamentos não se resumem às vozes e aos poderes tão somente locais? Pode-se presumir que as narrativas ganham importância em uma sociedade mais complexa, na qual as histórias se encerram no convencimento do público para consenso ideológico, envolvendo vários espaços de disputas, com suas legitimidades institucionais, numa espécie de acumulação de capital simbólico, dando vida, assim, aos protagonistas e antagonistas, cuja tessitura envolva uma teia intrincada de relações.

Notoriamente que o texto publicado por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto trouxe acirrada polêmica ao considerar a dependência dos latino-americanos do capitalismo internacional, de modo a ser inevitável pela dinâmica do próprio sistema financeiro global, como procuram elucidar os sociólogos. O próprio ex-presidente e autor da obra, por vezes, afirmou em suas entrevistas, em mais de uma oportunidade, tratar-se de uma discussão em outros tempos em relação aos atuais. Nas edições da obra “Dependência e Desenvolvimento na América Latina” (2004), mais recentes, faz questão

de afirmar que “[...] as versões iniciais foram feitas, provavelmente, em 1965, mas o texto só tomou forma a partir de 1966” (CARDOSO; FALLETTO, 2004, p.7), ou seja, na efervescência política, sobretudo, no Brasil, sob o calor do início do governo dos militares, depois do golpe de estado e instalação da ditadura, e que logo se alastra pela América Latina, chegando à Argentina e ao Chile. Estado de exceção e poderes despóticos que se prolongam para além da década de 1970, com movimentos políticos internos, com participação destacada das elites nacionais e política internacional.

Contudo, num mundo de economia globalizada e com a pujança do neoliberalismo, com inserção em vários países da região, o papel das elites nas negociações da ordem institucional continua fundamental e ganha importância na contemporaneidade, embora com outros matizes, porém numa perspectiva sistêmica.

Nos anos 90, a cobertura internacional brasileira está muito longe dos temas mais caros ao enfoque sistêmico-estrutural que prevalece no meio acadêmico: maximização da autonomia, capacitação interna, multipolaridade, diversificação de relações. A teoria da dependência, de Fernando Henrique Cardoso [e Enzo Faletto], situa-se nesse quadro, enfatizando a alternativa de autonomia nacional no sistema imperial de dominação política e econômica (STEINBERGER, 2005, P. 250).

Nesse sentido, dois pontos pode ser importante destacar, somente para reforçar a posição da autora: as instituições acadêmicas ganham notoriedade na definição de verdade nos meios midiáticos, cujas vozes obtêm capital simbólico e legitimidade na defesa de consensos narrativos. Desse modo, não é aconselhável a separação de maneira intransigente da cobertura das mídias e campo acadêmico com seu papel social, no conjunto dos meios jornalísticos. A obra de Cardoso não questiona o poder das grandes potências na ordem econômica da América Latina, mas observa sua dinâmica, o que naturaliza de maneira sutil as relações entre interno e externo na política global, que gera reflexos para as comunidades e o meio político, como pontua a autora, “[...] enfatizando a alternativa de autonomia nacional no sistema imperial de dominação política e econômica” (2005, p. 250).

Na análise da formação da ordem política e econômica de uma nação deve estar a organização de poderes locais, regionais, nacionais e global. Efetivamente, as relações se mostram inexoráveis, quando se considera a necessidade do capitalismo de buscar novos centros de lucratividade. A análise da exploração de riquezas da América Latina deveria passar pelo entendimento da proximidade de grupos internacionais com os locais, seja do

setor financeiro e de produção, fundamentalmente, depois que os latino-americanos disputaram sua independência contra Espanha e Portugal. Na modernidade as relações são mais próximas, permitindo um modo clássico e simplista de interpretar as relações de forças dentro do estado, de forma que:

As associações de interesses das classes e grupos economicamente orientados estabeleçam formas de autoridade e de poder de tal modo que constituam uma 'ordem legítima'; e que em torno dessa ordem legítima se obtenham o consentimento e a obediência das classes, grupos e comunidades excluídos do núcleo hegemônico formado pela 'associação de interesses'. [...] Necessário superar a ideia de que as bases materiais – o sistema produtivo -, que serviram de apoio para a obtenção dos fins econômicos a que aspiravam os grupos e classes que controlavam a produção, podiam assegurar por si mesmas – ou pelas transformações que as condições do mercado mundial provocaram nas bases mantidas – a transformação automática do sistema de poder, dando lugar assim à democratização das estruturas sociais (CARDOSO; FALETTTO, 2004, p.55).

Os autores destacam o sistema de poder que se estabelece na América Latina, nos estados emergentes, para o desenvolvimento social e democracia, cada qual com suas peculiaridades. Cabe questionar como se formam esses poderes que se hegemonizam nos estados, cujas elites se enfrentam nas relações regionais, considerando suas oportunidades econômicas locais, as interferências das políticas regionais e a força externa. Não se deve perder de vista as condições de colônias dos países da América Latina, as negociações com a Europa e, depois, Estados Unidos, cada qual com suas propostas de globalização para o seu mercado. Portanto, as relações ocorrem substancialmente entre as políticas locais, regionais e internacionais, cada uma buscando meios e legitimidade para sua hegemonia, em estados que se fazem dependentes das negociações políticas e econômicas, como destacam os autores.

O controle dos estados latino-americanos exigiu tempo de disputas, que, segundo Cardoso e Faletto, passaram por “período denominado anárquico” (2004, p. 58), numa referência à falta de poder político. Embora, tal afirmação, se analisada de perto, não se materialize inteiramente, pois as disputas entre diferentes forças internas e externas prevalecem com a emergência de nomes históricos, como do próprio Simón Bolívar, com arranjos políticos, inclusive, para a dependência dos países hegemônicos, consolidando com o passar dos anos até os tempos recentes, como analisado por Ramos (2012) e descrito anteriormente.

Com a independência dos estados, que ocorreu ao longo do processo de separação de Portugal, mas, sobretudo, da Espanha, na formação de várias nações, “[...] foram-se definindo as alianças [...] e delinear-se os mercados nacionais” (2004, 58), afirmando-se

assim os grupos hegemônicos de cada estado. No entanto, efetivamente, não sem antes passar pela influência dos impérios, formando grupos com diferentes matizes ideológicas, na busca da estrutura social da América Latina, o que culminou em ações regionais fracassadas, como foi o caso do Congresso do Panamá, sempre com os olhos atentos dos interesses internacionais. “Com esse propósito que ‘forjaram a independência’ recuperaram suas vinculações com o mercado mundial e com os demais grupos locais. Perfila-se, então, uma primeira situação de subdesenvolvimento e dependência dentro dos limites nacionais” (2004, p.59). Estrategicamente, o mercado internacional, com a proteção da Inglaterra, o centro hegemônico, “[...] não substituíria a classe econômica local que herdara da colônia sua base produtiva” (2014, p. 59), ao contrário, fortalecia os grupos nacionais, definindo-se assim, as oligarquias nacionais. Deixam claro os autores, depois dessa análise, que as condições de êxito para uma ordem nacional dependia da situação de mercado e da “[...] capacidade de alguns setores das classes dominantes de consolidar um sistema político de domínio” (61), observando-se ainda a facilidade de acesso dos impérios internacionais²³.

Contudo, o perfil da estrutura nacional de dominação só se compreende quando se concebe os grupos exportadores – plantadores, mineradores e banqueiros – exercendo um papel vital de ligação entre a economia central e os setores agropecuários ‘tradicionais’. Esse sistema aparece claramente sob essa forma através das funções do aparato estatal, em que se torna evidente o pacto entre os grupos dominantes de cunho modernizadores e os grupos dominantes de matriz tradicional, com o que se evidencia a ambiguidade das instituições políticas nacionais. Estas obedecerão sempre a uma dupla inspiração, a dos grupos ‘modernizadores’ que têm origem no próprio sistema econômico exportador e a dos interesses oligárquicos regionais (CARDOSO; FALETTTO, 2004, p. 61).

Nessa perspectiva, pode-se supor a importância das narrativas no processo de dependência política, o de formar consensos legitimadores para a dinâmica do estado, no sentido de definir caminhos que levem a comportamentos hegemônicos, interferindo nas forças tradicionais ou revolucionárias, na prevalência do moderno e inovador internacional,

²³ Certamente aqui se possa avaliar o governo de Getúlio Vargas no Brasil, com seus enfrentamentos com o poder imperial, como o político descreve, já em tempos difíceis de seu governo: “Após muitos anos de domínio e espoliação de grupos econômicos e financeiros internacionais, me coloquei à frente de uma revolução e venci [...] lutei contra a espoliação do Brasil [...] Eu vos dei minha vida. Agora, vos ofereço minha morte” (2012, p. 413), como destaca Ramos em sua obra. A afirmação faz parte de testamento político de Vargas, em 1954. Ainda, serve como exemplo brasileiro na perspectiva das relações internas e externas das elites brasileiras, o governo voltado para a industrialização de Juscelino Kubistchek, com seu lema “50 anos em 5”; e as especulações sobre o apoio dos governos dos Estados Unidos no golpe de Estado no Brasil em 1964, no sentido de estabelecer a ordem democrática. Nesta mesma perspectiva o golpe de Estado no Chile, após a eleição de Salvador Allende, que culminou com sua morte em 1973, depois dos Estados Unidos entenderem que Allende representaria uma elite socialista na América Latina, em tempos de Guerra Fria, analisado anteriormente.

que envolva a participação de vozes com a finalidade das políticas liberais. Certamente, uma constante nas relações de disputas pelo poder, que obtêm mais importância nos tempos atuais, com mais determinismo dos mercados nas políticas das elites locais e regionais. Porém, cabe compreender que a formação de consensos passa pelo crivo da audiência, que, com suas práticas e senso comum, inserem-se em significados com resistência, na tentativa da dominação ideológica. Assim, como Thompson (1998), não concebemos como aceitável uma sociedade formada por uma massa de indivíduos incapazes de pensar e agir, mesmo considerando o poder simbólico dos meios de comunicação, ainda que haja uma indústria de mídias em sintonia com os grupos dominantes. Nesse contexto, cabe destacar a importância da opinião pública nas decisões políticas institucionais, que têm poder de pressão contra seus representantes com reflexos nas decisões econômicas e formação de novas elites.

Considerando o poder econômico da Espanha e, posteriormente, dos Estados Unidos, com inserção e dominação da América Latina, os autores fazem referência ao que chamam de “Economia de Enclave”. Como os países dependentes não conseguem manter seu controle sobre a economia local, transferem-no, então, às mãos do mercado mundial, cuja produção passa a ser “[...] controlada de forma direta pelo exterior” (CARDOSO; FALLETTO, 2004, p. 64). Assim, “[...] o desenvolvimento econômico baseado em enclaves passa a expressar o dinamismo das economias centrais e o caráter nelas assumido pelo capitalismo, independentemente da iniciativa dos grupos locais” (CARDOSO; FALLETTO, 2004, p. 64).

Como consequência, nos tempos da globalização e difusão mundial e quase onipresença do neoliberalismo, as divisões políticas ocorrem na formação da estrutura dos Estados, diferentemente do modelo direitista que chega aos anos 1990, como descreve Claudio Katz (2011). Em decorrência das disputas entre grupos hegemônicos, na contemporaneidade, em determinados países latino-americanos, algumas vezes passaram a descrever um novo período político para a região, com governos que se voltam prioritariamente para os interesses sociais, portanto, de visão socialista e com o apoio das massas, com disputas entre os estados e suas elites. Assim,

Há administrações neoliberais, pró-norte-americana, repressivas e opostas a qualquer melhora social (México, Colômbia, Peru). Também existem governos de centro-esquerda que mantêm relações ambíguas com os Estados Unidos, toleram as conquistas democráticas e recorrem ao assistencialismo social em grande escala (Brasil, Argentina). Junto com estas duas modalidades do *establishment* apareceram governos reformistas que perseguem metas populares,

mobilizando as massas em seus choques com o imperialismo e as classes dominantes locais (Venezuela, Bolívia) (KATZ, 2011, p. 83, grifo do autor).

Dessa forma, a relação entre os neoliberais se aproxima das grandes potências, com a quais pretendem um estado democrático e moderno, com mais participação das “economias de enclaves”, numa relação de dependência do sistema econômico internacional. Na América Latina, nesse modelo, se enquadram, além de Colômbia, Peru, México e Chile, o Brasil, em determinadas fases, de maneira efetiva, de acordo com os movimentos globais e governos nacionais, na dependência das dinâmicas de suas elites e poder político. Porém, o país segue permanentemente sob pressão dos mercados internacionais para concessão pública para empresas privadas para exploração financeira, como ocorre com a telefonia e a mineração e outras, num passado recente²⁴. Por outro lado, numa visão esquerdizante de suas elites políticas locais, podem se definir, além de Venezuela e Bolívia, Equador e o socialismo cubano, da família Castro, desde a revolução cubana em 1959. A Argentina, nos últimos anos do governo Cristina Kirchner, parece refluir das políticas liberalizantes com fortes embates com grupos de elites, sobretudo do setor rural exportador, voltado para o neoliberalismo globalizante, dos tempos de Carlos Menem, e se fecha em torno de uma economia que sofre as consequências da imposição dos mercados e setor financeiro exteriores; os movimentos nas ruas a favor e contra o governo são constantes no jornalismo brasileiro. As reclamações chegam inclusive das elites liberais do Brasil, inconformadas com o fechamento das fronteiras argentinas, no governo de Cristina Kirchner. Questões que serão apresentadas mais adiante nas análises narrativas no episódio sobre o país latino-americano do Rio da Prata.

Portanto, não há um modelo que seja permanente em razão da dinâmica da própria sociedade e de suas narrativas provisórias. Há mudanças de representações nas suas matrizes ideológicas em países praticantes de políticas conservadoras, populares, neoliberais ou socialistas.

Em algumas regiões este fluxo obedece à intensidade da repressão estatal (Colômbia) e em outras ao efeito de sucessivas derrotas (México). Em certos casos este retrocesso é também uma consequência política da estabilização conservadora que conseguiram impor os governos conservadores e social-democratas (Brasil) (KATZ, 2011, p. 84).

²⁴ Como descreve de maneira mais ampla Atilio A. Boron, em sua obra “O Socialismo no Século 21” (Ed. Expressão Popular, 2010), considerando a inserção da política latino-americana no neoliberalismo, e seus efeitos nas economias locais. Como resultado o aumento da dívida dos Estados e empobrecimento da população, com corrupção e movimentos sociais nas ruas.

Não seria sem razão, em conformidade com o consenso neoliberal na América Latina, em razão da territorialidade, classificar os lugares das vozes que se revelam protagonistas e antagonistas na construção do fio narrativo das estórias, nos meios de comunicação social, quando se tem definida sua visão de mundo.

No final, essa dinâmica da dependência da América Latina (econômica e de suas narrativas) se relaciona com as lideranças nacionais na determinação de se impor na inserção do mercado neoliberal, objetivando a política de estado e atingir grau de coesão interna da classe dominante. “Outro caso, a debilidade das ‘oligarquias tradicionais’ as deixava mais desamparadas diante dos ‘setores externos’, transformando-as muitas vezes em grupos patrimonialmente ligados à economia de enclave” (CARDOSO; FALETTO, 2004, p. 67). Como ocorre nas sucessivas derrotas das políticas da América Latina, no processo de disputas pela revolução da independência dos estados da região.

Em linhas gerais, as disputas políticas nos estados geram mudanças nas estruturas da sociedade, por conseguinte, de suas narrativas midiáticas, em conformidade com os acontecimentos, alterando ou não seu consenso e lugares das vozes como protagonistas e antagonistas, em conformidade com as intrigas que se sucedem. Não sem antes considerar o poder que se estabelece de capital simbólico dos personagens das estórias, no interior do poder hegemônico. Todavia, o processo de enfrentamentos ganha dinamicidade, como tentamos demonstrar, na formação política na América Latina.

Na década de 1990, o campo político foi marcado sobretudo pela ofensiva das políticas neoliberais e a resistência dos movimentos sociais. O neoliberalismo conseguiu criar um consenso em torno de suas políticas, contando com forte propaganda internacional, mas jogando também com o fantasma da inflação, o ponto de apoio fundamental na América Latina para a criminalização do Estado e a introdução de duras políticas de ajuste fiscal. Os efeitos imediatos da estabilização monetária – e a ilusão de que essa medida, por si só, elevaria substancialmente a capacidade de consumo da população e promoveria a retomada do desenvolvimento econômico – permitindo a reeleição dos principais presidentes promotores do neoliberalismo: Menem, Fernando Henrique Cardoso e Fujimori – fenômenos que preencheram politicamente a década de 1990 (SADER, 2009, p. 45).

Resumidamente, os estados latino-americanos ainda mantêm seu poder de decisão sobre as políticas nacionais, mesmo considerando em tempos globais as forças externas, com postura de resistência das próprias populações locais. Por vezes, na contemporaneidade, através de políticas regionais, lideranças populares obtêm resultados políticos contra um sistema mercantil global sempre mais eficiente, ao defender seus interesses econômicos, em detrimento do desenvolvimento local e regional – como

pontuado anteriormente, estabelecendo relações entre as elites na dependência da América Latina, com referência à obra de Cardoso e Falletto (2004). Os grupos econômicos neoliberais exógenos cada vez mais encontram estratégias de negociações com as elites nacionais, resultando constantemente dependência e disputas nos países, que culminam com atos de violência e força coercitiva do Estado, como já ocorreu no Brasil, no Equador, na Venezuela, e na Bolívia. A comunicação merece importância nesse cenário de conflitos, pois o público tem a capacidade de interferir nas políticas dos estados nacionais, com consequência para o mercado neoliberal e hegemônico, modelo que tem, como representação, interesses com origens nas grandes potências com domínio na ordem global, com reflexos nos poderes das elites regionais e internacionais – principalmente em países de dimensões como o Brasil, com forte presença internacional.

Nesse sentido, vale citar o humor dos eleitores quanto à escolha de representantes políticos no poder, cujas mediações – na contemporaneidade de globalização e mundanidade mediada - com suas histórias na busca de consensos hegemônicos têm papel importante na apresentação dos fatos, para o conhecimento da opinião pública. Seria prudente ressaltar, no entanto, a longevidade de governos da América Latina, como o da Bolívia, presidido por Evo Morales, já no seu terceiro mandato; Rafael Correa, no Equador, desde 2007; a sucessão da família Kirchner na Argentina; e o bolivarianismo venezuelano, que, mesmo após a morte de Hugo Chávez, estando há mais de uma década no comando da nação, a população ainda mantém a herança do governo chavista com a eleição de Nicolás Maduro; o petismo, no Brasil, com Lula duas vezes e Dilma Rousseff, no seu segundo mandato.

Resgate das tramas no tempo

Nos tempos modernos - já caminhando para os pós-modernos das avançadas tecnologias digitais e acentuada fluidez do neoliberalismo, com seus mercados mundo afora - é necessário ressaltar a força dos Estados Unidos nos seus empreendimentos para a hegemonia na América Latina, por meio de política de proteção das Américas (do Sul e Central), como, por exemplo, a Doutrina Monroe firmada em 1823. O objetivo do país norte-americano, sem possibilidade de tergiversar, foi o de impedir as intervenções da política dos concorrentes do mercado regional, sobretudo o Inglês (além de outras nações

que se mostrem porventura dominantes), que configurou seu poder imperialista até a segunda Grande Guerra Mundial, no século XX.

É óbvio que esse processo de ‘conquista’ da América Latina não se desenrolou sem contratempos, para os Estados Unidos. Exigiram manobras políticas, lutas armadas, compromissos econômicos, refinamentos diplomáticos, sofisticação intelectual, etc. exigiu tanto o estímulo à adoção de processos políticos eleitorais (de estilo democrático) como o incentivo ou a preparação de golpes de estado. Além disso, a ‘conquista’ da América Latina sofreu contratempos ainda mais graves. À medida que se instaurava, geravam-se reações locais, ou acentuavam-se contradições pré-existentes. Nesse contexto, por exemplo, surgiu a vitória do socialismo em Cuba (IANNI, 1974, p. 127).

Para o argentino Néstor García Canclini não se trata apenas de postura dominante com seus mecanismos na política, mas há fundamentalmente arranjos no território da cultura e comunicação, pois,

Deve-se prestar atenção também à enérgica influência dos EUA na ONU, na OEA, no Banco Mundial, no FMI e em organismos de comunicação transnacionais, tudo isso repercutindo, muitas vezes, em benefícios para as empresas estadunidenses. O *lobby* das empresas e do governo dos EUA vem pressionando países europeus e latino-americanos para frearem as iniciativas legais e econômicas (leis de proteção ao cinema e ao audiovisual) destinadas a promover sua produção cultural endógena. Não podemos ignorar a importância de Nova York nas artes plásticas, de Miami na música e de Los Angeles no cinema (CANCLINI, 2008, 70).

O autor argentino faz questão de destacar, no entanto, que “[...] seria simplista afirmar que a cultura do mundo é fabricada nos EUA, ou que esse país detém o poder de orientar e legitimar tudo o que se faz em todos os continentes” (2008, p. 70). Caso assim fosse, não haveria decisões políticas e resistência em diversas partes do mundo, com movimentos sociais, com frequência na América Latina e outras partes do mundo, questionando o modelo neoliberal e o domínio de grandes setores financeiros, muitos deles provenientes dos Estados Unidos. Além disso, surgiram, ao longo do tempo, imortalizados projetos desenvolvidos em países considerados periféricos, como as eternizadas novelas globais brasileiras, a famosa série mexicana Chaves (*El Chavo del Ocho*), os inúmeros e importantes documentaristas que se destacam nas regiões que trazem ampla discussão sobre as políticas regionais – além dos avanços dos cinemas na Índia, no Japão; ou mesmo projetos de televisão de integração regional, como a TeleSUR, com noticiários voltados para os acontecimentos latino-americanos.

Na análise política, um dos pontos destacados por Octavio Ianni, ainda na década de 70, na sua obra “*Imperialismo na América Latina*” (1974) e que ainda merece atenção,

refere-se às estratégias políticas do país hegemônico, no final do século passado, porém que se prolongam para o começo deste. Entre elas, a propaganda contra o chamado risco comunista, que, no final, seria uma maneira de manter politicamente estados abertos para negociações externas, com suas elites transigentes com os mercados internacionais, obtendo vantagens econômicas. A rigor, o fortalecimento do estado do bem-estar social, o nacionalismo, seguidos por países na América Latina pode significar fechamento de fronteiras para o mercado globalizado. Seguindo o raciocínio anterior, isto não ocorre por uma intervenção pura e simplesmente do grande centro econômico, mas nas parcerias com grupos nacionais.

Nesse sentido, considerando as disputas no período da Guerra Fria, países eram submetidos a acordos “[...] destinados a intensificar e estender a influência dos Estados Unidos e reduzir ou controlar a influência de movimentos, partidos, líderes e programas que tivessem relação direta ou indireta com a resolução socialista ou popular dos problemas do hemisfério” (IANNI, 1974, p. 13). No entanto, com esse objetivo seria necessária a relação de proximidade com as forças políticas regionais, as quais visam, em benefícios próprios, “[...] consolidar as suas posições e obter vantagens. A burguesia dominante, na maioria dos países da América Latina, continuava a aperfeiçoar a sua condição de classe subalterna” (IANNI, 1974, p. 15). De fato, as análises do autor, feitas em um período de ditaduras militares, ainda com ressalvas, sofreram alterações para os dias atuais, mais de 40 anos depois. Contudo, o discurso do socialismo, nacionalismo, populismo soa como perigo para o desenvolvimento da região também nos dias atuais, sendo parte de narrativas de vozes da América Latina, na defesa do neoliberalismo, numa visão de antagonismo ao capitalismo visto como moderno, inovador, cosmopolita e fundamentalmente democrático.

Outra análise que merece debate é o protagonismo do Brasil na América Latina, de modo a se estabelecer como um país de liderança regional, a controlar os movimentos políticos, no sentido de difundir o consenso das atividades neoliberais, de um país dominante da política latino-americana. Certamente, uma discussão que já estava em voga durante a tomada do poder pelos militares no Brasil, em 1964, pois “Há intérpretes das relações internacionais que veem em certas iniciativas diplomáticas de governantes brasileiros a intenção de estender a supremacia do Brasil na América do Sul” (1974, p. 71), escreve Ianni. Como explicação, a proximidade com os vizinhos através de extensa

fronteira, além de sua economia, a mais pujante da região, que nesta perspectiva possibilita-o ao papel de personagem principal (dominador) nesse cenário. Intérpretes das relações interamericanas, com atenção ao desenvolvimento latino americano, “lembram que o Brasil precisa preencher o ‘vácuo de poder’ deixado pelos Estados Unidos no continente” (IANNI, 1974, p. 71). Os argumentos dos defensores dessa postura brasileira não faltam: “[...] segurança hemisférica, interdependência, tradições históricas comuns, ameaças do comunismo internacional, defesa da civilização cristã e ocidental (em sua visão latino-americana) e algumas outras variações semânticas” (IANNI, 1974, p. 71). Ironia à parte, o governo brasileiro de Dilma Rousseff se alinha, nas disputas globais, ao lado dos BRICS, bloco de países que se mostram antagonistas ao modelo centralizador da política econômica dos Estados Unidos, neste começo de século.

Nesta análise, cabe destacar, como dito anteriormente, a importância do Brasil na política regional, levando em conta suas dimensões continentais, economia e população. Por assim dizer, um personagem importante nas narrativas globais das mídias, não somente brasileiras, mas regionais e globais.

Finalmente, a necessidade de observar a racionalidade do sistema hegemônico, ao ordenar o desenvolvimento dos países dependentes com o funcionamento das economias modernas, com inserção das grandes empresas internacionais, para o novo modelo de expansão, crescimento da produção de riquezas e democracia ocidental. Para tanto, torna-se indispensável o trabalho intelectual, de maneira a elucidar os caminhos dos novos tempos e da produtividade. Como analisa o sociólogo Octávio Ianni:

Na medida em que lança mão do pensamento técnico-científico, colabora à vezes de modo criador na formulação dos meios indispensáveis à consecução de fins implícitos na criação e funcionamento das organizações multilaterais. Em certos casos, seja economista, sociólogo, arquiteto, urbanista, engenheiro ou outro, o técnico pode mesmo colaborar na elucidação dos fins a alcançar. [...] Expriem com maior clareza e sistemática os elementos essenciais da consciência da burguesia internacional, ou da burguesia do país hegemônico. Ao mesmo tempo, com frequência ele colabora de modo criador na tradução e adequação dos fins e meios envolvidos nos interesses e projetos das empresas e conglomerados multinacionais, segundo as condições existentes no subsistema econômico do país dependente (IANNI, 1974, p. 109).

Por fim, nessa perspectiva, seria produtor acrescentar que o pensamento técnico-científico e institucional, seja nacional ou internacional, dos países que se fazem hegemônicos, tem papel importante na definição racional das estórias da comunicação midiáticas nos tempos pós-modernos, liberais. Vozes que por vezes se apresentam na

elucidação de acontecimentos políticos, inseridas nas narrativas em um mundo de disputas pelo poder e domínio. Uma discussão que será apresentada posteriormente

Nessa linha de pensamento, a retomada da discussão dos anos 60, na América Latina, tem como finalidade, nesta pesquisa, a comparação das narrativas midiáticas na contemporaneidade. As disputas políticas na região permitem avaliar a representação dos acontecimentos no tempo pelo jornalismo brasileiro, sobre as intrigas regionais, na delimitação de poder. A dependência dos países latino-americanos às economias globalizadas, da ordem dos centros financeiros, ainda mantém uma defesa legitimada pelos personagens das narrativas, ordenando a configuração dos papéis de protagonistas e antagonistas. Sem dúvida, não na mesma prerrogativa dos tempos do poder pela força das armas, mas na formulação das determinações de sentidos, do imaginário, em conformidade com o poder simbólico pelo qual se decide, em projetos narrativos dramáticos, e que tem seus objetivos nas políticas nacionais, regionais.

Uma abordagem importante é compreender como as elites nacionais se organizam diante do quadro de disputas que envolvem agentes exógenos das culturas locais, com estratégias de domínio e poder de convencimento. Ademais, a dependência se relaciona não somente a partir dos governos que assumem o poder no estado, mas sistematicamente em grupos com privilégios nas decisões políticas e econômicas que buscam hegemonias locais e regionais, os quais têm influência nas narrativas das grandes empresas de comunicação. A produção das narrativas, não sendo livres do poder dos narradores, depende do resultado dessas batalhas ideológicas pela verdade sistêmica e valores institucionais e sociais.

A América Latina, ao longo de sua independência política, esteve submetida aos desígnios externos de suas colônias, de outros impérios, no entanto, sua colonização faz parte de negociação entre as forças sociais e econômicas, de modo a manter o poder de exploração por longos séculos. Disputas que se dão interna e externamente, portanto, numa relação complexa de um jogo que envolve diferentes personagens, que, mesmo nos dias atuais, são emblemáticos, e cujas memórias e efeitos de suas ações permanecem no imaginário social e nas histórias que descrevem a realidade, que se quer ou se desdenha. O sonho de uma América Latina com união política dos países em prol de aumento de forças, nas disputas globais, não se evaporou no tempo, como se pode imaginar, continua em

demanda, a reboque das circunstâncias políticas e sociais, na ordem do dia, sendo descrito e contestado como aluvião nas narrativas acadêmicas e midiáticas.

Numa análise rápida das ações de alguns governos da região já é possível, de tempos em tempos, ter-se uma ideia da busca da integração regional, com diversas organizações de tratados e abertura de mercados comuns latino-americanos.

O neoliberalismo não consegue ser um sistema dominante e modelo hegemônico, sem as disputas dos centros econômicos, no sentido da persuasão e convencimento da população de outros países, seja em que territorialidade for. A América Latina está ou não nas narrativas das mídias regionais, não simplesmente pelo fato da objetividade do jornalismo, mas em decorrência das relações de um mundo em que é preciso pensar nos seus protagonistas, nos modelos sociais, políticos e econômicos, em detrimento dos muitos antagonistas, com suas propostas e modelos de vida para uma região com efeitos sistêmicos e ações globais. Assim como as narrativas midiáticas não estão circunscritas a um narrador, mas a um conjunto de suportes de comunicação e narradores competentes e eficientes, no processo de formação do pensamento e matrizes culturais e discursivas.

Na sequência, passemos a uma abordagem mais detida sobre a América Latina e sua realidade, cujas narrativas têm função importante na negociação de sentido de um mundo pós-moderno e seus modelos, com seus interlocutores, nem sempre simples. Dessas relações, portanto, se fundamentam os paradigmas e visão de mundo dos países da região, mas esta é outra estória.

Capítulo III

AS METANARRATIVAS DA AMÉRICA LATINA

Na tentativa de pesquisar a América Latina e o processo narrativo das mediações comunicativas e simbólicas dos meios de comunicação de massa, acreditamos que esta seção assume importância no contexto da pesquisa. Procuramos aqui ordenar uma compreensão dos processos políticos e culturais da América Latina, em sua integração com o mundo globalizado, onde há inter-relações de valores, ideologias e conhecimento. A região, embora seja um território sacudido pelas dificuldades econômicas e políticas frente aos grandes impérios globais, faz, afinal, parte de uma intensa disputa de poder, onde está em cheque o domínio conquistado, ao longo dos séculos, por alguns agentes sociais. Nesse sentido, torna-se fundamental compreender como a região articula suas matrizes culturais com os países dominantes e observar as influências que fluem em sua produção de formas simbólicas, por intermédio dos seus veículos de comunicação, com os quais a população convive diariamente. Essas observações contextualizam socialmente as perguntas desta pesquisa e as situam nas relações de poder em curso, no continente, proporcionando a esta investigação uma perspectiva de abrangência histórica.

As narrativas dos meios de comunicação não se formam de maneira isolada da realidade social e do contexto global; dessa maneira, há intensos movimentos políticos e econômicos na região, que, por vezes, se desenvolvem de maneira latente, com desdobramentos ao longo do tempo, porém, ganhando destaque nas mídias em momentos de fortes conflitos. Assim, as narrativas se ordenam com base nas disputas de poder, formam território para as coberturas jornalísticas de acontecimentos-intrigas na definição de ideologias. Contudo, como observaremos mais adiante, a comunicação não se forma simplesmente como remanescente de processo linear, de imposição de ideais, mas na dialogicidade, ou, mesmo, na polifonia de vozes que se articulam na formulação de verdades narrativas, que ecoam no cotidiano e no senso comum social. A narrativa, nesta ordem, se transforma em uma coprodução, porém em um processo de disputas, que culmina na formação de sentido.

Tentamos esclarecer de maneira pontual os principais problemas de pesquisa e objetivos deste trabalho, com atenção às vozes que estão nas narrativas, sendo ordenadas

numa estratégia dos narradores, considerando projeto dramático da mídia para formas simbólicas políticas e culturais. Nesta premissa buscamos elucidar alguns conceitos proeminentes sobre a análise crítica da narrativa, com o objetivo de facilitar o entendimento do percurso da pesquisa e suas técnicas metodológicas. No final, temos a convicção de deixar evidente nossa problemática e nossa missão, ao debruçar sobre inúmeras reportagens do semanário paulista, *Veja*, no sentido de entender as vozes das narrativas midiáticas sobre a América Latina.

Inicialmente, num primeiro momento, possivelmente se possa analisar a América Latina em duas possibilidades narrativas, hegemonicamente. Primeiro, numa proposta de integração global, invariavelmente cosmopolita, como uma região com grande potencial de exploração econômica, um lugar integrado aos grandes centros comerciais, que presente a necessidade do desenvolvimento, com valorização do moderno, cuja política deve servir ao propósito da globalização, num processo inexorável de progresso, dos mercados livres, numa relação cultural exógena, por isso, evoluída e transformadora das relações comunitárias. Numa segunda, com valorização de uma política regional. Assim, cabe também crer em um espaço territorial com milhões de pessoas, que, na diversidade, se forma multiculturalmente, com suas diferenças, costumes, valores e conhecimentos advindos da relação com a natureza, definindo seu horizonte, de maneira endógena, articulando-se com o mundo globalizado, a partir de suas estratégias e poder social, político e econômico – cujo mercado deve se avolumar regionalmente, permitindo a criação de uma força de bloco político, com o fortalecimento do estado de bem-estar social.

Narrativas possíveis de interpretar na região, levedando-se em consideração o entendimento do papel da mídia, nesse processo de globalização, pois, nas mediações, na composição de suas histórias, há influência no cotidiano com novos valores e comportamentos dessas nações para os princípios inovadores e de transformação cultural. As disputas políticas mostram que são projetos que atingem o modo de vida das comunidades regionais para formação do jeito latino-americano de ser, o que torna importante o papel dos personagens, com suas vozes inseridas no projeto dramático dos narradores. No processo de globalização que avança no tempo, que exige tomada de posições da sociedade, cabe uma pergunta feita pelo pensador argentino Néstor Garcia Canglini, destacada no prefácio da edição brasileira de sua obra “Latino-americanos à

procura de um lugar neste lugar neste século” (2008): “Quem quer ser latino-americano?” (2008, p. 15) A questão está posta mediante as intervenções internacionais, nas tentativas de modificação das culturas locais, que, no final, se relacionam na formação da América Latina – latinidade que convive com as mídias hegemônicas e suas estórias.

Nesse cenário, deve-se salientar a importância do Brasil na ordem da globalização e neoliberalismo regional. País que politicamente ganha significativa importância para o desenvolvimento econômico e cultural da região. A rigor,

Os políticos buscam acordos com países vizinhos para promover intercâmbios econômicos e obter apoios com vistas a que o Brasil desempenhe papéis relevantes na ONU e em outros foros internacionais. Procuram construir posições conjuntas para melhor negociar junto aos EUA e à União Europeia e para encarar problemas de escala transnacional, desde o narcotráfico até a estrutura dos mercados audiovisuais. Em muitos foros internacionais fala-se da possibilidade de o Brasil, articulado com outros países sul-americanos, ser o eixo de um polo alternativo na política e na economia internacional (CANCLINI, 2008, p. 16).

A discussão do autor está em torno da identidade dos latino-americanos na difusão da globalização, considerando a força intensa dos mercados e suas produções culturais de chegarem ao imaginário desses países, tornando-se ponto de referência para formação da integração de uma região inteira, apesar de sua cultura diversificada, com diferentes atores na sua vida política, como descrevemos acima, com mais referência à política. “Somos reunidos à distância para usarmos tênis Nike, passarmos as férias em determinadas praias e nos identificarmos com mesma marca de carro ou grife de roupa: ‘o que nos une é o que nos vendem’” (CANCLINI, 2008, p. 32). Nesta análise, as narrativas latino-americanas estão substancialmente sendo organizadas a partir da perspectiva do consumo de produtos industrializados dos grandes centros econômicos, apesar da emergência da industrialização da região – e intervenção de Estados nacionais para limitar o poder da inserção do neoliberalismo nas suas economias, assumindo o papel de antagonista nos conflitos para consenso global.

Efetivamente não se trata de um movimento de sentido único dos grandes centros para as regiões em desenvolvimento, a rigor, “[...] não são apenas os países da América Latina que se misturam. O horizonte dos latino-americanos se estende até regiões da Europa e dos EUA” (CANCLINI, 2008, p.35), cujas transformações se entrelaçam com várias identidades, organizando-se em outros lugares e territórios culturais. A América Latina leva suas narrativas para além-fronteiras regionais, interferindo nas concepções de

consensos de uma sociedade de pensamento único, com seus enunciados de desenvolvimento e progresso pós-modernos. Portanto, a cultura com seus imaginários insurge em outros territórios com sua identidade e imaginários, mesmo diante das relações de desenvolvimento econômico e com reflexos imperiosos dos centros irradiadores das chamadas indústrias culturais. Evidentemente que numa condição de inferioridade, nas relações econômicas, políticas e tecnológicas, na perspectiva de uma narrativa hegemônica.

Nesta análise, considerando o poder das mediações culturais se faz necessário questionar como estão distribuídas as mídias, na região, de modo a compreender quais os rumos dos horizontes da globalização, com a fluidez do neoliberalismo. Como aponta Canclini, Brasil e México detêm a maior quantidade de jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão na América Latina, além da produção cinematográfica que está concentrada primeiramente no México, depois, no Brasil e na Argentina, nessa ordem. E questiona:

Quem fica com os lucros gerados pelo cinema, rádio e a televisão? Cinco empresas ibero-americanas concentram 90%: Televisa, Rede Globo, Venevisión, Rádio Caracas e Radio Televisión Española” [...] não é fácil situar produtores culturais fortes como o Brasil, Colômbia e México num mesmo conjunto ao lado de países de baixo desenvolvimento tecnológico e pequenos mercados para livros e discos, como os centro-americanos, Paraguai e República Dominicana. (CANCLINI, 2008, p. 31).

Neste contexto deve-se acrescentar o jornalismo dos países economicamente centralizados, principalmente, europeus e os Estados Unidos. Numa visão ampliada, no entanto, ainda é possível compreender sua influência, a partir das nações latino-americanas, ao se propor difundir o modelo econômico globalizado. Nesta perspectiva, são relações que envolvem narrativas para a formação cultural global, que alinhavam em várias direções, passando por pontos importantes desse fluxo. O Brasil, certamente se faz um país importante nesse cenário de influência sobre a região, como discutido acima por Ianni, que tomaria posição política regional, considerando seu poder de difusão do modelo de uma sociedade globalizada, quando as notícias ganham força, com suas vozes e verdades definidas nas instituições reconhecidas internacionalmente, legitimadas pelo jornalismo dos grandes centros. “Os grupos hegemônicos aceitam que os setores populares votem a cada quatro ou seis anos, desde que entre uma eleição e outra eles se contentem em ser espectadores” (CANCLINI, 2008, p. 37).

A ordem da globalização, que se mostra com potencialidade multicultural e a variedade de vozes através das mídias, cada vez mais informatizadas, passa pelas decisões tomadas em instâncias institucionais das políticas de comunicação, que conduzem o sentido dos fatos sociais. Assim, assuntos pertinentes para debate da sociedade sobre seus problemas regionais se restringem a pouco espaço nas mídias, enquanto temas pertinentes aos riscos ao controle do pensamento estrutural global ganham destaque, desse modo, definindo-se os acontecimentos-intrigas. “Os jornais, e mais ainda as rádios e televisões, ignoram que no mês seguinte aos atentados de 11 de setembro morreu mais gente na guerra colombiana do que vitimada pelo antraz, assim como escondem a fome de países centro-americanos” (CANCLINI, 2008, p. 72).

Narrativas que permitam mais vozes na sociedade pós-moderna servem ao propósito da democracia e da interculturalidade, as quais se mostram na penumbra de um sistema cultural midiático que visa, com ênfase nos valores da difusão dos mercados, uma narrativa hegemônica. A polifonia de personagens nas histórias midiáticas, com participação social no processo comunicativo, torna-se fundamental para que “[...] as diferenças sociais sejam reconhecidas, que até os setores menos equipados para intervir na industrialização da cultura, como os países periféricos, os indígenas e os pobres urbanos, comuniquem suas vozes e suas imagens” (CANCLINI, 2008, p. 79). A marginalidade das vozes desses personagens pode invocar a tentativa da formação de consenso hegemônico, de modo a se decidir estrategicamente pelo domínio cultural e mercadológico, com enunciados definidos previamente, na força dos movimentos econômicos globais, com ampla influência na América Latina – substancialmente na verdade jornalística, considerando os conflitos regionais. Portanto, as narrativas, com mais vozes, no processo de mediação devem permitir “[...] elaborar imaginários coletivos interculturais mais democráticos e menos monótonos” (CANCLINI, 2008, p. 79).

A rigor, ser latino-americano significa também conviver com um mundo em modificação permanente, numa relação de disputas de poder, de maneira estratégica que envolve a interferência nas culturas regionais. Transformações que se revelam inevitáveis, cujas narrativas hegemônicas, consensualmente compostas nas mediações, estabelecem verdades institucionais, com base nos princípios globais dos grandes centros financeiros, cujas dependências e modos de dominação se revelam, ao mesmo tempo concentradas e dispersas, conforme análise Canclini: “[...] apoiadas menos no controle de territórios do

que na produção e no manejo de conhecimentos científicos e tecnológicos” (2008, p. 124) e, por essa razão, seria possível acrescentar a necessária preocupação com a crítica às narrativas de um mundo de poder e política, numa relação tênue entre o imaginário global e local.

Disputas narrativas na América Latina

Se nas narrativas e fora delas ocorrem as disputas pelo poder, como estariam sendo definidos hegemonicamente os protagonistas nas estórias midiáticas regionais, nos tempos de globalização e estratégias neoliberais para os mercados livres e autorregulados? Observada a linha, o fio narrativo, na tessitura da trama, no noticiário dos meios de comunicação, como descrever o jornalismo na cobertura dos fatos políticos da América Latina? Inicialmente, como analisa Moraes, no caso específico da mídia comercial, ela “[...] endossa e reverbera globalmente o ideário de classes e instituições hegemônicas, buscando sedimentar consentimentos às certezas do poder e demonstrando assombrosa habilidade para dissimular que toma partido nas representações que elabora” (2011, p. 16). No entanto, como sugere o autor (MORAES, 2011), os Estados latino-americanos politicamente vêm buscando outras formas de narrativas, de maneira a se inserir nas estórias, implementando nova legislação e modificando o panorama do domínio empresarial dos veículos de comunicação regionais.

Assim, alguns estados, como Venezuela (nos tempos de Hugo Chávez e agora Nicolás Maduro), Bolívia (Evo Morales) e Equador (Rafael Correa) (MORAES, 2011, p. 65), passam a investir na produção de mídias estatais, de modo a impedir a hegemonia de vozes do modelo neoliberal. Sob este ponto de vista, as mídias comerciais, de maneira imponderável, trazem argumentos das estórias propagadas pelos centros econômicos, que entram em conflito com líderes políticos, sobretudo, com viés popular e nacionalista. Diferentemente, nas mídias estatais, a performance desempenhada por personagens entra em disputa com o domínio hegemônico, que pretere o interesse dos mercados nacionais em favor do poder dos grandes monopólios comerciais. A disputa pelos enunciados é acirrada e contrastante, exigindo a organização e o posicionamento dos personagens na trama e composição de intrigas, no que se refere ao conceito de desenvolvimento da América Latina e às políticas adotadas por alguns estados. Assim, entra em questão a defesa da

democracia de imprensa e liberdade de expressão, as quais tornam-se importantes na luta política pelo poder da produção de notícias, que leve ao conhecimento dos fatos sociais narrados – tornando-se as narrativas significativamente fundamentais no jogo de poder, ao ganhar espaço na difusão dos discursos para formação de ideologias, em favor do consenso hegemônico.

Antes de qualquer coisa, é necessário definir os traços sociais da região para, então, ter uma visão mais clara dos acontecimentos-intrigas e composições narrativas, pois a CEPAL, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, no seu Panorama Social de 2013, registra que:

O produto por habitante da região da América Latina e do Caribe cresceu 4,5% em 2010, 3,2% em 2011 e apenas 1,9% em 2012, ano em que a economia mundial se deteriorou. Mas, apesar do crescimento moderado da economia, como resultado da geração de empregos, a taxa de ocupação aumentou, absorvendo o pequeno incremento da taxa de participação na atividade econômica, e permitiu que a taxa de desemprego diminuísse levemente, de 6,7% a 6,4%, situando-se no menor nível das últimas décadas. [...] Neste contexto, em 2012, da população total da América Latina, 28,2% era pobre, enquanto a indigência, ou pobreza extrema, alcançava 11,3%. Isto significa que 164 milhões de pessoas são pobres, das quais 66 milhões são pobres extremos (CEPAL, 2013. P. 11).²⁵

Alguns países, conforme a CEPAL, ganham destaque na redução da pobreza no período: Bolívia, de 5,6%, (de 29,5% para 23,9%) e da pobreza extrema, de 2,0 pontos percentuais (de 11,7% para 9,7%); Equador, 3,1%, (de 35,3% a 32,2%) e a indigência 0,9 pontos percentuais (de 13,8% a 12,9%); Brasil, de 2,3%, (de 20,9% a 18,6%), enquanto a pobreza extrema caía 0,7 pontos (de 6,1% a 5,4%); Peru, 2% (de 27,8% a 25,8%); “Argentina e Colômbia a redução foi algo superior a 1 ponto percentual. Nesses três últimos países, a pobreza extrema *não apresentou* variações apreciáveis em relação aos níveis de 2011” (CEPAL, 2013, p. 11, grifo nosso). Considerando os avanços na redução da pobreza em alguns países, que podem ser avaliados como tímidos – além do fato de haver queda progressiva da produção nos países da região (4,5% em 2010 e 1,9%, em 2012), com menos capacidade de competição com os grandes centros econômicos, convivendo com fortes crises financeiras levadas à periferia global²⁶ -, a desigualdade

²⁵ Publicado em http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/1252/S2013870_pt.pdf?sequence=1 e acessado em dez. 2014.

²⁶ Se depender do dinamismo da economia global os ventos que sopram não trazem boas mensagens. Conforme “Balanço Preliminar das Economias da América Latina e Caribe” de 2014, a economia dos grandes centros não conseguem superar os baixos crescimentos de períodos de crise financeira. Assim, se destaca “el Reino Unido, cuya economía se expandió un 3,1% en 2014, frente a un 1,7% en el año anterior.

imperava, pois, conforme relatório de 2010, do Programa de Assentamentos Humanos da Organização das Nações Unidas (Habitat), como pontua Moraes, “[...] a América Latina é a região mais desigual do mundo. Os 20% mais ricos detêm 56,9% da renda regional, enquanto os 20% mais pobres vivem com apenas 3,5% do total. Cerca de 20% da população moram em favelas ou assentamentos precários” (2011, p. 28).

Contrastes na economia podem ser vistos também no ambiente político. Na América Latina, na perspectiva global, com abertura socioeconômica, pode-se dividir em dois grupos que se distinguem pela política, como analisa o autor²⁷:

O primeiro é composto pela Aliança Bolivariana das Américas (ALBA), fundada em dezembro de 2004 por Venezuela e Cuba, com as adesões posteriores de Bolívia, Nicarágua, Dominica, Equador, Antígua e Barbuda e São Vicente e Granadinas. Esses países priorizam agendas e parcerias que viabilizem o desenvolvimento sustentável: recusam os tratados de livre comércio e Aliança de Livre Comércio das Américas (Alca); e prestigiam uma integração econômica e cultural fora do circuito liderado pelos Estados Unidos. [...] O segundo bloco de governos (Brasil, Uruguai, Argentina e Chile) [...] oscila entre a defesa da inclusão social das classes mais pobres e políticas econômicas que, com variações, acatam as razões dos mercados e postergam a reversão estrutural da pobreza (MORAES, 2011, p. 30-31).

Como afirmado anteriormente, as disputas ocorrem no espaço territorial - de maneira concentrada e (que se) dispersa -, com posicionamentos distintos na relação com o novo modelo econômico, sem, contudo avaliar que a atitude de qualquer nação seja única, no cenário político, podendo, em alguns momentos importantes, aproximar-se dos grupos de oposição ao consenso hegemônico global. O Brasil, como veremos, nas tramas

La economía de los Estados Unidos, por su parte, exhibe un crecimiento del 2,1%, levemente inferior al 2,2% de 2013. Alemania y España crecieron un 1,5% y un 1,3%, respectivamente, en tanto que Francia solo creció un 0,3% e Italia experimentó una recesión, al contraerse su actividad un 0,4%. El Japón, aun cuando presentó signos de recuperación durante los primeros meses de 2014, cayó en recesión en los últimos meses del año” (CEPAL, 2014, p.5). A América Latina sente os reflexos das crises, conforme o mesmo relatório, com contrastes entre Estados, “En 2014, el producto interno bruto (PIB) de América Latina y el Caribe creció un 1,1%, la tasa de expansión más baja registrada desde 2009. [...] Argentina (-0,2%), Brasil (0,2%), México (2,1%) y Venezuela (República Bolivariana de) (-3,0%). [...] mayor crecimiento dentro de la región fueron Panamá y la República Dominicana (ambas con un 6,0%), seguidas por el Estado Plurinacional de Bolivia (5,2%), Colombia (4,8%) y Nicaragua (4,5%)” (CEPAL, 2014, p.6-7). Publicado em http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37344/S1420978_es.pdf?sequence=68 , acessado em Dez. 2014, p. 7-8.

²⁷ Efetivamente de 2010 a 2014, mudanças ocorreram no cenário político da região, no entanto, sem alterações significativas. Sendo que o primeiro grupo mantém sua política econômica e de oposição aos poderes hegemônicos, principalmente dos Estados Unidos, sendo que na Venezuela após a morte de Hugo Chávez entra o seu vice-presidente Nicolás Maduro, com mesma filosofia política anterior. No Brasil ainda continua o PT, de Lula, no poder com Dilma Rousseff eleita para o seu segundo mandato. No Uruguai José Mujica elegeu neste ano Tabaré Vázquez. Na Argentina permanece Cristina Kirchner e no Chile o retorno à presidência eleita novamente Michelle Bachelet. Ademais, este se faz também o período de análise desta pesquisa.

narrativas, ganha status de protagonista ou antagonista em conformidade com suas decisões políticas. A Argentina vai se alinhando com os atores que se mostram antagonistas no processo social e econômico reconhecido pelas narrativas midiáticas. Como poderemos notar, as histórias, conforme mudanças de cenário e temas, mudam também o lado dos personagens na trama, como estratégia narrativa²⁸.

Nessa linha de raciocínio, as vozes dos atores na mídia neoliberal desempenham *duplo papel* estratégico na produção das histórias, em vista do consenso hegemônico narrativo:

O primeiro diz respeito à sua condição peculiar de agente retórico que legitima o ideário capitalista e o converte no discurso social hegemônico, propagando visões de mundo e modos de vida que transferem para o mercado a regulação das demandas coletivas – como se não fosse absurda a pretensão de reservar ao mercado o poder de sintetizar crenças e desejos humanos, ignorando ou subestimando identidades, tradições e anseios dos povos. O segundo papel assumido pelos conglomerados é o de agentes econômicos proeminentes nos mercados mundiais, vendendo os próprios produtos e intensificando a visibilidade de seus anunciantes e patrocinadores, a partir de sua capacidade de irradiação pelos quatro quadrantes (MORAES, 2011, p. 37).

Como também analisado por Canclini (2008), a globalização é transmitida a partir de grandes centros econômicos que definem as publicações, que são controladas numa perspectiva econômica, de maneira a ligar as pessoas, num consenso, que tem como base o consumo. Importante acrescentar a concentração das narrativas em determinados conglomerados que se formam, especialmente na América Latina. Os quatro maiores, “Globo do Brasil; Televisa do México; Cisneros da Venezuela; e Clarín da Argentina” (MORAES, 2011, p. 40).

No Brasil, particularmente, as famílias que dominam a produção das histórias são “Marinho, Civita, Frias, Mesquita, Sirotsky, Saad, Abravanel, Sarney, Magalhães e Collor” (2011, p. 400), descreve Moraes. Entre elas as quatro primeiras se destacam, em razão da grande audiência e difusão pelo país e países sob sua influência cultural. Abre a lista a maior rede de Televisão do Brasil, a Rede Globo, com suas afiliadas dispersas em todo o território nacional; o grupo Civita, dono da Editora Abril, domina a maior publicação de revistas do país – como analisaremos mais adiante -, numa grande variedade de assuntos, que vão desde beleza à política em milhares de edições semanais. É o seu carro chefe a

²⁸ A mesma postura deve ocorrer nos meios de comunicação com a ideologia de Estado, as mídias mantidas pelos governos da região. São assuntos relatados, organizadas por narradores com sua visão de mundo e interesses políticos. As narrativas, devemos analisar, fazem parte das disputas sociais, na conquista do imaginário social e manutenção de poder.

tradicional Revista *Veja*, com mais de um milhão de exemplares vendidos semanalmente e forte poder de influência sobre a política brasileira. Em seguida, está a Família Frias, do grupo Folha da Manhã, que edita um dos jornais de maior circulação nacional, no seu segmento, a Folha de S. Paulo; e a família Mesquita, de O Jornal Estado de São Paulo, também dona de um dos jornais com maior audiência no Brasil. Certamente, são grandes produtores de informação, localizados nas maiores capitais do país: Rio de Janeiro e São Paulo. A cidade paulista é referência na América Latina e o maior centro econômico brasileiro. Ainda cabe acrescentar, como observamos, anteriormente, que o Brasil se apresenta como uma das mais influentes nações na região, com hegemonia econômica e importante *player global*, e está entre as maiores nações do mundo, destacando-se entre os países em desenvolvimento, na contemporaneidade.

Numa perspectiva regional, Globo, Televisa, Cisneros e Clarín detêm a maior força das mídias da América Latina, sendo que o Brasil, o México e a Argentina, conforme descreve Moraes, são países que se destacam hegemonicamente na produção de Jornais, e emissoras de Rádio e TV (2011, p. 42). Dos grandes centros econômicos, os Estados Unidos são o maior exportador de audiovisual para a região, com 85,5% do material que ingressa nos lares latino-americanos. “Mensalmente, 150 mil horas de filmes, seriados e eventos esportivos norte-americanos são apresentadas nas emissoras de TV latino-americanas” (MORAES, 2011, p. 46).

Na disputa pelas narrativas da América Latina, o destaque das mídias estatais está na Telesur, que é financiada pelos governos da Venezuela, Cuba, Argentina, Bolívia, Equador e Nicarágua. A televisão se propõe a oferecer alternativa ao discurso das mídias comerciais (MORAES, 2011, p.75), com cobertura prioritariamente regional, tendo como personagens protagonistas, na composição de suas narrativas, os governos e sua ideologia social, conforme seu lugar no grupo político, com reservas ao modelo neoliberal e aos projetos de globalização propostos pelas instituições pertencentes ou aliadas dos Estados Unidos e Europa.

Em contrapartida, fundamentalmente na matriz hegemônica narrativa global,

Os grupos midiáticos sentem-se desimpedidos para selecionar as vozes que deve falar e ser ouvidas – geralmente aquelas que não arranham as metas mercadológicas, convalidam suas agendas temáticas e não lhes criam embaraços no debate público. O tratamento diferenciado se estende aos governos conservadores (qualificados como ‘liberais’) e progressistas (etiquetados como ‘populistas’ ou ‘autoritários’) (MORAES, 2011, p. 144).

A dúvida que resta é saber o papel do leitor (interlocutor das narrativas midiáticas) nesta rede de intrigas, configurada na diegese dos grupos midiáticos, com seus matizes ideológicos e personagens com ações nas tramas jornalísticas. Ademais, no conjunto das narrativas, como se daria a disputa pelo poder na configuração dos personagens, sendo que protagonistas ou antagonistas estão imersos nas representações nas tramas midiáticas, nas intrigas, sobretudo na formação de numa matriz hegemônica?

O mundo das massas heterogêneas

Permanentemente, estamos fazendo referência ao poder dos meios de comunicação na ordem hegemônica do poder narrativo, de modo a relacionar-se com a realidade da América Latina. Está exposto, mesmo resumidamente, que, na região, as formas culturais se estabelecem a partir de uma corrente de mídias, que constroem fortes conglomerados, estrategicamente ordenados em vários segmentos, de modo a conquistar ampla audiência e domínio. Esta relação não ocorre somente na região, mas ultrapassa seus limites, com corrente de poder sobre a comunicação para as massas que atinge os principais centros econômicos, com reflexos intensos na política, nas nações latino-americanas. Faltam, no entanto, observações pertinentes sobre a análise dessa audiência, do público dessas mídias, que cotidianamente fazem uso de tais mediações, como já discutimos, cada vez mais indispensáveis numa sociedade globalizada. Portanto, a análise da realidade passa pelos meios de comunicação, porém, de maneira inequívoca, antes, pelos filtros culturais e sociais do público.

Dessa maneira, teoricamente, seria pertinente determo-nos numa observação da característica da audiência das mídias nos tempos pós-modernos, na perspectiva regional, que é formada por uma população periférica, em relação aos meios de comunicação, com sua matriz narrativa hegemônica, para obtenção e aceitação passiva de seus argumentos, como resultado de um projeto dramático do narrador, de grandes conglomerados de mídias. Inicialmente, pode-se supor que a recepção dos veículos de comunicação é formada por uma multidão de pessoas sem racionalidade, por ser formada por indivíduos ignorantes, atomizados e, sobretudo com comportamento individualizado, sem capacidade de definir e de se impor nos espaços políticos. Nesta observação, ainda se pode acreditar que essa mesma massa vem sendo conduzida, na América Latina, por lideranças carismáticas e

populistas, formada ao longo dos séculos – que também como estratégia de poder estruturam suas produções midiáticas, formas simbólicas de poder, por meio das quais difundem concepções ideológicas.

De antemão, devemos acrescentar que a palavra *provisório* à frente da matriz hegemônica, não seria sem motivos, nesta pesquisa, já se posicionando sobre o processo de formação do conhecimento através do discurso narrativo, por acreditar nas mediações como processo que se relaciona à interpretação, à coprodução (ou coconstrução) de sentidos. Desse modo, a observação se relaciona com os significados de uma cultura que se desenvolve politicamente, em determinados momentos, à margem da própria realidade dos enunciados hegemônicos das mídias, as quais tratam com atenção prioritária o modelo econômico, muitas vezes, levando para a penumbra, estrategicamente, a realidade do cotidiano, na tentativa de transformá-la efetivamente, em conformidade com princípios ideológicos determinantes.

A comunicação, por certo, não se resume a algo simples, como haveremos de assegurar, na busca do narrador pelo poder político sobre o imaginário social, com vistas à pura e clara necessidade de dominar o outro, ou seja, no final do texto, atingir o seu objetivo, no fio da narrativa, nos processos de mediação. Afinal, a mídia, ao revelar as intrigas dos personagens nos acontecimentos, também desvela um espaço de disputas de poder, no qual está inserida a própria sociedade, com seus interesses, com seus significados e cultura, que resulta na política, na organização de seu universo de pensamento e imaginário. Dessa forma, mesmo considerando que as narrativas hegemônicas se mostram estratégias narrativas para o convencimento para certas ações sociais, ideologizadas, situadas em conformidade com o cotidiano e práticas, com atenção ao senso comum. Em outras palavras, neste contexto, adiantamos que a comunicação para as mediações é um lugar de diálogo inexorável, de polifonia de vozes – repetimos, mesmo que haja o profundo desejo e determinação pelo poder ideológico dominante -, no qual o sentido faz parte do processo de enunciação.

Em razão de seu lugar privilegiado de fala, todavia, não se pode desconhecer a força e o poder dos meios de comunicação na formação do pensamento, na relação com o outro, com a sua audiência, na configuração de sentido.

Essa inclusividade na mídia, nossa forçada participação com ela, é duplamente problemática. É difícil desvendar, encontrar uma origem, construir uma explicação do poder da mídia, por exemplo. É difícil, provavelmente impossível, para nós, analistas, sair da cultura da mídia da cultura de nossa mídia. Com

efeito, nossos próprios textos, como analistas, são parte do processo de mediação. Aqui, somos como linguistas tentando analisar sua própria língua. De dentro, mas também de fora (SILVERSTONE, 1999, p. 34).

Pode-se presumir que a comunicação está no mundo, na sociedade, em busca da relação com o outro, quando se realiza plenamente, gerando sentido de pertencimento cultural e político. Portanto, é na dialogicidade, na coprodução de sentido, que se efetiva a razão de narrar, de contar histórias, de fazer entender a realidade dos acontecimentos, de fazer compreender, a partir de ponto de visão do narrador, na relação com os personagens.

A rigor, “[...] o objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele” (BAKHTIN, 1997, p. 318). O processo de enunciação já estabelece a relação com o outro, com suas vivências e conhecimentos, daí, por certo a necessidade de os narradores da mídia buscarem fórmulas, estratégias, para convencer o seu interlocutor, de maneira eficiente, trazendo para a leitura, seu universo de pensamento. Assim, fica demonstrado que não se trata simplesmente de ter o outro como uma massa ignorante, pronta para a dominação. Antes de tudo, é preciso saber convencer, portanto, saber envolver, interagir na comunicação. Nessa relação de sentido, escreve Bakhtin: “O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências” (1997, p. 318). A dominação da massa não ultrapassa os limites da fronteira cultural sem prejuízos da recepção, quando as palavras revelam determinação de sentido, sem vínculos na relação com o cotidiano dos interlocutores, o do leitor do texto jornalístico – porém importante destacar que há uma separação de espaço e tempo entre o jornalista e o leitor, com suas referências culturais e de poder. Contudo, “[...] o locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. A ideia simplificada que se faz da comunicação, e que é usada como fundamento lógico-psicológico da oração” (1999, p. 318), esclarece o dialogista Mikhail Bakhtin.

Como pensar a hegemonia das narrativas organizadas pelas mídias, com vistas à ordem política e econômica para manutenção de poder e *status quo*? Inicialmente cabe ressaltar a necessidade de relação entre enunciados e espaço cultural em que se insere a sociedade, no uso das mídias, mas que está em permanente transformação diante dos conflitos – tornando os consensos provisórios. Fazendo referência a Antonio Gramsci, descreve Martin-Barbero, que o conceito de hegemonia possibilita

Pensar o processo de dominação social já não como imposição a partir de um *exterior* e sem *sujeitos*, mas como um processo no qual uma classe hegemônica, na medida em que representa interesses que também reconhecem de alguma maneira como seus as classes subalternas. E ‘na medida’ significa aqui que não há hegemonia, mas sim que ela se faz e desfaz, se refaz permanentemente num ‘processo vivido’, feito não só de força, mas também de sentido, de apropriação do sentido pelo poder, de sedução e de cumplicidade. O que implica uma desfuncionalização da ideologia – nem tudo o que pensam e fazem os sujeitos da hegemonia serve à reprodução do sistema – e uma reavaliação da espessura do cultural: campo estratégico na luta para ser espaço articulador dos conflitos (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 104 – grifos do autor).

Assim, como explica Martin-Barbero, há sujeitos com suas significações no processo de formação do poder das mídias em fazer e refazer o domínio, que não se resume de fora para dentro, mas na perspectiva dos espaços culturais em que estes mesmos sujeitos estão inseridos. Pode-se presumir a necessidade de se adequar as lógicas cotidianas e de senso comum, na qual são inseridas as ideias, as ideologias (aqui, no plural), na tentativa do convencimento do sujeito social, o seu leitor – com atenção à espessura do cultural, com objetivo de atingir as estratégias na articulação dos conflitos. Neste caso, o posicionamento dos personagens, com suas ações articuladas em conformidade com a moral estabelecida nas lógicas formadas socialmente – eis o terreno do provisório, que exige sempre levar em consideração o outro, o diálogo; parece fácil? A convicção está no fato de ser um ato contínuo de convencimento para o consensual, objetivando o poder de dominação, o hegemônico. O consenso se articula na trama, definindo suas estratégias na formulação das histórias, numa sociedade que passa pela interpretação indireta dos acontecimentos, através das mediações, num mundo globalizado e integrado pela comunicação, formando-se substancialmente pela “historicidade mediada”.

Na realidade, o problema é muito mais complexo. Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição *definida* numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. (BAKHTIN, 1999, p. 316 – grifo do autor).

Na análise de Bakhtin, advém a dialogicidade dos locutores, de modo que a comunicação se passa na dependência dessa relação, o que não quer dizer a ausência da busca de convencimento para determinados pontos de vistas. A rigor, afirma o autor, existe a palavra neutra, ou seja, da própria língua, não pertence a ninguém; e a palavra do outro, “[...] que preenche o eco dos enunciados alheios” (BAKHTIN, 1999, p. 313). Mas há também a “palavra minha”, que está impregnada da “minha expressividade”, ou seja, “[...] a palavra expressa o juízo de valor de um homem individual e apresenta-se como um aglomerado de enunciados” (BAKHTIN, 1999, p. 313). Nesse contexto está o *Jornalista*, na definição de sua expressividade, na relação com o outro, seu interlocutor, no texto, convivendo separados no espaço e no tempo, e em condições distintas de relações políticas, por exemplo, convergindo-se em um projeto dramático. O que resulta na luta com o pensamento alheio, “[...] o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento” (BAKHTIN, 1999, p. 317).

Nesse universo verbal de Bakhtin que revela o dialogismo, a formação do conhecimento da expressividade está mais próximo da interação dos sujeitos no seu espaço social, de modo também a pensar o *texto jornalístico*, num espaço de luta em que se considera o pensamento alheio, imerso nas suas práticas. A formação de uma matriz hegemônica deve passar por transformações sucessivas, o que a torna *provisória*, sendo dialogada permanentemente no processo narrativo, ao longo das histórias ou episódios, configurando-se no tempo cronológico, numa relação com o passado, com o presente, projetando-se para o futuro, com suas mudanças, em decorrência de novos problemas e participação de outros personagens, num terreno em que há disputas sobre a expressividade, enunciados e o convencimento do outro, na estratégia de enunciação. Essencialmente, esse é um domínio, negociado, na coprodução de sentido.

Não seria sem razão a observação de Foucault, na sua obra “Microfísica do Poder” (1979), sobre o conhecimento das massas, no sistema social, de modo a exercer o poder, porém em função da ordem institucional do saber é levada a submeter-se à verdade, que, na expressividade, se torna de todos.

Ora, o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esses discurso e esse saber. *Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda a trama da sociedade.* Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da ‘consciência’ e do discurso também faz parte desse sistema. O Papel do

intelectual não é mais o de se colocar “um pouco na frente ou um pouco de lado” para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de *poder* exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o *objeto e o instrumento*: na ordem do saber, da “verdade”, da “consciência”, do discurso (FOUCAULT, 1979, p. 71, grifo nosso).

Para Bakhtin, a comunicação é dialógica, considerando as interações nos enunciados, nas quais sempre um ato responsivo se organiza, na multiplicidade de vozes, provenientes dos espaços culturais. Foucault observa que o poder está na sociedade, que se fundamenta na ordem dos discursos institucionalizados que a todos definem e controlam. De uma forma ou de outra, a massa não fica fora do contexto da comunicação e não se faz passiva, ou, mesmo, ignorante, submissa ao domínio absoluto das mídias neoliberais. Desse modo, sobre a análise das mediações dos enunciados da América Latina, questiona Martin-Barbero, “[...] qual posição efetiva que a indústria cultural ocupa no campo simbólico desses países” (1997, p. 311), e responde:

Partindo-se daí, descobrir-se-ia não só que a cultura massiva não ocupa uma e somente uma posição no sistema das classes sociais, mas que no próprio interior dessa cultura coexistem produtos heterogêneos, alguns que correspondem à lógica do expediente cultural dominante, outro que corresponde a demandas simbólicas do espaço cultural dominado (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 311).

Finalmente, nesta análise, mas na perspectiva da narrativa, deve-se levar em conta a relação do narrador de significados com o leitor, para definição da realidade que se propõe, portanto, de coconstrução (na interação com o outro, no dialogismo bakhtiniano), pois é nessa troca de sentidos que se define o valor e a significação do referente ou sobre o objeto que se diz, seja na política ou em âmbito cultural. No jornalismo se estabelece previamente o contrato de leitura, que o jornal estabelece com o seu público, levando em questão o princípio ético de apresentar a verdade, ainda que o relato para as narrativas do fato não se realize no instante exato da fala, exigindo, dessa forma, uma tradução do real, ou melhor, dar-lhe sentido, com o propósito de ordenar numa configuração que dê conta da realidade. Logo, diferentemente, na imposição do domínio simbólico, a interação se mostra como único caminho para o processo narrativo, sendo uma atitude, antes de tudo, argumentativa. Assim,

A narrativa se configura em uma linguagem referencializada, objetivada, com farto uso de citações, números, estatísticas, dêiticos, referências espaço-temporais, artigos definidos, etc., produzindo então uma coerência referenciada. O leitor entra natural e espontaneamente nessa mesma sintonia, conforme o desejo do narrador e o seu próprio, e juntos *co-constroem um ‘mundo real’*. O mundo existe ‘lá fora’, mas não é o mundo *per se* que é objetivo: é a linguagem que é organizada de maneira objetivada dessubjetivando-se por vontade dos

interlocutores, desprovendo-se da “contaminação” subjetiva do poético. Através de um ‘contrato’ cognitivo, os interlocutores se põem de acordo e assim *coconstroem* um mundo ‘real verdadeiro’ (MOTTA, 2013, p. 39, grifos do autor).

Nessa coconstrução consensual da narrativa, como estamos tentando demonstrar desde o início desta análise, define-se, portanto, não somente em acordo, mas também em desacordos, de modo que o leitor se posiciona diante da visão de mundo estabelecida pelos narradores das narrativas jornalísticas, de modo que haja permanentemente um espaço para negociação e mudanças da verdade objetivada. Assim, observa-se o papel ativo do público na definição da realidade sobre o acontecimento-intriga, com seus personagens e performance na narrativa. A experiência do público ganha importância na disputa do campo simbólico, de maneira que o diálogo, no jornalismo, leve como referência o senso comum e o mundo prático do seu leitor (público), para um sistema narrativo (mesmo que hegemônico) da mídia, ainda que de modo sempre provisório, em decorrência do crivo do leitor na tradução e nova significação, conforme o contexto vivido no espaço político-social.

Capítulo IV

ANÁLISE CRÍTICA DAS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS

As análises sobre as teorias da narrativa, neste contexto, têm como objetivo dialogar com os principais pensadores de tal proposta metodológica, cuja finalidade é dar embasamento aos episódios sobre a América Latina, na sequência. Efetivamente, tem como objetivo levantar pontos importantes e fazer refletir sobre a produção das narrativas do jornalismo, considerando como atuam os narradores, suas estratégias e disputas nesse espaço de mediações, sem a pretensão de ser exaustivo. A propositura é, contudo, esclarecer sobre os conceitos aplicados na pesquisa e que irão nortear as observações, na busca de conduzir as análises das narrativas.

A rigor, as narrativas midiáticas ganham cada vez mais contornos importantes no mundo globalizado, e, embora as pessoas estejam cada vez mais distantes, no espaço e no tempo, necessariamente, precisam narrar suas experiências pessoais, de modo a fazer os outros compreenderem suas relações na sociedade, substancialmente, seu pertencimento social. Narrativas que nos tornam seres humanos ativos e perceptivamente com ações e participações nos fluxos dos acontecimentos e realizações cotidianas. A comunicação que permanece indispensável na formação das experiências, do conhecimento, dos movimentos, regras, símbolos, rituais sociais, passa a ganhar novos meios na contemporaneidade, mais eficientes e singulares mediadores, conectando pessoas permanentemente à realidade, a qual se forma e se transforma no contexto das relações interpessoais. Em essência, a narrativa em tempos de mais comunicação faz parte da vida efetiva das expressões para a formação de culturas e realidades, considerando as distâncias territoriais para uma sociedade, convivendo dentro de um espaço de mais participação e globalizado.

Ademais, “[...] narrar é uma experiência enraizada na existência humana. É uma prática humana universal, transhistórica, pancultural. Narrar é um meta-código universal” (MOTTA, 2013, p. 17). Em resumo, poder-se-ia dizer que viver é narrar incessantemente nossas experiências. A razão da busca pelas mediações é conhecer outras narrativas, de modo a se inserir numa teia que se forma entre múltiplos narradores, que constrói a sociedade, suas ideias, pensamentos e realidade, as quais, como observa Motta, “[...] não terminam nunca” (2013, p. 18).

Os meios de comunicação nesta análise ganham importância, na tessitura dessa rede de relações narrativas que perpassam fronteiras entre estados e nações, formando uma transhistória que se faz na mundanidade, que exige mediadores capazes de levar informações sobre os movimentos imanentes à sociedade, que está cada vez mais imersa em tecnologias para a informação. Todavia, neste ponto, cabem algumas reflexões, antes de seguir. A rigor, como se organizam as mensagens, quando os interlocutores estão separados no tempo e no espaço? As narrativas retratam, de fato, a realidade, de maneira objetiva, ou seja, estão, de forma imanente, ligadas aos objetos empíricos, aqueles que conhecemos por meio de nossos sentidos? Ou seria um mundo que vai se formando dentro de virtualidades das linguagens, de modo a construir verdades, sempre mais questionáveis?

Vale advertir, inicialmente, que, de alguma forma, estamos submetidos ao processo de mediação, considerando a impossibilidade de olhar diretamente os acontecimentos em seus lugares de desenvolvimento e ações, como analisa John B. Thompson (1998), pelo menos, numa visão mais sistêmica, o que significa dizer global e institucional. Cabe, portanto, àquele que participa da sociedade interagir nas narrativas, de modo a não estar alheio ao mundo e a seus fluxos de informação perenes. Para tanto, a importância das leituras, avaliação dos acontecimentos e seus desdobramentos, aceitação, refutação e reconsideração, num processo de negociação quanto à verdade, que se apresenta persistentemente nas narrativas individuais ou, especialmente, das mídias, mesmo que na pós-modernidade.

Assim, podemos, então, pensar os mediadores na relação com o seu leitor, para evitar o lugar-comum de dominação absoluta, de modo a ser o único agente capaz de revelar os fenômenos do dia a dia para as pessoas, nas suas atividades cotidianas, e separadas fisicamente no tempo e no espaço. Somos partícipes dessa realidade, ainda que dependamos das mediações e suas narrativas para o sentido de realidade. No entanto, isso não quer dizer que os mediadores institucionais são imparciais diante de um mundo de complexidades, que não tenham interesses e nem busquem a organização de textos para a transmissão dos fatos, na produção de suas narrativas e verdades.

Portanto, entramos numa discussão complexa na confrontação entre o que é factual e o que é ficção, que exige algumas observações.

Essa discussão, que toma a relação simbólica do homem com o mundo como o seu objeto central, saiu da ontologia filosófica para as ciências da linguagem e

cognitivas, a antropologia, psicologia e as ciências da comunicação. Predomina cada vez mais a ideia que o mundo no qual o homem vive é um mundo de segunda mão construído pelo pensamento, no pensamento, e que a consciência é intencional (MOTTA, 2013, p. 33).

Efetivamente, os objetos existem no mundo, como reais; a realidade não é, portanto, uma abstração, simplesmente. Porém, se dependemos das mediações para o conhecimento, seria sensato imaginar que a realidade passa pela formação das experiências, por meio dos acontecimentos que se sucedem e são apresentados diariamente pelos meios de comunicação. Tomando emprestado o conceito de Thompson (1998), pode-se dizer que a experiência se forma pela mundanidade midiática, cujos veículos, que não tendo condições de expor toda a magnitude dos fatos, recortam-nos e textualizam-nos, de maneira que possamos conhecer os problemas e as soluções, para um sistema que tende ao equilíbrio, porém, que se revela cada vez mais complexo.

Em grande parte, o mundo está recortado nas mediações, revelado por meio das narrativas, que desvelam a realidade pelos relatos de pessoas, que assim se tornam personagens dos seus narradores. A rigor, como analisado por Bakhtin (1997), as mídias trazem uma polifonia de vozes, na definição dos discursos que chegam aos receptores, numa ubíqua intertextualidade. “Os textos não surgem isoladamente num universo discursivo dado. Eles pertencem a séries ou redes organizadas por oposição ou sequências” (2002, p. 56), escreve Milton José Pinto. Assim, como aponta Motta, com propriedade, “[...] o ficcional não é tomado como um conhecimento falso, ilusório, fantasioso apenas. A narrativa, seja ela fática ou fictícia, estabelece por si mesma a naturalização do mundo” (2013, p.34). Até porque o narrador tem como objetivo o leitor de seu texto, na negociação de sentido da série de textos em confronto, a qual pressupõe, na produção da sua narrativa, dialógica, e numa relação com sua cultura e imaginário do interlocutor.

Importante destacar que as mediações passam pela organização dos acontecimentos (enquadramento dramático) a serem apresentados, ou seja, exigem um narrador com sua competência, para dar sentido aos relatos, às vozes que testemunham o ocorrido, de modo que possa produzir uma informação confiável. Enunciados desorganizados que ganham o espaço da enunciação e formam uma ordem de sentido para o leitor, em contato com o narrado. Logo, por outro lado, não se deve desconsiderar a interferência do narrador na composição da narrativa, o qual tem suas experiências e visão de mundo, suas estratégias

para se fazer entender, com o conhecimento de técnicas, experimentadas ao longo do tempo, e seu lugar no mundo, suas ideologias.

A rigor, ninguém é uma ilha, convivendo consigo mesmo, eternamente, mas, sendo social, organiza o sentido, de modo a buscar um consenso, no qual define suas verdades, que estão impregnadas de imaginários, símbolos e mitos, pois, no momento em que alguém se propõe a narrar um fato “[...] tem em mente uma intencionalidade (um efeito de sentido pretendido) que é transferida para o ato de fala narrativo e que interfere na configuração da estória²⁹. Ninguém conta uma estória ingenuamente” (MOTTA, 2013, p. 38). O mesmo ocorre do lado da recepção, que não absorve o que é dito de maneira absoluta, sem filtros, além do que suas percepções emanam de sua relação social e suas trocas de informações e experiências no cotidiano, ou, mesmo, por outras mídias. As narrativas buscam o convencimento, num projeto narrativo que exige estratégias para a enunciação, que seja num enquadramento dramático, que “[...] surgem da *reciprocidade das expectativas* entre os interlocutores do ato de comunicação” (MOTTA, 2007, p.5, grifo do autor). O narrador produz a enunciação, na percepção do seu interlocutor, na tentativa de atingir suas expectativas, conforme seu estado psicológico e de experiência do mundo, das suas significações. No entanto, dentro de um quadro, fica a composição de pontos de referência, que conduz o sentido do leitor, de modo a influenciar em suas percepções imanentes, de convencê-lo.

A rigor, “[...] todo processo de produção de textos nada mais é do que um processo de recepção de outros textos já dados na cultura, onde o poder está em jogo” (PINTO, 2002, p. 59), o que não deixa de ser um espaço de negociação de sentido, considerando antecipar seus conhecimentos e visão de mundo, o que resulta em seu universo imerso no imaginário e experiências – na concepção da realidade, mesmo que provisória. A narrativa não é ingênua, portanto, passa pelo crivo das estratégias, seja que gênero narrativo for, seja na economia, na política, cultural, ambiental, tecnológico, etc. Ainda que, no caso do jornalismo, o “[...] ‘contrato’ cognitivo jornal-leitor é o da comunicação da verdade, de forma efetiva e econômica (a linguagem objetiva), que realiza o efeito de real” (MOTTA, 2007, p. 7).

²⁹ A escolha da palavra Estória e não História, como discutimos na primeira parte deste trabalho, justifica-se pelo entendimento de que o narrador do jornalismo faz sua tradução da realidade, que se torna acontecimento publicado no Jornalismo. Em essência os narradores organizam suas narrativas de modo estratégico com o objetivo de conquistar o leitor, para depois convencê-lo de sua visão de mundo. Por fim, as narrativas não são inocentes.

Considerando as distâncias que nos separam dos fatos narrados, deparamo-nos, de alguma forma, com a representação daquilo que se desenrola na realidade empírica, ou seja, as narrativas passam por um processo de imitação do real, a revelá-lo pela linguagem. Em outras palavras, numa perspectiva semiótica, os signos midiáticos seriam os interpretantes do referente, o objeto real, de modo que cabe ao narrador apresentar a descrição do acontecimento na narrativa, sua mimese (imitação) do real. “Originalmente, o conceito significa imitação, recriação ou representação do mundo por meio de algum tipo de configuração. Mas, ao configurar, o homem vai além do objeto representado [o referente semiótico], acrescenta algo, e neste ato, se apropria do mundo” (MOTTA, 2013, p. 72). Aqui, mais uma vez, deparamo-nos com a relação entre real e ficcional, de modo a estabelecer a relação com os acontecimentos pela apreensão da realidade, a sua representação, de modo que o narrador se insere na função de representar no texto a apreensão do real. Como afirma Motta, acrescentando algo, apropriando-se do mundo, descrevendo-o. Nesta mesma perspectiva se pode pensar o tempo, pois

Nenhuma narração, mesmo a da reportagem radiofônica, não é rigorosamente sincrônica ao acontecimento que relata, e a variedade das relações que podem guardar o tempo da história e o da narrativa acaba de reduzir a especificidade da representação narrativa. Aristóteles observa já que uma das vantagens da narrativa sobre a representação cênica é poder tratar diversas ações simultâneas: mas é obrigada a tratá-las sucessivamente, e então sua situação, seus recursos e seus limites são análogos aos da linguagem descritiva (GENETTE, 2011, p.276).

Na busca pela representação, o tempo passa a ser o da narrativa, conforme as estratégias do narrador, na transmissão do acontecimento, pela linguagem. Forma-se o tempo da narrativa e o cronológico, o do cotidiano. Embora o jornalismo esteja na cobertura dos acontecimentos do presente, na busca da simultaneidade com os movimentos e fenômenos sociais, organiza o texto na relação com o passado e com o futuro³⁰, de maneira difusa, a configurar a realidade numa composição dos fatos, que faça sentido para o interlocutor. Narrativas jornalísticas atualizam os acontecimentos numa retomada dos fatos passados e projeção para o futuro, a prever cenários diante dos desdobramentos da contemporaneidade – na mesma relação com o poder de desvelar o real. “Até porque o jornalismo é a narrativa hegemônica sobre todas as outras na construção da verdade imediata e do senso comum” (MOTTA, 2013, p. 103). Isto porque a narrativa não para,

³⁰ Uma diferença com relação aos historiadores, com suas pesquisas científicas na busca da verdade na análise dos acontecimentos do passado de uma sociedade que exige descrever sua memória.

com publicações diárias e sistemáticas. O mundo está em movimento e acelerando-se, e cada vez mais imediato.

No que concerne à análise das narrativas sobre a América Latina, no processo de mediação, um dos pontos que merecem destaque são as *intrigas*, que motivam os acontecimentos políticos para formação das histórias sobre a região. A narrativa emerge nas disputas pelo poder, na busca de equilíbrio para o sistema social, e, permanentemente, são gerados conflitos nas decisões sociais, porém neste contexto de análise política. Assim,

A intriga mínima completa consiste na passagem de um equilíbrio a outro. Uma narrativa ideal começa por uma situação estável que uma força qualquer vem perturbar. Disso resulta um estado de desequilíbrio; pela ação de uma força dirigida em sentido inverso, o equilíbrio é reestabelecido; o segundo equilíbrio é semelhante ao primeiro, mas os dois nunca são idênticos (TODOROV, 2011, p. 138).

As intrigas-acontecimentos se revelam nos momentos em que há o descontrole, em que o estado de ordem foi perdido e exige a busca da discussão, de modo a retomar a condição inicial, contudo, como descreve Todorov, não se mostra idêntico ao primeiro estágio, em função das disputas, e em razão das mudanças inevitáveis que se revelam com participação de personagens-fontes na intriga. Numa relação com a América Latina, as disputas sucessivas ocorrem em razão de nova ordem global, sobretudo nos campos político, cultural e econômico. Pressupõe-se, assim, uma tomada de decisões políticas, que criam cenário para as narrativas midiáticas, levadas ao conhecimento do leitor, exigindo tomada de posições na decisão a quem cabe revelar, pela mediação, a verdade – os narradores. Em essência, “Organizadas narrativamente, as intrigas produzem significados, interpretações da realidade, proporcionam inteligibilidade à natureza e às relações humanas” (MOTTA, 2013, p. 81).

Neste ponto, importante destacar a relação e as diferenças entre fontes e personagens na narrativa. Como afirmamos, as narrativas se relacionam com histórias narradas, logo, os personagens passam a ser decisão de escolha do próprio narrador na organização narrativa das intrigas, posicionando-os, em conformidade com sua busca de efeito de sentido, em consonância com suas perspectivas ideológicas – observando as disputas de poder e a dialogicidade da enunciação. Portanto, por se tratar de acontecimentos jornalísticos, os personagens não são uma ficção, pois têm atuação na realidade, a qual, narrada, busca a representação (mimeses), entretanto, que fique claro, a decisão de escolha é do narrador, de modo a definir seus papéis e posicionamentos com

mais espaço e tempo na narrativa, compondo-a, na busca do pano de fundo para os acontecimentos-intriga. No fio da narrativa (diegese), surgem os protagonistas e antagonistas, de modo a prevalecer o consenso sobre a decisão para a retomada do equilíbrio, ante o desequilíbrio indesejado, e para o qual necessita de soluções.

A construção de personagens e ações na narrativa é uma representação de condutas humanas que fornecem ao narrador a matéria prima e os modelos. Ao narrar, alguém está explorando na sua imaginação possíveis desenvolvimentos (reais ou ficcionais) das condutas e comportamentos humanos, que os teóricos chamam de atividade mimética (ou imitação) (MOTTA, 2013, p. 72).

Dessa maneira, as intrigas que formam os acontecimentos nas mídias são compostas por personagens que assumem funções na narrativa, conforme estratégia do narrador, na busca de definir a moral e o pano de fundo, numa situação em descontrole e necessita da retomada da tranquilidade, do equilíbrio, como descrito por Todorov (2011). A postura dos protagonistas e antagonistas - e daqueles que, inseridos na narrativa, levam a legitimidade aos discursos, o efeito de objetividade e estabelecem a verdade, legitimados pelas vozes, muitas delas institucionais - faz parte de um espaço definido, numa perspectiva ideológica - de pano de fundo, as metanarrativas. Não se trata de uma decisão solitária do narrador, efetivamente, mas está na dinâmica dos movimentos sociais. Contudo, a tomada de posição dos personagens se relaciona com as estratégias da narrativa, sempre numa coprodução de sentidos com o leitor – importante não esquecer, porém, o que torna complexa a percepção em relação ao real e ao ficcional, na narrativa.

Nessa perspectiva, sobre a política da América Latina, seria oportuno observar que a matriz hegemônica definida pela mídia abre caminhos para a definição dos protagonistas, que defendem política neoliberal e globalizada; e posicionamento dos personagens antagonistas nessa contraposição, como defensores do atraso, do antigo, como veremos mais adiante. Portanto, na disputa pelo poder, as vozes que falam e se posicionam na definição das verdades sobre os acontecimentos-intrigas ganham concepções de diferentes formas de status. Considerando o posicionamento dos personagens, na mesma simetria da diegese do narrador, estariam as vozes com seu poder legitimado na produção da narrativa. Nessa linha de pensamento, Foucault vai mais longe, quanto à sua observação em referência ao acontecimento, que “[...] deveria avançar na direção paradoxal, à primeira vista, de um materialismo do incorporeal” (2008, p.58), ou seja, as vozes conformam uma ordem, na expectativa de dar sentido ao mundo, de revelá-lo ou elucidá-lo, em

conformidade com o pensamento que legitima poderes, para a definição do equilíbrio do sistema social, de maneira hegemônica.

Poderíamos também considerar a maneira pela qual a crítica e a história literária nos séculos XVIII e XIX constituíram o personagem do autor e a figura da obra, utilizando, modificando e deslocando os procedimentos da exegese religiosa, da crítica bíblica, da hagiografia, das “vidas” históricas ou lendárias da autobiografia e das memórias (FOUCAULT, 2008, p. 64-65).

O Jornalismo ganha papel importante com suas narrativas, na ordem discursiva da sociedade, com vistas à definição do poder legitimado, para estabelecer as verdades que merecem ser seguidas para o equilíbrio sistêmico. Motta destaca que “O campo de produção simbólica é um microcosmo de luta entre atores sociais, classes e frações de classe, conforme seus interesses e a divisão social do trabalho” (MOTTA, 2013, p. 219).

Embora as vozes, nos textos jornalísticos, sejam múltiplas, como analisamos anteriormente, os personagens da narrativa a serem elevados com seu papel, ao vocalizar suas ideias, ganham “[...] poderes de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a versão dos acontecimentos do mundo imediato, poder quase mágico que permite obter politicamente mais do que é obtido pelo uso da força” (MOTTA, 2013, p. 219). Sistemáticamente, os espaços diferem na narrativa para cada personagem, conforme exatamente o seu poder de voz, de maneira a atender ao processo de produção da narrativa pelo narrador, na busca de efeito de sentido, de estabelecer poderes.

Nessa linha de pensamento, no que diz respeito ao jornalismo e à definição das vozes, conforme a proposta de Motta, a qual metodologicamente adotamos nas análises posteriores, os narradores são três, em condições de diferentes níveis, nesta ordem de poder: 1) o veículo; 2) o Jornalista; e, 3) os personagens.

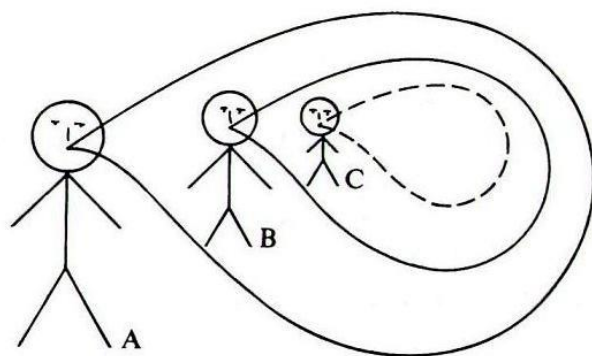
A narrativa jornalística é uma construção discursiva mediada primeiro pelo meio de comunicação que a veicula: o jornal, a emissora ou o portal, cada qual com suas singularidades técnicas, seu *ethos*, seus interesses comerciais e ideológicos particulares. Ela é mediada, em segundo lugar, por um corpo de profissionais corporativos: jornalistas, diagramadores, fotógrafos, cinegrafistas, editores, ilustradores, webmasters, etc., que hierarquizam a apresentação dos fatos, enquadram e posicionam os protagonistas na estória de acordo com seus valores pessoais e interesses profissionais. Além desses interesses, o texto jornalístico está permeado de falas diretas ou indiretas das inúmeras personagens-testemunhas, que também se digladiam no relato, trazendo para o dramatismo da estória a ótica de seus próprios pontos de vista sobre os incidentes que presenciaram ou participaram. Veículos, profissionais, indivíduos e grupos sociais estão assim em contínua ‘negociação’ política e simbólica (MOTTA, 2013, p. 220).

Com atenção aos conceitos definidos por esta pesquisa, na abordagem teórica, pontuada por Motta (2013), devemos observar que as narrativas para o discurso não se resolvem de maneira isolada, na produção midiática - tentamos demonstrar a importância de outros textos, como o do leitor, com suas narrativas e significações, que estão no texto jornalístico, para quem o narrador-midiático se dirige a sua frente -, porém, os níveis se mostram distintos, sendo que o veículo tem mais poderes que os demais, considerando sua condição de composição e configuração dos quadros dramáticos da narrativa, que se materializam em textos nas páginas impressas finitas e sua organização, com vistas aos efeitos de sentido. Aqui se devem observar os lugares dos textos, nas páginas do veículo, os títulos e seu contraste, com tipos de letras que ganham hegemonia visual, subtítulos, legendas, tamanhos das imagens, os signos das imagens evidentes, com formas e posturas dos personagens, com suas sugestões de significados para o leitor, etc., porém, de maneira persuasiva e determinante – não há narrador desinteressado, afinal, sobretudo na empresa jornalística, com seu universo comercial e proximidade com grupos sociais, com status econômico de dominação capitalista.

O narrador jornalista, o segundo na hierarquia narrativa, é aquele que se apresenta no local do fato, e assina o seu nome na legitimidade de sua existência, como narrador e responsável pela seleção dos pontos mais importantes dos acontecimentos-intrigas a serem narrados, de modo a desvelar os riscos à ordem social, em presença. Ademais, está sob sua responsabilidade, a princípio, a seleção dos personagens que ganham papel de destaque na legitimação das verdades, os protagonistas e aqueles que são favoráveis na narrativa à desordem, ao desequilíbrio, os antagonistas. Cada qual com seus espaços de fala e posicionamento, com respectivos poderes legitimados pelo profissional, que traz consigo a cultura profissional (*ethos*) do jornalismo, considerando seus preceitos éticos e seu lugar de inserção no mundo social, com papel de um indivíduo social, como descrito por Motta (2013), acima. O narrador do palco das ações, conduzindo a verdade da percepção mais direta, capaz de narrar com mais fidelidade numa referência ao território-acontecimento. Porém, numa relação de valores com o veículo, com o qual mantém vínculo profissional e carrega seus símbolos de poder para narrar e elevar posicionamento ideológico social. Não está livre para estabelecer solitariamente, todavia, seus valores mais subjetivos, embora impregnem a narrativa com suas percepções e visão de mundo, no terreno da narrativa.

Os personagens, o terceiro na hierarquia, estariam no papel de estabelecer as verdades sobre os acontecimentos, conforme projeto narrativo dos narradores anteriores, os quais possuem legitimidade social, por meio das instituições que representam, no ato de fala, e seu lugar territorial para relatar, em presença, o acontecido, como testemunhas, ou ainda uma figura criada pelo narrador (MOTTA, 2013), conforme seu projeto dramático. A disputa dos personagens na narrativa os torna protagonistas e antagonistas, com seus respectivos auxiliares, os que denominamos aqui de adjuntos protagonistas e adjuntos antagonistas. Nas intrigas, sua postura é definidora das soluções para a desordem que se instalou para a pretendida volta ao equilíbrio, como se mostra a função dos protagonistas, com sua carga simbólica e poder discursivo. Efetivamente, os antagonistas não merecem a mesma legitimidade, pois, muitas vezes, são responsáveis pela desordem, ou, mesmo, riscos para o desfecho dos acontecimentos-intriga, com crises para a sociedade, sempre na perspectiva da diegese³¹ da narrativa. Devemos esclarecer que os personagens, diferentemente, da visão de fontes, na narrativa, ganham status, atribuído pelo narrador, de modo a desvelar o mundo e evitar o caos. Aqui se estabelece, portanto, a mimese, cujos personagens relacionam a narrativa ao mundo real, com suas expectativas e verdades.

Numa referência a Gérard Genette (apud. 2013, p. 218), de maneira didática, Motta graficamente esclarece como ficam dispostos os níveis hierárquicos, nesta análise, de domínio da voz pelos narradores:



Nota: neste processo hierárquico de relações dos narradores, “A” representa o Veículo; “B”, o Jornalista; e, “C”, os personagens da narrativa.

³¹ Como descreve Motta, a Diegese “[...] corresponde ao universo virtual possível evocado pelo discurso narrativo na mente de quem conta ou escuta uma estória: o universo espaço-temporal no qual se desenrolam os acontecimentos da estória” (2013, p. 2017).

Dessa forma, as narrativas são um espaço de negociações e disputas permanentes, na definição do pano de fundo, da ideologia, as metanarrativas. Tanto o veículo, como o jornalista e os personagens estão inseridos num jogo de poder, que, imediatamente, se refere à construção de uma matriz narrativa hegemônica, e que, todavia não deve se esgotar nesses narradores, ou sequer num único discurso ou pensamento. Esta a razão, portanto, da defesa insistente da construção de um consenso narrativo hegemônico - ainda que provisório -, em decorrência das muitas disputas que sucedem, antes e depois dos relatos midiáticos, nas narrativas em curso na sociedade, com suas vozes e determinação de poderes. Numa referência a outros autores, escreve Gonzaga Motta:

O que mina a vigência e eficácia histórica de um paradigma cultural “*naturalizado*” não é determinado primeiro pelas mudanças na realidade social, mas sim pelo surgimento de um outro discurso, uma narrativa ou metanarrativa desestabilizadora da hegemonia. A *pervivência* histórica de uma metanarrativa hegemônica não depende, portanto, de sua correspondência com as mudanças na realidade social (como defende o marxismo), mas de sua eficácia retórica, até que outra narrativa competidora venha usurpar sua hegemonia (MOTTA, 2013, p. 44, grifos do autor).

Finalmente, nesse processo narrativo dramático, se estabelecem as metanarrativas, as quais se relacionam às matrizes do conhecimento simbólico, que tem como objetivo e finalidade dar ordem e sentido ao pensamento social, à realidade, às verdades, aos movimentos do mundo. As narrativas usufruem da estratégia textual na definição dos acontecimentos, dentro dos enquadramentos e em conformidade com a hegemonia discursiva de que participa. Não somente influenciando na perspectiva para manutenção da “pervivência histórica” – uma espécie de “matriz categorial de significados” (MOTTA, 2013, p. 44) – ou, mesmo, mudando sua eficiência simbólica, de modo a interferir no próprio discurso que a preserva, em razão de novas realidades necessárias, em tempos de globalização e poder dos mercados neoliberais. Na América Latina, as metanarrativas ganham força, em decorrência de uma sociedade com enunciados, discurso e poderes externos que geram pressão para transformações culturais e simbólicas, cujas narrativas midiáticas também ganham hegemonicamente importância.

Em essência, as narrativas se inserem em um universo de disputas pelo poder nos meios de comunicação de massa, com o objetivo de formar subjetividades, ideologias, em conformidade com o projeto dramático do narrador. Neste sentido, as disputas para a diegese estão na busca pela construção da realidade, o que exige estratégia dos narradores, na legitimidade de vozes e personagens, com suas funções e poderes para estabelecer

verdades. Mediação que mantém relação tênue entre a realidade e a ficção, que, na diegese, desvela sua capacidade de influenciar o pensamento daqueles que estão sendo conduzidos pelas estórias nas narrativas jornalísticas.

Mickey Mouse na origem de *Veja*

Esta pesquisa, desde o primeiro momento, vem sendo articulada metodologicamente para conhecer as vozes das narrativas midiáticas, considerando a importância dos meios de comunicação de massa na sociedade pós-moderna. A busca não se relaciona à crítica de um veículo, sua linha editorial, ou, mesmo, suas estratégias políticas, na estratégia do obscurecimento da realidade para o domínio ideológico. Sim, a questão é compreender como as vozes dos narradores se articulam nas narrativas jornalísticas e configuração dos personagens, que definem e ordenam o pensamento das nações latino-americanas, a partir de suas instituições e modelo político global. Uma crítica à ideologia na formação simbólica dos tempos contemporâneos, com núcleos de poderes constituídos na territorialidade da globalização, com vistas às narrativas sobre a América Latina.

Assim, na impossibilidade de análise de volumes de mídias jornalísticas para servir como recorte para esta análise sobre a região, definimos, como objeto de pesquisa, o semanário paulista, de propriedade do grupo Abril, a tradicional e famosa Revista *Veja*. A escolha se dá pela qualidade do material publicado, ou seja, da ampla cobertura do semanário, com atenção aos movimentos políticos no Brasil, na América Latina, nos continentes e nos países, como agentes políticos nas disputas globalizadas. Sua cobertura se revela vasta, com atenção ao modelo político internacional e declaradamente uma linha editorial conservadora, defendendo, de maneira hegemônica, na esteira de uma matriz narrativa em formação. Nessa perspectiva, com valores e desenvolvimento econômico, numa referência aos paradigmas financeiros internacionais, ao neoliberalismo.

Para esta pesquisa, tem importância, principalmente, a sua grande audiência, como consequência, forte influência na sociedade, sobretudo nos grupos formadores de opinião e sobremaneira no universo político brasileiro e acontecimentos-intrigas regionais.

A rigor, a revista *Veja* tem postura definida, sobretudo nos últimos anos, ajustando-se à direita, no espectro político, e, assim, demonstra posicionamento em favor de uma

América Latina com valores definidos, a partir desse consenso hegemônico global, assumindo, como horizonte, os tempos pós-modernos de desenvolvimento cultural e social, vindos dos países conhecidos pelos seus poderes econômicos, de comunicação global e influência política internacional. Assegura, dessa forma, a eficácia do modelo neoliberal em um mundo sem fronteiras para as economias, de modo que o mercado, nessa perspectiva, seria a ponta de lança para se chegar aos níveis mais altos do universo do capitalismo avançado, uma espécie de caminho único pelo qual se pode chegar à democracia e à civilidade. Na política, o semanário brasileiro mostra seu protagonismo nos momentos de mais acirrada disputa, posicionando-se claramente em favor das transformações sociais do século XXI, porém do conservadorismo e com atenção ao mercado. Em artigo, oriundo de sua pesquisa de doutorado (UFF), tendo como objeto o semanário, Carla Luciana Souza da Silva, afirma que:

A Revista *Veja* como instrumento de dominação tem tido uma ação muito mais eficiente do que os demais partidos políticos formais. Do ponto de vista político, ela tem influenciado a história brasileira de muitas formas: impondo a aprovação de reformas na Constituição, exigindo privatizações, desestabilizando governos, mantendo ou excluindo ministros. Sempre quer aparecer como neutra, um vigilante do poder, o “quarto poder”. Ao mesmo tempo, ela tem buscado formular políticas, programas e projetos para o Brasil. O neoliberalismo, especialmente, teve na revista um precursor, ela agiu como seu ativo intelectual durante toda a década de 1990 (SILVA, 2008, p. 89).

Com ampla tiragem semanal, no meio político, sua leitura se mostra como indispensável, como aponta a autora, devido também a sua capacidade de agendar outras mídias sobre matérias que publica, principalmente em momentos de grande tensão e debate social, como exemplo, a capa, em que destaca Fidel Castro, como um fantasma a rondar a política latino-americana, com seu comunismo ultrapassado. Em publicação em fevereiro de 2008, ataca Fidel Castro, que, diante dos tempos de velhice e doença, sinaliza deixar o governo cubano, o que seria motivo para acreditar na democracia no país, depois de décadas de ditadura. Nesse cenário, fala *Veja* que o líder da revolução cubana, deveria, naquele momento, de fato, deixar o poder político da ilha, ou melhor, com o título em destaque na capa: “Já vai tarde”, estampado, ideologicamente (Ed. 2049)³². Nessa linha de raciocínio, a reprodução insistente dos núcleos de governos de esquerda da região, dentre eles, Evo Morales, Hugo Chávez, Rafael Correa, Raúl Castro, como os mesmos cachorros,

³² As capas das edições de *Veja*, aqui referidas, podem ser vistas no acervo digital do próprio semanário paulista, da Editora Abril, de acesso público, em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.

com cóleras diferentes: “As feras radicais” (12/03/2008, ed.2051). A defesa persistente dos modelos dos grandes centros comerciais, ou, mesmo, da atuação rigorosa na política brasileira, em favor da abertura comercial e redução do estado, com rigoroso enfrentamento a grupos de esquerda da região.

No Brasil, seguem as disputas ideológicas e de poder, com os governos dos petistas Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, de modo que as narrativas de *Veja* persistem como um agente político importante, com publicações polêmicas, sendo motivo de debate e críticas. A exemplo, o caso conhecido como mensalão petista, quando se posicionou favorável à oposição e contra o governo do Partido dos Trabalhadores, cujo envolvimento, posteriormente, ficou confirmado pela justiça, com participação de lideranças do PT envoltas em pagamento de mensalidades, com verbas públicas, a parlamentares, para votarem a favor do Palácio do Planalto, durante o governo de Lula. A revista, ainda sobre o Partido dos Trabalhadores, durante o primeiro e segundo mandato de Lula, publicou matérias ligando o então presidente brasileiro às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo (Farc) - com denúncias de que o partido teria recebido dinheiro dos guerrilheiros colombianos para abastecer com verbas a campanha eleitoral de Lula (16/03/2005, ed. 1896). Nada comprovado até hoje pelo semanário.

Em outro episódio, que ficou marcado na historiografia brasileira, o apoio de *Veja* foi ao candidato presidencial, Fernando Collor, e sua linha editorial se manteve, depois de eleito e nos meses iniciais do governo, entre 1990 e 1992, para, depois, se mostrar com jornalismo crítico e aguerrido contra o alagoano no poder, assumindo protagonismo no *impeachment* presidencial. A revista pautou publicação de entrevista com o irmão do presidente: “Pedro Collor conta tudo” (27/05/1992, ed. 1236), com revelações de escândalos, o que gerou a maior repercussão política na época contra Fernando Collor de Mello, tornando-se efetivamente o momento mais delicado para sua manutenção no Palácio do Planalto. Na época das entrevistas, com chamada de capa, as edições se esgotaram nas bancas, sendo assunto de impacto político naquele instante, no Brasil, cujas denúncias de corrupção ligaram Collor de Mello ao seu tesoureiro de campanha, famoso e intrépido Paulo César Farias, o PC. Collor de Mello, protagonista elogiado pelos seus

feitos na política, tornou-se rapidamente antagonista das narrativas de *Veja* e de parte das mídias brasileiras, com sucessivos escândalos, que passaram para a história brasileira.³³

Entre as obras sobre o tema está a de Emiliano José (1996), com o livro “Imprensa e Poder: ligações perigosas”, conforme relata: “A revista *Veja*, que mais tarde irá se notabilizar como o veículo detonador do processo que dá origem ao impeachment de Collor, pode ser tomada, como referência da militância da imprensa escrita em favor do candidato” (1996, p. 27). Assim, as narrativas de *Veja* têm fundamental importância na criação de personagens, como Collor de Mello, na política nacional brasileira, inicialmente um protagonista da mudança para novos rumos do Brasil, de um país atrasado, dos coronéis, como José Sarney, sinalizando para o moderno do jovem alagoano, de cultura cosmopolita, relacionando-se com os tempos modernos e da globalização. “Não custa lembrar que o combate sistemático a Sarney foi outro componente fundamental na construção da personalidade política de Collor” (JOSÉ, 1996, p. 27).

O Jornalista Mário Sérgio Conti, em “Notícias do Planalto: A imprensa e Fernando Collor” (1999), com obra densa sobre as eleições e impeachment presidencial, revela o papel e a importância das narrativas de *Veja* no episódio. Importante lembrar, em tempo, que na disputa com Collor de Mello, em 1989, estava o sindicalista Luiz Inácio Lula da Silva, com chance de vencer as eleições à presidência, naquele ano, outro personagem importante das páginas de *Veja*, portanto, durante seus dois mandatos presidenciais (2003-2011), nas estórias da política brasileira.

No embate político, no processo de mediação, não escapa a Conti, contudo, a preocupação de *Veja* quanto à qualidade de suas reportagens. Um trabalho extenuante que passa por uma rede de hierarquia, antes de chegar às páginas da principal revista do país, como observa o autor, na produção de notícias, no semanário:

Na apuração, eram feitas quantas fotografias e entrevistas fossem necessárias, onde fosse preciso, inclusive na Europa e nos Estados Unidos, pelos correspondentes. Depois de percorrer pilhas de fotos para escolher as melhores, e de fazer tabelas, mapas ou gráficos com a editoria de Arte, o repórter diagramava a matéria, que era repaginada pelo editor e depois pelo editor executivo. O encarregado escrevia o texto, seu editor pedia complementos e determinava que fosse reescrito. A cada degrau na hierarquia a reportagem era reescrita novamente. Autorizada a publicação, era hora da checagem. Os checadores

³³ Após o impeachment de Collor de Mello em 1992 o cargo de presidente passa ao seu vice-presidente o mineiro Itamar Franco, que elevou Fernando Henrique Cardoso ao cargo de Ministro da Fazenda (1993-1994), lançando o Plano Real, dando ao subordinado a condições de pleitear e vencer as eleições presidenciais em 1994, sucedendo-o.

confeririam as datas, grafias de nomes e comparavam o texto final com os relatórios originais, buscando incongruências e erros. Esse ir-e-vir levava dias, às vezes semanas, e, por gargalo final, era extenuante e neurótico. [...] O repórter que teve a ideia original saía da redação às nove horas da manhã [...] Do seu texto original não sobraram nem as vírgulas. Tivera de Refazer uma legenda cinco vezes (CONTI, 1999, p. 63).

A preocupação na tomada de decisões das reportagens tinha motivos. Sempre uma atividade profissional cansativa, “[...] com repercussões sobre os 2,8 milhões de leitores (quatro para cada exemplar, numa tiragem de 700 mil, em abril de 1987)” (CONTI, 1999, P. 65). As narrativas, antes da publicação, passam por um processo de produção que exige muitas decisões e o crivo de vários profissionais de *Veja*, até chegar aos principais editores, na busca de atingir o seu objetivo final, que é chamar a atenção do leitor, para a compra da revista e obter o desejado retorno econômico. Efetivamente, além do fator financeiro, estão outros objetivos, como a difusão de ideologia, organização política, etc., assunto que discutimos desde o início desta análise. Para além disso, exige observação de vários outros processos, como também tentamos avaliar anteriormente, pela hierarquia de poder, que não se resume por vezes ao espaço da redação jornalística.

Surgimento de *Veja* e suas narrativas

Para atingir o status da revista mais lida do Brasil, conforme a literatura difundida com entusiasmo, até mesmo pela empresa, foram anos de trabalho até chegar ao modelo desejado pelo grupo Abril.

O projeto de publicar uma semanal começou no início de 1960, com a ideia de se criar uma revista ilustrada semelhante às norte-americanas *Look* e *Life*, à francesa *Paris Match* ou à italiana *Oggi*, para concorrer com a brasileira *Manchete*. Essa revista se chamaria *Veja*, porque se destinava, em primeiro lugar, a ser vista. Teria, necessariamente, muitas fotos, várias delas bastante ampliadas. No entanto, o projeto não saiu do papel. Com a crise política do país em 1961, em que houve renúncia do presidente Jânio Quadros e a saída parlamentarista para a posse do vice-presidente João Goulart, a decisão da empresa foi adiar o projeto (ALMEIDA, 2008, p. 23).

Ademais, considerando os novos tempos que surgiam na política e economia, no começo da década dos anos 60, a família de origem italiana no Brasil fundamentalmente iniciava movimento para outras oportunidades de negócios. Assim,

Em setembro de 1968, a mesma Editora Abril que publicava *Realidade* lançou uma concorrente. A mudança seria significativa: *Veja* tinha (como tem até o

presente momento) periodicidade semanal, portanto conseguia ser bem mais veloz do que *Realidade* [1966-1976], não apenas para chegar ao leitor, mas também na produção de textos, que deveriam acompanhar o novo ritmo (PANIAGO, 2008. p. 332).

No entanto, amargou prejuízos no começo das atividades, pois, “[...] se no final de 1969 *Veja* havia encontrado o seu coração editorial, a cobertura política, só em 1974 ela veio a dar lucro [...] Quando a revista foi lançada, em [11] setembro de 1968, a previsão era de que vendesse 700 mil exemplares semanais, todos em bancas” (CONTI, 1999, p. 77), mas não foi o que de fato ocorreu. Conforme o autor, no carnaval de 1969, as vendas não chegavam a 70 mil exemplares, gerando preocupação do sócio, o também italiano, Gordiano Rossi, e da família Civita, que pensaram conjuntamente em encerrar o projeto. Os Civita estavam determinados a levar adiante o projeto, e coube a Roberto Civita, o filho mais velho da família, buscar meios de impulsionar as vendas. Dessa forma, o primogênito decidiu negociar pessoalmente com os revendedores de revistas de São Paulo e Rio. Em forma de uma associação, majoritariamente formada por italianos, os donos de bancas boicotavam o veículo que anunciava a comercialização das edições mediante assinatura. Como fala Conti, nos encontros de negócios, Civita acertou que somente *Veja* seria vendida para assinantes e não as demais publicações, o que foi aceito pelos conterrâneos dos donos da publicação e deu sobrevida, naquele momento, já à beira da falência, à hoje discutida revista *Veja*, que decidiu com prioridade pela linha política, com sucesso junto ao leitorado.

De fato, a revista “começou a dar lucro e a vender mais após uma série de mudanças significativas. Uma delas foi a introdução de entrevista das ‘Páginas Amarelas’, logo nas páginas iniciais, trazendo um assunto relevante, de preferência com uma personalidade” (ALMEIDA, 2008, p. 49)³⁴. E não somente, “a maneira de escrever a revista foi sendo encontrada na prática, no dia-a-dia do fazer jornalismo: uso de adjetivos, apuração minuciosa e cuidado com o texto” (2008, p. 63), como acrescenta a autora. Assim, “Do terceiro ano em diante, ela não dava mais prejuízos [...] no último trimestre de 1972, *Veja* teve uma venda média semanal de 97 mil exemplares, sendo 52 mil em bancas e 45 mil por assinatura” (ALMEIDA, 2008, p. 56).

³⁴ Não só, somou também ao sucesso, a adequação do texto, com uso cada vez mais de adjetivos nas reportagens, bem como a configuração dos seus personagens, com destaque para suas características; além da prioridade na linha política, e, por fim, da venda de assinaturas.

Antes, porém, a origem do semanário paulista está atrelada às narrativas do desenhista americano, Walt Disney, criador do famoso personagem Mickey Mouse, que mereceu grande destaque na indústria cultural brasileira, argentina e latino-americana. Os filhos dos italianos, Vittoria Carpi e Carlo Civitta, Cesar e Victor, seguiram rumos diferentes, conforme relata Conti (1999). Embora o pai fosse um bem sucedido empresário na Itália, com importadora em Milão e escritórios em Nova York, “Cesar, o primogênito de Carlo e Vittoria, deslumbrou-se com o cinema” (CONTI, 1999, p. 361). Conforme o autor, Cesar não conseguiu se manter numa indústria cinematográfica ainda incipiente. Sendo amigo de empresário dono de uma editora em Milão, decidiu publicar uma revista em quadrinhos, cujo personagem principal seria Topolino, em italiano, a tradução e adaptação do nome de Mickey Mouse estadunidense. O outro irmão, Victor Civita, “[...] fascinado por aviões, seguiu caminho e encontrou seu alento na Força Aérea. Como não gostava de estudar, com vinte anos, o pai lhe deu um talão de cheques e o embarcou num navio para os Estados Unidos” (CONTI, 1999, p. 361). Depois de um ano, retornou a Milão e foi trabalhar com o pai nas suas empresas.

César, por sua vez, foi para Los Angeles pedir emprego a Walter Disney, que o sugeriu mudar-se para a Argentina e cuidar dos negócios da empresa por lá, país em que não se dava o devido cuidado ao empreendimento e sua administração, pois, apesar das publicações, os resultados não retornavam para a matriz norte-americana. “César topou e tempos depois se estabeleceu em Buenos Aires, onde fundou a Editorial Abril” (CONTI, 1999, p. 362). Como a guerra havia causado transtornos na Itália e não poupou a família Civita de grandes prejuízos financeiros, César, então, convidou o irmão para montar operações da Disney, no Brasil, em parceria com sua empresa, a Abril. Embora com empreendimentos em Nova York e família vivendo acomodada nos Estados Unidos, depois de um tempo, Victor decidiu visitar o país da América do Sul, para conhecer o lugar mais de perto. “Não gostou da Argentina e fez uma visita ao Rio de Janeiro. Ali, conversou com Roberto Marinho e Adolpho Bloch sobre o mercado editorial” (CONTI, 1999, p. 363) – refere-se ao patriarca da família Marinho proprietária da Rede Globo de Televisão e Bloch, dono do extinto grupo de mídias Manchete, que, além da TV, publicava a famosa revista homônima.

Victor Civita não gostou do Rio de Janeiro, mas se sentiu à vontade em São Paulo, o suficiente para, em seguida, trazer toda a família da América no Norte para se instalar no

Brasil, quando têm início as operações da Editorial Abril, com a publicação das narrativas de Walt Disney, dentre elas, posteriormente, a do Pato Donald, no formato padrão internacional, o que marca o início da publicação de uma diversidade de revistas, como descreve Conti (1999).

Apesar do sucesso do empreendimento, quanto a Revista *Veja*, suas narrativas nem sempre foi de liberdade e distante das disputas política pelo poder. Com os anos de chumbo no Brasil (1694-1985), o semanário brasileiro enfrentou desafios quanto ao projeto político e econômico, ainda que mantivesse na defesa do pensamento desenvolvimentista.

Desta forma, o caráter empresarial de *Veja* preservava as relações capitalistas, ao mesmo tempo em que adotava um caráter conservador em suas matérias para poder se manter no mercado. Porém, em questões específicas, como a censura, a tortura, e a campanha pelas eleições presidenciais, diretas, *Veja* entrou em conflito com os militares. Essas questões estavam dentro daquilo que a revista defendia como fundamental para o retorno ao Estado de Direito. A parti dai, incluíam-se a liberdade de pensamento, as garantias individuais dos sujeitos e direto ao voto cidadão (RENAULT, 2011, p. 103).³⁵

Portanto, segue com suas narrativas e modelo definido em sua origem. Num recorte para a atualidade, o semanário segue com sucesso entre o segmento de revistas semanais no Brasil, sendo, o de maior destaque da família Civita. Cujo empreendimento foi dirigido por Victor Civita (patriarca), depois, pelo filho, Roberto Civita³⁶, ambos falecidos. O último, em 26 de maio de 2013.

Estórias para um mundo admirável

Origem europeia, passagem pelos Estados Unidos, pela Argentina e, depois, pelo Brasil demarcam e permitem conhecer a referência cultural dos donos da empresa, que edita o semanário, o qual, ao longo dos anos, vai delimitando seu espaço, com sucesso, nas narrativas da política, da cultura, do entretenimento, da moda, dos negócios e outros,

³⁵ Nesta análise histórica, importante ainda registrar a importância de Mina Carta para o sucesso do projeto de implantação do estilo de semanário, atrelado aos novos tempos, o qual esteve à frente desde o início das primeiras atividades da revista. Sua saída resultou em um caso emblemático, envolvendo Victor Civita (sócio proprietário da Editora Abril) e o jornalista, o que já foi por demais discutido por ambos publicamente. Por trás da discussão está a saída emblemática de Carta, que seria uma imposição dos militares à empresa para abrandar a censura à revista, na época, que gerava prejuízos. No entanto, “após a saída de Mino Carta, *Veja* conviveu com a censura por mais quatro meses, até junho de 1979. E os demais meios de comunicação chegou ao fim somente dois anos depois, em junho de 1978” (ALMEIDA, 2008, p. 154).

³⁶ Roberto Civita que estudou Física Nuclear na Rice University, no Texas, e formou-se em jornalismo na Universidade da Pensilvânia e em economia pela Wharton School da mesma universidade e fez pós-graduação em Sociologia pela Universidade Columbia (Wikipedia, acessado em Dez.2014).

enfim, no jornalismo especializado brasileiro. Como afirma Silva (2008), *Veja* tem papel importante na construção de um “Admirável Mundo”, em que o desenvolvimento é possível, desde que siga alguns caminhos definidos pelas grandes nações do primeiro mundo, em cuja observação, o mercado industrial ganha importância nessa narrativa.

A ação de *Veja* foi clara no sentido da formação de uma *contrarreforma moral e intelectual* e da criação de um novo estilo de vida. Nessa construção, é o mundo que define o homem, e não o contrário. Ou seja, ao invés de propor que o homem poderá transformar o mundo, diz que o mundo está mudado, segundo *Veja*, por forças “naturais”, portanto, caberia ao homem apenas se adaptar a ele. Por isso a definição deste “novo mundo” já traz o que apresenta como sendo o papel do “novo homem” (SILVA, 2008, p. 90).

A maior revista política brasileira persegue um novo estilo de vida, que, na sua diegese (no fio da estória), revela o moderno, em contraste com o atrasado, numa visão de futuro, com base em personagens de destaque (protagonistas), que conseguem superar as dificuldades nas adversidades e atingir os objetivos mais sublimes. Seguir os heróis pode ser caminho importante para o desenvolvimento das nações latino-americanas, convivendo com os tempos da hegemonia de um mundo globalizado e neoliberal. Calzeloto e Aidar, em artigo sobre os discursos de *Veja* em relação ao universo tecnológico, revelam as configurações das narrativas sobre seus personagens, que servem como observação nesta análise, embora em outra perspectiva, sobre as novas tecnologias. Como descrevem, o semanário explora a criação de um imaginário tecnológico, projetando-se para o futuro, “[...] fazendo desfilar os novos ‘heróis’ do mercado digital, que estariam desbravando esse novo mercado e impondo-se como modelos de gestão” (CALZELOTO; AIDAR, 2014, p. 9). Os autores acrescentam que “O traço comum dessas narrativas está na *euforização* da economia das tecnologias digitais construídas discursivamente a partir da atuação empreendedora, desafiadora e criativa desses agentes bilionários e na saga dessa própria construção” (CALZELOTO; AIDAR, 2014, p. 2, grifo nosso). A rigor, as narrativas com seus protagonistas e antagonistas, na definição de uma sociedade do presente, com efeitos de projeções sobre o imaginário social no futuro.

Nessa perspectiva, são propostas que o grupo assumiu já na sua primeira edição, como está publicado na carta ao leitor, assinada pelo dono majoritário da Editora Abril, o empresário Victor Civita:

Pois a revista *Veja* quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros. Há quase vinte anos a Editora Abril lançava sua primeira publicação, *O Pato Donald*, apresentando – para jovens de todas as idades – as estórias maravilhosas das personagens de Walt Disney. Nos anos seguintes, com o

sucesso de vários lançamentos (e o insucesso de alguns), crescemos e aprendemos muito. [...] Agora nasce *Veja*. [...] O Brasil não pode ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos, os regionalismos: precisa de informações rápidas e precisas a fim de escolher novos rumos (11/09/1968, ed. 1, p. 20- grifo do autor).

Nas narrativas do semanário paulista, a trama das histórias leva, no final, à formação de um mundo ideal, admirável de *Veja*, seguindo as análises de Silva (2008). Nesta diegese sobre a política latino-americana, por sua vez, surgem como *não euforizados* os antagonistas dos acontecimentos-intrigas, como é caso do personagem Hugo Chávez, que se transforma em Caudilho e “O presidente cubano Fidel Castro, comandante de um ‘Estado oficial de mendicância’” (BONFIM, 2014, p. 10) ³⁷, além de Evo Morales, presidente da Bolívia, que ganha o status de cocaleiro. Porém, como escreve Bonfim, em seu artigo sobre a cobertura de *Veja* dos países da América Latina, os elogios são para o Chile – o país que, ao longo dos anos, segue o modelo neoliberal da região, além do México e da Colômbia. Narrativas que não visam unicamente o consumo, fórmula para o desenvolvimento social para o mundo pós-moderno, mas “[...] do próprio homem ‘globalizado’, que demanda a desregulação do trabalho, a denúncia das conquistas sociais e sua redução no âmbito do Estado, o discurso do fim das ‘ideologias’, um ‘novo homem’” (SILVA, 2008, p. 91). E assim, em essência, avalia Silva, trabalham em conjunto as revistas publicadas pelo grupo Abril.

Resta-nos compreender, ainda mais a fundo e, efetivamente, como, nas narrativas do semanário, as vozes atuam e interferem, na incessante busca pelo poder de construção, então, “euforizado” “mundo admirável” de personagens e histórias jornalísticas de *Veja*. Contudo, em um universo em coconstrução de sentidos, diante dos acontecimentos-intrigas na política da América Latina, em tempos de globalização e mais comunicação mediada.

³⁷Endereço: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bomfim-ivan-latinidade.pdf>, Acessado em Dez.2014.

METODOLOGIA PARA ANÁLISE DAS VOZES DE VEJA

Neste tópico, tentaremos esclarecer os procedimentos da pesquisa, com o objetivo de compreender o processo narrativo para a formação da matriz narrativa hegemônica provisória de *Veja*. Com essa finalidade, foram analisados cinco anos das edições do semanário paulista, das edições publicadas semanalmente entre os anos de 2008 e 2012, sendo objeto de análise as reportagens, cuja temática fosse o universo político da América Latina. As capas, inicialmente, mereceram atenção da pesquisa, mas, em função da extensão do material e a complexidade de debruçar sobre todas as páginas da revista, a pesquisa passou a considerar como pertinente, para observação, aquelas com ênfase à política e aos países latino-americanos, que, embora não sejam em grande número, têm importância no entendimento da configuração das narrativas de *Veja*, com temas que se propõem ao debate público, na busca de convencimento para seu projeto dramático. Inicialmente, além das capas, foram reunidos 156 textos, com reportagens sobre os movimentos políticos, com acontecimentos em algum país da América Latina. Cabe esclarecer que a definição das nações para o *corpus* da pesquisa se deu pela própria agenda da revista, desde que fossem publicados no intervalo de tempo definido. Com hegemonia, aparecem como personagem desta trama narrativa sobre a região: Argentina, Venezuela, Brasil, Cuba, Bolívia, Colômbia, México, Chile, Equador, Peru, Honduras e Paraguai, além de outros países com menos destaque.

No entanto, ao longo do tempo, a partir das análises das narrativas, em função da complexidade do objetivo e a grandiosidade da pesquisa, logo nos deparamos com a realidade, e, como forma de organizar, dentro do possível, decidimos por acompanhar as histórias de *Veja*, na seleção de dois países fundamentais na ordem política da América Latina: Cuba e Argentina. A escolha se deu pelas diferenças políticas e ideológicas dos personagens desses países, além da diversidade cultural que os separa. Se, por um lado, há uma nação sob forte influência dos Estados Unidos, que disputa poder, com a política de um estado socialista, com tradições comunistas, de outro, a Argentina está longe do viés socialista, ou, mesmo, comunista, de modo a se aproximar dos mercados externos, neoliberais, porém com fortes relações políticas na região, cujas lideranças defendem o nacionalismo. Os argentinos acompanham sucessivos escândalos econômicos e políticos

no país, que, na atualidade, convive com a liderança da família Kirchner, há mais de uma década, na Casa Rosada e no poder, com enfrentamentos com grupos de elites econômicas.

Na abordagem das narrativas sobre globalização, as ideologias de esquerda e a economia mereceram atenção nos procedimentos políticos que envolveram os dois países em questão, além da aproximação de outras nações regionais, como o Brasil, a Venezuela, a Colômbia, o Chile, o Peru, a Bolívia e o Equador, na região. Já numa perspectiva global, os Estados Unidos, vizinho dos socialistas cubanos e a Argentina nacionalista, com forte influência da cultura europeia. De modo que, com este recorte, seria possível ampliar a visão sobre as disputas políticas, nas narrativas do semanário brasileiro, objetivando conhecimento mais pontual sobre as vozes dos personagens, na composição da matriz hegemônica de *Veja*.

De fato, sobre a nação da América Central, foram reunidos 23 textos, de 22 edições da revista, para 63,67 páginas, com configuração de vários personagens na trama. No que diz respeito ao país da América do Sul, a Argentina, sobraram 31 textos para 31 edições e 76,5 páginas de histórias. As análises, portanto, compuseram-se de 54 e 140,1 narrativas, que exigiram várias leituras e interpretação na diegese do narrador, no sentido de compreender, em todos os passos, a sua produção, acompanhando as estratégias dos narradores, no fio da narrativa sobre a região. É uma pesquisa a merecer mais investimentos e páginas de publicações para os demais países da América Latina, o que será feito ao longo do tempo, sendo, portanto, o início de uma trajetória de abordagens sobre a região, a somar com tantas outras pesquisas feitas e em andamento.

A busca pelas respostas da problemática inicial que motiva este trabalho segue o método narrativo, no sentido de compor os procedimentos das histórias, na perspectiva da globalização. A pesquisa não parte, portanto, do pressuposto do poder exclusivo de um narrador, mas da pluralidade de vozes, na configuração de uma narrativa hegemônica, que tem como função a ordem discursiva da sociedade nos tempos pós-modernos. A atenção se volta para as transformações políticas, econômicas e culturais, no bojo de uma sociedade globalizada.

Dessa maneira, passamos aos procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa. Inicialmente, descrevemos as questões-problemas que iluminaram as análises das narrativas de *Veja*:

- 1) Quais as vozes predominantes para a formação de matriz narrativa hegemônica provisória, sobre a América latina, para delimitação de pensamento político-ideológico da globalização?
- 2) Há outras vozes implicadas nos enunciados que ultrapassam os narradores midiáticos (Revista, Jornalistas, personagens) sobre a formação político-ideológica da América Latina e qual a sua origem institucional?
- 3) As vozes de quais atores (personagens) sociais sustentam a narrativa da revista *Veja*, em seu noticiário sobre a América Latina, para formação de consenso narrativo hegemônico?
- 4) Quando o texto interpretativo da revista assume posições e pontos de vista próprios, ao relatar as histórias latino-americanas, ela o faz em nome de quais personagens (os protagonistas) na narrativa?
- 5) Em síntese, quais são os personagens que falam na narrativa da revista a respeito dos episódios latino-americanos, na composição de uma matriz hegemônica provisória?

Para dar conta dessas questões-problemas, como técnica de análise, os textos observados foram divididos pelos temas propostos (América Latina e Política), seguindo os acontecimentos jornalísticos selecionados pelo narrador. Posteriormente, para sua análise, agrupados conforme a similaridade das intrigas que motivam as narrativas. Para tanto, no período de análise (2008-2012), depois da seleção e, posteriormente, da leitura de todas as narrativas sobre a América Latina, chegou-se a numa divisão sistemática em seis histórias independentes, que, metodologicamente, chamamos de episódios, possíveis para aplicação dos métodos narrativos, com vistas às questões-problemas. Contudo, numa segunda revisão do objetivo, metodologicamente, encerramos em dois episódios que se encaixariam nas propostas da pesquisa, permitindo construir análise pertinente, os quais descrevemos, em síntese:

Episódio 1 – Sobre Cuba, seguindo o fio da história de *Veja*, na qual se configura um *antagonista* importante nos acontecimentos-intrigas da América Latina, com a articulação política dos irmãos Castro, com liderança de Fidel Castro nas disputas pelo poder, diante de uma sociedade globalizada, em transformação cultural e econômica. No episódio, as eloquentes disputas da política cubana com o modelo adotado pelo vizinho, os Estados Unidos. Na sequência, o tempo vai delineando uma ilha, no caminho do neoliberalismo globalizado, seguindo o fio das narrativas do semanário brasileiro.

Episódio 2 – Sobre a Argentina, na sequência da narrativa de *Veja*, os modelos políticos de governo se sucedem, conforme período analisado. Inicialmente, peronismo, depois, kirchnerismo e, finalmente, o cristinismo. Um país liderado pela família Kirchner, *antagonista* na estória do narrador, que, na essência, conduz um estado nacionalista, com forte tendência assistencialista. No episódio, a presidente Cristina Kirchner enfrenta fortes adversários nacionais e internacionais, com estratégias de ambos os lados, contudo se mantém no poder da Casa Rosada, com direito à reeleição.

Os episódios nesta análise se definem como parte de uma estória integral, de modo a tornar mais eficientes as narrativas, para acompanhar os movimentos e estratégias dos narradores e compreender, no final, sua composição, de modo a ser um recorte, que leve à racionalidade da pesquisa e conhecimento posterior da estória na sua completude. Nesta abordagem, a pesquisa segue o tempo cronológico do narrador, embora nas descrições das estórias, fundamentalmente, valoriza-se o tempo da narrativa, acompanhando a diegese e a composição das intrigas, que sucedem, portanto, na sua tessitura.

Como descreve Motta, “Os episódios de uma estória representam sempre projetos humanos que podem ser reconhecidos pelo analista como episódios de degradação ou de melhoramento de uma situação” (2013, p. 206), com atenção sempre na sequência: equilíbrio, desequilíbrio e equilíbrio, de modo que, para o acontecimento-intriga, haverá o tempo necessário, na definição do projeto narrativo, para sua decisão e solução, embora, neste processo ocorram os *pontos de viradas*, ou seja, novos acontecimentos que podem mudar os rumos da diegese da narrativa. Como medidas tomadas pelo governo em momentos de crise, a prisão ou morte de um personagem importante da trama, que leva a mais disputas e busca de soluções para o novo impasse. O narrador, agindo assim, interfere nos rumos da estória, gerando novas configurações na diegese, ou, mesmo, a interrupção da trama.

Objetivamente, nas análises das narrativas de *Veja*, seguimos a proposta metodológica de Gonzaga Motta (2013), que se divide em três planos de verificação:

- A) da expressão (linguagem ou discurso);
- B) da estória (ou conteúdo); e,
- C) plano da metarrativa (tema de fundo).

Dessa maneira, serão explorados nesta pesquisa os três pontos, de forma sucessiva ou simultânea, em conformidade com os acontecimentos-intrigas e seus desdobramentos

na narrativa. Entretanto, com ênfase (sem prescindir dos demais) no plano da estória, considerando as vozes, na ordem da formação da diegese, conforme projeto dramático do narrador. A metanarrativa sairá dessa relação entre o plano da linguagem e da estória, a princípio, caminho para a observação dos metarrelatos, as ideologias políticas.

Para análise mais profunda da estória de *Veja*, tornou-se necessária a separação das narrativas, em partes, de modo a perceber o processo de produção do narrador, assim disposto:

1. **Plano da Estória:** a) Título e subtítulo; b) país ao qual a narrativa faz referência; c) o repórter que dá sua assinatura à reportagem, no início da publicação, e repórteres, no final do texto. Todos sendo considerados como “Narrador Jornalista”; d) a reescrita da estória da reportagem de *Veja*, para cada matéria publicada. Como procedimento, o pesquisador se coloca como leitor da narrativa, num primeiro momento, de modo a observar a sequência da diegese.

2. **Divisão dos narradores** em:

a) *Veículo* - no que concerne a toda a parte gráfica que ilustra a reportagem, como títulos, legendas, imagens, enfim, a composição imagética e semiótica da narrativa.

b) O *Jornalista* - o qual está no território do acontecimento, e responsável pelo texto, na composição da estória.

c) *Personagens* – sendo divididos: 1) Protagonistas sem voz: aqueles que, mesmo não tendo voz na narrativa são citados com frequência pelos narradores, como figuras importantes, com poder político, seja pelo narrador-veículo, nas imagens, ou pelo jornalista, no plano da expressão. 2) Protagonistas com voz: aqueles que têm espaço na diegese da narrativa de *Veja*, responsáveis pelas informações precisas sobre os acontecimentos, sendo, portanto, legitimados pelos narradores: revista e/ou jornalista. 3) Adjuvantes dos protagonistas: aqueles que têm papel secundário na narrativa e servem como forma de oferecer subsídios aos protagonistas na condução para o pano de fundo estabelecido pelo narrador, com voz ou não. 4) Antagonistas sem voz: aqueles que, mesmo não tendo voz, estão permanentemente citados no texto dos narradores, tornando-se, portanto, um personagem com poder de representação para a tomada de decisão, que vem sendo organizada na diegese da narrativa de *Veja*, com seus protagonistas. 5) Antagonistas com voz: aqueles que são o centro das atenções do narrador, que disputam poder com os protagonistas definidos na composição do narrador, que se posicionam a defender suas

ideologias (nas disputas pelo poder) e visão de mundo. 6) Adjuvantes do antagonista: aqueles que surgem com papel secundário, mas, ao lado do antagonista na estória, com espaço para apresentar sua voz ou não. 7) Neutros (definidos em razão metodológica), pois são personagens que, na análise, não é possível classificá-los como protagonistas ou antagonistas, portanto, com “imparcialidade” nas disputas, mas que elucidam determinadas dúvidas, e, no final, esclarecem questões importantes, seja no âmbito histórico ou jurídico, por exemplo.

3. **Acontecimentos-intrigas** – os que, na diegese, se fazem a razão das disputas, motivando a narrativa de *Veja*, colocando de lados opostos na composição da narrativa, os personagens protagonistas e antagonistas, na tessitura da trama.

4. **Pano de fundo (metanarrativas)** - após a leitura das narrativas, os pontos que levam à concepção da ideologia, consubstanciando a formação das metanarrativas, de modo a relacionar os diferentes acontecimentos-intrigas, configurando, por fim, a matriz narrativa hegemônica.

Com o objetivo de quantificar o poder das vozes da narrativa de *Veja*, a pesquisa separou os trechos em discurso direto e indireto, ou seja, no primeiro caso, quando o narrador escreve literalmente, entre aspas, a fala do personagem, (protagonista, antagonista, adjuntos ou neutros) e, no segundo, quando escreve a estória, usando os chamados *verbos dicendi*, como por exemplo: afirma, destaca, relata, observa, etc., contando também como enunciado dos personagens

Desse modo, as vozes podem ser *quantificadas*, considerando a quantidade de caracteres usados no seu discurso, de modo que seja possível verificar quem tem mais espaço de fala, os protagonistas, antagonistas, adjuvantes ou neutros, no sentido de compreender a composição do narrador, no plano da estória. Além, efetivamente, de analisar, no plano da linguagem, como os personagens escrevem suas narrativas na condução da diegese.

A mesma quantificação foi observada com o narrador-jornalista, de modo a compreender sua participação e poder na narrativa de *Veja*. Simultaneamente, sobressai na análise o plano da linguagem do narrador, o uso de metáforas, metalinguagens, de modo a compreender os procedimentos na composição das tramas, além da atenção ao tempo da narrativa, na configuração do seu enquadramento dramático.

Com o objetivo de quantificar o veículo, diferentemente dos personagens e jornalistas, o meio encontrado foi a mensuração, em centímetro, por coluna (*cm/col.*) e, assim, acompanhar sua narrativa, sobretudo imagética, que o separa do narrador-jornalista e personagem. Como método para mensurar, escolheu-se a divisão da página em colunas, de modo que, se subtraíam os espaços do narrador-revista, com infográficos, legenda, títulos, subtítulos, imagens, etc. Como resultado, os espaços restantes, porém quantificados em palavras, pertencem aos narradores-jornalista e personagens, respectivamente.

Finalmente, para estabelecer uma relação de poderes entre os três narradores, separadamente, foram feitas tabelas, de modo que demonstrem a divisão numérica dos espaços entre eles, permitindo conhecer quantitativamente o poder de cada um, no que se refere ao *espaço* para narrar. Aqui surge uma dúvida: como relacionar *cm/col.* com *palavras*? Numa média retirada da quantidade de palavras, em uma coluna, definiu-se uma regra quantitativa, que afere o *espaço* que os personagens ocupam em cada coluna da página. Em outras palavras, conhecidos os espaços do veículo e dos personagens, na subtração está a espacialidade do narrador-jornalista, efetivamente dispondo de muitas colunas para compor sua diegese.

Em resumo, cada narrador foi separado, sendo que o veículo por *cm/col.* e jornalista e personagem por palavras, de forma que, no final, separou-se uma tabela com a espacialidade de cada um, nas páginas das narrativas. No final, a participação efetiva dos narradores, de maneira objetiva. Importante observar ainda que, quanto à mensuração da participação dos personagens na narrativa, manteve-se a quantificação por palavras.

Na sequência, a organização dos personagens que tem maior quantidade de fala, ou seja, fundamentais na composição da diegese da narrativa de *Veja*, separados aqueles com voz e aqueles sem voz, considerando os protagonistas, adjuvantes e neutros. Com base na definição de Thompson, com atenção às metanarrativas, sobre os poderes simbólicos nas histórias, definimos uma abordagem por instituição. Assim como diz o autor: “[...] as quatro formas de *poder* em relação aos recursos dos quais dependem tipicamente e as instituições paradigmáticas em que eles se concentram” (1998, p.24), quais sejam:

- a) Econômico (empresas, negócios).
- b) Político (homens da política ou ligados a ela diretamente, como embaixadores, secretários de governo, etc.).

- c) Coercitivo (militar, civil, judiciário e a ele relacionado).
- d) Simbólico (Universidades, intelectuais, escritores, pensadores, cientistas políticos, economistas, historiadores e mídias).

Para dar conta das análises abriram-se espaços para duas instituições, além de outros, como estratégia metodológica, mais uma vez:

- e) As ONGs;
- f) populares; e,
- g) outros, (quando o personagem não se encaixar em nenhuma classificação).

Finalmente, quanto aos personagens, tornou-se fundamental saber de suas origens institucionais, com seu lugar de fala, com referência nas narrativas, objetivando o poder territorial na dinâmica da globalização, considerando o poder simbólico de grandes centros econômicos e políticos, com influência na América Latina. Assim, foram divididos por regiões globais:

- a) *América Latina* – as vozes da região, considerando apenas a questão regional, sem distinção de países, em razão das dificuldades e da pouca eficácia, muitas vezes, por se tratar de vozes que fazem parte de mais de um país.
- b) *Brasil* - com o objetivo de compreender o poder das vozes do país na composição da narrativa de *Veja*, devido a sua importância política na região.
- c) *Estados Unidos* - considerando ser um personagem historicamente importante para a vida política e econômica das nações regionais, hoje, entre as maiores potências econômicas globais.
- d) *Europa* - em razão de ser a união europeia um importante personagem no mundo econômico globalizado, ante o neoliberalismo, e com ampla participação na América Latina, sobretudo na de colonização espanhola; além de haver ali países com referência econômica na contemporaneidade.
- e) *Outros*, metodologicamente, quando sua classificação não couber em nenhum item apontado.

Dessa maneira, no final, um quadro detalhado das vozes, seu espaço em cada texto das narrativas de *Veja*, sua origem institucional e, finalmente, a região a qual representa na composição textual do narrador.

Em resumo, aqui poderemos descrever o processo de produção da narrativa, considerando seus narradores e seu projeto dramático, com seus personagens. Ademais,

conhecer os personagens e seu poder de vozes, sobretudo institucional, por considerar que a matriz hegemônica provisória é construída nas relações discursivas e não somente por uma decisão de um narrador solitário, a Revista *Veja*. Importante para esta pesquisa é a organização da narrativa, de maneira a compreender como o consenso se estabelece na sua origem e ideologia, levando em conta uma sociedade, em tempos de globalização e modelo econômico neoliberal, que atinge uma região, a qual sofre as consequências inexoráveis de transformação política, econômica e social destes novos tempos culturais e de comunicação, sobretudo.

Quanto ao leitor, neste trabalho, cabe-nos apenas sugerir sua presença no texto, não exatamente apresentar, de maneira cabal, sua existência psíquica, na coprodução da narrativa, o que poderá ser feito em outro trabalho. O interlocutor dos narradores está no processo narrativo, contudo, nos pontos em que os narradores tecem um diálogo, buscando debater pontos que estariam no imaginário social, como resposta a suas indagações, de maneira implícita ou explícita no texto, ou, mesmo, nos espaços dos signos escolhidos pelo narrador, de maneira a inseri-lo na narrativa. Aqui a questão a saber: finalmente, para que caminhos as narrativas hegemônicas apontam, estabelecendo metanarrativas, ou apenas mantendo-as intocadas, apesar da publicidade de novos tempos? A busca efetiva, reiteramos, é pelas vozes narrativas nas disputas de poder para formação de uma *matriz narrativa hegemônica provisória*.

Desse modo, como descrito nesta sessão da pesquisa, tentamos relacionar pontos importantes do trabalho, com a perspectiva de observar a América Latina na relação cultural com o mundo globalizado, com observação das influências externas, a partir de estratégias de comunicação, num mundo cada vez mais imerso nas lógicas econômicas, com importância nas transformações simbólicas sociais.

A rigor, entendemos que as narrativas midiáticas, nas disputas políticas para consenso político, com seus personagens, na construção da ideologia e do pensamento dominante, têm grande importância nesse processo da formação simbólica e cultural latino-americana. As narrativas em expansão talvez sejam a base para ampliar as discussões em torno da realidade cotidiana de milhares de pessoas, no sentido de buscar alternativas econômicas e sociais. Nesta análise, passamos a avaliar qual de fato é o poder de dominação das mídias, no processo narrativo, quando se tem como objetivo a conquista do leitor. A questão é compreender as trocas comunicacionais na linguagem, de modo a não

concluir que haja um domínio absoluto apenas dos veículos, conglomerados industriais, ou não, para as fórmulas simbólicas, com vistas à ideologia dominante.

Foi com esse propósito que se elegeu como objeto de pesquisa a Revista *Veja*, entre os semanários mais importantes na política brasileira, com grande influência política no país e na América Latina. Possível crer que faça parte do núcleo das grandes mídias contemporâneas, de modo que tece sua trama, na formação de sua diegese, tendo como referência grandes narrativas globais, de modo a ordenar o pensamento e as fórmulas simbólicas e culturais da região, em conformidade também com valores estrangeiros. Dessa maneira, com a visão de mundo de uma sociedade inserida no processo político e econômico, com especificidades locais, porém, neoliberal, global.

Acompanhar de maneira crítica como as vozes se ordenam nesta narrativa é a proposta metodológica deste trabalho, não exatamente uma pesquisa que se volta para a análise do veículo *Veja*, mas com atenção aos acontecimentos-intrigas, seus pontos de virada, a diegese narrativa e a ordenação de seus personagens, de maneira a analisar de maneira crítica como se forma na América Latina uma matriz narrativa hegemônica de maneira provisória. Além da proposta do narrador de elevar-se no domínio ideológico, há pelo caminho o universo simbólico do leitor, portanto, o qual se insere nas trocas comunicativas e nos sentidos do cotidiano e do senso comum, os quais definem significados e se inserem nas disputas narrativas.

Por fim, a metodologia da narrativa que propomos tem como objetivo dar conta de uma problemática que entendemos complexa e necessária, nos tempos de globalização política e cultural. Em essência, pesquisar: quais as vozes predominantes para a formação de matriz narrativa hegemônica provisória, sobre a América latina, para delimitação do pensamento político-ideológico da globalização, como também, como os narradores estrategicamente articulam essas vozes, nas narrativas, de modo a gerar sentido e capacidade de convencimento ideológico do leitor e agentes sociais, ainda, sua origem, na formação do pensamento hegemônico e como se articulam na territorialidade de um mundo equivocadamente idealizado, como sem fronteiras, globalizado.

Efetivamente, longe de ser uma tarefa fácil, a leitura do resultado desta pesquisa deverá permitir uma visão mais ampla das narrativas midiáticas na América Latina, em tempos de mais comunicação, mediações e narrativas.

TEMPO DE DIÁLOGO PARA AS NARRATIVAS

Quando iniciamos qualquer atividade, da mais simples à mais complexa, de ímpeto, pensamos em um trabalho grandioso, grandiloquente, mas, com o passar do tempo, observamos que nem tudo pode ser feito de uma só vez. A realidade aparece e sentimo-nos pequenos diante de gigantes assustadores. Certamente é o caso da pesquisa sobre a América Latina, idealizada em um trabalho de pesquisa que pudesse abarcar as narrativas políticas e suas vozes, na configuração da estória midiática da região. Nada mal, mas nem seria um empreendimento com sucesso para apenas uma tacada, sendo necessário implementar fortes batalhas, com um projeto maior, feito com mais calma, no bojo das atividades acadêmicas. No final, para este momento, decidimos por dois episódios, que compreendem duas nações importantes na relação sobre a região, Cuba e Argentina.

De fato, dois países, com políticas de estado diferentes, com representações sociais e globais distintas, de modo que fossem possíveis comparações e relações, envolvendo o socialismo cubano e o país do Rio da Prata. A Argentina, com sua cultura europeia e desenvolvimento econômico, com sucessivas crises políticas e interesses globais na sua economia rentável e produtiva, porém de duríssimos enfrentamentos políticos e ideológicos entre governos nacionalistas e neoliberais. Afinal, como os narradores tratam duas nações com tais diferenças? Há uma matriz narrativa hegemônica que trata de mesmo modo os dois países, apesar da distinta política entre eles? Quais os referenciais dos personagens que protagonizam a ilha caribenha, dos irmãos Castro? Enfim, são sempre muitas questões que se sucedem.

Mas, afinal, por que não analisar as narrativas jornalísticas e suas estórias sobre a Venezuela dos tempos de Hugo Chávez, o grupo dos neoliberais latino-americanos, como Chile, Peru, Colômbia e México? Talvez melhor observar o comportamento das mídias e suas narrativas sobre o Brasil. Sem dúvida, penso que todas as pesquisas são importantes. No entanto, a continuidade que daremos, mais adiante, é na tentativa de somar aos trabalhos já existentes no mesmo propósito, sendo que a proposta é relacionar as narrativas midiáticas com as disputas de poder na região, território de culturas e desenvolvimento econômico e político, enfim.

Enfim, os episódios que seguem tentam demonstrar o poder das vozes sobre a política dos países da América Latina, tentando compreender quais as estratégias narrativas do

jornalismo brasileiro, de modo a gerar sentido e domínio ideológico. Convém esclarecer – mais uma vez - que não se trata, porém, de análise de um meio de comunicação em si, neste caso a revista *Veja*. O intuito são as vozes de personagens na América Latina para a formação de uma matriz narrativa, neste processo de comunicação jornalística dos tempos pós-modernos e neoliberais, na globalização econômica e política. Começamos, então, pelo país cubano.

Capítulo V

Episódio 1

NARRATIVAS DE UMA TRAMA POLÍTICA

Objetivamente, a compreensão da América Latina por meio da narrativa, obriga-nos inicialmente a refletir sobre a composição dos acontecimentos jornalísticos e como se forma nesse processo de construção pelo narrador. Um dos pontos fundamentais a analisar nesta abordagem é que, em essência, a narrativa não se constrói solitariamente, mas a partir de várias outras narrativas, que buscam permanentemente sentido de composição, de modo a se ordenar, ao longo do tempo, configurando-se em composições dramáticas, que aparecem em outras narrativas. Assim, há formação de uma teia, com muitos nós na sua extensão, interligando-se, mas na direção ao projeto do narrador, pelo qual sai a definição dos conceitos de verdade, que, antes, porém, primeiramente deriva dos significados e sentidos das palavras, que se formam, na relação de força da polifonia de vozes autorizadas.

Desse modo, esse quase emaranhado de narrativas nos obriga a dar atenção aos procedimentos pelos quais passa a configuração, mostrando-se conectada com a realidade que se revela, e que, no entanto, está a nos guiar por caminhos seguros, nas intersubjetividades de grupos de enunciados do narrador, considerando, todavia, a ordem polifônica das narrativas. Nesta análise teórica, o projeto dramático de *Veja*, o nosso recorte de pesquisa aqui, segue os conceitos, numa referência a uma matriz hegemônica em formação, com ordenação do imaginário, em decorrência de enunciados, conceitos e enquadramentos de outras histórias, os quais dão sentido ao que se afirma no presente, apenas momentaneamente, mas com reflexos posteriores para outras narrativas, que estão consubstanciadas umas nas outras.

Como se observa em *Veja*, e que se torna ponto fundamental da narrativa, o narrador segue constantemente um roteiro, o qual serve como caminho a percorrer para atingir suas expectativas, como ordenação de conceitos para determinados sentidos, o que somente se torna possível com os enquadramentos narrativos e posicionamento dos personagens na composição da trama. No fio dessa narrativa está fundamentalmente a composição do quadro de personagens, com suas respectivas funções de antagonistas e

protagonistas, na formação da diegese, a qual se torna virtualmente a sequência de sentidos para o seu interlocutor, uma espécie de luz que o guia, por sua vez. Portanto, como veremos mais adiante, o narrador, com suas propostas ideológicas e políticas, compõe uma ordenação constante, mantendo temporariamente seus fundamentos, na construção da realidade que descortina, como verdadeira e irrefutável, muitas vezes. Como se pode observar, no entanto, *Veja* não está sozinha na configuração de suas narrativas, mas vozes são fundamentais para a formação dessa matriz narrativa, ainda que provisória, diante das disputas sucessivas no próprio processo narrativo, bem como no mundo, confrontando também com quem procura organizar a realidade.

Dessa forma, iniciamos aqui as análises das narrativas de *Veja*, mas, antes de, efetivamente, procedermos à apresentação das tramas sobre a América Latina, no episódio sobre Cuba, faremos uma pausa para uma observação sistêmica do projeto dramático do semanário, a partir da capa, de maneira a ampliar o campo de visão. A rigor, o leitor não abre a revista, salvo exceções, diretamente das narrativas que mais interessam, antes, porém, convencionalmente faz uma leitura da página mais ilustrativa do veículo - talvez a que agarra o leitor, por meio de seu tema-dramático, ainda que, de cunho comercial, porém ideológico -, em que há uma configuração de imagens e textos, já definindo pontos importantes do processo narrativo. Seguindo esse caminho, certamente ,fazemos o percurso do leitor tradicional, que inicia pela capa e vai folheando as páginas, numa sequência – até mesmo pensada pelo narrador-veículo, estrategicamente - e fazendo suas paradas, conforme o assunto que mais lhe interessa.

Embora pareça um comportamento comum, mas o leitor então começa a se deparar com as narrativas, previamente, – como já dito, não há narrativa isenta, imparcial, inocente -, fazendo ilações, comparações, enfim, se mostrando aberto ao diálogo com as vozes que surgem no caminho narrativo, o qual permite descortinar o mundo nas mediações de um único meio, uma vez que *Veja* tenta abarcar diversos temas, como tentamos mostrar nesta abordagem. A procura, portanto, neste momento, é da narrativa da capa, com o objetivo de fazer referência sistêmica aos acontecimentos-intrigas sobre a América Latina, para os quais o leitor inevitavelmente chegará já preparado, com outras referências, para, então, vislumbrar o pano de fundo, sobre o qual a revista define sua narrativa hegemônica, com suas formas simbólicas.

Neste episódio, Estórias de *Veja*, especificamente sobre Cuba, em conformidade com o recorte da pesquisa, em 22 revistas e 23 reportagens,³⁸ nas capas do semanário, o enquadramento dramático segue os conflitos sociais, na configuração da estória, com destaque para as intrigas envolvendo a campanha eleitoral de 2010, quando Dilma Rousseff, Luiz Inácio Lula da Silva e o partido dos trabalhadores (PT) se transformam em personagens importantes da trama, na página em que o leitor tem o primeiro contato com as narrativas do semanário paulista. Numa análise sobre a temática política, a revista traz, durante o episódio, 12 destaques nas capas, assim distribuídos:

Tabelas 1 – Narrativas das capas de *Veja*, com referência ao episódio Cuba

Ano	Capa	América Latina (Páginas Internas)
2008	3	4
2009	0	4
2010	7	9
2011	1	3
2012	1	3

Nas disputas políticas para a sucessão do presidente Lula, a primeira narrativa sobre política traz como vinheta e título: “EXCLUSIVO - O MANUAL DOS LADRÕES: o relatório final da PF sobre o escândalo dos correios revela o método dos corruptos para saquear o Estado” (30/01/2008, ed. 2045).³⁹ Na imagem, está Maurício Marinho, diretor dos Correios, recebendo propinas, em preto e branco, um fantasma que estende a mão para receber dinheiro. O personagem está sentado diante de uma mesa, com terno e gravata, com fundo branco, abaixo o título, com destaque "O manual dos ladrões". Estória do narrador em *flashback*, que teve seu início em 2005, quando envolveu o PT e os partidos aliados do governo Lula, que culminou, no final, com a prisão de líderes políticos. Entre os personagens merecem grande importância na trama: Roberto Jefferson, que denuncia nos jornais o escândalo de uso de verbas públicas para pagamento de mensalidades a parlamentares para aprovação de projetos do governo Lula, e José Dirceu, personagem

³⁸ A rigor, as capas da revista se compõem somente de edições que foram selecionadas a partir das matérias publicadas na capa ou internamente sobre o país cubano, efetivamente. Deste modo, as narrativas da página especificamente se relacionam com os acontecimentos de cobertura temporal do semanário, neste período.

³⁹ As capas das edições de *Veja*, aqui referidas, podem ser vistas no acervo digital do próprio semanário paulista, da Editora Abril, de acesso público, em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.

com forte liderança no PT, e quem organiza o cenário político, no sentido de viabilizar verbas aos “partidos amigos” e atender aos interesses da presidência da República.

Cuba entra na estória da capa de *Veja*, no dia 7/2/2008 (ed. 2049), com o título emblemático: “JÁ VAI TARDE: O fim melancólico do ditador que isolou Cuba e hipnotizou a esquerda durante 50 anos”. No enquadramento dramático, o narrador expõe Fidel Castro como uma sombra, na contraluz, com um fundo também negro, de modo a descrevê-lo como uma marca de um tempo, algo sem cor, somente com contorno de um personagem cujo antagonismo se revela “melancólico”, em memória da ditadura de esquerda comunista, com 50 anos no poder, seguindo o narrador, nos tempos modernos e democráticos, então, “Já vai tarde” (7/2/2008, ed. 2049).

A crise da disputa de poder, que envolve os Estados Unidos, que compram petróleo, e a China que vende armas, em Darful, faz parte das narrativas de *Veja*, como acontecimento-intriga neste episódio. No título: DARFUR, À ESPERA DO SALVADOR: O genocídio sem fim no coração da África desafia o sentimento cristão e o simbolismo do Natal (24/12/2008, ed. 2092). As guerras sucessivas na região transformam o país em lugar sem ordem, com o assassinato de homens e mulheres, conforme os grupos armados que assumem o poder, no final, um genocídio. Na narrativa, uma mãe africana, com suas vestes típicas da cultura da região, com tons entre o amarelo e o vermelho, segura o filho esquelético, olhando para ele, com preocupação e proteção. A mulher está entre os milhares de vítimas do “[...] genocídio sem fim no coração da África[...] ”, no final, uma violência que “[...] desafia o sentimento cristão e o simbolismo do Natal”. Um país sempre “À espera de um salvador”, de um “sentimento cristão”, do espírito do Natal. O narrador não enfrenta a intriga e desenha um sistema dramático, no apelo religioso para a narrativa, na composição de sua diegese.

As chuvas torrenciais, no começo do ano chamaram a atenção de *Veja*, quando escreve: “POR QUE CHOVE TANTO: uma rara combinação de fatores atmosféricos é a causa do dilúvio que há mais de 40 dias castiga o sul e o sudeste do Brasil” (10/02/2010, ed. 2151). Na imagem, uma mão submersa segura um guarda-chuvas, com um céu carregado de nuvens negras e raios. Adiante, ao fundo, a cidade paulista, o cenário sugerido pelo narrador, com água que começa a invadir casas e prédios, porém, nenhum ator político ou social, que desvele aspectos sobre a infraestrutura da capital paulista, a maior da América do Sul. A rigor, a razão está em “[...] uma rara combinação de fatores

atmosféricos[...]”, conta o narrador de *Veja*. Uma situação que dura 40 dias e atinge além da região sudeste, como São Paulo, também cidades do sul do Brasil. O fenômeno natural que maltrata as duas regiões e causa transtornos à população das grandes cidades, não entra nas contas das intrigas-políticas, mas combinações atmosféricas raras, sem controle pelos homens, de fato, nesta narrativa.

De março de 2010 em diante, as eleições presidenciais no Brasil entram definitivamente para o enquadramento dramático político do narrador, dando mais vigor a um episódio importante da trama da capa. Inicialmente, uma denúncia, com o título: “CAIU A CASA DO TESOUREIRO DO PT”, com o subtítulo demarcado por uma pequena estrela vermelha: “[...] o petista que vai cuidar das finanças da campanha de Dilma Rousseff é apontado em inquérito como pivô de um esquema que desviou dezenas de milhões de reais e abasteceu o caixa dois da campanha de Lula em 2002” (10/03/2010, ed. 2155). Na imagem esmaecida, está o antagonista da narrativa de *Veja*, João Vaccari Neto, um fantasma da corrupção, secretário de finanças do Partido dos Trabalhadores. Personagem que vai cuidar da campanha de Dilma Rousseff e teve participação ilícita na campanha de Lula, abastecendo o caixa dois de sua campanha presidencial. À frente do personagem, uma estrutura montada, referindo-se a uma casa, toda com pacotes de dinheiro, porém desmoronando-se. No enquadramento dramático, “Caiu a casa do tesoureiro”, que é “do PT”, partido do atual e poderá ser do futuro governo brasileiro.

A estória segue, na próxima edição, com título e subtítulo: “12%, no meio da página, em destaque: A conexão bancoop/mensalão” (17/03/2010, ed. 2156). Desta vez, novamente a imagem do personagem antagonista, João Vaccari Neto, sendo desmascarado por testemunha, revelando a estratégia do tesoureiro do PT, o modo de desviar dinheiro para o mensalão. Na imagem, o 13 da sigla do Partido dos Trabalhos sobre um estrela vermelha, que se repete ao infinito, e, em cima do 3, vem o numeral e o símbolo de porcentagem, 2%, escrito em giz, completando 12%, cifra da ilicitude, que cobre a marca do partido do presidente Lula. Pouco abaixo do meio da página, conta o narrador: “A conexão bancoop/mensalão, ‘ele cobra 12% de comissão para o partido’. Uma testemunha-chave, sem identificar o personagem da trama, da Justiça, revela como o tesoureiro Vaccari desviava dinheiro grosso para o mensalão”. Ao lado da frase, está a foto de Vaccari, em 3/4. Na composição, a denúncia sobre o envolvimento do PT no caixa dois de campanha do mensalão petista. Na estória de *Veja*, o partido, que tem Dilma como Candidata às

eleições presidenciais, no final do ano de 2010, está envolvido com ilicitude financeira, no caso o mensalão, acontecimento-intriga, com sequência na diegese da narrativa de *Veja*, que se desenrola, desde 2005, cujo personagem que tem o poder presidencial é a maior liderança petista, Lula, principal cabo eleitoral de Rousseff – formando as relações na trama, com as intrigas que os envolvem. Nas disputas políticas do narrador, os antagonistas aparecem com destaque, sendo pegos fazendo malfeitos, ilícitos, contra a sociedade brasileira.

Em 14/04/2010 (ed. 2160), os fenômenos da natureza voltam na estória do narrador, em outro cenário. Cristo chora diante de tantas chuvas que fazem vítimas na capital fluminense, numa referência ao Cristo Redentor, sendo o principal símbolo da cidade do Rio de Janeiro, com grande significação para o imaginário brasileiro, de cunho religioso, elevando na narrativa o apelo dramático, na estratégia do narrador. *Veja* não traz um título, como modelo tradicional da composição da capa, apenas subtítulo-título - ou imagem-título -, no lado esquerdo da página, na parte inferior, espaço em que escreve: “Culpar as chuvas é demagogia. Os mortos do Rio de Janeiro que o Brasil chora foram vítimas da política criminoso de dar barracos em troca de votos”. O narrador apresenta o personagem Cristo Redentor, com cabeça baixa e olhos lacrimejantes, como a representação da tristeza do Brasil que chora, pela falta de responsabilidade dos políticos populistas do Rio de Janeiro. Sem imagem dos personagens da política que, de maneira explícita, agem indiscriminadamente, permitindo a construção de barracos, em lugares de riscos, em troca de votos.

Na trama-intriga *Veja* descreve as disputas entre, de um lado, o povo brasileiro que chora, protagonista, os mortos do Rio de Janeiro, vítima; e, de outro lado, os políticos, antagonistas, populistas, em razão da tragédia carioca. Povo *versus* políticos (numa relação quase virtual), sem destacar a figura dos personagens antagonistas da trama, efetivamente. Cristo simboliza o povo; as lágrimas do santo como consequência das ações políticas, o que motiva tristeza, sofrimento. O narrador, no fio da estória, descreve o fenômeno natural, de maneira diferenciada, em conformidade política com o cenário, na diegese. São Paulo, “[...] combinação de fatores atmosféricos raros[...]”; no Rio de Janeiro, o antagonismo político faz o povo brasileiro como vítima. Em comum, narrativas que não apresentam os personagens, porém cena de reprodução de uma crise que atinge a todos. O símbolo de uma mão que segura o guarda-chuva, com seu personagem dentro d’água, e

outro, o símbolo religioso, o Cristo Redentor, que chora pelo povo. O narrador segue com o seu projeto dramático, na perspectiva da trama política, que tem sequência nas páginas internas.

Sobre o episódio da campanha eleitoral presidencial, o semanário retoma o fio dramático da estória – com o tempo fazendo aumentar as intrigas e disputas de poder, ao se aproximar o dia da escolha do presidente da República do Brasil. Desta vez, em 17/7/2010 (ed. 2173), *Veja* apresenta no título e imagem: “O MONSTRO DO RADICALISMO”, e subtítulo: “A fera petista que Lula domou agora desafia a candidata Dilma”. Com predominância do vermelho com a estrela petista, o narrador destaca um monstro disforme, com cinco cabeças (as pontas da estrela petista) que se apresenta pronto para o ataque, cujo enquadramento dramático revela sensações de riscos e tensão, no momento político brasileiro. Na diegese, os protagonistas são os petistas do “radicalismo”, “a(s) fera(s) petista(s), que Lula domou”, mas que podem não ser fáceis de serem controladas por Dilma Rousseff, a candidata petista. A população brasileira corre perigo, ao se decidir por Rousseff⁴⁰. Lula (neste ponto da estória no fio narrativo) se mostra um protagonista capaz de realizar a tarefa, qual seja: de conter o ímpeto do monstro do radicalismo. O narrador *Veja* descreve a sucessora do petista como frágil, politicamente, e incapaz de se mostrar uma liderança petista, com desenvoltura necessária para enfrentar os radicais do partido. Como estratégia narrativa, no fio da narrativa, deixa a mensagem: melhor seria não arriscar, elegendo-a.

Na sequência da estória da capa, no dia 22 do mês de setembro, a 15 dias do primeiro turno das eleições, o narrador segue na trama, em conformidade com o projeto narrativo estabelecido, desta vez, usando o efeito da ironia. Escreve no título: “A ALEGRIA DO POLVO” (22/09/2010, ed. 2183), com a imagem do Palácio do Planalto e uma voz diz: “Caraca! Que dinheiro é esse?” A voz é do personagem protagonista da narrativa de *Veja*, “Vinícius Castro, ex-funcionário da Casa Civil, ao abrir uma gaveta cheia de pacotes de dinheiro, na reação mais extraordinária do escândalo que derrubou Erenice Guerra”. O monstro dos radicais de cinco cabeças da narrativa anterior, agora dá lugar na trama ao “Polvo”, com imensos tentáculos, nas cores vermelhas (símbolo do PT), que agarra os pilares do prédio presidencial do executivo federal. Na figura do novo

⁴⁰ Na diegese da narrativa de *Veja* os perigos principais concernem à incapacidade de Dilma Rousseff em deter os radicais que querem censurar a imprensa, aumentar o poder do Estado, interferir no mercado. Atrever para uma esquerda radical, como é praticada em Cuba, de Fidel Castro.

monstro, o coração do poder está sendo atacado, fazendo a “Alegria do Polvo”, com seus tentáculos alongados, que tudo alcançam. Na diegese da narrativa, o governo de Lula – criador da candidata e candidatura de Dilma Rousseff – agora como antagonista, sendo representado pela personagem Erenice Guerra, funcionária Casa Civil. No episódio, a última narrativa, antes das eleições presidenciais, convivendo com as estórias de um país sob ataques de monstros políticos.

Alguns dias depois do segundo turno eleitoral, *ponto de virada* da narrativa, com vitória de Dilma Rousseff do PT, contra José Serra do PSDB, o narrador descreve na estória a dúvida sobre o futuro político de um dos principais personagens das narrativas jornalísticas brasileiras, Lula e seu Lulismo. Na parte inferior da capa está o título: ELE SAIRÁ DA PRESIDÊNCIA, MAS A PRESIDÊNCIA SAIRÁ DELE? (3/11/2010, ed. 2189). Um ex-presidente que cede lugar para a ex-ministra de seu governo, a quem criou e apoiou, agora está encerrando seu mandato. A figura do personagem Lula, ocupando toda a capa, com coco da Bahia na mão, boné nas cores branca e vermelha, calção de praia, com perfil gordo, mantém a faixa presencal desenhada no corpo, sobre o ombro direito (simbolicamente não sairá, está impregnada nele), caminhando sobre um fundo branco – um fantasmilha, disforme e presunçoso. A presidência segue com ele e o lulismo; o personagem manterá (futuro) função de liderança na política do PT, agora, com Dilma, no governo. Sem frase de efeito, ou afirmações, o narrador sinaliza para o futuro do personagem, Lula, com popularidade e carisma, para continuar sua estória em outras páginas, outros episódios.

Cerca de dois meses depois das eleições presidenciais, começa a narrativa após o ponto de virada, na diegese de *Veja*, entrando em cena Dilma Rousseff, agora, com a faixa presidencial, vestida de branco, com sorriso no rosto, seguida por um exército de pessoas, à sombra de uma presidente. No início de mandato, nos dias iniciais, é tempo para reflexão, para avaliar “As oportunidades e os riscos na largada” (5/1/2011, ed. 2198), conta *Veja*. Personagem que já faz parte do drama de uma narrativa que deverá ser conturbada, deixando evidente para o leitor que os textos seguintes serão de mais emoções, em novos episódios jornalísticos, cuja trama tem um corte para uma outra estória. Para o momento, inicia-se “A batalha dos 100 dias”, os quais não devem ser somente de calma e tranquilidade, mas período de reserva para ouvir as pessoas, no sentido de definir caminhos

seguros para o cargo do executivo do Brasil⁴¹, reservando-se as oportunidades e os riscos. No enquadramento dramático, estão as vozes de *Veja*, na definição das oportunidades e riscos.

Como a estória tem sequência permanentemente, e, depois de vários episódios que se sucedem, já no final do ano de 2012, os acontecimentos-intrigas do passado permanecem como *flashback* para as estórias do presente. O narrador retoma o personagem Lula e o lulismo para a diegese, com sua herança de governo e suas relações de amizades e interesses. A secretária das intimidades do ex-presidente está envolvida em desvio de dinheiro público, usando a proteção de seu “ex-patrão”, quando estava na presidência. No título (2/12/2012, ed. 2298): ROSEMARY NORONHA - LUIZ INÁCIO - A MULHER QUE SABE DEMAIS ... E O Homem Que Nunca Sabe de Nada. Logo abaixo, no rodapé, o subtítulo: “[...] uma aventura real de abuso de poder, corrupção em altos cargos do governo ... E punhaladas nas costas”. Não se trata de uma secretária qualquer, mas faz parte de aventura real de abuso de poder. A rigor, o personagem-presidente cometeu, ao lado da funcionária, corrupção em altos cargos do governo. No final, punhaladas nas costas. Rosemary e Lula têm muita proximidade, o que faz dela uma “[...] mulher que sabe demais”. Na capa da revista, com fundo negro, Rosemary caminha sorridente, em um vestido de listras em preto e branco, com cabelos soltos e com elegância, olhando para a câmara. Uma personagem intrigante e perigosa na trama; e Lula, logo atrás, vem andando, com ar de preocupado, vestido de maneira formal, com terno e gravata. O ex-presidente esconde suas relações e conversas confidenciais, no final, “[...] o homem que nunca sabe de nada”. Lula foi flagrado por meio da secretária e agora deverá dizer o que sabe. O personagem tem o que dizer. Vai dizer? Uma trama que tem lastro na política do governo de Dilma e no Partido dos trabalhadores, completando a trama na estória política, seu pano de fundo. A secretária, personagem enigmática da narrativa de *Veja*, pode revelar segredos do presidente popular do PT. Em jogo, corrupção em altos cargos do governo petista de Lula e Dilma Rousseff.

⁴¹ Importante observar que o narrador sempre deixa o leitor na expectativa do que virá, nos próximos episódios das narrativas, trazendo pontos dramáticos que jogam para o futuro e a ansiedade de saber dos acontecimentos-intrigas. Ainda, considerando sua posição argumentativa para a diegese, como neste caso, “oportunidade” e “riscos” na largada. Depois desta fase inicial, o que virá? Somente o tempo e a estória jornalística dirão.

Perspectiva global da capa

A seguir, tentamos abrir o leque das narrativas de *Veja* que inicia, na capa, o primeiro contato do leitor com o veículo, que, seguindo as páginas, na busca de se informar, vai ao tema tratado neste episódio. Desse modo, o objetivo aqui é bem simples: oferecer ao leitor uma visão panorâmica dos gêneros e geopolíticas das narrativas do semanário paulista. Inicialmente, de maneira a evidenciar as principais manchetes e, depois, os outros destaques, que geralmente aparecem no alto da capa, porém, com forte apelo dramático.

Numa análise geral das narrativas da capa de *Veja*, no período analisado (2008-2012), mas sempre em conformidade com o episódio sobre Cuba, quando o leitor se depara com as narrativas sobre o país da América Central, no quadro que se observa, portanto: no que se refere aos gêneros jornalísticos, destaque para política, em 15 edições, sendo, depois, saúde (2) e comportamento (2). Um veículo que trabalha com vários gêneros jornalísticos, na busca de atenção do leitor, para suas narrativas e metanarrativas, conforme tabela 2. Na análise sobre as referências geopolíticas, ou seja, dentre os países no destaque da capa, com manchete principal nas narrativas de *Veja*, o Brasil mantém hegemonia (15), Geral vem a seguir, formado por temáticas que não fazem referência a apenas uma nação específica, portanto, de organização geral, (3), depois Estados Unidos, Cuba, Inglaterra e Darful, na África. Dessa forma, incluindo o Brasil, o narrador procura dar cobertura a diversas regiões, nesse contexto, América Latina, Europa, América do Norte e África.

Tabela 2 – Destaque principal da capa de *Veja*: Gêneros e geopolítica, Episódio sobre Cuba

Gênero Jornalístico – Capa (destaque principal)	Destaques Capa	Geopolítica	Destaques Capa
<i>Política</i>	12	<i>Brasil</i>	15
Saúde	2	Geral	3
Comportamento	2	<i>Estados Unidos</i>	1
Beleza	1	<i>Cuba</i>	1
Ciência	1	Inglaterra	1
Religião	1	Darful – África	1
Economia	1		
Tecnologia	1		
Social – Casamento Real	1		

Nota: Os destaques tomados aqui como referências à manchete principal de *Veja*, nas capas, no intervalo de tempo das narrativas do semanário, sobre o Episódio Cuba.

No entanto, no que se refere a todos os destaques (manchetes) na página, no episódio analisado, não somente o principal, mas as manchetes secundárias configuram uma amostra mais evidente, os pontos de cobertura da revista, conforme aponta a tabela abaixo.

Tabela 3 – Destaques secundários da capa de *Veja*: Gêneros e geopolítica, episódio Cuba.

Gênero Jornalístico – Capa (todos os destaques)	Destaques Capa	Geopolítica	Destaques capa
<i>Política</i>	29	<i>Brasil</i>	36
Saúde	6	Geral	9
Comportamento	4	<i>Estados Unidos</i>	5
Economia	2	<i>Colômbia</i>	2
Beleza	2	Darful - África	2
Polícia	2	<i>Cuba</i>	1
		<i>Chile</i>	1
		Inglaterra	1
		Japão	1
		Moçambique	1
		Somália	1
		Egito	1

Nota: Foram tomadas como referência as manchetes secundárias de *Veja*, nas capas, no intervalo de tempo das narrativas do semanário, sobre o episódio sobre Cuba.

Neste quadro, o Brasil se mostra hegemônico, seguido por Geral, na cobertura de assuntos no âmbito, sem a especificidade de um determinado país. No entanto, na sequência, a atenção do narrador *Veja* para as regiões: América Latina, como Brasil (36), Colômbia (2), Cuba, Chile, com um destaque cada; América do Norte, enfaticamente, os Estados Unidos, 5; África, com Darful (2), Moçambique e Somália, um cada um; Europa, representada pela Inglaterra, 1; Ásia, com Japão, 1; e, um país transcontinental, o Egito (África e Ásia).

Sobre Cuba, o leitor de *Veja* poderá fazer suas comparações com outras narrativas, portanto. Sobre a América Latina, além do Brasil, os países da América Central que se destacam na narrativa do semanário são: Colômbia e Chile, cuja política, ao lado do Brasil, mostra-se com abertura econômica e modelo neoliberal de governos, como discutido

anteriormente nesta pesquisa. Na sequência, vale observar a importância dada pelo narrador aos Estados Unidos, em evidência, cinco vezes, mostrando uma referência para o narrador, bem como as narrativas sobre países da África (Darful, Moçambique e Somália), com os assuntos tratados: guerra civil, proliferação de doenças e pirataria em alto-mar, respectivamente.

A observação da capa do semanário paulista revela, de uma maneira mais ampliada, a configuração das narrativas, cujos cenários se inserem na América Latina, neste contexto, a ilha dos irmãos Castro. Importante notar que a leitura de um veículo é sistêmica, de modo que, no conjunto das narrativas, se podem observar a metanarrativa e suas convicções ideológicas, no sentido de construir sentido, neste recorte sobre a política latino-americana.

DIEGESE PARA UMA ILHA COMUNISTA

Cuba, assim como os países da América Latina, não é somente uma ilha perdida na América Central, mas mantém influência política, na região e nas nações desenvolvidas das diferentes regiões globais. Surpreendente acreditar que mais forte do que uma nação inteira e seus valores são seus símbolos e sua capacidade de interferir nos governos e nas propostas econômicas, além-mar. Certamente esta é uma realidade de qualquer país do mundo, mas, efetivamente, alguns ganham status paradigmáticos, como a ilha cubana. Não somente, as narrativas se revelam aqui histórias complexas, que, por mais estranho que pode parecer, faz parte do nosso dia a dia, e, muitas vezes, nem percebemos, estando efetivamente no processo de mediação. A questão é saber a definição entre verdade, realidade e ficção. Ou, ainda, apenas ideologias e poder, de modo a ordenar um mundo do qual fazemos parte.

Nesse sentido, o propósito deste episódio é compreender como as fórmulas simbólicas são publicadas nas narrativas de *Veja* e, mais ainda, como elas são organizadas sistematicamente, no sentido de buscar a catarse e o convencimento do leitor. Ademais, como os personagens são legitimados nas narrativas, sua territorialidade e relações institucionais que os tornam uma espécie de vozes de bastião da verdade, capazes de desvelar a realidade para o cotidiano.

Neste propósito, portanto, seguiremos na divisão dos narradores na trama, envolvendo o veículo, cuja narrativa estará restrita à produção visual e composição estética das páginas, que, no entanto, usa, de maneira estratégica e atenta, porém importante à textualidade verbal. O narrador Jornalista é responsável, portanto, pela cobertura efetiva, cujo resultado dos seus contatos com os personagens no campo de ação, resulta no texto propriamente dito da narrativa. De fato, ele tem papel fundamental na composição e organização da trama, que culmina, finalmente, nas diversas narrativas, que sucedem em *Veja*, com ampla influência sobre as histórias a serem organizadas também pelo Veículo, principal referência de poder nessa hierarquia, para composição de uma teia. Por fim, aparecem os personagens da narrativa, de modo que, como adiantamos, estão divididos pelas suas funções na diegese, conforme desenrolar da trama, seguindo projeto dramático de *Veja*, como protagonistas e antagonistas, sendo que, para cada um, há os seus auxiliares, com papel secundário nessa tessitura, porém importantes, como adjuvantes. Como

devemos observar, as disputas entre os narradores existem no processo narrativo, o que o torna efetivamente um espaço de intrigas e formação provisória da realidade sobre a ilha política de Cuba. Como metodologia para a divisão dos personagens, quando não há evidência da relação política e ideológica do agente, na trama, descrevemo-la como sendo do grupo dos neutros, cuja função é elucidar pontos importantes, na definição dos conceitos e verdades da narrativa de *Veja*.

Importante, ainda, fazer mais alguns esclarecimentos, antes de prosseguir; como analisamos aqui várias estórias, considerando o tempo cronológico, em consonância com os propósitos políticos do narrador, no tempo da narrativa, a coerência entre as estórias se relaciona efetivamente nas configurações dramáticas dos personagens e na diegese de *Veja*, de modo a se destacar contra o pano de fundo de sua matriz narrativa hegemônica, com seus fundamentos. Dessa maneira, nos diversos temas do agendamento do narrador, o encontro de presidentes de países da América Latina serve como referência para narrativas na legitimação e deslegitimação dos personagens, nas disputas sucessivas, no fio da narrativa.

Desse modo, a visita de Luiz Inácio Lula da Silva a Fidel Castro, enfermo, a doença de Hugo Chávez, o discurso da presidente Dilma Rousseff sobre direitos humanos, no país cubano, os avanços tecnológicos da comunicação mediada e do capitalismo, na ilha dos Castro, seguem propósitos do narrador de ordenar a visão de mundo, na busca de sentido para sua estória, na composição da política e da realidade dos discursos da globalização.

Como linha de raciocínio estão implicitamente as mudanças econômicas nos grandes centros, com instabilidade política global, na qual modelos políticos (e os próprios símbolos) entram em disputa com o da hegemonia global assumido pelo narrador, porém evidente nos acontecimentos-intrigas. Acompanhar o fio da narrativa de *Veja* significa, portanto, observar com atenção as *vozes* dos personagens, sua performance, o poder simbólico dos agentes da estória e, sobretudo, a *matriz narrativa* - ainda que institucional e provisória -, na condução das ideologias políticas globais para a América Latina.

Comunismo, já vai tarde

Começamos com o personagem principal desta trama, que está velho, doente e perdido, em meio ao atraso, apesar das políticas globais modernas. Um personagem

causador de males para uma população que começa a perceber as necessidades de mudanças, de um país que vai se tornando uma ilha perdida, em um mundo moderno, que avança na economia, na política e na tecnologia. Fidel Castro, sistematicamente, eleva o país a uma “[...] farsa eleitoral para dar ares de legitimidade aos arranjos do tirano que agoniza, mas não larga o poder”, descreve o narrador no subtítulo da primeira narrativa do episódio (30/01/2008, ed., 2045, p. 62).⁴²

No título (16 *cm/col.*), *Veja* conta tratar-se de: “A ditadura perfeita”. Mesmo doente, Fidel Castro continua na manutenção do sistema comunista e como ditador presidente. No enquadramento dramático do narrador, a imagem (48 *cm/col.*) de Castro, em destaque, no alto da página, com aparência de velho e doente, sorridente, porém, com um detalhe, de pijamas. A rigor, o personagem antagonista da estória “[...] ainda manda, mas já não tem vigor para falar em público” (30/01/2008, p. 62), escreve *Veja*. Na sequência, escreve o narrador-veículo, que, na política de cartas marcadas de Cuba, não há pluralidades de partidos, só o comunista; os candidatos são escolhidos previamente e sem disputas nas cadeiras; a numeração das cédulas permite saber qual é o voto do eleitor; as pessoas votam em sua localidade, sob olhar de fiscais que conhecem os moradores; não pode haver abstenção; e a Assembleia Nacional se reúne somente uma ou duas vezes ao ano, votando, com mãos erguidas, propostas do governo.

Na diegese da narrativa de *Veja*, nas ditaduras atrasadas, o processo de votação serve apenas como forma de dar aparência de democracia ao governo. A exemplo dos regimes políticos da Síria e do Iraque, com representantes ditatoriais, em Cuba, Fidel Castro obtivera, nas eleições, 95% de apoio para se manter no poder (20 de fevereiro de 2008).

Longe de ser uma eleição democrática, a política praticada na ilha não passa de um ritual, que se repete, desde 1993, início das eleições para a Assembleia Nacional do Poder Popular. São 614 previamente escolhidos pelo Partido Comunista para 614 vagas de representação. Como na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) comunista, conta o narrador, restara ao eleitor apenas aceitar o candidato oficial ou se abster. Além do que, ao depositar o voto no quarteirão de casa, o cubano é observado por agentes do

⁴² O conteúdo das edições da Revista *Veja*, analisados neste episódio, com suas narrativas (estórias), podem ser vistos no acervo digital do semanário da Editora Abril, de acesso público, em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.

governo. Não votar é um suicídio. Tudo não passa de ficção para uma Assembleia que não legisla. Em fevereiro, os deputados escolhem o conselho, que define o ocupante do cargo de presidente. A decisão por Fidel Castro é certa, porém desta vez, por estar doente, cederá o comando da nação ao irmão, Raúl Castro, ou a seu vice, Carlos Lage. No final, a troca apenas de nomes, no grupo de domínio de Fidel, nada muda, pois, como fala o narrador, fazendo referência a “[...] anedota cubana, *são todos o mesmo cachorro, com coleiras diferentes*” (30/01/2008, p.63, grifo nosso). Contudo, com a doença do ditador, surge a esperança dos cubanos da verdadeira democracia no futuro da ilha. O economista cubano Vladimiro Roca, preso pelo regime de Castro, por se manifestar contra a ditadura, no papel de personagem protagonista de *Veja* conta: “Fiquei quatro anos na prisão por divulgar algo que está na Constituição” (30/01/2008, p.63).

Em essência, definitivamente, Cuba vive sob o poder autoritário de Fidel Castro, sendo uma ilha política sem democracia, cujo poder está concentrado em um único personagem que passa pelo tempo.

Não há vozes de personagens antagonistas na narrativa, apenas a referência a Fidel Castro, Raúl Castro e ao Vice-presidente, Carlos Laje. Quanto aos protagonistas, com 12 palavras, fazem parte da diegese do semanário. A intriga política se relaciona às disputas entre comunismo cubano vs democracia política capitalista, que sucede na narrativa, com frequência no episódio da Ilha.

Na sequência narrativa, quase *dois meses depois*, Fidel Castro será a personificação da capa de *Veja* da última edição de fevereiro (ed. 2049), quando aparece contra a luz, com a silhueta de sua fisionomia, com seu tradicional boné militar e barba, as marcas do personagem-ditador. O narrador o descreve como uma estátua, um fantasma, que já hipnotizou a esquerda, durante 50 anos e, por isso, “Já vai tarde”. Um legado melancólico que chega ao fim, também para os cubanos, que se veem isolados do mundo moderno, sob o poder de um ditador⁴³.

Se confirmada a morte política do antagonista, Cuba se revelará “Um país de muito passado, agora tem algum futuro” (27/02/2008), conta *Veja* no título de sua estória, dando sequência à disputa de poder no *interior da revista* (27/02/2008, p. 68), envolvendo a

⁴³ No detalhe no alto da página em verde – que contrasta com o preto da imagem de Castro – se destaca o então presidente brasileiro, com sua popularidade em alta, como conta o narrador: “Lula surfa nos bons números do capitalismo brasileiro” (27/02/2008, ed. 2049). O petista é o protagonista da política, de uma economia que prospera no capitalismo e abaixo o antagonista desta estória, Fidel Castro comunista, cuja política resulta em ditatorial e, por isso, antidemocrática.

intriga entre comunismo cubano *versus* capitalismo global. A mesma produção da imagem da capa toma duas páginas abertas, com fundo negro, cujo subtítulo é escrito por *Veja*: “O ditador entrega o comando direto do país ao irmão, abre caminho para mudanças, mas fica ainda como *um fantasma* assombrando o povo e preservando sua tenebrosa herança” (27/02/2008, p. 69, grifo nosso).

No fio da narrativa da trama, Fidel Castro vai se transformando em um fantasma, um antagonista da estória, portanto, que persegue os cubanos e o mundo. Apesar de doente, o futuro da Ilha é incerto, pois dificilmente seu poder será retirado do país, em curto prazo; permanecerá fantasmagórico. No entanto, como está em fase terminal, chegou a hora de fazer o seu julgamento. Em flashback, com narrativa em tempos pretéritos, o narrador-jornalista segue na configuração da estória, no presente, porém busca arquivos que permitem a realização de um tribunal, como prova de suas ações. Conta o narrador que, em 1953, em julgamento de crime por ataque suicida a um quartel, fez sua própria defesa, dizendo que “[...] a história me absolverá”. Depois de mais de meio século, com 81 anos, “[...] visto o sofrimento que infligiu ao povo durante 49 anos como senhor absoluto de Cuba, a absolvição está fora de cogitação. Cabe recurso? Não dá mais tempo. Fidel está em fase terminal de uma grave doença” (27/02/2008, p. 70).

Na estória de *Veja* o personagem passa, então, ao julgamento. Inicia o narrador, descrevendo o perfil do réu, na organização da trama para a condenação do antagonista. A sua revolução em Cuba foi apenas para obter poder para si e não para uma sociedade. Sempre conseguirá uma desculpa para os erros cometidos e discurso sobre seus feitos. Mas não passa de um mentiroso. Na política sempre foi um grande fingidor, criando clima de terror para atacar os inimigos e até amigos. Resta a ele apenas um discurso para um país pobre e sem democracia, pois acabou com a oposição e a imprensa –, enfim, com a democracia. Na possibilidade de sair do poder, vem gerando especulação sobre a ilha, mas isso somente pode ocorrer depois de sua morte, pois seu fantasma sempre estará presente na política e na economia do país, enquanto viver. O seu sucessor poderá ser Raúl Castro, o irmão, ou, mesmo, Carlos Lage, seu vice-presidente, de 56 anos. Qualquer um deles será melhor do que o ditador.

Numa construção imaginária de um tribunal perante o público, o narrador-jornalista segue o veredito da acusação, assumindo, como agente da estória, na incriminação do personagem, Fidel Castro, antagonista na diegese de *Veja*, exigindo a sua condenação,

considerando sua trajetória política revolucionária e comunista, em Cuba, uma farsa. Então, retira-lhe a máscara: “Vai anunciar o corte da cota de leite para a população adulta de Havana? Diga à multidão que não faltará leite para as crianças” (27/02/2008, p. 70). E segue na condenação: “Vai ter de recuar, desmontar os mísseis atômicos soviéticos e devolvê-los a Moscou? Diga que Cuba é soberana e pode ter as armas que quiser” (27/02/2008, p. 70). O narrador passa a palavra a Fidel, numa espécie de diálogo imaginário, no enquadramento dramático: “Os mísseis se vão. Mas ficam todas as demais armas” (27/02/2008, p. 70), responderia o réu. O narrador-jornalista retoma a enunciação:

Como se isso fosse algum consolo. Mas as massas vão acreditar. Foi pego exportando terroristas para insuflar a subversão em outros países? Diga que, se quisesses mesmo fazendo terrorismo, Cuba produziria “excelentes terroristas, e não esses incompetentes que foram presos”. Está difícil explicar a miséria franciscana da economia cubana? Diga que quem está mal são os Estados Unidos (“os ianques estão falidos”), o Japão (“tenho pena dos japoneses”) e a Europa (“o velho continente está esgotado”). Está prestes a morrer, não consegue caminhar nem discursar? Diga que vai apenas mudar de posto, mas que o combate continua (27/02/2008, ed. 2049, p. 70).

Fidel é um grande farsante, continua o narrador, agente político na estória, reproduzindo as palavras do próprio condenado:

Negue: “temos as lagostas mais doces do Caribe, mas não as comemos. Trocamos por leite para as crianças”. Vive cercado de um aparato de segurança que parece um bunker ambulante? Invente que é um homem simples que às vezes anda só pelas ruas, como um filósofo peripatético absorto em uma paisagem idílica: “outro dia, no México, ia só pela rua só como uma pomba ... (27/02/2008, ed. 2049, p. 70).

O narrador mergulha no tempo (em *flashback*), como estratégia na configuração de sua diegese, para citar o discurso de Fidel, em 1959; quando o personagem chegou ao poder, após a revolução:

Que esta revolução escape da maldição de Saturno. E o que é a maldição de Saturno? É o dito clássico, o refrão clássico desde que, como Saturno, as revoluções devoram seus próprios filhos. Senhoras e senhores deste tribunal, que esta revolução não devore seus próprios filhos (27/02/2008, ed. 2049, p. 70).

“Lindo? Sim, mas era uma farsa” (27/02/2008, p. 70).

Na sequência narrativa, descreve *Veja*, que, para continuar a farsa “[...] ajuda muito banir a imprensa, dominar a televisão e o rádio, proibir a entrada de jornais estrangeiros no país e impedir os cidadãos de viajar para o estrangeiro. Ajuda muito enjaular por tempo indeterminado, e sem juízo formado, toda a oposição” (27/01/2008, p. 71). Transformou-se em um ditador de um “país-cárcere”. “A história o absolverá? Difícil.” (27/02/2008, p. 71).

Na diegese, o narrador, no acontecimento-intriga, leva o seu interlocutor para o tempo futuro, na sua estratégia de configurar a estória do país comunista na transformação em capitalista, delimitando espaço para sua metanarrativa. Mas, afinal, o que será de Cuba depois de Fidel, que passou o tempo todo em conflito com a maior potência mundial? “Depois que Fidel for se encontrar com Marx no céu dos comunistas? Uma ilha sem expressão e agora de preocupação internacional” (27/02/2008, p. 71). O antagonista Fidel Castro mesmo fora da política continuará atormentando o país, pois Cuba não sobreviverá sem o seu criador. Ninguém terá o seu carisma. Afinal, qual sua estratégia para se manter no poder? Descreve o historiador argentino Carlos Malamud, do Instituto Real Elcano, em Madri: “Nos livros escolares, Fidel é enaltecido como o grande pai, aquele que trabalha dia e noite para proteger os cubanos” (27/02/2008, p. 72).

Conta o narrador que Raúl, ao assumir o poder não tem o carisma do irmão, daquele que tirou o outro ditador do poder, Fulgêncio Batista, ignorante e corrupto, mas depois de chegar ao comando político, Fidel traiu a todos, ao instalar em Cuba o comunismo. “Fuzilou antigos aliados, destroçou famílias e arruinou as esperanças de duas gerações de cubanos. Quem pôde fugiu” (27/02/2008, p. 72), conta o narrador, retomando em flashes no imaginário, narrativas do passado na composição da intriga. O governo de Castro está entre os maiores fracassos das ditaduras da América Latina, com sua economia planificada, comunista. Fidel Castro não levou a sério o socialismo, como o do leste europeu, apenas a busca era pelo poder. Sempre se recusou a tratar com profundidade as mudanças macroeconômicas e produzir riquezas, com mercado livre. Como estratégia, a *pobreza* serve como um meio para manter-se no poder. A população vive em dupla moralidade. No público, os cubanos apoiam Fidel e, no particular, fazem atividades ilegais e planejam deixar o país. No fio da narrativa, *Veja* usa da ironia para atingir seus objetivos de ordenação de sua estória, criando espaço catártico para seu interlocutor. Como objetivo, a verdade que se torna consensual na ilha dos Castro e certamente uma relação cognitiva com seu interlocutor sobre a realidade do país, comunista, fundamentalmente. Em diálogo entre professor e aluno, o narrador diz que, ao ser questionado sobre as grandes conquistas cubanas, o estudante rapidamente confirma que são três: a educação, a saúde e a seguridade social. “Provocativa, a professora quer saber quais são os três defeitos. O aluno também os tem na ponta da língua: Café-da-manhã, almoço e jantar” (27/02/2008, p. 74).

Para um país antidemocrático, o personagem ditador foi o grande responsável pelas atrocidades com a população em meio a sua pobreza. “Sem Fidel Castro, o regime cubano teria acabado junto com a União Soviética, quase vinte anos atrás” (27/02/2008, p. 74), conta a socióloga cubana Marifeli Pérez-Stable, vice-presidente do Diálogo Interamericano, um centro de análises políticas, em Washington. Na voz da personagem da estória, o narrador constrói o pano de fundo da narrativa, apontando saídas para a democracia econômica da ilha, após a constatação da doença de Fidel e mudança de poder político do país, em quatro possibilidades: a) Com Raúl Castro se *abre ao mercado*, como ocorre com a China; b) como querem os exilados, haverá *abertura de mercado* e democracia; c) serão feitas *reformas econômicas*, com pressão social e abertura em ritmo acelerado; d) o sucessor de Fidel é conservador e sob pressão popular, com *intervenção dos EUA*, emerge a democracia.

Durante o tempo no poder, Fidel conseguiu suportar a queda do muro de Berlim e perda de apoio da URSS, mas teve de se aproximar de um personagem emblemático de outros episódios da narrativa, o esquerdista Hugo Chávez, que vende petróleo subsidiado e faz empréstimos camaradas à Cuba comunista.

Raúl Castro, seu sucessor no comando do exército, mostra capacidade para mudar o país, para a ordem democrática, que os jovens esperam. Nesse sentido, muitos deles começam a fazer perguntas difíceis para o atual governo centralizador, entre as quais: “por que os cubanos não podem viajar para fora do país?” (27/02/2008, p. 77). Jovens que não conhecem o processo da revolução cubana impõem ao antagonista a perda de lealdade da juventude. Na verdade, o ditador de Cuba forma sobre si um “[...] realismo fantástico que domina não apenas na literatura, mas também no campo minado da política latino-americana”, conta o personagem de *Veja*, o ensaísta argentino Mariano Grondona. Na sequência, descreve que o fascínio pela ditadura cubana, na América Latina, se traduz pelo pensamento da “[...] crença de que nossos fracassos não são produto de nossos erros, mas uma consequência de algo maior, a opressão americana. Seria como uma utopia cubana como uma terra a salvo dos americanos” (27/02/2008, p. 79).

Entretanto, vive-se numa “realidade zoológica”, tem-se o que comer, mas sem liberdade. O embargo dos EUA ocorre em razão das crises internacionais promovidas por Fidel Castro, quando quis que a URSS atirasse mísseis, numa conflagração da 3ª. Guerra mundial. Não se trata de apenas questões particulares ou retaliações, mas uma resposta aos

perigos representados pelo governo cubano, considerando a condição em que Fidel deixa Cuba, mais pobre, e ao mundo mais instável. “JÁ VAI TARDE” (27/02/2008, p. 79), conta o narrador-jornalista, descortinando o pano de fundo da narrativa.

Por sua vez, o narrador-*Veja*, no seu enquadramento dramático, imagético, além da produção da capa e páginas de abertura da narrativa, apresenta os Estados Unidos como protagonistas da sua estória, pois, na relação com Cuba, permite à ilha dos Castro se tornar lugar de uma luta heroica bíblica, entre “Davi e Golias”, no título da legenda: “Enquanto Fidel reinou, os Estados Unidos tiveram dez presidentes – um país da democracia política, com presidentes eleitos sucessivamente. O clima de confronto com o vizinho poderoso fortaleceu o poder do ditador, que pôde posar de Davi na luta contra Golias” (27/02/2008, p.70) Na narrativa (22cm/col.), à esquerda, o protagonista simbolizado por John Kennedy, na tela da televisão, ainda em preto e branco, observado por telespectadores, durante discurso, na crise dos mísseis, em 1962. Do lado direito, o personagem antagonista, o comunista Fidel Castro “[...] em piscina, em visita à Romênia, em 1972” (27/02/2008, p.71), com amplo destaque (62cm/col). À beira da piscina, o personagem, em primeiro plano, olha longe, como arquitetando algo contra o seu adversário, os Estados Unidos. Na sequência da estória, *Veja* revela, na narrativa, lugares paradisíacos de Cuba (106 cm/col), para turistas, mas proibidos para cubanos (27/02/2008, p.72-73).

Na sequência, um cubano fugindo da Ilha em um caminhão improvisado de embarcação. A rigor, “[...] em 2003, 78 000 pessoas morram na tentativa da travessia”, revela o narrador. Uma lista (17 cm/col) de racionamento de alimentos de um país comunista que integra itens subsidiados pelo governo, desde 1962, e a que a população tem direito mensalmente. Produtos, cuja quantidade para cada família dura apenas uma semana. Depois disso, os cubanos são obrigados a recorrer ao mercado livre (27/02/2008, p.73), com preços mais altos.

Olhando para a câmara, os antagonistas de *Veja*, Hugo Chávez e Raúl, ao lado de Fidel Castro, este deitado no leito de hospital. Na imagem, no alto da página (27/02/2008, 74-75), com destaque (106cm/col.), Chávez e Fidel, ambos com camisas vermelhas (cor que representa simbolicamente os comunistas), seguram um quadro em grafite do presidente cubano, em sorrisos; enfaticamente, os personagens do atraso, em um mundo globalizado, uma espécie de núcleo simbólico do poder comunista na América Latina, que impõe o atraso e a falta de liberdade democrática. Na sequência, o legado do comunismo

da ilha de Fidel, um país com dívida externa *per capita* de 49 dólares e entrega com 3 000 dólares. Em meio a tantos números negativos, acrescenta com ênfase, a quantidade de jornais que decresceu exponencialmente, de 4ª posição, maior na América Latina (58 veículos), e entrega na 29ª na região (17, todos controlados pelo governo). Para o personagem da estória de *Veja*, o sociólogo cubano Héctor Palacios Ruiz, em entrevista (uma página e uma coluna), a saída do poder do comunista é um alívio para a população do país. Afinal, “[...] de toda forma, qualquer um é melhor que Fidel” (27/03/2008, p. 76). Ruiz, que conviveu com uma condenação de 25 anos de cadeia pelo regime de Castro, e solto em 2006, está no papel de protagonista da trama, na oposição ao governo comunista.

Na dispersão da narrativa, entra no fio da diegese do narrador, a voz do articulista Reinaldo Azevedo, cujo título destaca que: “Fidel e o golpe da revolução operada por outros meios” (27/03/2008, p. 78). Assim, relaciona Fidel Castro com o petista José Dirceu (9cm/col.), no rodapé da narrativa, também antagonista da estória, ao lado de Castro. “Fidel, vê-se, é uma figura marcante na história do Brasil. A justificativa não improcedente do golpe militar de 1964 foi impedir a ‘cubanização’ do país. Figuras que transitam neste governo têm sua folha corrida ou sua lenda pessoal ligada à trajetória do ‘comandante’” (27/02/2008, p. 78). Na sequência, *Veja* volta no tempo para mostrar, em imagem, a saída de Fulgêncio Batista, ao lado de outras pessoas, no final da narrativa da edição, no alto da página (18cm/col.). “Cena de um café em Havana, anos antes da revolução: uma ditadura substituída por outra” (27/02/2008, p. 79), diz *Veja*, na composição da intriga.

Fidel Castro segue no papel de antagonista do narrador, como aquele que é responsável pela crise econômica de Cuba, que reduziu o país a um território cárcere, de modo a impedir viagens dos cubanos, sempre desejosos de encontrar um mundo democrático e em condições sociais faustosas. O personagem de *Veja* ainda obtém apoio na América Latina, constituindo-se uma figura reconhecida e seguida, impregnando a região com o seu comunismo do passado. Portanto, levar o antagonista ao tribunal seria uma forma de deixar evidentes os inúmeros problemas causados à população cubana, à região e ao mundo, responsável, inclusive, por uma possível III Guerra Mundial, impedida somente devido ao racionalismo dos Estados Unidos.

O personagem antagonista na estória de *Veja* seria um dos responsáveis pelo início da ditadura militar do Brasil, como medida contra a cubanização. A tomada de poder, à

força, pelos conservadores, resultou em uma única maneira de impedir o comunismo no país, como escreve o articulista Reinaldo Azevedo. No entanto, segue o narrador, o governo brasileiro continua mantendo relações políticas com a política cubana, o que traz riscos para a nação democrática e capitalista – sempre um risco para a política brasileira e latino-americana. A saída para Cuba, após Fidel, será inevitavelmente a abertura de mercado, com governos integrados com grandes centros econômicos, com a liberdade de toda a população cubana, que poderá viver tempos melhores. Assim, o narrador chega ao pano de fundo da diegese, sobre o qual tece sua trama: o fim dos tempos comunistas em Cuba: Fidel já vai tarde.

Na narrativa de *Veja*, os personagens principais configuram essencialmente os Estados Unidos como protagonistas, com seu modelo político de democracia, e Fidel Castro, antagonista, com sua ditadura comunista e lastros pelo mundo, gerando riscos para a ordem democrática. As vozes mereceram espaço para 1606 palavras na estória, sendo que 1387 foram da parte dos protagonistas, com destaque para o personagem de *Veja*, Héctor Palacios Ruiz, com 874. No acontecimento-intriga, do lado dos antagonistas, a ênfase do narrador é para Fidel Castro, com 126 palavras, no final.

Em essência, na narrativa retratada em 12 páginas, os personagens protagonistas e adjuvantes obtiveram 1456 palavras e os antagonistas, 150. Fidel Castro, como protagonista, mereceu voz na narrativa, na composição do narrador, e, em conformidade com seus argumentos, na proposta de condenação, cujo personagem foi sendo apresentado em flashes no tempo, desde a Revolução Cubana, em 1959. Contudo, a doença de presidente cubano se define como um *ponto de virada* na narrativa de *Veja*, quando o poder passa às mãos do irmão mais novo, Raúl Castro.

A fuga da Ilha e os Estados Unidos

A estória de *Veja* tem prosseguimento, quatro meses depois, com o acontecimento-intriga envolvendo a fuga de cubanos da ilha para os Estados Unidos. No seu projeto dramático, três pessoas em uma embarcação de pequeno porte, no alto da página (33cm/col.), com destaque, tentam sair do país de Fidel Castro, e, em *flashback*, recupera a memória de 1994, quando o êxodo para a nação vizinha teve ponto alto. “Agora, fogem de Raúl”, no título, e subtítulo: “Apesar das reformas do irmão-sucessor, aumenta o êxodo

cubano para os EUA” (25/06/2008, ed., 2066, p. 154). Em gráfico, no rodapé da página, escreve *Veja*: “Fuga da ilha-prisão: desde que Fidel Castro tomou o poder, um em cada seis cubanos abandonou Cuba. No ano passado, o número de fugitivos atingiu seu ponto mais alto desde 1994, quando 37 191 pessoas escaparam” (25/06/2008, p. 154). Ao lado, gráfico (14,4cm/col.), com os números dispostos para o leitor.

No fio da narrativa, a transferência da presidência de Fidel para o irmão Raúl Castro foi tardia, com mudanças de abertura do comércio da ilha, com mais acesso da população a bens de consumo, como eletrodomésticos, porém não se altera o quadro econômico do país comunista. “As tímidas reformas feitas por Raúl Castro não vão alterar em curto prazo a falta de perspectivas para os jovens cubanos” (25/06/2008, p.154), conta o personagem da estória, o americano Andy Gomez, do Instituto de Estudos Cubanos da Universidade de Miami. Nos Estados Unidos, a vida do personagem encontra riqueza, afinal, como conta o narrador, “[...] o salário médio de um cubano é de 15 dólares por mês. Esse é o salário mínimo por duas horas de trabalho na Flórida” (25/06/2008, p.154). Um êxito silencioso para o vizinho do norte; os personagens da estória de *Veja* buscam uma vida fora do comunismo castrista e viajam em embarcações precárias em busca do desenvolvimento. Lá têm a acolhida do governo, pela chamada “Lei do pé seco”, quando basta se apresentar às autoridades da fronteira para receber o visto de residência estadunidense.

A estória de *Veja* continua agora com atenção na desenvoltura do novo personagem da trama, Raúl Castro, no comando da ilha cubana, contudo, sem apresentar mudanças necessárias para o capitalismo, com abertura de mercado e transformações políticas. O êxodo de pessoas de Cuba somente aumenta, na perspectiva de um mundo melhor. As mudanças que vêm sendo implementadas, no país, com a saída de Fidel Castro, ainda são tímidas e insuficientes, descreve o narrador.

Na diegese da narrativa, não há voz dos antagonistas, nem mesmo neutra. Sobre o protagonista, 21 palavras do americano Andy Gomez, do Instituto de Estudos Cubanos da Universidade de Miami.

Na sequência, o personagem Fidel Castro, no entanto, se mantém como principal antagonista da estória de *Veja*, no fio da narrativa. Desta vez, no subtítulo, “Chefes de estado latino-americanos produziram muitas piadas na Costa do Sauípe e nenhuma proposta de interesse dos seus povos. O motivo é uma homenagem a Fidel, o ‘Comediante

en Jefe” (24/12/2008, ed. 2092, p. 86). No título, conta o narrador: “Só faltou ‘esteban’”. Numa referência a Fidel Castro, esteban como “uma abreviatura de ‘este bandido’” (24/12/2008, p.86). Na retranscrição, se lê *Humor*, logo acima do título, delimitando o gênero da narrativa, como uma espécie de humor político. O sarcasmo, a ironia se tornam ponto que fundamenta a narrativa, na configuração da diegese, de modo a gerar no leitor sentido de falta de seriedade, incapacidade dos personagens antagonistas para representar a sociedade. Definitivamente, os anti-heróis, a quem se deve olhar com atenção, devido as suas ações e modos de agir, no final, causam pilhéria.

No acontecimento-intriga está a disputa pelo poder de governos da América Latina e Estados Unidos, sendo que os protagonistas da narrativa aparecem no enquadramento de *Veja*, como sendo Hugo Chávez, Raúl Castro, Evo Morales e Lula, em imagem (14,9cm/col.), sorrindo entre eles, apesar de a reunião envolver 33 líderes da região. Como diz o narrador-*Veja*, foi um “concurso de piada”. Entre as mais eloquentes dos antagonistas está “[...] o episódio recente em que George W. Bush, presidente dos Estados Unidos, numa visita a Bagdá, teve de se desviar de um sapato arremessado por um jornalista iraquiano” (24/12/2008, p.86). A outra e mais importante, a condenação dos Estados Unidos ao embargo econômico a Cuba. Na voz do antagonista Evo Morales, conta o narrador: “[...] vamos dar um prazo ao novo governo dos EUA para suspender o bloqueio econômico a Cuba [...] Se não fizer isso [...] retiraremos os embaixadores, ameaçou o ‘Doctor Evo’” (p. 86). Neste sentido, conta o narrador-jornalista, Morales não cogitou acionar sua marinha contra os norte-americanos, ficando apenas na diplomacia política, com ironia sobre as diferenças de poderio bélico entre os dois países, claramente desfavorável ao boliviano, definindo-se um quadro de ironia. Prossegue o diálogo entre os antagonistas, entretanto, na definição do próprio narrador, o que seria uma afirmação possível para Morales: “A queda do preço do petróleo foi um golpe do império contra Hugo Chávez”, conta o “Doctor Evo”, cuja ironia “uma que sempre faz enorme sucesso” (24/12/2008, p.86). Neste mundo imaginário do narrador sobre a conversa entre os antagonistas latino-americanos, Chávez teria dito: “Cuba é a essência do coração e da dignidade dos povos da América Latina e do Caribe [...]” (24/12/2008, p.86).

Seguindo o fio da narrativa, o narrador chega ao pano de fundo, à moral da estória, que é organizada na sua composição de humor:

A piada só tem efeito cômico, claro, quando se esquece que a atual dupla de anciãos ditadores, Fidel e Raúl Castro, há meio século no poder, matou quase

100 000 cubanos – sem falar nos mortos de fome, de raiva e de tédio. Mas a plateia na Costa do Sauípe era bem selecionada, entendeu o espírito da coisa e Chávez saiu-se até bem. Uma pena que só os ditadores cubanos e seus *cupinchas* podem sair da ilha. Se as pessoas comuns do povo cubano pudessem viajar, mais gente saberia que Fidel era chamado de ‘*Comediante em Jefe*’. Mais gente saberia por que o apelido predileto dos cubanos para Fidel é ‘*Esteban*’” (24/12/2008, ed. 2092, p. 86, grifo nosso).

O presidente brasileiro se referindo à América Latina, à semelhança de Napoleão - que na piada, contada pelo narrador, dependura-se no lustre para não ver o quarto às escuras -, conta que “Éramos um continente de surdos, que não nos enxergávamos” (24/12/2008, p.86), o que aumenta o ar de risos da narrativa, numa ironia sem graça, como diz o narrador-jornalista, na sua narrativa imaginária. Rafael Correa tem sua vez de participar da conversa: “[...] foi um problema comercial e econômico lamentavelmente transformado em problema diplomático” (24/12/2008, p.86). Segue o narrador, “Em outro ambiente, teria levado uma sapatada [...] Mas a Bahia não é Bagdá, Correa não é Bush” (24/12/2008, p. 86). A piada entra mesmo no auge, quando Chávez conta que “O socialismo não está morto. Está mais vivo do que nunca. O que está morto é o capitalismo” (24/12/2008, p.86). Então, na sua narrativa fantástica, conta o narrador-jornalista: “Alguém jura ter ouvido de um concorrente inconformado com a derrota um lamento inaudível: vai sifu...!” (24/12/2008, p.86).

Como estratégia narrativa de *Veja*, o narrador-jornalista organiza um cenário com diálogo entre seus personagens, descrevendo uma realidade possível, com discursos definidos, diante de um quadro que envolve reunião entre quatro líderes políticos apoiadores do governo cubano de Castro. Desse modo, sente-se livre para se posicionar (teatralizar) na formulação do seu pano de fundo, no diálogo com o leitor, sempre de posse do poder da ironia, da metalinguagem, desconstruindo as verdades dos antagonistas, no conflito com o embargo econômico dos Estados Unidos a Cuba e as críticas também irônicas contra o presidente norte-americano. No final, busca dar hegemonia aos metarrelatos, na perspectiva do pano de fundo de narrador. A desconstrução da imagem dos personagens-políticos da América Latina é o ponto mais destacado na narrativa de *Veja*. Diferentemente do que ocorre com o personagem de Bush e Estados Unidos.

Neste mundo narrativo criado pelo narrador, os antagonistas passam a usar o “poder de voz” em 109 palavras, não havendo nenhuma palavra dos protagonistas e nem neutra.

No fio narrativo, as intrigas sucedem entre América Latina socialista *versus* capitalismo da ordem global dos Estados Unidos.

Na sequência, o personagem importante das narrativas midiáticas globais sai de cena, em 2008. George W. Bush, depois de dois mandatos consecutivos, cede a presidência da maior potência econômica mundial ao ex-senador Barack Obama, que inicia o seu governo na Casa Branca, em janeiro de 2009 e logo se transforma em protagonista dos acontecimentos-intrigas. Na estória de *Veja* a mudança política no vizinho da América do Norte conduz a um *ponto de virada* importante da narrativa sobre Cuba, pois logo o novo presidente passa a personagem, com novos métodos de tratamento com relação aos vizinhos do sul. Nesse sentido, o semanário descreve a felicidade dos cubanos com a abertura de mercado entre Cuba e Estados Unidos. A rigor, no título, conta no seu enquadramento dramático, “Obama estende a mão a Cuba” (22/04/2009, ed. 2109, p. 83). Quer ajudar o governo da ditadura comunista a sair da pobreza em que está metido. “A liberação das remessas e viagens para a ilha pode melhorar a vida dos cubanos comuns. A dúvida é como os irmãos Castro responderão à boa vontade do presidente” (22/04/2009, p.83), escreve o narrador *Veja*, apresentando no alto da página, com destaque (22,8cm/col.), vários cubanos felizes com carrinhos cheios de compras no Aeroporto de Miami, embarcando suas mercadorias para a ilha comunista, que inicia processo de aproximação dos norte-americanos, com boas intenções com os Castro. Dessa forma, o país poderá sair do atraso em que vive por décadas, na narrativa; no rodapé (14cm/col.), turistas em carros antigos rodam nas ruas de Havana, capital do país. A rigor, conta *Veja* na legenda: “o turismo ajuda economia capenga” (22/04/2009, p.83).

O derradeiro bastião da Guerra Fria pode estar sendo rompido, escreve o narrador-jornalista em seu enquadramento dramático, na configuração da estória em tempo pretérito, sobre a queda simbólica do muro de Berlim, em 1989, que dividia a cidade alemã entre capitalista e comunista, cujo episódio conclui a intriga bélica entre as duas potências, nas narrativas midiáticas globais – das disputas entre capitalismo e comunismo. O personagem protagonista, os Estados Unidos capitalistas, continua a narrativa, quer “aproximação” com Cuba da elite política comunista. Como medida de aproximação, os norte-americanos liberaram envio de remessas de dinheiro dos cubanos de Miami para os cubanos da ilha; autorizaram empresas americanas a oferecer serviços de telefonia, como conexão por fibra ótica com os Estados Unidos. Contudo, o embargo continua, até decisão do Congresso

estadunidense. “Os irmãos Castro reagiram com cautela, mas não cuspiram na mão estendida”, conta o narrador-jornalista de *Veja*. Em discurso na Venezuela, o comando da ilha, Raúl Castro conta: “Mandei dizer ao governo americano, em privado e em público, que estamos dispostos a discutir tudo, direitos humanos, liberdade de imprensa e presos políticos” (22/04/2009, p.83). As negociações políticas entre os dois países se mostram uma realidade e Cuba poderá abrir ao capitalismo da ordem global.

A mão estendida é a de um presidente com boa vontade de ajudar Cuba. Na condição em que estão os comunistas cubanos, podem “ranger os dentes” - numa manutenção em *flashback* da imagem do cachorro latino-americano, que representa os governos de esquerda da região -, mas, na condição em que se encontram, não podem recusar a ajuda dos Estados Unidos. O regime dos Castro “está fraco e exausto”, com dificuldade para resistir ao poder do mais forte. O narrador enumera os pedidos de Cuba: “[...] os dólares dos turistas americanos, mais crédito dos bancos internacionais e acesso ao FMI para negociar sua dívida externa” (22/04/2009, p.83); enfim, os benefícios do capitalismo globalizado.

Os Estados Unidos pragmáticos, no entanto, como pano de fundo da narrativa, trabalham com estratégia política de romper o último bastião comunista da guerra fria, pois

[...] reconhecem que, da mesma forma que o embargo não foi capaz de derrubar o comunismo, uma abertura comercial dificilmente fará o serviço. Talvez apenas criasse um relacionamento similar ao existente com a China. Ou seja, os negócios são feitos apesar dos abusos chineses na área dos direitos humanos. A bola está agora com os cubanos (22/04/2009, ed. 2109, p. 83).

No enquadramento dramático do narrador-jornalista, no jogo, os Estados Unidos fizeram a jogada e passaram a bola para os cubanos, que devem fazer a sua jogada. No entanto, podem preferir não arriscar nenhum chute capitalista – entrar na trama, seguir na disputa e oposição ao neoliberalismo. E, se isso acontecer, “Se porventura a aproximação (estratégia) com os Estados Unidos falhar, o pior que pode ocorrer é não acontecer nada”, conta o personagem do narrador, a analista política americana Sarah Stephen, diretora do centro de estudo Democracia nas Américas, em Washington.

A diegese da narrativa de *Veja* segue sua sequência no acontecimento-intriga com ação de seus personagens: protagonista, Estados Unidos e antagonista, comunismo cubano, dos Castro; a linha narrativa mantém a visão de mundo da abertura econômica na ilha comunista para o mercado livre global. Estado nacionalista *versus* política do neoliberalismo, sem fronteiras comerciais. Na estória, permanecem pontos importantes que

constroem o enquadramento dramático do narrador, a miséria em que vive o país, o atraso tecnológico e o sofrimento da população cubana, que tenta fugir da ilha. Na negociação dos sentidos com o leitor, sobre a realidade política, os Estados Unidos se mantêm com representação para a definição das fórmulas, símbolos de poder, economia faustosa, prosperidade, inovação tecnológica e democracia.

Os protagonistas de *Veja* recebem poder de voz de 18 palavras, da analista política do centro de estudo Democracia nas Américas, em Washington; e os antagonistas do personagem-presidente, o cubano Raúl Castro, com 24, não havendo voz do personagem neutro, na estória. No total, os personagens merecem espaço de 42 palavras.

A realidade nas disputas pelo poder simbólico

Em Cuba dos irmãos Castro, os jornais ganham outra finalidade que não somente a leitura das informações publicadas sobre os acontecimentos do país, mas com “A falta crônica de papel higiênico fez com que os cubanos encontrassem uma utilidade sanitária para as publicações comunistas” (9/9/2009, ed. 2129, p.98), conta o narrador-*Veja* no subtítulo de sua narrativa sobre a nação da América Latina. Sete meses depois, portanto, o semanário paulista traz no título de sua estória: “Até que enfim serviram para Algo” (9/9/2008, p.98), e na vinheta sobre o título está a palavra “ideologia”, levando o leitor, de antemão, a saber que a narrativa se refere ao acontecimento-intrigas e à configuração dos personagens nas disputas pelas estórias e seus ideais políticos. Em destaque, no alto das páginas do texto narrativo (54 cm/col.) estão enfileiradas, seguindo o projeto dramático do narrador, várias pessoas, com o objetivo de comprar jornais em Havana, o que mostraria uma cena trivial. Porém, o principal jornal de cuba, “Nas ruas o Granma é revendido para ser usado no banheiro” (9/9/2009, p.99), revela o narrador-*Veja* na legenda, ainda na abertura da estória, no alto da página.

Fidel Castro, o antagonista da estória, não é nada confiável, sendo que, quando faz alguma afirmação, deve ser entendida ao avesso, conta o narrador-jornalista. Quando disse “[...] que não iria faltar leite para ninguém, [quis dizer] exceto para os menores de 7 anos. [...] anunciou a chegada para o fim do ano de um carregamento de papel higiênico importado, os cubanos entenderam que não há solução à vista para a falta crônica do produto sanitário básico” (9/9/2009, p.98). A forma encontrada, então, passou a ser o uso,

para este fim, do “[...] jornal oficial do Partido Comunista, o *Granma*, e para o recém-lançado *Dicionário de pensamentos de Fidel Castro*, um livrão de mais de 300 páginas muito apreciado por suas folhas fina e macias” (9/9/2009, p.98, grifo do autor), ironiza o narrador-jornalista, seguindo sua estratégia de desconstruir a imagem de seus antagonistas na estória. O uso das publicações nesse sentido deu tão certo que se criou a lei da oferta e da procura (capitalista), tornando os jornais velhos com o *mesmo valor* da publicação do dia. O que importa é a quantidade de páginas e sua textura.

Na disputa pelo poder das intrigas pela verdade, segue a narrativa:

[...] o *Granma* tem oito páginas (dezesseis às sextas-feiras) e 400 000 exemplares diários. Seus artigos, pura ladainha comunista, são uma enorme chatice. As notícias, distorcidas pela propaganda oficial, não têm credibilidade. Mas o diário é bastante valorizado pela qualidade absorvente do papel em que é impresso e também pelas cores firmes, que não mancham o traseiro de seus, por assim dizer, leitores. [...] Na falta do *Granma*, os revendedores oferecem exemplares do *Juventud Rebelde*. [...] Em situação de aperto, há quem utilize o *trabajadores* (9/9/2009, ed. 2129, p.98-99, grifos do autor).

O jornalista do *Granma*, personagem da estória, ironiza: “Meus amigos sempre faziam piada, dizendo que se lembravam de mim quando iam ao banheiro” (9/9/2009, p.99), conta o cubano YPP, que trabalhou no jornal até 2006. O protagonista – no enquadramento dramático da narrativa - pede para não ser identificado para não sofrer represálias dos comunistas. Ele, que deixou o jornal por uma ação “[...] típica das ditaduras comunistas” (9/9/2009, p.99), depois de escrever críticas ao regime, não pode mais trabalhar em qualquer lugar, e hoje vive no exterior.

Sobre a produção do papel higiênico, a única fábrica fechou, tornando-se um item entre tantos outros indispensáveis que faltam no cotidiano dos cubanos. A situação econômica no país comunista vai de mal a pior, como escreve o narrador na estória, com a redução da mensalidade venezuelana para o país, obrigando o regime a importar 80% dos alimentos consumidos. Para piorar, Fidel Castro *mandou* (autoridade superior do personagem) reduzir o consumo de eletricidade em 12%. “Nenhum país do mundo consegue crescer com um corte de eletricidade desse tamanho” (9/9/2009, p.99), como conta o economista cubano Oscar Espinosa Chepe, de Havana, personagem da estória.

Como pano de fundo da diegese do narrador, “Cuba não é uma ilha. É um barco afundando com água por todos os lados. A boa notícia? Não vai faltar jornal” (9/9/2009, p.99), ideologia comunista do passado e sem funcionalidade nos tempos pós-modernos, de globalização. Na sequência, perseguindo a estratégia de atacar a representação dos ideais

comunistas, com uso da ironia, no rodapé das páginas (98-99 – com 42cm/col.) o narrador-*Veja* didaticamente revela um comparativo de preços: entre o papel higiênico tradicional, por 5,10 Reais, com o Granma (jornal oficial), que dura também uma semana no banheiro e custa 1 centavo de Real; Os Trabajadores, 1 centavos por Real e o Dicionário de Pensamentos de Fidel Castro, 1,2 Real. Para este último, o valor tem a ver com a qualidade de seu papel, fino e macio. A imagem de Castro, o antagonista da estória de *Veja*, está segurando o Granma nas mãos e com destaque na capa do Dicionário.

De fato, a ironia passa ser a estratégia do narrador para escrever a estória dramática sobre o jornalismo praticado pelo governo cubano, com seus jornais governistas, um produto a ser usado somente no banheiro, que não serve para sua real utilidade, a informação sobre os acontecimentos, sobre o país ilhado. São produtos jornalísticos sem valor, sem importância para os cubanos, que já entenderam realmente qual sua verdadeira utilidade. O narrador, mais uma vez, desconstrói as ideias do comunismo cubano e seus símbolos ideológicos, apresentando para o leitor a realidade e seus valores políticos ultrapassados, descrevendo o quadro de atraso político e os aspectos de uma civilização enclausurada numa ilha de ideais dos Castro. Na narrativa de *Veja*, a disputa pela própria estória, e, como resultado, a difusão de pensamento e comportamento social. O jornalismo da ilha não tem relação com a realidade da comunicação global para um mundo em desenvolvimento e capitalista.

As vozes dos protagonistas na estória, de duas páginas, somam 59 palavras, com os personagens Jornalista cubano YPP (sem identificação) e o economista de Havana, dissidente político, Oscar Espinosa Chepe; enquanto os protagonistas têm como espaço da narrativa, o poder de voz, com seis palavras, as do presidente Fidel Castro. Não há voz neutra. No fio da narrativa, as disputas dispõem as intrigas entre Comunismo cubano dos Castro, da falsa ideologia *versus* mercado livre capitalista, da produção de bens e riquezas.

Na persistência pelo roteiro descrito para a narrativa, na condução do fio da estória, os personagens ganham outras representações se não se adéquam à diegese de *Veja*. Na sequência, um pouco mais de um mês depois, *Veja*, volta ao enquadramento dramático sobre Cuba. Desta vez, no destaque, está o erro da ONU que, em suas pesquisas sobre o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), coloca no ranking, Cuba e Venezuela, em posição acima, na tabela, em relação a países como o Brasil, a Colômbia e o Peru. Isso significa o uso de “Uma régua não muito precisa” (14/10/2009, ed. 2134, p. 96), destaca no

título o narrador-*Veja*. A rigor, “Idealizado para comparar o estágio de bem-estar dos países, o IDH da ONU tem valor, mas não pode ser tomado como definitivo. Sua metodologia produz muitas e curiosas aberrações”, prossegue a narrativa no subtítulo, na qual o narrador, como agente da própria estória, questiona a metodologia do órgão global das Nações Unidas. Afinal, “[...] os cubanos são impedidos de viajar para o exterior e enfrentam privação [...] nas economias de mercado. [...] A Venezuela é uma ditadura que fecha jornais e emissoras de televisão, tem um governante, Hugo Chávez que rasgou a Constituição para se eternizar no poder” (14/10/2009, p.96). A Venezuela importa tudo o que consome e vive de petróleo, porém, à luz da ONU, Cuba e Venezuela “[...] são países mais evoluídos do que [...] o Brasil e a Colômbia. Basta uma dose homeopática de *bom senso* para concluir que se está diante de um erro” (14/10/2009, p.96, grifo nosso), conta o narrador-jornalista.

No projeto dramático do narrador, faz uma comparação, chamando a atenção do leitor para o bom senso, na configuração da catarse. “Se houvesse uma ponte aérea gratuita e livre para quem desejasse emigrar definitivamente, os assentos estariam todos ocupados nos voos de Cuba para o Brasil ou Colômbia e vazios nos voos para a ilha de Fidel Castro” (14/10/2009, p.96), *portanto*, revela o narrador na estória, o IDH “[...] se choca frontalmente com essa realidade” (14/10/2009, p.96). Apesar do “objetivo saudável” da ONU de permitir comparações entre diversos países, sob o ponto de vista do bem-estar-social, o órgão é uma “máquina-burocrática [...] move pela lei do menor esforço e da máxima exposição” (14/10/2009, p.96). A rigor, questiona o narrador-jornalista, “[...] como uma ditadura comunista pode pontuar bem em desenvolvimento humano se ali faltam aos humanos conquistas básicas, como a liberdade de expressão e o direito de ir e vir?” (14/10/2009, p.96). Tais quesitos que foram expurgados da pesquisa. Neste caso, então, deve-se considerar a *educação* para compreender as aberrações, e conduzir o leitor para seu enquadramento dramático: “Adaptando-se o teste da ponte aérea, será que haveria mais pais cubanos querendo ver seus filhos estudando no Canadá e na Noruega, ou o contrário? *A resposta é óbvia*” (14/10/2009, p.97, grifo nosso).

Mas o IDH tem méritos, pois, “Ele é um indicador sintético. Foi sua simplicidade que possibilitou a participação de todos os países, mesmo os mais pobres, e a comparação entre eles”, conta Sérgio Besserman, professor de economia da PUC-Rio e ex-presidente

do IBGE. No quesito educação, no entanto, o Brasil estaria fora da lista, descreve o narrador-jornalista.

Na sequência da narrativa dramática de *Veja*, o narrador-revista expõe em quadro, no rodapé, com destaque (42cm/col.), como é feito o cálculo do IDH, considerando Longevidade, Renda e Educação. No entanto, tem suas aberrações, como “[...] o anão de 2 metros de altura[...]”, pois, no cálculo da ONU, não entram “itens essenciais” como a liberdade de expressão e o direito de ir e vir. Por isso, “[...] o ensino marxista oferecido na ilha comunista aparece como um dos melhores do mundo” (14/10/2009, p.96). Ou, ainda, “O *homem* que se ergue pelo cadarço”, como é o caso de Hugo Chávez, ilustrado com uma foto em 3/4 no alto do título sobre uma mancha de petróleo – única referência à economia Venezuelana. A Venezuela no comando de Chávez “[...] desafia a lei da gravidade e aparece acima de Brasil, Peru e Colômbia” (14/10/2009, p.97). No que dizem as *aberrações*, no enquadramento dramático, o narrador questiona, “[...] as pulgas que saltam até a lua”. Pois, os dados da pesquisa da ONU são de 2007, quando houve crise internacional, colocando a Alemanha, “a nação mais rica da Europa”, na posição 22ª, “[...] bem atrás dos EUA (13ª), outro país que surfara na bolha” (inflacionária) (14/10/2009, p.97).

Então, do lado direito da página (14/10/2009, p.97), o ranking dos países do IDH da ONU, com destaque (26,5cm/col.): “A escala do avanço social”, o qual questiona as posições dos países, na relação com sua condição de Índice de Desenvolvimento Humano, com a liberdade de ir e vir, de expressão e de economia de mercado.

No fio da narrativa de *Veja*, os protagonistas – numa perspectiva global - se revelam, como sendo aqueles de mercado aberto às barreiras internacionais, liberais (neoliberais), como é o caso da Alemanha, e dos Estados Unidos, desenvolvidos, seguidos por Brasil, Colômbia e Peru, os latino-americanos, “[...] países estáveis e que têm reduzido suas mazelas” (14/10/2009, p.96), a pobreza. Os antagonistas se mantêm aqueles da ordem nacionalista, como Cuba e Venezuela, de modo a compor a intriga-narrativa de *Veja*, e a composição de sua diegese, cuja sequência define seu projeto dramático, como analisado anteriormente, no convencimento do leitor com sua inserção no imaginário social, no senso comum – o que vai revelando sua matriz narrativa hegemônica provisória.

A ONU, que eleva a posição dos antagonistas nas escalas sociais, até mesmo um órgão internacional, passa ao papel também de antagonista, de modo que o narrador

estabelece os padrões que devem definir o ranking das grandes nações desenvolvidas. O modelo faz parte da narrativa da estória de *Veja*, e compõe os valores e fórmulas simbólicas do projeto dramático. Na estória de *Veja*, a realidade se apresenta a cada passo da narrativa, conforme uma lógica (lei da gravidade), a qual os países nacionalistas seguem na marginalidade, na incapacidade de se sobreporem aos protagonistas da ordem global, não se classificando para obtenção de capital simbólico. Na América Latina, destaques para o Brasil, o Peru e a Colômbia.

Nessa narrativa de duas páginas, não houve voz nem para os protagonistas, nem antagonistas, com uso de espaço para a voz de neutro (a verdade acadêmica), do professor de economia da PUC-Rio e ex-presidente do IBGE, o personagem Sérgio Besserman.

O tema imprensa e liberdade de expressão voltam na narrativa de *Veja*, na sua diegese, tendo como ponto de referência a imagem formada pelo jornal oficial do regime cubano, descrito pelo narrador, que vai formando um quadro de signos sobre a imprensa e seu poder político de verdade. Desta vez, na edição de dezembro/2009, o narrador destaca Fidel Castro, com seu terno militar verde-oliva, que aparece na narrativa, mostrando o Granma, com destaque no alto da folha da revista (38,7cm/col.), em meia página. Na legenda: “Fidel, no tempo em que ainda não usava moletom, e o jornal único e oficial de Cuba: absorvente como ele só” (23/12/2009, ed. 2144, p. 143), em *flashback* de narrativa anterior, sobre o uso que os cubanos fazem dos jornais do país, no banheiro. No título, “O modelo é o Granma de Fidel” (23/12/2009, p.142) descreve na narrativa, o estilo de jornalismo que os partidos progressistas brasileiros defendem para o Brasil e para a América Latina. A rigor, “Encontro sobre comunicação [Confecom] patrocinado pelo governo mostra que tipo de imprensa a esquerda quer para o Brasil. O resultado é uma *aberração*” (23/12/2009, p.142, grifo nosso), conta o narrador-*Veja*. A cara da imprensa defendida pelos representantes do governo, sindicalistas e ONGs ligadas ao PT “[...] é de *arrepiar*” (p.142, grifo nosso).

O debate em torno das leis de imprensa no Brasil revela impulsos totalitários, “[...] entre as mais soviéticas propostas aprovadas pela Confecom⁴⁴ é a criação de um observatório de ‘conteúdos midiáticos’ reencarnação do rechaçado Conselho Federal de Jornalismo, que o governo tentou impor” (23/12/2009, p.142). Como conta o narrador-jornalista, o objetivo é a censura prévia, a formação de “uma espécie de tribunal” para

⁴⁴ 1ª Confecom, Conferência Nacional de Comunicação, realizada em dez de 2009, em Brasília.

julgar jornalistas, e controlar os meios de comunicação. Em questão também a *redução* do limite de 30% para 10% da participação acionária de empresas estrangeiras em empresas de comunicação brasileiras⁴⁵. O personagem da estória de *Veja*, Demétrio Magnoli escreve: “Isso mostra o que a imprensa representa para esses segmentos: uma inimiga, organizadora social da burguesia e uma classe a ser combatida” (23/12/2009, p.142).

Como enquadramento dramático está o Granma de Cuba, que modeliza o papel político dos personagens antagonistas da estória de *Veja*; também o modelo do Jornalismo defendido pelos participantes da Confecom:

Apenas mais uma pequena nuvem a turvar o horizonte da liberdade de imprensa na América Latina. *A atmosfera anda bem mais pesada em outros países*. Na Venezuela de Hugo Chávez, só neste ano foram fechadas 34 emissoras de rádio e TV. Na Argentina de Cristina Kirchner, o governo promove uma perseguição ao grupo editorial Clarín, disfarçada de contencioso fiscal. No Equador de Rafael Correa, jornais e revistas podem se tornar reféns de concessão estatal, renovável a cada ano (23/12/2009, ed. 2144, p. 143, grifo nosso).

No Brasil, “[...] felizmente, o presidente Lula tem-se declarado um defensor incondicional da liberdade de imprensa. Por isso também, as bobagens da Confecom dificilmente terão consequência práticas” (23/12/2009, p.143), conta o narrador-jornalista. Na narrativa, o presidente brasileiro está no papel de protagonista da estória sobre as mudanças impostas para o jornalismo brasileiro, apesar de petista e governo. No final, o projeto servirá para o uso de dinheiro público, em benefício de seus participantes de esquerda. Contudo, segue o narrador na diegese: “Espera-se que eles reservem ao documento destino tão nobre quanto o dado pelo povo cubano à imprensa oficial da ilha” (23/12/2009, p.143) – como papel higiênico, no banheiro.

O acontecimento revela a intriga entre as propostas da Confecom, de revitalizar as leis do setor de mídia *versus* poder dos conglomerados de comunicação, no Brasil; ainda poderia revelar-se: mídia de esquerda, comunistas *versus* mídia com valores liberais, capitalista. No projeto dramático do narrador está a desconstrução dos modelos midiáticos que defendem outros princípios, que não os liberais. Como agente da narrativa, segue *Veja* no ataque ao jornalismo estatal ou regulado pelo estado, de modo a estabelecer, de maneira evidente, disputas pela própria estória e ideologia, em tempos de políticas globais.

⁴⁵ Paradoxalmente a medida resultaria na abertura de mercado para as empresas internacionais, para mais participação na produção de informação no jornalismo brasileiro. Ou seja, quebra das barreiras de mercado de 30% para 10% nos limites de participação de empresas estrangeiras, na linha da diegese narrativa de *Veja*.

As vozes somam 34 palavras, em uma página e uma coluna, sendo que os protagonistas recebem 22, na voz do Cientista Político, Demétrio Magnoli; enquanto os antagonistas, 12, da proposta da Confecom. Na diegese da narrativa, o Brasil mantém-se “mais democrático”, próximo da diegese de *Veja*, numa comparação com Cuba, Venezuela, Argentina, Equador, antagonistas globais.

Os personagens da estória jornalística de *Veja* ganham vida e legitimidade na trama, em conformidade com o fio da narrativa, seguindo a configuração do projeto dramático, com vistas ao pano de fundo, que se ordena em função dos acontecimentos-intrigas, na luta pelo poder ideológico. O principal antagonista deste episódio, Fidel Castro, na estória, forma sua rede de amizades, na busca pelo poder nas disputas simbólicas, objetivando ganhar espaço para sua voz nas narrativas. Por sua vez, no semanário paulista, os personagens, como parte das intrigas, têm como objetivo atingir suas ambições, como é o caso do escritor Gabriel García Márquez, que merece análise detida de seu comportamento psicológico, sendo amigo de Cuba e de seu regime político.

O escritor da famosa obra “Cem Anos de Solidão” está ao lado do ditador cubano, com amplo destaque (64,1cm/col.), no alto da página, na abertura da narrativa de *Veja*, em conversas confidenciais de amizade. Vestido com camisa com destaque para o tom vermelho (símbolo do comunismo, da esquerda), com listras pretas; e Fidel Castro com o terno militar verde-oliva (poder da força coercitiva), em primeiro plano, ambos sentados. Composição que dá sentido ao título da narrativa, da primeira do episódio de 2010: “Cem anos de adulação” (10/02/2010, ed. 2151, p. 92).

A imagem em *flashback*, busca a memória de narrativas de 2002, quando os personagens do semanário participavam de conferência em Havana. Na configuração da diegese, também do alto da página o retrato (14,1cm/col.) de Símon Bolívar, que foi ilustração de livro do Escritor Colombiano, que o aproxima das ideologias nacionalistas da América latina, considerando a luta de Bolívar pela integração das Américas (Sul e Central), como discutido em parte anterior do texto. A rigor, “Os bastidores da amizade entre Fidel Castro e Gabriel García Márquez ajudam a explicar de onde vem o fascínio de intelectuais pelo autoritarismo de esquerda” ⁴⁶ (10/02/2010, p.92), conta o narrador-*Veja*, no subtítulo. A composição dramática de *Veja* aponta para os fundamentos do comunismo

⁴⁶ O narrador persegue as razões do poder de atração dos demais líderes da América Latina por Fidel Castro. Uma das explicações seria sua capacidade de contar suas estórias, no uso da literatura. Neste instante surge um importante personagem com esta missão: Gabriel García Marques.

cubano na defesa de seu capitalismo simbólico, de modo a ganhar mais valor em Cuba, na América Latina e no mundo. As estratégias narrativas dos antagonistas na estória.

A relação entre os dois, Fidel Castro e García Márquez, está envolta em jogo de interesses, como escreve o narrador-jornalista, na sua configuração da trama. O ditador aproveita do prestígio literário do colombiano para propaganda do regime no exterior; por sua vez, o escritor ganha poder para desfrutar de vantagens materiais, como viajar para a ilha e viver com todas as regalias de um sistema autoritário, que são somente permitidas à sua elite. Como resultado disso, há juras (falsas) de amizades. Para Castro, o amigo é único companheiro do peito e García conta que não saberia como visitar Cuba, sem a presença do ditador. Para compreender o que motiva um famoso escritor a se dedicar à política autoritária do comunismo cubano, não seria sensato recorrer ao trabalho de um amigo do colombiano, que escreveu obra sobre sua vida, como é o caso do inglês Gerald Martin – “Uma Vida”. Em contrapartida, “Uma versão *mais honesta* dessa relação é apresentada pelo espanhol Angel Esteban e pela belga Stéphanie Panichelli no livro *Gabriel García Márquez e Fidel Castro – Os segredos de uma Amizade*” (10/02/2010, p.92, grifo nosso), uma obra lançada nos Estados Unidos e publicada em Portugal. Conta o narrador-jornalista tratar-se de “[...] uma obra instigante não só pela riqueza de informações, todas sustentadas por inúmeras entrevistas de documentos, mas por introduzir uma discussão pertinente sobre o que leva intelectuais estrangeiros a apoiar um regime sanguinário como o cubano” (10/02/2010, p.92-93), o qual teria matado mais de 7 000 pessoas, além de reprimir a liberdade de expressão. Os autores da obra são professores universitários de literatura e letras e conduzem a sua narrativa, no sentido de atender seus fãs de “[...] descobrirem a face nefasta de seu ídolo[...]”, escreve o narrador, dialogando com o seu interlocutor, sobre uma provável dúvida no que se refere à distinção das obras. Assim, legitimam-se os personagens protagonistas, escritores, na definição das características dos agentes sociais, com poder simbólico, porém antagonistas.

Os personagens de esquerda que se aproximam de Fidel formam um grupo seletivo e de reconhecidos intelectuais, como o cantor Chico Buarque e o arquiteto Oscar Niemeyer. “Há uma *tradição* entre parte dos *intelectuais* latino-americanos de *falar* em nome dos outros, de se considerar a *voz* dos que não falam. É uma *visão autoritária* que, como não poderia deixar de ser, produz *fascínio* pela tirania de esquerda” (10/02/2010, p.93, grifo nosso), conta o historiador Marco Antonio Villa, dando sequência à diegese narrativa de

Veja. Na busca de ampliar as vozes de esquerda, na América Latina, a ditadura cubana permitiu a aproximação de García Márquez, o que não foi fácil para o escritor, exigindo 15 anos e “artigos chapas-brancas”, além de entrevista propaganda para o regime castrista. Efetivamente, os personagens da narrativa se encontram e estabelecem amizade, depois do lançamento do livro “Cem anos de Solidão”, em 1977, quando o escritor recebe a missão de se tornar “embaixador informal” do regime no exterior. Em troca, o colombiano ganha “plataforma política” para contatos com esquerdistas, como François Mitterrand, da França. Nessa teia de relações, a amizade com o político francês, após fazer campanha, lhe rendeu o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982. Assim, os personagens se articulam na trama, com suas funções e estratégias de poder.

Dessa relação de interesses, conta o narrador, García Márquez pode desfrutar de carro importado para passear por Cuba, e mansão para aproveitar as belezas naturais do país. Como fruto dessas relações, em resposta, o escritor ajudou a fundar uma “Escola de Cinema” na ilha. Ademais, como símbolo da amizade, tornou comum o colombino “[...] submeter os seus manuscritos ao ditador, para que ele fizesse observações ao estilo ‘censura vip’” (10/02/2010, p.93). Descreve o narrador que a obra “O General em Seu Labirinto” escrita em 1989, não seria a descrição de Simón Bolívar, o herói latino-americano, que lutou pela independência da região, mas a história e homenagem a Fidel Castro. “Esteban e Panichelli apresentam boas provas desse fato, incluindo o depoimento de três amigos de García Márquez” (10/02/2010, p.93). *Veja* mais uma vez legitima os personagens protagonistas da narrativa.

Questionado sobre seu apoio a uma ditadura, o colombiano explica que “[...] usa sua influência para convencer Fidel a libertar opositor e a deixá-los fugir para o exílio” (10/02/2010, p.93), como conta o narrador, numa análise psicológica do personagem, que, agindo assim, estaria “[...] comprando sua própria absolvição na história por desfrutar as benesses de um tirano” (10/02/2010, p.93). No final, o escritor antagonista da história de *Veja* faz um “péssimo investimento”, ao usar sua fama com a política cubana sanguinária.

Na trama da narrativa, na composição da história, o antagonista se relaciona com personagens que, por efeito ideológico, no fio narrativo, tornam-se antagonistas, considerando sua busca pelo poder, os quais se organizam em conjunto para enfrentar as forças dos protagonistas da narrativa hegemônica, numa disputa sem fim. Acompanhando

o fio da estória, neste contexto, as disputas passam pelas narrativas. Assim como os personagens se encontram em disputas pela construção da realidade, que exige configuração de seus agentes, com símbolos políticos e a composição da diegese, em disputa, portanto, para a formação do conhecimento do leitor e comportamento cultural na América Latina.

Nessa narrativa de duas páginas, os personagens obtiveram espaço para voz de 86 palavras, sendo distribuídas entre os protagonistas - 58 palavras para os escritores Esteban e Panichelli (18) e o historiador Marco Antonio Villa (40) – e o antagonista – Gabriel García Márquez (18). Não houve voz neutra. A intriga pelo poder na narrativa de *Veja*, configurou-se nas disputas simbólicas e seus respectivos personagens, entre protagonistas e antagonistas na ordenação política para o poder.

Em resumo, o acúmulo de *poder simbólico* se torna fundamental para a construção da realidade, considerando as estórias e seus personagens no imaginário latino-americano. O jornalismo, o lugar nas disputas econômicas e sociais e figuras de expressão da literatura ganham importância, na configuração da própria realidade que se quer estabelecer. A construção e a desconstrução dos agentes e classificação das nações se mostram estratégias de estabelecer a ordem de pensamento e formação cultural. As vozes que organizam a ideologia social têm papel importante na narrativa, de modo que, em contrapartida, ganham função nas disputas pela produção das estórias, como notamos, numa relação entre países nacionalistas latino-americanos e política global.

Os verdadeiros mártires e anti-heróis da política cubana

A amizade de Lula com Fidel Castro vai além dos limites políticos de uma realidade de consciência para a democracia e a liberdade. Para as atrocidades causadas pelos irmãos Castro, na ilha cubana, o presidente brasileiro está “de olhos bem fechados” (3/3/2010, ed.2154, p.84), como destaca no título o narrador-*Veja*, em seu enquadramento dramático da estória. O personagem é apresentado, então, abraçado com o ditador cubano em destaque, na abertura da narrativa (76 cm/col.), tendo a mão esquerda levantada e levemente curvada, sorridente, com olhos semicerrados, como *emocionado* com os afagos do amigo, que o abraça com a mão esquerda nas costas do brasileiro. Pura intimidade entre dois personagens da narrativa da América Latina. Na legenda, conta o semanário:

“Juventude Socialista, *Lula afaga Fidel*: bem de saúde e no pleno domínio do notório saber econômico” (3/3/2010, p.85). Na composição do acontecimento-intriga, está o protagonista da narrativa, Orlando Zapata Tamayo (6,4 cm/col.), no meio da página posterior, o dissidente do regime, morto por greve de fome, olhando à sua direita para os dois personagens que se cumprimentam - *intrigado*. Escreve o narrador-*Veja*, “Dissidente tem o mau gosto de morrer bem no dia em que Lula chegou a Cuba. Mas, se tivesse avisado antes, o presidente ‘teria pedido para ele parar a greve de fome’” (3/3/2010, p.84). No subtítulo, está a frase de Lula que diz ser contra greve de fome, como motivação política de protesto - e não contra a política do regime cubano dos irmãos Castro.

A morte de Zapata estabelece um *ponto de virada* na narrativa, ao trazer para a estória novos personagens, conduzindo a tessitura da trama, na diegese de *Veja*. O protagonista conseguiu se manter em greve de fome, por 85 dias, “[...] o homem humilde, um pedreiro que se transformou em defensor da liberdade, resistiu, e com a única arma de que dispunha” (3/3/2010, p. 84). A sua morte é o resultado da luta por democracia, o que o levou à condenação a 56 anos de prisão, depois, reduzida para 25. “Apanhava, era maltratado, xingado de verme” (3/3/2010, p.84). A condição de negro implicou na intensidade da punição, como conta o personagem da trama, também outro “resistente”, Manuel Costa Morúa. “O fato de ser negro contribuiu para a gana psicológica dos carcereiros. É o velho argumento de que por ser negro não se tem direito a protestar, porque a revolução te deu tudo” (3/3/2010, p. 84-85). Nem mesmo os amigos puderam carregar o seu caixão, ficando como tarefa executada pela polícia política, conta o narrador-jornalista.

O presidente Lula chegou no dia da morte do pedreiro.

Temos de lamentar, como ser humano, sobre alguém que morreu porque decidiu fazer greve de fome, que vocês sabem que eu sou contra porque fiz greve de fome. Se essas pessoas tivessem falado comigo antes eu teria pedido para ele parar a greve e quem sabe teria evitado que ele morresse. Lamento profundamente que uma pessoa se deixe morrer por uma greve de fome (3/3/2010, ed.2154, p.85).

No não dito de Lula, nas entrelinhas do narrador, como estratégia narrativa, está a falta de condenação ao regime ditatorial de Cuba, então, como efeito implícito, ao ser revelado para o leitor. Depois do afago *sorridente da comitiva do brasileiro*, Raúl Castro, comandante cubano, não culpou o morto, mas direcionou a responsabilidade para o inimigo da América do Norte. “Isto se deve à confrontação que temos com os Estados

Unidos, Aqui não houve nenhuma execução extrajudicial”, discursa o personagem na narrativa. Motivo para mais *risadas da comitiva*. O grupo de dissidentes amigos de Zapata tentara enviar uma carta para Lula, com o objetivo de obter ajuda política do brasileiro, apesar da morte do personagem de *Veja* ser dada como certa, ante a sua condição de saúde. “Cometeram um grave erro”, conta o narrador. “As pessoas precisam parar com o hábito de fazer cartas, guardar para si e depois dizer que mandaram para os outros. Quando uma pessoa manda uma carta para um presidente, no mínimo, só pode dizer que o presidente a recebeu se protocolar a carta” (3/3/2010, p.85), diz o personagem-presidente. “O autor da carta em questão é o economista cubano Oscar Espinosa Chepe⁴⁷. Preso em 2003, com Zapata, foi solto mais tarde, por problemas de saúde. Chepe consultou 42 prisioneiros políticos e escreveu um apelo ao presidente brasileiro”, conta o narrador.

No confronto entre os personagens, protagonista e antagonista, a narrativa segue na composição da trama. Chepe conta que “[...] *na quinta-feira, dia 18*, ligou para a Embaixada do Brasil em Havana e apresentou o pedido de uma reunião com o embaixador para entregar a carta” (3/3/2010, p.85), porém, recebeu negativa sobre o pedido pela secretária, “Nossa política é de não receber dissidentes cubanos” (3/3/2010, p.85). Diante do fato, conta Chepe: “Eu *achei* que Lula, por ter sido um trabalhador preso injustamente, iria se solidarizar conosco. Sua reação foi uma surpresa para todos” (3/3/2010, p.85), termina o personagem de *Veja*, configurando sua narrativa dramática, de modo a questionar a postura do presidente brasileiro, atingindo o poder simbólico de defensor da política social.

Sem apoio dos líderes da América Latina, não restam muitas alternativas àqueles que lutam pela democracia. Na diegese da narrativa, como pano de fundo, escreve o narrador-jornalista, qual a saída política:

Quando querem ser acolhidos, os dissidentes cubanos sabem que precisam bater na porta da Embaixada dos Estados Unidos ou de países da União Europeia, mesmo ao custo de serem rotulados de agentes do imperialismo. A ideia de que qualquer um que se oponha ao eixo cubano-venezuelano seja um servo dos interesses americanos tem uma história longa no arsenal de ofensas destinadas a desqualificar, por princípio, qualquer adversário (3/3/2010, ed.2154, p.85).

⁴⁷ Chepe que é personagem de outras narrativas de *Veja* sobre Cuba, como voz de um economista cubano, não exatamente dissidente do regime político dos irmãos Castro.

Nessa linha de raciocínio está a filosofia petista, antagonista da estória, partido do presidente Lula, como dito na narrativa do semanário paulista, expondo as disputas por poder dos personagens, na tessitura da estória:

A política externa implementada pelo governo Lula é uma política de estado. Mas parcela da classe dominante brasileira rejeita os fundamentos desta política, conferindo reduzida importância à integração regional, desejando menor protagonismo multilateral e preferindo maior subordinação aos interesses dos EUA (3/3/2010, ed.2154, p.85).

No final, nas despedidas dos amigos Castro, numa referência a Fidel, Lula conta: “[...] fiquei muito satisfeito, muito *feliz ao encontrá-lo bem de saúde*. Sua *cabeça funciona* melhor que a minha, falando de economia como se fosse um jovem” (3/3/2010, p.85, grifo nosso), ao legitimar o amigo político e antagonista de *Veja*. Diante da morte de um dissidente (pedreiro e negro), na configuração da trama, o narrador descreve a posição de Lula em felicitar o ditador: “Feliz ao encontrá-lo bem de saúde”, despertando posicionamento do leitor, no seu enquadramento dramático da narrativa. Na sequência da estória, depois do episódio narrado, no seu desenlace, outros quatro dissidentes políticos, *inclusive um jornalista*, entraram em greve de fome. “Ah, sim: se desta vez conseguirem protocolar sua carta, talvez os *oposicionistas cubanos consigam dar a desagradável notícia a Lula*”, conclui o narrador-Jornalista de *Veja*, sobre a disputa política entre o pedreiro morto e o presidente.

Nessa narrativa, a morte de um dissidente torna-se ponto nevrálgico, nas disputas pela racionalidade do sistema político estabelecido por Cuba de Fidel Castro, sendo defendido na sua ideologia comunista pelo presidente brasileiro. Em torno do tema, o narrador define o pano de fundo da narrativa, estruturando suas fórmulas simbólicas. Esta, contudo é apenas parte da estória, que tem outras referências, na formação do imaginário social, pois, nas intrigas da política latino-americanas, a narrativa vai conduzindo a diegese para uma relação política regionalista da América Latina, antagonista, *versus* Estados Unidos e Europa, protagonistas, em vista de estória jornalística da democracia social, mercado de livre comércio, capitalista, como pano de fundo. A trama correlaciona as disputas políticas regionais consubstanciadas com o poder global, o modelo político e econômico dos países centrais, portanto, como parte da narrativa, na perspectiva da hegemonia de poder, na composição das narrativas nos acontecimentos-intrigas no episódio.

Desta vez, neste acontecimento-intriga, em duas páginas, em que o presidente Lula desempenha o principal papel de antagonista, os personagens mereceram 285 palavras no espaço da narrativa, sendo 92 para os protagonistas; Manuel Costa Morúa (33), cubano preso pelo regime de Fidel Castro e Oscar Espinosa Chepe (48), economista e dissidente do regime político cubano. Os antagonistas ocuparam na estória de *Veja* 204 palavras, divididas entre presidente *Lula* (133); Raúl Castro (17); PT (46), partido do presidente Lula; e Secretária da Embaixada do Brasil em Havana (8). Não há voz neutra.

Na edição seguinte do semanário *Veja*, uma semana após, a narrativa sobre a greve de fome dos dissidentes cubanos continua. Desta vez, o personagem protagonista é um *jornalista*, em solidariedade ao companheiro, morto em protesto contra a ditadura política da ilha, o pedreiro, Orlando Zapata. “Fiel ao Regime Comunista, combatente em Angola, Guillermo Fariñas transformou-se em dissidente e está na 23ª greve de fome contra abusos do regime castrista. Desta vez, diz que vai até o fim” (10/3/2010, ed. 2155, p. 96), escreve o narrador-*Veja* no subtítulo. Antes, porém, no título, conta que diante de tantas manifestações contra o regime político de Cuba, “Não dá para não ver” (10/3/2010, p.96). Na composição dramática da narrativa está o personagem principal, o careca, o jornalista em destaque (27,7cm/col.), com os olhos arregalados, em meio à pele e ossos, na parte inferior da página, porém, invadindo o espaço do texto. “Pele, osso e consciência. Guillermo ‘coco’ Fariñas: ‘há momentos na história em que é *preciso haver mártires*’” (10/3/2010, p.96, grifo nosso), descreve o narrador, elevando a voz do personagem, que se propõe como figura heroica, uma referência simbólica contra os Castro da ditadura política.

Dando continuidade à narrativa anterior, com *flashback* da morte de Zapata, logo em seguida, a população se revolta, exigindo a força da intervenção policial para a ordem comunista da ilha. Ao mesmo tempo, outros dissidentes decidem pela greve de fome, e foram dissuadidos pelos líderes da “oposição democrática”, que temiam mais mortes, mas Coco manteve-se heroicamente na sua determinação. “Ele clama pela libertação de duas dezenas de presos políticos com problemas de saúde. Na quarta-feira 3, quando completava oito dias, sem água, nem comida, Fariñas, 48 anos, desmaiou e foi internando. Recebeu 4 litros de soro” (10/3/2010, p.96), aponta o narrador o sofrimento do protagonista, em luta pela democracia cubana, que se mostra determinado a se transformar em mártir pela causa política. “Ao retomar a consciência pediu que os tubos fossem arrancados, do mesmo jeito

que já fizera outras tantas vezes, em suas 22 greves de fome anteriores. Negou-se a comer e foi expulso do hospital” (10/3/2010, p.96). “Quero morrer”, diz o personagem de *Veja*.

Assim como Zapata, Fariñas é uma “[...] denúncia ambulante que nem os de olhos fechados podem fingir que não enxergam”, escreve o narrador, fazendo referência ao presidente brasileiro e os representantes da esquerda latino-americana, que permanecem de “De olhos bem fechados” para a causa política dos dissidentes de Cuba, porém amigos da causa dos ditadores cubanos. O dissidente jornalista que antes era leal a Fidel Castro, agora se torna “uma voz *cortante* da dissidência” (10/3/2010, p. 96, grifo nosso). Lutou ao lado de Che Guevara, no Congo, foi militante da União de Jovens Comunistas e soldados das Forças Armadas. Mas, ao retornar para Cuba “[...] começou aí o despertar de sua consciência”. Encontrou desolação, corrupção e incompetência.

O protagonista de *Veja* passa por vários momentos psicológicos, de aliado fiel ao regime, lutando ao lado de Che Guevara, personagem revolucionário de esquerda e reconhecido mundialmente. Depois, integra as Forças Armadas cubanas, para, finalmente, retomar a consciência da realidade de sua luta política, de um país da corrupção e desolação – não vê esta realidade, somente quem esteja de olhos fechados, permanece a voz de maneira implícita do narrador. “De volta a Havana, ele denunciou diretores de um hospital que desviavam lençóis e leite em pó das crianças. Foi preso” (10/3/2010, p.96). Em outro episódio descrito em *flashback* pelo narrador: “Em 1989, quando o general Arnaldo Ochoa foi fuzilado sob acusação de tráfico de drogas em um processo sumário até hoje misterioso, Fariñas discordou e caiu em desgraça no partido” (10/3/2010, p.96). Neste tempo de batalhas políticas, formou-se em antropologia e psicologia, em busca de uma nova carreira – não é um personagem qualquer, sem formação, tem consciência crítica, na ordenação da catarse para o leitor, como personagem de *Veja*.

Construindo a trajetória de luta política do protagonista da estória, no papel de opositor à ditadura cubana, o narrador conta que Fariñas: “Fundou uma agência de notícias independente, a Cubanaca, e começou a escrever textos para o exterior” (10/3/2010, p.96). Começa em 1997 sua primeira greve de fome, das 23. A penúltima delas “[...] foi pelo prosaico direito de acessar a internet” (10/3/2010, p.96). Desta vez “Irei até o fim” (10/3/2010, p.96), diz com a determinação de um mártir. “Resta saber como as *pessoas honradas* o ajudarão” (10/3/2010, p.96), questiona o narrador-jornalista. Pelo menos, não dá para não ver.

A narrativa constrói a personalidade de um dos personagens importantes da trama política sobre Cuba, na estória de *Veja*, a razão de sua existência, sua origem, lutas pelo seu país, em favor dos Castro, a consciência da realidade política e sua guerra contra o regime, sempre com muita disposição e sofrimento, a verossimilhança com a estória clássica para formação de mártir, um herói em busca da dignidade, democracia, liberdade. Um *roteiro* para um drama vivido pelos personagens, em busca do poder, com o nobre intuito de salvar a população de um país, uma ilha, contra os antagonistas poderosos, na determinação heroica de exterminar o mal, na figura de Fidel Castro e seu grupo no poder – similar às lutas cinematográficas, que fazem parte do imaginário popular. O jornalista ganha notoriedade e participação, como protagonista de destaque no episódio, num rápido nexos com a aceitação do interlocutor do sofrimento e da angústia, pelo efeito da catarse. A narrativa segue na composição dos personagens nas intrigas, de modo a enfrentar os antagonistas da estória, que mantêm seu poder simbólico, com efeito de sentido na América Latina. Com o avançar da estória, contudo, na trama, a realidade que surge é de uma Cuba sem democracia, cujo governo destrói a liberdade do país com seu comunismo do passado, com apoio de aliados, como o presidente brasileiro, que se mantém sem enxergar a modernidade e as instituições democráticas.

Na narrativa, as vozes que fazem parte da estória, em duas páginas, são do Jornalista Guillermo Fariñas (37 palavras) e do pedreiro Orlando Zapata (9). Não há espaço para o poder de fala dos antagonistas e personagens neutros. O acontecimento-intriga é a continuidade da trama, envolvendo dissidentes políticos em Cuba, os personagens mártires *versus* regime político dos irmãos Castro, anti-heróis.

Uma semana depois, na continuidade da estória da saga do protagonista, na edição de *Veja*, é Guillermo Fariñas sobre uma maca, sendo atendido do lado de fora de um hospital, em destaque (39,2 cm/col.), esquelético, *somente pele e osso*, em consequência de sua greve de fome, na sua persistente luta política. À direita, também em realce (32,4 cm/col.), estão Lula, ao lado de Fidel Castro, revelando ar de constrangidos, com a imagem do episódio da visita do presidente brasileiro ao amigo, que recuperava a saúde. Tempo da narrativa, durante o qual ocorre a morte, por greve de fome, do pedreiro Zapata. Na legenda do narrador-*Veja*, o pano de fundo da diegese: “Lula é cúmplice da tirania dos Castro”, seguido pelo subtítulo: “afirma o jornalista e psicólogo Guillermo Fariñas, há mais de duas semanas em greve de fome” (17/03/2010, ed. 2156, p. 71). Na configuração

da trama, os protagonistas e antagonistas estão dispostos nas imagens de abertura da narrativa, com o título principal da estória que encerra como pano de fundo: “A opção pelo carrasco” (17/03/2010, p. 70), seguido pelo subtítulo: “Solidário com o amigo Fidel Castro, Lula recusou o pedido de socorro feito por cinquenta opositores cubanos e compara presos políticos aos bandidos das cadeias de São Paulo” (17/03/2010, p. 70).

Da construção da personalidade do herói, chegou a vez da desconstrução do antagonista da estória de *Veja*. O que desponta no cenário da trama, de maneira sistêmica, envolvendo os personagens nos vários episódios sobre a América Latina, na tessitura de um quadro político? No Brasil, as eleições presidenciais se avizinham, em meio ao escândalo do mensalão do PT, implicando vários personagens da política governista, além de movimentos políticos na Argentina, na Venezuela, na Colômbia e no epicentro de forte crise da economia global, os países desenvolvidos, sobretudo Estados Unidos e União Europeia, como redemoinho impulsionando ventos fortes pelo mundo. O brasileiro que mantém relacionamento com governos da região e em disputa por poder no movimento econômico globalizado, em tempos de crises e dúvidas sobre o futuro das economias periféricas. Como estratégia, o narrador segue na disputa entre os personagens na trama, de modo a legitimar seus agentes da estória e perseguir o fio da narrativa, com vistas à construção ideológica da realidade. Nesse sentido, Lula mereceu espaço para 99 palavras e o protagonista Fariñas, 7, nas disputas de *Veja*.

Inicia o narrador-jornalista: “Itamaraty só tira voto no Burundi” (17/03/2010, p.70), conta Ulysses Guimarães, um personagem símbolo do PMDB, numa referência à capacidade de influência da política externa do Brasil, que somente pode ter algum efeito no pequeno, populoso e mais pobre país da África. Porém, deve-se levar em conta “[...] se o chefe do governo não se comporte como o mais desastrado tripulante da nau dos insensatos” (17/03/2010, p. 70). Lula, ao optar pelo Carrasco da ditadura cubana, Fidel Castro, “Pode não ter perdido votos no Brasil. Mas o que perdeu no exterior foi muito além do Burundi” (17/03/2010, p.70), conta o narrador-Jornalista. A narrativa segue o *roteiro* para desconstruir a imagem do antagonista da estória:

Lula perdeu simbolicamente, por exemplo, o título de Homem do Ano concedido pelo jornal espanhol El País, cassado por textos que censuram o apoio recorrente ao iraniano Mahamoud Ahmadinejad e ao venezuelano Hugo Chávez, a hostilidade à democracia hondurenha e, sobretudo, a rejeição do pedido de socorro formulado por cinquenta presos políticos cubanos. Perdeu o respeito de entidades dedicadas à defesa dos direitos humanos. Perdeu a confiança de companheiros de resistência ao regime militar que não renunciaram

à *coerência*. E também *perdeu o direito* de sonhar com o *Nobel da Paz* (17/03/2010, ed. 2156, p. 70, grifo nosso)⁴⁸.

No Brasil, desde o caso *mensalão*, o presidente quer se mostrar um político inimputável, mas “Lula soube agora que só tem validade em território brasileiro o salvo-conduto que dispensa de ter juízo os bebês de colo, os doidos varridos e demais portadores”. Segue a descrição do personagem, pois “[...] nas democracias adultas, nenhum governante está autorizado a produzir impunemente tamanha sequência de atitudes e falatórios desmiolados” (17/03/2010, p.71). Nesse sentido, o personagem faltou com a verdade, ao afirmar que não recebeu a carta do grupo dissidente político, pedindo ajuda do governo brasileiro – só pode estar desmiolado -, no momento em que o Planalto acusou o recebimento. “Quando uma pessoa manda uma carta a um presidente, só pode dizer que ele a recebeu se protocolar a carta” (17/03/2010, p.71); na voz de Lula, desmascarando-o, o narrador retoma sua afirmação em *flashback*. Mesmo diante da morte do dissidente, Orlando Zapata, “[...] usou um obsceno pronome reflexivo para transformá-lo em *suicida*” (17/03/2010, p.71, grifo nosso).

O narrador, nesse instante, passa a palavra ao antagonista: “Lamento profundamente que uma pessoa *se deixe morrer* por fazer uma greve de fome. Vocês sabem que sou contra porque fiz greve de fome” (17/03/2010, p.71, grifo nosso). Não é a mesma condição vivida pelo personagem, em 1980, quando contrabandeara bolachas. “O pessoal escondia bala, acordava para roubar bolacha, uma vergonha”, conta José Maria de Almeida. Nesse período, Lula contrabandeou bolachas; “O fim da *comédia* foi celebrada por carcereiros e encarcerados com um jantar de confraternização. Prato principal: *lula à dorée*”⁴⁹ (17/03/2010, p.71).

Na apresentação das “virtudes” do personagem, o narrador dá voz ao antagonista, em uma entrevista concedida à agência internacional Associated Press (EUA): “Temos de respeitar a determinação da Justiça e do governo cubanos” (17/03/2010, p.71); escreve o

⁴⁸ As narrativas do Narrador-jornalista de *Veja* vêm de outras narrativas globais, com referência: a reconhecidas mídias (espanhol *El País*); prêmios como o Nobel da Paz, de representação internacional (Europa); e, dos Direitos Humanos. Enunciados de várias vozes institucionais que permitem na formação de uma narrativa hegemônica, ainda que provisória, estabelecendo-se como verdade social, impregnando-se no imaginário do leitor e reproduzida no enquadramento dramático de *Veja*. Em *Jogo*, a disputa pela verdade e poder nas estórias, tem como objetivo a organização do sistema político do Brasil, América Latina e Global.

⁴⁹ Uma referência a um prato típico feito de lula em um jogo de palavras. O pano de fundo, neste caso é destacar a ironia para o comportamento na participação do presidente brasileiro e personagem da estória de *Veja*, no furto de bolachas na prisão, depois servidas aos companheiros na cela. Fato que ocorrera durante o regime militar (1964-1985), no Brasil.

narrador: não se deve esquecer-se do assassino companheiro de Lula, que se mantém no Brasil, sem respeitar a Justiça e o governo italiano, buscando no imaginário do leitor o acontecimento no passado das narrativas sobre o caso⁵⁰. E segue a reconfiguração das narrativas anteriores de Lula: “Eu acho que a greve de fome não pode ser utilizada como um pretexto para libertar pessoas em nome dos direitos humanos. Imagine se todos os bandidos que estão presos em São Paulo entrarem em greve de fome e pedirem liberdade” (17/03/2010, p.71). Ora, os códigos jurídicos cubanos são ilegais, da mais antiga ditadura do mundo, cuja comparação foi “[...] afrontosa aos prisioneiros de consciência[...]”, sendo reproduzidas (com ironia) “por jornais do mundo inteiro” (17/03/2010, p.71). O narrador-jornalista descreve, na voz do protagonista-mártir, o jornalista Guillermo Fariñas, como pano de fundo: “Lula é cúmplice da tirania dos Castro” (17/03/2010, p.71).

No presidente brasileiro há aguda intuição política, mas falta “[...] formação intelectual. *Pode até definir resultado de eleição*” (17/03/2010, 71, grifo nosso), mas não basta para questões políticas externas. “Se tivesse mais apreço pela acumulação de conhecimentos, se aprendesse a ouvir conselheiros confiáveis, Lula saberia que figuras como Gandhi e Nelson Mandela fizeram da greve de fome um instrumento de resistência” (17/03/2010, p.71). O narrador faz referência ao imaginário social sobre outras narrativas, de personagens reconhecidos por suas lutas políticas, comparando-os com o brasileiro, para a configuração de seu projeto narrativo dramático, apontando conclusões para o leitor. Prossegue o narrador com outros exemplos do imaginário coletivo, para comparação: “Também saberia que Herman Goering, o segundo na hierarquia *nazista*, tentou escapar da condenação em Nuremberg *invocando o mesmo argumento* enunciado por Lula. Afirmou que não cometera nenhum crime, apenas cumprira as leis alemãs” (17/03/2010, p.71). Lula precisa dizer de que lado está – daqueles que lutam pelos direitos e democracia, Gandhi e Mandela ou Goering, nazista -. “O presidente precisa decidir: ele agia como bandido quando lutava contra o regime militar ou o direito de resistir à tirania é um valor Universal?” (17/03/2010, p.71). E continua o narrador-jornalista, descrevendo o pano de fundo de sua estória, ordenando o personagem e revelando sua ideologia política. *Lula tem de escolher* que lugar pretende ocupar na história: ao lado do *carrasco* ou dos *injustamente*

⁵⁰ O narrador de Veja se refere ao ativista político italiano Cesare Battisti, que condenado na Itália como terrorista, em fuga para o Brasil se manteve no país, depois que o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, não permitiu sua extradição. Caso que se arrastou até 2011.

condenados [Fidel Castro ou dissidentes políticos como Fariñas e Zapata]. *Por enquanto, move-se na frente oposta à dos que lutam pela liberdade* (17/03/2010, p.71, grifo nosso).

Depois de várias páginas de narrativas de *Veja*, talvez seja momento para uma análise rápida de pontos importantes sobre os personagens e construção de verdades na estória. Em essência, a narrativa não se constrói solitariamente, mas a partir de outras narrativas, que se ordenam ao longo do tempo, configurando-se em composições dramáticas, que aparecem em outras narrativas, de modo a formar uma teia, da qual sai a definição dos conceitos de verdade, que, antes, porém, deriva dos significados e sentidos das palavras, que se formam na relação de força da polifonia de vozes autorizadas. O projeto dramático de *Veja* segue os conceitos, numa referência a uma matriz hegemônica em formação, com ordenação do imaginário, em decorrência de enunciados, conceitos e enquadramentos de outras estórias, os quais dão sentido ao que se afirma no presente, apenas momentaneamente, mas com reflexos posteriores para outras narrativas, que estão consubstanciadas umas nas outras. Como se observa em *Veja*, o roteiro passa pelos conceitos do enquadramento narrativo e posicionamento dos personagens antagonistas e protagonistas, sendo que cada qual merece uma função na diegese, em ordenação constante, portanto, mantendo temporalmente seus fundamentos.

Essa narrativa, diferentemente da anterior - que formou um roteiro para construir a personalidade do herói e sua luta em prol da democracia política e da mudança de poder de Cuba -, tem por finalidade desconstruir a personalidade do personagem, que se revela diante de sua posição política, o antagonista, o anti-herói, e assim deverá ser visto pelo leitor, nos metarrelatos – diferentemente da catarse do herói. A verdade está no fio da narrativa dos narradores em configuração do projeto dramático do mediador, em conformidade com o semanário paulista, na definição *destes valores* (da hegemonia) e ordem política. Não revelam seu texto solitariamente, como visto na narrativa. Os personagens, portanto, passam a ter identidade própria até que se refaça o seu comportamento, de modo a seguir a ordem do discurso que se mostra hegemônico. A disputa permanente pelo poder da narrativa e do imaginário do leitor serve ao propósito de formação da opinião pública, no final.

Nesse contexto de *Veja*, em duas páginas, Lula, como antagonista, recebeu maior espaço de voz, com 99 palavras, não havendo adjuvante; os protagonistas obtiveram do narrador 7 palavras, as de Fariñas, sendo que, como adjuvante do protagonista, José Maria

de Almeida, preso em cela com Lula, 10 palavras. No total de vozes dos personagens: 123. Como neutro, a voz de Ulisses Guimarães, com 7 palavras. E, deste modo, seguimos o fio da narrativa na trama dos personagens.

Territórios da revolução pós-moderna

A narrativa de *Veja* no episódio tem sequência, cerca de um mês depois, em 14 de abril de 2010, com novos personagens em evidência, os jovens cubanos, com a determinação de tempos de globalização, abertos para as transformações políticas em Cuba de Fidel e Raúl Castro. Na composição da narrativa, o narrador-*Veja* dedica uma página inteira à imagem da jovem Lia Villares, de 25 anos, com olhar altivo e determinado, declarada oposição ao regime castrista, com frase no tênis, “Abajo Fidel” (14/04/2010, ed. 2160, p. 95). Ela que, em razão do protesto, aparentemente de pouco efeito, passou a noite na cadeia – personagem que representa uma série de outros na sua idade - em oito páginas da narrativa do semanário. Na narrativa imagética, à direita, no alto da página (21cm/col.), mulheres vestidas de branco, fazem protestos contra a prisão de seus maridos, em Havana, no tempo do “movimento primavera negra”. Como descreve o narrador no título (18cm/col.) esta é a “Juventude Rebelde” (14/04/2010, ed. 2160, p. 95), cujos jovens “[...] têm a idade que os barbudos tinham quando desceram com Fidel Castro a Sierra Maestra – e a mesma sede de liberdade. São os jovens cubanos em luta contra a miséria moral e material da ditadura comunista. Suas armas são blogs, festas punk e hip-hop” (14/04/2010, ed. 2160, p. 95). *Veja* sinaliza para uma nova revolução em Cuba, desta vez para a pós-modernidade, em tempos de globalização e de uma sociedade sem fronteiras para o exterior, como a época exige, bem distante do comunismo.

Como marcas da evolução, em contraste com o passado, os turistas que visitam a capital Havana Velha encontram dois lugares distintos: o do mercado, onde há as tradicionais camisetas de Che Guevara, “Charutos desviados das tabacarias estatais e comprimidos clandestinos de PPG, uma droga derivada da cana-de-açúcar, receita para controlar o colesterol” (14/04/2010, p. 95) e quem quer se aventurar mais, se depara adiante com a “Cuba real dos cortiços. A Cuba das panelas vazias, do medo e da delação” (14/04/2010, p. 95). Neste território está também a resistência dos jovens, de onde a revolução vai se tornando realidade.

É cada vez mais comum encontrar um jovem com seu computador antigo, porém cheio de arquivos “[...] com *reportagens de jornais espanhóis e americanos*, músicas de protestos e blogs feitos por cubanos na ilha e no exílio” (14/04/2010, p. 96, grifo nosso). Como a internet não é acessível à maioria dos cubanos, mas apenas um artigo de luxo a ser encontrado nos hotéis, embaixadas e casas dos chefões do regime, a troca de documentos, com uso de *pen-drives*, passa a ser a maneira de manter uma relação permanente de comunicação. Desse modo, “[...] abrindo uma trilha de liberdade em meio à selva da opressão comunista” (14/04/2010, p.95-96). Uma panfletagem que conecta milhares deles, na faixa entre 20 e 30 anos, sendo a segunda geração depois da Revolução Cubana, em 1959. A juventude anterior nasceu cultuando os comunistas, esta também, mas vem perdendo o medo de enfrentar o regime. No final, escreve o narrador: “A juventude cubana está se rebelando” (14/04/2010, p.96). Difícil dizer quando haverá a mudança definitiva do regime castrista, mas “[...] a história mostra, contudo, que a derrocada dos tiranos quase sempre é precedida pelo surgimento de um grupo de pessoas tão saturado da falta de liberdade que já não teme a violência política. Cuba parece estar nesse estágio” (14/04/2010, p.96) - da revolução da juventude, tal qual ocorreu em 1959, sendo protagonizada pelos barbudos marxistas.

Portanto, com mais informação e com liberdade de expressão, com direito à internet, passam a mostrar o rosto. Contudo, não revelam “[...] grupo organizado de oposição, *tampouco têm um projeto político*. Apesar de *não considerarem dissidentes*, são rotulados como tal” (14/04/2010, p.96, grifo nosso). A famosa blogueira cubana – protagonista de outras narrativas midiáticas sobre a ilha – Yoani Sánchez conta que “Em Cuba, basta respirar para ser dissidente”. A situação fica pior, quando são feitas frases de protesto nas roupas, ou em letras de músicas, ressaltando o “fracasso da economia planificada”. São comportamentos ingênuos, porém arriscados, “Muitos já foram presos e/ou apanharam da polícia” (14/04/2010, p.97). Na sequência, conta o narrador-jornalista: “Desde o mês passado, a penitenciária de Santa Clara mantém o prisioneiro de consciência mais jovem da Ilha: Danny Perez Rodrigues, de 18 anos. Seu crime: sair às ruas para gritar ‘Abaixo Fidel!’ ” (14/04/2010, p.96). O que motivou o protesto dele foi a perda de emprego, como consequência de ser filho de um preso político.

O turismo internacional seria uma fonte para as mudanças de comportamento dos jovens cubanos, inclusive com o início das dissidências pacíficas, cuja abertura, na década

de 90, foi motivada pela condição do país, na busca de solução paliativa para compensar a perda de recursos do “[...] financiamento soviético, após a queda do Muro de Berlim, em 1989” (14/04/2010, p.97). A busca de dólares para movimentar a economia se fez necessária, com incentivo do regime, para a entrada de turistas na ilha. Como reflexo, mudanças de comportamento da população e aumento de opositores ao governo comunista e de protesto. A ditadura reage com violência, porém abafando sua repercussão, como movimento, o que ocorreu em 2003 e resultou na prisão de 75 dissidentes, conhecido pela população como *Primavera Negra*. “O episódio é lembrado todos os domingos pelas mulheres, irmãs e filhas dos presos políticos durante uma passeata pelas ruas de Havana” (14/04/2010, p.97, grifo nosso).

O governo dos Castro continua a perseguição. Apesar de os manifestantes terem apenas uma flor nas mãos, vestidos de branco, ainda assim permanecem sendo agredidos por agentes do regime e forçados a voltar para casa. Os comunistas temem os protestos de rua e, por isso, inibem os manifestantes nesses tipos de atos políticos em Havana. Como exemplo, o artista plástico, de 40 anos, que organizou uma passeata na capital “[...] pela não violência, foi preso por policiais e levado para a delegacia” (14/04/2010, p.97). O interrogatório durou três horas, tempo, para impedi-lo de participar do evento. Quando foi liberado se recusou a ir embora. “Fiquei para explicar por que sou contra a violência” (14/04/2010, p.97-98), conta o personagem da estória de *Veja*.

A narrativa do semanário brasileiro segue, formando quadro dramático de um país de violência, em meio a protestos dos jovens pela democracia e reação do governo ditador, de modo a sustentar a manutenção do regime. A pressão contra a família Castro vem de fora, com o aumento de comunicação e contato com outras culturas, que chegam ao país, para o turismo. A juventude, em contato com mais informação, com uso das novas tecnologias, passa a conhecer outra realidade e atacar a política cubana. A revolução vai se tornando iminente, a cada momento, à medida que segue a narrativa.

Outra forma de protesto comum na ilha dos Castro é a greve de fome. Em tempo pretérito, na sequência, cita o narrador a morte, em fevereiro passado (há dois meses), do pedreiro Orlando Zapata Tamayo, após 85 dias sem comer. Em seguida, “[...] o psicólogo e jornalista Guillermo Fariñas parou de se alimentar e de se hidratar para pedir a libertação de 26 presos políticos, que enfrentam problemas de saúde. *Na semana passada*, a greve de fome de Fariñas completou 47 dias” (14/04/2010, p.98, grifo nosso). Somente está vivo

porque foi forçado a se alimentar através de injeção na veia. “Raúl Castro, que herdou de seu irmão Fidel o posto de ditador, chamou Fariñas de chantagista e o acusou de ser financiado pelos Estados Unidos” (14/04/2010, p.98), conta o narrador. A resposta na narrativa é da personagem mãe do jornalista: “Se alguma vez meu filho foi mercenário, foi quando lutou como soldado cubano na guerra civil de Angola, pago pela União Soviética” (14/04/2010, p.98) – mantendo no imaginário a disputa entre Estados Unidos capitalistas *versus* comunismo da União Soviética extinta, no período da Guerra Fria -, descreve Alícia Hernandez, de 72 anos. Vivendo num país comunista, “Ela convidou a reportagem de Veja para conferir o que preparava no fogão para o jantar. A comida que mal dava para uma pessoa teria de alimentar três: ela, a filha e a neta” (14/04/2010, p.98), conta com experiência empírica o narrador. Quem mais ofendeu Alícia foi mesmo o presidente Lula, que fez comparação de Fariñas aos prisioneiros comuns do Brasil. “Meu filho não matou e não roubou: tudo o que ele faz é pelos outros” (14/04/2010, p.98), conta a mãe do jornalista, que permanece em greve de fome.

Como estratégia narrativa, a cada nova estória, *Veja* segue retomando fatos passados, de modo a seguir no fio da narrativa, que a cada etapa vai sendo atualizado, mantendo seu efeito sobre o imaginário de seu interlocutor. Dessa forma, as narrativas se sucedem, na configuração dos personagens na trama e mantendo o projeto dramático, cujo sentido proposto avança para o futuro, na construção da realidade política e econômica de Cuba.

Os jovens veem com admiração o ato de Fariñas e Zapata, porém, diferentemente daqueles que participaram do regime, a juventude “[...] de hoje *nunca abraçaram de fato a ideologia comunista*. Eles fazem parte de uma *geração consciente* de ser fruto de um experimento histórico fracassado que, criado pelas armas e viabilizado pelos pelotões de fuzilamento se mantém há meio século” (14/04/2010, p.98, grifo nosso) conta o narrador-jornalista, configurando os enunciados da narrativa. “A angústia básica dos jovens cubanos é simplesmente não ter futuro” (14/04/2010, p.98), em decorrência de um país fechado para o mundo. O economista Oscar Espinosa Chepe, dissidente veterano do regime dos Castro, conta que “A história da revolução e os ditames do partido comunista não têm a menor importância para eles, que olham para frente e querem uma vida melhor, com mais liberdade” (14/04/2010, p.98-99).

Se, no passado, eram poucas vozes contra a ditadura na ilha, como Chepe, hoje são milhares. “Uma das medidas do vigor desse fenômeno é a debilidade da organização que se propõe a renovar os quadros do partido comunista, a União de Jovens Comunistas (UJC)” (14/04/2010, p.99). Prossegue o narrador-jornalista: “Na semana passada, havia mais rapazes e moças se prostituindo no centro histórico, nos hotéis e no Malecón, na avenida costeira de Havana, do que discutindo o futuro do comunismo no congresso da UJC” (14/04/2010, p.99). A rigor, os mais jovens do partido estão na faixa dos 70 anos, sem permitir a participação da juventude, de fato, que, no final, serve apenas para segurar bandeirinhas e fazer propaganda partidária.

Como representação da falta de participação da juventude na política comunista está o personagem Elian González, hoje, com 16 anos, que fez parte de uma disputa entre Cuba e Estados Unidos por sua guarda, depois de ser encontrado numa jangada em alto-mar, no litoral da Flórida. “Sua mãe e outros refugiados haviam morrido na tentativa de escapar da ilha-prisão” (14/04/2010, p. 99). O caso foi decidido pela justiça americana em favor do pai, que mora em Cuba. O garoto somente é chamado para “[...] emprestar o seu rosto conhecido” (14/04/2010, p.99), em datas comemorativas da Revolução Cubana.

A busca pela UJC tornou-se por muito tempo uma saída para obter os melhores empregos públicos e altos salários. “Isso não existe mais. A técnica de contabilidade Claudia Cadelo, de 26 anos, por exemplo, chegou a trabalhar em um salão de beleza do governo, onde ganhava o equivalente a 7 dólares por mês” (14/04/2010, p.99), o que não dá nem para custear a internet em um hotel. Ela deixou o emprego público o foi vender roupas e sorvetes nas ruas; depois dedicar-se a dar aulas de francês. “Com isso, multiplicou por cinco sua renda” (14/04/2010, p.99), conta o narrador. “Ninguém mais vê vantagem em trabalhar para o governo”, acrescenta a personagem. Como emprego público estatal não oferece o mesmo rendimento que o mercado de trabalho da livre iniciativa, insiste *Veja*, seguindo na sua diegese. Ela que é “[...] uma das blogueiras mais aguerrida da ilha e, por decisão da repressão castrista, *persona non grata* em eventos públicos” (14/04/2010, p.100, grifo do autor).

A precariedade do trabalho público aparece até nas músicas, como é o caso da banda punk pornô, que diz em uma das canções: “Não seja tão estúpido, Coma Andante / Se quer que eu trabalhe / Vai ter de me pagar antes” (14/04/2010, p.100), o que define a posição política do personagem em disputa com o regime. Por isso, o grupo não pode se

apresentar em público, mas “[...] burla a censura tocando em festas na casa de amigos e em terrenos baldios de Havana” (14/04/2010, p.100).

Na trama de *Veja*, os jornais comunistas, como o Granma, o Juventude Rebelde e o Trabajadores procuram difamar as vozes contrárias, “[...] acusando-as de ser financiadas pela CIA, o serviço secreto americano”. No entanto, Yoani Sánchez conta que “[...] a mesma mentira, repetida durante cinco décadas, não se torna uma verdade” (14/04/2010, p.100). A blogueira, assim como seus amigos que criticam o governo, continua vivendo de bicos. As dificuldades são até maiores para quem se expressa livremente em Cuba, ou participa de shows clandestinos, conta o narrador. “Os jovens mais ativos, por exemplo, são seguidos na rua por policiais à paisana e hostilizados pelos vizinhos. Seus encontros com estrangeiros são delatados por motoristas de táxi, quase todos ex-agentes do Ministério do Interior” (14/04/2010, p.101). Alguns são detidos e liberados, outros encarcerados. Com informa Elizardo Sánchez, na narrativa de *Veja*, diretor da Comissão Cubana de Direitos Humanos e Reconciliação Nacional, em Havana, “[...] três de cada quatro presos em Cuba têm menos de 35 anos. Cerca de 4 000 deles foram detidos com base no artigo ‘periculosidade pré-dilativa, um estranho tópico da legislação cubana que permite ao governo prender qualquer indivíduo, com base apenas em suspeita de crimes que possa ocorrer no futuro (14/04/2010, p.101)”.

Os personagens e vozes continuam em disputa no avançar das estórias. Enquanto os jornais comunistas cubanos censuram vozes contra o regime, elas aparecem na narrativa de *Veja*, numa perspectiva de enfrentamento contra o regime dos Castro, na configuração do sistema político global. As estórias seguem na composição do poder simbólico dos agentes sociais, neste contexto, na composição da realidade para a pós-modernidade ou o nacionalismo.

A realidade hoje é diferente para o governo cubano, devido à pressão externa, embora os jovens ousados sejam inteligentes para enfrentar o regime, com uso da internet. “Se o governo prendesse, hoje, um grupo grande de pessoas, como aconteceu em 2003, a reação interna e externa seria muito maior” (14/04/2010, p. 101), conta o dissidente Vladimiro Roca, detido na Primavera Negra. O vocalista da banda Porno para Ricardo passou por esse teste. Foi preso com base na lei “periculosidade pré-delitiva”, mas solto poucos minutos depois, cuja reclusão deveria ser de pelo menos quatro anos de cadeia. A presença de embaixadores, dissidentes, artistas, jornalistas estrangeiros e jovens “[...] no

dia do julgamento inibiu os algozes”. Afinal, “[...] as ditaduras de direita têm data de validade. As de esquerda se presumem eternas. Ambas acabam tendo seu encontro amargo com a história. É esse processo que os jovens cubanos estão apressando com seus blogs, camisetas e seus hinos hip-hop” (14/04/2010, p.101). Assim, as ditaduras de direita chegam ao fim delimitado, mas as de esquerda persistem para a eternidade, descreve o narrador em essência. A Revolução chegou a Cuba.

A composição da narrativa de *Veja*, o contato visual do leitor permitem uma percepção mais rápida e direta da realidade política vivida pelos cubanos, nas disputas políticas do acontecimento-intriga, envolvendo o comunismo nacionalista *versus* política neoliberal. Além da página de abertura, analisada anteriormente, na sequência, os personagens protagonistas do semanário se sucedem. Como o Vocalista da banca punk Porno para Ricardo, Gorki Águila, de 41 anos, que ficou preso duas vezes, e com destaque na estória (53cm/col.). Em forma de protesto, o personagem veste uma camisa que, nas costas, em vermelho, pode-se ver a frase: “59 AÑO DEL ERROR” (14/04/2010, p.96). Na diegese do narrador, o erro da Revolução Cubana liderada por Fidel Castro e Che Guevara, em 1959, está na desconstrução do poder simbólico dos principais personagens da narrativa da revolução e comunismo da ilha.

Na sequência, o protagonista de *Veja* descreve o sofrimento de ser preso, em uma cela muito pequena, sendo conduzido por agentes da polícia política (7,3cm/col.), como significado da brutalidade do regime. Apesar de Raúl substituir o irmão Fidel Castro no poder, “A m... continua” (14/04/2010, p.96). Para ele, Che Guevara é “[...] o assassino do Povo Cubano” (14/04/2010, p.96). Completa o narrador, na configuração dos personagens da narrativa, como agente da estória: “[...] o médico e motoqueiro argentino Ernesto Guevara foi encarregado pelos Castro das execuções sumárias por fuzilamento que vitimaram centenas de cubanos” (14/04/2010, p.96).

Na sequência, “Um Rapper Incômodo” (14/04/2010, p.97): Aldo Roberto Rodrigues, de 27 anos, líder de grupo de rap Los Aldeanos (28,4cm/col.). O narrador destaca exemplo de uma das letras de suas músicas de protesto: “Falo do que estou vendo / Para ninguém é segredo / Que o sistema não funciona / Educação gratuita / Potência médica / Dizem que temos bons doutores / Mas nenhum deles está aqui” (14/04/2010, p.97). Embora censurado pelo regime, é impossível não ouvir suas músicas nas ruas de Havana. “Não importa se não faço shows, as pessoas me escutam. Vou continuar

incomodando” (14/04/2010, p.97), diz o personagem, no papel de protagonista, demonstrando sua rebeldia, como ícone dos novos tempos da juventude cubana.

Na composição dos personagens de *Veja*, está a blogueira Yoani Sánchez (19,5cm/col.), como escreve o narrador, reconhecida mundialmente, como personagem de outras mídias internacionais, como se pode observar em quadros com narrativas em que também foi personagem. Ela que se tornou “madrinha dos blogueiros” cubanos, sendo autora do “Diário virtual Generation Y”. Como consequência de sua atividade, na oposição ao regime comunista, como conta *Veja*, foi espancada na rua por agentes da repressão, mas, como descreve, a população cubana perdeu o medo de protestar.

Na sequência, logo abaixo, a professora e blogueira Claudia Cadelo (15cm/col.), em razão de protestos contra o regime político cubano, foi impedida de entrar em mostra de filme. Rapidamente, publicou vídeo sobre o episódio, que pode ser visto pelo mundo.

Na parte alta, em meia página, o narrador destaca um artista plástico (36cm/col.), diante de um quadro gigante de paisagem, com plantas em cipoal, com uma maquete da obra nas mãos. Yussuán Remolina, de 26 anos, tentou realizar exposições com imagens políticas, sendo uma de suas experiências a apresentação pública de retratos de soldados cubanos. Impedido pelo governo e, sem receber autorização para outras amostras do gênero, desistiu, preferindo pintar quadros com paisagem, como apresentado em tela, na narrativa de *Veja*.

Na sequência dos personagens que formam grupo de revolucionários contra o regime castrista está o jornalista Guillermo Fariñas, numa maca (39cm/col.), sendo atendido como primeiros socorros, depois de vários dias de greve de fome, o que compõe outras narrativas de *Veja*. O médico que o assiste é Ismely Iglesias Martinez, que, em 1997, sendo estudante, ao dar atendimento a Fariñas, foi orientado a não conversar com o paciente. Revoltado, pediu baixa da União de Jovens Comunistas, e, por isso, em 2000, depois de formado, foi enviado para um hospital distante, conta o narrador-*Veja*. Em protesto, reivindicando melhores condições de higiene, “Iglesias perdeu o emprego” (14/04/2010, p.100) e a esposa teme também pela ocupação no estado.

Logo abaixo, numa composição dramática, a imagem de duas mulheres de costas, com sacolas vazias nos braços (12cm/col.), diante de um balcão, tendo à sua frente prateleiras também vazias: “[...] mercado de Cuba: leite, só para crianças ou para turistas”

(14/04/2010, p.100). Um país à beira do abismo, com protestos e política comunista que não atende às necessidades da população.

Finalmente, os protagonistas da estória, na última página da narrativa, a imagem do regime, tendo Raúl Castro, no alto da página (27,2cm/col.), batendo palmas e rindo em Congresso da UJC, sentado à mesa de trabalho, acompanhado por outras pessoas que participam do evento. Colada à imagem de Raúl está Fidel Castro (2,5cm/col.), com seu terno de atleta, da marca Adidas, visível do lado esquerdo, e, do direito, a bandeira cubana – à esquerda da imagem, está uma coluna (8,1cm/col.), com informações textuais sobre a desistência dos jovens da política comunista, por falta de espaço na ideologia do partido, em que predominam os ideais dos tradicionais líderes comunistas. O personagem da estória, Elian Gonzáles, aparece (5,5cm) segurando bandeira (no meio da página) – única função dada a ele nos eventos comunistas -, tendo sua imagem na narrativa da revista americana Times, com o título: “Where does he Belong?”, sobre disputa, envolvendo Estados Unidos e Cuba, cujo texto questiona em qual o país o menino deveria viver, depois da morte de familiares da mãe, ao tentar fugir do regime cubano.

De modo exaustivo, *Veja* segue, no fio da narrativa, a materialização da revolução da juventude contra o regime comunista cubano, com apresentação de vários personagens na trama determinados a essa missão. Como ocorre desde o início do episódio, as narrativas mantêm uma estrutura, que se estabelece pela repetição de fragmentos de estórias em *flashback* e que organizam a diegese. As vozes, por sua vez, se repetem com frequência, na esteira do projeto dramático do narrador, na reprodução permanente de sentido, já conhecido, bem como imagens já retratadas, que se fixam no imaginário do seu interlocutor. Nesta análise, se o narrador-jornalista se aproxima do cotidiano, nas disputas políticas, no calor dos acontecimentos-intrigas, de maneira empírica, o narrador-veículo segue no fio da narrativa, com menos subterfúgios, definindo os personagens na estória, com ênfase, criando um mundo de realidades a serem vistas imediatamente. Substancialmente, a rebeldia dos jovens na era tecnológica digital é um caminho, sem volta, na ilha dos Castro. A utopia do capitalismo vai prevalecendo sobre o pragmatismo do comunismo de carências e sofrimentos.

A narrativa é diretamente didática, seguindo uma configuração dramática, cujo imaginário vai sendo reconhecido pelo leitor, formando simpatia com os protagonistas, pelo efeito de catarse. Na diegese, veículo e jornalista se complementam, porém, a

composição imagética, neste contexto, é mais efetiva na construção de sentido para a realidade de disputas iminentes e o fracasso do regime comunista, desvelando-se, assim, os metarrelatos, sua ideologia que se ordena, de acordo com seus enunciados. De fato, de maneira implícita, as disputas pelas vozes de núcleos da comunicação neoliberais, com as mídias comunistas cubanas, na representação da realidade contemporânea. A relação está entre personagem e cotidiano contextualizado na narrativa.

No final, os personagens obtiveram, em oito páginas, espaço para o poder de voz em 371 palavras, mas somente para os protagonistas (chegando a 1/3 de página), como se pode notar na análise – como tentamos mostrar nos relatos dos personagens, na estória de *Veja*, sem voz para antagonistas e neutros, nas disputas dos personagens na diegese. Em resumo, a juventude cubana, mesmo sem um projeto político, mas impregnada pelas narrativas das novas mídias e turismo internacional, organiza a revolução cubana para a democracia, que se torna inexorável. A segunda, depois de 1959, comunista.

Democracia na globalização

Veja segue no fio da narrativa. Uma das principais lideranças do PT, personagem de *Veja*, radicaliza em negociações com países pobres, comandados por ditadores da África – na contramão do fluxo de negócios para os grandes centros econômicos. Na narrativa sobre a América Latina, no episódio de Cuba, o narrador-veículo, põe em lados opostos Guillermo Fariñas, de página inteira, à esquerda, em pele e osso, com curativo no ombro direito – sinalizando ferimento -, com vestimenta de hospital, de internação. Ao lado, com menos destaque, à direita, está Lula (24cm/col.), passando em revista o exército de país Africano, na sua 11ª visita ao continente. Neste contraste de personagens, escreve o narrador que “A força moral derrota da bajulação” (14/07/2010, ed. 2173, p. 71), no título. No entanto, “A diplomacia lulista justifica o apoio a ditadores com o lema ‘negócios são negócios’. O cubano Fariñas prova que princípios são princípios” (14/07/2010, p. 71), acrescenta *Veja* no subtítulo. Classicamente, o narrador, já na primeira página, define o lugar de seus personagens na estória, no jogo da disputa pelo poder simbólico.

Liberdade não tem o mesmo valor para Fariñas – que segue sem comer por 135 dias, em protesto contra o governo cubano, um prisioneiro de consciência -, o presidente Lula e o embaixador Celso Amorim. Trata-se de um conceito relativo para os políticos

brasileiros, como atesta o exemplo dos excessos de viagens do governo petista à África, como na da semana passada. “Entre os seis países incluídos no roteiro estava a Guiné Equatorial, governada por Teodoro Obiang Nguema Mbasogo, o Canibal, um dos mais violentos e corruptos ditadores do mundo”, conta o narrador-jornalista. Seguindo na configuração dos personagens na trama, descreve *Veja* que: “Desde que tomou o poder em um golpe de estado, em 1979, Obiang pôs a principal riqueza do país, a indústria petrolífera, a serviço do próprio enriquecimento. Sua fortuna é estimada em 600 milhões de dólares” (14/07/2010, p.71). Lula e Obiang vêm se tornando amigos, com direito a fotos em banquete e discursos. Os dois se comprometeram a zelar pela democracia e direitos humanos, no final da visita.

Fato é que os petistas da política externa não conseguem encontrar consenso para (o conceito de) “democracia”, sendo diferente para o Brasil, a Guiné Equatorial e Cuba. No final, eles “[...] atribuem expressões positivas a atitudes negativas” (14/07/2010, p.71). Afinal, “O que o Brasil ganha *emprestando* respeitabilidade a uma ditadura?” (14/07/2010, p.71, grifo nosso). Para Celso Amorim: “Negócios são negócios” e as críticas ao governo Lula apenas “pregação moralista” (14/07/2010, p.71). “Como se a defesa da coerência moral fosse um defeito, não uma virtude” (14/07/2010, p.71), ataca o personagem antagonista, o narrador, no papel de agente da narrativa. O conceito de democracia toma forma diferente para os personagens, de modo que o narrador sinaliza na história não se tratar de negócios, mas está na relação moral, como parece ser o modelo econômico global, de liberdades políticas e econômicas, na dependência das leis constitucionais de estado.

Nem sempre os fins justificam os meios, pois o claro exemplo vem da atitude do ministro das Relações Externas da Espanha, Miguel Angel Moratinos, que, embora sendo parceiro comercial de Cuba, negociou com Raúl Castro “[...] a libertação de 52 presos políticos” (14/07/2010, p.71). Outro personagem importante foi o Cardeal Jaime Ortega, “[...] a maior autoridade da Igreja Católica em Cuba, também participou das conversas” (14/07/2010, p.71). Como resultado desta atitude democrática, cinco dissidentes serão libertados imediatamente, levados para o exílio. Os cubanos são presos devido às ações políticas – nas lutas pela democracia - de oposição ao governo ditatorial da ilha, em 2003, na chamada “Primavera Negra” – como descrito em narrativas anteriores. A protagonista da história de *Veja*, a Espanha, embora seja o terceiro maior parceiro comercial de Cuba, não poupou os Castro de críticas. Diferentemente do comportamento de Lula, ante a morte

do pedreiro, Orlando Zapata, e da atitude do jornalista Guillermo Fariñas, que iniciou sua 23ª greve de fome em protesto contra o regime político cubano. “Devemos exigir do regime cubano que devolva a liberdade aos presos de consciência e que respeite os direitos humanos” (14/07/2010, p. 73), fala o primeiro-ministro espanhol, José Luis Rodríguez Zapatero, na narrativa de *Veja*. Muito diferente do discurso do presidente brasileiro, pois Lula em visita ao amigo Fidel Castro argumenta na narrativa que “Temos de respeitar a determinação da Justiça e do governo cubanos” (14/07/2010, p.73), portanto, de um estado nacionalista. Como pano de fundo, delineando a diegese narrativa: “No fim, a força moral de Fariñas derrotou a bajulação de ditadores de Lula. Com seu protesto pacífico e heroico, o cubano conseguiu manter a atenção da comunidade internacional voltada para a violação de direitos humanos na ilha dos Castros” (14/07/2010, p.73, grifo nosso). Como desfecho, Fariñas “[...] quase morreu de inanição, mas venceu” (14/07/2010, p.73).

Na continuidade da narrativa, a democracia se estabelece nas relações dos direitos humanos, cujos princípios se revelam nas relações internacionais, que se configuram em determinados estados, como a Espanha, na descrição do narrador. Nessa perspectiva, na configuração dos personagens, Fariñas está para a democracia e Lula para a ditadura Africana e cubana, portanto, antagonistas na estória de *Veja*, que, no fio da narrativa, contrasta o nacionalismo dos ditadores com os centros econômicos globais verdadeiramente democráticos e da moralidade dos direitos humanos.

O discurso de Lula, na África, sobre a necessidade de manter relações comerciais em parceria com os ditadores, não convence. O comércio bilateral com ditaduras africanas desde 2005 fez aumentar as exportações brasileiras em irrisórios 0,13%. “Em contrapartida, o governo Lula subtraiu 99,87% da riqueza moral do Brasil” (14/07/2010, p.73). Então qual seria o motivo da aproximação com esses países? Conta David Fleischer, cientista político da Universidade de Brasília: “Em sua meta de ocupar o palco global, o governo brasileiro busca o voto da África em fóruns mundiais” (14/07/2010, p.73). Estratégia que não vem dando certo, se se considerar o apoio dos ditadores ao governo brasileiro em votações importantes, como na Organização Mundial do Comércio (OMC) ou nas disputas para a presidência do Banco Mundial (BM); sempre com votos contra. O brasileiro teve apenas voto favorável dos africanos para sediar a Olimpíadas em 2016. “Há quem aposte que Lula esteja agora interessado em amealhar apoio de países pobres para conseguir um emprego em alguma organização internacional depois de deixar o governo”

(14/07/2010, p.73). Tudo bem, mas seria “[...] melhor para a imagem de Lula e do Brasil buscá-las sem paparicar ditadores” (14/07/2010, p.71).

Na narrativa do veículo, na sua composição dramática, uma cena para chamar a atenção do leitor: um soldado africano passa com o dedo tampando as narinas, em rua de cidade africana, em que há dois corpos caídos – e, portanto, fétidos, pela imagem indícial. Com destaque do narrador (66cm/col.), na composição da cena, um fogão e um microondas caídos, ou jogados ao lado de um dos corpos, num cenário de pobreza e violência, longe da moralidade e democracia da estória de *Veja*. Completam a narrativa, os argumentos dos antagonistas sobre as visitas dos personagens à África, na composição da narrativa (14/07/2010, p. 72-73), em rodapé. Em Camarões, em 2005, conta Luiz Fernando Furlan, ex-ministro de Desenvolvimento: “No comércio temos de seguir regras, mas precisamos de uma posição pragmática. Hipocrisia só vai permitir que outros ocupem esses espaço” (14/07/2010, p. 72). Em 1997, na República do Congo, Lula fala: “O Congo está ensinando a construir uma democracia cada vez mais forte e na paz” (14/07/2010, p. 72). Segue Lula, em 2007, em Burkina Faso: “Visito com alegria uma África que está em pleno ressurgimento e desenha seu próprio destino” (14/07/2010, p. 72). Em 2009, na Líbia, Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores: “Temos de ter um mínimo de pragmatismo. Se formos nos reunir apenas com pessoas virtuosas, talvez nem precisemos nos reunir” (14/07/2010, p.73). O mesmo Celso Amorim, em 2010, na Guiné Equatorial: “Negócios são negócios” (14/07/2010, p.73).

O presidente Lula e os ministros que arquitetam sua política externa, ao se aproximarem de países africanos, definidos na estória como ditadores, tornam-se antagonistas no enquadramento dramático do semanário. Ao mesmo tempo, o governo espanhol, do primeiro ministro José Luis Zapatero, se configura no fio da narrativa como protagonista, ao condenar o governo comunista cubano, portanto. Os lugares previamente já definem a função dos personagens, na estória, seguindo um roteiro narrativo, como se revela ao longo do episódio, em conformidade com a ideologia de *Veja*, cuja democracia, no final, se relaciona com territorialidade e moralidade de governo, por vezes, relacionando-se com os grandes centros econômicos e da ordem global. Os personagens da estória mantêm relações com esses princípios, na construção da realidade, seguindo os passos do narrador.

Nesse sentido, o Jornalista Guillermo Fariñas segue seu papel de protagonista, com comportamento heroico, capaz de estabelecer disputas com os governos do Brasil e de Cuba. Em essência, como anotamos até aqui, é em torno do personagem que a estória ganha dinamismo nos enquadramentos dramáticos, abrindo espaço para outras narrativas, em *flashbacks*, que vão estruturando os discursos hegemônicos, para uma narrativa hegemônica provisória.

Na estória da Editora Abril, em quatro páginas, os protagonistas recebem o espaço de 19 palavras para o seu poder de voz, com o primeiro ministro espanhol, José Luis Zapatero. Neutros, 19 palavras, as de David Fleischer, cientista político, da Universidade de Brasília. Os antagonistas, 33 palavras, na voz do presidente Lula e Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores, considerando que a revista deu voz em *flashback* para Lula, Celso Amorim e o ex-ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, com 73 palavras. Como metodologia desta análise, as vozes dos personagens do veículo não são uma constante nas narrativas – diferentemente do narrador-jornalista –, não aparecem no cômputo geral – sendo observadas como espaço físico da narrativa em *cm/col.* Assim, no total de vozes, ocuparam o espaço de 71 palavras.

A determinação heroica de Guillermo Fariñas dá lugar, um mês depois, a outro personagem de *Veja*, o professor de educação física e ex-pugilista, Ariel Sigler, “Mais um herói da resistência” (4/8/2010, ed. 2176, p.108), escreve no título o narrador, no alto da página. Com destaque (23,6 cm/col.) na estória, o protagonista é apresentado em pele e osso, sobre uma cadeira de rodas, e assistido por uma equipe médica. Porém, um lutador altivo, combatente, com olhar para cima e à frente, determinado, olhando para o adversário, mesmo sem condições físicas para o combate, com a mão para o alto, sustentada por um assistente. Na sequência (3,6 cm/col.), o mesmo personagem, para comparação, na composição da narrativa, nos seus tempos de liberdade, portanto, no passado, está o então professor e pugilista cubano, com seus 93 quilos.

Na narrativa do jornalista, o herói da resistência foi preso pelo regime comunista, durante ato de protesto, em 2003, durante o chamado movimento “Primavera Negra”, sendo torturado e submetido ao regime de encarceramento, a ser cumprido em vinte anos de prisão. Ele faz parte do acordo para a libertação dos presos, acertado entre os irmãos Castro, com o governo espanhol e a Igreja Católica. Com ele serão 52 dissidentes livres, “[...] até sexta-feira passada, vinte deles haviam sido soltos, todos foram enviados para ao

exílio na Espanha. Sigler, com o corpo de pugilista reduzido a *pele e ossos* e paralisado da cintura para baixo, conseguiu ir para os Estados Unidos, onde já vivem a mulher e um irmão” (4/8/2010, p.108). O herói da resistência chegara a Miami na “semana passada” e, como conta o irmão Miguel, “A fragilidade física não enfraqueceu em nada seus princípios” – da luta pela democracia política cubana.

Ariel Sigler faz parte da geração que somente conheceu em Cuba o regime comunista de Fidel Castro, no entanto, como professor de educação física, não suportou a doutrinação de seus alunos e fez críticas ao governo. No enquadramento dramático no tempo, com recordação dos acontecimentos do passado, o narrador conta que o herói da resistência, “Em 1996, criou o movimento independente de Opção Alternativa dos Direitos Humanos. Sigler e dois irmãos foram detidos em 2001 por comemorar o aniversário da Declaração Universal de Direitos Humanos” (4/8/2010, p.108). Em 2003, foi preso, ao lado de outros dissidentes, em manifestação pública. Apesar de torturado durante dezesseis horas, “[...] a única prova material contra ele foi possuir em casa uma biblioteca com livros sobre a democracia” (4/8/2010, p.108). Como consequência dos maus-tratos, desenvolveu uma doença, a polineuropatia progressiva, “[...] uma lesão nos nervos causada por falta de vitaminas. A desnutrição foi agravada por infecções crônicas na garganta e problemas estomacais. O quadro de saúde do herói da estória de *Veja* incluía também enfisema e hipotensão” (4/8/2010, p.108). Embora livre e com possibilidade de tratamento, “[...] a medicina não oferece garantia total de cura” (4/8/2010, p.108) para Sigler, que, sendo peso-pesado, entrou para a cadeia com 93 quilos e saiu com 48, incapaz de se sustentar em pé.

Na narrativa de *Veja*, no seu quadro dramático, segue o roteiro de construção da imagem de seus heróis na luta contra o regime cubano dos irmãos Castro. No fio da estória, *Veja* mantém sua estratégia, na promoção do sentido de catarse, por intermédio do enquadramento dramático, com vistas à diegese.

Nesta análise, muitas vezes nas contradições políticas, na efetivação do texto da narrativa roteirizado, surgem expressões de efeito, como heróis da resistência, peso pesado contra o comunismo, poderá ficar inválido, termos que ganham sentido para a sedução do espectador, no projeto dramático do narrador. Na ordem do desenvolvimento da estória, a trajetória vai se tornando conhecida dos dedicados roteiristas do cinema. Assim, a estória se inicia com a luta do herói, que passa por momentos de sofrimento; encontra a liberdade

que sonha não somente para si. Com seu capital simbólico, finalmente, obtém a vitória, na guerra pela salvação da humanidade. Importante observar ainda os apelos das narrativas imagéticas, com ampla função de convencimento do leitor pelos efeitos psicológicos que causam - como personagem em pele e osso, em maca, morto, fantasmas –, como estratégia da estória de *Veja*.

Nessa narrativa de uma página, apenas a voz do adjuvante do protagonista, Miguel, com 9 palavras, que protagoniza a estória pela democracia, e que, depois, se mudou em definitivo para os Estados Unidos, onde já vive a família. O seu sonho se realiza pela atuação política do governo Espanhol, em acordo com a ditadura cubana.

Capitalismo em vista, personagens em cena

Aproximadamente dois meses depois, o antagonista da estória de *Veja*, Fidel Castro, vem a público dizer que “[...] *o regime cubano não funciona mais nem para nós*” (22/9/2010, ed.2183, p.89, grifo nosso), sendo necessárias medidas para adequar o funcionamento da economia da ilha. A rigor, uma frase que inicia um *ponto de virada* na narrativa de *Veja*. Diante do aperto financeiro de uma nação atrasada para as aberturas de suas fronteiras, as demissões estatais se tornam inevitáveis, definindo o começo do fim de um regime fadado ao fracasso. Assim, numa composição narrativa no tempo passado, é chegado o momento para descrever os avanços de Cuba dos Castro para Cuba de Fulgêncio, sendo que a Revolução Cubana em 1959 - pode-se antecipar na diegese da narrativa – apenas represente a troca de tiranos. Isso, pois nada mudou de lá para cá, com os mesmos fundamentos da economia do país, e os “[...] dólares mandados a parentes por cubanos exilados nos Estados Unidos, turismo e exportação de açúcar de cana” (22/9/2010, p.89), praticados nos tempos de Fulgêncio – há meio século - permanecem. De mais a mais, “Cuba não teria relevância alguma não fosse o fato de se situar a 140 quilômetros dos Estados Unidos e de seus barbudos fadados terem no século passado, mesmerizado os comunistas latinos e brasileiros” (22/9/2010, p.89).

Aliás, no governo dos Castro, a situação ficou muito pior. Fidel Castro comumente diz que Batista lançou “[...] à prostituição mais de 100 000 mulheres” (22/9/2010, p.89), mas, há alguns anos, jornalistas da Espanha o questionaram sobre a necessidade de as estudantes cubanas se prostituírem para poderem sobreviver, num regime falido. “O

déspota bonachão respondeu” que “Não. É uma prova de sucesso da revolução o fato de que em Cuba até as prostitutas são universitárias” (22/9/2010, p.89). Neste quesito 10 a 1 para o governo comunista em relação ao de Batista. “Segundo organizações feministas europeias, Cuba tem hoje cerca de 1 milhão de prostitutas – retomando a narrativa no presente. Esse tipo de estimativa não é totalmente confiável. Mas nada que vem de Cuba o é”, conta o narrador-jornalista. Fato é que Fidel destruiu os órgãos de pesquisa estatísticas da ilha – “[...] algo que encanta sobremaneira os lulopetistas brasileiros” (22/9/2010, p.89), revela a narrativa de *Veja*.

Assim, quem decide o que é correto em Cuba é Fidel Castro, quem tem o poder de definir a verdade. Como exemplo, a informação do tirano de que a renda *per capita* da ilha é de 9 000 dólares. Porém, se o salário médio pago pelo estado é de 20 dólares ao mês (85% da população economicamente ativa), isto significa que Cuba é “[...] campeã mundial de desigualdade social, pois para cada assalariado de 20 dólares por mês teríamos de ter um cubano embolsando 8 760 por ano”, conta o narrador na lógica dos números. Somente a “*ilha da fantasia*” do Jornalista argentino Jacobo Timerman “[...] em seu *extraordinário livro* sobre Cuba, é tida como um paraíso social, com apenas 1% das pessoas abaixo da linha de pobreza e um modelo de distribuição de renda” (22/9/2010, p.89, grifo nosso). O próprio personagem de *Veja*, Fidel Castro, diz que o regime comunista não funciona nem mesmo em Cuba. Como escreve o narrador, “Ele tentou voltar atrás, mas foi *desmentido* por duas testemunhas, o *jornalista americano* que o entrevistou e *sua intérprete*, uma *respeitada especialista* em estudos cubanos e proficiente em espanhol” (22/9/2010, p.89, grifo nosso).

Desse modo, *Veja* segue no seu projeto dramático, na configuração de seus personagens antagonistas e protagonistas, a definir a verdade, para formação do conhecimento real sobre o modelo político cubano. Como Fidel descreve a realidade e é quem define a verdade, portanto, a situação de Cuba vai mal. Seria, portanto, a razão da demissão de 500 000 funcionários públicos, o que equivale a “[...] 10% de toda a força de trabalho estatal da ilha” (22/9/2010, p.89). Para o personagem de *Veja*, o comandante da ilha, Raúl Castro: “Temos de apagar para sempre a noção de que Cuba é o único país do mundo onde não é necessário trabalhar”. Um duro golpe no comunismo, mas “[...] nem tudo está perdido, os líderes marxista-leninistas, os senhores da economia planificada, vão permitir que os demitidos criem coelhos, vendam bugigangas usadas nas ruas, engraxem

sapatos ou ganhem a vida carregando baldes de água nos ombros” (22/9/2010, p.89). Acrescenta o narrador, no fio da narrativa: “Viu como valeu a pena todo o sacrifício feito em nome da revolução?” (22/9/2010, p.89) – quase uma afirmação - toda a luta em prol do comunismo por nada, deixa a pergunta para o leitor.

Mas o “capataz” tenta convencer a “mão de obra escrava da ilha”, com parolagem: “Logo estará resolvido o problema de abastecimento” (22/9/2010, p.89). Um dia que nunca chegou. O personagem já conhecido do narrador, o economista cubano Oscar Espinosa Chepe, escreve que: “Infelizmente, esse é o resultado de terem mantido por tantos anos um sistema fracassado, que nada tem de social” (22/9/2010, p.89). A rigor, na metanarrativa de *Veja*, para o narrador-jornalista, “Que tristeza. Uma ilha caribenha, ensolarada, de terras e águas férteis, devastada por uns barbudos ruins de serviço e bons de papo” (22/9/2010, p.89).

Assim, o narrador-veículo apresenta no título, com grande destaque: “Ahhh [...] Vá criar coelho! (22/9/2010, p.88). Na sequência, conta *Veja*, que depois da demissão 10% dos funcionários do estado, “O tirano os mandou ‘plantar batatas’ ou melhor, criar coelhos” (22/9/2010, p.88). Em três colunas– perfazendo o espaço de uma página -, um dos funcionários públicos que perdeu o emprego e agora caça coelhos para sobreviver. Os responsáveis por essa realidade se destacam na narrativa em uma coluna à direita, com dedo em riste, com sua autoridade, no alto, Fidel Castro, com seu terno verde-oliva; e, abaixo, Raúl Castro, com roupas militares, na composição dramática da narrativa.

Como análise, as vozes são legitimadas em conformidade com o projeto dramático do semanário, de modo que o Jornalista Argentino fez uma obra da “Ilha Fantástica”, diferente do Jornalista Americano e sua intérprete, sendo esta especialista em Cuba, portanto, confiável. As estatísticas europeias sobre o quantitativo de prostituta é confiável, porém o que vem do governo cubano, nada o é. No entanto, se a renda *per capita* é uma farsa, a estatística de concentração de renda não o é, contabilidade das mesmas informações, conduzindo o leitor à verdade numérica, apenas. Logo, os números ganham importância na narrativa, como fundamentos da verdade. As transformações políticas do país comunista significam uma crise já tardia, pelos signos de uma derrocada anunciada. A personagem do economista Espinosa Chepe, dissidente do Regime, torna-se uma constante com argumentos das narrativas, definindo o cenário econômico de Cuba,

para a condução da diegese do narrador. Enfim, a ironia, no final da narrativa, “Ahhh [...] vá criar coelhos!

Define-se estratégia narrativa de colocar o leitor numa posição *intelectualmente* desconfortável, aquele que se propõe a defender o regime cubano. Como se dissesse: *Veja, todo sacrifício por nada, fez papel de bobo!* Por outro lado, valorização daqueles que compartilham os valores do semanário brasileiro. Importante destacar, por fim, o enquadramento de narrativas no tempo passado, cuja composição serve para a definição do pano de fundo no presente, com projeções para o futuro, de pobreza e desemprego. No contexto de Cuba, permanentemente desmascarando os personagens antagonistas e atacando-os, *Veja* se mantém como agente da estória, de modo a interceder nas disputas entre os personagens, com atenção ao pano de fundo, roteirizado.

Em essência, sobre o espaço das vozes na narrativa, em duas páginas, foram 136 palavras pronunciadas pelos personagens, nas disputas pelo poder de narrar, sendo, 52 dos protagonistas de *Veja - Jornalista da Espanha* (24); Organizações feministas da Europa (9); e Oscar Espinosa Chepe, economista cubano (19) – e 84 dos antagonistas – Fidel Castro (63) e Raúl Castro (21). Na sequência da narrativa, o país dos irmãos Castro continua enfrentando problemas com a política e a economia, em tempos de crises globais. Dessa forma pressionado, em períodos, o governo cubano mexe nos fundamentos do comunismo, com abertura para a política externa e reduzindo o poder do estado, sinalizando épocas de neoliberalismo.

A realidade das Mimeses, números e carros

Em o “Grande imitador” (3/11/2010, ed. 2189) – poderia ser o “Grande Ditador” -, o narrador descreve como Lula vem se tornando um homem carismático, ao reproduzir ações, em público, do seu professor, o ditador cubano. Em vários quadros de fotografias o narrador-veículo põe esta relação em evidência, sendo que, na página de abertura (3/11/2010, ed. 2189), em meia página, na parte alta, Fidel Castro, segurando seus óculos escuros e, logo abaixo, também em meia página, o imitador Lula, repetindo o mesmo gesto. Assim, continua a narrativa na página seguinte (22,3cm/col.), quando Castro, com uma câmara fotográfica diante do olho, registra uma imagem qualquer, sendo seguido candidamente no mesmo movimento por Lula. Na sequência, em outros quadros, Fidel

Castro aponta o dedo para a cabeça em momento de discurso, Lula está exatamente na mesma posição; e, logo abaixo, o cubano, com os dedos indicadores das mãos direita e esquerda apontados para o alto, em discurso, sendo proferido com ênfase, e o brasileiro segue na mesma posição e semblante. Um aluno exemplar, reproduzindo o que aprendeu com suas inúmeras viagens a Cuba, em busca do aprimoramento. A rigor, escreve o narrador: “Como se sabe, a forma mais sincera de elogio é a imitação. Uma pesquisa fotográfica mostra que, por esse prisma, Lula é um elogio itinerante ao ditador Fidel Castro, sucessor do ditador Fulgêncio Batista em Cuba” (3/11/2010, ed. 2189). Os enquadramentos fotográficos da narrativa não deixam dúvida quanto ao que o presidente brasileiro tem em comum com o ditador cubano, “Um elogio ao aderir candidamente ao mestre” (3/11/2010, ed. 2189).

Ao longo da narrativa, vai se tornando comum a referência que *Veja* faz ao governo de Fulgêncio Batista, que deixa o poder depois da revolução cubana, de modo a aproximar os personagens, considerando suas características, como escreve o narrador de ditadores. Como estratégia, a de relacionar a semelhança de atuação política, levando a convicção de ter havido apenas a substituição de um pelo outro, sem quaisquer mudanças na democracia cubana, a que define *Veja* na sua matriz narrativa. A cada passo o personagem comunista vai sendo desconstruído no seu poder simbólico de representação do nacionalismo e esquerda da América Latina, para apenas um ditador, como todos os demais.

O diretor de cinema americano, nascido na Áustria, Otto Preminger (1905-1986), escrevia que há pessoas de dois tipos: “[...] as que nasceram para diante das câmeras e as destinadas a ficar atrás delas” (3/11/2010, p. ed. 2189). Lula e Fidel Castro estão na condição primeira. Ainda, “[...] há os que lapidam suas qualidades inatas por meio da imitação de outros melhores do que eles e os que escorregam pela vida e pela carreira, impulsionados apenas pelos dons trazidos do berço” (3/11/2010, p. ed. 2189). Lula e Fidel estão na primeira classificação da tabela de Preminger. Portanto, Lula e Fidel nasceram para estar diante das câmaras, mas necessitam de aprimorar suas imitações, em razão da falta de dons para desenvolver habilidades próprias, o que os faz imitadores, conta, em resumo, o narrador, no fio da narrativa, organizando a trama dos personagens na narrativa.

Para qualquer aprendiz, o processo deve ser este mesmo, começar imitando para, depois, encontrar o seu estilo próprio, mais tarde. *Até mesmo* “Cícero e Quintiliano, mestres romanos da oratória clássica”, concordavam com esse método de aprendizado.

“Deveria copiar-se principalmente o *actio*, ou seja, a entonação, o gestual, as expressões faciais, a linguagem corporal. Eles, muito mais do que as palavras, são, na visão dos mestres, os verdadeiros elementos da persuasão” (3/11/2010, p. S. 1.). Um caminho seguro para magnetizar a plateia.

Com este propósito houve aula magna sobre o tema, na Universidade Roma Três, ministrada dia 10 de novembro – sete dias após a publicação da narrativa –, a qual poderia ser proferida com maestria por Fidel Castro, mas, para as atividades, juntam-se à escola italiana, “[...] dezenas de outras na Europa e nos Estados Unidos que buscam descobrir se certas posturas corporais, gestos e expressões faciais específicas são comprovadamente eficientes no convencimento das audiências” (3/11/2010, ed. 2189). Será possível cientificamente comprovar o poder da oratória para convencer e não apenas argumentar? Será que o apelo emocional e o gestual dramático superam as formas orais mais racionais e contidas? Pode-se aprender a ser carismático, repetindo gestos de oradores comprovadamente carismáticos? Questiona o narrador na narrativa, no sentido estabelecer uma relação entre retórica e dominação do interlocutor e se realmente é possível aprender essas habilidades com os mestres, entre elas a da persuasão.

Sem uma definição insofismável do meio acadêmico, contudo, já se pode acreditar que, se a pessoa nasceu para viver à frente da câmera, mostra-se possível concluir que os imitadores se tornem senhores do palco, com oratória que vai além do convencimento. O melhor caminho é a imitação de um ídolo. “Fidel Castro é um dos ídolos de Lula. Foram tantas as visitas do brasileiro a Cuba, antes de depois de se tornar presidente, que ele deve ter mais horas de assistência de discursos de Fidel [...] do que qualquer outro” (3/11/2010, p. ed. 2189). Lula, a considerar o tempo de oratória de Fidel, entre 3 a 10 horas, teve boas condições de aprimorar.

Como pano de fundo na composição da trama entre os personagens, o narrador-jornalista descreve que “Lula assimilou o estilo de Fidel Castro. O mestre é mais culto e mais carismático do que o pupilo brasileiro – mas Lula já ganha de Hugo Chávez, outro notório imitador do cubano” (3/11/2010, ed. 2189). Bill Clinton, nos tempos de presidente dos Estados Unidos, não perdeu uma chance de usar o truque. Como exemplo do aprendizado de Lula, ao imitar o mestre Fidel Castro, está o de estar sempre apontando o dedo para o interlocutor, como se estive guiando-o para algum caminho, que desconhece. Ainda, na relação com grupos de pessoas, estar sempre de boca aberta, mesmo sendo

monoglota, como o brasileiro. “Com frequência Lula aparece nas fotos oficiais falando com a maior tranquilidade a interlocutores russos, alemães, árabes, israelenses, africanos, como se dominasse o discurso” (3/11/2010, ed. 2189). Jogo que Fidel fez com os velhinhos do Kremlin, mesmo vivendo na dependência de doações milionárias dos soviéticos, em conversas animadas.

No final, o patrono desse truque de Fidel e Lula vem é Adolfo Hitler, que também aprendeu de um comediante de Munique, Ferdl Weiss. Não seria sem razão que “[...] os cubanos chamam Castro de ‘El comediante em jefe’” (3/11/2010, ed. 2189).

Como maneira didática de levar o leitor ao entendimento, na página de fechamento da narrativa, o narrador-veículo dispõe no alto, à direita, Fidel, apontando dedo para a sua esquerda, ao se encontrar com o papa João Paulo II; e, no quadro à direita, a cena se repete com outros personagens, agora, o imitador Lula com o Papa Bento XVI. O brasileiro apontando o dedo na direção do pontífice, como ensinando a ele algo que desconhece, orientando-o. São truques mágicos para o domínio da audiência e a liderança política, o que tem como patrono o Nazista – no imaginário do público, ator das milhares de mortes no Holocausto, durante a Segunda Guerra mundial (1939-1945), amplamente narrado pelas mídias internacionais – que é apresentado pelo narrador, em quadro fotográfico (36cm/col.): “Adolf Hitler, líder nazista que chegou a ter 90% de aprovação nas pesquisas, aprendeu a gesticular com um comediante de Munique, Heirich Hoffmann” (3/11/2010, ed. 2189). A imagem está em ensaio publicado em livro do fotógrafo particular do ditador alemão. Seguindo nas referências sobre imitação, *Veja* descreve ao lado de Hitler o comediante Charles Chaplin, em cena, imitando o nazista “[...] no inesquecível filme ‘O Grande Ditador’, de 1940” (3/11/2010, ed. 2189).

Sutilmente os narradores de *Veja*, Veículo e Jornalista, compõem o seu quadro dramático na narrativa, conduzindo o leitor para a diegese, para a moral da estória, definindo textualmente e em imagens o comportamento dos dois líderes políticos da América Latina. Numa seleção de imagens, os narradores contam como são idênticas as formas de atuação de Lula e Fidel (além de Hugo Chávez em papel secundário), ao mesmo tempo em que faz referência ao mundo acadêmico em debate nas pesquisas e seus resultados sobre as atitudes de grandes líderes mundiais. São universidades da Europa e dos Estados Unidos, que territorialidade e seu poder de voz denotam desenvolvimento e intelectualidade, definindo a verdade acadêmica, certificada por “inúmeros pesquisadores”.

No fio da narrativa, como metanarrativa, a partir do imaginário de estórias conhecidas e repetidas pelas mediações, a correlação de comportamentos entre personagens importantes da história nas mesmas estratégias dos antagonistas, como neste caso, Adolfo Hitler, personagem de narrativas de diferentes meios, na formação do anti-herói da humanidade, sendo consagrado pelo cinema de Charlin Chaplin, um ator consagrado no gênero humor, no roteiro da célebre obra “O Grande Ditador” – que seria uma referência para o título de *Veja*, “O Grande Imitador”, na introdução de seu projeto dramático. Hitler, como descreve o narrador, em comparação com Fidel Castro e, principalmente, com Lula, nos tempos do uso das técnicas desenvolvidas pelos políticos latino-americanos, obteve 90% de aprovação nas pesquisas de opinião na Alemanha, mais do que Lula no Brasil, que deixa o governo com aprovação na casa dos 80%.

O acontecimento-intriga está na relação entre os personagens políticos da América Latina, nacionalistas e de esquerda *versus* personagens líderes políticos dos países de economia desenvolvida, da ordem global, em cuja trama se constrói à diegese. Nesta narrativa, em quatro páginas, o narrador-jornalista usou apenas a voz do diretor cineasta americano Otto Preminger, para a construção da diegese, com 18 palavras, não havendo voz para antagonistas e protagonistas, que apenas estão no palco das narrativas em cena do narrador-veículo, sem voz, seguindo o roteiro do narrador. A academia vai se tornando o lugar privilegiado para se definir a voz da verdade, na ordem do poder político, como referência permanente dos narradores de *Veja*. O humorismo sobressai, como forma de atacar os personagens antagonistas que passam horas fazendo exercícios para aprender a imitar, na busca de encontrar eficiência para modelos de retórica, objetivando dominar o público, em geral, de modo ditatorial. A cada ponto da história, o narrador busca comparações com diversos personagens reconhecidos pelos seus interlocutores pelas atrocidades ou governos ditatoriais, de modo a aproximar, como estratégia, dos seus personagens de oposição a matriz narrativa que persegue.

Na ordem do tempo, porém, o capitalismo, aos poucos, vai sendo introduzido na ilha dos Castro, mas não tão rapidamente como deveria ocorrer para a transformação do comunismo, praticado pelos cubanos que, cada vez mais, dependem de “A Mesada Americana” (5/01/2011, ed.2198, p. 106), dos Estados Unidos para sobrevierem, como exprime no título o narrador *Veja*. O atual ditador em Havana, Raúl Castro, vem tomando medidas como o anúncio, sem alarde, da suspensão de imposto de 10% cobrado sobre

remessa de dólares enviados para a ilha, através de parentes e amigos exilados da ilha-prisão. Apesar das medidas, os comunistas de Cuba não admitem a dependência dos dólares dos “imperialistas ianques” (5/01/2011, p.106), jogando a população, “[...] os coitados que penam, nos círculos do inferno castrista” (5/01/2009, p.106).

Depois da crise financeira de 2008, “[...] contudo, o país passou a necessitar ainda mais dos dólares americanos para compensar a falta de divisas – as importações do país superam em muito as exportações, e sua crescente dívida externa já equivale à metade do produto interno bruto nacional” (5/01/2011, p.106). A reforma de Raúl resulta apenas em demitir 10% da força de trabalho “[...] sem dar nenhuma alternativa viável aos desempregados” (5/01/2011, p.106). Para o personagem de *Veja*, Raul conta que “[...] os cubanos não podem mais esperar que o estado lhes dê tudo”. Não resolve o problema dos “coitados” [...] “Seria mais honesto se o governo admitisse que o país está quebrado por culpa do comunismo. Durante décadas, tudo o que o estado castrista fez foi despojar a população de seus bens, de suas aspirações e de liberdade” (5/01/2011, p.106); na disputa pelo poder, o narrador já define seu pano de fundo, sua ideologia, na relação comunismo *versus* capitalismo.

Com salário mensal de 35 Reais, para mitigar os rendimentos miseráveis dos trabalhadores, o governo oferece uma caderneta para que possam fazer compras no armazém estatal. Mas nele falta de tudo, o que obriga a população a fazer compras no mercado negro, pagando mais caro pela abobrinha, por exemplo. Em meio à miséria comunista, a alternativa de sobrevivência dos moradores da ilha-prisão é fazendo bicos e pedindo mesadas dos vizinhos do norte, cujos dólares entram de maneira informal nos bolsos dos parentes. Agora, com a redução nos impostos de 10%, os recursos passam pelos cofres do governo, através de agências internacionais, como a Western Union, que entrega o dinheiro ao destinatário, já em moeda convertida. No final, “[...] os dólares vão parar nas mãos dos Castros. Ou seja, os Estados Unidos agora sustentam, involuntariamente e diretamente, a nomenclatura cubana” (5/01/2011, p.106), comunista.

Nas disputas globais que têm reflexo na América Latina, território de influência da política cubana, os Estados Unidos em crise econômica, por sua vez, acenam para manter a ordem do poder comunista da ilha-prisão, ao fazer concessões econômicas aos ditadores, mesmo que de maneira involuntária. Notadamente, como não há narrativas inocentes, como avaliamos, os personagens, no quadro dramático de *Veja*, persistem na diegese,

tendo como pano de fundo um mundo ideal globalizado e neoliberal, de modo a defender sua matriz narrativa para a democracia política de Cuba, contudo, os princípios de desenvolvimento do semanário brasileiro têm lastros na região, como efeito de imitação.

No enquadramento dramático do narrador-veículo está a penúria da população cubana no mercado negro, com um estado falido. Numa cena (20cm/col.), então cotidiana em Cuba, um homem numa banca compra uma abobrinha, com várias notas do peso cubano. O mesmo ocorre do lado do comerciante que maneja muitas cédulas nas mãos, denotando a desvalorização do dinheiro, em um país com profunda crise econômica – os Estados Unidos, por sua vez, convivem com a bolha imobiliária e uma grave crise econômica. No subtítulo, conta o narrador: “O fim do imposto sobre remessas de exilados mostra que a situação financeira de Cuba é insustentável” (5/01/2011, p.106). Ao lado da imagem da banca de feira, didaticamente (10cm/col.), o narrador mostra que quantia de dinheiro americano entra em Cuba pelos dissidentes, que moram nos Estados Unidos: 1 bilhão de dólares, sendo o dobro do que a ilha recebe de investimento estrangeiro e volume maior do que as exportações comunistas. Os números falam por si mesmos, contra os antagonistas.

A voz que faz parte da narrativa é somente do antagonista, Raúl Castro, com 13 palavras, não havendo vozes para os protagonistas e neutros, no acontecimento-intriga de *Veja*.

Dois meses e meio, depois, *Veja* retoma o enquadramento dramático sobre a América Latina, especificamente, Cuba, sobre o subdesenvolvimento e a miséria a que está submetida a ilha. Numa perspectiva histórica, no projeto dramático do narrador, torna-se possível perceber tratar-se de um país, conduzido pelo comunismo dos Castro, que não tem solução, de fato. Um estado “Sem conserto” (27/04/2011, ed. 2214, p. 80), como dá destaque no título. Na abertura da narrativa, a realidade política de Cuba, simbolizada em um carro parado numa rua de Havana, com o capô aberto, em reparos mecânicos, com um homem mexendo no porta-malas, em busca de ferramentas para o reparo. Do lado de fora, ao lado do veículo, impaciente e angustiada, uma menina, a olhar para o que seria o pai dela, na tentativa infortunada do conserto. Na imagem em destaque (85,5cm/col.), o narrador de *Veja* estabelece relações com os seus antagonistas, Fidel e Raúl Castro, na composição dramática da narrativa, que estão a conversar, à direita, no alto da página (12,2 cm/col.), de maneira reservada, com cabeça baixa - como a se esconder debaixo da mesa,

lugar reservado -, durante Congresso do Partido Comunista. O narrador organiza sua narrativa imagética, com efeitos que vão muito além do carro, mas numa rápida comparação entre a ilha de Cuba - o carro velho estragado e o comunismo comandado pelos irmãos Castro - com uma população e juventude sem futuro, sem liberdade e modernidade.

Conta o narrador-jornalista, que vai se tornando comum os carros velhos serem encostados nas ruas de Havana, devido aos impedimentos da burocracia do estado para permitir aos cubanos trocarem peças, o que, necessariamente, passa por sua autorização, para colocar um motor novo, mais moderno, o que somente é possível com suborno de funcionários – estado ineficiente. Assim, se não tem mais conserto, o dono simplesmente abandona a lata-velha pelas calçadas da capital cubana. Esta é “[...] a metáfora perfeita para o país” (27/04/2011, p. 80), antecipa pontos da narrativa para a estória que vai se desenrolar mais adiante. “Durante algumas décadas Cuba foi dirigida como uma *fazenda* por seu *capataz*, Fidel Castro, e mais recentemente, por seu irmão Raúl” (27/04/2009, p.80) – que pressupõe para o leitor a existência de *escravos* - e, como não fizeram reparos na mecânica da economia, a situação tornou-se insustentável. “Eles nunca fizeram o que era *preciso* para o país avançar: *jogar fora os fundamentos comunistas, abolindo o monopólio estatal e a proibição de propriedade privada*” (27/04/2011, p.80, grifo nosso).

Na semana passada, durante o 6º Congresso do Partido Comunista de Cuba, Raúl, oficialmente, passou a ser o primeiro-secretário, substituindo Fidel Castro, de 84 anos. Então, “[...] o herdeiro da massa falida *admitiu*, finalmente, que o comunismo não funciona, nem mesmo em uma ilha paradisíaca do Caribe” (27/04/2011, p.80) – o que o próprio *Fidel Castro*, como antagonista, contou em outra narrativa, e depois desmentiu, como escreveu *Veja*, anteriormente. Neste contexto, “admitiu” não vem com a voz do personagem, comandante Raúl Castro.

Seguindo as sequências narrativas anteriores, como medidas de Raúl, a demissão de meio milhão de funcionários públicos e o fim do subsídio para compra de alimentos “e produtos de higiene” (27/04/2011, p.80). Em outras palavras, fim do comunismo, de um estado do bem-estar social – os fundamentos do socialismo -, “[...] rompe-se o fiapo de sobrevivência garantido pelo estado à maioria dos cubanos”, o que os condena à miséria, pois como diz o cientista político cubano, exilado nos Estados Unidos, Humberto Fontoya: “*Sem os benefícios e sem a chance de prosperarem livremente segundo as regras do*

capitalismo, os cubanos estão sendo agraciados só com o que há de pior no socialismo, sem contrapartidas” (27/04/2011, p.81, grifo nosso). A crise cubana torna cada vez mais a ilha comunista dependente do capitalismo dos Estados Unidos, do dinheiro dos exilados que conseguem chegar ao vizinho próximo, e rico. Como dizem os próprios cubanos, “[...] para viver em Cuba é preciso ter ‘FE’ – Família no Exterior” (27/04/2011, p.81) – em grande parte em Miami, EUA.

O fim do domínio dos Castro não deveria surpreender ninguém, pois, em 1962, “[...] três anos depois do triunfo da Revolução Cubana” (27/04/2011, p.81), quando a desigualdade prosperava, “[...] a porção média de carne e feijão no prato dos cubanos, sob o regime comunista era apenas um quarto da que os *escravos* ingeriam em 1842, ao tempo em que a ilha era *colônia espanhola*” (27/04/2011, p.81, grifo nosso), escreve o narrador de *Veja* – com cenas de narrativas em *flashback*, no tempo em que a América Latina ainda lutava para a independência da região, de fato, sob o domínio e força espanhola. Tempo em que os escravos podiam pescar na costa da ilha caribenha, conta o narrador, liberdade que foi suprimida pelos Castro, temendo os barcos preferirem, por motivo óbvio, “[...] escapar da prisão, cruzando os 150 quilômetros de extensão do Estreito da Flórida a fisgar algum peixe” (27/04/2011, p.81).

Na sequência a estória de *Veja*, na diegese narrativa, prossegue seu enquadramento dramático, no tempo. “Nos anos 50, antes dos Castro, Cuba tinha uma das maiores rendas per capita da América Latina e era mais próspera do que a *Espanha* e a *Áustria*. Os cubanos possuíam mais automóveis do que os *japoneses* e a menor mortalidade infantil da América Latina” (27/04/2011, p.81, grifo nosso). Nos tempos de Fidel Castro tudo isso se tornou privilégio da elite comunista. Para cada estágio da história, sofrimento e lutas do povo cubano de um regime que se observa “[...] ruir sob suas próprias contradições” (27/04/2011, p.81). O dinheiro gasto pela União Soviética, em 1991, demonstra a incapacidade dos Castro, pois o aliado injetou no país o equivalente a “[...] oito Planos Marshall – a ajuda de 13 bilhões de dólares dada pelos Estados Unidos para reerguer a Europa depois da II Guerra Mundial. Quanto sofrimento por nada” (27/04/2011, p.81).

A narrativa de *Veja* segue na construção de sua estória, a repetição de outras narrativas que se sucedem, formando um planejamento, um projeto dramático, para se chegar ao longo do processo narrativo à ideologia, o pano de fundo. Na perspectiva de uma estória que tem como elemento de comparação com a América Latina os países da Europa

e Estados Unidos, de maneira exaustiva, na comparação dos modelos políticos dos centros econômicos e seus resultados para a população, no fio da narrativa. Persistente, na referência sobre pobreza, miséria, burocracia e elite privilegiada no comunismo cubano, de modo a gerar efeito de sentido, na comparação entre sistemas locais e globais na crise, que se arrasta.

Assim, justifica-se o uso de palavras, metáforas e substantivos com significados polissêmicos, de modo a produzir no imaginário do leitor uma linha de raciocínio através dos significados e símbolos, que fazem relação com o mundo cotidiano, como por exemplo, o carro estragado, sem concerto, o futuro na relação com uma criança de frente com o “sem concerto”. Mais adiante, a miséria de um país que não tem um governo, mas o dono da fazenda, seus capatazes e escravos. A pobreza que impede as pessoas de sobreviverem, sendo necessário recorrer a atividades no único lugar que resta, o mercado capitalista, que, na estória, mostra-se democrático, nas contradições apresentadas com o mundo ideal, em detrimento do estado do bem-estar estatal e comunista, infortunado, de escravidão e “inferno moral e material”.

Os personagens, antagonistas da estória, estão sempre em condições de confabulação de estratégias de poder, conversando, reunindo-se, para evitar a participação popular, sempre em desfavor da população, que vai se tornando escrava da fazenda dos capatazes. Números e datas históricas certificam o narrador da verdade, que está amparada pelas vozes – com afirmações que se mantêm na sequência dos textos, sem necessidade de explicitá-las, no já dito por antagonistas e protagonistas, e apontando para o futuro de convicções - que transformam afirmações em poder discursivo, e imagem descrita na estória, cuja estória está, na realidade, nos enquadramentos determinantes, nos registros.

No caso de Cuba, a Guerra Fria se torna um lugar no imaginário social para definir a luta eterna entre capitalistas, que são protagonistas, contra antagonistas, comunistas, estes ligados ao mundo dos soviéticos, derrotados na disputa com os protagonistas de atos heroicos. O que resta ao país comunista, na pós-modernidade: a abertura para os mercados, “[...] abolindo o monopólio estatal e a proibição de propriedade privada” (27/04/2011, p.80). Afinal, para a negociação de sentido com o leitor, escreve o narrador *Veja* no subtítulo, em síntese, no fio da narrativa: “Após *mais de meio século* transformando a ilha caribenha em um *inferno moral e material*, os irmãos *Castro reconhecem* que o *comunismo não funciona* nem em Cuba” (27/04/2011, p.80, grifo nosso).

Na narrativa, de duas páginas, os personagens dispuseram espaço de 54 palavras para seus enunciados, sendo 31 dos protagonistas, representados pelo cientista político cubano, exilado nos Estados Unidos, Humberto Fontoya; por sua vez, do lado dos antagonistas, Raúl Castro (12) e o povo cubano (11).

No confronto, os antagonistas na estória

Cerca de três meses depois, no episódio sobre Cuba, a estória da ilha dos Castro tem vínculo com outro personagem antagonista importante que perpassa o projeto dramático do narrador *Veja*, o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, um velho amigo bolivariano dos comunistas. Com a descoberta do câncer, o personagem passa a ser um *ponto de virada* na narrativa da América Latina, não somente em Cuba, porém aquele é um país com fortes relações políticas com a Venezuela chavista. No fio narrativo do narrador, neste contexto, a doença de Chávez significa perdas, sobretudo de ajuda econômica importante, como a importação de petróleo a preços camaradas.

Dessa forma, “O Câncer de Hugo Chávez põe em risco a mesada venezuelana que segura o moribundo regime cubano” (10/08/2011, ed. 2229, p. 94), descreve o narrador-veículo em subtítulo de sua estória. Antes, porém, apresenta em seu enquadramento dramático, na imagem (30,6cm/col.) de abertura da narrativa, um rapaz de pele escura a pintar a fachada de um prédio antigo, em Havana. O leitor rapidamente observa a condição de deterioração das obras no país *moribundo*, com pintura velha e fios amontoados sobre a parede, tendo, antes, em primeiro plano, uma grade que gera a sensação de prisão, sem liberdade, sufocamento. Logo abaixo, o presidente venezuelano com cabeça raspada devido à descoberta do câncer, antecipando-se ante a inevitável queda de cabelos. O protagonista, na imagem (6cm/col.), com terno preto e gravata vermelha, cor que simboliza o comunismo, está com as mãos levantadas, diante de um microfone, numa posição de discurso; a expressiva figura do antagonista, no quadro dramático de *Veja*. Na legenda: “a ditadura depende do coronel” (10/08/2011, ed. 2229, p. 94), cuja composição, permite a percepção para a leitura dos signos dispostos para o pano de fundo da estória de *Veja*: “Cuba, agora sem esmolas” (10/08/2011, ed. 2229, p. 94).

O narrador-jornalista conta que o ato de raspar o cabelo, antes da queda, seria uma forma de o presidente venezuelano “[...] aproveitar ao máximo qualquer episódio para

ganhar mais visibilidade, concentrar poder e atacar a oposição – atividades a que ele se dedicou com ânimo revigorado na última semana” (10/08/2011, p.94). Na disputa pela narrativa, Fidel Castro e Hugo Chávez na oposição à matriz hegemônica de *Veja*, segue na diegese como principais antagonistas. Mas, por ora, o que importa da participação nesta estória do personagem são mesmo as consequências da doença do venezuelano para Cuba. A rigor, após o sintoma do câncer, na ilha, o venezuelano se decidiu tratar-se com a medicina cubana, mas não fez uma boa escolha, pois, “[...] a ilha tem a maior taxa de mortalidade por câncer da América Latina, duas vezes e meia mais alta que a da Venezuela. Segundo dados da Organização Panamericana de Saúde” (10/08/2011, p.94). Mas é fato, na configuração da trama do narrador, que os Castro sabem da importância da sobrevivência do personagem para o moribundo regime.

Não se deve esquecer da condição do país comunista. “O sistema econômico implantado após a Revolução Cubana, em 1959, fracassou logo ao nascer. O país importa 80% dos seus alimentos e metade de suas terras produtivas está ociosa. Tudo é controlado pelo governo” (10/08/2011, p.94). Segue o narrador de *Veja* na tessitura de sua estória – por vezes repetitiva sobre os fundamentos que sustentam, no fio da narrativa, a matriz hegemônica do narrador, com seus efeitos: “A situação é tão precária que, para cada 8 000 pedreiros, existem 12 000 funcionários públicos encarregados de vigiá-los e impedir que roubem cimento ou tinta” (10/08/2011, p.94). Quem mantém o país respirando é a Venezuela (10/08/2011, p.94). Diariamente, o presidente venezuelano exporta para o país cubano “[...] 12 000 barris de petróleo *bolivariano*, que usa para gerar eletricidade ou revende a outros com lucro” (10/08/2011, p.94, grifo nosso).

Diante da doença de Chávez, os Castro decidiram tomar providência – sinalizando *medidas capitalistas* -, com abertura para o mercado. “O pacote permite a compra e a venda de imóveis (que, no papel, continuarão propriedade do estado) e de veículos. Subsídios estatais serão eliminados e pequenos negócios, incentivados” (10/08/2011, p.94). O regime também fará concessões para viagens ao exterior das pessoas comuns, pois a elite convive com privilégios, diferentemente dos outros cidadãos. No final, depois de tanto sofrimento, a ditadura vai se abrindo ao mundo capitalista. “Tantos sofrimentos. Tanta tortura de dissidentes. Tanta privação. Tanta parolagem. Por nada” (10/08/2011, p.94).

A rigor, o fim estava previsto para os personagens da ilha comunista, na tessitura da estória. Como vem sendo descrito pelo narrador, todos os caminhos levam ao capitalismo, de maneira natural. *Tantos [...] Tantas [...]* por nada. A estória segue as estratégias das intrigas que ficam no enquadramento dramático das disputas de poder entre um mundo do atraso comunista revelado nas pinturas e fachadas *versus* o capitalismo narrado, inevitável. No lugar comum, todas as águas vão para o mar, e, repetitivamente, o narrador dispõe na trama as realidades previstas, conforme as verdades narradas, com uso frequente de números, sem expor a origem dos dados, ou com base em organizações internacionais americanas, sem referências aos órgãos da própria América Latina, com frequência, que os manipula. No final, o bolivarianismo nascido com o personagem de Simón Bolívar, de integração latino-americana, vai sendo enterrado com Hugo Chávez, que deverá levar outro moribundo, a ditadura cubana, na última narrativa do episódio, em 2011.

Literalmente não há espaço para as vozes dos personagens, protagonistas e antagonistas, que ainda assim têm suas vozes polifônicas “subentendidas” nas narrativas, cuja teia faz parte de um novelo com várias pontas no imaginário social, na tessitura de uma narrativa a ser construída, na delimitação de sentido na diegese, com seus enquadramentos dramáticos. Não há também vozes neutras.

E o Brasil, do lulopetismo? Bem, depois de setembro de 2010, o narrador retoma a a estória no episódio com seu acontecimento-intriga, envolvendo as greves de fome dos dissidentes e a política do governo petista, mas somente em fevereiro, já em 2012. Porém, dali reinicia os pontos da narrativa com novos personagens e contexto, mas com as pontas do fio na diegese amarradas nas representações dos personagens protagonistas. Se a visita de Lula, então presidente brasileiro, a Cuba, motivou ampla discussão, a personagem de Dilma Rousseff, agora na presidência do Brasil, faz a narrativa retomar imaginários de disputas de poder ocorridas há quase dois anos, na esteira da matriz narrativa hegemônica de *Veja*. Os heróis da resistência em Cuba e suas batalhas pela democracia, que coincidem com o ano eleitoral no Brasil, em outro cenário, permanecem latentes. Rousseff, neste sentido, como antagonista da narrativa do semanário paulista, faz reviver os episódios anteriores e estado psicológico dos personagens, para a tessitura da trama, no jogo de poder. Inicialmente, deve-se entender: “Em boca Calada, não [...]” (8/2/2012, ed.2255, p. 68) – entra mosquito, completaria o leitor fixando-se o provérbio, de senso comum – escreve o narrador de *Veja*, no título de abertura da narrativa sobre o regime cubano. Na

disputa, os direitos humanos em Cuba, no Brasil e nos Estados Unidos, com destaque para as representações, na sequência da Narrativa, Dilma Rousseff e Raúl Castro (ditados e ditadores), substituindo os personagens no papel de antagonistas, Lula e Fidel Castro.

O ditador Raúl Castro está atento à câmara fotográfica registrando a cena, e olha diretamente para a lente do fotógrafo, em pose, mas Dilma Rousseff continua cochichando com o comandante, sem notar a presença do profissional-narrador, sendo flagrada na relação de proximidade ideológica com o cubano, cuja imagem ganha mais destaque (106cm/col.) na estória de *Veja*, com seis colunas, do que a parte textual do narrador-jornalista, com apenas duas – a imagem fala por si só, parece sugerir o narrador. A presidente brasileira é uma amiga dos comunistas, “[...] falando com coração de militante, não com a cabeça de chefe de estado.” (8/2/2012, p. 69). Na abertura, no subtítulo, o narrador apresenta o fio da narrativa, pois “A presidente Dilma resolve falar sobre direitos humanos em Cuba. Mas sobre como são falhos nos Estados Unidos, no Brasil, no *mundo inteiro. Menos na ilha dos irmãos Castro*” (8/2/2012, p.69, grifo nosso).

Qualquer chefe de estado que faça visita a Cuba deve saber que os jornalistas devem perguntar sobre direitos humanos, nenhuma novidade, e, para tanto, deve estar preparado. Se ela for usar provérbios bíblicos deve saber distingui-los, entre “Quem tem telhado de vidro não atira pedra no vizinho” (8/2/2012, p.69), que foi usado por Dilma Rousseff, mas que não considerou também: “Aquele de vós que estiver sem pecado atire-lhe a primeira pedra” (8/2/2012, p.69). Embora não ignore esta diferença, desta vez, não comumente, quando prefere os discursos ensaiados, optou pelo improviso, pode ser a causa da confusão. Talvez seja mesmo em razão do clima “[...] caloroso em Havana, na semana passada, Dilma então aceitou o ‘quebra queixo levinho’” (8/2/2012, p.69), como ela definiu. A rigor, “[...] o contorcionismo moral, lógico e conceitual com que respondeu a mais previsível das perguntas só tem explicação no discurso reprimido que permeou suas declarações” (8/2/2012, p.69). A personagem de *Veja* toma a palavra: “Vamos começar a falar de direitos humanos no Brasil, nos Estados Unidos, a respeito de uma base, aqui, chamada Guantánamo. Vamos falar de direitos humanos em todos os lugares” (8/2/2012, p.69). Na sua condição psicológica, quis dizer “[...] de verdade, os Estados Unidos são intrinsecamente maus, a Cuba castrista é essencialmente uma vítima” (8/2/2012, p.69), diz o narrador-jornalista. Continua a personagem:

Não é possível fazer da política de direitos humanos só uma arma de combate político-ideológico. O mundo precisa se convencer de que é um assunto sobre o

qual todos os países têm de se responsabilizar. Quem atira a primeira pedra tem telhado de vidro. Nós, no Brasil, temos o nosso (8/2/2012, ed.2255, p. 69).

No final, a personagem antagonista quis dizer, conta o narrador, no diálogo com o personagem, em seu interior: “Americanos maus usam a questão dos direitos humanos para perseguir o comunismo ilhéu; portanto, qualquer discussão sobre o tema já é condenável em princípio” (8/2/2012, p.69).

A disputa pela voz na narrativa, na condução do fio da estória para o pano de fundo, exige do narrador de *Veja* dar ordem ao caos de enunciados em disputa, pois existem várias maneiras de agradar os amigos “[...] sem indicar que o regime cubano merece ser mantido numa redoma blindada” (8/2/2012, p.69). A *verdade* precisa vir à tona, pois

Não é preciso ser pró-americano para entender que democracias combatem melhor suas deficiências – os Estados Unidos não só abandonaram as patéticas tentativas de plantar charutos envenenados nas imediações de Fidel Castro como, por iniciativa de seus próprios cidadãos e líderes políticos, acabaram restaurando os processos devidos aos presos de uma guerra terrorista (8/2/2012, ed.2255, p. 69).

Nos países democráticos se decide pela paz e pela guerra, entre cidadãos e líderes políticos. Escreve o diplomata Paulo Roberto de Almeida: “Colocar todos os países em um mesmo patamar de ‘desrespeito’ aos direitos humanos é impróprio e inadequado, pois regimes democráticos costumam dispor de mecanismos de controle do Poder Executivo, inexistentes nos regimes totalitários” (8/2/2012, p.69), como é o caso de Cuba. Almeida que “[...] hoje dá aulas de política externa brasileira na Universidade Sorbonne, em Paris” (8/2/2012, p.69), apresenta o currículo do personagem, o narrador de *Veja*, legitimando-o, o que se torna fundamental na configuração da diegese e prossegue: “Essa diferença [a que disse Almeida] - é crucial: se governos americanos cometem abusos ou o estado brasileiro viola direitos, as respectivas sociedades dispõem de instrumentos para protestar e lutar pela reparação” (8/2/2012, p.69). Em Cuba comum violar “[...] direitos burgueses, é claro, é parte constituinte da política de Estado” (8/2/2012, p.69).

Se Lula comparou bandidos de São Paulo com dissidentes cubanos, como o pedreiro Orlando Zapata, morto por greve de fome, “Dilma, agora, igualou os dissidentes cubanos a presos apenas por pensar diferente de Castro&Castro, aos terroristas assassinos em massa da Al Qaeda. Nesse quesito, o do *transe ideológico*, Dilma superou o mestre” (8/2/2012, p.69, grifo nosso). O cientista político Rubens Figueiredo conta que “Ela entrou em euforia psicológica por idolatria a Cuba e não calculou o impacto do que estava

falando” (8/2/2012, p.69). Nesse sentido, conta o narrador de *Veja*, “[...] o esquerdismo é uma doença juvenil difícil de ser superada sem autocrítica, mas não pode suplantar a dignidade humana – esta, sim, um valor incondicional” (8/2/2012, p.69).

No fio da narrativa, como estratégia do narrador, a presidente brasileira, como antagonista, se separa de seu cargo representativo para se tornar uma colegial, revivendo tempos de sonhos estudantis, de um mundo ideal. Nesse sentido, distante da realidade política de referência para uma nação, devendo seguir uma ordem política.

Nas entrevistas, o melhor para Dilma Rousseff é deixar os provérbios só com Jesus: “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus”, repete o provérbio bíblico o narrador, como princípio da determinação daqueles que buscam a justiça “a dignidade humana”, apesar da injustiça – dos perseguidores, como os ditadores cubanos.

O narrador, assim como as personagens, exploram o imaginário popular com disputas sobre os provérbios bíblicos, cada qual se adequando ao seu propósito para o convencimento ideológico. O narrador-*Veja* vai além, com a aproximação da semelhança entre os dissidentes cubanos e os discípulos de Jesus Cristo, aqueles que buscam por justiça, “porque deles é reino dos céus” (8/2/2012, p.69).

Com o poder da organização dos personagens e suas intervenções, o narrador está permanentemente no enfrentamento com a personagem Dilma Rousseff, presidente do Brasil, como agente da estória, a qual não sabe distinguir a verdade – “pessoa preparada” -, as diferenças dos provérbios bíblicos, quando ataca os Estados Unidos, como um ator social que não segue a cartilha dos Direitos Humanos, ao torturar presos de guerra em Guantánamo – na concepção da brasileira um antagonista nesta estória. A prisão está em território cubano, mas sob o domínio do vizinho do norte, e também parte das narrativas de denúncia veiculadas mundialmente da falta de respeito aos direitos humanos. Assim, no fio da narrativa de *Veja* está o Terrorismo (Al Qaeda) de Dilma *versus* dissidência política cubana, seguindo o roteiro do narrador em suas comparações estratégicas, na sequência de comparações de Lula, em *flashback*, entre Orlando Zapata dissidente cubano, e presos comuns paulistas.

O seu estado psicológico conturbado diante de uma questão difícil, como a falta de respeito pelos Direitos Humanos dos ditadores cubanos amigos, leva a personagem Dilma a se esquecer de seu papel na política brasileira, como presidente de uma nação, e não

exatamente de uma colegial com “euforia psicológica”, de “esquerdismo juvenil”. O narrador coloca a personagem em seu lugar, considerando o fio narrativo que conduz, e em negociação com o leitor. Assim, o enquadramento dramático, como o tamanho da narrativa imagética, com destaque para os dois líderes novos, sem a representação conquistada pelos antecessores, orquestrando artimanhas contra a “dignidade humana”.

As vozes da presidente são sempre confrontadas com personagens de “profundo” conhecimento acadêmico, como o professor que “[...] dá aulas de política externa brasileira na Universidade Sorbonne, em Paris” (8/2/2012, p.69), o diplomata Paulo Roberto de Almeida. “Ela entrou em euforia psicológica” (8/2/2012, p.69), diz o Cientista Político Rubens Figueiredo. Enfim, “[...] deixar os ditados de lado e ficar só com Jesus” (8/2/2012, p.69).

Dessa maneira, ao lado do leitor, o narrador de *Veja* segue a narrativa com sua negociação de sentido para uma conclusão sintomática: “Em boca calada [...]” (8/2/2012, p. 68), juvenil, não entra mosquito. Desvela, no final, a simplicidade ideológica da antagonista, a nova presidente brasileira, a petista Dilma Rousseff. Cuba é um país de ditadores, uma ilha-prisão, sem respeito aos direitos humanos, uma afronta à democracia, seguida por países desenvolvidos em que há controle do poder executivo, como o modelo dos Estados Unidos, que, no diálogo entre população de líderes políticos decidem a guerra, contra o terrorismo e escolha de seus presos, terroristas.

No que se refere ao poder das vozes na narrativa, nas disputas da estória de *Veja*, em duas páginas, os personagens somaram 158 palavras, sendo que os antagonistas receberam espaço para 84. Dilma Rousseff, 79 e Lula, 5; os protagonistas obtiveram do narrador o direito a 51 palavras, com as vozes de Paulo Roberto de Almeida, diplomata, professor da Universidade Sorbonne, em Paris, 33, e Rubens Figueiredo, cientista político, 18. Por sua vez, o seu adjuvante de protagonista, Jesus Cristo, com 16, perfazendo, no total, 74 palavras. Não há intervenção de vozes neutras.

Indústria cultural de uma ilha comunista

O capitalismo está se expandido para as comunidades comunistas latino-americanas como a cubana, o que coloca a “Ilha na encruzilhada”, pois, “No ano em que o bloqueio americano completa meio século, o país vive um *momento ímpar – fascinante e dramático*

-, a meio caminho entre o *socialismo que morreu e o capitalismo que ainda não nasceu*” (5/12/2012, ed.2298, p.140-141, grifo nosso), conta o narrador de *Veja* no título e subtítulo, respectivamente; cerca de 10 meses depois, de uma estória rarefeita, em 2012, diferentemente de 2010, quando ocorreu maior quantidade de narrativas sobre o país da ditadura cubana.⁵¹ Na encruzilhada está um carro antigo – novamente o imaginário do carro como símbolo do atraso, e velho, dos fundamentos econômicos - em uma via ampla que dá passagem para outros lugares. Ao lado do carro, o título “[...] a ilha na encruzilhada, em preto e branco”, abaixo do carro do tamanho do veículo, sendo que, à frente, está com ampla destaque a palavra “CUBA”. Diante do carro parado a imagem se revela escura; há uma luz icônica do sol que incide sobre um garoto de bicicleta, carregando uma sacolinha, sinalizando a necessidade de virada do carro-Cuba, o que rapidamente é visto pelo leitor, numa relação com a composição dramática da narrativa, cujos signos sugerem, num primeiro momento, novos caminhos.

No final, a narrativa do narrador-veículo (110 cm/col.), em uma página e uma coluna, sintetiza a estória, como uma introdução, “Avanço e Recuo: Sem a ajuda soviética, a revolução perdeu o rumo. Até as conquistas em saúde e educação estão desmoronando. Cuba tateia para descobrir seu futuro. Infelizmente, a teoria marxista-leninista não previu a transposição do socialismo para o capitalismo” (5/12/2012, p. 141), na legenda, como o caminho inevitável a percorrer em tempos de globalização – o que significa também de suas estórias em disputa.

Como exemplo das dificuldades vividas pelo regime cubano, na sua transição para o capitalismo, está a situação que viveu a personagem Mercedes Miguez, com 60 anos de idade, ao decidir mudar de imóvel em Cuba. Em condições de melhorar de vida, com pensão do marido, passou a assistir ao Canal de TV Habana. Assim, como o quadro econômico da ilha, as mídias vivem a mesma crise da transição, pois se responde funcionalmente o papel de apresentar os imóveis, os telefones dos donos, o meio de comunicação não revela preços. “Pior: leitura é apresentada na grade da emissora como um programa apenas para permuta de imóveis, e não para compra e venda” (5/12/2012, p.141), um veículo que está mais para o rádio do que para o estilo televisão, se comparado com os modelos de comunicação da cultura dos tempos pós-modernos, sempre com produções em

⁵¹ 2010 é tempo da narrativa de *Veja* é o do Brasil envolto nas eleições presidenciais. Na estória em tela, a matéria de capa envolve os personagens Lula e sua secretária Rosemary Noronha, durante o último governo do petista, com denúncia de corrupção e abuso de poder.

evolução e mercantis. Na Cuba dos Castro até os flanelinhas dos estacionamentos são servidor público, o que demonstra a distância para “uma economia de mercado” (5/12/2012, p.141), em um ilha em que os compradores não têm financiamentos. Contudo, a personagem de 60 anos “[...] teve sorte: mudou-se para a nova casa” (5/12/2012, p.141).

Embora proibida a corretagem de imóvel no país, informalmente ela existe, com reunião dos corretores “no Paseo del Prado, ao ar livre. O preço dos imóveis corresponde a um terço do real. Tantas as *disfunções* que a maioria das pessoas continua recorrendo à antiga permuta” (5/12/2012, p.141, grifo nosso), de modo a dar “um vuelto” (uma volta), ainda que por debaixo do pano.

Mas Cuba começou a mudar com a saída de Fidel Castro, 86 anos, e entrada no comando do país de Raúl Castro, 81 anos, desde o ano passado (2011, oficialmente) – octogenários do comunismo. O irmão comunista, como medida de mudanças em seu governo: “Soltou mais de 100 presos políticos, assinou a convenção da ONU sobre direitos humanos e começou a introduzir reformas econômicas – não por convicção, mas por necessidades” (5/12/2012, p.142), pressionado pelos novos tempos. Daí em diante, não somente imóveis, os cubanos podem comprar e vender carros, “[...] abrir pequenos negócios, contratar empregados e trabalhar como autônomos – e, por alguma razão *todas as velhinhas* pobres decidiram vender amendoim nas ruas” (5/12/2012, p.142, grifo nosso). Contudo, o país vive num “[...] universo dubio, difuso, quase impenetrável no qual *os cubanos oscilam entre o mundo oficial e o mundo real*” (5/12/2012, p.142, grifo nosso).

Apesar da abertura para comprar e vender carros, o mundo oficial impede que todos os cubanos tenham o seu automóvel, pois com salário de 20 dólares e carros custando entre 3 000 e 5 000 dólares, torna-se impossível para os funcionários públicos, uma fortuna. Além do que “[...] também não existe financiamento de automóvel. A burocracia é infernal” (5/12/2012, p.142). A gasolina para os moradores da ilha é mais cara, com o “peso conversível” [...] “Resumindo: o cubano pode até comprar carro, mas só usado, só à vista e só pagando combustível em moeda forte” (5/12/2012, p.142).

Na virada para o capitalismo, em outubro, os cubanos festejaram a liberação previsível das viagens para o exterior. “O jornal Granma, esgotou-se nas bancas” (5/12/2012, p.142) – cumpriu sua função de informar, diferentemente de narrativas anteriores. A medida tem vigor em janeiro, mas as restrições existem, sendo que “[...] todos os passaportes terão que ser atualizados” (5/12/2012, p.142), o que coloca os

cubanos reféns do regime, e ainda pagando 100 dólares, ou cinquenta meses de salário. “A lei proíbe a saída de profissionais da saúde, pesquisadores, atletas e opositores, para evitar uma fuga de Cérebros” (5/12/2012, p. 142-143). Como diz o personagem de *Veja*, um diplomata: “Cuba só vai perder trabalhadores não qualificados” (5/12/2012, p.143).

Diante do quadro de dubiedade do regime comunista, com sua transposição para o capitalismo, criou-se “uma realidade nebulosa” (5/12/2012, p.143) para o povo cubano - *la doble moral*. Devido aos baixos salários, a ilha virou “o país do desvio” (5/12/2012, p.143). Desvia-se de tudo, de charuto a remédios. “Um abastado morador de Havana conta que não se acham cloro, nem algicida no país para tratar água de piscina” (5/12/2012, p.144). A solução foi contratar um piscineiro. “Eles os desviam de algum lugar. Deve cuidar de piscina de algum hotel, que provavelmente importa os produtos químicos” (5/12/2012, p.144, grifo nosso), descreve o personagem – sem identificação. A população cubana, no papel de protagonista, busca maneira alternativa ao poder do estado, no sentido de obter sustento, na informalidade. Um país que segue para o capitalismo.

Com as novas medidas de Raúl, no entanto, os agricultores agora podem negociar com os verdureiros, sem a intervenção do regime oficial, comunista. Uma evolução nesse sentido. O abastecimento da cesta básica comunista melhorou, porém, faltam muitos produtos, “emagreceu”, com a falta de produtos básicos. “Uma tragédia, conta o senhor que esteve em duas missões militares, ambas em Angola, e hoje dirige um Chevrolet de 1951, como motorista de táxi” (5/12/2012, p.144, grifo nosso) – que estão entre as 181 atividades ilegais. O personagem completa: “Es to-do uma men-ti-ra” (5/12/2012, p.144), quando se refere ao pagamento de imposto mensal de 10% para o governo comunista, sem haver taxímetro, que controla a quilometragem das viagens no táxi, sob a qual regula o valor dos impostos. O leitor pode observar um taxista em destaque (30cm/col.) acima, escorado em seu Mercury de 1957, vermelho e branco, em ruas cubanas, olhando para o horizonte – da transposição – com camiseta, calça jeans e óculos escuros no alto da testa, cujos signos são indiciais do atraso do ainda comunismo cubano – não o personagem senhor do Chevrolet 1951.

O atual estágio de Cuba - como referência simbólica -, não combina “[...] com as novelas de John Le Carré, mas é um bom cenário para Macondo de Gabriel García Márquez, cidade fantástica de *Cem Anos de Solidão*” (5/12/2012, p.146, grifo do autor)⁵².

Onde mais o encarregado de receber e passar recados telefônicos aos vizinhos seria um nonagenário mudo, vítima de um câncer de garganta? Onde mais a moradora de um cortiço pouparia todo o dinheiro extra para dar uma festa de aniversário a uma boneca negra? Em que outro lugar um teatro com uma esplêndida arquitetura, meio em reforma e meio em ruínas, apresentaria uma espetáculo dirigido por uma bailarina cega? “Sala García Lorca apresenta 23. Direção geral de Alicia Alonso”. Onde mais um senhor idoso percorreria o Malecón, famosa orla de Havana, à noite, badalando uma sineta, carregando duas imagens de São Lázaro e pedindo esmolas para o santo? E na falta de esmola, oferecendo mulheres? “*Las más baratas de La Habana*”. Em que outro lugar se encontraria um dublê de carola e cafetão? (5/12/2012, ed. 2 298, p. 146, grifos do autor).

Nesta *cidade-estado fantástica*, nada é linear. Como pano de fundo, escreve o narrador: “Cuba que vive numa encruzilhada, entre o socialismo que morreu e o capitalismo que ainda não nasceu. Na teoria marxista-leninista, não existe transição do socialismo para o capitalismo” (5/12/2012, p.146). O caminho seria socialismo para o comunismo, agora, com a travessia para o capitalismo neoliberal, “Cuba não sabe como caminhar na transição, não tem modelo, bússola” (5/12/2012, p.14). Está simplesmente tateando entre o modelo do Vietnã e o da China, diferentemente da União Soviética – extinta, em virtude dos fundamentos comunistas marxistas-leninistas.

O país comandado pelos Castro convive com prédios decrepitos, pobreza e prostituição por todos os lados. A culpa, como sempre, seria do embargo econômico dos Estados Unidos, que completa meio século. Apenas desculpas, pois o país esteve melhor com dinheiro soviético, com melhorias da saúde e da educação. Hoje a educação vai mal e a saúde com escassez de remédios. Em resumo, “[...] a desigualdade já foi parecida com a da *Noruega*. Hoje, é igual à do *Chile*” (5/12/2012, p.148, grifo nosso).

Acima na narrativa do veículo, está imagem de meia página com uma grua em meio aos prédios antigos “imagem raríssima” (5/12/2012, p.148), de um país, cuja capital sofre as consequências do atraso. À beira-mar um prédio e casas em construção, sendo

⁵² Ou seja, no pano de fundo do narrador de *Veja*, a ilha dos Castro na atualidade econômica, não tem referência simbólica ao mundo da espionagem do Inglês John Le Carré, numa relação com as disputas entre o regime comunista com o capitalismo dos Europa/Estados Unidos; mas, um país da cidade imaginária de Gabriel de Márquez “Macondo” a qual se projetava com objetivo de transcender para o futuro, o que nunca ocorreu, terminando-se em ruínas. Apenas uma “cidade fantástica”, em razão da falta de perspectiva capitalista, tornou-se um lugar fantasma. Para os conhecedores das obras dos dois atores, um inglês e outro latino-americano, a ilação põe em contraste o poder simbólico e também a representação dos dois modelos sociais.

contrastados com os carros – novamente os carros como símbolo – antigos nas ruas da capital. Para não deixar dúvidas quanto às dificuldades vividas, está a imagem (16,4cm/col.), no rodapé, de um senhor sobre uma sacada de um prédio, absolutamente em ruína, “uma Dresden⁵³ dos trópicos” (5/12/2012, p.148), quando se pode ver roupa enxugando em varais à vista da rua – sinônimo de pobreza de uma cidade fantástica.

Os contrastes na narrativa-veículo de *Veja* são permanentes, na complementação e ultrapassando os limites das referências do próprio narrador-jornalista, no texto. Assim, Shoppings com amplo destaque (70 cm/col.), ao lado de Centro distribuidor de alimentos da cesta básica, com mulheres encostadas no balcão, com sacolas nas mãos vazias, e, se olhassem para cima, veriam a imagem de Che Guevara e bandeira de Cuba, na parte mais alta – líderes da Revolução Cubana. “Comida e Fome” (5/12/2012, p. 142-143), no mesmo país, conta o narrador, (5/12/2012, p.142). Na sequência, o rico mercado de roupas e produtos da moda *versus* mercado informal, lado a lado, na imagem de *Veja*. Uma moça (18,75cm/col.), diante de uma loja finíssima, mexendo em seu celular; e numa outra imagem (18,75cm/col.), rapaz atende cliente em uma portinha, com vários produtos do mercado informal, da feira de rua: salário e esmola contrastam na narrativa (5/12/2012, p.144). Mais abaixo, (33 cm/col.), uma velhinha de 76 anos, caminhando com dificuldades em seu terno vermelho – símbolo do comunismo - e sacolas sobre o ombro, vendendo amendoim - “todas foram para a rua” (5/12/2012, p.144). Na sequência, na janela de um imóvel antigo está escrito: “Se Permuta” (5/12/2012, p.146), numa referência (18cm/col.) à abertura do mercado imobiliário para compra e venda, do capitalismo, na transição do comunismo, “Casa e Carro” (5/12/2012, p.146).⁵⁴

O contraste da realidade entre o oficial e o real, do comunismo e do capitalismo, esclarece a dificuldade para a transição dos cubanos para o mundo da pós-modernidade que faz parte dos mercados globalizados. A narrativa, em processo de negociação com o leitor, nos efeitos de sentidos, na relação com seu imaginário, faz com que haja a percepção mais segura sobre o decrépito mundo vivido pelos cubanos, na busca da catarse nos signos narrativos. Dos Shoppings, da comida com fartura e das instituições comunistas

⁵³ Novamente o narrador faz referência ao imaginário do leitor, para fazer comparações com a Cuba comunista. Desta vez, traz a imagem de cidade alemã, capital e residência dos Reis, que grande desenvolvimento cultural e artístico. No entanto, sendo bombardeada na Segunda Guerra tornou-se apenas referência cultural de outros tempos (Wikipédia).

⁵⁴ Entre as narrativas de *Veja*, de 7 páginas, o mundo real do capitalismo está presente nas folhas do semanário, com Relógios Vivara, Tabletes Philco e sandálias Usaflex, todas as publicidades de página inteira, nas ímpares, cujo espaço é mais valorizado no semanário, em decorrência da percepção do leitor.

da fome. Dos meios de comunicação que não exercem sua função de apresentar o moderno, mas patinam na sua proposta de exercer sua funcionalidade simples de informar e vender, em consonância com os grandes conglomerados da indústria cultural, na referência do narrador. A televisão cubana está mais para uma emissora de rádio, sem uso da imagem, e, sim, da voz, para informar sobre o mercado de imóveis. No capitalismo todos ficam rapidamente bem informados sobre os detalhes dos produtos, conforme desejo do cliente, como uma realidade do Brasil, por exemplo.

O velho e o novo estão em foco nas imagens indiciais do veículo, com referência efusiva aos carros e imóveis, o que se mostra uma constante nas narrativas sobre Cuba neste episódio. A liberdade para comprar e vender e o incentivo do estado para o consumo, com liberação de créditos – estatais, bancários, do sistema financeiro. Enfim, os símbolos do atraso permeiam toda a narrativa, no seu projeto dramático, definindo o pano de fundo, o da necessidade da democracia capitalista da ilha dos Castro.

Os simbolismos, como resultado de meio século de comunismo, que podem ser observados nos exemplos do fim catastrófico do marxismo-leninista, dos tempos da União Soviética, com imagem do contraste entre o sucesso capitalista e o fracasso dos comunistas, derrotados – uma estratégia da narrativa dos contrastes nas imagens e símbolos, o que se mostra persistente no fio da narrativa, de maneira estratégica, como já anotamos. Cuba, o último bastião, cravado na América Latina, cuja realidade pode fazer referência à cidade-nação fantástica de Macondo, de Gabriel Garcia Márquez, e não dos romances ingleses, de espionagem, do embargo econômico; porém, como nunca, um povo já com comportamento dúbio entre o oficial e real, na encruzilhada, devendo-se decidir, e sem volta,

As vozes da narrativa de *Veja*, em sete páginas, foram consideradas todas de adjuvantes dos protagonistas, observando apenas como forma de dar verossimilhança à realidade descrita pelo narrador-jornalista, com 49 palavras. Faz parte desse grupo de vozes: um diplomata; um abastado morador de Cuba; um senhor taxista; propaganda de teatro; um senhor idoso que pede esmola. Ressalta-se, nas análises, a falta de identificação dos personagens com seus respectivos nomes e origens, como é o caso do diplomata e do abastado morador cubano. Assim sendo, nenhuma voz dos protagonistas, antagonistas e neutras.

Veja dá sequência a sua narrativa sobre a ilha dos Castro, nas páginas que seguem, na mesma edição, com enfoque na censura das palavras; porém, em Cuba, a população está “Em busca de voz”. Mas “A ditadura exerce controle rígido sobre a informação – no rádio, no jornal, na TV, na internet, na telefonia -, mas os cubanos estão descobrindo no Twitter sua *arma de resistência*” (5/12/2012, ed. 2298, p. 150, grifo nosso). Uma multidão em luta para adquirir telefone celular em promoção, com venda da estatal, e da marca Samsung. O guarda da empresa Sepsa, estatal, na abertura da narrativa (45 cm/col.), tenta controlar os milhares enfurecidos pela oportunidade de comprar o aparelho. Logo abaixo, a ironia da realidade comunista, cuja política impede os populares de usar os novos dispositivos de comunicação *on-line*, dos tempos pós-modernos. Em um antigo telefone está escrito “Black Berry”, numa composição dramática, ao lado de uma boneca negra vestida de amarelo, sobre uma cadeira, girassóis murchos, em um vaso caracterizado, um globo e um vaso em forma de garrafa, com flores também murchas. Conta o narrador na legenda “A comédia: ‘Black Berry’ cubano, na sátira do artista plástico Salvador Gonzalez no Callejón de Hamel” (5/12/2012, ed. 2298, p. 150).

Na sequência da narrativa imagética do narrador-veículo, na descrição do mundo tecnológico de Cuba castrista, estão, no alto da página que segue (52 cm/col.), com destaque, três jovens fazendo uso de um notebook, surgindo na direção da porta intensa luz icônica – repetindo a sensação de horizonte, numa primeira impressão sobre o mundo que se abre para os jovens, ladeados por estruturas da mais antiga Universidade da América. Logo abaixo, na continuidade da sátira (19,6 cm/col.), uma máquina fotográfica, envelhecida, com uma pequena tábua que a sustenta e uma folha com os dizeres: “Internet.Com Trabajo Correo. El de la Esquina. Infanta y San Lázaro como.punto” (p. 150) – Numa tradução livre: Trabalho e-mail. Na esquina. Em frente a San Lázaro, como.punto (em outro sentido, enfadado).

Em essência, na narrativa imagética do narrador, Cuba busca outras palavras na descrição de outro mundo democrático e com liberdade. A tecnologia torna-se um anseio incontido pelo regime, que tenta dominar uma população inteira, com o poder ideológico das suas palavras. O objetivo é o de impedir o conhecimento da realidade exterior, da democracia e da liberdade, além da riqueza e do desenvolvimento econômico. Nesse sentido, se definem os protagonistas e antagonistas de um mundo da fazenda e da senzala e

a busca pela liberdade de narrativas anteriores. Nesse ínterim, a identificação do leitor com os personagens protagonistas do projeto dramático de *Veja*.

A rigor, conta o narrador, o regime cubano vai até onde a elite quiser, mas também o povo pode decidir seus rumos. “Em Havana, a população vive insatisfeita, reclamando da escassez, dos baixos salários e da falta de liberdade, *mas não há vestígio de revolta*. Essa aparente apatia é fruto também do tremendo isolamento em que os cubanos vivem. A internet é inacessível” (5/12/2012, p. 150, grifo nosso), à maioria da população. Além do mais, a TV a cabo é clandestina. “*Estima-se* que 90% da população só tenham acesso a televisão, rádio e jornal oficiais” (5/12/2012, p. 150, grifo nosso). Como exemplo de domínio ideológico da população pela mídia oficial, “por esses dias” o que dizem ser um “clamor mundial” (5/12/2012, p. 151) faz referência a “[...] bloqueio americano ao país, a pressão internacional pela libertação de cinco cubanos presos nos Estados Unidos e a insidiosa campanha capitalista contra Síria e o Irã” (5/12/2012, p. 151), além da propaganda contra o capitalismo da crise na Europa.

Em essência, a cada passo da narrativa, implicitamente se descortinam as disputas pelas estórias, na sua diegese e personagens com seus modelos políticos em disputas. *Veja* segue na sua matriz narrativa, de modo a contrapor as narrativas de outras ideologias políticas.

A abertura do regime para a venda de celulares pelo irmão de Fidel, o comandante mais novo, Raúl Castro, começou a mudar o cenário, em 2008. Hoje é possível comprar um aparelho de celular no país, que aumentou o número, mas são caríssimos para os padrões locais, além do alto custo das ligações, o que torna uma cena rara na ilha, porém tradicional no Brasil, de pessoas falando ao celular na rua.

Apesar dos altos valores estratégicos, os cubanos começam a usar uma ferramenta de comunicação para enviar mensagem, que pode provocar uma revolução, o Twitter. Pessoas, como a blogueira Yoani Sanches, que, devido à censura na ilha, passou a ser mais conhecida no exterior, tem agora a vida facilitada para enviar mensagem para seus conterrâneos. “O twitter também é usado por jornalista independentes, ilegais e cada vez mais numerosos” (5/12/2012, p. 151). Conta a blogueira que “[...] a liberação dos celulares abriu a caixa de Pandora na ilha caribenha” (5/12/2012, p.151). Com o dispositivo de comunicação haverá mais estórias das mídias internacionais, na disputa com a voz estatal da ilha-cárcere dos Castro.

“As estatísticas mais recentes indicam que há 750 000 computadores em Cuba, com quase 2,6 milhões de usuários – dos quais 450 000, por razões profissionais, são autorizados pelo governo a conectar-se à internet” (5/12/2012, p. 151). No Palácio Central de la Computación, na Havana Velha, existem 30 computadores com acesso gratuito para a população, porém na Intranet e Infonet, que são sistemas controlados pelo governo. E cada um só pode acessar, por duas horas, apenas. “Na cidade quente e à beira-mar, é expressamente proibido entrar no palácio da comunicação de chinelos de dedo. Somente três hotéis de Havana oferecem rede wi-fi” (5/12/2012, p.151-152). As “tarjetas de internet” que são vendidas nos demais estabelecimentos têm preços exorbitantes, 6 dólares a hora; longe do alcance dos cubanos que recebem por mês salário de 20 dólares.

Como sinal dos novos tempos de Cuba, numa quinta-feira, de frente à estatal de telecomunicações, um tumulto tomou conta do lugar, com 150 pessoas, tentando aproveitar uma promoção de celulares, que era dirigida somente para cubanos. Vale ressaltar um dado curioso, no entanto, a Etecsa, a empresa que comercializa os aparelhos, que fica na “Avenida *Salvador Allende*, presidente socialista do *Chile* morto em palácio, mas todos os cubanos a chamam pelo antigo nome de *Carlos III*, o rei da *Espanha*”, conta o narrador, dando continuidade a sua diegese, na configuração dos personagens e desconstrução simbólica dos antagonistas. Ninguém queria perder as vantagens de comprar um celular e ganhar a mesma quantidade de créditos. Ademais, “Os que usam os celulares para fins políticos têm benfeitores. São grupos anônimos que, do exterior, adicionam créditos aos celulares cubanos on-line” (5/12/2012, p.152).

Aos poucos, a ilha vai se tornando uma aldeia global, com mais tecnologia e comunicação. Como narra *Veja*, impossível não sofrer mudanças políticas pela pressão dos grupos políticos locais com relações globais e de oposição ao estado nacionalista.

A narrativa segue o roteiro das disputas entre global e local (nacionalista). Um país dos almedrones, “[...] os carrões americanos da primeira metade do século passado, ainda rodam pelas ruas” (5/12/2012, p.153). Há pessoas com os tradicionais dentes de ouro, as lojas na ilha comunista fecham para balanço contábil. Nos aeroportos ainda se usam papel e lápis para anotações de venda de vistos. Na Universidade de Havana, a mais antiga da América, os computadores usados pelos alunos são da década de 90. “Na biblioteca, há três terminais para pesquisar o catálogo digital, mas o uso mais frequente é dos velhos armários com gavetas e ficha de papel” (5/12/2012, p.153), diferentemente do que ocorre em outros

países, em que estudantes dispõem de iPods e smartphones. Tantas dificuldades na ilha pelo acesso à tecnologia se dão em função da tentativa de controle do regime na política e nenhum interesse no desenvolvimento econômico. Tudo é vigiado. “No penúltimo domingo de outubro Cuba foi às urnas para escolher vereadores. Todos os candidatos são do Partido Comunista, que tem 800 000 filiados e uma ala jovem com 700 000 militantes. Não havia carro de som, comício, passeata, propaganda na TV” (5/12/2012, p.153). Para o eleitor, apenas um folha de papel afixada nas vitrines com a biografia do candidato em 3/4. “É a lei Falcão cubana” (5/12/2012, p.153) ⁵⁵. Diante disso, como forma de ironizar a realidade vivida na ilha, o artista plástico Salvador Gonzalez fez uma sátira com os meios de comunicação de Cuba. Em seu estúdio: um antigo aparelho de telefone é chamado de “Black Berry”, a velha máquina de escrever, de “Internet”. E também é por isso que se diz que Cuba vai onde à elite comunista quiser. “Ela controla tudo” (5/12/2012, p.153). A solução para esse controle autoritário, na defesa do atraso pelo regime comunista, deverá ocorrer em algum momento pelo povo, e que diante das adversidades se decida pelo pós-moderno.

As disputas estão na identificação com o leitor, de modo a evidenciar a falta de apoio para seus símbolos, como é o caso da disputa pela construção do imaginário, ao descrever a recusa da população pelo nome da Avenida Salvador Allende, presidente *chileno* que sofreu golpe de Estado, como descrito anteriormente, pelo antigo nome do rei *espanhol*, Carlos III. De fato, vem se mostrando uma estratégia permanente do narrador na diegese, sempre comparando a América Latina com países da Europa e Estados Unidos, com vantagem nas vitórias, desenvolvimento econômico e cultural desses centros econômicos e poder político global.

Além do imaginário, efetivam-se as disputas de vozes, ao contrapor as mídias controladas pelo regime cubano, sendo aquelas que querem tornar os acontecimentos-intrigas um fator que favoreça ideologicamente o comunismo, os adversários do modelo defendido nas narrativas hegemônicas. Assim, nas disputas, está a desconstrução do neoliberalismo pela mídia cubana: “clamor mundial” contra o bloqueio americano; pressão internacional pela libertação de cubanos presos nos Estados Unidos; insidiosa campanha capitalista contra a Síria e o Irã. A batalha está pelo controle (diegese), na ordenação das tramas que convirjam para a construção de uma hegemonia narrativa, o que, de forma

⁵⁵ Lei brasileira criada durante o regime militar, para limitar a propaganda política dos candidatos, como referência do narrador, sem considerar a aproximação dos militares brasileiros com o capitalismo ocidental.

pragmática, se concretiza de maneira provisória, a partir das disputas que se evidenciam. A tecnologia passa a ser uma forma de inserção de vozes de outros lugares, com protagonistas para a pós-modernidade, de uma sociedade que evolui, em conformidade com o desenvolvimento econômico capitalista.

Os números continuam sendo aqueles que estabelecem a verdade. “Estima-se” que 90% da população só tenham acesso à televisão, rádio e jornal oficiais; “As estatísticas mais recentes indicam [...]”; etc. Na relação semiótica, as luzes de forma icônica, numa relação com as tecnologias, de modo a apontar para um mundo iluminado de conhecimento e desenvolvimento, de futuro. Sobretudo para os jovens de uma ilha comandada pelos antigos, a elite comunista dos octogenários.

As vozes estão em disputa pelas estórias nas mediações, portanto. Paradoxalmente, no entanto, nesta narrativa de três páginas, somente os protagonistas mereceram espaço de voz em *Veja*, dado à blogueira Yoani Sánchez. A realidade segue, a cada passo da narrativa, em que os fios organizam as tessituras, de maneira a desvelar as verdades de um projeto dramático, o de *Veja*.

Neste ponto, algumas considerações parecem se tornar importantes. No episódio sobre Cuba, um país com representação nas disputas políticas na América Latina, as narrativas de *Veja*, ao longo de cinco anos, ganham importância, ao delinear caminhos para a sociedade, na construção da realidade, que se descortina, em tempos de globalização e neoliberais. Como estratégia para a composição de sua matriz hegemônica provisória, a cada passo, o narrador atua em várias frentes, no convencimento do seu interlocutor. Inicialmente, não perde de vista os seus fundamentos narrativos, os quais, na ordenação de enunciados, são repetidos, com frequência, usando permanentemente referência que se assemelha ao mundo econômico globalizado. Deste modo, os cubanos vivem sob o domínio de uma elite comunista, que a tudo controla, concentrando para si as riquezas do país, das quais usufruem, em detrimento da população que perde empregos e fica à mercê da miséria, e cuja pobreza somente pode ser resolvida na abertura de mercados para os grandes centros econômicos. Os cubanos já decidiram pelo modelo capitalista, pois, arriscando a vida, enfrentam as intempéries da natureza e o mar para chegar ao solo do vizinho do norte. Sobretudo, atuam na informalidade do sistema comunista e estado nacionalista, na comercialização de produtos, na busca de lucros e de qualidade de vida.

A tecnologia de comunicação está permanentemente no pano de fundo do narrador, que define a informação global como fundamental para despertar a consciência de toda a população, em consonância com os opositores do regime, que essencialmente convergem com a matriz narrativa de *Veja*, na estória. A rigor, o modelo nacionalista se resume no atraso e no domínio ideológico, com uso de símbolos da democracia, da liberdade e da dignidade humana. Em contrapartida, o narrador segue na disputa, estabelecendo parâmetros irrefutáveis, eficazmente, na narrativa imagética, de contrastes entre um mundo do atraso e a realidade de civilização na pós-modernidade. Ninguém vive numa ilha, afinal.

O confronto com os personagens antagonistas, portanto, protagonistas das narrativas em disputas, se torna razão para ironia e deslegitimações constantes e necessárias para prevalecer a matriz narrativa em foco. Assim, Hugo Chávez é incapaz de desenvolver a Venezuela, que exclui o capitalismo e se torna um país à beira do abismo econômico e político, sem democracia e sob a força de um governo autoritário e ditador. Da mesma forma para os lulopetistas, pois tanto Luiz Inácio Lula da Silva como Dilma Rousseff mantêm relações com o comunismo castrista. Dessa maneira, um se faz mentiroso e se aproxima de símbolos de representação dos ditadores, como Hitler, Mussolini, além de imitar Fidel Castro, outro representante do grupo dos ditadores, da herança soviética leninista-marxista. Rousseff aproxima-se das mentes colegiais, com incapacidade de discernir entre o sonho juvenil e a realidade de presidente da república, sem experiência, quando ataca os Estados Unidos, em favor da política cubana dos ditadores octogenários.

Finalmente, sobressai efetivamente o modelo do narrador nas suas estórias que buscam convicções entre os personagens, os quais na sua maioria institucionais, com seu poder simbólico de representação, para as verdades que permitem contrastar, no pano de fundo, com os países nacionalistas, como as grandes potências globais, com destaque para a Europa e os Estados Unidos e seus aliados, e, paradoxalmente, cabe em determinados contextos, o Brasil. Assim, o narrador se inclui na perspectiva das narrativas da indústria cultural, com difusão global, para, no final das disputas, estabelecer uma guerra de estórias, na definição sistemática de poderes simbólicos, cujos personagens dominam a realidade para a política globalizada e institucionalizada. No lado oposto, outras tantas estórias em confronto para uma matriz narrativa provisória, nas subjetividades e intersubjetividades.

VOZES DA NARRATIVA DE UMA ILHA COMUNISTA

Após acompanhar as narrativas de *Veja*, durante esse episódio, com todas as suas estratégias, na composição da trama e definição do papel dos personagens, agora, devemos compreender como se efetivam as relações de poder, envolvendo os narradores (veículo, jornalista e personagens); observar suas atuações no processo narrativo para a formação da diegese, na configuração das vozes, ademais, como o semanário paulista organiza seus enunciados para as narrativas, na definição de realidade, na disputa de poder.

A rigor, quais são os protagonistas e antagonistas das narrativas de *Veja*, em seu conjunto, no sentido de evidenciar as estratégias na definição das vozes? De onde vem o discurso do semanário para a ordem da matriz narrativa hegemônica provisória?

Inicialmente, entre 2008 e 2012, *Veja* publicou sobre Cuba 63,333 páginas, num total de 3.300, incluindo capa e contracapa, perfazendo 2% de todo o material da publicação da revista, ao longo dos cinco anos de pesquisa. Desse total, na divisão entre os narradores, há intensa hegemonia do veículo, com 41,87 páginas (65,77%), em seguida o narrador-jornalista, com 18,49 páginas (29,04%) e, finalmente, os personagens, com suas vozes (palavras), 3,30 de páginas (5,19%), conforme tabela abaixo.

Tabela 4 – Divisão dos narradores em *Veja*

Narradores	Páginas	Porcentagem (%)
Veículo	41,87	65,77
Jornalista	18,49	29,04
Personagens	3,30	5,19

Nota: considera-se um total de 22 edições e 23 textos de *Veja* para 63,6 páginas, no total, analisadas.

Observamos, ao longo das narrativas, a força psicológica das imagens, em contraste, na descrição das realidades distintas entre o modelo neoliberal de produção e tecnologias e o comunista, com seu nacionalismo político. De modo que *Veja* destaca frequentemente o moderno, o novo, o democrático, o da riqueza, o inovador, em contraste com o antigo, o passado, a miséria, o autoritário, o velho, na instrumentalização para a sua matriz narrativa, o uso de seu enquadramento dramático, quando buscou uma estratégia para suas narrativas. Os três narradores ganham sumariamente importância na construção da ideologia política na América Latina, de modo que há substancialmente relação

discursiva entre os narradores: veículo, jornalista e personagem. No entanto, nem sempre a harmonia é plena e definitiva para o mundo da política e da comunicação, com disputas que se sucedem, implícita e explicitamente, na performance e vozes dos personagens, sobretudo os antagonistas, com enfrentamentos nas histórias de *Veja*. O veículo segue nessa perspectiva, como aquele que obtém mais liberdade e poder para compor sua narrativa, em competição pelos sentidos e visão de mundo dos outros dois narradores.

Na sequência, a distribuição dos personagens (protagonistas e antagonistas), com o objetivo de quantificar as vozes. Para tanto, definimos como metodologia, literalmente, quantificar as palavras que foram dadas aos personagens, nas narrativas, para cada grupo de personagens. No que se refere às narrativas, tentamos evidenciar quais as que apresentaram voz e quais sem voz – isso considerando os 23 textos analisados no episódio sobre Cuba.

Tabela 5 – Divisão dos personagens nas narrativas de *Veja*

Personagens	Palavras	Narrativas Com Voz	Narrativas Sem Voz
Todos	3.338	23	23
Protagonistas	2119 (63,4%)	15 (65,2%)	8 (34,8%)
Adjuvantes-Protagonistas	299 (8,9%)	5 (21,7%)	18 (78,2%)
Antagonistas	869 (26%)	13(56,5%)	10 (43,4%)
Adjuvantes-Antagonistas	0	0	0
Neutros	51 (1,5%)	3 (13%)	20 (87%)

Nota: a quantificação por palavras, inicialmente, na primeira coluna. Posteriormente, na segunda e terceira colunas, a definição se dá por unidade, conforme o universo de 23 textos analisados, representando, assim, número de narrativas com voz e sem voz para cada grupo de personagens, separadamente.

Como se pode observar na *tabela 5*, no episódio sobre América Latina/Cuba, no projeto dramático de *Veja*, os *protagonistas*, com 63,4% de participação, têm muito mais espaço de poder de voz, na definição do pensamento social e verdades nos enunciados, com os quais o narrador organiza sua narrativa, substancial e hegemonicamente. Nesta análise, os *antagonistas*, com 26%, obtêm espaço estrategicamente menor, para defender sua visão de mundo e se estabelecer em condições de se posicionar sobre os acontecimentos-intrigas. Nesse sentido, pode-se avaliar que há a interdição das palavras desses personagens que não conseguem a mesma perspectiva de poder nas histórias do semanário brasileiro.

Em seguida, os adjuvantes de protagonista merecem, no episódio, 299 palavras, em 8,9% de participação, enquanto os adjuvantes de antagonistas não tiveram voz.

Pouco significativa a participação de vozes neutras, com 1,5%, de modo a revelar, na definição de personagens posicionamentos na narrativa. Conforme metodologia descrita, nas histórias narradas, a performance dos agentes está longe da perspectiva de objetividade, contudo, nas relações ideológicas, ao longo das narrativas, se ordenam em intersubjetividades, na configuração do narrador, conforme grupo de personagens com referências à matriz hegemônica. A rigor, definindo-se nas particularidades, de um lado, ou de outro, nas disputas políticas.

Importante notar que, no que se refere às interdições nos *textos em si*, ou seja, na análise das narrativas, separadamente, sem quantificação das vozes por palavras, mas pelas unidades narrativas, evidencia-se que os *protagonistas* merecem 65,2% com voz, enquanto os *antagonistas*, 56,52%, considerando que os *adjuvantes dos protagonistas* recebem 21,74% de espaço para argumentações, enquanto *adjuvantes de antagonista* não têm voz. Muito embora a diferença pareça pequena, é considerável no universo pesquisado, contudo. A interdição das vozes fica mais explícita, quando a questão é personagem *sem voz*, sendo que os *protagonistas* se destacam com 34,8%, seus *adjuvantes*, com 78,26%. Os *antagonistas* deixam de usar o poder de voz em 43,48%, e os *adjuvantes* não têm participação nas narrativas, nesta modalidade.

Em suma, nas narrativas de *Veja* sobre o episódio Cuba, as vozes em disputa não têm as mesmas condições de espaço para seus argumentos. Enquanto os *protagonistas* têm mais participação em quantidade de palavras, mantêm-se com mais vozes nos textos e com menos interdição. Os *antagonistas*, ao contrário, têm muito menos espaço para defender suas ideologias e, ao mesmo tempo, mais interdição de suas vozes. Nesse sentido, em um jogo duplo, prevalecem os conceitos e verdades consubstanciados para a configuração das histórias, de modo a atingir na diegese o pano de fundo, as metanarrativas de *Veja*, que, por vezes, seguem um roteiro previamente definido nas disputas. Dessa maneira, ordena-se a sua matriz narrativa hegemônica provisória, de modo a atingir efeitos estabelecidos, na legitimação de personagens com capital simbólico.

Na sequência, passamos à análise dos personagens, no papel de antagonistas e protagonistas, que se destacam, considerando especificamente, neste caso, *não exatamente a quantidade* de palavras, mas a referência (citações diretas ou indiretas) dos agentes pelos

narradores Veículo e Jornalista, na estória, ou seja, aqueles que mais receberam função nas narrativas, com atenção de *Veja*, ao longo do episódio, heróis e anti-heróis. Desse modo, como demonstrado na *tabela 6*, são vozes que se inserem nas intrigas com seus poderes institucionais, formando-se, assim, uma espécie de personagens-núcleos, sem os quais não haveria representações, de fato, em *Veja*, nas narrativas em disputas.

Tabela 6 – Divisão dos personagens nas narrativas: heróis e anti-heróis

NO DIEGESE DA NARRATIVA, PERSONAGENS DE VEJA	
PROTAGONISTAS	ANTAGONISTAS
<i>Estados Unidos</i>	<i>Fidel Castro</i>
Cubanos Dissidentes	Raúl Castro
Gillermo Fariñas - Jornalista e psicólogo	Lula
Cubano Vladimiro Roca - economista e dissidente	Hugo Chávez
José Luiz Rodrigues Zapatero	Dilma Rousseff
John Kennedy	Gabriel García Márquez
George W. Bush	Mahmoud Ahadinejad – Presidente do Irã
Barack Obama	Adolfo Hitler – Nazista
Otto Preminger - Cineasta Americano	Venezuela
Juventude Cubana	Bolívia
Colômbia	Equador
Peru	

Os personagens na trama sinalizam para as propostas de projeto dramático do narrador, no sentido de definir sua matriz hegemônica narrativa e os seus protagonistas e antagonistas, que merecem funções na estória. Assim sendo, há desconstrução dos personagens antagonistas e seus adjuvantes, com suas ações na trama, de modo a valorizar as características e dar poderes aos protagonistas e seus adjuvantes, de maneira estratégica. Apesar de, nesse contexto, haver alterações de lugar entre personagens, no fio da narrativa, observamos a sua hegemonia, na configuração do narrador, ou seja, aqueles que se mantêm como heróis e anti-heróis, em conformidade com o conjunto das narrativas.

Como nem todos os personagens aparecem nas intrigas de *Veja*, suas ações e poderes denotam-se de maneira implícita e explícita, quando se inserem na narrativa, como ocorre com as disputas entre Guillermo Fariñas, dissidente cubano e Luiz Inácio Lula da Silva, amigo político de Fidel Castro, para ficar somente em um exemplo, o mais evidente. Assim, se revelam os caminhos por que passa a construção do projeto dramático do

narrador, definindo seus personagens que são elevados à condição de protagonista, em conformidade com o discurso defendido e reproduzido nas narrativas, nas suas estratégias dramáticas.

Os Estados Unidos são referência permanente do semanário, com papel principal do lado dos protagonistas e os irmãos Castro, sobretudo Fidel Castro, o antagonista principal, a quem a narrativa faz referência, nem sempre permitindo o uso da voz, nas intrigas. A rigor, o país norte-americano, mantém sua representação, ao longo da diegese, contrastando com o país comunista (e outros personagens da América Latina), contra o pano de fundo de *Veja*. Assim, se estabelece um jogo de poder na construção da hegemonia discursiva, em conformidade com o poder do narrador de estabelecer o fio narrativo da diegese. Dessa forma, definimos tais personagens como fundamentais na composição de um núcleo, em que há com frequência a legitimação do seu poder simbólico institucional, na trama, mesmo não havendo explicitamente vozes de personagens de representação no processo narrativo, como demonstrado na *tabela 6*.

Em essência, na tessitura da trama do episódio, se os Estados Unidos e a Europa fazem referência, como modelos sociais, econômicos e políticos, ao processo global, na América Latina, o protagonismo é para a política da Colômbia, do Peru, do México e do Brasil. Na contramão, os antagonistas estão nos núcleos formados por Fidel Castro, Raúl, Lula e Hugo Chávez, que, por vezes, sobrepõem simbolicamente os países que representam, cujas nações ganham antagonismo nas estórias de *Veja*. Neste caso, além de Cuba, no papel principal, logo em seguida, vêm a Venezuela, a Bolívia e o Equador, nas disputas com as políticas globais defendidas por *Veja*, no episódio. Nessa sequência, de maneira pragmática, o narrador lança mão de personagens ligados à academia, de maneira hegemônica, com ênfase em suas representações institucionais, sobretudo economistas, sociólogos, jornalistas, escritores. As ONGs merecem destaque entre os protagonistas de *Veja*, na ordenação das narrativas, na formulação de sua matriz narrativa, como analisaremos mais adiante.

Os antagonistas do narrador, como se pode notar, se efetivam no poder simbólico do personagem em si, como é o caso de Gabriel García Márquez, escritor, reconhecido pela literatura latino-americana. Como já discorremos, são agentes da narrativa, que, sendo antagonistas, recebem espaço para poucas vozes na diegese.

Contudo, as disputas se encerram, de fato, é no campo político, no qual as intrigas são mais tenazes, com ataques e contra-ataques dos personagens, cuja diferença, no espaço, embora favoreça os protagonistas, não é tão grande, no poder de voz. Como se pode observar, neste contexto, permanentemente os antagonistas se mostram com grande representação simbólica e permanentemente ironizados, atacados por personagens protagonistas, nos acontecimentos-intrigas, e pelo próprio narrador que assume papel de agente da estória, com posicionamento contra os adversários na diegese, na defesa dos fundamentos de sua matriz hegemônica, em grande parte das narrativas sobre o país cubano, como tentamos evidenciar, ao longo do episódio.

No final, o que prevalece é a visão de mundo, na configuração das narrativas, com afirmação das metanarrativas, posteriormente, nas disputas que passam definitivamente pelo distanciamento entre o estado nacionalista do bem-estar social e a política global dos tempos pós-modernos. O neoliberalismo se destaca na composição de um mundo que se quer sem fronteiras, com mudanças culturais, em sintonia com o consumo e a produção. Aqui, mais uma vez insistimos, no entanto, que a comunicação passa por um processo hermenêutico, que, no final, torna as narrativas sumariamente provisórias, exigindo estratégias dos próprios narradores: veículo, jornalista e personagens, protagonistas ou antagonistas da trama.

Vozes institucionais paradigmáticas da matriz

A seguir, passamos à observação das vozes ligadas às instituições, as quais permitem agir na sociedade, em conformidade com suas relações de poder. Como escreve John B. Thompson “[...] a comunicação é uma forma de ação, a análise de comunicação deve se basear, pelo menos em parte, na análise da ação e na consideração do seu caráter socialmente contextualizado” (1998, p. 20). A rigor, os indivíduos agem perseguindo fins e objetivos. Agindo, como escreve o autor, dentro de um conjunto de circunstâncias, conforme inclinação e oportunidade. Desse modo, a relação que o indivíduo mantém, a partir da instituição “[...] é muito estreitamente ligada ao poder que ele ou ela possui. No sentido, mais geral, *poder* é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências” (1998, p. 21, grifo do autor). Na classificação de Thompson, as formas de poder resultam

em: A) Poder Econômico; B) Poder Político; C) Poder Coercitivo; e D) Poder Simbólico. Dessa maneira, acrescentamos outros poderes institucionais que se destacam nas análises da América Latina, no sentido de definir melhor a divisão dos personagens das narrativas, como podemos observar na *tabela 7*.

Efetivamente, o propósito neste instante é a observação dos critérios de escolha (ideologia) do narrador em relação às vozes, no sentido de definir suas verdades e estabelecer poder entre os personagens. Não se trata de uma análise somente dos protagonistas, por entender que são a referência do narrador para a ordenação de sua matriz narrativa hegemônica. Nesse prisma, os antagonistas ganham muita importância, ao observar a sua origem, o que define a razão e os propósitos de se tornarem os anti-heróis na estória, permanentemente em disputa com os protagonistas. Contudo, os heróis do narrador ordenam a narrativa, devido à sua representação social e política, em consequência do poder simbólico que os personagens carregam na sua representação. Como dissemos em capítulos anteriores, a narrativa não é ingênua, bem como a ideologia defendida pelos narradores, e devemos acrescentar, mais uns passos podem chegar à compreensão de outras mídias.

Mais uma vez é importante elucidar que a divisão das vozes na estória de *Veja*, na perspectiva institucional, *está quantificada em palavras*, como na *tabela 7*.

Tabela 7 – Vozes dos personagens, em conformidade com instituições que representam e sua legitimidade

Poderes institucionais	Adjuvantes Prot.	Protagonistas	Neutros	Antagonistas	Adjuvantes Ant.
Empresário - Econômico	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>
Político	<i>14</i>	<i>968</i>	<i>7</i>	<i>810</i>	<i>0</i>
Judiciário/Militar - coercitivo	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>
Academia/Simbólico⁵⁶	<i>138</i>	<i>947</i>	<i>0</i>	<i>40</i>	<i>0</i>

⁵⁶ Como pontos de elucidação da divisão deste tópico “Academia/Simbólico”, os intelectuais são aqueles com relação ao meio acadêmico, como pesquisador, professor, escritores ou mesmo aqueles que se relacionam com instituições educacionais ou pesquisa. Os economistas, efetivamente, aqueles que têm formação na área ou exerce esta atividade. Os historiadores tem papel importante em razão da definição das histórias sobre a região, estabelecendo esclarecimento sobre os processos históricos, que assim como as narrativas pressupõe relações ideológicas, e ganha importância na historicidade da América Latina e seus personagens e influência na estória. A mídia por ser uma instituição sensível na região, não somente para Cuba, mas para outros episódios das narrativas de *Veja*. Outros, quando não se consegue evidenciar os limites institucionais na personalidade do personagem de *Veja*. Neste contexto da narrativa este último não aparece.

<i>Intelectuais</i>	0	566	44	28	0
Economistas	0	150	0	0	0
Historiadores	20	40	0	0	0
Mídia	118	191	0	12	0
Outros	0	0	0	0	0
ONGS	0	85	0	0	0
Populares	60	75	0	11	0
Outros	94	55	0	0	0

A propósito, a narrativa de *Veja* se organiza a partir das vozes de personagens-protagonistas das instituições políticas e acadêmicas, com hegemonia para intelectuais, economistas e mídia, como ilustrado no quadro. Nesse sentido, Héctor Palacios Ruiz, 64 anos, dissidente cubano, preso em 2003 e condenado a 25 anos de cadeia por sua atividade oposicionista aos Castro, ganha destaque em entrevista, com direito a 874 palavras. Do lado dos antagonistas, Fidel Castro Ruz mereceu, no interior das narrativas, sem entrevista em diversas narrativas, separadamente, 189 palavras, ao longo do episódio. Na sequência, está Lula, com 274 e Raúl Castro, com 87 palavras.

O poder institucional acadêmico, fundamentalmente, revela-se de grande importância para o narrador, na ordenação dos enunciados, em vista de sua hegemonia narrativa, sendo que os protagonistas ocupam 947 palavras, com destaque para os intelectuais, como representação, entre eles, Marifeli Pérez-Stable, socióloga cubana, vice-presidente do Diálogo Interamericano, um centro de análises políticas em *Washington*, 361 palavras e o ensaísta *argentino*, Mariano Grondona, com 77. Os Economistas merecem 150 palavras, sendo que 138 delas vêm do economista e dissidente cubano, Oscar Espinosa Chepe – recebendo amplo espaço na definição de valores sobre o governo de Cuba. Entre os intelectuais, um dos personagens importantes de *Veja*, na narrativa da América Latina, está a voz do historiador e escritor Marco Antonio Villa, com 40 palavras.

No que se refere à mídia, como instituição representativa na diegese de *Veja*, com 191 palavras, em destaque, está o jornalista cubano YPP (sem identificação pelo narrador-jornalista), que trabalhou no Granma até 2006, sendo oposição ao governo dos irmãos Castro. Na sequência, um personagem, que se torna mártir do narrador, na luta empreendida contra Lula e Fidel Castro, na disputa política: Guillermo Fariñas, o "Coco" (careca), com amplo uso de sua imagem, como vítima do regime cubano, em pelo e osso, personagem em greve de fome, como forma de protesto contra o regime político cubano. Agente social que, embora possa estar na relação política, ganha status na narrativa,

também na condição de jornalista, sendo caracterizado, assim, com poder simbólico pelo seu lugar de fala, além de antropólogo e psicólogo. Do lado das ONGs – as quais merecem atenção no processo narrativo de *Veja*, na perspectiva da hegemonia narrativa, destacam-se aquelas ligadas aos direitos humanos, tema sempre presente na narrativa de *Veja*, com Elizardo Sánchez, diretor da Comissão Cubana de Direitos Humanos e Reconciliação Nacional. Entre os populares estão jovens cubanos que ganham espaço na narrativa, na condição de protagonistas, aqueles que se opõem ao regime cubano. Entre os sem uma classificação, a que preferimos chamar de Outros, está Alícia Hernandez, de 72 anos, mãe de Fariñas, com 37 palavras, na dificuldade de estabelecer lugar específico.

Os adjuvantes de protagonistas têm mais ênfase no campo simbólico das mídias, com jovens músicos e atividade jornalística, como a blogueira Yoani Sánchez. Esta, embora mereça destaque, nas análises sempre se revela com voz, mas com papel secundário, talvez devido a sua imagem formada de oposição declarada, nas mídias internacionais, e já conhecida no meio político brasileiro, com visita ao Brasil, a qual gerou muita repercussão política, com seu posicionamento anticastrista. A escolha dos personagens, como se vê, não é algo aleatório, mas tem prerrogativas, no sentido da negociação de sentido com o leitor, de maneira a revelar objetividade e distanciamento, que seja mínimo, da visão de mundo, previamente estabelecido pelo narrador, o que se faz apenas uma estratégia narrativa, na formação de seu projeto dramático. No final, na diegese, as vozes revelam-se uma escolha do narrador, portanto, autorizadas.

Os antagonistas, contextualizando, têm mais espaço nas disputas, no território político, no qual giram os acontecimentos-intrigas, com ênfase neste episódio, com poder de vozes, que contabilizam 810 palavras. Fidel Castro, Lula e Raúl Castro estão entre as vozes que mais argumentam, no sentido de defender a visão de mundo de grupos políticos da América Latina, definida na estória como de esquerda e comunista, além do nacionalismo e anti-neoliberalismo, no papel de anti-heróis da narrativa, nas disputas com personagens protagonistas de *Veja*, portanto, assujeitados na condição de antagonistas na tessitura narrativa. Diferentemente dos protagonistas, os antagonistas de *Veja* recebem apenas 40 palavras para o acadêmico, com destaque para os intelectuais. O Escritor colombiano Gabriel García Márquez ganha notoriedade, como antagonista, com 28 palavras e mídias, Confecom, 12.

A matriz narrativa de *Veja* passa pelo poder simbólico dos meios acadêmicos, como destacamos, de modo a estabelecer verdades nas disputas com os personagens antagonistas e definição do pano de fundo do narrador. Com ampla vantagem para o grupo de protagonistas formado por intelectuais, como descrito na *tabela 7*, aqueles que se configuram como escritores, cientistas políticos, pesquisadores, escritores. Os que mantêm atividades no mundo do conhecimento educacional, literário e de pesquisa.

É possível afirmar que, as narrativas de *Veja* sobre Cuba, certamente as que dizem respeito à América Latina, se ordenam sistematicamente nessa relação, envolvendo o campo intelectual. Desse modo, a hegemonia narrativa não se forma a partir apenas de um agente social, mas de um conjunto de personagens, na sua intersubjetividade, apontando caminhos seguros para tempos pós-modernos, em conformidade com a ordem social. São núcleos de personagens nas narrativas midiáticas, capazes de organizar a cultura e os valores da sociedade, na configuração de poder e organização nas disputas com antagonistas, que, na proximidade com os valores culturais endógenos, recebem poder simbólico e, portanto, representação popular. Como insistimos, nas intrigas, vão se tecendo as teias de poder, cujas narrativas tornam-se fundamentais para o conhecimento e a influência no processo de significação e modelos sociais, na consolidação de metarrelatos.

Do lado dos Adjuvantes dos antagonistas não há vozes, nas narrativas de *Veja*, como se observa na *tabela 7*.

Nos personagens Neutros, o semanário descreve a voz do mundo simbólico acadêmico, com destaque para Sérgio Besserman, professor de economia da PUC-Rio e ex-presidente do IBGE, com 25 palavras na narrativa; e David Fleischer, cientista político, da Universidade de Brasília, com 19. Ulisses Guimarães, com citação rápida do narrador, merece a colocação de neutro, com tão somente 7 palavras.

Dessa forma, em essência, a construção das narrativas de *Veja* vai se delineando, com importância simbólica de referência para o *acadêmico*, na definição de verdades, que sustentam os conceitos e significados das narrativas, com 1085 palavras (protagonistas e adjuvantes) versus apenas 40 dos antagonistas e adjuvantes. Efetivamente, as disputas no campo *político* se definem na construção dos personagens, com valorização de seus enunciados para 968 dos protagonistas, aqueles que simbolicamente servem de referência para a tessitura da trama; e 810 dos antagonistas, com desconstrução de sua representação política e modelo de economia, na América Latina.

Não pode passar despercebido o fato de haver nesse território disputas políticas sobre Cuba, porém, no fio narrativo de *Veja*, um modelo que pretende hegemônico na região, em consonância com o protagonismo das nações da ordem econômica global. Voltando à *tabela 7*, sobre a divisão dos personagens, talvez fique mais clara a necessidade de estratégias narrativas, no processo de composição das histórias, com posicionamento ideológico, pois, do lado dos antagonistas, há forças políticas, que exercem função de poder, na condução de estados nacionais, e poder simbólico sobre os populares, com vitórias eleitorais e manutenção do poder do estado nacionalista e do bem-estar social. A configuração narrativa, portanto, passa pela ordem do poder político e ideológico, o que mostra uma disputa acirrada e dura, que envolve essencialmente a própria população e suas relações políticas, bem como seu sistema de comunicação e mediações.

Territorialidade das vozes narrativas nas regiões globais

Afinal, nessa busca pelas disputas políticas e ideológicas, com vistas ao poder no imaginário social, quais as regiões que têm o maior peso para as vozes da narrativa de *Veja*? Esta análise se revela importante para compreender as histórias do semanário e as influências internas nas regiões e, neste contexto, externas, conforme discurso e matriz hegemônica narrativa. Desse modo, pela impossibilidade de uma divisão mais ampla, considerando a importância de alguns territórios no processo global, chegamos a quatro territorialidades narrativas, quais sejam: *América Latina*, objeto desta pesquisa, lugar em que há as disputas políticas, com participação de personagens e instituições, locais e globais; *Brasil*, e seu poder político na região, com relações políticas e comerciais; *Estados Unidos*, em razão da proximidade e poder político sobre a América Latina; *Europa*, em virtude de constituir-se força política mundial, embora na observação de alguns países ícones, como Inglaterra e Espanha, especialmente, com inserção na política latino-americana, sobretudo, com influência entre os países de língua espanhola; e *Outros*, quando não se evidenciam claramente as vozes do personagem e região. Portanto, a *tabela 8* demonstra como se definem por territorialidade as narrativas, quando o assunto é Cuba.

Tabela 8 – Divisão dos personagens das narrativas de *Veja* por regiões, com referência ao poder e legitimidade global

Regiões	Adjuvantes prot.	Protagonistas	Neutras	Antagonistas	Ajunto-Prot.
América Latina	283	1879	0	428	0
<i>Brasil</i>	<i>7</i>	<i>113</i>	<i>51</i>	<i>441</i>	<i>0</i>
Estados Unidos	0	57	0	0	0
Europa	0	70	0	0	0
Outros	16	0	0	0	0
Total de vozes estrangeiras	306	2119	51	861	0

Nesta abordagem, efetivamente, as vozes das narrativas de *Veja* se concentram nos personagens da América Latina, com 2162 palavras, com 64,7% entre protagonistas (1879) e seus adjuvantes (283), sendo que os antagonistas (428), com 12,8%. Contudo, são vários personagens, que, mesmo sendo cubanos, têm referência nos Estados Unidos, onde residem, sendo que muitos dos protagonistas de *Veja* são os chamados dissidentes políticos, na oposição ao regime de Fidel Castro. De fato, como notamos nas histórias do narrador, permanentemente, há uma disputa pelo poder político na ilha castrista, que sistematicamente tem intervenção do vizinho do norte, principalmente de agentes sociais da cidade de Miami, onde mora grande parte dos cubanos que deixaram o país.

O Brasil, como escrevemos, ganha importância na política da região e se torna um dos lugares onde mais se concentram antagonistas na história de *Veja*, quando o assunto é Cuba, pois, com 441 palavras, os seus personagens ficam com 13,2% do poder de narrar, contudo, na condição de anti-heróis. Os protagonistas brasileiros merecem 3,38% da representação, na construção da diegese do narrador, com apenas inexpressivos 0,2% para os adjuvantes de protagonistas. Neutros, em 1,52%, com 51 palavras. A rigor, os antagonistas brasileiros estão relacionados aos personagens Lula, então presidente brasileiro, como já mencionamos, com grande destaque pelo apoio político ao ditador cubano, Fidel Castro.

Na sequência, os Estados Unidos, com personagens que somam 57 palavras na participação na história do narrador, como protagonistas, obtêm apenas 1,7% de poder simbólico nas narrativas sobre Cuba, porém, como descrito anteriormente, uma referência permanente na diegese, mas sem destacar personagens que representem a nação norte-americana. A nação americana, sem nenhuma voz como antagonista, permanece no

imaginário do interlocutor de *Veja*, porém como personagem protagonista e exemplo de modelo a se reproduzir na ordem global, com heroísmo.

Nesta mesma análise, a Europa, com destaque para Espanha e Inglaterra, que mereceram algum espaço a mais do que os norte-americanos, no papel de protagonistas da narrativa de *Veja*, de modo que, com 70 palavras, atingem 2,0% do poder de narrar, na composição dos acontecimentos-intrigas, para definição da ideologia do semanário brasileiro. Assim como os Estados Unidos, efetivamente, os europeus não têm representante com voz, como antagonista da estória. Sobretudo a Espanha recebe protagonismo em *Veja*, na elevação de sua riqueza e desenvolvimento, país membro da Comunidade Europeia, em detrimento do país cubano, que, em tempo pretérito, tornou-se uma de suas colônias, assunto que enfrentamos, em capítulos anteriores, no período das lutas políticas pela independência da Região.

No que se refere a *outros*, no papel de protagonista de *Veja*, sem uma territorialidade, está Jesus Cristo, que mereceu espaço do narrador no confronto de ideologia com Dilma Rousseff, então recém-eleita presidente do Brasil, na sucessão de Lula, em visita a Cuba, levando apoio ao regime castrista, nas disputas com eterno rival, os Estados Unidos.

Essencialmente, a matriz narrativa de *Veja* não se ordena solitariamente, como desígnio de apenas um agente, em uma narrativa e no tempo presente. No final, devemos destacar a teia de narrativas que modelizam a configuração nas intersubjetividades de núcleos personagens, com seu poder simbólico, as instituições e a territorialidade, as quais servem de representação para a ordem da diegese.

Se pudéssemos compor uma figura, as narrativas se tornariam, sobretudo nos tempos contemporâneos, uma grande rede, que está permanentemente em construção para cada momento vivido pela sociedade. Desse modo, a cada instante, recuperam-se partes dos pontos anteriores para serem arremessados para a frente, com espaço definindo-se, o que interfere nessa arquitetura. No final, na organização desses complexos fios narrativos, forma-se uma cobertura nos quais, de alguma forma, todos estão envolvidos. Nesta análise, na organização de *Veja*, com sua visão ideológica de pós-modernidade e neoliberalismo, Estados Unidos e Europa ganham territorialidade, nas disputas, em outras regiões, como a América Latina, em Cuba. Porém, cabe concluir, uma obra que não é construída, portanto, por poucas mãos, conhecimento, significação e interesse.

Finalmente, nesse universo complexo das narrativas sobressai o poder do veículo de comunicação, como narrador, com referência às análises das estórias de *Veja*, contudo, considerando a ordenação dos enunciados para uma diegese que compreenda o poder do narrador jornalista e, com a atenção desta pesquisa aos personagens, com suas vozes, que agem em conformidade com seu poder simbólico, sobretudo institucional. O Acadêmico ganha notoriedade na definição de conceitos e significados, de modo a dar validade aos pontos fundamentais do narrador, que se lança na arquitetura das metanarrativas. No campo político, as disputas se mostram duras, com participação efetiva de outras narrativas que tornam personagens com poderes, seja no papel de protagonistas, como antagonistas nas estórias, nos acontecimentos-intrigas, permanentes. Substancialmente, ao longo do processo de tessitura da teia narrativa, os territórios ganham sumariamente importância, na efetivação de modelos sociais de visão de mundo. Na América Latina, Cuba permanece como antagonista de *Veja*, contudo, numa rede de personagens e estórias que não finalizam jamais. Outras narrativas se sucedem, de cujas malhas não estamos fora.

Capítulo VI

Episódio 2

COMUNICAÇÃO, POLÍTICA E PERFORMANCE

Assim como a política cubana, na Argentina, as narrativas no gênero também são intrigantes, com amplo espaço para enfrentamento entre os personagens, envolvidos numa trama cujo cenário se compõe de recursos naturais, tradição europeia e interesses diversos dos agentes sociais. Diferentemente de Cuba, no comando dos irmãos Castro, com forte determinação ideológica, com ramificações de poder para a região, o país do Rio da Prata não tem representação fortemente ideológica de esquerda, por vezes, sendo observado com economia liberal e abertura econômica, porém globalizada e com atenção dos grandes centros econômicos mundiais.

Como se observa no gráfico abaixo, o país da América do Sul, nas narrativas da capa de *Veja*, não está vinculado à hegemonia, ou mantém ampla performance simbólica de liderança na região, nem mesmo é merecedor de tanta atenção, nos momentos de maior tensão eleitoral, como ocorreu no Brasil, com disputas nas campanhas presidenciais de 2010. Na verdade, neste ano apresenta-se uma ligeira alteração, mas pouco significativa, no período da análise (2008-2012).

No entanto, a nação tem grande importância no projeto dramático do narrador, com acontecimentos-intrigas que aparecem em 31 revistas, no intervalo de tempo da estória de *Veja*. Como se pode notar, 2012 foi o período de maior publicação sobre o país, podendo pressupor maior tensão na política e na economia da Argentina, no confronto com propostas neoliberais, como analisaremos mais adiante.

Tabela – 9 Narrativas das capas de *Veja*, com referência ao episódio Argentina.

Ano	Capa	América Latina (Páginas Internas)
2008	1	5
2009	1	4
2010	3	5
2011	0	6
2012	2	11

Com atenção no intervalo de análise da pesquisa, as narrativas de *Veja*, em 2008, nas estórias da capa, começam cinco meses depois do começo do ano, com disputas dos personagens sindicalistas brasileiros, no meio político. Com o título: O LADO ESCURO DA FORÇA (21/5/2008, ed. 2061)⁵⁷, o antagonista é Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, presidente da Força Sindical e deputado federal do PDT. O antagonista, com rosto em close, compreendendo toda a página, de paletó e gravata, com pouco contraste, com semblante obscurecido, assim como seu modo de atuar nos meandros das secretarias do governo Lula. Olha diretamente para o leitor, como sendo a figura da corrupção, definitivamente flagrada na ilegalidade. No subtítulo: “Como a promiscuidade do sindicalismo com o poder produziu um esquema de corrupção, desvio de dinheiro público, tráfico de influência e enriquecimento” (21/5/2008, ed. 2061).

O ato contra os cofres públicos é revelado por Operação da PF, que envolve líderes e políticos da Força Sindical em corrupção no Ministério do Trabalho. O partido PDT e Força agem conjuntamente, usando o ministério, um órgão público, para atingir interesses particulares do Deputado Paulo Pereira da Silva, o Paulinho da Força e Carlos Lupi, presidente do partido.

Na trama, com o objetivo de obter dinheiro de programas da pasta do trabalho, há loteamento do ministério com pessoas de confiança de Paulinho, de modo a se beneficiar na liberação de verbas, que são feitas por pessoas de confiança do grupo. No ano, o ministério liberou 11,9 bilhões de Reais para entidades ligadas à Força, vindos do BNDES. A Força Sindical, com representação política dos trabalhadores, tem como origem o patronato, com o objetivo de fazer frente à CUT, petista, na era Collor de Melo, nas disputas políticas com o PT, de Lula. O dinheiro fácil engorda os bolsos de Luiz Antônio Medeiros, ex-presidente da Força Sindical e criador do atual presidente. De lá para cá, o modo de operação foi o mesmo, o uso da política para enriquecimento. Sobre pessoas ligadas a Paulinho, inclusive, suspeita-se da esposa, pela compra de apartamento de 220 000 Reais, no litoral de São Paulo, sendo 40 000 pagos com dinheiro vivo.

Além de corrupção, como destaque político de *Veja*, no período do episódio sobre a Argentina, o leitor se depara também com a falta de justiça na política na Capital Federal, cerca de um ano após. Nessa narrativa, no alto da capa está no título: BASTA DE

⁵⁷ As capas das edições de *Veja*, aqui referidas, podem ser vistas no acervo digital do próprio semanário paulista, da Editora Abril, de acesso público, em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.

IMPUNIDADE (24/6/2009, ed. 2118). Mais abaixo, no subtítulo, em letras pretas, com pouco destaque e sobre uma bola branca, no meio de uma multidão de rostos, escreve o narrador: “[...] nós, as pessoas comuns, lembramos aos senhores feudais de Brasília” (24/6/2009, ed. 2118), Logo na sequência, com amplo destaque do meio da página para baixo, o Artigo 5º da Constituição em letras vermelhas, completando o círculo branco (aparecendo mais do que o título): TODOS SÃO IGUAIS PERANTE A LEI, SEM DISTINÇÃO DE QUALQUER NATUREZA (24/6/2009, ed. 2118). Os rostos, no enquadramento dramático, representando o povo, o brasileiro, protagonista, (o nós), personagens com voz, que reproduzem o artigo constitucional. Entre os personagens midiáticos da música, telenovelas, literatura estão pessoas comuns. Na intriga das disputas com o povo está o governo de Lula, como antagonista.

Em resumo, como pano de fundo da estória de *Veja*, a ação política do presidente Lula, antagonista da narrativa, atropela o preceito constitucional, ao defender políticos envolvidos em escândalos, em Brasília, dentre eles, o Paulinho da Força – da narrativa anterior – que se safou do cadafalso do Congresso Nacional, envolvido em corrupção; e Renan Calheiros, com bois e lobistas. Nesta lista de proteção do petista está o presidente do Senado, José Sarney, pego em escândalo, já dando mostras de deixar a presidência do Congresso Nacional, ensaiando renunciar. Mas o presidente brasileiro joga a boia para o peemedebista, ao defendê-lo em discurso, dizendo que o senador não pode ser tratado como uma pessoa comum, pois tem história nos seus 50 anos de vida pública. No projeto dramático de *Veja*, os personagens que se aliam ao petista, mesmo sendo tradicionais e de longa data no poder político do país, também se configuram como antagonistas da estória, em conformidade com uma matriz narrativa, como se nota também nos episódios sobre a América Latina.

O fato que culminaria com a cassação do tradicional senador brasileiro foi motivado pelo escândalo envolvendo um de seus apaniguados na casa, o ex-datilógrafo Agacial Maia, pego pela receita Federal, burlando-a, sendo proprietário de uma mansão no valor de 5 milhões de reais. A condição de Sarney se complica, à medida que Maia é apontado como o funcionário responsável por contratar parentes do senador, quase todos fantasmas, os quais recebiam, sem aparecer ao trabalho.

Na configuração do personagem antagonista principal da narrativa, o presidente brasileiro, em consequência do mensalão petista, agindo assim, com postura de proteção a

velhos caciques da política brasileira, pegos em falcatruas contra os cofres públicos, abre mão da bandeira da ética, que empunhou antes de ser eleito, escreve *Veja*, na ordem de sua diegese narrativa.

Um ano depois, em junho de 2010, as eleições presidenciais no Brasil entram em seus momentos de decisão rumo ao primeiro turno. Os três personagens competidores da corrida presidencial fazem parte da narrativa da capa do semanário paulista, sobre um fundo preto, desenrolando faixas, em conformidade com sua posição eleitoral. Na composição da narrativa dramática do narrador-veículo, no alto, à direita, o brasão da república, de onde saem faixas na cor verde; mais à frente, na mesma linha, estão dispostos José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). Com certa distância, mais atrás, com a faixa do meio e amarela, está Marina Silva (PV), a única personagem que pode separar da disputa os partidos tradicionais, os petistas dos tucanos.

Cada personagem aparece com suas respectivas imagens do rosto, em corpo caricaturado. Na narrativa de *Veja*, eles estão alegres e descontraídos, cada qual tem seus motivos. Afinal, como anuncia o narrador no título: PARA SAIR DO EMPATE (16/6/2010, ed. 2169), com letras na cor branca. No subtítulo, no lado esquerdo da página, na parte inferior, conta *Veja*: “O inédito equilíbrio nas pesquisas acirra a disputa entre Serra e Dilma” [...] “Marina Silva: ela pode não ser apenas a miss simpatia” [...] “Verdades e mitos sobre o que decide as eleições presidenciais” (16/6/2010, ed. 2169).

Na narrativa dramática de *Veja*, estão os principais protagonistas da política brasileira, das últimas décadas, Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com seus momentos narrados em *flashback*, no tempo das disputas e vitórias. Na composição dos personagens, agora, mais uma vez, os partidos se enfrentam, com seus candidatos respectivos empatados em 37%, conforme IBOPE e Datafolha, considerando, entretanto, que a petista, na sua primeira campanha eleitoral, aumentou seus índices nas pesquisas, surpreendendo os tucanos. Serra, por sua vez, terá o tempo de televisão a seu favor, como consequência de sua experiência política e está mais preparado para a Presidência da República, portanto, como protagonista da narrativa de *Veja*, contra Rousseff, petista; ele reúne mais condições “Para sair do empate”, e efetivamente vencer no quadro sucessório, os tucanos elevando-se ao poder. A candidata do Partido Verde obtém 9%, e deverá pesar na balança política, em um segundo turno, e se torna um adjuvante importante na narrativa de *Veja*, na intriga entre petistas e tucanos, na política

brasileira entre uma esquerda e um partido liberal. A ideologia de *Veja* vai se configurando na narrativa da Capa, no período.

Um pouco mais de três meses depois, com mais tensão no processo narrativo, faltando apenas quatro dias para as eleições brasileiras, *Veja* destaca na capa: A LIBERDADE SOB ATAQUE, escreve no título (29/9/2010, ed. 2184). A estrela vermelha do PT, no meio da página, com destaque, com uma das pontas afiadas cravada, perfurando, página da constituição que faz referência ao Capítulo V da Comunicação Social. “A revelação de evidências irrefutáveis de corrupção no Palácio do Planalto renova no presidente Lula e no seu partido o ódio à imprensa livre” (29/9/2010, ed. 2184), no subtítulo. O PT de Lula é contra a liberdade de imprensa, no pano de fundo, do narrador.

Em síntese, assim como na Argentina de Cristina Kirchner – a ser observado mais adiante -, o governo de Lula quer calar a mídia, o mensageiro que dá as notícias ruins da gestão petista, e quer somente notícias favoráveis ao governo. Na composição da intriga, como reação, o governo petista desenvolve projeto para implementar na gestão de Dilma Rousseff, cujo objetivo é controlar os meios de comunicação no Brasil, calar a imprensa e cercear a liberdade de comunicação. As disputas presidenciais, na reta final para o primeiro turno, dá lugar ao acontecimento-intriga entre governo petista e imprensa, que se torna um agente político no Brasil, com referência à capa. Embora Rousseff afirme ser contra o controle dos conteúdos jornalísticos, não tem experiência política para compreender o poder dos radicais petistas, o partido que estará com ela no governo.

Decididas as eleições em favor de Dilma Rousseff do PT, no segundo turno, em 31 de outubro de 2010, a estória de *Veja*, logo após, conta as dificuldades de Lula em deixar a presidência, cuja narrativa apresentamos no episódio anterior: ELE SAIRÁ DA PRESIDÊNCIA, MAS PRESIDÊNCIA SAIRÁ DELE? (3/11/2010, ed. 2189). Nesta mesma estória, nas páginas internas, o narrador descreve o “Grande imitador”, em que Lula imita e presta homenagem, desse modo, ao comunista Fidel Castro, mas também, sobre a América Latina, ocorre a morte de Néstor Kirchner, ex-presidente argentino e marido da então presidente Cristina Kirchner. Se, na Argentina, o casal Kirchner alterna no poder, no Brasil, o petista consegue eleger sua sucessora, quem terá influência política, com possibilidade de voltar ao poder no próximo pleito eleitoral. Como pano de fundo, Lula sai com a faixa presidencial e continuará no governo, escreve o narrador-*Veja*. Como se pode notar, os personagens se movimentam no mundo da política, exigindo mais

narrativas e conflitos, cujas intrigas formam a realidade da América Latina. O semanário paulista segue seu projeto dramático.

Após uma longa pausa sobre os assuntos que envolvem a Argentina, o narrador dará destaque ao país do Rio da Prata, em suas estórias, quando destaca, em maio de 2012, na capa, uma narrativa com desdobramentos em outra intrigante estória, o envolvimento de parlamentares com empresários do jogo do bicho. No título: NAS ÁGUAS DO CACHOEIRA (9/5/2012, ed. 2268), momento de tensão na política brasileira. O narrador *Veja* descreve um rio, com águas correntes e turvas, em que o governador Sérgio Cabral (PMDB/RJ) no mesmo barco que Fernando Cavedisch, dono da empresa Delta, pivô do escândalo, na parte alta do rio, estão em queda, caindo numa cachoeira – metáfora, numa referência a Carlos Augusto de Almeida Ramos, o Carlinhos Cachoeira, empresário do jogo do bicho. Embaixo estão os governadores Marconi Perillo, de Goiás (PSDB) e Agnelo Queiroz, do Distrito Federal (PT) e o Senador Demóstenes Torres (DEM-GO), em águas turvas - São os personagens do escândalo do jogo do bicho de Carlos Cachoeira, com envolvimento de parlamentares em propinas.

O acontecimento-intriga que envolve disputas por poder político entre governo e oposição, cada um com seus ataques a um escândalo diferente. Enquanto os petistas se movimentam na estória, para a aprovação da CPI do jogo do bicho de Cachoeira, com denúncia contra políticos do PSDB e DEM, a oposição quer dar visibilidade ao mensalão do PT e legendas aliadas do governo de Lula, além de envolvimento de lideranças petistas. No final, tráfico de influência, gastos com mensalidades para parlamentares. O caso, em si, resulta na cassação do Senador Demóstenes Torres pelos pares, em Brasília, por envolvimento com o grupo de Cachoeira e recebimento de propinas; e muitas páginas de estórias em diversas mídias brasileiras e internacional. Por assim dizer, narrativas de tristes episódios da política brasileira.

Nas estórias da capa do semanário paulista, nas 31 edições, a Argentina fez parte do enquadramento dramático apenas em quatro delas, e sempre com destaque secundário, no alto da página, com atuação da personagem Cristina Kirchner. Assim, no dia 21 de maio de 2008 (ed. 2061), a presidente aparece na estória de *Veja*, com sorriso de ironia no rosto, com o título (secundário): *Argentina: A economia afunda de novo e o governo não sabe sair da crise* (ed. 2061). Num primeiro momento, compreende-se tratar-se de um país em apuros econômicos e sem comando político efetivo. Na mesma página, a presidente

novamente merece destaque, no final do ano de 2011, dia 30 de novembro (ed. 2245), quando aparece com a mão direita mexendo na orelha, revelando estar histérica: *Argentina, como Cristina Kirchner falsifica a história* (ed. 2245). A presidente vai se revelando personagem antagonista de *Veja*, na capa, pois falsifica a história da Argentina, quer o domínio dos símbolos e o poder ideológico sobre o país. Na sequência, em 2012, na capa do dia 25 de abril: *Argentina, o Caminho sem volta de Cristina Kirchner rumo ao abismo populista* (ed.2266). Uma presidente com olhar assustado e mão direita para cima, tentando dizer algo. O país continua sem governo e rumo ao abismo populista da presidente Kirchner. Finalmente, *Veja* escreve, no final de 2012, em 3 de outubro: *Argentina, como Cristina Kirchner está transformando o país numa ilha Isolada do mundo* (ed. 2289). Por assim dizer, efetivamente, como Lula no Brasil, Fidel Castro em Cuba, além de Hugo Chávez na Venezuela, Cristina Kirchner na Argentina passa a atuar na configuração da narrativa de *Veja* como um dos principais antagonistas da América Latina.

Em essência, nas narrativas das manchetes secundárias da Argentina, o leitor, num primeiro momento, se considerada a sequência na ordem da estória, terá convicção de que a personagem Cristina Kirchner, na função de presidente da Argentina, leva a economia do seu país para o fundo do poço, com isso, falsifica a história, está rumo ao abismo e se transformando em uma ilha do mundo. O pior, o personagem não tem competência para comandar a política da nação argentina. Portanto, uma primeira leitura, que levaria o leitor para as narrativas internas do semanário, mas previamente informado sobre o personagem e realidade do país.

Como ponto de virada importante, no tempo de narrativa do episódio sobre o país do Rio da Prata, ocorreu a morte de Néstor Kirchner, em 27 de outubro de 2010, nem por isso, fez parte da página ilustre da revista da Editora Abril. O narrador-*Veja*, no seu projeto dramático, comportou-se de maneira diferente, quando das narrativas sobre Fidel Castro, no episódio de Cuba, quando, por motivo de doença, passou o comando da ilha, para o irmão Raúl Castro – como dito anteriormente. Somente para lembrar, em *flashback*, na capa Fidel se apresenta como um fantasma, e, logo abaixo, o título: “Já vai Tarde” (7/2/2008 ed. 2049).

Como Fidel não morreu, permanece o símbolo atuante do antagonista nas estórias de *Veja*; como fantasma, ainda tem influência simbólica na estória da América Latina. O mesmo não ocorre com o líder do partido Justicialista e ex-presidente Néstor Kirchner, o

qual não mais exercerá poder sobre o governo argentino, deixando sua herança a ser lembrada, ante uma liderança política importante no país, responsável por eleger a esposa, Cristina Kirchner. A presidente, então, passa a receber mais visibilidade nas disputas narrativas no universo conflituoso de intrigas políticas latino-americanas, o que demonstra ser uma estratégia narrativa de *Veja*, organizar sua narrativa com atenção ao personagem, determinando-o. Dessa maneira, pode-se observar que a imagem do personagem se insere na narrativa somente a partir de suas ações efetivas nas estórias, como liderança na disputa pelo poder, a rigor, consubstanciado com sua força simbólica de representação.

Contudo, a capa da Revista, no dia 29 de setembro de 2010, dias antes das eleições presidenciais brasileiras, no primeiro turno, “A liberdade sob Ataque” (ed. 2184), relaciona os personagens na estória sobre a Argentina, considerando ser esta também uma intriga sensível para o governo Kirchner, em disputas com a imprensa local e parte importante na diegese narrativa de *Veja*.

Esses são temas que fazem parte da estória do semanário das páginas a seguir em disputas dos personagens, no jogo de poder sistêmico, numa relação entre América Latina, os países que a configuram e os poderes políticos globais, em tempos de neoliberalismo e seus símbolos modernos de poder econômico.

Perspectiva global da capa

Mantendo o propósito de uma análise sistemática das narrativas, descrevemos a seguir o processo de construção da estória de *Veja*, considerando, inicialmente, somente a principal manchete da capa, aquela em que há de fato mais espaço para a narrativa dramática, com uso de imagens e textos. Sem dúvida, uma página importante para o veículo conseguir a atenção do leitor para a revista. A partir dela é que se inicia o percurso hermenêutico, dentro do qual forma-se e eleva a diegese narrativa de *Veja* sobre a América Latina, no episódio sobre a Argentina.

Cada vez mais se mostra evidente que a narrativa do semanário ocorre, de maneira sistêmica, que não se ordena exatamente pelos acontecimentos em si, mas também de modo a relacionar narrativas, num processo de produção dramática, de maneira lógica, a delimitar as estórias dentro de referências discursivas planejadas, com atenção nos personagens e intrigas, no contexto político. Como se nota, nos gráficos abaixo, sobre o

episódio Argentina, o país da América do Sul está vinculado ao projeto dramático, cuja representação está dentro dos limites do território da temática de *economia*, com sete destaques na página, no período; política, com seis, tecnologia e comportamento, com quatro, integram a produção narrativa do semanário paulista.

Embora a *política* seja um dos pontos centrais da narrativa, mesmo não sendo hegemônica na capa, há forte incidência de modo a relacionar com economia na construção de pensamento do leitor, na ordem sistêmica global da região, em conformidade com as fórmulas simbólicas definidas para a diegese narrativa, na composição de seus personagens, na perspectiva neoliberal.

No que se refere à Geopolítica, o *Brasil* se mostra num contínuo, por razões lógicas, no qual está o público hegemônico de *Veja*, por isso, a atenção aos acontecimentos-intrigas pelo veículo, sem deixar de se impor globalmente. Depois vem *geral*, de modo a evidenciar a ampliação dos territórios das narrativas do semanário, sendo que, como metodologia aqui definida, não seria possível uma análise segura do lugar da abordagem jornalística do semanário.

Os Estados Unidos se revelam um dos pontos de representação da narrativa, com dois assuntos que fazem referência ao país. O Chile merece destaque, considerando a tragédia que se abateu sobre mineiros, que ficaram soterrados por dias, causando comoção mundial e cobertura fantástica das mídias globais.

Tabela 10 – Destaque principal da capa de *Veja*: Gêneros e geopolítica, Episódio sobre Argentina.

Gênero Jornalístico – Capa (destaque principal)	Destaques Capa	Geopolítica	Destaques Capa
<i>Economia</i>	7	<i>Brasil</i>	22
Política	6	Geral	8
Tecnologia	4	Estados Unidos	2
Comportamento	4	Chile	1
Ciência	1		
Estética	1		
Saúde	1		
Catástrofe	1		
Terrorismo	1		
Drogas	1		
Religião	1		
Meio Ambiente	1		
Aprendizado	1		

Homenagem	1		
-----------	---	--	--

Nota: Tomada aqui como referência a manchete principal de *Veja*, nas capas, no intervalo de tempo das narrativas do semanário, acerca do Episódio sobre Argentina.

Numa concepção mais ampla dos gêneros narrativos de *Veja*, agora, considerando, além da manchete principal de cada edição, os destaques secundários, geralmente do alto da página, que, por vezes, têm imagem de personagens ilustrativas ou não. Contudo, o semanário estaria diante do leitor, no manuseio inicial, com estratégia de conquistá-lo, ampliando seu leque de interesses pela narrativa.

Em aspectos mais gerais das manchetes da capa, portanto, a revista trata com hegemonia a *Política*, com 30 destaques, sendo seguida pela *Economia*, com 12. Comportamento, tecnologia e saúde ganham também espaço no projeto dramático do meio em questão. Assim, os gêneros jornalísticos de *Veja* mantêm-se como sendo uma constante do discurso do veículo, no caso em que está inserido o episódio da América Latina; a revelar o modo sistêmico das narrativas,⁵⁸ nesse contexto político.

Na geopolítica, o Brasil tem ampla cobertura narrativa, com 49 abordagens; Geral, com 14, mantém a performance da revista, bem como a presença dos Estados Unidos, na página. O país da América do Norte na capa, portanto, vai se definindo ponto importante na matriz hegemônica da narrativa de *Veja*.

A Argentina, com quatro abordagens, relaciona-se com a expectativa da pesquisa, o objeto de trabalho desta análise. Por sua vez, a China como um importante *player econômico global*, bem como na Europa, representada pela Inglaterra, associa-se aos Estados Unidos para entretenimento e tecnologia. Na América Latina, ainda aparecem Chile, como descrito, e Venezuela, no papel de antagonista da estória de *Veja*, que se tornara novo membro do MERCOSUL, em jogada política dos personagens, na liderança da política do bloco econômico do Mercado Comum do Sul. Além do Egito, com suas guerras políticas, para completar a cobertura narrativa do semanário.

⁵⁸ Importante esclarecer que como metodologia de análise, a seleção das edições de *Veja*, não se relaciona com os destaques da capa, mas a cobertura sobre a América Latina, de modo que a hegemonia de determinados gêneros está na ordem de cobertura sistemática do semanário paulista.

Tabela 11 – Destaques secundários da capa de *Veja*: Gêneros e geopolítica, episódio Argentina.

Gênero Jornalístico – Capa (todos os destaques)	Destaques Capa	Geopolítica	Destaques capa
<i>Política</i>	30	<i>Brasil</i>	49
Economia	12	Geral	14
Comportamento	8	<i>Estados Unidos</i>	9
Tecnologia	6	<i>Argentina</i>	4
Saúde	5	China	2
Entretenimento	3	<i>Inglaterra</i>	2
Meio Ambiente	2	<i>Venezuela</i>	1
Cinema	2	<i>Chile</i>	1
Ciência	1	Egito	1
Estética	1		
Violência	1		
Catástrofe	1		
Terrorismo	1		
Drogas	1		
Emprego	1		
Negócio	1		
Religião	1		
Mídia/Personalidade	1		
Veículos	1		
Aprendizado	1		
Educação	1		

Nota: Foram tomadas como referências as manchetes secundárias de *Veja*, nas capas, no intervalo de tempo das narrativas do semanário acerca do episódio sobre a Argentina.

A capa por si só já seria um espaço importante para compreensão da narrativa de *Veja*, em que se estabelecem narrativas, sobretudo imagéticas, com forte apelo simbólico, sobre acontecimentos-intrigas e composição de personagens na diegese para uma narrativa hegemônica provisória, na composição dos personagens que se configuram como fundamentais na formação do pensamento sobre a América Latina e a globalização. A rigor, tornando-se um ponto importante para uma ousada pesquisa sobre narrativa jornalística, do gênero interpretativo.

A rigor, sobre a América Latina, os personagens são tratados de maneira diferente, em sua posição e atuação política diante da matriz hegemônica que se organiza no meio, de modo a gerar impacto no leitor sobre a realidade social e política da região, na formação de seu imaginário e cultura social. Assim, pode-se observar até aqui uma visão dos líderes

políticos eleitos na região como populistas, comunistas, histéricos, loucos e, efetivamente, em dificuldades no comando das nações, como é o caso de Cristina Kirchner nas manchetes secundárias.

Reiteramos entender que a narrativa da capa é um lugar de impacto e conquista do eleitor, de modo a estabelecer o conhecimento sobre os personagens representativos na trama, como protagonistas e antagonistas, em conformidade com sua representação e performance, no tempo, havendo alterações sucessivas nas configurações dos heróis e anti-heróis. Nesta negociação de sentido com o leitor, inicia-se o enquadramento dramático, em concordância com um projeto narrativo, de modo a se encontrar estratégia eficiente no convencimento do interlocutor e a delimitar a realidade nesse mundo de intrigas e disputas sucessivas.

KIRCHNERISMO, PODER E COMUNICAÇÃO

Se o mundo é realmente uma aldeia global, as narrativas ganham imensa importância na definição de sua organicidade, de modo a dar tessitura para a sua realidade, sua existência, no imaginário social. Seria, portanto, nas disputas, que este lugar ideal vai surgindo, pouco a pouco, nas mentes de pessoas interligadas pela informação, pelas histórias. As fronteiras certamente são muitas, cada vez mais transponíveis na memória, na cultura, na política. Os embates se tornam, dessa forma, inevitáveis, com diferentes culturas querendo impor seu poder, sua forma de ver a verdade, o horizonte. O que se pode dizer sobre a América Latina, nesse contexto, com seus imaginários, realidades, símbolos?

Possível mesmo metamorfosear de um primeiro mundo, em detrimento dos seus costumes e tradições para impregnar-se de outras territorialidades, com suas trocas econômicas frenéticas? Devemos pensar a resposta, mas, antes, podemos acreditar que as narrativas não conhecem fronteiras e dependem de quem as transporta de lá para cá e de cá para lá. Nesse sentido, nada mais importante do que entender os narradores que conduzem cultura, poder, representação, como tentaremos fazer ver neste episódio sobre a Argentina, que não é uma nação-ilha no meio da América Latina, mas um país com suas raízes e políticas, bem verdade que impregnadas de há muito tempo por outras civilizações, mas construiu sua territorialidade tanto social, quanto político-cultural.

Daqui para a frente, pensamos em dar nossa contribuição para a compreensão do jornalismo, as suas histórias narradas, diariamente, com atenção a um dos veículos importantes do Brasil, a revista *Veja*, na composição de suas narrativas sobre a Argentina, tendo como objetivo compreender as estratégias do semanário na ordenação da política desse país latino-americano, na tessitura das tramas que envolvem a composição de personagens antagonistas, os vilões, ou mesmo, aqueles que querem impedir a mudança deste mundo, em favor de outros nem tão bem intencionados. Exige desenvoltura dos personagens protagonistas do narrador, quem na trama tem privilégios, como aquele que carrega a verdade, capaz de revelar as saídas para as crises, por vezes, na sua astúcia para vencer o antagonista, apesar de revelar-se com poucos princípios, sempre de acordo com o ordenador da história, ou eivado de princípios demais. Desse modo, as disputas passam a ser um espaço dramático de intensas intrigas, impregnadas de múltiplas vozes de personagens, que reproduzem ecos, com suas verdades inquestionáveis, que pressupõem

poderes a descortinar a realidade próspera para um mundo dinâmico e moderno. Há também relações de territorialidade nesse jogo de poder, com as competências e legitimidades dadas aos protagonistas e sistema de símbolos ideológicos. Dessa maneira, devemos considerar o tempo da narrativa, com forte efeito sobre o sentido de realidade, como estratégia, cujo imaginário é conduzido na relação com o passado, para aspectos estruturantes, numa estória que se desenrola, seguindo a performance dos agentes sociais que se impõem. Em torno da percepção das vozes e de seus efeitos de sentido, é possível observar configurações de consenso, em torno de uma matriz narrativa hegemônica, em razão das disputas, como veremos, provisórias e em negociação, com a defesa de verdades e modelo político, na representação do próprio narrador, de modo a dar conta das disputas entre personagens, nos vários acontecimentos-intrigas que se sucedem.

Nesta análise, o posicionamento dos narradores nas estórias se mostra determinante, de modo a estabelecer a ordem política e econômica, em sequência, que se compõem no tempo narrativo. Inicialmente, entre fragmentos do passado, organizados estrategicamente, o presente evidenciado numa visão de mundo que aponta para o futuro, não muito distante. Um dos pontos a observar são as disputas no campo simbólico, com reflexo no cultural, para a composição de quadros dramáticos, que deem conta da delimitação e organização das sequências, no projeto narrativo. Assim, a referência a diversos outros personagens da América Latina, com imagens já ordenadas em outras narrativas, no pretérito, levam o interlocutor do semanário, na contemporaneidade, a estereotipar os personagens antagonistas, que permanentemente agem com força e na direção oposta à hegemonia consensual definida nas estórias do narrador, que é também um agente político da trama que organiza e faz ver.

A seção deverá revelar estratégias importantes das narrativas, cujo espaço das intrigas não resulta em um país de posições políticas e econômicas radicais de enfrentamento ao modelo neoliberal, como Cuba ou Venezuela, por exemplo, porém, a realidade revela momentos de tensão, diante de enunciados de uma matriz hegemônica radicalizada em seus fundamentos de perspectivas globais. A construção de sentido, nessas análises, passa a definir-se mais transparente sobre a visão de mundo a que se propõe o semanário *Veja*, com seus interesses na política. Certamente, dá-nos a dimensão da realidade político-ideológica que se estabelece numa região multicultural, em que há

diferentes posturas políticas, em consequência de imaginários de seus agentes sociais, com sua representação e efeitos sobre os personagens das estórias.

Os piqueteiros e as panelas

Iniciamos a estória com a Argentina em crises sucessivas, com falta de alimentos nas gôndolas dos supermercados e uma inflação em alta, sem controle dos governos. Como resultado disso, a população está nas ruas, em protesto contra a política de estado assistencialista e popular. A família política Kirchner, do ex-presidente Néstor e a atual presidente Cristina, é a principal responsável pela escassez de produtos nas prateleiras dos supermercados e lojas do país. Não se trata de falta de condições econômicas para o desenvolvimento, conta *Veja*, pois desde 2003, a Argentina “[...] começou a crescer em ritmo acelerado – próximo de 9% anuais. Dois anos depois, as fábricas já operavam perto da capacidade máxima. O problema é que a má vontade do casal presidencial expulsou o investimento estrangeiro” (2/4/2008, ed. 2054, p. 68).⁵⁹ Paradoxalmente, o casal estimulou o consumo, mas congelou tarifas de serviços públicos e preços nos supermercados, uma situação que passou a insustentável, uma bomba-relógio.

Como efeito da política nacionalista, a população invadiu as ruas, em protesto e encontrou seu jeito de chamar a atenção dos governantes que cometem equívocos. O *panelaço* é um deles; o tinido pressupõe “O Recado das Panelas” (2/4/2008, p.68) destaca *Veja* no título. Logo abaixo, a imagem (64,8 cm/col.) de uma mulher, batendo panelas, com ira, ao lado de outros manifestantes que carregam faixas, dando o tom contra a política do casal Kirchner.

Ao longo da narrativa, revela-se o pano de fundo do narrador, pois, nas disputas com o governo, estão os ruralistas, o estopim para levar a multidão para as ruas, em protestos. Afinal, “[...] há três semanas o governo elevou o imposto de exportação sobre a soja, uma espécie de confisco sobre o principal motor do crescimento econômico argentino” (2/4/2008, p.69). Os fazendeiros querem exportar, o governo quer manter os preços dos produtos baixos, internamente, dessa forma intervindo na economia, e “[...] os aumentos no custo dos insumos com a inflação tornam a produção pouco atrativa”

⁵⁹Como anteriormente, o conteúdo das edições da Revista *Veja*, analisados neste episódio, com suas narrativas (estórias), também podem ser vistos no acervo digital do semanário da Editora Abril, de acesso público, em <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>.

(2/4/2008, p.69). Os ruralistas contrariados, “[...] em resposta, bloquearam dezenas de pontos das estradas do país com tratores e caminhões” (2/4/2008, p.69). A presidente Cristina Kirchner reage “[...] com fúria [...] não negocia com a pistola apontada para a cabeça, [com os] *piqueteiros da abundância*” (2/4/2008, p.69, grifo nosso). A situação fica tensa entre os personagens e *Veja* ordena a configuração das disputas na trama pelo controle político e econômico do país.

Se Néstor Kirchner comandou o país, sem ouvir o som das panelas, que deixaram em desespero vários presidentes da Argentina, Cristina começa a ouvir o barulho das ruas, sinal de perda de apoio popular e crise de poder político do governo, pela frente. A esposa de Néstor foi eleita “[...] com 20 pontos de vantagem sobre o segundo colocado em outubro do ano passado, e ninguém supõe que seu mandato esteja ameaçado pela volta do bater de panelas” (2/4/2008, p.68). No entanto, o painel demonstra a quebra de consenso em favor da presidente, cujo governo repete o comportamento do marido, o de rispidez e autoritarismo. O narrador, aos poucos, define os personagens e seu lugar na história, configurando, portanto, a composição dramática da narrativa.

Como escreve *Veja*, o mundo mudou e “[...] a velha retórica populista de culpar uma elite econômica pelos problemas do país provou-se desgastada. Na capital, Buenos Aires, e nas principais cidades, milhares de argentinos pintaram faixas e camisetas em apoio aos fazendeiros” (2/4/2008, p.69). A população dá clara demonstração de que sabe de quem é a culpa pela inflação crescente e falta de alimentos: que *não é da elite*, mas do governo que age de maneira populista. O economista da empresa Tendências Consultoria Integrada, em São Paulo, Mailson da Nóbrega, conta que “[...] a Argentina está vivendo um filme a que o Brasil assistiu na década de 80, com controle de preços, manipulação dos índices de inflação e hostilidade ao capital financeiro” (2/4/2008, p.69). O personagem de *Veja* faz comparações, em tempo pretérito, citando a crise que o Brasil superou, negociando com setores financeiros internacionais, deixando de controlar preços e reduzindo a inflação.

O narrador-veículo, na composição de seu enquadramento dramático, revela a imagem de Cristina Kirchner (10,5cm/col.), no alto da página, em discurso, enfrentando os que ela chamou de “piqueteiros da abundância”, os fazendeiros, com ar de autoritária, com mão a bater na mesa. Logo abaixo, no fio da história de *Veja*, os erros políticos cometidos pela antagonista, em quadro, demonstrando os “[...] três passos para o desastre[...]”

(2/4/2008, p.69) de um país: a inflação que somente aumenta, e já chega aos 25%, embora o governo só admita 8%, o que impede reajuste de salário, mas alavanca o aumento de preços; o governo congela preços, o que motivou os produtores a exportar; e o governo confisca a produção, aumenta impostos sobre exportação, levando, assim, os produtores à greve.

Já na introdução do episódio sobre a Argentina, a estória de *Veja*, nas disputas entre Cristina Kirchner com os produtores, revela que a população está do lado da elite econômica, porque sabe quem está com a razão, por trás da inflação em alta e falta de produtos nos supermercados. Como pano de fundo, *Veja* descreve que os investidores externos não se sentem amparados no governo de modelo populista, embora sejam os agentes capazes de retirar a Argentina da crise. Na configuração dos personagens, Cristina Kirchner está no papel de principal dos antagonistas, diante da postura política de assistencialismo, agindo contra o mercado externo. Como consequência, começa a perder popularidade e os sinais são de um fim melancólico do governo.

Na composição do acontecimento-intriga, em duas páginas, os personagens participaram da narrativa com 59 palavras para seus enunciados. Ampla vantagem para os personagens protagonistas com voz que mereceram espaço para 43 e os antagonistas atuaram com 16 palavras. Em essência, na diegese, a Argentina deve abrir suas fronteiras para a inserção no mundo globalizado, caminho para o desenvolvimento econômico e social. No final, o poder está na representação das instituições de mercado, na composição narrativa de *Veja*.

Sete semanas depois, em 21 de maio de 2008, na sequência da estória de *Veja*, se os fazendeiros formam grupo dos *piqueteiros da abundância*, o governo tem os seus *Piqueteiros Chapa-Branca*, como escreve o narrador no título (21/05/2008, ed. 2061, p. 82), na disputa de sentido dos personagens na trama, sendo que os piqueteiros do governo são violentos, dispostos a resolver as questões políticas do país, à força e no sopapo. A rigor, o modelo autoritário nas últimas décadas, na Argentina começou com Néstor Kirchner, quando eleito, em 2003, definindo-se entre uma esquerda progressista e um populismo autoritário, bem característico dos governos latino-americanos, escreve o narrador no fio da estória. Mantinha diálogo distante com os investidores estrangeiros, cujo comportamento era defendido por assessores, dizendo relacionar-se com a sua origem, natural da Província de Santa Cruz, na Patagônia. A vitória de Cristina Kirchner seria um

avanço nas relações internacionais, conciliando com investidores internacionais. O seu discurso de posse foi um alento. “O homem que me acompanha, companheiro de toda a minha vida, assumiu a Presidência em circunstâncias diferentes das atuais. Mas já avançamos muito. Quero agora unir todos os argentinos, sem rancor, sem maldade e sem ódio, pois o ódio só faz mal, só destrói” (21/05/2008, p. 82).

Conta o narrador que, depois de cinco meses, a disposição pelo ódio fica patente nas ações do governo da sucessora de Néstor. Em dificuldades, a presidente usa atitudes violentas para comandar o estado, o governo “[...] sendo obrigado a recorrer a um exército de desempregados, subsidiados com dinheiro público, para insultar o ódio, a maldade e o rancor que ela mesma definiu como forças destruidoras” (21/05/2008, p. 82). Nos dois últimos meses, grupos de piqueteiros enfrentam produtores rurais a sopapo, com o objetivo de dissolver protestos, além de atacar a classe média, também em protesto, alarmada com a inflação.

Não somente os piqueteiros atacam, também a imprensa argentina, e o alvo é o grupo de comunicação, Clarín, o maior conglomerado de mídia do país. O grupo liderado por Máximo, pelo filho do casal Kirchner, espalhou cartazes por Buenos Aires com os dizeres “Clarín mente”, “Clarín quer inflação” e “TN [Tudo Notícias] = tudo negócios” (21/05/2008, p. 82). Por correio eletrônico, os piqueteiros ameaçam a “diretora do grupo, Ernestina Herrera de Noble, e um dos proprietários, Héctor Magnetto. “Os e-mails trazem fotos do arquivo pessoal de Magnetto que, segundo um editorial publicado pelo jornal, foram obtidas por espionagem” (21/05/2008, p. 82). O grupo de comunicação que foi aliado do governo de Néstor Kirchner, não mereceu os ataques, a ira do governo, pois o que fez o Clarín “[...] foi jornalismo puro e simples” (21/05/2008, p. 82), toma posição na narrativa como agente, o próprio narrador, acrescentando que “[...] para a Casa Rosada isso é ofensa. O governo quer apenas elogios. Ponto.” Na abertura da narrativa (51,2 cm/col.), um dos cartazes espalhados na capital, com ofensas ao Jornal Clarín, em rua movimentada de Buenos Aires. Em primeiro plano, as frases apresentadas pelos piqueteiros Chapa-branca, descritas pelo narrador, denunciando o grupo de mídia, que, na visão do governo, estaria fazendo oposição à política do governo de Cristina Kirchner.

Neste ponto da estória, a disputa pelo poder político vai estabelecendo a composição dos personagens, na trama de *Veja*, entre o conglomerado de mídias argentinas Clarín, no papel de protagonista e o governo nacionalista, o casal Kirchner, ao lado dos

piqueteiros-chapa-branca, liderados por Máximo, como antagonistas. Em essência, Cristina Kirchner confronta diretamente, na intriga, com os produtores rurais e o setor financeiro internacional, que, ordenam-se como os principais personagens do narrador, portanto, os protagonistas, a elite exportadora argentina. Como reflexo, no enquadramento dramático de *Veja*, a classe média sofre com os sintomas de uma economia inflacionária, assistencialista e populista, cuja política destoa do modelo defendido pelos personagens protagonistas da estória de *Veja*, em disputa com o governo argentino. Na sequência, para a composição dos personagens, o narrador destaca imagem (7,56 cm/col.), no rodapé da página (21/05/2008, p. 83): Néstor e Cristina, sentados numa mesa, ladeados por pessoas, acenando; eles governam um país em que a economia está sem gás, mas demonstra tentação totalitária (21/05/2008, p. 83).

Qual seria a saída para a economia do país? No fio da narrativa, atrair investimentos produtivos, frear o crescimento do país, o que permitiria reduzir a inflação. Mas não foi este o comportamento do governo, e, no final, diante da crise, “Cristina optou por tentar baixar os preços à força” (21/05/2008, p. 82). Na sequência, conta o economista argentino Miguel Angel Broda: “Isso sem contar o aumento brutal dos gastos, como os subsídios ao transporte público, que aumentaram seis vezes em quatro anos” (21/05/2008, p. 83). Como forma de resolver um problema econômico, Cristina põe nas ruas os piqueteiros “[...] para fiscalizar os supermercados, ao mesmo tempo em que restringe a exportação de grãos e carne” (21/05/2008, p. 83), numa atitude autoritária. Nesse sentido, o governo cria e aumenta impostos, de maneira a controlar a oscilação dos preços dos produtos para exportação, de modo que, quanto maior a demanda pelos produtos no exterior, mais elevados os valores das taxas, para controlar a economia local. Como reação a medidas nacionalistas, os fazendeiros fazem protestos, e, na configuração dos personagens, ganham status de protagonistas. “Essa mulher está matando a galinha de ovos de ouro da Argentina, que é a agricultura” (21/05/2008, p. 83), comenta o personagem da estória de *Veja*, o pequeno produtor, Juan Carlos Mesquida, 62 anos.

Os produtores rurais exportadores, no confronto com o governo, têm o apoio da classe média urbana, que, de maneira orquestrada, também sai às ruas de Buenos Aires, diariamente, descreve o narrador no fio da narrativa, delineando o enquadramento dramático. Um desses, em março do ano passado (2010), foi encerrado por socos e pontapés, por Luiz D’Elia, líder da Federação Terra e Moradia, “[...] entidade de

piqueteiros financiada por programas sociais do governo. D'Elia, no papel de antagonista, é um admirador do presidente Hugo Chávez, de quem admitiu ter recebido dinheiro” (21/05/2008, p. 83), conta o narrador, já apresentando outro personagem importante deste episódio, como agente político da Argentina, mostrando-se antagonista ao modelo neoliberal. “Sou admirador da revolução bolivariana. E acho que as elites devem receber umas palmadas de vez em quando” (21/05/2008, p. 82), enfrentam os produtores rurais em disputa na estória de *Veja*. Na sequência, na definição do papel dos personagens na trama, escreve o narrador: “No governo de Néstor Kirchner, D'Elia ocupava um cargo público, na coordenação de programas sociais. Viu-se obrigado a deixar o governo depois de opinar que o serviço secreto de Israel estaria por trás do atentado à Associação Mutual Israelita Argentina (Amia), ocorrido em julho de 1994, no qual 85 pessoas morreram” (21/05/2008, p. 83).

D'Elia é um personagem problemático e truculento, além do mais, é admirador de Hugo Chávez, um símbolo da ditadura de esquerda da América Latina, cuja imagem vai sendo composta na relação com o Comunista Fidel Castro, as Farc da Colômbia e seu antiamericanismo empedernido. Considerando os modelos políticos da América Latina, o narrador descreve que o problema de abastecimento argentino não se resolve com a brutalidade, o populismo de esquerda, com desabastecimento e pânico dos consumidores, formando um quadro dramático da realidade política do país, como quer o governo Kirchner. No entanto, a política de modelo esquerdista tem influência no governo da presidente, que vem sendo questionada sobre uma maleta com 800 000 mil dólares, de origem venezuelana para sua campanha, apreendida em Alfândega de Buenos Aires. “O portador desse dinheiro foi depois detido nos Estados Unidos, assim como agentes venezuelanos enviados àquele país para comprar seu silêncio. Ao FBI, eles confessaram que os recursos eram uma ajuda do presidente venezuelano, Hugo Chávez” (21/05/2008, p. 83). O governo reage, dizendo tratar-se de uma armação golpista. Novamente, o narrador *Veja* assume papel de agente da narrativa: “Também seria golpista, segundo ela, a condenação unânime, da imprensa e dos especialistas, à construção, pela companhia francesa Alstom, de um trem-bala que vai unir as cidades de Buenos Aires, Rosário e Córdoba a um custo de 13,5 milhões de reais por assento” (21/05/2008, p. 83).

O narrador não dá trégua ao personagem nas denúncias e ataques. Na sequência, conta que “[...] na quinta-feira, a Sociedade Interamericana de Imprensa pediu ao governo

argentino que baixe seu nível de confronto com a imprensa e considerou que o estilo Cristina de governar incentiva atos de vandalismo e restringe a liberdade de expressão” (21/05/2008, p. 83). A entidade está preocupada com a criação de “‘observatório’ dos meios de comunicação, ligado ao governo e a professores universitários simpáticos aos Kirchner. Esse organismo terá a tarefa de ‘vigiar’ o equilíbrio editorial dos meios de comunicação” (21/05/2008, p. 82).

Assegurando as argumentações do personagem institucional, o narrador descreve que este é o mesmo método usado por Chávez, na Venezuela, para calar a imprensa independente, a estatização dos meios de comunicação e disputas pelas estórias políticas. No seu enquadramento dramático, *Veja* relaciona os dois governos latino-americanos no projeto autoritário e antiliberal. Continua o narrador, dizendo que Cristina ainda tem tempo para mudar essa realidade. “Mas tempo não parece ser o que falta a Cristina” (21/05/2008, p. 83).

Nessa narrativa, *Veja* estabelece pontos importantes do seu enquadramento dramático, ao apresentar a condição da Argentina, no governo de Cristina Kirchner, com política de violência, com uso de piqueteiros que atacam os adversários da presidência, para uma economia que afunda na falta de abertura econômica do país, que, ao contrário do modelo dos protagonistas, fecha-se para o mercado externo e para o setor financeiro internacional. O drama está na falta de produtos nos supermercados, devido à opressão governamental sobre os empresários do setor para aumentar preços, manter a inflação baixa. Nesse sentido, os produtores rurais são impedidos de exportar, para manter mais produtos no comércio interno e conter a alta de preços e a inflação. Uma política restritiva e contrária às propostas dos mercados globais. Na sinalização de sua metarrativa, a inflação é o resultado da atitude absurda do governo de resolver a economia, sem negociações externas, isolando-se.

Os personagens entram nas disputas narrativas de *Veja*, revelando a condução de sua estória, tendo como protagonistas a Sociedade Interamericana de Imprensa, com o objetivo de condenar a presidente, que tem como oposição política o Grupo de mídias, Clarín, o maior conglomerado do país. A instituição global defende a liberdade de imprensa na América Latina, dessa forma, contra governos como Hugo Chávez que cala os jornais na Venezuela, com o poder autoritário do chefe de estado. Apresentam-se, assim, nos grupos dos protagonistas de *Veja*, instituições importantes no sistema global, os

guardiões do modelo neoliberal, com relevância política e poder de representação no imaginário social, na América Latina e na ordem sistêmica internacional.

Entre os antagonistas de *Veja*, a principal personagem da narrativa, estão Cristina Kirchner, os piqueteiros Chapa-branca, liderados por Máximo Kirchner, que espalha palavras de denúncia contra o Clarín, em Buenos Aires, e Luiz D’Elia, líder da Federação Terra e Moradia, entidade financiada por programas sociais do governo. No final, os protagonistas levam vantagens, com 112 palavras, enquanto os antagonistas, 72.

A batalha das panelas

Na Argentina, o som do panelaço continua nas ruas, com uma multidão a protestar contra o governo do casal Kirchner, em narrativa, no mês seguinte, no intervalo de cinco semanas. A situação é de arrear, com mulheres batendo nas panelas freneticamente. O país está no caos e este é o “Custo do Populismo” (25/06/2008, ed.2066, p.148-149), escreve o narrador, no título em composição, com a imagem de pessoas “armadas” com panelas, logo abaixo, no destaque (106 cm/col.), com palavras de ordem contra o governo. No primeiro momento, o leitor se depara, com o enquadramento dramático do narrador, com um quadro (35,7 cm/col.) comparativo da inflação argentina (no intervalo de dez./2006 a mai./2008) que sobe de 9,8% para 28%, o que seria “a inflação verdadeira”, em azul e em vermelho, com 9,1% (Mai./2008), “a inflação manipulada” pelo governo. “Sinais de desastre” (25/06/2008, p.148-149) de um governo sem política econômica, e, em outro gráfico, aponta a América Latina, em quinto lugar, no que diz respeito ao volume de ações na Bolsa de Buenos Aires.

Mas, afinal, quais as bases para esse desastre iminente? Escreve o narrador que, depois de uma crise econômica, em 2001, como resultado da paridade insustentável de 1 dólar e 1 peso, Néstor Kirchner decidiu, por um modelo de governo autóctone, com o apoio da população. Nesta política, a culpa de todos os problemas do país passou a ser dos “[...] investidores estrangeiros, do FMI e dos mercados globalizados” (25/06/2008, p.149), que queriam quebrar o país, ironicamente, argumentos dos antagonistas do narrador. Na estória de *Veja*, guardiões do neoliberalismo estão do lado dos protagonistas. O comportamento do presidente isolou mais a Argentina, sobretudo depois do calote internacional. Mas o país conseguiu crescimento de 8,5% ao ano, desde 2004. A melhora

na economia permitiu Néstor eleger a esposa, Cristina, com 45% dos votos, em 2007, no primeiro turno, sendo que ele, em 2003, apenas obteve 22% de popularidade para se eleger.

Agora chegou ao resultado da escolha do modelo de governar de Néstor e suas consequências: depois de seis meses de eleita, Cristina e a população argentina se deparam com o caos e a convicção de que o crescimento do país não resultou da política autóctone, *mas de tempos de boom das commodities*, “[...] à valorização das cotações internacionais de produtos agrícolas produzidos pelo país do que as ideias amalucadas do casal Kirchner” (25/06/2008, p.149). No enquadramento dramático, segue o narrador na composição da narrativa, dizendo que, desde o governo de Fernando de la Rúa, em 2001, essa é a pior crise. “O abismo está cada vez mais perto. Falta comida nos supermercados, a inflação disparou para perto de 30% ao ano e há panelaços diários contra a política do governo nas ruas das principais cidades do país” (25/06/2008, p.149). O fator que aprofunda a crise, o epicentro, está no campo, com protestos da elite rural contra os aumentos de impostos para exportações. “Tributo sobre exportação agrícola, destinado a financiar a distribuição de renda em favor dos ‘descamisados’ e a concessão crescente de benefícios sociais e previdenciários – pedras basilares do legado de Juan Domingues Perón, o caudilho que governou a Argentina” (25/06/2008, p.149), cuja narrativa em flashes do passado, descreve o personagem político entre os antagonistas, na trama, ao lado do governo Kirchner. Entre os anos de 1946 e 1955, esse modelo clientelista sustentou a política do país e levou a crises permanentes.

Os impostos de exportação sempre existiram, fala *Veja*, mas agora há outros critérios; além de quadruplicar, o governo impõe aumentos conforme oscilação do mercado externo, “[...] uma aberração tributária, que anula as oportunidades criadas pelo boom mundial das commodities” (25/06/2008, p.149). Para o casal Kirchner os produtores rurais são golpistas privilegiados, escreve o narrador, organizando, definindo os papéis dos personagens na estória, estabelecendo o pano de fundo para a trama.

Nessa perspectiva do discurso econômico hegemônico, o governo Kirchner representa ameaça, com seu populismo de estado. Como conta o analista político argentino, Rosendo Fraga, “Seu descrédito se deve a três causas, a perda do apoio rural em decorrência do aumento dos impostos, a perda de apoio popular devido à inflação e o mal-estar crescente da classe média em razão de um estilo que percebem como autoritário”. Não é tudo, o mais importante, como observa o personagem é “[...] a evidência de que

Néstor, e não Cristina, é quem realmente exerce o poder, o que contribui para debilitar a imagem de sua mulher” (25/06/2008, p.149). E o pior, “A rápida deterioração do governo de Cristina Kirchner não seria grave se ela estivesse no fim de seu mandato” (25/06/2008, p.149).

Os personagens antagonistas se movimentam na estória. Néstor assumiu o Partido Justicialista, tornando-se seu líder, como herança do peronismo. “Já no ato de posse hostilizou seu padrinho, o ex-presidente Eduardo Duhalde, que caiu em desgraça por apoiar os produtores agrícolas sublevados” (25/06/2008, p.150). Duhalde, continua o narrador, passa, então, a ser tratado como golpista pelo governo, junto com os peronistas, *aqueles* que fazem panelaço contra a política do casal Kirchner.

Na estória de *Veja*, segue a narrativa revelando que a população tem simpatia pela elite econômica do país, compreendendo quais são “[...] os verdadeiros promotores de crescimento nos últimos quatro anos” (25/06/2008, p.150). Embora o solo da Argentina seja um dos solos mais férteis do mundo, o governo vem impedindo sua exploração e crescimento econômico. “Na Argentina, o custo para produzir 1 tonelada de soja é de 170 dólares. No Brasil, é de 200 dólares” (25/06/2008, p.150). À frente do país, em fertilidade do solo, está somente a Ucrânia e, no cinturão do milho, os Estados Unidos, compara o narrador, relacionando a potencialidade da Argentina com o principal agente econômico mundial.

A valorização das commodities poderia melhorar o país, pois o aumento no valor de comercialização da tonelada de soja foi de 240% se comparado com 2001. Na busca de explicar o crescimento econômico do país, mesmo com um governo gastador e populista, fala o narrador, no seu enquadramento dramático: “Falida, a Argentina viu-se subitamente inundada pelo dinheiro proveniente de suas exportações agrícolas. Entraram no país cerca de 50 bilhões de dólares desde então, um valor superior ao do remanescente de seu calote externo” (25/06/2008, p.150), algo em torno de 30 bilhões de dólares. Na narrativa, um dos maiores produtores de soja do continente, Gustavo Grobocopatel, confirma que “[...] pode-se dizer que o solo e a tecnologia agrícola argentinos são, em grande parte, responsáveis pela recuperação econômica do país” (25/06/2008, p.150) – não o governo de Néstor Kirchner, estabelecendo o lugar dos personagens na trama, em conformidade com uma matriz hegemônica da revista, germinando-se.

Na trama sobre a crise econômica do país, o resultado da melhoria de vida dos argentinos, depois de crises sucessivas, no final da década de 90 e início de 2000, se deve fundamentalmente ao mercado internacional, com seu poder de compra de commodities, numa ordem institucional global, com a qual os personagens da desordem, preferiram romper, inclusive, dando calote nos investidores internacionais, isolando-se ainda mais da expansão da economia globalizada e de seus agentes. No final, vem o preço a pagar, a crise cada vez mais aprofunda, num governo que não retrocede às suas políticas populistas, mas, ao contrário, continua avançando com o peronismo de tempos assistencialistas argentinos.

Néstor e Cristina são o casal Kirchner antagonista na condução política de um país fechado para o mundo externo, o narrador sinaliza para sua narrativa que hegemoniza. Na imagem (46,5 cm/col.), com destaque (25/06/2008, p.150), Néstor cumprimenta a esposa em festa da eleição de Cristina, em 2007, em meio a papel picado, num palco, diante de uma multidão. A presidente chora, ao abraçar o marido, em tempo de popularidade, agora, na contradição, convive com a queda da aceitação popular, continua *Veja*. Tempos em que o país vivia em crescimento, mas agora vê aprofundar a crise. Contígua à imagem, uma caixa (18cm/col.), do lado esquerdo, na composição da narrativa, na qual consta a descrição da “Receita do caos” resultado da política do Casal Kirchner: Nacionalismo, Anacronismo, Populismo, Clientelismo e Corrupção (25/06/2008, p.151).

O casal, “[...] além de ter enxotado os investidores privados e taxado os produtores agrícolas” (25/06/2008, p.150), não faz investimento na infraestrutura, o que torna a situação ainda pior. No enquadramento dramático, o narrador descreve que falta gás natural, o governo nacionalista não investe em prospecção de novas reservas de petróleo, em cuja produção, um dia, o país foi autossuficiente. Como exemplo de ineficiência pública, na condução do governo, no ano passado, ocorreu um apagão elétrico na Argentina, deixando a população às escuras. “Há dez anos, existiam 200 poços sendo explorados; até o início do ano passado, não havia mais que dez. É esse o resultado da interferência dos Kirchner nos contratos com as empresas de petróleo” (25/06/2008, p.151).

Na configuração do acontecimento-intriga de *Veja*, para descrever o caos na economia, o poder de voz se relaciona ao analista político argentino, diretor do Centro dos estudos Nueva Mayoría, Rosendo Fraga, que dispõe de 99 palavras para suas posições

políticas, como protagonista da estória. Outro personagem importante da narrativa é um dos maiores produtores de soja do continente, o argentino, Gustavo Grobocopatel, com 42 palavras; ainda merece destaque, como protagonista, o historiador inglês Paul Johnson, com 64, que completa o poder de vozes dos protagonistas, em 205 palavras, contra 22 dos antagonistas.

Quando penso na Argentina, fico maluco. É um dos poucos casos para os quais não encontro ao menos uma droga de explicação. Sempre que vou embora de lá, saio cheio de tristeza. Fico incomodado por não ser mais a potência que era antes desse homem espantoso, Perón. Suponho que grande parte da culpa seja da elite política do país, que não serve para nada (25/06/2008, ed. 2066, p.151).

Faz sentido, conta o narrador, “[...] mas não se deve esquecer que são os eleitores que escolhem os seus dirigentes” (25/06/2008, p.151). Dessa forma, se está ruim, como descrito na diegese da estória de *Veja*, cabe aos eleitores uma decisão, mudar os agentes políticos do estado, os causadores da crise, bem definidos na narrativa. Cabe atenção aos processos políticos. A rigor, a Europa é uma das referências das vozes dos personagens de *Veja*, na perspectiva política global, no que se refere à Argentina. Como exemplo, o inglês, Paul Johnson, que escreve “[...] sempre que saio de lá[...]”, ou seja, quando visita a Argentina, que está ao longe, não consegue entender a falta de competência da elite política de lá (diferente da daqui, europeia), hoje, herdeiros do peronismo.

Embora não se tenha percebido nenhuma voz dos personagens antagonistas, até então, em outra caixa, em separado, o narrador descreve o perfil de um antagonista virulento da estória, o “piqueteiro” Luiz D’Elia, que é fiel ao governo Kirchner, desde que Néstor lhe deu um cargo no governo, ligado a verbas sociais, mas, diante de seu temperamento explosivo, foi obrigado a deixar a administração pública. Isso ocorreu, sobretudo, depois das afirmações sobre o atentado a bomba contra a Associação Mutual Israelita Argentina (Amia). D’Elia, como personagem da narrativa, obteve 22 palavras, para se defender sob sua condição de piqueteiro em favor do governo. O antagonista é descrito por *Veja*, em imagem no rodapé (25/06/2008, p.151), com posição de radical, gesticulando para outras pessoas. Para o leitor, conclui o semanário, D’Elia é um Piqueteiro chapa-branca, e fanfarrão do dinheiro público.

Como maneira de sair da crise, a fórmula, como são mostradas as vozes dos personagens, se restringe à abertura econômica, ao diálogo com o mercado externo e o setor financeiro internacional, seguindo o modelo neoliberal global. Internamente, aproximação com a elite rural, cujos produtores formam a base da economia argentina, em

permanente parceria internacional, protagonistas nas intrigas de *Veja*, e em disputa com o governo nacionalista e assistencialista do casal Kirchner.

As disputas narrativas, nesta análise, estão na ordem das elites internas, em confronto com o meio político, com negociação com grupos econômicos externos, como analisamos em seção anterior, o que forma os critérios da dependência para setores econômicos importantes do país. As narrativas nas mediações relacionam-se sucessivamente, no tempo e no território, de modo a definir um consenso discursivo, dentro das disputas, para um modelo social, que vai se materializando numa matriz narrativa hegemônica. O interlocutor está nesta referência, para a formação de pensamento e imaginário, não somente como modelo, em decorrência de narrativas isoladas, mas como expectador em um mundo das disputas políticas, da comunicação e da persuasão pela configuração e enquadramento dramático de narrativas que se sucedem.

Com isso, os painéis não param na Argentina, levando riscos ao presidente eleito, com efeitos no terreno político. Quatro semanas depois, na sequência da narrativa, um fato importante na estória: o casal Kirchner mostrou fraqueza na política, diante das adversidades econômicas e não conseguiu aprovar aumento de impostos para exportação, sofrendo retumbante derrota política. A alíquota de 35% que poderia chegar a 44%, não passou pelo Senado, com o apoio popular. “Após um eletrizante empate entre governo e oposição, o vice de Cristina, Julio Cobos, que é também presidente do Senado, *votou contra o confisco*” (23/07/2008, ed. 2070, p. 138, grifo nosso), revelando intrigas internas no próprio governo. Na defesa de seu nacionalismo, nas disputas políticas, “O casal ficou sozinho” (23/07/2008, ed. 2070, p. 138), evidencia-se no título de *Veja. O povo faz festas em Buenos Aires*, como confirma a imagem, no alto da página, ainda na abertura da narrativa, com destaque (33 cm/col.), favorável à elite rural, os produtores da riqueza do país e promotores de seu desenvolvimento.

Se, antes, o governo aprovava o que queria, com um Congresso servil, nesta nova realidade da economia argentina não é o que acontece, e ficou claro com a votação em favor dos produtores rurais, com o voto decisivo do vice-presidente. Nos últimos quatro anos, o governo decidiu pelo confronto, e, no impasse, mediu forças com a política liberal e deu errado. Foram “[...] quatro meses em aberto confronto[...]” (23/07/2008, p. 138), com bloqueios em estradas que prejudicaram o abastecimento, e, finalmente, saiu derrotado.

Na estória de *Veja*, nas narrativas anteriores, com o objetivo de estabelecer o território dos conflitos, definem-se sentidos para as disputas entre nacionalismo e neoliberalismo. A agricultura permitiu Néstor governar com 70% de aprovação e crescimento de 9% ao ano, e a participação externa foi fundamental para o *boom* argentino, com aumento de preços internacionais dos grãos. Para a crise do governo, por seu turno, apesar da economia em vigor, “Também contribuíram artificios de curto prazo: o congelamento de preços e o aumento nos gastos públicos, que cresceram 40% ao ano” (23/07/2008, p. 138). Para se chegar ao clímax da vitória dos ruralistas, descreve o narrador, “[...] após quase 130 dias de protestos e sucessivos embates com o governo, que boicotou as negociações, os agricultores tornaram-se os *porta-vozes* do descontentamento da população, farta de uma inflação próxima de 30%” (23/07/2008, p. 138, grifo nosso), que para o governo não passava de 8%. Desse modo, o narrador, a cada passo da narrativa, se insere na disputa pela estória política na Argentina, ao lado do protagonismo da elite econômica.

Se os piqueteiros, na véspera da votação, conseguem 90 000 pessoas, os fazendeiros saem às ruas com 230 000, que os apoiam espontaneamente em Buenos Aires, escreve *Veja* na sequência de seu enquadramento dramático.

O governo vive dias difíceis, com queda de popularidade, agora em 20%, e com racha na base aliada, inédita. Os legisladores, na sua maioria, abandonaram Cristina, que, aos poucos, vai se isolando no poder populista. “A oposição continua fraca, mas ganhou uma oportunidade de ouro para se fortalecer”, fala o cientista político argentino Julio Burdman. Nessas condições, finalmente, o casal Kirchner terá de fazer política, pela primeira vez, deixar de lado o autoritarismo vigente e negociar. “As previsões seguem pessimistas” (23/07/2008, p. 138), o narrador prevê futuro nebuloso para os nacionalistas da estória. No final, de maneira irônica, o narrador descreve a presidente Cristina Kirchner diante do símbolo da bandeira argentina, em imagem de rodapé (7,5cm/col.) lamentando a derrota por um voto, o do seu vice, com o dedo indicador, sinalizando o número 1, infantilizada, como alguém que desconhece a realidade. Perdeu.

Narrativa que marca um *ponto de virada na estória de Veja*, ao completar o processo nas intrigas do episódio, em que a elite rural consegue dobrar o governo, depois de muitas disputas e manter a condição de exportadores, sem a intervenção do estado nacionalista, com impostos, mantendo parceria com o capitalismo internacional. As

disputas duraram meses e, finalmente, a festa dos vencedores, que se impõem ao estado populista do casal Kirchner, sendo porta-vozes da população que esteve nas ruas, na disputa contra a política assistencialista do governo. Em decorrência do resultado, a narrativa mereceu apenas uma página, o que será diferente para intrigas mais combativas, adiante. A voz de personagem na narrativa é apenas do *Cientista Político* argentino, Julio Burdman, com 13 palavras. O suficiente para identificar a condição política de crise da família Kirchner no fio narrativo. Corre riscos o kirchnerismo, mas as intrigas continuam.

Mercado para o estado do bem-estar social

Encerrada uma disputa, logo os personagens se movimentam para outro acontecimento-intriga de *Veja*, que envolve interesses econômicos e políticos de grupos, com ênfase na política. Assim, 14 semanas posteriores, já caminhando para o final do ano de 2008, a presidente Cristina Kirchner propõe um novo projeto, com objetivo de levar para as contas do governo dinheiro da previdência, retirando das mãos do setor privado. Num primeiro momento, 10 milhões de aposentados se movimentaram em direção ao serviço do estado, cujas disputas passaram a fazer parte do cenário político, na narrativa de *Veja*.

O título do narrador “o ‘senyenismo’ de Cristina” (29/10/2008, ed. 2084, p. 83), inicialmente chama a atenção do leitor. Afinal, o que vem a ser senyenismo? No final, um jogo de palavras, que visa despertar o interesse do interlocutor de *Veja* para as políticas de estado, pensadas por um inglês, John Maynard Keynes (1883-1946). Um homossexual enrustido, como descreve o narrador, em “[...] uma sociedade conservadora, sem a proteção da correção política, inexistente em seu tempo”. Mesmo com o holocausto de Adolf Hitler, Keynes ainda achava a “[...] eugenia a mais importante, significativa e a única genuína contribuição da sociologia” (29/10/2008, p. 83). Na defesa daquilo que se poderia chamar dos “bem nascidos”, possivelmente uma tomada de posição do narrador nas intrigas dos personagens – numa perspectiva dos mais talentosos, afortunados de inteligência. Ironizando previamente os antagonistas, aqueles que ignoram o real papel do Estado, escreve o narrador: “Nem precisa dizer quanto o pobrezinho apanhou em vida e depois da morte” (29/10/2008, p. 83), e nunca tão abusado em tempos de participação do estado no salvamento de empresas em falência, na crise mundial. A verdade está

delimitada para os personagens, por um sociólogo inglês reconhecido por outros agentes políticos, sabiamente, dos grandes centros econômicos – os ingleses de lá, da Europa.

Keynes, nas suas abordagens, defende “[...] a intervenção pontual do estado na economia nos momentos de crise para garantir emprego dos trabalhadores” (29/10/2008, p. 83). Na Argentina, no entanto, foi abusado, virado do avesso (metáfora já anunciada, na relação com sua escolha sexual). “Ele vem sendo vendido aos incautos, como o campeão da estatização e da presença permanente da burocracia nos processos de criação de riquezas dos países” (29/10/2008, p. 83), à semelhança dos ignorantes, como os defensores do populismo argentino. Cristina Kirchner não entendeu o que quis dizer Keynes sobre o papel do estado, “[...] intervir e salvar mercado em momentos difíceis. Na Argentina o que se viu foi a presidente obrigar o mercado a salvar o governo” (29/10/2008, p. 83), posiciona-se o narrador, em torno da matriz hegemônica narrativa, mantendo seus fundamentos contra o nacionalismo do governo argentino, antagonista no fio da estória.

Dessa forma, insensato o governo retirar dinheiro do mercado, obrigando os aposentados a optar pelo estado, cuja finalidade é manter a política assistencialista. “Se aprovada pelo Congresso, a medida proposta pela senhora K vai permitir ao governo usar as economias que essas pessoas fizeram para garantir um futuro tranquilo em um país instável” (29/10/2008, p. 83), define o narrador. Argumentos para o seu projeto dramático, na tentativa de convencer o seu interlocutor da importância da política de estado para salvar o mercado das crises, missão que se impõe, organizando-se o projeto dramático.

Acima de tudo, conta *Veja*, é preciso zelar pelos interesses dos contribuintes, que no estado “[...] os trabalhadores vão perder, entre outras vantagens, a possibilidade de acompanhar o rendimento de suas aplicações e o direito de se aposentar antes de completar trinta anos de contribuição” (29/10/2008, p. 83). Principalmente serão prejudicados aqueles que querem aposentadoria acima do teto. “Nos fundos de pensão privado, o trabalhador é dono do dinheiro aplicado ao longo dos anos e dos seus rendimentos [...] o direito de propriedade desaparece se a conta for absorvida pelo sistema público de previdência” (29/10/2008, p. 83), completa o economista da consultoria *abeceb.com*, em Buenos Aires, Mariano Lamothe, com referência negativa sobre a política estatal, na disputa com a iniciativa privada.

O governo alega que o objetivo da medida é salvaguardar o direito dos argentinos, em tempos de crises, considerando que os planos de previdência estão em ações e “[...] a

bolsa argentina já perdeu 55% de seu valor desde o início do ano.” Mas, conta o narrador, ele próprio o agente político na estória: “[...] até o mais *desinformado* argentino sabe que a manobra foi feita para obter recursos para tapar rombo de 10 bilhões de dólares nos cofres do estado” (29/10/2008, p. 83).

Sem o “‘senyenismo’, o keynesianismo ao contrário, a presidente teria de abortar sua conduta de clientelismo político em pleno ano eleitoral” (29/10/2008, p. 83). Portanto, um jogo de palavras, no qual a personagem da presidente, ao invés de compreender o que diz o inglês Keynes, prefere desvirtuar sua lógica, que, de fato, é a verdadeira, na contraposição à falsa compreensão de que o estado está acima do mercado, mesmo em tempos de crises, o “*senyenismo*” – como no sentido político, a palavra deve ser lida como *Keynes ianismo* ao contrário, à moda do populismo da senhora K. Nesta estratégia narrativa, coloca-se em pé a teoria de Keynes, contra qualquer outra tradução, assim como fazem outras grandes potências internacionais, ao salvar bancos da quebradeira, na crise econômica global.

Para arrematar, ainda se torna importante outro personagem europeu famoso, que vale como referência para a Argentina, mas em sentido figurado, com uso de metalinguagem, assim, exigindo fixação do discurso no seu interlocutor. “O confisco estatal, instituição nacional que fez a Argentina ser conhecida, numa *corruptela* da famosa expressão de Winston Churchill sobre os heroicos pilotos da RAF na II Guerra Mundial, como ‘o país onde nunca tantos fizeram tão pouco com tanto⁶⁰’” (29/10/2008, p. 83, grifo nosso).

A personagem antagonista de *Veja* se destaca em imagem (46 cm/col.), sentada, com olhar ao longe, atenta ao “bolso alheio”, ironiza o narrador. Seu objetivo é o *Cristinazo* numa referência ao *manotazo*, o famigerado “confisco estatal”, numa referência a crises argentinas em narrativas pretéritas. O governo da Argentina, populista, é, portanto, ironizado pelo narrador, de modo a colocar-se no seu lugar na condução política, diante de verdades estabelecidas por agentes sociais reconhecidos no mundo acadêmico e político. No projeto dramático, a realidade se estabelece, a partir de pontos de referência das vozes dignas de poder e decisões. A defesa do estado acima do mercado é condição de ignorância, porque está dito, como se pode observar em frases que passam pelo tempo, e sucederão no futuro. Assim, revelam-se pontos importantes sobre a formação de uma

⁶⁰ A frase do primeiro ministro inglês seria em português, originalmente: “Nunca tantos deveram tanto a tão poucos”.

matriz narrativa hegemônica, com suas estratégias e definição de poder e verdade. A rigor, em *Veja*, nesta narrativa, o poder de voz ficou somente para os protagonistas, com 35 palavras.

Na sequência, as disputas pelo poder político entre protagonistas e antagonistas e, mais uma vez, chega a momento de tensão na estória política da Argentina. Em jogo, disputas eleitorais no legislativo, com intensos reflexos sobre os principais personagens da narrativa, de modo a interferir na moral da própria diegese, que se descortina na mente do seu interlocutor. A tarefa é difícil e exige deixar claro o que está em jogo, as consequências políticas e econômicas para um país, ou, mesmo, para toda uma região. Dessa forma, o narrador compõe a sua intriga, definindo, sobretudo, os antagonistas, estabelecendo os princípios da política dos tempos de globalização, numa referência a outras narrativas em disputa. Sua missão, neste ponto, está em convencer seus leitores da realidade que se apresenta para cada cenário, em decorrência das eleições que anuncia. Dessa forma, vai desenhando na sua textualidade o futuro do país, que compõe o seu quadro político e dramático, em disputa com um projeto narrativo sendo organizado, conforme ideologia social e interações narrativas e na intersubjetividade de vozes.

Para este episódio, passaram-se 34 semanas, cerca de 8 meses. Já estamos em 2009, no mês de junho, faltando apenas 4 dias para as eleições que ocorrerão no domingo. Embora o governo do casal Kirchner tenha começado em 2003, com Néstor e, depois, sucedido por Cristina, sua esposa, em 2007, o populismo hegemôniza na Argentina, sem apoio político e, por isso, a família toca agora mais do que nunca, “Um tango para lá de desafinado” (24/06/2009, ed. 2118, p.122), como escreve *Veja* no título, na abertura da narrativa. Na imagem em que se destaca o casal Kirchner (75,45cm/col.), os presentes, políticos do partido Justicialista, cuja liderança é de Néstor, não estão descontraídos, contrastando com o sorriso do casal em um telão acima do seletor público. As disputas políticas, pelos índices da narrativa de *Veja* revelam dias aterradores para tempos nervosos e complicados.

No período, o que se vê pelas ruas são somente dificuldades vividas pelo país, como escreve o narrador, são pessoas aumentando suas construções nas favelas de Buenos Aires, e para cima, devido à falta de espaço. Um contraste na terra dos Kirchner. Se, por um lado, a atividade da construção civil está em queda, as favelas só aumentam. Não somente, muitos carros usados, à venda, na periferia, o que sinaliza para forte crise na

economia. “A mortalidade infantil na província de Buenos Aires subiu 8%, somente ano passado. Tudo isso dá a ideia de que algo vai muito mal na Argentina” (24/06/2009, p.122), escreve *Veja*. O enquadramento dramático do narrador, cujo objetivo é apresentar para o leitor signos para o convencimento sobre a realidade, usando efeitos de sentido e recursos de linguagem, acrescenta que a quantidade de moradias irregulares aumentou 30%; três em cada quatro argentinos não ganham o suficiente para viver, apesar do PIB crescer 8,7%, no mesmo ano – um contraste da má distribuição de renda e aumento da pobreza. O cenário é desolador, com mais favelas e bebês morrendo, como resultado do nacionalismo – não do capitalismo internacional, deve-se observar bem, como deixa nas entrelinhas o narrador. “No mínimo, o governo deveria estar reconsiderando suas políticas econômicas e sociais. A presidente argentina diz que não é o caso” (24/06/2009, p.123); e segue o modelo à beira do abismo. Em campanha, Kirchner ressalta: “[...] encontramos o caminho e devemos segui-lo” (24/06/2009, p.123).

O mundo de ilusão de Cristina Kirchner estará em jogo, no próximo domingo, para quem a economia da Argentina cresceu entre 2003 e 2008 a 8%. Na configuração das intrigas, o narrador define o cenário para a personagem, restabelecendo suas referências dentro da estória sobre a política do país, com atenção à defesa dos protagonistas. Na verdade, o crescimento do país, durante o governo de Néstor, se deveu, 60% às exportações de produtos agropecuários, cujo resultado tem relação com a alta dos preços da soja no mercado mundial, à época; retoma-se o fio da narrativa em imagens pretéritas, para depois seguir a configuração da matriz hegemônica. “Os Kirchner só mexeram [na economia] para atrapalhar, impondo restrições às exportações agropecuárias, expulsando os investidores estrangeiros e adotando *medidas heterodoxas* de combate à inflação” (24/06/2009, p.123), segue o narrador com seu projeto dramático, comparando a política do governo argentino incompetente e o mercado externo do desenvolvimento eficiente.

Nessa linha, a narrativa enfatiza na diegese pontos já descritos, como a falta de capacidade do governo de aproveitar os bons momentos externos para melhorar a vida dos argentinos. Em decorrência das medidas desastradas, o país deverá importar trigo e carne, no próximo ano. “Esses produtos são emblemáticos da era de ouro argentina, no início do século XX, quando a república platina estava entre as dez nações mais ricas do mundo e

rivalizava com os Estados Unidos no papel de líder econômico do futuro” (24/06/2009, p.123).

Na formação da diegese narrativa, a Argentina perdeu grandes oportunidades políticas e econômicas no passado, sendo, portanto, comparada aos Estados Unidos, no tempo pretérito, como insiste o narrador na estória; então, na composição está entre os protagonistas de *Veja*, o país da América do Norte, a potência mundial neoliberal. A comparação, dessa maneira, isola riquezas do país latino-americano, como terra fértil e potencialidade para o desenvolvimento dos acontecimentos da política e ordem social autóctone, de modo a confirmar na narrativa, de quem realmente é a culpa da profunda crise, motivada pelo nacionalismo. Assim, na sequência da configuração, Europa e Estados Unidos seguem como modelos comparáveis e eficientes, como medida para comportamentos políticos e econômicos locais e regionais, possivelmente, com ênfase na *intelligentsia*, base intelectual para esta contemporaneidade, cujas vozes revelam-se fundamentalmente hegemônicas.

A política do casal presidencial dos Kirchner, na descrição de *Veja*, vem causando problemas para os produtores de trigo e carne, no campo. Os grãos mantêm grande quantidade de perdas, também em razão da seca, mas há a pressão do governo para que as vendas sejam feitas no próprio país, um grande problema para a economia, com base na agricultura. Os produtores passam a produzir menos, desestimulados com as medidas populares. Sobre a carne, desde 2006, há leis que restringem as vendas para o exterior, os frigoríficos sendo obrigados a comercializar 65% no mercado interno. Com isso, em decorrência de um país fechado para o capitalismo internacional, consumidor em grande escala dos produtos argentinos, sem preços melhores internamente, os produtores decidiram por diminuir suas matrizes na criação de gado para corte.

Na configuração da situação dramática da Argentina, destaca-se, no alto da página, José Bertoglio, em suas atividades no campo (33,9cm/col.), um produtor de carne, que reclama do preço do produto e, ainda por cima, conta que Kirchner diz que os pecuaristas representam a velha oligarquia, e faz ironia: “Eu tenho cara de oligarca?” (24/06/2009, p.124), um produtor que se mostra um trabalhador, com vida diária nas atividades no campo, conforme a narrativa do semanário. Na composição narrativa, implicitamente, os produtores rurais exportadores continuam protagonistas, representados pelo personagem que ironiza a realidade preconizada pelo populismo – cuja política esta articulada como

antagonista na trama. A realidade está na ironia e explícitas marcas na imagem simbólica do pequeno produtor-trabalhador.

Na condução da formação de sua diegese, *Veja* apresenta o presidente do Consórcio de Exportação de Carnes Argentinas, Mario Ravettino, o qual escreve que “[...] nenhum país será capaz de nos vender carne ao preço que estamos acostumados a pagar, por isso teremos de modificar nossos hábitos alimentares” (24/06/2009, p.124), mexendo nas tradições culturais de consumo no país.

A crise na Argentina cada vez mais se mostra mais profunda, mais à beira do abismo e ganha tensão no desenrolar da narrativa de *Veja*. No campo, desde 2006, produtores trocam gado por soja, atraídos pelos preços, mas Cristina Kirchner quis barrar os pecuaristas, aumentando taxas dos grãos para o exterior. Uma grande derrota na política relembra o narrador em *flashback*, organizando seu enquadramento dramático. “A segunda poderá ocorrer no dia 28, com uma possível vitória da oposição” (24/06/2009, p.124), sinaliza para a realidade que deve ser descrita nos próximos episódios, apontando para o pano de fundo da estória, a metanarrativa de *Veja*.

No cenário político, a situação está também complicada e o governo tenta estratégia política para atrair para a campanha candidatos de fachada, para compor seu grupo eleitoral, considerando ser pleito que o eleitor vote em lista fechada e somente na legenda, de forma que os primeiros da lista são aqueles que ocuparão cargos importantes. Nesta batalha política para aumentar o poder de Cristina no Congresso, com resultado favorável no próximo domingo, está o próprio Néstor Kirchner, como personagem da disputa. Como vai se tornando uma prática do narrador, adjetiva e investe contra os personagens antagonistas na sua estória, de fato, assumindo-se como um agente político na construção da realidade, a influenciar a percepção do leitor nos seus enquadramentos, sem preocupar-se em se distanciar da trama – revelando, portanto, a cada passo da narrativa, a sua subjetividade, mais evidente -, neste contexto atuando entre os personagens, em outras circunstâncias, a favor dos protagonistas, porém aqueles em conformidade com a matriz narrativa hegemônica.

“Na qualidade de ex-presidente Néstor Kirchner deveria estar fazendo palestras ou escrevendo suas memórias, mas seu plano é voltar à Presidência em 2011, quando termina o mandato da esposa, inaugurando assim uma nova fórmula de se perpetuar no poder” (24/06/2009, p.126). Não seria sem motivos a batalha de Néstor, como declara a

historiadora Ema Cibotti, personagem de *Veja*: “Os Kirchner governam como se seu matrimônio e a presidência formassem uma unidade familiar de negócios” (24/06/2009, p.126). Personagem que diz ser “[...] uma eleitora de Néstor arrependida” (24/06/2009, p.126), revela o narrador, sinalizando para uma realidade hostil ao antagonista, cuja estória as aproxima do efeito de catarse, na definição do anti-herói. “O casal resume o que há de pior no peronismo: seu manejo do poder é autoritário e personalista” (24/06/2009, p.126), acrescenta a personagem de *Veja*.

Se, na economia, a política dos Kirchner não consegue atingir o desenvolvimento, mas, ao contrário, a crise profunda, como medida para conter a perda de popularidade e derrotas eleitorais iminentes, *o governo ataca a mídia*. Conta o narrador que recentemente o governo argentino ameaçou censurar um programa de TV, em que os atores faziam imitações de Cristina e o marido. “O humorista Martín Bossi interpreta uma *Cristina Kirchner frívola* e dada a pequenos *surtos histéricos* quando contrariada. A personagem carrega consigo uma maleta, referência à bagagem apreendida pela alfândega argentina contendo 800 000 dólares” (24/06/2009, p.126, grifo nosso), que seriam doações ilegais em 2007. Na sequência da narrativa, como vem impregnada ao imaginário do leitor, logo surge hegemônica a figura do antagonista, Hugo Chávez, no fio da estória. Personagem que é denunciado como responsável pela doação à família dos Kirchner, que, na composição dramática recupera no imaginário do interlocutor os acontecimentos anteriores, que envolvem o caso, sempre negativos, sobre o processo eleitoral de Cristina Kirchner.

Segue o narrador na diegese. Cada vez mais a derrota vai ficando evidente em censurar humoristas, criando estratégias políticas “[...] pode não ser o suficiente para evitar uma derrota do casal presidencial nas urnas. O governo de Cristina tem apenas 30% de aprovação, e o índice só tende a piorar conforme os efeitos da crise mundial começam a ser sentidos no cotidiano da população argentina” (24/06/2009, p.126).

Apesar de permanentemente fazer comparações com a economia dos países neoliberais, o narrador faz referência à crise mundial, neste ponto da estória, que atinge as economias periféricas e será uma das razões para a derrota do casal Kirchner, consubstanciada às crises internas. A rigor, a narrativa se revela um espaço que envolve, além das disputas internas, as intrigas externas à realidade do país da América Latina, que dizem respeito a outros personagens, com suas vozes em eco, na condução da ordem global, ainda que esteja na estória de maneira implícita. Como afirmamos em outra parte,

as narrativas se impregnam, relacionando-se na formação de imaginários, a partir de matrizes que se organizam em narrativas hegemônicas, no final.

Ecoss neoliberais para a matriz narrativa hegemônica

Prosseguindo na Argentina, o narrador aponta a previsão de retração na economia de 2,6% e nem mesmo a estatização dos fundos da previdência privada do país, “[...] afetando a aposentadoria de 4 milhões de trabalhadores” (24/06/2009, p.126), na tentativa de cobrir rombo de bilhões de dólares, será suficiente. O quadro é aterrorizante para as eleições, por isso, “[...] o Casal K está tão desesperado com a queda livre de sua popularidade que resolveu antecipar as eleições legislativas” (24/06/2009, p.126). Assim, as eleições que seriam em outubro passaram para junho, de modo que o governo tenha prazo para aprovar projetos de seu interesse para a governabilidade populista. Assim, atua como o venezuelano Hugo Chávez, que, no final, deverá “[...] espalhar pânico entre os empresários que não cumprirem a determinação de congelar os preços” (24/06/2009, p.126). Se o narrador se posiciona contra os antagonistas, cada vez mais demonstra, como missão, defender os seus personagens protagonistas, de modo a evitar serem prejudicados nas disputas - embora o jogo, em grande parte, fuja ao seu controle, como deverá se revelar ao longo da estória.

Aqui, outra análise importante da narrativa; as fórmulas simbólicas já enfatizadas ganham eficientes efeitos no projeto dramático, como exemplo, as comparações são capazes de, rapidamente, envolver personagens, tornando-os a mesma essência, sob uma espécie de núcleo simbólico de referência – não somente para os antagonistas, como já apontamos. Nesse contexto, como ocorre com alguns personagens importantes na trama, que, embora não tenham vozes, sua imagem se define por significados estabelecidos, que denotam esquerdismo, comunismo, autoritarismo, populismo, nacionalismo, etc. “A comparação com Hugo Chávez torna-se ainda mais pertinente pela proximidade dos Kirchner com o caudilho do Caribe” (24/06/2009, p.126). Assim, além do venezuelano, de maneira indireta, Fidel Castro entra no fio da estória, na composição simbólica da narrativa.

Na sequência, a insanidade de Cristina de negociar com Chávez a venda de créditos de dívidas da Argentina, sendo acusada, depois, em razão de sua dependência política do

venezuelano, de favorecer a estatização de empresas argentinas na Venezuela. “A piada em Buenos Aires é que só falta Chávez querer confiscar Cristina Kirchner para si. Ao que *Kirchner reagiria* com a mesma *passividade* demonstrada pela Casa Rosada diante das estatizações de capital argentino feitas por Caracas” (24/06/2009, p.126, grifo nosso), vilipendia o personagem antagonista, sem a moral devida, com atenção ao jogo político dos agentes da estória.

Nesse sentido, a ironia do narrador aproxima ainda mais os personagens antagonistas em torno de símbolo construído, de maneira a envolver a vida íntima, com relações ambíguas entre eles, os estados e o modo de fazer política, influenciando politicamente no futuro da sociedade, gerando efeitos de sentido, para a formação de catarse do leitor, na defesa de seus heróis, neste contexto, na trama, da oposição ao governo, seja ela qual for.

Nas disputas narrativas, com referência a outras estórias, dentro desta matriz narrativa hegemônica, prossegue *Veja*, apontando dois motivos para a crise argentina, assim como ocorre na Venezuela chavista: a inflação segue como mote do episódio na configuração da diegese e, depois, a incapacidade de atrair investimentos estrangeiros, que iluminam os fundamentos para a trama e a formulação da diegese neoliberal. Nesta mesma análise, na configuração da matriz narrativa, o diretor do Centro de Estudos Econômicos (CEE), “[...] um instituto que elabora *estatísticas independentes*, como o índice de inflação” (24/06/2009, p.127, grifo nosso) – ou seja, que não é manipulado pelo governo da Argentina, portanto, realmente é verdadeiro. Fusto Spotorno escreve que: “Se nada mudar na política econômica deste governo, poderemos ter três anos de estagflação, a inflação com recessão” (24/06/2009, p.127). Conta o narrador: “Pelos cálculos da CEE, a Argentina vai fechar 2009 com uma inflação de 15%” (24/06/2009, p.127). No entanto, apesar da estimativa manipulada pelo governo de 7,6%, embora o aumento salarial do estado fosse de 15% para servidores públicos, vão se estabelecendo as intrigas e as relações de verdades – com importância do espaço institucional acadêmico sucessivamente - dos personagens em disputas, no enquadramento dramático do narrador.

O nacionalismo, definitivamente, deve ser substituído por outra forma de governo, na Argentina, mais democrática e justa, e, neste sentido, o narrador mostra exemplos. A regulação de preços cria uma situação estranha para os argentinos, considerando o hábito da população do país, de, pela manhã, pegar ônibus, tomar café e ler jornais em Buenos Aires. “Em condições normais, a notícia, a bebida e o bilhete do transporte têm todos os

mesmo preços. Porém, hoje, a equação está desequilibrada. Pois, o jornal custa 2,5 pesos, o café, 5, e a passagem de ônibus, subsidiada, está em 90 centavos” (24/06/2009, p.128). Uma vez mais, a liberdade de preço se mostra o pano de fundo do narrador, o que se efetiva em uma economia de livre concorrência e aberta ao mercado externo, no final. Outro exemplo é o gás de cozinha que está subsidiado, com chantagens do governo sobre os empresários do setor. “Por causa desta política, só em novembro do ano passado ocorreram 44 000 cortes de energia na capital” (24/06/2009, p.128), consequência de que 30% da eletricidade são movidos por gás natural.

Finalmente, depois da composição dos personagens e enquadramento dramático, o pano de fundo, a metanarrativa de *Veja*, torna-se redundante, mas estratégica para convencer o seu interlocutor. “As eleições do próximo dia 28 de junho, ganhando qualquer um dos opositores dos Kirchner, darão um pouco mais de alento ao país *abençoado pela natureza*, mas onde *nunca tantos fizeram tão pouco com tanto*” (24/06/2009, p.128).

No que se refere à matriz hegemônica narrativa, que vai sendo apresentada neste texto, na última linha da conclusão de *Veja*, na configuração de sua estória, a frase de outra narrativa, ou seja, o processo sistêmico dos ecos das vozes prolongando seu poder nas tramas seguintes, destacando-se o enunciado do personagem inglês, então político e primeiro ministro, nos tempos da Segunda Grande Guerra, Winston Churchill - numa *corruptela* da famosa expressão sobre os heroicos pilotos da RAF (Royal Air Force). Além de certificar a potencialidade da Argentina, comparável aos Estados Unidos, “abençoada pela natureza”, porém prossegue com a pobreza do populismo, a exemplo de outros países latino-americanos.

Somente para definir a configuração da narrativa imagética do narrador-veículo, apresenta-se o líder comunitário da Villa 31, uma das mais antigas de Buenos Aires, como descreve *Veja*, Juan Domingo Romero, no alto da página (24/06/2009, p.126), com imagem em destaque (29,4cm/col.). A rigor, uma pessoa simples e eleitora, representante simbólica de outros moradores da sua região, como é destacada para o leitor/interlocutor da estória. Ele conta que Cristina Kirchner sabe somente fazer promessas, mas seriam mais importantes empregos.

Na narrativa imagética, mais adiante, a dúvida que vive rondando a cabeça dos mais jovens e que favorece o casal Kirchner em sua política populista. Como exemplo, o caso de Natalia Yannino Ferrando, com imagem (16,1cm/col.) no alto da página

(24/06/2009, p.127), a personagem que, depois conviver com o drama das dificuldades financeiras da família, mesmo depois de formada, teve de se mudar para a Espanha, em 2002. Apesar de se manter no país da Europa, quatro anos mais tarde, retornou para a Argentina. Ela diz que o temor dos jovens de sua idade é a crise dos anos iniciais de 2000. O casal Kirchner continua sendo protagonista no imaginário dos jovens, quando comparam os acontecimentos de crises e disputas políticas na Argentina, um fato a considerar nas eleições, como desdobramento de suas disputas do próximo domingo, parece querer destacar *Veja*, em sua estória.

No projeto dramático de *Veja*, a Argentina convive com duas décadas de desastres. Em quadro que personaliza os fatos está a imagem de Carlos Menem (1989-1999), do tempo de seu governo, no qual promoveu a *dolarização* e o *endividamento do estado*. O casal Kirchner, na imagem de Néstor (2003-2007), com mãos a cumprimentar pessoas ao longe, e Cristina (desde 2007), com o olhar perdido, sinal de perda no tempo, por vezes, louca. Estes últimos personagens da estória de *Veja*, que disputam espaço de poder nas eleições do próximo domingo, são responsáveis, em síntese, pelo *controle de preços, restrições à exportação e confisco da previdência privada*.

Em linhas gerais, o narrador investe contra os personagens antagonistas, que se configuram em vozes de outras narrativas, do mesmo episódio, as quais se inserem em disputas, por sua vez, numa estória global. Portanto, internamente há uma narrativa, que define o pano de fundo, a metanarrativa estabelecida neste contexto, e mantém vínculo externo, permanentemente, ordenando o percurso do projeto dramático. Como consequência, talvez possa se dizer que a mediação se distancia de uma proposta simplesmente subjetiva do narrador, que é efetiva, mas está na intersubjetividade narrativa, com referências de outras vozes, com seus ecos de poder. No entanto, o projeto do narrador *Veja* tem como objetivo influenciar o seu interlocutor, agentes políticos e das narrativas que se constroem sucessivamente, apontando para matrizes que se modificam.

Outro ponto a considerar até aqui, o papel importante dos personagens antagonistas com seu poder simbólico, que se impregnam na narrativa, como estratégia do narrador, de maneira a influenciar na concepção do projeto dramático, podendo, assim, organizar os efeitos de sentido que se estabelecem nas estórias de *Veja*. As mediações passam por um processo complexo, portanto, de subjetividade na coconstrução narrativa.

Nesta narrativa, especificamente, nas disputas das vozes, os protagonistas usaram 280 palavras, com seu poder para a sua composição. Os antagonistas não tiveram o mesmo espaço, sendo a personagem central, Cristina Kirchner, em discurso, que obteve tão somente 8 palavras. Resta-nos continuarmos seguindo a estória, compreendendo seus desdobramentos e propostas dos narradores de *Veja*.

Vitória política esperada para protagonistas desconhecidos

As narrativas permanentemente sofrem mudanças nos *pontos de viradas*, o que dá continuidade às estórias, com outros personagens e com fortes rupturas. Na Argentina, como anunciado pelo narrador-*Veja*, anteriormente, a família Kirchner, de fato, não conseguiu vencer os adversários políticos. Como estratégia, o narrador segue aqui, a configurar sua diegese, tomando posição de enfrentamento aos antagonistas, mesmo sem definir, na estória da Argentina, os seus personagens protagonistas mais evidentes. Inicialmente, portanto, tem como projeto dramático a política nacionalista, dar cabo dela em tempos de globalização e neoliberalismo.

No título do narrador surge uma pergunta, que se apresenta como signo para outras narrativas, projetando-se para o futuro, em razão dos acontecimentos no presente, “Depois da queda do casal K” (8/7/2009, ed. 2120, p. 80), deixando ao leitor a visão da derrota estampada no rosto do Néstor Kirchner, na imagem de abertura (43cm/col.) – o populismo do kirchnerismo vai se tornando passado. O olhar de Cristina, com as mãos abertas, com as palmas para cima, com olhar perdido no tempo – uma constante na narrativa de *Veja* – são sinas do desespero, da dúvida sobre o futuro, ou, ainda, a configuração da própria loucura.

No lado oposto, a felicidade de um personagem novo, “A estrela brilha”, descreve *Veja*, na imagem (24cm/col.), no alto da página seguinte, ao retratar a alegria de *Francisco de Narváez*, olhando para o ex-presidente, o qual sofre pela derrota. Protagonista da estória, quem obteve mais votos do que o próprio Néstor Kirchner, nas eleições legislativas. Completando a narrativa imagética, num momento de clímax, estão Julio Cobos, o vice-presidente de Cristina Kirchner; o Prefeito de Buenos Aires, Maurício Macri e o ex-piloto de fórmula 1 e na política peronista, Carlos Reutemann, em fotos 3x4. As caras da vitória, em contraste. Sem dúvida, uma derrota marcante para os Kirchner

nacionalistas na Argentina. A rigor, um dos *pontos de virada* na narrativa de *Veja*, na diegese sobre a América Latina.

Na sequência, conta o narrador, que a entrada de Néstor Kirchner na política Argentina não foi triunfante, somente conseguiu seu objetivo, depois que seus adversários desistiram das eleições, em 2003. Depois, elegeu a mulher, com 43% dos votos, num processo de fortalecimento político, com vitórias no Congresso, fazendo maioria parlamentar em favor dos governos. Mas “[...] tudo isso é passado. No domingo 28, o casal sofreu sua primeira derrota eleitoral. Um verdadeiro massacre. Sete em cada dez argentinos votaram na oposição nas eleições que renovaram na oposição parte da Câmara dos Deputados e do Senado” (8/7/2009, p. 80). O governo perdeu nas duas Casas. Néstor Kirchner nem em Santa Cruz, onde governou por doze anos, conseguiu sair vitorioso. Com a derrota massacrante, “[...] daqui em diante, para manter a governabilidade, como se diz em Brasília, o casal presidencial *terá de começar* a negociar – palavra até então inexistente em seu vocabulário político” (8/7/2009, p. 80, grifo nosso), escreve o narrador. Como personagem de *Veja*, o Sociólogo da Universidade de San Andrés, em Buenos Aires, Gerardo Adrogué, conta que “[...] é um ciclo político que se encerra na Argentina” (8/7/2009, p. 80), o início do fim da era Kirchner, profetiza.

Na composição dramática da narrativa, “Néstor Kirchner havia transformado a renovação do Congresso em uma consulta popular sobre o ‘estilo K’ de governar” (8/7/2009, p. 80), não obtendo, portanto, aprovação e o resultado dessa disputa realmente foi “um vexame” (8/7/2009, p. 80). O ex-presidente teve menos votos do que Francisco de Narváez, que saiu na coligação frouxa entre liberais e peronistas dissidentes. “Relativamente novo no cenário nacional, Narváez é a estrela em ascensão na política Argentina. Ele não esconde a ambição de ser o sucessor de Cristina na Casa Rosada” (8/7/2009, p. 81). Como conta *Veja*, uma missão difícil, devido a sua origem colombiana, o que, embora naturalizado argentino, impede-o de chegar à presidência. *Mas* deverá, nas disputas contra os Kirchner, usar sua influência política para “[...] apoiar Mauricio Macri, prefeito de Buenos Aires e companheiro na aliança vencedora. Por sua vez, membro de uma das famílias mais ricas da Argentina, Macri nunca foi afilhado de nenhuma das facções peronistas, condição rara na política local” (8/7/2009, p. 81), o que poderá dar novos rumos à política nacionalista para propostas mais globais de mercado.

Portanto, os personagens vitoriosos têm definidos pelo narrador seus perfis políticos; assim, Narváez está entre os liberais e peronistas, numa coligação frouxa, não tem característica de populista, mas um pé no liberalismo. O prefeito de Buenos Aires, de família rica da Argentina, sendo “[...] o segundo político mais popular da Argentina. Só perde para Julio Cobos, vice-prefeito de Cristina. O personagem Cobos, merece destaque na estória, pois era um político inexpressivo até o ano passado, quando rompeu com a presidente” (8/7/2009, p. 81), para se tornar um verdadeiro herói da Argentina. O motivo que marca o seu estrelato na política latino-americana se relaciona ao apoio aos produtores rurais, em momento decisivo na votação no Congresso sobre aumento de impostos de exportação. Retoma o narrador narrativas pretéritas, que, por vezes, repetem pontos fundamentais na composição da tessitura da trama, como estratégia de fixar enunciados no imaginário de seu interlocutor e organizar sua metanarrativa. “Desde então, deixou de falar com a presidente, o que fez muito bem para seu prestígio e ser conhecido pelo público. Segundo pesquisas, 51% dos argentinos têm uma imagem positiva do vice, mais que o dobro da aprovação da presidente Cristina” (8/7/2009, p. 81).

Nas eleições legislativas na Argentina, o narrador apresenta na configuração da narrativa, os personagens vitoriosos, mas segue na composição de sua matriz hegemônica, de modo a apresentar intrigas políticas e econômicas para acontecimentos que extrapolam os resultados imediatos das eleições, que, a rigor, se inserem em outras narrativas, de modo a formar um consenso discursivo, que resulta na política de estado. Assim, o vice-presidente, Julio Cobos, é aprovado, em razão do posicionamento favorável às elites locais, que o torna conhecido da população e obtém popularidade e reconhecimento.

Afinal, o que está por detrás da derrota da família Kirchner? “A manipulação descarada do índice de inflação, a retórica autoritária e a economia posta de joelhos por sua administração populista jogaram a aprovação do casal ladeira abaixo” (8/7/2009, p. 81). O governo enfrentou panelaços, greves de produtores rurais, com bloqueios de estradas, descreve o narrador. Como resultado “[...] depois do massacre nas urnas, Néstor renunciou à presidência do partido Justicialista (herdeiro do peronismo) e engoliu a ascensão de uma facção rival, liderada por Carlos Reutemann, ex-piloto de Fórmula 1 e senador pela província de Santa Fé, uma das *mais ricas* da Argentina” (8/7/2009, p. 81, grifo nosso). Reutemann era o principal candidato à presidência, em 2003, mas desistiu e deixou caminho livre para Néstor. “[...] que venceu com apenas 22% dos votos” (8/7/2009, p. 81).

Como pano de fundo, escreve *Veja*, “[...] o resultado da semana passada foi a vitória de uma oposição que ressurgiu *menos* devido a seus *próprios méritos* do que aos erros do casal K, contra as elites produtoras da Argentina. As facções peronistas se acomodaram em grupos por conveniências momentâneas, e não por opiniões divergentes” (8/7/2009, p. 81, grifo nosso). Assim, escreve um dos personagens da narrativa de *Veja*, o analista político argentino da Universidade de Belgrano, Julio Burdman: “A eleição foi uma votação contra os Kirchner [...] Só não ficou claro a favor de que os argentinos estão” (8/7/2009, p. 81).

A pergunta do personagem leva a muitas análises, mesmo considerando os signos deixados pelo narrador, como pistas na estória, numa negociação constante com seu leitor. No entanto, acompanhando o próprio narrador “[...] o estopim do desacordo foi o projeto de aumento de impostos sobre as exportações agrícolas, que colocou Cristina em confronto direto com os produtores rurais, responsáveis por 60% das exportações” (8/7/2009, p. 81). A narrativa muitas vezes exige hegemonia de outras narrativas para o entendimento da sua proposta de construção da realidade, que não se forma simplesmente em um ponto específico, mas revela marcas de outros enunciados e discurso ideológicos, com eco de vozes de personagens protagonistas da matriz narrativa em construção. Ao longo da estória de *Veja*, é possível compreender onde está o fio da tessitura da trama, de modo que devemos continuar seguindo em frente. Nas disputas pelo poder das vozes pelos personagens, somente os protagonistas mereceram espaço, desta vez, com 28 palavras, o que também vai se tornando uma constante em *Veja*.

A política dos grandes mensageiros das estórias

Na estória sobre a América Latina, a imprensa mereceria um capítulo à parte, no sentido de compreender seu papel de agente social na trama que envolve vozes narrativas e composição de metanarrativas, de modo a entender, em essência, a influência dos próprios narradores no imaginário social. Na Argentina, o jornal Clarín, como parte deste episódio está entre os personagens principais protagonistas de *Veja*, em disputa pelo poder político no país, na oposição à família Kirchner assentada no poder do estado. O resultado das intrigas vai se tornando enigmático e fundamental na trama, na definição da matriz narrativa do semanário brasileiro.

No acontecimento-intriga de *Veja*, dez semanas depois da vitória da oposição e perda de poder da presidente, no Congresso Nacional, 200 auditores, a mando do governo, invadem o prédio do conglomerado de comunicação. Na imagem em destaque, no alto da página, homens vestidos com ternos, amontoam-se numa sala. No fundo, em letras vermelhas, a marca Clarín, grupo proprietário de vários veículos de mídias argentinas, e entre as maiores redes de comunicação da América Latina. Como analisado anteriormente, os símbolos de alguns personagens políticos amalgamados como antagonistas da matriz narrativa, como núcleo, se consolidam, o que evidencia também uma estratégia de narrar, de modo a tornar contrastantes os protagonistas, com suas virtudes evidentes e ordem democrática. Porém, na contraposição, a intervenção do governo da Argentina na empresa de comunicação pode ser comparada com comportamento similar de Hugo Chávez, na Venezuela, nas disputas com donos de meios de comunicação e poder político das mídias no país latino-americano. No título, diz *Veja*: “Como Chávez mandou” (16/9/2009, ed.2130, p.110), logo abaixo da imagem que abre a narrativa, com os auditores do estado argentino, na sede do Clarín.

Retomando pontos construídos anteriormente, inicia *Veja*: “Pobre Argentina. O país do século passado estava entre as dez maiores economias⁶¹, já tinha perdido sua riqueza. Agora, perdeu também o orgulho próprio, e seus governantes se sujeitam a fazer o que Hugo Chávez manda” (16/9/2009, p.110). Na descrição do narrador, o governo da família Kirchner imita os passos políticos do venezuelano, em todos os setores do país, no ataque às empresas privadas, aos correios e, sobretudo, à imprensa, com sua ideologia esquerdista e nacionalista. “Se o venezuelano investe com violência contra a imprensa independente, o casal argentino não quer ficar atrás. Nunca, como na quinta-feira passada, Buenos Aires foi tão parecida com Caracas” (16/9/2009, p.110). A situação do maior grupo de mídia na Argentina é a semelhança do que vive o maior conglomerado de comunicação na Venezuela, o Globovisión. “O caso argentino, contudo, teve uma agravante: o uso do aparato do Estado para intimidar um oponente político” (16/9/2009, p.110).

No populismo de estado, falta a impessoalidade, de modo que as instituições possam agir de maneira democrática, escreve o narrador, no sentido de preservar *a lei e a ordem*, mantendo o controle sobre o equilíbrio sistêmico e social. Tanto na Argentina

⁶¹ Aparece no imaginário do interlocutor de *Veja*, se observadas narrativas anteriores: capaz de rivalizar com os Estados Unidos em disputas pelo poder econômico, com suas terras férteis e prósperas.

como na Venezuela “[...] o aparelho do estado é usado e abusado como se fosse propriedade particular do governante. O objetivo da devassa fiscal foi intimidar o maior grupo de comunicação do país, que também possui canais de televisão e rádio” (16/9/2009, p.110). As disputas políticas vão se tornando evidentes e os ataques ao estado populista efetivos pelo narrador, que na sua *intersubjetividade* narrativa, com vistas à matriz hegemônica, se posiciona na configuração dos personagens na estória, de modo a reproduzir na voz de seus protagonistas, de maneira implícita, embora transparente, o seu discurso, como agente nas disputas, como se revela na narrativa.

O jornal que já foi aliado de Néstor Kirchner é hoje oposição. “O estopim da agressão foram revelações sobre o aumento do patrimônio declarado dos Kirchner em 158% em um ano. O governo já tinha cortado toda a propaganda oficial do grupo Clarín” (16/9/2009, p.110). Nas disputas pelo poder, o governo age com dureza contra o seupositor: “A mando de Kirchner, a Associação Argentina de Futebol *rasgou* um contrato de direitos de transmissão dos jogos de futebol com o grupo. As partidas são agora transmitidas pelo Canal 7, estatal, e a gravação é feita por uma empresa ligada ao porta-voz da Presidência” (16/9/2009, p.110, grifo nosso).

Uma operação que poderia ser feita com seis pessoas, mobilizou 200 servidores do estado, conta *Veja*. A resposta, quando questionados sobre o agente responsável pela invasão, somente ouvia “[...] pergunte a Kirchner” (16/9/2009, p.110).

No enquadramento dramático, que diz respeito à liberdade de imprensa e truculência contra as empresas de comunicação, não é um drama vivido somente na Argentina, revela *Veja*. “Na Venezuela, Equador, Bolívia e Nicarágua, os governos esquerdistas adotaram a estratégia, herdada dos *regimes militares*, de acuar a imprensa com confiscos, ameaças e leis *liberticidas*” (16/9/2009, p.110), as quais são impostas por tiranos de posse do estado, dá a entender o narrador. Na Argentina, Kirchner tem pressa, quer aprovar o controle da imprensa, antes da posse dos novos congressistas, recentemente eleitos. “Pela proposta, um terço das concessões de televisão seria entregue aos sindicatos pelegos. Outro terço fiaria com o governo. Só o restante poderia ir para mãos independentes. O grupo Clarín perderia mais de 200 licenças de rádio e televisão” (16/9/2009, p.110). No final, com o sucesso da lei de Cristina, só sua voz será ouvida. “Pobre Argentina” (16/9/2009, p.110).

Na composição da narrativa está a presidente, mais uma vez, em rodapé, sem destaque, com a mão esquerda levantada, a discursar diante do microfone. Seu desejo é ter na política a sua própria voz, sem concorrência e adversários para as narrativas políticas, tal qual o modelo de Hugo Chávez, a exemplo de outros tiranos, com leis liberticidas de censura à imprensa independente, escreve *Veja*. Contudo, as disputas narrativas apontam para o conceito de estado democrático para a aplicação das leis, de maneira a atender os interesses da sociedade, ante as disputas políticas representativas, e não censurar a liberdade de imprensa, de forma autoritária e totalitária. Os protagonistas se rebelam contra a imprensa independente, com a mesma perspectiva sobre o poder do estado, embora o governo de Cristina Kirchner tente aprovar *regulamentação de lei das mídias no Congresso*, como destacado pelo próprio narrador, como estratégia política do nacionalismo.

Pelas disputas das narrativas, as mediações cada vez mais vão se tornando um personagem importante na trama, de modo a interferir, por sua capacidade de influenciar a opinião pública, na composição das intrigas e defesa de matriz narrativa hegemônica. A rigor, a intersubjetividade dos meios, nas disputas, que ocorre em função das vozes e discursos, não resulta em narrativa inocentes, mas em metanarrativas, ordenadas na configuração de diegese, na relação com enunciados, grupos de poder e territorialidade em tempos de globalização. Apenas como hipótese, os grandes conglomerados têm potencialidade de reverberar suas matrizes globais hegemônicas – entre os quais se insere a própria Editora Abril, de *Veja* -, cujos personagens selecionados se tornam importantes na configuração dessa matriz narrativa em curso e recorrente, com objetivos nas disputas políticas e econômicas na América Latina, como observado neste texto em sessões anteriores. Como resultado, em resumo, os acontecimentos-intrigas se inserem no universo das mediações, que atingem os mensageiros, usando um termo do narrador-*Veja*. Personagens com suas vozes protagonistas, em grupos de mídias liberais e antagonistas, em outros, nacionalistas, numa disputa das narrativas que seguem determinantes para a pós-modernidade.

A matriz narrativa dos guardiões globais na disputa política

As disputas políticas não param. Num intervalo de sete semanas depois, mesmo que não haja acontecimentos-intrigas nos limites do país, as disputas têm perspectivas globais, o estado respondendo a relações financeiras com grupos internacionais. Neste sentido, a nação governada por Cristina Kirchner decidiu reatar negociações com antigos credores que não obtiveram o pagamento devido, em tempos de crise que abateu sobre o país, visto em narrativas pretéritas do narrador, com pessoas nas ruas quebrando bancos. De modo que, em única imagem, (23,4cm/col.) no alto da página, o ícone de tempos de crises, com uma mulher determinada, lançando-se contra as portas de uma agência bancária em Buenos Aires – embora dê a conotação do nacionalismo argentino de tempos presentes, numa espiada rápida do interlocutor do semanário sobre a estória.

Com o título “A Argentina bate à porta dos Bancos” (4/11/2009, ed. 2137, p. 80), o cenário de *Veja* relembra 2001, quando o país decretou Moratória. “Após o bloqueio das contas pelo governo – o *corralito* – milhares de argentinos foram às ruas para exigir seu dinheiro de volta e pedir a renúncia do presidente Fernando de la Rúa” (4/11/2009, p. 80). Desde então, como consequência da punição do setor financeiro internacional, o governo rapidamente se isolou. Afinal, os sistemas de capitais globais “[...] não costumam emprestar a quem tem fama de caloteiro”, (4/11/2009, p. 80), escreve o narrador.

No entanto, o tempo passou e o país enfrenta, hoje, dias difíceis, de vacas magras na economia. As ações do governo contra sua elite rural, “[...] que responde por 36% do comércio exterior do país [...]” (4/11/2009, p. 80), ocorreu exatamente em função da falta de caixa para administrar, conta o narrador. Porém, “O plano foi barrado no Congresso. Seis meses depois, a presidente Cristina Kirchner *assaltou* as aposentadorias privadas, estatizando todos os fundos de previdência para tapar um rombo de 10 milhões de dólares nos cofres do estado” (4/11/2009, p. 80, grifo nosso), revela *Veja*, em *flashback*, na ordenação da estória, ao fazer lembrar as ações autoritárias do governo, conforme enquadramento dramático estabelecido, contra o mercado externo e elites econômicas locais. Contudo, as medidas não resolveram o problema de caixa vazio do governo nacionalista. “Agora Cristina Kirchner sinaliza que os argentinos querem voltar a bater às portas dos bancos – desta vez, *gentilmente*, para pedir empréstimos” (4/11/2009, p. 80, grifo nosso).

Portanto, na estória de *Veja*, Cristina Kirchner finalmente aprendeu que não é possível se fechar para os grandes mercados globais, sendo necessário dialogar, de modo a obter resultados financeiros e condições de governabilidade do estado. Se um dia fez o que quis, com política populista, de maneira *irresponsável*, aprendeu a lição e, no final, *gentilmente* pede empréstimos. “O primeiro sinal enviado pela Casa Rosada foi o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), firmado no começo do mês, que permite que o organismo faça uma auditoria nas contas do país” (4/11/2009, p. 80). Agindo assim, aproximando-se gentilmente do Fundo, abre a possibilidade de negociar dívida de 6,7 bilhões de dólares com o Clube de Paris, “[...] grupo de dezenove países que financiam nações em desenvolvimento, e que a presidente já prometeu liquidar [...]” (4/11/2009, p. 80), dívida não paga em negociação com Néstor Kirchner. O segundo sinal relaciona-se à proposta do governo de revogar lei que proíbe a renegociação da moratória firmada em 2001, demonstrando sua disposição política em dialogar com credores.

Néstor Kirchner negociou a dívida de 95 bilhões de dólares, em 2005, mas apenas em parte. “Três em cada quatro credores concordaram em receber do governo argentino o equivalente a 35 centavos para cada dólar devido” (4/11/2009, p. 80). Estabelecido o calote aos 25% restantes, cabe, então, a Cristina sentar com aqueles que não aceitaram a negociação, os quais se decidiram por recorrer à justiça dos Estados Unidos.

Para quem não paga suas dívidas com credores internacionais, o castigo se mostra severo, o que deixa países como a Argentina sem recursos financeiros essenciais dos investidores estrangeiros, na produção. O Brasil vem se comportando *adequadamente*, e por isso, “[...] já recebeu mais de 11 bilhões de dólares, segundo estudo do instituto de Finanças Internacionais. Em comparação, a má reputação da Argentina e as políticas populistas dos Kirchner provocaram uma fuga de 13 bilhões de dólares no mesmo período” (4/11/2009, p. 80). Conta o narrador que, se os argentinos quitarem 60% da dívida com os credores, *poderão se beneficiar* de dinheiro disponível do setor financeiro internacional. “As principais agências classificadoras de investimentos já diulgaram que vão melhorar a classificação da Argentina *caso* a negociação se concretize” (4/11/2009, p. 80, grifo nosso).

Na configuração da narrativa, *Veja* ressalta que, nos últimos anos, o parceiro da Argentina, governada pelo casal Kirchner, foi a Venezuela. “O presidente Hugo Chávez comprou mais de 6 bilhões de dólares em títulos da dívida pública argentina. A

generosidade *bolivariana* tinha seu preço: na última compra, o governo venezuelano cobrou juros anuais de 15%” (4/11/2009, p. 80, grifo nosso). Segue na narrativa o enquadramento dramático, na voz da economista da consultoria argentina Abeceb, Carolina Schuff. “Nos mercados internacionais, o governo poderia conseguir financiamentos com uma taxa entre 10% e 12%” (4/11/2009, p. 80). Acrescenta o narrador, como pano de fundo da estória: “[...] em comparação, o Brasil, que sempre pagou religiosamente seus compromissos, capta dinheiro a juros de 5%” (4/11/2009, p. 80).

Neste ponto da narrativa, os personagens ganham configurações e papéis, de modo a definir o equilíbrio e a ordem do sistema. Dessa maneira, os protagonistas merecem atenção no processo de formação de sentido para a realidade global, na tessitura da trama, cujas vozes se mantêm nas agências de Classificadoras internacionais (11 palavras), sem personificação do poder de voz, cuja classificação é institucional. Depois, o setor privado, como a empresa de consultoria da Argentina (15 palavras), com a voz da economista Carolina Schuff.

Nessa matriz hegemônica global que resulta em configuração dos personagens antagonistas, o casal Kirchner, da Argentina, e Hugo Chávez, da Venezuela, se destacam, na comparação, em contraste com a política brasileira, na ordem global. O símbolo do chavismo tem grande importância na narrativa de *Veja*, como já referido, no sentido de formar seu quadro dramático, na comparação calculada e configuração de sentido favorável aos investidores internacionais, com vistas à convicção da democracia e desenvolvimento, preconizada pelo narrador.

Como pano de fundo, finalmente, a importância do setor financeiro para as ações das políticas nas periferias dos centros econômicos. O clube de Paris e o FMI se revelam como agentes fundamentais, neste modelo que se propõe, o qual não se deve comparar com o sistema bolivariano, antagonista de *Veja*, com diferenças substanciais de poder. O Brasil conhece a lição e atende religiosamente seus compromissos com o neoliberalismo, está na ordem política da matriz narrativa. Na configuração das vozes, mais uma vez, os antagonistas não tiveram representação; os protagonistas, por sua vez, obtiveram 26 palavras.

Os personagens das intrigas nas disputas de poder

As histórias de *Veja* se desenrolam a partir de vários gêneros da narrativa, dentre eles, a ironia se desenvolve como uma maneira de apresentar a trama, de modo a explicar a realidade, sem, no entanto, deixar transparente, de maneira profunda, os motivos que se somam às disputas, ou, mesmo, o que as eleva. Uma estratégia que submete os personagens a um mundo fantástico, que nas intrigas, está descaracterizado, matizado, em vários tons - pressupondo imagens acústicas. No final, a liberdade para observar, apontar, fazer troça, de modo a levar o interlocutor a perceber os exageros e as conotações dos matizes destacados, com propósitos para os sentidos de enunciados discursivos. Desse modo, *Veja* apresenta as disputas, envolvendo seus personagens no cenário sobre a política Argentina, de maneira a dar a conhecer, como referência, as características do antagonista, sem, no entanto, ter a responsabilidade sobre o acontecimento motivador em si, dissimulando a realidade das crises políticas globais.

Cristina Kirchner se mantém na política, com isso, a Argentina permanece “Problemática e febril” (13/1/2010, ed.2147, p.92), intitula o narrador sua história, de modo que a demissão do presidente do Banco Central do país, Martín Redrado, pode ser nuançada com a música Cambalache, uma mitologia que revela o comportamento da presidente populista. Na composição da narrativa imagética, de um lado, está a presidente, nas mãos, balançando um leque, em destaque (26cm/col.), com olhar fixo no protagonista. Redrado, por sua vez, em tamanho menor (5,2cm/col.), está diante de um microfone, discursando – em resumo, cambalacho e razão.

A rigor, “[...] que o governo argentino foi e será uma encrenca, já sabemos. Evocar letras de tango quando se fala no país é um tremendo lugar-comum” (13/1/2010, p.92). Na história de *Veja*, “Primeiro, a presidente Cristina Kirchner resolveu avançar sobre as reservas internacionais para pagar títulos da dívida argentina, uma manobra duvidosa, mas fazer o quê? *El que no llora no mama y el que no afana es un gil*”⁶² (13/1/2010, p.92, grifo do autor). Logo em seguida, o funcionário do governo pensou em resistir. Antes, porém, “Cristina mandou demiti-lo. *Que falta de respeto, que atropelo a la razón*, parece

⁶² Uma interpretação rápida seria: neste mundo em que todos buscam resultados – acompanhando o sentido proposto pelo famoso tango argentino -, sem haver uma distinção de caráter, na verdade um cambalacho, de modo que, nestes tempos, “[...] quem não chora não mama e quem não corre atrás não poderá aproveitar”. Em essência, o mundo é dos espertos.

ter bradado Redrado, acreditando na lei que estabelece autonomia e mandato fixo para o presidente do BC” (13/1/2010, p.92, grifo do autor). Os personagens e suas nuances nas estórias: a presidente é esperta ao reconhecer o mundo como um cambalacho; e Redrado, um verdadeiro racionalista, ao defender a razão, de acordo com as leis de um país democrático.

Com suas convicções, o presidente do BC, como escreve o narrador, mudou de gênero musical e proclamou “Daqui não saio [...] daqui só o Congresso me tira” (13/1/2010, p.92). No final, entre o descrédito e o ridículo, a presidente chamara os auxiliares, ainda em férias, e os fez assinar a exoneração por decreto e “[...] ainda mandou processar Redrado por desvio de conduta. Bom, na noite de quinta-feira passada ele saiu” (13/1/2010, p.92).

Definida a trama espetacular, na composição dramática dos personagens e a configuração dos respectivos papéis, passa-se aos fatos. Nada errado de o governo usar o dinheiro para pagar dívida externa, afinal, “[...] não seria heterodoxo a ponto de incorrer em heresia se não fosse o histórico do casal Kirchner. Tudo começou com o calote de 2005 e se multiplicou na ganância sem lastro típica do populismo” (13/1/2010, p.92). Com frequência, acrescenta *Veja*, o governo avança sobre o dinheiro dos outros para sair dos caixas vazios.

Na composição de seu projeto dramático, o narrador, em flashback, retoma narrativas no tempo, mais uma vez, para ordenar pontos fundamentais da diegese, no imaginário de seu interlocutor. “Em 2008, o governo tentou aumentar a taxa sobre as exportações de grãos, mas foi impedido pelo Congresso. Seis meses depois, caíram as aposentadorias privadas, estatizadas, num total de 10 bilhões de dólares” (13/1/2010, p.92). Se não tem dinheiro para gastar, agora também não tem o apoio político, com minoria no Congresso. O cerco vai se fechando contra os personagens do nacionalismo, nas intrigas políticas da Argentina.

No meio da narrativa, *Veja* apresenta rapidamente um ponto fundamental das disputas, que, no início, não considerou importante. “Em todo o desgastante confronto com o ex-presidente do BC, Cristina e associados só tiveram razão quando acusaram um flerte de Redrado com a oposição – *Hoy resulta que es lo mismo ser derecho que traidor*” (13/1/2010, p.92, grifo do autor). Na moral da estória, neste mundo do cambalacho, não há diferença entre honrado ou traidor. Desse modo, o narrador, aproxima o desgaste da falta

de caráter do personagem protagonista, nuançando com a da presidente antagonista. A Argentina é um país sem honras na política, estando no governo o Casal Kirchner, de modo que se presume um cambalacho, com o dinheiro dos outros – o traidor do antagonista transforma-se em herói.

Como pano de fundo, finalmente, a sequência da narrativa de *Veja*. Com o dinheiro do fundo de reservas internacionais, certo que o governo vai continuar seu assistencialismo, com gastos públicos, “[...] que subiram 30% só no ano passado, pressionando a inflação” (13/1/2010, p.92), cujos índices oficiais na Argentina são manipulados. Contudo, “[...] na sexta-feira, a justiça acatou um pedido de deputados opositoristas desautorizando o uso das reservas internacionais. E mandou restituir o presidente do BC. O tango continua com Cristina, *Problemático y febril*” (13/1/2010, p.92).

Em resumo, a narrativa dá continuidade ao episódio sobre a Argentina, dez meses depois da última narrativa, com *Veja* mantendo pontos fundamentais de sua estória que passa pelo tempo, sendo configurada permanentemente, de maneira a manter-se no imaginário do interlocutor, sem perder a sua essência. De fato, a composição da matriz narrativa estabelece-se nas disputas, a cada caso em que há acontecimento-intriga. Como vem sendo percebido, por trás das disputas pontuais, a desconstrução política do governo Kirchner está na atenção do narrador, o qual atua como agente social, de modo a dar voz a discursos hegemônicos, sustentando o processo narrativo – neste contexto, somente o protagonista de *Veja*, o presidente do Banco Central argentino, obteve poder de voz, 12, no papel de protagonista de *Veja*.

A Argentina, mais uma vez, bem como a América Latina, se inclui nas disputas, em consonância com uma matriz discursiva, em decorrência de intrigas locais, porém de perspectivas globais, cujos personagens ganham representação, conforme sua performance na estória. No final, os enfrentamentos nas narrativas se apresentam numa relação permanente com outras narrativas, sucessivamente, sempre sendo composta também por disputas contínuas, regional e global, com suas vozes e intersubjetividades. A formação do imaginário não é responsabilidade de um único narrador, mas de narradores, bem como de visões de mundo (no plural, devemos observar), que se deve levar em conta na formação de consenso, que se faz provisório.

No universo político, a disputa pelas estórias exige atenção aos personagens e, por vezes, faz todo sentido a definição do caráter de cada um deles, de modo a facilitar a organização do projeto dramático da narrativa, com olhos atentos ao pano de fundo, a metarrativa. A representação simbólica, no processo narrativo, ao definir os papéis de personagens, pode desvelar o comportamento dos principais agentes do narrador. Desse modo, a postura de personagem secundário na trama, condicionado a uma característica violenta, define o modo de existência dos principais antagonistas, que contrasta com o modelo político preconizado pelos protagonistas, dados à moralidade, civilidade, princípios, etc. Seria inicialmente uma estratégia de narrar que vai se mostrando importante para *Veja*, que, ao longo desse episódio, trouxe para as estórias vários personagens, que representam o modo de agir do governo argentino.

Cinco semanas depois, na sequência do episódio, surge um antagonista emblemático, que faz parte do governo de Cristina Kirchner e que dá trabalho aos protagonistas que tentam revelar o quadro econômico argentino, como já escrito, sempre manipulado, de modo a enganar as pessoas sobre as reais condições econômicas do país. O narrador demonstra necessidade de esclarecer para o seu interlocutor as artimanhas da presidência populista e nacionalista. “Ariel ‘Verme’ Pugliese” (16/6/2010, ed.2169, p.90) revela-se, apenas inicialmente, motivador desta estória, um dos membros do grupo que é intitulado “Os pitboys de Cristina” (16/6/2010, ed.2169, p.90).

O comportamento do governo argentino é de estranhar. “Para a Copa do Mundo, cada seleção levou um pouco de seu país. Os brasileiros, por exemplo, levaram pandeiros para pagode. Já a Argentina reservou 22 assentos do avião para *barrabravas*, os membros das violentas torcidas organizadas” (16/6/2010, p.90, grifo do autor). “Verme” estaria entre eles, a quem coube servir de segurança ao jogador Lionel Messi, como membro da torcida do Nueva Chicago, personagem investigado em 2007 pelo homicídio de um torcedor do Tigre. Em outubro do ano seguinte, foi baleado em uma briga de torcida. Portanto, “[...] as encenacas futebolísticas são apenas o hobby de Pugliese” (16/6/2010, p.90). Como pano de fundo da estória de *Veja*, neste contexto, é que “[...] ele faz parte de uma gangue de funcionários a serviço da presidente da Argentina, Cristina Kirchner, no Indec” (16/6/2010, p.90), o Instituto Nacional de Estatísticas e Censos, equivalente ao IBGE brasileiro. O órgão é responsável pelos cálculos da inflação, do PIB, dos índices de pobreza e pela contagem da população.

Em função da importância do Indec na divulgação das informações sobre a situação econômica do país é que entram em cena os *pitboys* de Cristina, como Pugliese, com a “[...] função de ameaçar e, quando necessário, espancar os colegas de trabalho que se negam a acatar as ordens do governo de falsificar estatísticas” (16/6/2010, p.90).

A estratégia de Cristina Kirchner de manipular dados começou em 2007, ainda no governo do marido, cujo objetivo seria “[...] dar aumentos salariais aos servidores públicos com base em índices de inflação mais baixos que os verdadeiros” (16/6/2010, p.90), escreve o narrador em seu enquadramento dramático. Assim, aos poucos, tudo foi alterado no Indec, como conta a personagem da estória, que era responsável pela mediação dos preços, Graciela Bevacqua. A rigor, “[...] ao falsear os dados de inflação, foi preciso adulterar as demais estatísticas”, (16/6/2010, p.90). Na sequência, escreve *Veja*, que “[...] ela que foi demitida em janeiro por se negar a participar da maracutaia” (16/6/2010, p.90), princípios os quais se espera de um funcionário público, parece querer dizer *Veja* sobre o papel do personagem adjuvante, em contraste com os antagonistas. No fio da narrativa, “[...] a falsificação dos dados oficiais faz a situação da economia argentina parecer muito melhor do que de fato é” (16/6/2010, p.90), de modo que o governo, de posse de dados alterados, reúna condições para ordenar as estórias publicadas pela Casa Rosada, definindo a configuração de seus personagens para a política argentina. Portanto, nas mediações, as disputas pelo poder de narrar, com seus personagens e números, enfim.

A prática para falsificação dos números, que começou com Néstor, não foi simples ao governo de Cristina. Em determinado momento houve rebeliões, como consequência do modo de agir do governo nacionalista e autoritário: “Dos mais de 1 000 funcionários, cerca de 200 foram demitidos ou transferidos para funções irrelevantes. Em seu lugar, foram contratados 600 novos funcionários fiéis aos Kirchner, entre os quais o grupo de 100 *brucutus*” (16/6/2010, p.92) , conhecidos no país “como *la patota*”, dentre eles, o Verme Pugliese.

As disputas pelas estórias tornam-se uma constante, com acontecimento-intriga, separando o governo e o setor privado, e, em torno deles, os seus personagens e funções que assumem. Se as disputas pelas estórias ocorrem em razão de uma matriz hegemônica, como já apontamos, na diegese, os personagens na narrativa se enfrentam com violência. Assim, em lançamento de livro, em abril do ano passado, em Buenos Aires, *la patota*, com Pugliese envolvido, “[...] agrediram os convidados, majoritariamente técnicos do Indec,

com cadeiradas e empurrões. No cotidiano do instituto, os *aspones* da pancadaria cuidam para que os funcionários mais antigos obedeçam às orientações do governo” (16/6/2010, p.92, grifo nosso).

Nos atos de violência tudo vale, lixo e copos jogados contra os inimigos nos corredores. Configurando a narrativa no tempo pretérito, *Veja* conta que, em 2008, um grupo, com pretensão de levar abaixo-assinado, reclamando ao ministro da economia, órgão ao qual o Indec, é vinculado, conheceu *os pitboys* de Cristina Kirchner. Como conta a socióloga Cynthia Pok, de 64 anos, ex-diretora da pesquisa permanente de domicílio, “[...] os membros da patota estavam nos esperando dentro do prédio do ministério. Quando entramos, eles diminuíram a luz e começaram a nos bater” (16/6/2010, p.92), dramatiza a personagem. Com o desenrolar do caso, por fim, Cynthia ainda teve de entrar na justiça para não perder o emprego.

As ameaças são cada vez mais constantes, sendo que, no mês passado, funcionários chegaram ao trabalho e encontraram os computadores destruídos. Por quem? “Obra da *patota*” (16/6/2010, p.92).

De fato, com ingerência do governo populista, o Instituto não é confiável, considerando o modo de agir do governo nacionalista. “Os diretores Kirchnerista do Indec *rasgaram as metodologias científicas consagradas* e inventaram novas, incluindo um programa de computador que elimina automaticamente os dados de qualquer produto cujo preço suba mais de 15%” (16/6/2010, p.92, grifo nosso). Além do mais, o órgão estatal é ineficiente, pois tem censo começado em 2008 e até hoje não se consolidou, como ocorre com a agropecuária. A situação vai ficando tão sem controle, com a radicalidade do governo, “[...] que foram erguidos tapumes de madeira no meio da sala de pesquisas. Só os funcionários pelegos podem entrar no espaço onde estão os computadores do censo atrasado” (16/6/2010, p.92).

Desse modo, ninguém confia no órgão público, nem mesmo os burocratas do governo. “A manipulação de dados é tão ostensiva que se tornou impossível ter um retrato objetivo da sociedade argentina” (16/6/2010, p.92), conta o economista e diretor do Centro de Estudos sobre População, Emprego e Desenvolvimento da Universidade de Buenos Aires (UBA), Javier Lindenboim. Escreve *Veja* que “[...] para atender os empresários que precisam de informações críveis para planejar seus negócios, cinco consultores privadas e a própria UBA coletam dados e divulgam índices de inflação de maneira independentes”

(16/6/2010, p.92). No entanto, em abril, o assessor de um deputado da oposição foi acusado e preso por roubar estatísticas no Ministério da Economia, para então vendê-las às consultorias. “Os supostos compradores defendem-se dizendo que não se interessam por números produzidos pelo ministério. É tudo falso, mesmo” (16/6/2010, p.92).

O leitor da estória do semanário, na composição dramática da imagem (11cm/col.), poderá observar Pugliese, membro da La patota dos Kirchner, acompanhando o jogador argentino Lionel Messi, com um quadro destacado em amarelo, no detalhe, enquanto o jogador dá autógrafos. Contíguo a esta imagem, novamente o personagem é flagrado no pequeno quadro em evidência na imagem, bem ao fundo (17,2cm/col.), cuja narrativa revela a violência do grupo, durante lançamento de livro, em que atacaram convidados, numa grande confusão. Logo abaixo, no rodapé, a antagonista Cristina Kirchner (6,5cm/col.), com os dedos indicadores voltados para a cabeça, mais uma vez, com comportamento histérico, completa a configuração dos personagens antagonistas. Na sequência, Cynthia Pok, funcionária do Indec, surpreendida com violência pela gangue de Cristina, de frente à fachada do órgão em destaque (32,6cm/col.), representante daqueles que enfrentam o governo pela verdade pelas estatísticas das estórias.

Sobre o poder de voz e das verdades, os protagonistas obtiveram 65 palavras na narrativa, em duas páginas, sem que os antagonistas usassem o mesmo dispositivo. Como vai se tornando uma constante, além da estratégia de estigmatizar os personagens que se relacionam com o grupo dos principais agentes da política nacionalista da narrativa, ao impregná-lo de adjetivos, torna-o uma representação simbólica negativa, da mentira, com traços de violência, mau caráter, corrupção, covardia, etc.

Em essência, na disputa entre os personagens, ocorre o tratamento diferenciado, com *modus operandi* do narrador de caracterizar os protagonistas como aqueles que carregam o bastião da verdade, da moral e dos princípios – diferentemente daqueles que pertencem ao grupo dos anti-heróis. No final, ao dar sequência às narrativas vai se desvelando a ordem simbólica de representação dos antagonistas, sobretudo. A rigor, os principais protagonistas nem sempre estão bem definidos na narrativa, como visto aqui neste ponto da estória.

Política de estado e os conglomerados de comunicação

De fato, os personagens têm papel fundamental na tessitura da estória, com vistas à manutenção de uma matriz narrativa hegemônica; o narrador sempre encontrará dificuldades em um universo dinâmico da política, em que há diversos agentes atuando constantemente, no sentido de promover suas narrativas, para ordem de poder e verdades. As disputas, como se vê, organizam-se no tempo, na composição das estórias, em decorrência dos sentidos, dos discursos. Além disso, se há disputas pelos personagens em uma estória, existem também várias estórias em disputas, o que torna os narradores, eles próprios, personagens dessa composição dramática. Dessa maneira, além da configuração dos personagens, na trama, de maneira específica, em uma textualidade, o próprio espaço para produção de sentidos, esse enquadramento das disputas e suas estratégias se inserem no universo intrigado de *diegese*.

Retomando alguns pontos desta estória, do início do episódio até aqui, alguns momentos na política argentina, dois personagens vêm se tornando importantes, os jornais *Clarín* e *La Nación*, afortunados grupos de comunicação do país do Rio da Prata. Com destaque para o primeiro, um dos maiores conglomerados da América Latina, que, na estória de *Veja*, se apresenta como agente político, na oposição ao governo da família Kirchner, e, em contrapartida, é atacado por agentes ligados ao governo, como ocorre já no final do ano de 2010, quando o governo argentino, mais uma vez, investe contra a empresa de comunicação, na defesa do poder simbólico.

Embora as eleições presidenciais estejam distantes, as narrativas de *Veja* começam a descortinar o cenário para o ano seguinte, a configurar com mais atenção os personagens, na composição temática de seu projeto dramático. Desse modo, os Kirchner também se movimentam, no sentido de chegar com disposição para o pleito; e as mídias se fazem um lugar importante para combater e organizar suas estórias. Assim, colocadas as situações conflitantes dos personagens, em seus lugares, passamos à narrativa de *Veja*, segundo a qual Cristina Kirchner com queda de popularidade, “[...] incapaz de reverter esse cenário, ela investe todas as suas forças na tentativa de calar o mensageiro das más notícias produzidas por seu governo: a imprensa” (1/9/2010, ed.2180, p.68). Com determinação em agarrar-se ao poder, a presidente anunciou projeto de lei – outro sobre a mídia - que permite tornar a maior empresa de fabricação de papel, que pertence majoritariamente aos

grupos de comunicação Clarín e La Nación, um órgão estatal, com pequena participação financeira por parte do estado. “Cristina saiu-se com a acusação de que os antigos donos da *Papel Prensa* teriam sido forçados a vender a companhia a um preço vil, em 1976, sob tortura do regime militar. Os compradores Clarín e La Nación seriam, assim, cúmplices de um crime contra a humanidade” (1/9/2010, p.68).

Como revela o narrador “[...] é uma invenção. A empresa mudou de mãos em novembro *de 1976*, vendida por iniciativa de seus controladores, a família Graiver, em dificuldades sérias depois da quebra de seu braço financeiro internacional” (1/9/2010, ed.2180, p.68). Como forma de comprovar a venda, na data prescrita, o narrador conta que o “[...] insuspeito diário *La Opinion*, do jornalista esquerdista Jacobo Timerman, publicou a notícia da venda no dia seguinte, dando-a como extremamente vantajosa para o grupo Graiver” (1/9/2010, p.68).

Na disputa pela estória está a visão esquerda e direita, pois o jornal que publicou a venda, não poderia mentir, por ter interesse na versão da estória, sendo de esquerda, em favor dos Kirchner – conforme composição do enquadramento dramático. Logo, nesse contexto, não se pode duvidar, seria um ponto a considerar pelo interlocutor de *Veja*. Afinal, “[...] o patriarca da família, David Graiver, *aceitara* o depósito em seu banco de 17 milhões de dólares que o grupo terrorista peronista *Montoneros* obteve como resgate no sequestro dos filhos da família Born” (1/9/2010, p.68, grifo nosso). Contudo, seguindo o narrador, é fato que diversos membros da família Graiver foram presos e torturados pelo governo militar, porém, *em 1977*.

Na composição da intriga política, *Veja* conta que “Cristina e sua gestapo dos pampas reescreveram a história, fazendo a data da prisão e tortura dos Graiver preceder a da venda, de modo a tornar sua versão verossímil.” (1/9/2010, p.68) – mais uma vez as disputas pelo poder da verdade. A condição de Cristina torna-se ainda *mais vil*, ao considerar que a família Graiver, durante *quase trinta anos*, comparecendo à justiça, como vítima da ditadura argentina, nunca tenha mencionado o caso *Papel Prensa*. No projeto dramático de *Veja*, Cristina Kirchner de maneira astuta, quer se apoderar da empresa de papel, em que é sócia minoritária, mudando os dados históricos, de maneira deliberada e irresponsável. Portanto, o episódio torna-se “O papelão de Cristina” (1/9/2010, p.68), como destaca no título do narrador.

Na estória, “[...] apenas um dos familiares, Lúdia Papaleo Graiver – torturada e estuprada na prisão militar -, endossou a tese da Casa Rosada” (1/9/2010, p.68). A viúva de David Gravier no fio da narrativa teria motivos para querer vingar a ditadura, criando constrangimento para os militares e o conglomerado de mídia. Rapidamente, na estória de *Veja*, Lúdia foi desmentida pelo cunhado e sua filha Maria Sol Graiver. “A venda da empresa foi feita sem ameaças e com os Graivers em liberdade”, conta Izodoro. Não somente, “Antigos presos políticos que compartilharam a cadeia com os Graiver e outras testemunhas críveis desmentiram cabalmente a versão da Casa Rosada, feita para atingir os Jornais” (1/9/2010, p.68).

A configuração da estória no seu enquadramento dramático se mantém como estratégia do *Veja*. Na composição dos personagens, aqueles que representam o posicionamento do narrador são legitimados e, caso sejam desfavoráveis, merecem análise de seu estado psicológico, como o caso da viúva: “[...] torturada e estuprada na prisão militar” (1/9/2010, p.68). O cunhado e a sua filha se mostram mais em condições para obter poder de voz e, os antigos presos políticos, a confiança para a verdade, que, certamente, torturados, confirmam a versão contrária à Casa Rosada.

Na intriga, o grupo Clarín, como protagonista, e Cristina Kirchner, antagonista desta estória de *Veja*, são retratados na configuração das narrativas na imagem (27,3cm/col.) de maneira a revelar o pano de fundo de *Veja*, nas disputas políticas, que estão no fio da estória. Cristina Kirchner, ao microfone, com o dedo indicador da mão esquerda levantado, com pose de autoritária, sendo observada por assessores. Ela que inventou uma história que envolve banqueiros e terroristas, além de ter ódio à liberdade de imprensa. No alto da imagem, está Domingos Juan Perón, com as mãos levantadas, como que ovacionando Cristina, na composição da imagem do narrador, ou seja, o estado nacionalista que quer impedir outras estórias, que não as do casal Kirchner no poder. Logo abaixo, o narrador retoma no imaginário do seu interlocutor, cartaz (6,7cm/col.), feito pelos piqueteiros chapa-branca, que foram espalhados, em maio de 2008, nas ruas de Buenos Aires, com os dizeres *Clarín Miente! Clarín Contamina!* No fio de uma estória está a matriz narrativa hegemônica, que se descortina, no protagonismo dos grupos de comunicação, na diegese de *Veja*.

O caso segue em outro momento, quando o narrador retoma ao mesmo assunto, quatro semanas depois, envolvendo Cristina Kirchner, Grupo Clarín e a família Gravier,

dona da fábrica de *Papel Prensa*. Esta composição dramática do narrador, inicia-se com uma fábula, do romano Fedro (15 a.C – d.C), “[...] em que o lobo bebe no regato acima do cordeiro, mas mesmo assim acusa sua presa de sujar a água, a mentira dos Kirchner para acusar os donos do Clarín e do La Nación só funciona se a linha do tempo for invertida” (29/9/2010, ed. 2184, p.80-81), ou mudar a correnteza da água. Ou ainda, “Mudem a lei do tempo”, como escreve *Veja* no título, no alto da página, contíguo à imagem em destaque (20,6cm/col.) de Cristina Kirchner, antagonista principal desta narrativa. A presidente vocifera, com olhos esbugalhados, e mão direita em forma de chifres, apontando para a frente, em direção aos protagonistas de *Veja*, em imagem de rosto (2,2x2cm). na qual estão Magnetto diretor do Clarín, Ernestina, proprietária do grupo Clarín e Mitre, presidente do La Nación.

Composto o enquadramento dos personagens na narrativa, no fio da estória de *Veja*, emerge a tensão na possibilidade da prisão dos afortunados empresários de comunicação da Argentina. “Se a Justiça acatar a denúncia, Ernestina, Magnetto e Mitre podem ser condenados por crime contra a humanidade, puníveis com a prisão perpétua” (29/9/2010, p.80). Em essência, o governo foi à justiça com acusação do diretor do Clarín, Héctor Magnetto, a proprietária do grupo, Ernestina Herrera de Noble e o presidente do La Nación, Barolomé Mitre, de apoderarem, de maneira ilícita, da única fábrica de papel do país, a *papel Prensa*. Na sequência da narrativa, desta vez, “Na versão da Casa Rosada, a viúva de Graiver, Lidia Papaleo, foi detida pelos agentes da repressão e obrigada a vender as ações da empresa por um preço infame” (29/9/2010, p.81).

A questão que não se resolve é exatamente a data da venda da fábrica de papel, que continua a intrigar e condicionar o posicionamento do narrador em favor dos protagonistas – quem diz a verdade? “Uma única constatação, baseada na cronologia dos fatos, basta para derrubar o roteiro de conspiração criado pela Casa Rosada: quando os membros da família Graiver foram documentadamente torturados, entre março e abril de 1977” (29/9/2010, p.80), quatro meses depois da consolidação da venda da empresa. “A prisão, portanto, não tinha como objetivo pressioná-los a assinar o contrato, e sim investigar suas relações com terroristas de esquerda, os montoneros. Na verdade, os Graiver haviam vendido a *Papel Prensa* para saldar dívida com o grupo terrorista” ⁶³ (29/9/2010, p.80).

⁶³ Na narrativa anterior os Graiver haviam aceitado depósito do grupo montoneros, equivalente a 17 milhões, como a venda da empresa. A narrativa se compõe para novos relatos, como se pode notar.

Na composição dramática da narrativa, *Veja* conta que o grupo montoneros em 1975 depositou 17 milhões de dólares na conta de David Graiver, como resultado de sequestro. Em 1976, um ano após, ocorre golpe de estado na Argentina, em 24 de março; cinco meses depois, morre David Graiver, em acidente de avião; três meses mais adiante, “[...] os bancos do Grupo Graiver quebraram e a família *ofereceu* ações da *Papel Prensa* ao grupo Papel, um consórcio de Jornais” (29/9/2010, p.80, grifo nosso); no mês seguinte, *La Opinión* publica matéria da venda. Em 1977, polícia tem informação do depósito dos terroristas nas contas dos Graiver, então, iniciam-se as prisões, primeiro, do irmão de Graiver, Juan, e, depois, da esposa, Lidia Papaleo. Em 1983 são libertados. Apesar do fim da ditadura, em dezembro de 1983, a família nunca havia mencionado a venda da empresa, sob tortura, entre 1986 e 2007, escreve o narrador, nem mesmo a viúva de Graiver havia questionado o negócio, e agora defende a versão da Casa Rosada, contra os jornais.

No final, “Cristina Kirchner, a exemplo de outros governantes da região, sonha em ‘derrotar’ os órgãos de imprensa que a criticam. Vale tudo, conta *Veja*, até mudar a ordem do tempo” (29/9/2010, p.80).

No semanário, a narrativa se define no contrato cognitivo do narrador com o leitor, de maneira que os dados se mostrem verdadeiros, sem mesmo haver vozes que confirmem ou contestem antagonistas e protagonistas, de maneira pragmática, com exceção das vozes da denúncia da Casa Rosada, contra os conglomerados de mídias (24 palavras), em um tema que preencheu duas páginas e uma coluna de estória. Nessa perspectiva, as narrativas se tornam a realidade dos acontecimentos, conforme mostrados, no enquadramento dramático do narrador, apesar das disputas evidentes dos agentes, cuja palavra final resulta na hermenêutica da diegese bem narrada. Assim, constroem-se as verdades e o poder na política argentina, bem como na da América Latina.

Contudo, no fio desta diegese, o governo Kirchner quer censurar a palavra dos protagonistas de *Veja* que são vítimas do jogo sórdido da política argentina, populista e nacionalista, porém sem voz, como se observa nas análises – de fato, apenas na configuração do narrador. Na trama, um golpe militar, com tomada do poder dos peronistas, torturas e investimentos de empresas de comunicação, que adquirem a única fábrica de papel do país. Grupos financeiros que quebram; família torturada, além de fazer negócios com outro grupo terrorista de esquerda, os montoneros, que realizam sequestros no país.

Por certo, protagonistas e antagonistas merecem mais estórias ou mais vozes. Sem dúvida, contudo, que os acontecimentos-intrigas aumentam de tensão, quanto mais se aproximam as eleições presidenciais no país do Rio da Prata. A disputa pela matriz narrativa hegemônica ou mesmo a sua manutenção exige poder e disposição.

Adeus ao Kirchnerismo nas disputas simbólicas

No percurso dos personagens, na estória de *Veja*, nas disputas acirradas pelo poder, o casal Kirchner se separa. Néstor, aos 60 anos e diabético, depois de duas cirurgias no coração, somente no ano, não suportou infarto e morreu, ao lado da esposa, Cristina. “No hospital, os médicos tentaram reanimá-lo por cerca de uma hora [...]” (3/11/2010, ed.2189, p.93), sem resultados. Na trama da política argentina, Cristina Kirchner perdeu seu companheiro e o “Kirchnerismo ficou viúvo” (3/11/2010, ed.2189, p.93), escreve o narrador, revelando na sua composição dramática, narrativa de uma página com a presidente argentina, vestida de preto e óculos escuros, ao lado do caixão, o qual está coberto por uma bandeira do país, cuja imagem mostrada de cima para baixo, no final, preconiza a morte do kirchnerismo⁶⁴ político. Cristina agora está só, numa disputa que já se tornava tensa, a cada passo, em direção ao ano de 2011, quando haverá novas eleições presidenciais no país. Como diz o narrador, o casal vinha arquitetando um projeto de poder, “[...] a fórmula era engenhosa” (3/11/2010, p.93). Na política, Néstor, em 2011 estava se preparando para retornar à Casa Rosada. “Os dois, desta forma, poderiam se suceder indefinidamente no comando do país, o que foi interrompido subitamente nesta quarta-feira, dia 27” (3/11/2010, p.93).

Os personagens do mundo político de Néstor podem ser observados simbolicamente no local do seu velório, na Casa Rosada, “[...] no panteão do que *há de pior no populismo* regional, com quadros de Che Guevara, Salvador Allende e Juan Domingo Perón” (3/11/2010, p.93, grifo nosso). Cristina, ao lado do caixão, mostrou-se serena na companhia dos filhos, Máximo e Florencia, e, ao longo do tempo, recebeu condolências de quase todos os presidentes da América do Sul, além de figuras famosas, como Diego Maradona. O ex-técnico da seleção *albiceleste* chegou e beijou o caixão e

⁶⁴ O que faz lembra a saída de cena de Fidel Castro e o Castrismo, no “Já vai Tarde” do narrador, do episódio anterior.

disse que “Néstor tinha algo de Che” (3/11/2010, p.93). Como descreve *Veja*, “[...] em uma cultura que valoriza os mártires, isso é considerado⁶⁵ um elogio” (3/11/2010, p.93).

Segue o narrador na configuração do personagem político, antagonista e sepulto, mas que deixa legado político, o kirchnerismo, que está no governo da Argentina desde o início da década, de maneira que a morte de Néstor tem efeitos colaterais, dois a princípio: passará a ser cultuado, que é uma tradição dos argentinos; e, depois, será o tempo de saber como governará Cristina, sem os conselhos e a ajuda do marido. A rigor, “[...] a interferência de Kirchner nas decisões governamentais beirava a opressão. Era deputado, mas mal comparecia ao Congresso. Estava mais envolvido nos bastidores, com funções executivas” (3/11/2010, p.93). Permanentemente se reunia com ministros, sendo a economia sua maior preocupação. “Kirchner também mantinha o controle dos sindicalistas pelegos mais ferrenhos, presidia o Partido Justicialista (peronista) e comandava a União das Nações Sul-Americanas (Unasul), uma invenção do venezuelano Hugo Chávez” (3/11/2010, p.94). Responsável intelectual por uma estrutura política em acordo para o governo da esposa, com base no peronismo e proximidade com a esquerda. O estilo K era de confronto e autoritário, quando ameaçado atacava com violência. ”Toda questão tem dois pontos de vista: o errado e o nosso” (3/11/2010, p.94), destaca o narrador.

No enquadramento dramático, *Veja*, em *flashback*, pontualmente, como já constatamos, organiza sua história, de modo a evidenciar o caráter de seus personagens e ações e a fazer sobrepor sua matriz narrativa hegemônica. Assim, com sua origem de esquerda, a populista, “Kirchner assumiu a Presidência no momento em que o país *saía* da crise de 2001 e 2002, provocada pelo fato de paridade cambial do peso com o dólar ter sido mantida por mais tempo do que o recomendável” (3/11/2010, p.94, grifo nosso). Efetivamente, a melhoria da condição econômica do país não é um feito dos Kirchner, mais uma vez o narrador retoma enunciados estruturantes pontualmente. “De seu antecessor Eduardo Duhalde, Kirchner herdou o programa econômico e o Ministro da Economia Roberto Lavagna. Por causa do aumento dos preços internacionais das commodities, como carne e trigo, o país pôde enfim respirar” (3/11/2010, p.94).

Na realidade, nem mesmo Duhalde, um peronista, tivera efetivamente participação na arrancada Argentina na crise econômica, mas, como pontua frequentemente o narrador,

⁶⁵ Considerado, neste sentido pode querer dizer uma comparação estranha, com visão negativa sobre o argentino guerrilheiro, que participou da Revolução Cubana em 1959, visto, portanto, um mártir pela esquerda latino-americana, o que não concorda o narrador.

foram tempos de aumentos dos preços internacionais das commodities, como carne e trigo, no exterior, o que permitiu ao país obter crescimento de 8% ao ano. Coube então a Kirchner negociar com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e fazer acordo, pagando dívida em *condições vantajosas* – mas ainda com pressão dos setores internacionais, como descrito anteriormente. Sua política populista, somente aumentou os gastos do estado, “[...] o que causou enorme déficit público e inflação. Para contê-la, o kirchnerismo usou *métodos heterodoxos*, como congelamento de preços, a maquiagem das estatísticas oficiais e a imposição de limites à venda de carne para o exterior” (3/11/2010, p.94). Apesar do crescimento permitido pela globalização, o governo agiu na contramão, movido pelo populismo, com fechamento da política de estado, promovendo o nacionalismo. Cristina dá prosseguimento ao governo, na linha do marido, aumentando impostos para os produtores rurais, impedindo a elite exportadora da Argentina a continuar promovendo o desenvolvimento do país.

O narrador persegue no fio da sua estória e retoma permanentemente *verdades que se repetem*, estrategicamente, para cada nova configuração do acontecimento-intriga. Como resultado da intervenção do estado na economia argentina, um dos dez mais ricos do mundo e que saiu da II Guerra Mundial na condição de abastecer de alimentos o planeta, agora se vê obrigada a importar carne do Uruguai e do Brasil. Mantendo-se na narrativa de enquadramento no passado, *Veja* destaca que, durante o governo dos K, o ataque à imprensa foi constante. “[...] o jornal Clarín pagou um preço descomunal: invasão da sede por fiscais, acusações de crimes contra a humanidade, perda dos direitos de transmitir jogos de futebol e ameaça de ter de se desfazer da participação em uma fábrica de papel” (3/11/2010, p.94). A interferência da família Kirchner contra a liberdade de comunicação no país é tamanha que a provável morte do kirchnerismo fez as ações do conglomerado subirem 49% no dia seguinte à morte do ex-presidente.

Diante desse quadro de contrastes com um mundo globalizado, de economia aberta para os exportadores e o setor financeiro internacional, seria inevitável a queda de popularidade do casal Kirchner. Mas isso deve mudar, a observar pelas comoções populares da semana passada. “Mesmo antes de o corpo aterrissar em Buenos Aires, as paredes dos edifícios em torno da Praça de Maio já estavam pichadas, com frases como: ‘Kirchner vive entre nós’, ‘Força Cristina’, ‘Hasta la Victoria, Néstor’” (3/11/2010, p.96). A maioria na multidão era de jovens que cortejavam o casal, isso porque conviveram

somente com a crise de 2001 e 2002 e “[...] que beneficiaram da retomada econômica que *coincidiu* com a era K” (3/11/2010, p.96). Neste sentido, na disputa pela narrativa, escreve um jovem de 28 anos, Guillermo Cara, integrante da Juventude Peronista Libertação Nacional, que estava em vigília na Praça de Maio: “Kirchner atacou alguns setores da elite, como o dos proprietários rurais e o dos donos de veículos de comunicação, que não querem ceder um pedaço sequer de seus lucros para ajudar o povo” (3/11/2010, p.96). O personagem confronta a matriz hegemônica do narrador, contudo, não se deve considerar pertinente, como fala *Veja*, em razão de não conhecer a realidade política da Argentina amplamente. No seu imaginário, somente a crise vivida na chegada dos Kirchner ao poder, seus heróis – deslegitimando-o, na condição de agente político da narrativa.

A vida política para o nacionalismo de Néstor tem início na fria, distante e rica em petróleo província de Santa Cruz, onde “Kirchner militou em grupos estudantis que tinham contatos com os montoneros, *terroristas* de inspiração marxista. Conheceu Cristina na faculdade, na província de Buenos Aires” (3/11/2010, p.96, grifo nosso). Logo após a ditadura, deixou a política e foi morar na Patagônia, onde abriu escritório de advocacia. Depois, com o fim do governo militar, elegeu-se prefeito da pequena Rio Gallegos, sua cidade natal, em 1987. Cristina então se tornou deputada e, depois, senadora, escreve o narrador. Néstor depois assume o governo da província, em 1991. “Quando chegou à presidência em 2003, apadrinhado por Eduardo Duhalde – a quem, depois, *traiu* -, já tinha 23 imóveis em seu nome. Desde então, o patrimônio do casal cresceu 710%, chegando ao equivalente a 24 milhões de reais” (3/11/2010, p.96). Para acumular tanta riqueza usou uma estratégia simples: comprava terrenos em Santa Cruz a preços de banana e vendia ganhando dez vezes mais, valendo-se de informações privilegiadas. No fio da estória, o antagonista de *Veja* teve relações com grupos terroristas, traidor na política contra Duhalde, quem o projetou. Por fim, Néstor obtinha ganhos particulares, com uso de cargos de representação política, impossível para um cidadão comum.

De agora em diante, com a morte do marido, Cristina deverá mudar sua posição nacionalista, caso ainda tenha pretensões à reeleição, em 2011, ano seguinte, portanto, sendo obrigada a se aproximar de Duhalde, hoje cacique poderoso de uma ala dos peronistas; além de se reconciliar com o seu vice-presidente, Julio Cobos, com quem se desentendeu durante as disputas com a elite rural e perdeu. “Os próximos doze meses

mostrarão se o kirchnerismo morre com Kirchner ou se sobrevive nas mãos de Cristina” (3/11/2010, p.96).

Numa perspectiva da narrativa imagética de *Veja*, o leitor se depara ainda com Jovens que carregam bandeira, com homenagem a Néstor, embora em rodapé (11,9cm/col.); eles, que têm visão limitada sobre a política argentina, veem os Kirchner como heróis, que não são (3/11/2010, p.92), na configuração dos personagens na estória de *Veja*. Na página seguinte, em destaque, momentos de Cristina e Néstor, imagem mais recente (53cm/col.) – quando obtiveram crescimento patrimonial de 710% - e de períodos do início da carreira política (21cm/col.), quando surge o kirchnerismo populista. No final, a amizade política de Néstor, na América Latina, abraçado com o presidente Lula e o antagonista do núcleo simbólico de *Veja*, Hugo Chávez. A rigor, escreve o narrador-veículo, “[...] o argentino respeitava mais o venezuelano do que o brasileiro” (3/11/2010, p.96).

Sistematicamente, na política argentina, na diegese da narrativa de *Veja*, está a disputa entre o kirchnerismo nacionalista e neoliberalismo para um estado sem fronteiras; relacionam-se, assim, os antagonistas argentinos à esquerda latino-americana, como um país que perde chances de se projetar ao lado das maiores economias globalizadas, ao fechar suas barreiras econômicas para o mercado livre, dos tempos modernos e liberais. O narrador, na formação simbólica na configuração dos personagens antagonistas não perde de vista a relação entre Néstor Kirchner e seu passado de envolvimento com terroristas de esquerda, traidor e, sobretudo, aliado de símbolos que remetem a um passado de crises econômicas e sem glórias.

As representações políticas da Argentina, a cada passo da narrativa, vão sendo reveladas para o leitor, de maneira avessa a uma realidade moderna e dinâmica, a ser seguida pelos latino-americanos, tendo como referenciais os centros econômicos globais e dinâmicos, sobretudo na perspectiva dos Estados Unidos e Europa, o núcleo de países protagonistas de *Veja*. A ordenação das disputas por este enquadramento dos personagens nas intrigas, dá representação, na análise, aos protagonistas, que, por vezes, se revelam como aqueles que se afiguram como o modelo econômico que avança na pós-modernidade, e na matriz hegemônica narrativa do semanário, na qual as vozes dos protagonistas se compõem implicitamente, muitas vezes, com seus ecos para a institucionalização. A

desconstrução simbólica dos antagonistas torna-se, com este objetivo, mais importante, efetiva e momentaneamente.

A questão sobre a provável morte do kirchnerismo continua como disputa política na Argentina e na estória de *Veja*. Um longo tempo depois, 15 semanas do enterro do marido, Néstor Kirchner, a herdeira do grupo político continua sua batalha pelo poder no país, de modo a obter seu apoio popular e dando sopro de vida para o nacionalismo, mesmo com os inimigos por perto, jogando luz sobre escândalos e problemas do governo. Como escreve o narrador, no ano eleitoral, a presidente, na decisão de se reeleger, usa da estratégia de manter viva a imagem do marido na população, de modo a obter apoio político de populares. Tradição que faz parte da cultura do país do Rio da Prata, o de cultuar os mortos, como conta *Veja*, de não desperdiçar o cadáver. “A política da morte funciona” (16/02/2011, ed. 2204, p. 84), escreve enfaticamente *Veja* no título.

Carlos Gardeu, morto em acidente aéreo, em 1935, o pugilista Ángel Firpo, morte em 1960, o campeão americano Jack Dempsey, falecido em 1923 e Evita Perón, que morreu de câncer, em 1952, continuam vivos no imaginário dos argentinos, em atividade, ainda melhores do que nunca, conta o narrador. “O corpo de Evita foi roubado e perambulou por 21 anos antes de repousar definitivamente na Recoleta. Assim são os argentinos” (16/02/2011, p. 84). Juan Perón, símbolo político no país, depois da morte da esposa, Evita, vestiu-se de preto por um ano.

Cristina, seguindo a tradição, vem atuando de maneira a cultuar a morte de Néstor, mas o seu objetivo, no fundo, é o de obter resultados nas urnas, no final do ano. Para isso, até contratou costureiro e “[...] há três meses e meio, só se veste de preto. Manteve apenas a maquiagem carregada, o cabelo desalinhado e as joias, agora mais discretas. Para amigos confidenciou que deve seguir assim até outubro, quando – que coincidência – pretende se reeleger” (16/02/2011, ed. 2204, p. 85). A estratégia deu certo, em pesquisa saiu de 35% de popularidade para 57%, descreve *Veja*. Mas na intriga política, a oposição contra-ataca, o jornal *Noticias* publicou matéria sobre o envolvimento de Néstor com sua secretária, Miriam Quiroga. “Deixei tudo para vir do sul com ele” (16/02/2011, ed. 2204, p. 85), conta a personagem na revista argentina, reproduzida por *Veja*, abrindo uma crise na relação entre o casal Kirchner, com influência no kirchnerismo político.

Na composição da intriga do narrador-veículo, no alto da página, de forma dramática, está Cristina Kirchner de corpo inteiro, na cadeira presidencial, na Casa Rosada,

com seu luto, toda de preto, com sorriso e presa no tempo, a olhar o infinito. Bem ao lado, no alto da página seguinte, Néstor Kirchner com a Secretária Miriam Quiroga, de modo a desvelar a vida de comunhão entre o casal, que nem sempre foi de pura fidelidade, como podem pensar os argentinos e leitores de *Veja*.

Na sua busca pela reeleição, a presidente e personagem da estória, mantém sua estratégia, prestando homenagens póstumas ao marido famoso, no país, com construção de mausoléu luxuoso no cemitério de Rio Gallegos, capital da província de Santa Cruz, cidade natal do Néstor. Está acertado que a primeira divisão do campeonato de futebol levará, agora, o seu nome. A situação de publicidade do governo é tanta que “Notícia estampou Néstor na capa paramentado de santo católico, o Santo Kirchner” (16/02/2011, ed. 2204, p. 85), de cunho crítico, em cuja narrativa está Cristina ao fundo, com outros políticos aliados, em reverência, o que seria “[...] la canonización de Kirchner, Santo Néstor”, como título, na capa da publicação argentina, no rodapé da página de *Veja* (7,2cm/col.). Mas, como fala o narrador, o santo terá de ser forte para ajudar a presidente no seu projeto de reeleição, em tempos de inflação e denúncias de corrupção.

Como a política kirchnerista não faz parte da matriz narrativa do narrador, a desconstrução do personagem na sua empreitada política logo torna-se uma necessidade estratégica de *Veja*, portanto, e um comportamento que se evidencia frequentemente, agindo como um agente político na América Latina, para a composição de fórmulas simbólicas nas narrativas. Os personagens protagonistas se mostram, por seu comportamento denunciante, aqueles que desmascaram o antagonista, como neste contexto, o *jornal Notícias*.

Na ordem da configuração dramática de *Veja*, “[...] na semana passada, na mais nova leva de despachos revelados pelo site WikiLeaks, aparece uma conversa entre diplomatas americanos e promotor Eduardo Mondino” (16/02/2011, ed. 2204, p. 85). O promotor diz que estava investigando atitude suspeita do governo da Argentina de cobrar 15% de propina sobre contratos privados feitos provavelmente com a Venezuela. “O dinheiro estaria sendo depositado em um banco americano” (16/02/2011, ed. 2204, p. 85). Há outro telegrama, o qual relata conversa com o procurador de Justiça, Manuel Garrido, “[...] especialista em corrupção, que renunciou alegando pressões para exercer o seu trabalho entre as funções que lhe cabiam estava a de investigar o aumento patrimonial dos Kirchner, multiplicado por oito vezes desde que o casal chegou à casa Rosada”

(16/02/2011, ed. 2204, p. 85). Como se nota, a vida de Cristina para a sua reeleição não será nada fácil e haverá sempre revelações piores do que traição do marido, mas o que interessa à presidente agora é somente a figura de santo, de Néstor. “Assim se completa o ciclo populista dos pampas, onde a morte é apenas um detalhe e, muitas vezes, o mais importante” (16/02/2011, ed. 2204, p. 85).

Não somente *Veja* assume papel de agente político na narrativa, adotando posições de enfrentamento contra os antagonistas, mas é revelador o processo de atuação dos meios de comunicação, como personagem das histórias, o qual vai se tornando comum neste processo de composição das intrigas. Como se nota no caso da Revista *Notícias*, no papel de oposição ao governo da Argentina, com ironias e histórias que envolvem o poder simbólico da presidência de Cristina Kirchner. As narrativas, a cada passo, vão seguindo o fio na diegese, conforme um projeto dramático, com poder político singular na América Latina, de modo a compor uma matriz narrativa hegemônica, reproduzindo vozes e desconstruindo simbolicamente personagens da política, de maneira a delimitar uma ordem idealizada pelo narrador, nos países latino-americanos, com proposta de mercados globais livres do nacionalismo. Nessa perspectiva, os protagonistas mereceram 20 palavras e os antagonistas, 17, com poder concentrado nos enunciados do próprio narrador.

No entanto, nesta altura da análise, cabe ressaltar os “mensageiros” que, por certo, têm lugar nas disputas pelas histórias, com seus diferentes narradores, com sua significação e poder, na relação cultural com os países da região, bem como demonstrado nesta narrativa nas disputas pelo imaginário do eleitor argentino.

Os narradores da política na América Latina

Na Argentina, ao mesmo tempo em que o governo ataca os grandes jornais nacionais contra suas histórias, os conglomerados fazem oposição ao populismo do governo Kirchner, com mais histórias. Nas disputas simbólicas, contudo, o venezuelano recebe “[...] prêmio pela defesa da liberdade de expressão, na Universidade de La Plata” (6/04/2011, ed. 2211, p.80), como escreve *Veja*. Nas páginas do Jornal Clarín denúncia contra membros políticos do governo, de enriquecimento ilícito com verbas públicas. Como consequência das intrigas entre os personagens da revista sobram censura e falta de liberdade de publicações, das histórias sobre a política, em ano eleitoral. No título “A

Gangue do cala-boca” (6/04/2011, ed. 2211, p.80); nas ruas, partidários do governo impedem a distribuição dos principais jornais do país. Na madrugada do domingo, 27, “[...] quarenta baderneiros bloquearam as ruas onde estão as gráficas do Clarín e do La Nación e, por meio dessa manobra, atrasaram a distribuição do La Nación e impediram que caminhões levassem os 700 000 exemplares de Clarín às bancas e aos assinantes” (6/04/2011, p.80). Como personagem da estória de *Veja*, o diretor de redação do conglomerado Clarín, conta que “Pela primeira vez na história, o jornal não circulou, algo que não ocorreu nem durante a ditadura militar” (6/04/2011, p.80). Com o bloqueio, no contragolpe contra o governo Kirchner, decidiu publicar capa de edição em branco. “O governo silenciou sobre o assunto, como se o boicote não lhe dissesse respeito, (6/04/2011, p.80), escreve José Ignacio López, porta-voz do La Nación. Nas disputas políticas entre mídia e governo, nem a justiça consegue interferir. “No ano passado, um juiz ordenou que a polícia garantisse a circulação dos diários. Foi ignorado” (6/04/2011, p.80), conta *Veja*.

A causa das intrigas e do boicote aos jornais, na rua, diz respeito ao personagem sindicalista Hugo Moyano, “[...] braço direito da Cristina Kirchner. Moyano comanda o Sindicato dos Motoristas de Caminhões, é secretário da Confederação Geral de Trabalho (CGT), a maior central sindical do país, e ocupa o cargo de vice-presidente do Partido Justicialista” (6/04/2011, p.80). No dia 17 de março, o Clarín publicou notícia sobre investigação da justiça da Suíça, contra o sindicalista, membro do partido do governo. O sindicato reagiu. “A cada denúncia que fizerem, vamos em 1 000, 10 000 ou 20 000 trabalhadores, para dizer aos jornalistas que nos mostrem de onde tiram o que publicam”, (6/04/2011, p.80) ressalta o dirigente de sindicato, sem ser identificado por *Veja*.

O narrador assume, então, o conteúdo da denúncia do Clarín, a partir da reportagem jornalística do jornal argentino. “Desde 2005, Moyano abriu, em nome de parentes, uma empresa de computadores, uma construtora, uma companhia de coleta de lixo e uma fábrica de tecidos, as quais prestam serviços para o sindicato dos caminhoneiros” (6/04/2011, p.81). Como há dinheiro do governo, formou-se uma triangulação financeira, conta *Veja*.

“Em certos casos a patifaria é mais explícita” (6/04/2011, p.81). O sindicato compra remédios para pacientes com câncer, em tratamento no hospital da entidade, o ministério da Saúde reembolsa o sindicato. Mas “[...] tanto as guias dos doentes como os comprovantes de gastos, assinados por Moyano, eram falsos” (6/04/2011, p.81). No

acontecimento-intriga do narrador, entra o governo a negociar com o sindicalista, com a “triste figura” (6/04/2011, p.81), com o objetivo de tê-lo como tropa de choque à disposição de Cristina. Assim, com a tarefa de atacar os opositores de Kirchner “[...] empresários, fazendeiros ou diretores de Jornais” (6/04/2011, p.81). Na sequência, escreve no seu projeto dramático o narrador, que Cristina, nas pesquisas, está à frente, com 30% das intenções de voto para a presidência, com essa prática política. Assim, “[...] a exemplo de seu colega Hugo Chávez, o tirano que pôs a Venezuela no buraco, Cristina Kirchner acha mais fácil destruir o mensageiro das más notícias do que fazer um bom governo” (6/04/2011, p.81), revela *Veja* no seu pano de Fundo.

Nesta análise da estória, a composição dos personagens do narrador, cada vez mais reforça a matriz narrativa hegemônica na Argentina, pois, se os antagonistas estão ao lado do governo de Cristina Kirchner, como os sindicalistas, os protagonistas têm, como agentes políticos, os empresários, fazendeiros (elite com acesso ao mercado internacional) e conglomerados de comunicação, como Clarín e La Nación. Diante dessa configuração, resta Kirchner pensar sua política, “o bom governo”, considerando com atenção os mensageiros e sua composição política do país, na América Latina.

Sobre o prêmio recebido por Chávez, pela sua defesa da liberdade de expressão na Venezuela, diz o narrador no enquadramento dramático: “É como honrar Hitler pela defesa do povo judeu. Um Escárnio” (6/04/2011, p.81). Por último, as disputas pelo poder simbólico, com seus personagens, numa relação de Chávez, à semelhança de Hitler, aliado de Cristina Kirchner.

No enquadramento dramático do narrador-veículo, acima do título, idoso lê o jornal Clarín, na abertura da narrativa (37,5cm/col.) de *Veja*, com capa em branco, com repúdio à censura política ao jornal. Logo abaixo, Chávez e Cristina sorriem com as mãos dadas, uma relação que é “um escárnio”. Na sequência, o sindicalista Moyano (9,6cm/col.), no alto da página seguinte (6/04/2011, p.81), que ataca os opositores do governo e recebe verbas públicas de Cristina ilegalmente. Sobre o poder de voz, em 1,5 páginas, os protagonistas, dos jornais, mereceram 40 palavras, enquanto os antagonistas, 25, de dirigente de Sindicato. No final, as disputas pelo poder simbólico cada vez ganham mais tensão e estórias.

Disputas institucionais e seus personagens

Cristina Kirchner, na estória de *Veja*, 11 semanas depois da última narrativa, com verbas públicas, mantém o apoio a seu governo, não somente do sindicalista Hugo Moyano, mas também de outros dois personagens “importantes”: Hebe de Bonafini e seu “filho”, Sergio Schoklender. A poucos meses das eleições presidenciais, os escândalos aumentam mais o drama da família Kirchner. Muito próxima de Cristina, a principal líder dos movimentos sociais cria constrangimentos políticos para o governo. A personagem da famosa organização “Mães da Praça de Maio” se tornou heroína nos tempos da ditadura argentina (1976-1983), quando organizou grupo de mães para reclamar seus filhos e parentes levados pelo regime militar para serem torturados ou mortos. Período de cerca de 30 000 desaparecidos – alguns de esquerda, simpatizantes ideológicos ou inocentes, como descreve o narrador. Hebe de Bonafini se destacou, reclamando os corpos de dois filhos e uma nora, jamais localizados.

A mulher de lenço branco na cabeça, o símbolo do grupo, ao longo do tempo de heroína fez “[...] uma conversão política aos piores princípios da pseudoesquerda produziram: de paladino da justiça ela se transformou, primeiro numa figura patética e, agora, dolorosamente envolvida num caso de corrupção de dar inveja” (22/6/2011, ed. 2222, p. 86), até mesmo aos profissionais da própria ditadura. Não está só, o homem que conheceu durante período na prisão também está envolvido no caso, a quem “[...] procura jogar sozinho na frigideira” (22/6/2011, p. 87). O dinheiro jorrou nos cofres da instituição “[...] quando o governo Kirchner transformou a organização de Hebe” (22/6/2011, p. 86), em responsável por executar obras de construção de casas populares. Na composição dramática, o narrador descreve a personagem em destaque (53com/col.), de corpo inteiro, contígua ao título de *Veja*, “A Mãe de todas as roubanças” (22/6/2011, p. 85).

A combinação, “populismo e movimentos sociais desvirtuados” (22/6/2011, p. 86), de esquerda -, como conta *Veja*, permitiu que a ONG das Mães “[...] tivessem acesso a 190 milhões de dólares. Isso sem precisar se preocupar com questões menores como licitações e auditorias. No enquadramento dramático do narrador, a verba pública se destinava à construção de 4 100 moradias, 23 centros de saúde e três hospitais” (22/6/2011, p. 86), mas no final foram apenas 1 500 casas construídas, com valor por unidade, cinco vezes maior. Na sequência narrativa, a desconfiança sobre a roubaheira começou, quando surgiu

suspeita sobre a vida de nobreza de Sergio e do irmão Pablo Schoklender. Conta o narrador: “No dia em que fez 23 anos, em 1981, Sergio, o cabeça, e, em participação até hoje discutida, de seu irmão caçula mataram a mãe e o pai, engenheiro industrial, a golpes da barra de metal que usavam para fazer exercícios” (22/6/2011, p. 86). Com os corpos no carro da família, tentaram abandoná-lo na rua e fugir, quando foram capturados. Na cadeia, Sergio se aproximou dos presos, alfabetizando-os, o que chamou a atenção de Hebe, além da psiquiatra judiciária com quem se casou. “Em 1995, saiu diretamente da penitenciária para a sede da fundação” (22/6/2011, p. 86). Ele vive hoje numa mansão, “[...] com dezenove quartos, catorze banheiros, piscina olímpica, quadra de tênis e uma Ferrari na garagem. Também é dono de dois iates e um jatinho” (22/6/2011, p. 86), escreve *Veja*. Na imagem do narrador, o personagem está sob uma porta, olhando para fora, no rodapé (15,2cm/col.).

Quando questionada, Hebe diz que se comprovaria “uma cretinice” (22/6/2011, p. 86). Como pano de fundo, escreve *Veja*, “[...] o governo de Cristina Kirchner, de quem é amiga íntima, procura isolá-la das acusações, mas já se ouvem referências oficiais a ‘coisas estranhas’” (22/6/2011, p. 86). Na configuração dos personagens e do seu poder simbólico, conta o narrador que, além de ser kichnerista, “Hebe é defensora da ditadura cubana e do *tiranete* venezuelano Hugo Chávez, de quem também já recebeu umas verbazinhas” (22/6/2011, p. 86, grifo no autor). O Nobel da Paz de 1980, por denunciar os crimes da ditadura, “o nada direitista”, Adolfo Pérez Esquivel, conta que: “É lamentável que organizações de direitos humanos percam independência para defender bandeiras partidárias em troca de dinheiro”, em 17 palavras, no singular espaço de voz do narrador, como protagonista. No final, a revista *Libre*, traz Hebe “[...] vestida de bruxinha e Sergio Schoklender, de cardeal” (22/6/2011, p. 86), conta o semanário, em cuja publicação argentina (*Libre*) se lê no título: “Fotos inéditas de uma relación obscura” (22/6/2011, p. 86), compõem, em rodapé, a narrativa de *Veja* (7cm/col.), na sua composição dramática.

O protagonista, Nobel da Paz, Adolfo Perez, com duas palavras de Hebe, principal antagonista, quando tenta se defender das acusações, são as vozes da narrativa dos personagens. Com enquadramento dramático sobre os escândalos envolvendo o movimento “As mães da Praça de Maio”, *Veja* aproxima mais Cristina Kirchner de envolvimento com instituições de esquerda, as quais são responsáveis por corrupção com verbas públicas, cujos personagens mantêm relações sempre próximas com o núcleo

simbólico de governos de esquerda da América Latina, como Hugo Chávez e a ditadura cubana dos irmãos Castro. A estória-denúncia de escândalo evidencia, portanto, instituições e seus personagens antagonistas e sua excentricidade, e que pertencem ao quadro de pessoas das intimidades da candidata à reeleição, no seu governo. O populismo vai se tornando sinônimo de falta de princípios com o dinheiro do estado, cuja máquina é movida por pessoas nada confiáveis, num tempo que se avizinha das eleições presidenciais.

Há poucos meses para as eleições presidenciais, Cristina Kirchner está sempre com seus aliados envolvidos em escândalo, e seguem na narrativa de *Veja*, sindicalistas, lideranças de movimentos sociais de esquerda. Agora, surge como antagonista na estória, um magistrado, cujo currículo tem 160 páginas e um dos maiores especialistas em direito penal da Argentina. De fato, conta o narrador, nesta lista (de antagonistas), o país da América Latina “[...] tornou-se uma fábrica de personagens bizarros durante os mandatos do falecido Néstor Kirchner e de sua viúva, Cristina Kirchner, a atual presidente” (10/6/2011, ed. 2229, p. 92). Numa configuração triangular, envolvendo um Juiz, uma atriz pornô e a presidente, o narrador escreve na abertura da narrativa: “O juiz e sua Meretriz” (10/6/2011, ed. 2229, p. 92). Na composição dramática da narrativa imagética está em destaque o magistrado, Eugênio Raúl Zaffaroni, em um amplo espaço, sentado à mesa, que sugere a Corte Suprema de Justiça (56,4cm/col.) no alto das páginas que compõem a narrativa; logo abaixo, a atriz pornô, Ana Touché, em posição e roupas sensuais (16,5cm/col.), contígua à imagem da presidente Cristina Kirchner, com olhar para o alto e ao longe, em tamanho menor (7cm/col.), cujo governo diz o narrador na legenda “Liberou geral” (10/6/2011, p. 93).

Na estória de *Veja*, o juiz da mais alta corte do país, a Corte Suprema de Justiça, composta de sete ministros, equivalente, no Brasil, ao Supremo Tribunal Federal, indicado por Néstor Kirchner, em 2003, descobriu-se ser um proxeneta. “Chegou a ser cogitado para se candidatar a vice-presidente na chapa de Cristina, que tentará a reeleição em outubro. Pois, esse senhor de currículo portentoso é proprietário de seis imóveis em Buenos Aires, onde funcionam casas de prostituição” (10/6/2011, p. 92). Conta *Veja* que nos bordeis há argentinas, dominicanas e paraguaias, com menos de 21 anos, apesar de na Argentina a prostituição não ser crime, mas o é manter casa que oferece o serviço.

“O escândalo veio à tona há duas semanas, quando o jornal *Perfil* revelou que um apartamento do juiz servia de prostíbulo” (10/6/2011, p. 92). Depois da denúncia do

periódico, no enquadramento dramático, o narrador destaca que a Fundação Alameda entrou no caso, após denúncia da Procuradoria-geral argentina, uma entidade de combate ao trabalho análogo de escravidão. A ONG descobriu em imóveis em nome do juiz, cinco bordéis. O diretor da fundação, Gustavo Vera, conta que “[...] em alguns deles, as mulheres não se prostituíam por decisão própria, mas porque eram exploradas por um patrão, e isso também é crime”. Portanto, além do crime de prestação de serviço sobre prostituição, escravidão, ainda surge o de tráfico de mulheres, por haver no lugar muitas de outros países, como as paraguaias, com promessas enganosas, sendo obrigadas à prostituição, conta *Veja*.

Uma das moradoras de imóvel do Juiz era uma atriz de filmes pornô, cujo nome artístico é Ana Touché. Como conta a personagem de *Veja*, “[...] posso até ter mantido relações sexuais com alguns clientes, mas em geral eu os recebo apenas para vender fantasias e vídeos, não sexo” (10/6/2011, p. 93).

Na configuração da trama, após as denúncias “[...] acuado, o magistrado de 71 anos acusou a imprensa, falou de uma conspiração política contra ele e depois saiu com o manjado ‘eu não sabia de nada’” (10/6/2011, p. 93).

O magistrado aliado do kirchnerismo, disse “a um jornal chapa-branca” (10/6/2011, p. 93) que agradece ao escândalo. “Graças a ele, vou evitar processos por desalojamento” (10/6/2011, p. 93), conta *Veja*, em sua configuração do personagem, e prossegue, “[...] como diria uma de suas inquilinas mais conhecidas, que logo ficará sem teto: touché” (10/6/2011, p. 93) – envolvido.

Os protagonistas de *Veja*: a ONG Fundação Alameda, com 23 palavras na narrativa, como protagonista, ao lado do jornal Perfil, que fez a denúncia contra o magistrado. No papel de antagonista, com 16, o Juiz, figurando ao lado da atriz pornô, com 22 palavras, são as vozes que compõem a estória, de maneira que o indicado à Corte Suprema de Justiça por Néstor Kirchner, cogitado para vice-presidente de Cristina é proxeneta, envolvido em crimes de prostituição, escravidão e tráfico de mulheres.

No enquadramento dramático da narrativa, a triangulação de escândalo relaciona a imagem de Cristina ao processo eleitoral (liberou geral), com escândalos que sucedem, relacionando instituições que apoiam o governo. Além dos personagens, na configuração entre os protagonistas que denunciam o governo e antagonistas denunciados, os “mensageiros” das estórias estão, com frequência, nas narrativas do episódio da Argentina.

Desta vez, a denúncia partiu do *Jornal Perfil*, tornando-se protagonista e o juiz reclamando da atuação política da mídia decide publicar sua estória em um jornal “Chapa-branca”. De fato, nas narrativas sobre a Argentina, as intrigas pelas estórias políticas e seus símbolos passam também por disputas entre instituições, assim como as mídias e suas estórias.

Finalmente as eleições presidenciais

Dez semanas depois, nas narrativas de *Veja* prosseguem as disputas políticas na Argentina. Em apenas oito dias ocorrem as eleições presidenciais. A candidata favorita é Cristina Kirchner, com mais de 50% de aceitação popular, e, entenda-se, pode ganhar as eleições ainda no primeiro turno. Os personagens de estória de *Veja* em conflitos se movimentam para atingir os seus objetivos, seja na política ou mesmo na economia do país. A tensão somente aumenta, a cada dia, e cada grupo no poder define suas estratégias para contar sua estória. Cristina Kirchner se decidiu por explorar a imagem do marido, Néstor Kirchner, sensibilizar a população, que tradicionalmente cultua os mortos, como descreve *Veja*. No entanto, o cenário para o kirchnerismo é aterrador, com inflação e queda do PIB, índice que mede a produção do país, para um estado assistencialista, nacionalista e populista.

Na realidade, na estória de *Veja*, a população apoia o kirchnerismo, em cujo período de governo, efetivamente, a economia cresceu, mas graças ao bom momento vivido pelas commodities, diante dos preços globais favoráveis aos produtos da Argentina. “Néstor Kirchner teve a sorte de governar o país durante o período de recuperação econômica” (19/10/2011, ed. 2239, p. 94). Nesta coincidência entre economia e política, sistematicamente, ele “[...] abraçou uma fórmula para se perpetuar no poder: alternar mandatos com a mulher, Cristina” (19/10/2011, p. 94). No entanto, no meio do caminho, um infarto atrapalhou os planos do casal, mas a esposa segue com o projeto e tenta a reeleição, no próximo domingo. Como estratégia para este fim, “[...] o marido é o seu melhor cabo eleitoral”. Como conta a personagem de *Veja* e candidata à presidência, “Eu acho que ele não morreu. Creio que ele vai viver no povo e em suas obras” (19/10/2011, p. 94). Cristina Kirchner usa a nostalgia do povo argentino pelos mortos para manter-se na presidência. “O lema da campanha, ‘Força, Cristina’, por exemplo, remete aos incentivos que a presidente recebeu para contornar a dor da perda” (19/10/2011, p. 94).

Como garoto-propaganda da campanha, Néstor está por todo lado. Nas disputas simbólicas, como estratégia, o filho do casal, Máximo, aproveitando da fixação no imaginário da população de um personagem famoso, super-herói em quadrinho, o eternauta, adequou-o ao rosto de Kirchner no desenho, que se transformou em “Nestornauta”. Desse modo, essa é, definitivamente, “A eleição do Nestornauta” (19/10/2011, p. 94). A figura está nas camisetas do grupo de jovens La Cámpora, liderado pelo filho do casal. Realmente, “[...] o fantasma do político fez bem à candidatura da viúva. Há um ano, 13% dos argentinos pretendiam votar em Cristina para um segundo mandato. Na semana passada, ela tinha mais de 50% das intenções de voto. Se o número se confirmar, ganhará no primeiro turno” (19/10/2011, p. 95), como agente político da narrativa, se conforma nesta altura da estória. Nas imagens da composição da narrativa, uma pessoa puxando um carrinho de compras observa a propaganda de outdoor (61,8cm/col.) de Cristina, sendo que, ao lado, para quem de fato a população está observando, o personagem Nestornauta, em preto e branco, com grande destaque no meio da narrativa (53cm/col.).

Na sequência, o narrador segue na composição de sua matriz narrativa hegemônica. Além da figura do marido, Cristina usou do clientelismo do estado para atingir apoios nas urnas, “[...] uma ferramenta de eficiência comprovada no país que inventou o peronismo” (19/10/2011, p. 95). Somente como comparação, se no Brasil, uma em cada cinco pessoas recebem ajuda do governo, na Argentina, uma em cada quatro, descreve o narrador. O que é equivalente à bolsa-família, à aposentadoria, sendo que, mesmo quem nunca contribuiu recebe benefícios. Ainda se soma a distribuição de notebooks para alunos de escolas públicas. “Nunca um presidente fez tanto para nos ajudar”, conta o caminhoneiro de 35 anos, de La Matanza, Ernesto Ávila, “[...] cuja família é beneficiária em dois programas assistencialistas” (19/10/2011, p. 95). Ademais, o governo de Kirchner fundou os chamados “mercados concentradores”, que proporcionam comercializar carne e peixes a um terço do valor normal, seguindo o modelo inspirado “[...] nos mercados estatais criados pelo presidente Hugo Chávez, da Venezuela” (19/10/2011, p. 95).

No pano de fundo do narrador, o país caminha para o abismo, e “[...] essa compra institucionalizada de votos, contudo, está esvaziando os cofres públicos. Para tentar cobrir o déficit fiscal, o governo aumentou a carga tributária – hoje mais alta que a brasileira – e passou a emitir dinheiro, o que provocou a inflação” (19/10/2011, p. 95). Seguindo um

roteiro já conhecido neste episódio, o narrador constantemente usa como referências o núcleo simbólico de personagens da América Latina, com hegemonia para Hugo Chávez, da Venezuela, o qual passa a fazer parte da narrativa, como governo nacionalista; e o Brasil, na condição de protagonista, como aquele que se mantém na perspectiva da ordem política global do narrador.

Como na Argentina esse modelo não é seguido, a inflação é inevitável, como se destaca, com frequência, nas narrativas, ressaltando que o governo, para evitar o conhecimento sobre a realidade do país, usa a tática de manipular os números. Como revela o personagem da estória de *Veja*, o candidato de oposição do partido socialista, Hermes Biner, que ocupa a segunda colocação em popularidade: “A inflação é o imposto escondido que todo argentino paga. A cada ano que passa, o salário compra menos” (19/10/2011, p. 95). Deste modo, “[...] o governo tenta a todo custo escamotear o aumento real dos preços”; os índices de inflação, assim como as estatísticas sobre pobreza e desemprego são pura ficção, e o objetivo do populismo com essa falsa estória é aumentar sua popularidade e poder, conta o narrador.

Para estabelecer o quadro sobre a realidade da economia argentina, no kirchnerismo, *Veja* segue com o seu enquadramento dramático. Diante da intervenção do estado sobre a realidade da economia, para atender às necessidades de dados confiáveis dos bancos e empresários, “[...] algumas consultorias privadas passaram a divulgar índices mais realistas” (19/10/2011, p. 95). Na composição das intrigas entre os personagens, o governo reagiu com multas e processos penais. “No mês passado, um juiz Kirchnerista, como forma de intimidação, pediu os dados pessoais de jornalistas que divulgavam os números reais de inflação” (19/10/2011, p. 96). Porém, como conta o economista Juan Luiz Bour, de Buenos Aires, “Em algum momento, nos próximos dois anos, o governo terá de dar más notícias, como o fim dos subsídios” (19/10/2011, p. 97).

A rigor, no governo do kirchnerismo, a falsificação dos dados estatísticos passa por disputas com funcionários do Indec, como descrito em outra narrativa. Como exemplo, está a matemática Graciela Bevacqua (50,1cm/col.), cuja imagem está em destaque, na página seguinte (19/10/2011, p. 96-97), a qual, por se negar a maquiar os números oficiais sofreu pressão do governo de Kirchner e pediu demissão. Então, em parceria com a Universidade de Buenos Aires, começou a divulgar índices alternativos, motivo pelo qual recebeu multas impagáveis, no valor de 500 000 reais, no total. A personagem está em

frente a um jardim, com cores azul e branca da bandeira argentina, e no ângulo apresentado pelo narrador, podem-se ver, ao fundo, as famosas marcas McDonald's, LG e Sony estampadas em fachadas de lojas e propaganda em outdoors. Portanto, uma Argentina globalizada pelo mercado, mas não na política populista do kirchnerismo, que usa números de inflação para perpetuar-se no poder.

Na mídia, a disputa política coloca em lados opostos, antagonistas e protagonistas, respectivamente, aqueles que contam as histórias: os jornais chapa-branca e os independentes, os conglomerados. Como resultado dessa disputa, o governo favorece os amigos das mídias. “Nas transmissões de futebol, cujos direitos foram estatizados – portanto o esporte só pode ser visto pela TV oficial -, os comentaristas fazem elogios rasgados ao governo. Jornais chapas-brancas sustentados com dinheiro de impostos” (19/10/2011, p. 97), que são distribuídos gratuitamente, para todo o país, nas padarias, metrô, aviões, como os da empresa Aerolíneas Argentinas estatizada; e, “[...] hoje é a terceira menos eficiente do mundo” (19/10/2011, p. 97). Desse modo, seguindo a narrativa, se há os jornais do governo, os chapas-brancas, há os independentes, na oposição ao kirchnerismo, como Clarín e La Nación, como apontado em outras narrativas. As histórias na configuração de seus personagens compõem as disputas persistentes no mundo político da Argentina, cotidianamente.

As ONGs também entram nas intrigas, na composição da história de *Veja*, pois uma das mais importantes do país, que reúne as mães da Praça de Maio, defende o kirchnerismo, e, em troca, “[...] receberam 300 milhões de dólares para patrocinar um projeto de construção de casas populares” (19/10/2011, p. 97). A situação no populismo de estado é tanto, que os próprios governadores de províncias são orientados pela Casa Rosada a fazer acordos com a entidade, se o objetivo é obter verbas públicas, conta o narrador. Logo, a corrupção veio à tona, como descreve um dos envolvidos na instituição, Sergio Schorklender, “As mães usavam dinheiro público para comprar cartazes e promover atos em favor de candidatos do governo” (19/10/2011, p. 97). O próprio Schorklender, como personagem da revista, mereceu destaque em outra narrativa como *parricida*, responsável pela morte do país, com barras de ferro, para depois ser preso. Na configuração dos personagens na imagem acima se destaca, ao lado de um cachorro, sentado ao sofá, em uma luxuosa sala, tendo abaixo, sem destaque, a líder da ONG, amiga

íntima de Cristina, antagonista, Hebe de Bonafini (3cm/col.). Nas estórias de *Veja*, os vilões nem sempre têm o mesmo tratamento na diegese da narrativa, portanto.

Finalmente, como projeções para o futuro, depois de narrativas pretéritas, na busca de composição da estória e ordenação da matriz hegemônica, o narrador se posiciona como agente da própria estória. Caso se concretize a eleição de Cristina, conta *Veja*, o kirchnerismo completará 12 anos e meio, com os governos de Néstor, de quatro anos, e Cristina, oito, caso reeleita. “O general Juan Domingo Perón e Carlos Menem não passaram de dez anos no poder cada um” (19/10/2011, p. 97). Se não bastasse, uma deputada kirchnerista, Diana Conti, “[...] propôs a reeleição indefinida para presidente a exemplo do que fez Chávez na Venezuela, e chamou esse projeto de ‘Cristina eterna’”: Eternauta. O nome do personagem que inspirou o super-herói de quadrinhos kirchnerista (19/10/2011, p. 97). O significado de “viajante da eternidade”, completa a estória o narrador, com seu pano de fundo, “[...] propício como símbolo de uma família que quer se perpetuar no poder” (19/10/2011, p. 97).

De maneira didática, no entanto, gráfico nas duas páginas finais da narrativa de *Veja*, deixa evidente o percurso da economia argentina, com uma carinha que simboliza o início do governo de Néstor (do boom das commodities no mercado externo) e a tristeza, nos dias atuais do populismo/nacionalismo, e para o futuro se mantiver a mesma política.

Em essência, como agente na estória, *Veja* retoma pontos fundamentais na sua narrativa para a composição de sua matriz hegemônica, de modo a lembrar o seu interlocutor da realidade do país, considerando os caminhos trilhados pelo populismo do casal Kirchner e os riscos da reeleição para Cristina. No final, a narrativa se configura em processo contínuo e há relações com vários pontos da tessitura da trama, que se evidencia principalmente em período de tensão na política, enquanto estratégia narrativa, que ocorre a uma semana das eleições presidenciais. Notoriamente, os enquadramentos dramáticos do narrador seguem um roteiro estabelecido no fio da tessitura, ao longo do tempo, o que exige permanentemente estórias no pretérito ou referência a elas e vozes que as sustentam.

No final, nessas ocasiões, sobressai uma espécie de sumário para os acontecimentos-intrigas e metanarrativas. Assim, como ilustração, a referência às representações simbólicas ao núcleo de personagens antagonistas da América Latina, com destaque para Hugo Chávez e seu governo na Venezuela; as potenciais riquezas do mercado externo e setor financeiro insubstituível para qualquer governo, a única realidade

possível em tempos de globalização e neoliberalismo, ponto central da matriz narrativa; personagens protagonistas que são recuperados com suas narrativas, ao longo das estórias, como é o caso do *Indec* e os índices de inflação; da ONG “Mães da Praça de Maio”. Além, dos ecos das vozes consubstanciadas com os enunciados das instituições, como de mídias (com suas estórias e personagens) e acadêmicas, que estão na ordem de construção da realidade política de *Veja* para a Argentina e a América Latina. Na narrativa, na distribuição das vozes, os protagonistas mantêm a palavra com 55 palavras, enquanto os personagens antagonistas do semanário permanecem com menos espaço, com 26.

Estória das histórias

Cristina se reelegeria ainda no primeiro turno, como dito na estória de *Veja*, que não deu continuidade para o seu desfecho, preferindo o silêncio. A única certeza, no entanto, é a permanência da antagonista principal do narrador na Casa Rosada, que seis semanas depois retoma a atenção dos semanários - ou cinco das eleições presidenciais. Na organização de sentido para a diegese, a própria estória, na sua publicação, toma lugar na narrativa, de modo que, se o narrador se propõe agente, logo pode perder o controle dos personagens, que tenta compor para a construção do imaginário sobre a Argentina e a América Latina. O fato, no entanto, é que as intrigas têm sequência na configuração exatamente dos personagens, na proposta de revisão das histórias (agora com h) dos principais personagens do país do Rio da Prata. No final, as disputas são pela historicidade, portanto, que obviamente passa pelos protagonistas e antagonistas do narrador, em cuja composição pode estar o sentido da realidade e formas simbólicas de uma nação.

A rigor, Cristina Kirchner criou “[...] o Instituto Nacional de Revisionismo Histórico Argentino e Ibero-Americano, financiado com dinheiro público” (30/11/2011, ed. 2245, p.108) e por decreto presidencial. Como ressalta o governo, o objetivo é “[...] pesquisar e difundir a vida e a obra de personalidades e circunstâncias destacadas da nossa história que não tiveram o reconhecimento adequado” (30/11/2011, p.108, grifo nosso); as histórias não relataram adequadamente os protagonistas, como deveria ser, parece dizer o decreto do governo argentino. O narrador, como agente, na narrativa, entra na disputa pela historicidade com a presidente argentina, na configuração de seus personagens. “A

iniciativa é mais um passo no intento de Cristina de reescrever a história para impor ao país sua visão de mundo” (30/11/2011, p.109), portanto, difundir a ideologia de esquerda. Deste modo, fazer “[...] uma releitura do peronismo marcada pelo antiamericanismo, pelo antiliberalismo, pelo uso populista dos direitos humanos e pela retórica protomarxista” (30/11/2011, p.109). Assim, deixa claras suas propostas, que são revisionistas, como indica o nome do instituto, mudando a realidade conhecida e registrada.

Continua o narrador, a visão do kirchnerismo está para ovacionar determinados personagens populistas e de intervencionismo estatal. “Aqueles que tiverem ideias liberais deve ser diminuídas” (30/11/2011, p.109). Na disputa dos personagens, na composição de *Veja*, o kirchnerismo destaca o caudilho Juan Manuel Rosas, responsável por selvageria; massacrou índios e atacou com polícia secreta os opositores. Para Cristina, “[...] o primeiro herói argentino” (30/11/2011, p.109), o qual defendeu o federalismo, vencida a França e a Inglaterra na Guerra da Prata. O narrador, como num debate com a personagem pela sua estória, diz que “A verdade histórica é que Rosas era imperialista, expansionista, desejava anexar o Uruguai e o Paraguai aos domínios da Argentina e, nisso, sofreu severa oposição do Brasil, que derrotou militarmente as tropas de Rosas na Batalha de Monte Caseros” (30/11/2011, p.109). Na disputa pelos personagens e na perspectiva da matriz narrativa hegemônica, *Veja* destaca o seu herói, o ex-presidente Domingo Faustino Sarmiento como “[...] uma das principais personalidades. Admirado por ter estabelecido a tradição de ensino forte no país, ele criou, durante seu governo, de 1868 a 1874, mais de 800 escolas, inaugurou as redes de cabos telégrafos e expandiu ferrovias” (30/11/2011, p.109). O personagem também defendeu a urbanização para haver progresso, além do incentivo à imigração europeia. Estreitou relações com os Estados Unidos e criticou Rosas nos jornais; para os Kirchner, como escreve *Veja*, Sarmiento não passa de *besteiras*.

Novamente o narrador ataca a presidente da Argentina, na disputa. “Cristina já havia demonstrado sua obsessão de reescrever a história a seu modo tosco” (30/11/2011, p.109), na oposição aos personagens próximos ao modelo político dos Estados Unidos e Europa. No seu governo, Kirchner já vem mostrando sua investida para a doutrinação ideológica no país, como a imposição à Universidade Nacional de José C. Paz, em Buenos Aires para criação de curso, cujas disciplinas têm como eixos temáticos, o próprio triunfo de Cristina, descreve o narrador; passando também pela aparição da soja, como instrumento da reação política da Sociedade Rural; dois modelos de lutas de classes; morte

de Néstor Kirchner e o surgimento da consciência política da juventude argentina; e, finalmente, o kirchnerismo como evolução do peronismo.

Nessa perspectiva, conta o narrador, na sequência de sua configuração da narrativa e enquadramento dramático, na proposta “[...] as oligarquias são demonizadas e Cristina aparece como salvadora da pátria. Para os peronistas, antes de Perón não havia Argentina. Dá para imaginar aonde Cristina quer chegar ao dizer que o kirchnerismo é a evolução do peronismo” (30/11/2011, p.109). Para o personagem da estória de *Veja*, o historiador Marco Antonio Villa, da Universidade Federal de São Carlos, “[...] não cabe aos governos dizer ao povo qual é a verdadeira história. Isso é um instrumento ideológico para justificar medidas autoritárias” (30/11/2011, p.109). As disputas, por fim, talvez seja possível afirmar, são ideológicas e simbólicas.

O interlocutor da estória de *Veja* logo se depara com os enfrentamentos históricos, nos quais o personagem antagonista, Cristina Kirchner com seus personagens, quer se impor ao narrador, na defesa da memória da Argentina. Assim, Juan Domingo Perón foi presidente do país por três vezes (1946 e 1947). Evita Perón sua esposa, morreu em 1952. Para o revisionismo de Cristina, Perón foi anti-imperialista, contra os Estados Unidos e antieuropano. Se Juan Manuel Rosas é o caudilho que foi governador de Buenos Aires, no século XIX, ditador, promovendo massacre de índios, para a Kirchner é um herói nacionalista. Os montoneros foi um grupo de esquerda peronista com atuação entre 1970 e 1979, para o revisionismo reduziu seu caráter violento e Néstor se orgulhava de ter ligação com o grupo, na juventude. As Malvinas, de fato, são ilhas de domínio dos ingleses, porém invadidas pela Argentina, em 1982; já para Kirchner, pertenceu à Argentina e ataca a invasão pelo país europeu. Finalmente, Néstor Kirchner governou o país entre 2003 e 2007, falecendo no ano passado; para Cristina Kirchner, um político visionário que construiu uma etapa superior ao peronismo na Argentina.

Na composição dramática de *Veja*, o casal Perón, em imagem, com destaque em duas colunas (48cm/col.), na abertura da narrativa, sendo que Cristina aparece entre eles, na parte inferior se misturando na imagem, como a herdeira da política anti-imperialista contra os Estados Unidos e antieuropano. Na sequência, sem destaque, contíguas às disputas pelas estórias, as imagens de Rosas, Guerra das Malvinas e Néstor Kirchner. No final, permanece a pergunta do narrador feita no título, no alto das páginas da narrativa, com

destaque, como questionamento para sua personagem: “Que história é essa?” (30/11/2011, p.109); muito longe da realidade, poderia acrescentar o narrador.

A rigor, com a voz de apenas um personagem, do historiador brasileiro Marco Antonio Villa, com 21 palavras dos protagonistas, *Veja* toma posição de agente, na narrativa, de maneira recorrente como estratégia discursiva, e, desse modo, põe em lados opostos ideologias em disputas, ressaltando aquelas que dão suporte a sua matriz narrativa, sobre personagens da América Latina, na construção de sua realidade política – seguindo um roteiro. Assim, dá sentido às disputas pela história, na sua estória e a composição dos personagens, com a presidente da Argentina, com sua proposta de revisionismo dos seus heróis para configurar nas estórias políticas latino-americanas.

Embora Cristina obtenha apenas quatro palavras de voz, deve-se considerar o texto do decreto e o conteúdo das aulas da Universidade Nacional de José de C. Paz, de Buenos Aires, somando 71 palavras. Contudo, as disputas no campo político mantêm diferenças de visão de mundo que estruturam a narrativa de *Veja* para o cenário político, e, como consequência, o econômico, com base no modelo neoliberal dos Estados Unidos e Europa, levando em conta, com ênfase, os personagens desenvolvimentistas, com destaque nas narrativas jornalísticas. No lado contrário, o ataque aos governos de esquerda e anti-imperialistas, como Juan Domingos Perón, além de outros, ao longo da diegese sobre a Argentina, em conformidade metanarrativa estabelecida no fio da estória do semanário.

Política e cultura regional vs poder global

Se a morte de Néstor fez bem à presidente, agora, Cristina, após dez semanas das eleições, é diagnosticada com câncer, o que pode ainda mais aumentar seu poder no país e apoio popular, para desespero da oposição ao kirchnerismo. “Segundo a Casa Rosada, a doença foi descoberta três dias antes do Natal, durante exame de rotina” (14/1/2012, ed. 2250, p. 52). Em conversa com o seu amigo, Hugo Chávez, brincou com uma proposta do venezuelano feita dois meses antes de reunirem-se os presidentes com câncer, em 2012, em uma cúpula dos governantes com a doença, que incluiria ele próprio, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff e Fernando Lugo. “Vou lutar para ser presidente honorária do encontro”, brinca a personagem, como evidência de que “[...] pretende usar politicamente sua enfermidade, assim como explorou a comoção popular com a morte do marido”

(14/1/2012, p.52). O narrador, na configuração dos personagens, na trama, observa o uso do câncer para atacar a oposição, pois, “Chávez, desta vez falando sério, atribuiu o fato de haver tantos colegas com câncer não a uma coincidência, mas a uma sabotagem dos Estados Unidos” (14/1/2012, p.52). A doença com sentido político.

Como conta o narrador, na América Latina populista, as superstições das teorias conspiratórias contra os grandes centros econômicos globais estão ao lado dos políticos. “As enfermidades de políticos nos quais a população deposita excessivas esperanças – os populistas, portanto – são historicamente associadas a significados nebulosos e superstições. Na Argentina, principalmente” (14/1/2012, p.52), escreve o narrador. No quadro dramático, *Veja*, em narrativa pretérita, conta que o câncer de útero de Eva Perón, em 1952, foi interpretado como uma maldição sobre o país. “Assim, como o peronismo deve muito à *histeria* desencadeada há sessenta anos pela doença de Evita, o governo de Cristina Kirchner dificilmente resistirá à *infeliz* tentativa de faturar com a solidariedade surgida com a revelação do câncer da presidente” (14/1/2012, p.52, grifo nosso). Para o personagem da estória de *Veja*, o sociólogo Martín D’Alessandro, da universidade de Buenos Aires, “[...] quando Cristina Kirchner ficou viúva, em apenas dois dias sua aprovação popular aumentou expressivamente, e a partir daquele momento em todas as suas aparições públicas ela fez referências ao marido” (14/1/2012, p.52). O lema “Força Cristina” novamente voltou a ser usado como apoio de populares no país, descreve o narrador (14/1/2012, p.52).

Quanto à oposição e protagonistas da estória do semanário, precisam buscar caminhos para impedir o aumento de poder de Cristina, o que permitirá o cristinismo continuar a “[...] pressionar pela aprovação de leis que fortaleçam a sua autoridade, como fez em dezembro com a regulação da produção de papel-jornal, uma forma de expulsar o crítico grupo Clarín do comando da maior fabricante de papel para diários do país” (14/1/2012, p.52). Na trama, os adversários da política populista devem encontrar estratégias, afinal, como conta o cientista político argentino, Nicolás Cherny: “[...] na Argentina dificilmente um sindicalista ou político entraria em conflito com uma presidente doente” (14/1/2012, p.52). Então, a oposição não deve dar chance à presidente antagonista de ganhar status de vítima e aumentar sua força política nacionalista, contra os protagonistas neoliberais da estória de *Veja*.

Uma coisa favorece a mídia de oposição e elite argentina, o câncer da presidente é um tipo comum e menos agressivo, causando disfunção na tireoide, “[...] glândula localizada na base da garganta, perto da traqueia, responsável pela produção de hormônios que têm entre suas principais funções regular o metabolismo” (14/1/2012, p.52). “Para esse tipo de câncer, em 90% dos casos a sobrevivida ultrapassa os dez anos”, informa o oncologista clínico Ulisses Ribaldo Nicolau, do Hospital A. C. Camargo, em São Paulo.

Após os exames e constatação da doença através de análises minuciosas, agora será necessário uma cirurgia, que é simples, mas delicada, conta o narrador. “Trata-se de uma região muito vascularizada, que exige grande atenção mesmo de um médico experiente”, fala o endocrinologista Geraldo Medeiros, da Universidade de São Paulo. Há riscos, mas não de morte para a presidente, nem mesmo quimioterapia será necessária, embora, depois, deva repor hormônios artificialmente. Portanto, trata-se de uma doença sem grandes proporções, *que mereça comoções sociais, porém triviais*. No seu pano de fundo, *Veja* escreve que “[...] o verdadeiro azar (*mala suerte*, para os argentinos) é Cristina insistir em usar a doença para fins políticos” (14/1/2012, p.52, grifo do autor).

No final, como o narrador destaca na abertura da narrativa, em título “La mala suerte” (na mesma língua dos argentinos, para má sorte), não se trata da doença de Cristina, mas a própria presidente populista no poder – aliás, a doença ironicamente é um problema político para os protagonistas de *Veja*. Kirchner está com o rosto em close, em página inteira, com ar de sofrimento, e sua proposta é sensibilizar a população argentina, com objetivos políticos. A cada passo da narrativa, a antagonista se mostra mais astuta no jogo contra os protagonistas de *Veja*. Na coluna do meio da página (17,5 cm/col.), o narrador descreve os detalhes da doença da antagonista, a região afetada e como serão os procedimentos médicos; esclarecedores!

Sistematicamente permanece na narrativa do semanário brasileiro o núcleo de políticos de esquerda populista, com suas orquestrações contra os países centrais e a elite que os representa localmente – nem as doenças escapam -, neste caso os Estados Unidos, como protagonistas, cuja disputa revela-se importante, para resultados que podem gerar transformações na política e na economia de expectativa hegemônica. Mantém-se, assim, na condução da política interna, em permanentes referências aos protagonismos nos enquadramentos (com seus ecos narrativos), na perspectiva de sua matriz narrativa. Nesta estratégia de estabelecer hierarquia de poder entre antagonistas e protagonistas, o narrador

deu mais espaço para estes, com 44 palavras e para aqueles, 27, seguindo o roteiro, sendo que a voz neutra ganhou importância na história, com 30 palavras, de médicos com diagnóstico sobre a doença de Cristina.

No final, o câncer vai se tornando comum na América Latina e uma organização discursiva para poder simbólico contra a cultura global, para a infelicidade dos protagonistas das histórias de *Veja*.

Nacionalismo e neoliberalismo em guerra

Se o populismo está nas veias no kirchnerismo, o *nacionalismo* sempre fez parte da política da Argentina, país que convive com seus símbolos e cultura singular. Como signo da realidade do país latino-americano, está no imaginário da nação e, por isso, impera nos governos a anexação das ilhas das Malvinas, ao sul do Rio da Prata. A presidente Cristina Kirchner também insiste permanentemente em reclamar ao mundo a nacionalidade das ilhas que ficam ao sul da Argentina, porém politicamente território inglês. Para a antagonista da narrativa de *Veja* há risco para a segurança internacional, a militarização da América do Sul pelas potências mundiais. “Isso deixou de ser uma causa dos argentinos, é uma causa global”, conta a presidente do país. Na composição de seus personagens e quadro dramático da narrativa, na condição de agente da história, *Veja* se posiciona peremptoriamente na narrativa. O “[...] intrigante é que em nenhum momento a presidente menciona os kelpers, habitantes do arquipélago há 180 anos” (4/4/2012, ed. 2263, p.103).

Apenas o que importa ao *cristinismo* é o valor emocional, conta o narrador. Caso semelhante ocorreu em 2 de abril de 1982, com a invasão das ilhas pela ditadura argentina, diante da qual, “[...] de repente, uma população de 1 800 pessoas se viu obrigada a trocar a *democracia* secular inglesa pela ditadura de um país com o qual não tinha a menor afinidade” (4/4/2012, p.103, grifo nosso). Exatamente em razão dos Kelpers a primeira-ministra inglesa Margaret Thatcher despachou suas forças militares *poderosas* para a defesa do seu território. “Apenas dez semanas depois da invasão, o arquipélago já tinha sido reconquistado e o orgulho portenho, sepultado” (4/4/2012, ed. 2263, p.103), conta o narrador, estabelecendo sua ordenação dos personagens na trama, sendo a Argentina antagonista, com seu orgulho nacionalista, e o poderio militar da Inglaterra, protagonista, envolvendo um país da América Latina e a potência Europeia. Com a derrota e o

patriotismo ferido, os latino-americanos nem sequer se dispuseram a recolher seus mortos. A derrota da ditadura argentina representa, portanto, “[...] a segunda vitória seguida da democracia [...]” (4/4/2012, ed. 2263, p.103), a manutenção do poder inglês na ilha, com os Kelpers sob o poder Inglês e a queda da ditadura nacionalista argentina, após o fracasso na guerra das Malvinas, conta *Veja*.

Na composição dramática da realidade beligerante das Malvinas, *Veja*, com voz de personagem (sujeito) indeterminada da narrativa passa a relatar os fatos históricos, no confronto com “o patriotismo cego” (4/4/2012, p.103) dos argentinos, de maneira que o próprio narrador assume a responsabilidade sobre a realidade contada, na sua estória, o que a torna mais próxima da ficção dos bons livros de literatura. Desse modo, “*Conta-se a história*. Antes da colonização das Américas, as Malvinas eram desabitadas. Pessoas de diferentes nacionalidades se estabeleceram provisoriamente nas ilhas até que os *ingleses delas tomassem conta*, em 1833 [...]” (4/4/2012, ed. 2263, p.103, grifo nosso), ou seja, um território sem governo, o que ocorre com a chegada dos ingleses, cujos moradores ilhéus vivem à deriva. “*Estima-se* que havia entre 100 e 150 pessoas *vivendo lá* na ocasião. Famílias holandesas, uma alemã e uma série de espanhóis e portugueses [...]” (4/4/2012, p.103, grifo nosso), conta *Veja*. Na verdade, eram “[...] 25 gaúchos de Buenos Aires, cinco índios e uns quinze negros escravos [...]”, descreve *um funcionário* inglês, sem identificação do personagem com voz.⁶⁶

A Argentina, por sua vez, escreve o narrador, dando sequência à estória, “[...] que se tornara independente anos antes, só havia demonstrado algum interesse pelas ilhas em 1829, ao enviar um barco de guerra. Estavam todos dentro da embarcação quando os *ingleses chegaram, quatro anos mais tarde*” (4/4/2012, p.103, grifo nosso), dando a entender que os militares do país da América Latina não tomaram posse das ilhas, somente permaneceram em alto-mar. Dessa forma, “[...] não houve uma invasão militar que culminou com a expulsão dos argentinos – algo exaustivamente repetido nas salas de aula da Argentina” (4/4/2012, p.103), revela *Veja*. Assim, como em outras narrativas, a historicidade (com h) passa a ser um espaço de confronto do narrador, considerando os acontecimentos, símbolos, cultura e personagens históricos da nação da América Latina. No fio da sua estória, o personagem, historiador argentino, do Conselho Nacional de

⁶⁶ Agindo assim na sua narrativa, sem identificar o personagem, o narrador pode estar apenas, criando uma figura da estória, com o objetivo de obter efeitos desejados na ordem de sentido, na relação com seu interlocutor.

Pesquisas Científicas e Técnicas, em Buenos Aires, Luis Alberto Romero, conta que “[...] com essa invenção começou o *mito nacionalista*. Nunca existiu uma população submetida ou subjugada nas ilhas. Muitos argentinos continuaram por lá, trabalhando” (4/4/2012, p.103, grifo nosso).

Retomando narrativas pretéritas, o narrador configura a realidade vivida pelo país argentino nesse confronto, ao longo do tempo. No intuito de preservar o nacionalismo, os argentinos decidiram invadir as ilhas, em 1982. Embora não fosse necessária uma grande força militar, o governo ordenou todo seu arsenal para as batalhas que viriam, tanto por terra como por ar. “Foram embarcados 904 homens, contra apenas 81 fuzileiros navais e marinheiros ingleses estacionados no arquipélago” (4/4/2012, p.104).

No enquadramento dramático de *Veja*, a vitória foi fácil e arrebatadora, devido às diferenças de forças. A Argentina nacionalista viveu dias de festas, “[...] onde passeatas de protesto eram proibidas, os generais foram festejados nas ruas tanto por revolucionários de esquerda quanto por torturadores de farda” (4/4/2012, p.104). O presidente Leopoldo Galtieri, empossado nos fins de 1981, passou a obter altos índices de aprovação, até inéditos no país. Mas logo viria a consequência dos adversários do nacionalismo. Imediatamente, o presidente socialista francês, “François Mitterrand e o americano Ronald Reagan foram os primeiros a apoiar uma irreduzível Thatcher. Um dia depois da invasão, uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas ordenou a retirada imediata das tropas argentinas” (4/4/2012, p.104). Na estória de guerra, as forças estavam estabelecidas de cada lado, na configuração dos personagens, sendo que a Argentina, antagonista, nas ilhas conquistadas, e, do outro, os protagonistas, França, Estados Unidos, Alemanha e Nações Unidas, mobilizadas contra o invasor da América do Sul. “Em menos de 24 horas, uma frota britânica já se preparava para zarpar. O delírio nacionalista dos argentinos teria consequências reais” (4/4/2012, p.104), conta *Veja*.

Para os argentinos não havia alternativa, continua o narrador, na sequência, já se aproximando o momento da batalha, a não ser que se preparassem para a guerra. Nas fileiras do país da América do Sul, quatro semanas depois, estava tudo pronto para as batalhas, porém os militares argentinos eram apenas soldados conscritos e sem treinamento, chamados de *Chicos*, logo, combatentes sem experiência, “[...] despreparados, com fuzis antiquados, sem roupa apropriada para o frio intenso, mal alimentados e maltratados pelos superiores” (4/4/2012, p.104). Já os europeus, indubitavelmente

ordenados como protagonistas da guerra, vinham para o confronto “[...] com cinco submarinos nucleares, mais velozes e com capacidade para ficar por meses submersos, e uma frota numerosa, os ingleses garantiram a supremacia nas águas” (4/4/2012, p.104).

O historiador carioca, Roberto Lopes, conta que “[...] os dois submarinos argentinos não tinham condições de operar e os torpedos não funcionavam” (4/4/2012, p.104). Lopes lançara o livro: “O Código das Profundezas”, sobre os confrontos subaquáticos na guerra, conta o narrador, que o legitima com poder simbólico (4/4/2012, p.104). Como previsto, os combates foram iniciados no dia 1º de maio, porém, já no dia seguinte, diante da eficiência dos europeus, um submarino inglês afundou um cruzador argentino, matando 323 tripulantes. Os argentinos recolheram todos os barcos, rapidamente. “No embate ar-ar, os ingleses também se saíram melhor. Embora os argentinos contassem com alguns caças supersônicos, como o francês Mirage e o israelense Dagger, Sea Harrier ganharam todos os duelos nas nuvens” (4/4/2012, p.106). Como tática, os argentinos passaram a mirar os navios ingleses, com mísseis teleguiados pelo calor, enquanto os ingleses acertavam por qualquer ângulo. Usando da estratégia, então, os argentinos conseguiram abater dois navios ingleses, conta o narrador, demonstrando, porém, a grande diferença entre argentinos e ingleses no território da guerra.

Depois de 21 dias de batalhas intensas, no mar e ar, a luta passou a ser em terra. Na primeira delas “[...] no povoado de Goose Green, mais ao sul, os conscritos (Chicos) argentinos se entregaram como crianças assustadas. Os ingleses bem trinados moveram-se bastante pelo terreno. Com o apoio de helicópteros e dos navios no lado oposto da ilha [...]” (4/4/2012, p.106), já se aproximando da capital. Sem saída e derrotados, não restou aos argentinos alternativa a não ser a rendição, no final. Continuando no enquadramento dramático, *Veja* conta que “[...] no caminho de casa os soldados depararam com outra guerra. Enquanto no Atlântico Norte a recepção era majestosa, com os fuzileiros ingleses sendo recebidos com festa na Inglaterra e Thatcher sendo ovacionada, no Atlântico Sul o descaso foi enorme” (4/4/2012, p.106). Os soldados traziam a derrota do nacionalismo, sendo culpados pelo fracasso, de modo que sequer conseguiram empregos, posteriormente. “A quase totalidade dos argentinos, aliás, jamais questionou os militares por levar o país a uma *guerra desnecessária* e sim por tê-la perdido” (4/4/2012, p.106, grifo nosso). Na configuração da estória, o narrador ironiza os argentinos. Apesar da derrota no campo de batalha, “As Malvinas seguem firmes no imaginário. Os mapas publicados na Argentina

devem indicar as ilhas e uma fatia generosa e surreal da Antártica como territórios nacionais [...]” (4/4/2012, p.106), diante de um nacionalismo exagerado e ficcional do país da América do Sul.

Depois, ainda nos anos 80, os ingleses montaram nas ilhas uma base militar, “[...] guarnecida de caças typhoon de última geração. As forças armadas argentinas, por outro lado, estão estagnadas. Em trinta anos, apenas um navio foi comprado. Os caças são os Mirage de 1982 que não caíram no mar. Isso vale uma boa notícia.” (4/4/2012, p.106), ironiza o narrador. Contudo, o nacionalismo continua intacto na Argentina, mas sem reação a uma nova guerra. “De Londres, o primeiro-ministro David Cameron não tem com que se preocupar. É só diplomacia de megafone” (4/4/2012, p.106), a reclamação da presidente do país da América do Sul, Cristina Kirchner, sem domínio e poder contra a potência europeia.

Na fala do narrador, no título, devido às diferenças militares, a guerra das Malvinas sempre será “Uma causa vencida” (4/4/2012, p.103) pelos britânicos, uma potência mundial. Na configuração do enquadramento dramático imagético, o interlocutor de *Veja* pode ver os Chicos, soldados mal preparados argentinos, sendo vigiados pela força inglesa, depois de se entregar, como crianças assustadas, para o inimigo mais bem preparado. O narrador, de maneira didática, apresenta gráficos e mapas da estória, com suas datas e vitórias inglesas, nas relações de forças e poderio militar. Finalmente, restam os antagonistas e protagonistas: o ditador argentino Galtieri tem à sua esquerda a primeira-ministra britânica Margaret Thatcher (8cm/col. para cada personagem), personagens envolvido diretamente nas disputas, no passado. Na sequência abaixo, das narrativas do presente, a presidente Cristina Kirchner, com mãos espalmadas mostrando-se em dúvida - o que fazer? (16cm/col.); à direita, o atual primeiro-ministro inglês David Cameron (16cm/col.), em discurso, com ar de segurança de si, aquele que tem a maior força bélica contra a colega da América Latina.

Do começo ao fim da estória de *Veja*, pontualmente, as diferenças entre o país Europeu e o da América Latina se revelam, o que eleva os ingleses à condição de grande potência mundial, ao lado da França e dos Estados Unidos, além da ONU, deixando implícito o antagonismo dos modelos políticos e econômicos das forças na guerra, cuja realidade financeira resulta em mais força, competência e poder, nas disputas mundial e regional. O nacionalismo argentino não se configura persistente apenas em relação ao do

governo atual da Casa Rosada, mas erroneamente está na consciência das lideranças argentinas, desde os tempos da ditadura.

Dessa forma, *Veja* segue na manutenção de sua matriz hegemônica narrativa, ao classificar as grandes nações econômicas, e, ao mesmo tempo, ironicamente, desfazer-se dos mitos e símbolos da nacionalidade de países, como a Argentina e os da região, que, de modo estratégico, mantêm no imaginário de seu interlocutor a desproporção das forças, o que coaduna com a realidade conhecida e reproduzida em suas histórias. Por vezes, seus personagens se revelam fragilizados na própria narrativa, com voz indeterminada para fatos decisivos nos acontecimentos: *conta-se, estima-se*, configurando-se nos símbolos do poder de uma narrativa que, por si só, é legitimada pela realidade vivida nas diferenças sociais e culturais, entre os diversos países em confronto. E deste modo, agentes que se materializam nas intrigas, na trama que passam a reais e imaginárias, pelo exagero e ironias persistentes – portanto, circunstancialmente e estrategicamente de ficção. Tudo no contexto, de uma história com roteiro cinematográfico: a discórdia, a vitória momentânea do vilão, que, injustamente, toma seu território, para, depois, chegar ao clímax da justiça e equilíbrio das forças, depois, superioridade e ordem. Segue para, finalmente, a alegria e festas do herói, que, rapidamente, promove efeito catarse no interlocutor, do começo ao fim da trama.

Por fim, o neoliberalismo de Margareth Thatcher, europeia e global, sistemática e insistentemente na narrativa, se revela superior na guerra contra a política nacionalista, regionalista, de esquerda, fundada em tradições culturais, neste contexto, da Argentina. Desse modo, a ideologia se materializa na história, na configuração entre protagonistas e antagonistas, no reforço dos símbolos de poder, com uso persistente das instituições organizadas para a visão de mundo estabelecida, com hegemonia para o campo acadêmico – por vezes de modelo positivista.

Na história, publicada, *Veja*, 13 semanas depois da última narrativa, porém, cada vez mais frequente no ano de 2012, mantêm sua estratégia de dar voz aos protagonistas, com ampla diferença, que, neste contexto, mereceram 60 palavras e os antagonistas na configuração da narrativa, apenas 12.

Disputas das elites

A política na Argentina, na estória de *Veja*, está sempre mudando de cenários e estratégias narrativas na configuração das intrigas. No início da trama, o casal Kirchner enfrentou a elite rural exportadora, para manter os preços regulados internamente e combater a inflação, em tempos de crises globais e demanda por commodities no mercado externo. No final, não conseguiu manter aumentos de impostos, com votação apertada, por um voto, o de minerva, do vice-presidente Julio Cobos, e os produtores venceram a batalha política e econômica. No ano de 2012, o problema do governo argentino é outro: sistematicamente a importação. Cristina Kirchner está decidida a manter a política de importar somente na quantidade de produtos exportados e controlar a entrada dos importados, no país latino-americano, porém, sofre pressão.

Sem importação, “[...] hoje faltam tecidos, produtos médicos e farmacêuticos, ferros de passar roupa, liquidificadores, brinquedos, telefones celulares, autopeças e até alimentos nas prateleiras de lojas e supermercados” (11/4/2012, ed. 2264, p. 74), conta o narrador. A falta de produtos se alastra e só não é pior porque produtos importados finais respondem por apenas 20% do consumo dos argentinos, além do estoque feito pelos empresários, preventivamente. O governo diz que defende a indústria nacional e o emprego, contando com apoio de parte dos empresários argentinos para a intervenção do estado na economia. O diretor da consultoria Desarrollo de Negocios Internacionais, Marcelo Elizondo, declara que “A comunidade empresarial está dividida. A economia argentina é baseada em pequenas e médias empresas que não são tão competitivas e que, por essa razão apoiam o protecionismo” (11/4/2012, p. 74).

Na configuração da intriga de *Veja*, os antagonistas aparecem como pequenos empresários e o governo nacionalista. Como protagonista da estória, os empresários do mercado externo, exigem abertura da política argentina para importações e fim das barreiras internacionais. Nicolás Bridger, da consultoria Prefinex, como personagem de *Veja*, na ordenação do enquadramento dramático, observa que “Muitas indústrias vão enfrentar problemas no processo produtivo ao procurar fornecedores locais, em geral menos competitivos em preço e qualidade”.

Com a política em disputa na Argentina com mercados externos, “[...] a União Europeia, os Estados Unidos e outros países que, juntos, compram um terço de tudo o que

a Argentina, exporta já reclamaram na Organização Mundial do Comércio (OMC). É o primeiro passo para que o país seja *punido*” (11/4/2012, p. 74, grifo nosso). Na verdade, o protecionismo do governo nacionalista dos Kirchner começou em 2008, continua o narrador, exigindo dos importadores licenças prévias. Só que a quantidade de itens barrados pela Casa Rosada aumentou drasticamente para mais de 600, entre setembro e hoje.

A OMC tem regras, como o prazo para conceder liberações que não podem passar de 60 dias. Na Argentina, a espera dos grandes empresários chega até a 100. Conta *Veja*: “Os importadores precisam ainda de uma autorização da Secretaria de Comércio Interior, que vem pressionando as empresas a exportar um valor equivalente ao comprado de fora. É mais entre tantas autorizações requeridas” (11/4/2012, p. 74), de um estado nacionalista. O personagem diretor da Consultoria Desarrollo de Negócios internacionais, Elizondo, acrescenta que “[...] a política protecionista é guiada pelo imediatismo” (11/4/2012, p. 74). No final, quem paga a conta são os argentinos, com falta de produtos e inflação, como se vê nas prateleiras de supermercado, no alto da página, com destaque (31,1cm/col.). Na Argentina do governo populista, “Só não faltam tango e milonga”, escreve *Veja* no Título da narrativa. Ou seja, somente não faltam o tradicional nacionalismo e astúcias - enganações políticas.

Em essência, permanece o narrador no fio da narrativa, na defesa dos grandes empresários e mercado internacional, nas disputas com o governo e grupos da elite nacional. O narrador evidencia, ao longo da sua estória, que o liberalismo na Argentina é a saída para o desenvolvimento, a democracia e o aumento de produção, com vida melhor para a população, com prateleiras cheias nos supermercados, diferentemente da realidade vivida pelos argentinos.

Assim, na composição dos personagens, as vozes relacionam-se com diretores de empresas de Consultorias, além da referência constante às representações das instituições guardiãs do neoliberalismo, como a OMC e a Europa, bem com os Estados Unidos, aliados para a narrativa do modelo econômico internacional. Desse modo, os protagonistas de *Veja* obtiveram espaço de voz para 55 palavras, enquanto os antagonistas, com Cristina Kirchner, que defende o protecionismo, 11. Ano em que as intrigas tendem a avolumar-se em torno da política econômica internacional no país.

Na sequência das narrativas de *Veja*, apenas duas semanas depois, em momentos de tensão dos agentes sociais, a Argentina fecha, cada vez mais, suas fronteiras para os mercados e setores internacionais, estabelecendo-se, assim, importante *ponto de virada* da narrativa. Como descreve *Veja*, um exemplo de nacionalismo que se define como “O elixir do populismo” (25/4/2012, ed.2266, p. 92-93). Os personagens se movimentam na trama, a presidente Cristina segue como a principal antagonista, agora, ao lado de um novo personagem, o jovem peronista e vice-ministro da Economia, Axel Kicillof, membro do grupo kirchnerista La Cámpora, liderado pelo filho da presidente Máximo Kirchner. Os nacionalistas de esquerda se organizaram para levar realmente a Argentina para a venezuelização, seguindo o modelo de Hugo Chávez. Neste ponto do episódio, a narrativa tem como pano de fundo a refutável estatização da petrolífera YPF, da espanhola Repsol, para o aumento do poder do Estado.

Afinal, como conta o narrador, o petróleo é capaz de inebriar e “[...] suscitar os instintos mais demagógicos, retrógrados e nacionalistas de um povo e de seus governantes” (25/4/2012, p. 92). Na composição dramática da narrativa, Cristina Kirchner com olhar fixo em um recipiente de petróleo, em forma de bastão, com a boca semiaberta, tendo abaixo um microfone apontado para cima, sugerindo uma configuração ambígua. Completando o sentido da narrativa, implicitamente, do outro lado, o seu vice-ministro, Kicillof, com camisa desabotoada, a olhar na direção da viúva, com movimentos rápidos. Como escreve *Veja*, esta é “*a turma do barulho*” (25/4/2012, p. 93, grifo nosso). Ao fundo, a imagem, sem contrastes, de Eva Perón, entre os dois personagens principais da trama, símbolo do nacionalismo e do populismo, defendido pelo povo argentino, o qual leva o kirchnerismo para o poder. Mas, de fato, a estória é outra, apesar de sugestão de uma narrativa paralela e irônica, cujos sentidos ficam notórios ao longo do episódio.

O petróleo não somente é uma dádiva populista dos argentinos, aliás, o modelo está na Venezuela, de Hugo Chávez, em quem Kirchner busca inspiração. Numa retomada no tempo, para configuração da narrativa, conta *Veja* que “[...] no início de 2003, o presidente venezuelano pôs a petrolífera a serviço do seu projeto de perpetuar no poder, desviando os lucros da empresa para comprar apoio popular com projeto assistencialista e com a multiplicação de empregos públicos” (25/4/2012, p. 92). Como era de se esperar do modelo, foi um desastre, “[...] e a *economia do país foi posta de joelhos*, pois poucos investidores, estrangeiros ou venezuelanos, se arriscam a colocar dinheiro onde os

contratos não são respeitados” (25/4/2012, p. 92, grifo nosso). Portanto, a advertência era para o governo e para o povo argentino; no final, o setor financeiro internacional pune os seus inimigos, que sucumbem (ficam de joelhos, como tem repetido o narrador), parece ser a moral deixada na estória.

Neste sentido, “[...] na semana passada, a presidente argentina Cristina Kirchner provou-se uma grande aprendiz do petropopulismo chavista ao anunciar, em cadeia nacional e com grande fanfarra, um projeto de lei para expropriar 51% das ações da empresa petrolífera YPF, que estão nas mãos da espanhola Repsol” (25/4/2012, p. 93). Na hora do pronunciamento da presidente, funcionários do governo invadiram a empresa e deram quinze minutos para os empregados saírem (25/4/2012, p. 93), revela *Veja* no enquadramento dramático. Mas o governo não está só na disputa política sobre o petróleo, “[...] a reestatização é apoiada por quase a metade dos cidadãos argentinos, pelo mais tradicional partido de oposição, a União Cívica Radical, e até pelo presidente Carlos Menem, que foi quem privatizou a YPF, em 1999” (25/4/2012, p. 93). Não resta dúvida de que o impacto econômico será horrível, conta o narrador, na ordem da sua matriz hegemônica – com seus personagens, um agente dissonante da política de “quase da metade” da Argentina. “Com investidores estrangeiros fugindo da Argentina e as contas do governo no vermelho, a YPF, responsável por um terço do setor petrolífero do país, não terá capital para manter ou aumentar a produção” (25/4/2012, p. 93). O medo vai afugentar os investidores internacionais e *todos* os argentinos deverão pagar a conta, neste “[...] autêntico processo de ‘venezuelização’ do país vizinho” (25/4/2012, p. 93). O personagem na estória, o economista-chefe da consultoria Fiel, em Buenos Aires, diz que “[...] não há nenhuma razão para acreditar que essa expropriação tenha algum fundamento econômico. Sem investimentos, o crescimento da economia nos próximos anos pode cair pela metade” (25/4/2012, p. 93).

Seguindo o modelo nacionalista do chavismo, Cristina Kirchner alega que a queda de produção de petróleo levou à estatização. Como uma estratégia, que se tornou comum, usada pelo narrador, reproduz-se a voz dos protagonistas, de maneira implícita, tornando-se ele mesmo enfaticamente um agente da estória.

De fato, as principais reservas do país foram exploradas por muitos anos e estão se esgotando. São as “bacias maduras”. Para manter ou elevar a produção, seria necessário perfurar novos poços e explorar reservas que demandam o uso de mais tecnologia e investimento, como as de gás de xisto. A YPF não se arriscava a pagar essa conta porque não tinha a

garantia de conseguir rever o investimento. Isso porque, na Argentina, petróleo e gás têm os preços tabelados, o que anula ou reduz as possibilidades de lucro. Além disso, todo o dinheiro gasto pode ser abruptamente confiscado pelo governo, como aconteceu na semana passada (25/4/2012, ed. 2266, p. 93).

O economista Alejandro Ovando, da IES Consultores, em Buenos Aires, também fala de sua preocupação com a estória, pois “[...] a principal pergunta que ainda não foi respondida é de onde sairá o dinheiro para aumentar a produção no futuro” (25/4/2012, p. 94). O estado não terá sucesso, com seu modelo populista de fazer política. Os investidores precisam de segurança jurídica, conta *Veja*, e sinaliza no processo catártico, “[...] como quem comprou uma casa e deve ser indenizado se ela for expropriada para uma obra pública” (25/4/2012, p. 94). No papel de antagonista do narrador, o vice-ministro da economia é enfático: “[...] segurança jurídica e ambiente de negócio são palavras horríveis” (25/4/2012, p. 94). Kicillof, de camisa semiaberta e com murros na mesa, “[...] ele chamou de ‘palhaços’, ‘papagaios’ e ‘imbecis’ os que discordam de suas ideias” (25/4/2012, p. 94). O momento é de tensão na estória, com dois lados em conflito, governo nacionalista e setores internacionais liberais, pelo poder do estado,.

A truculência demonstra que a Argentina não é confiável. O país fechou a importação, inclusive afetando o mercado suíno brasileiro, escreve *Veja*, objetivando convencer o seu interlocutor brasileiro, colocando o país na trama. "Na Organização Mundial do Comércio (OMC), uma coalizão sem precedentes, de quarenta países, incluindo os Estados Unidos, o Japão e o México, *estuda denunciar* a Argentina de protecionista” (25/4/2012, p. 94, grifo nosso). Os investimentos chegam para países, como Peru, Chile e Colômbia, em detrimento da Argentina, com modelo nacionalista, à semelhança do venezuelano, conta o narrador, apontando para o seu pano de fundo, para a metanarrativa. Assim, os espanhóis sinalizaram retaliar, comprando menos biodiesel e, em solidariedade, a “[...] União Europeia também avalia formas de retaliação” (25/4/2012, p. 94). Cabe uma advertência à Petrobrás que deverá investir no país meio bilhão de dólares neste ano.

Para convencer os argentinos de que o nacionalismo político é eficaz “[...] o governo argentino tenta enfiar goela abaixo da população um mundo de faz de conta, manipulando índices de inflação” (25/4/2012, p. 94), o maior da América do Sul. Dessa forma, para impedir a verdade da política e economia do país, como tática, o governo

censura “[...] qualquer voz comprometida com a realidade, de jornalistas a consultores de economia. A falsificação é tão crassa que a revista inglesa *The Economist* decidiu abolir de suas páginas os dados oficiais do governo” (25/4/2012, p. 94). Esse é o modo pelo qual o narrador, seguindo sua matriz hegemônica, configura os seus personagens na trama e suas estratégias nas disputas pelas estórias e poder de estabelecer as verdades. Máximo Kirchner e Axel Kicillof, ao lado de Cristina são os homens mentores do modelo nacionalista. O vice-ministro da Economia se tornou “explicador presidencial” (25/4/2012, p. 94), para quem “[...] a iniciativa privada e os capitais estrangeiros exploram o povo, dilapidam as riquezas do país e causam a inflação com o aumento inescrupuloso dos preços” (25/4/2012, p. 94).

Na composição da trama na estória, o narrador-veículo destaca os antagonistas ao modelo neoliberal, os jovens da La Cámpora, comemorando a estatização da YPF, no alto das páginas que seguem, com suas bandeiras (36cm/col.), os quais também pagarão a conta da ineficiência do estado nacionalista que defendem. Ao lado, o homem das ideias atrasadas da venezuelização da Argentina, o filho da presidente, Máximo Kirchner (9,7cm/col.), a liderança do grupo de jovens peronistas e nacionalistas.

O narrador-jornalista conta que as empresas estatizadas vêm mostrando-se um fracasso, hoje, dirigidas por membros importantes da La Cámpora, como o presidente da Aerolíneas, estatizada em 2008, com rombo de 700 milhões de dólares, sendo que sua dívida não passava de 300 milhões de dólares (25/4/2012, p. 94), quando o governo assumiu a empresa, na época, nas mãos da iniciativa privada. “Para agradar a amigos, a folha de pagamentos aumentou 57%. Eis uma pequena amostra do que deve ocorrer com a YPF” (25/4/2012, p. 94), conta *Veja*. Após a sua estatização, funcionários do governo entraram na refinaria e elevaram a produção, forçadamente. “Com esses métodos, e se os preços continuarem controlados, o déficit público aumentará e os contribuintes vão pagar por essa aventura”, fala o personagem presidente da consultoria Carioca Gas Energy, Marco Tavares. A situação no país já é dramática, com a energia elétrica, agora, poderá somar a do petróleo. “Como sempre, o *povo* argentino será o maior prejudicado por se deixar seduzir pelo *nacionalismo barato*” (25/4/2012, p. 94, grifo nosso). No final, um quadro didático para seu leitor, que tem as respostas sobre: “Por que o setor petrolífero argentino é ineficiente” (25/4/2012, p. 94), em razão da interferência do Estado nacionalista. “E por que continuará sendo (ineficaz) após a reestatização?” (25/4/2012, p.

94). Porque, a exemplo das estatais argentinas, Aerolíneas Argentinas, Enarsa e Aya, também não conseguirão eficiência, com aumento da quantidade de funcionários para baixa produção.

Nas disputas pelo espaço de voz, na narrativa de *Veja*, os protagonistas continuam à frente. Deste modo, receberam direito de expressão para 70 palavras, enquanto os antagonistas, 45. Na estória seguem os fundamentos do narrador de, objetivamente, defender o modelo neoliberal, reproduzindo discurso de várias instituições globais e países da hegemonia econômica mundial, como os Estados Unidos, a Espanha, além de nações da Comunidade Europeia. A Organização Mundial do Comércio (OMC) assume na representação de *Veja*, o poder de decisão global contra os fora da lei do neoliberalismo.

Na composição dos personagens sobre o território político da América Latina, a divisão está entre o Peru, o Chile, a Colômbia e o México. O Brasil também com frequência é um país que se mantém na ordem do modelo da matriz narrativa, diferente, neste contexto, de Argentina e Venezuela - além de Cuba dos Castro, em outro episódio.

Fundamentalmente, parte das mídias neoliberais faz parte da narrativa, como o jornal *The Economist*, além dos tradicionais *Clarín* e *La Nación*, e nas referências venezuelanas, *Globovision*, estatizada pelo governo de Hugo Chávez, membro do núcleo dos símbolos nacionalistas e assistencialistas da região. De fato, em 2012, o mundo segue em conflito para uma estória sobre neoliberalismo vs nacionalismo, no território latino-americano, enquanto, na comunicação, a matriz narrativa persegue a hegemonia.

Na Argentina, é tempo de mais tensão política, que, aos poucos, decididamente, fecha-se para os mercados externos. O governo internamente investe em estatização das principais empresas de setores rentáveis, como petrolíferas e transporte, promove medidas para o controle de preço e imposição de barreira para produtos estrangeiros. Como pano de fundo, contra o qual a narrativa se configura está a nova força política da presidente Cristina Kirchner, o grupo de jovens que apoia a presidente e ataca a oposição, cotidianamente, sem abrir espaço para negociações com a elite nacional exportadora ou mesmo os tradicionais meios de comunicação, na oposição.

Com a morte do principal líder dos peronistas, nos tempos recentes, Néstor Kirchner, em 2010, naturalmente haveria abrandamento do kirchnerismo, resultando em diálogo com a elite e abertura do país para as políticas internacionais neoliberais. Contudo, o movimento ocorreu ao contrário, o governo se fechou ainda mais na sua política, em

confronto com as grandes potências mundiais, mesmo depois da reeleição de Cristina Kirchner, aproximando-se das diretrizes do núcleo de esquerda da América Latina, que tem, entre os personagens dessa trama, Hugo Chávez, Evo Morales da Bolívia, Rafael Correa do Equador e Fidel Castro, em Cuba.

Mas, afinal, qual a estratégia do governo para internamente enfrentar as elites nacionais e internacionais, inclusive com estatização de grandes empresas? Na estória de *Veja*, já no título, o governo conta com “A guarda pretoriana do Cristinismo” (9/5/2012, ed. 2268, p. 100). Numa página inteira, a imagem do principal líder do grupo, Máximo, filho do Casal Kirchner, entre dois dos membros esquerdistas e peronistas, com sorriso, em evento que reuniu 20 000 pessoas em Buenos Aires, sexta-feira, dia 27 de maio. Se Roma tinha sua guarda que fazia a segurança dos imperadores, Cristina Kirchner tem sua segurança ideológica, formada pelos jovens de La Cámpora. “Não há ministério ou repartição pública argentina em que eles não estejam infiltrados” (9/5/2012, p. 101). No ano passado, mais de 7 000 empregos para membros do grupo, sendo que, pelo menos quarenta ocupam cargos de confiança, conta o narrador. Eles gerenciam as principais estatais como a Aerolineas, agências de notícias e mantêm dez cadeiras no Congresso. “Máximo e seus amigos estão por trás das medidas recentes mais truculentas da Presidência de Cristina, como os ataques à imprensa independente e a expropriação da petrolífera YPF” (9/5/2012, p. 101).

Néstor Kirchner, quando conseguiu chegar à presidência do país, com apenas 22% de votos, conta *Veja*, precisava superar o peronismo tradicional e, para isso, seria fundamental “[...] um instrumento para exercer o populismo, um mal atávico da política argentina, com controle total” (9/5/2012, p. 101). Os sindicatos não eram confiáveis para a função, então, o presidente “[...] pediu ao filho, Máximo, que reunisse seus amigos para criar uma agremiação leal ao kircherismo” (9/5/2012, p. 101). Como forma de homenagear o peronismo, veio o nome do presidente Héctor José Cámpora, que substituiu Domingo Juan Perón, por 49 dias, enquanto estava no exílio.

A guarda pretoriana La Cámpora, de Cristina Kirchner, realmente entrou em ação depois da morte de Néstor, mas, antes, foi fundamental nos movimentos de enfrentamento à elite rural argentina, em 2008, diante da política nacionalista do casal de aumentar impostos e impedir as exportações de grãos. Quando Cristina ficou viúva, então, o grupo entrou de vez para o governo. “Foi quando os jovens do La Cámpora preencheram em

definitivo o círculo de confiança de Cristina, uma *princesinha* peronista que, privada dos conselhos do marido, teve de aprender a fazer alianças e a governar” (9/5/2012, p. 101, grifo nosso), conta a socióloga, autora de livro *La Cámpora*, recém-publicado na Argentina, Laura Di Marco.

Na composição dramática da narrativa, Cristina Kirchner, sorridente, segura a bandeira da sua guarda pretoriana (16cm/col.), em evento, no alto da página, olhando para o público e referenciando a sua tropa de choque política (9/5/2012, p. 101).

Na configuração de poder dos personagens antagonistas, na trama, na sequência, *Veja* descreve que o grupo é formado por três deputados nacionais, dois provinciais. O mais ilustre é Axel Kicillof, que ocupa o cargo de vice-ministro da Economia, “[...] um dos responsáveis por coordenar o confisco da YPF e o principal conselheiro da presidente, em matéria econômica” (9/5/2012, p. 102). No baixo escalão do *La Cámpora*, estão os jovens “[...] cuja memória política mais antiga se refere aos anos de 2001 e 2002, quando o país chegou ao fundo do poço, do qual *acreditam* terem sido tirados pelo kirchnerismo” (9/5/2012, p. 102, grifo nosso). Segue, portanto, o narrador como agente da narrativa, com a estratégia de minimizar a principal força do casal de políticos argentinos, nas disputas políticas, no país, com os setores financeiros internacionais, principal representante do neoliberalismo global, cuja intervenção de *Veja* já se mostra perseverante na configuração da sua matriz hegemônica.

No fio da narrativa, o baixo escalão do grupo político, durante a campanha de Cristina, ano passado, decidiu na sua militância comprar legumes e verduras nos mercados e vendê-los a preços de custo nas praças da capital. “Queremos mostrar que o alto valor pago pela comida nos supermercados de bairro não se deve à inflação, e sim aos intermediários” (9/5/2012, p. 102) diz o dirigente do *La Cámpora*, Enrique Aurelli, nas disputas com as elites econômicas locais, as quais fazem oposição ao governo. Conta *Veja*, que “[...] o argumento é o mesmo que o governo usa para culpar os empresários pela inflação, atualmente em 25% ao ano, segundo dados não oficiais, e pelo desabastecimento de produtos” (9/5/2012, p. 102). No final, a culpa de fato é do nacionalismo e do populismo do kirchnerismo, escreve o narrador.

Mas as disputas mais inflamadas ocorrem mesmo é no terreno das estórias, com *La Cámpora* controlando a liberação de papel imprensa para os meios de comunicação que fazem oposição ao governo nacionalista e coordenando as mídias estatais, na defesa

ideológica das políticas econômicas do cristinismo. Com narrativa no tempo pretérito e composição dramática, *Veja* escreve que, por trás da lei a qual torna o papel de impressão de jornais de interesse público, “[...] *suspeita-se* que o objetivo seja repetir o que ocorreu nos anos 50, quando Perón reduziu a importação de papel e passou a distribuir a matéria-prima de forma arbitrária para reduzir a circulação dos jornais opositores” (9/5/2012, p. 102, grifo nosso). Como exemplo, o jornal *La Gaceta*, de Tucumán, um dos principais veículos do país, saiu com quatro páginas, conta *Veja*, na volta pelo tempo. “Por enquanto, o governo de Cristina Kirchner não está usando a lei para limitar o papel, mas temos bons motivos para ficar preocupados” (9/5/2012, p. 102), diz personagem da estória do narrador, um dos donos do *La Gaceta*, Daniel Dessen, que recentemente preferiu dobrar a quantidade de papel em estoque, prevendo represália do governo contra a oposição. “*Clarín e La Nación*, os maiores jornais da Argentina, também aumentaram suas reservas de papel” (9/5/2012, p. 103). Como destaca o gerente de comunicações do grupo Clarín, Martín Etchevers, “[...] o governo não compreende a função da imprensa de refletir e informar sobre a situação do país” (9/5/2012, p. 102).

Na narrativa imagética de *Veja*, Dessen, no alto da página e, no meio da narrativa, com destaque, aparece segurando uma edição do *La Gaceta* (28cm/col.), diante de uma banca de jornal, e tem medo de o governo atacar a imprensa de oposição, retaliando suas estórias. Contígua à imagem, a deputada Mayra Mendoza (9,5cm/col.), vestindo camiseta, com referência a Néstor Kirchner: “[...] meu único herói nessa confusão”. Um dos membros da guarda pretória de Cristina, na disputa contra a oposição neoliberal.

O filho de Cristina, Máximo Kirchner, e seu grupo estão no controle da mídia estatal, no enfrentamento contra os conglomerados de mídias argentinas, na oposição ao governo. Ele e o secretário de Comunicação Pública, Alfredo Scoccimarro, também membro do *La Cámpora* (mais Kirchner), decidem “[...] o destino de 1,5 bilhão de pesos, o equivalente a 650 milhões de reais” (9/5/2012, p. 103). A escolha não é pela audiência, mas pelo critério político. “Os camporistas também controlam a agência de notícias Télam e o Canal 7, ambos estatais” (9/5/2012, p. 103), conta *Veja*. A autora de livro “*Filho do Poder*”, publicado na Argentina, sobre os filhos do casal Kirchner, Adriana Balaguer, conta que “[...] o próprio Máximo define quais jornalistas podem trabalhar no canal” (9/5/2012, p. 103).

Uma jovem, Florencia, de 21 anos, que acompanha a mãe em eventos políticos, diz o narrador, acredita que Máximo está sendo preparado para a presidência. Desse modo, “La Cámpora é o principal instrumento de perpetuação no poder da dinastia Kirchner” (9/5/2012, p. 10) descreve *Veja*.

Sobre a imprensa na Argentina, o ex-chefe de gabinete de Néstor e Cristina, entre 2003 e 2008, Alberto Fernández, como conta o semanário, está decepcionado com a censura às vozes de oposição ao governo – ele mesmo vítima, ao ser interrompido em entrevista, ao vivo, para o canal de TV a cabo C5N. Fernández, de braços cruzados, cabelos grisalhos, olha para a câmara, no destaque, como personagem protagonista da narrativa (24,5cm/col.). No fio da estória, em entrevista, no uso de 478 palavras, conta que “[...] em vez de se preocupar com coisas mais importantes, o governo escolhe se aborrecer com quem conta a história [...] Se um jornalista diz que há inflação na Argentina, o governo considera isso uma delação. Para mim é inflação, e ponto” (9/5/2012, p. 102-103).

As estórias passam a ser razão efetiva das disputas, nas configurações narrativas, de modo que, na Argentina, o poder para formação simbólica dos meios de comunicação passa a ser importante, na concepção das ideologias políticas nacionalistas, do governo de Cristina Kirchner, bem como para as elites econômicas neoliberais em difundir sua visão de mundo para além das fronteiras argentinas, na configuração de discursos hegemônicos. Importante observar nesse processo, as divisões entre as elites locais sobre as ideologias políticas, formando grupos favoráveis ao governo, com medidas sociais, mais próximas ao estado do bem-estar social. No entanto, segmentos das elites com relações internacionais investem, como personagens protagonistas das narrativas de *Veja* contra o governo, na composição para a redução do poder do estado, desregulamentação das atividades financeiras e abertura para concorrência dos mercados globais, com exploração do território nacional.

Nessa perspectiva, o jogo de forças, nas narrativas do semanário, demonstra a configuração de personagens, para uma matriz hegemônica que, efetivamente, tem força institucional, ligados aos conglomerados de mídias e consultorias privadas que, na Argentina, permanentemente atuam na oposição, além do poder simbólico em evidência de intelectuais na visão hegemônica discursiva.

Levando em conta a entrevista com o ex-chefe de gabinete dos governos do casal Kirchner, o advogado Alberto Fernández, que se posiciona como personagem protagonista

da estória, *Veja* ofereceu a ele, espaço para 562 palavras, enquanto os antagonistas ficaram com 22. As narrativas do semanário brasileiro sobre os acontecimentos-intriga, portanto, ordenam a tessitura da estória, na composição de personagens que exercem papel fundamental no imaginário social, ou têm poder de contar estórias, para a formação de pensamento hegemônico no país da América Latina, quando das disputas políticas entre governo e instituições liberais – talvez a realidade vivida pela política na territorialidade latino-americana.

Brasil neoliberal e Argentina nacionalista

O nacionalismo político da Argentina atingiu os exportadores brasileiros que foram “Barrados na fronteira” (30/5/2012, ed.2271, p.80), conta *Veja*. Os empresários estão atônitos e preocupados, com caminhões esperando as licenças para entrar no país com as mercadorias estocadas. Como escreve o narrador, a situação fica dramática pelo fato de o comércio bilateral ser favorável ao Brasil, que exporta 22,7 bilhões de dólares para a Argentina, que, por sua vez, exporta para o seu vizinho mais rico, 16,9 bilhões de dólares, sendo que a Argentina é o 3º maior parceiro dos empresários brasileiros. Retidos estão calçados, móveis, geladeiras, tratores e cosméticos.

A política da Argentina não respeita nem mesmo os acordos para criação do Mercosul, que tem, como sócios, o Brasil, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai. A proposta, revela *Veja*, seria uma integração total, mas “[...] vinte e um anos depois, não há evidências claras de que o maior parceiro brasileiro dentro do bloco, a Argentina, esteja comprometido com esse fim” (30/5/2012, p.80). A presidente Cristina Kirchner continua sua meta de não importar mais do que exporta. “Queremos gerar trabalho na Argentina e não ter de importar um prego sequer” (30/5/2012, p.81), conta a presidente. Com esse intuito, a política nacionalista argentina dificulta a vida dos empresários do Brasil, exigindo autorização prévia para a comercialização em território nacional, na terra do tango e milongas, criando impeditivos burocráticos. “A exigência ignora não apenas os acordos do Mercosul, mas também os da Organização Mundial do Comércio (OMC)” (30/5/2012, p.81), sinaliza o narrador na configuração da narrativa. “Os argentinos estão matando o Mercosul, se é que já não o fizeram” (30/5/2012, p.81), conta o empresário,

presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecções (Abit), Aguinaldo Diniz Filho.

Na tentativa de barrar as importações brasileiras, na burocracia, os próprios empresários argentinos importadores precisam se cadastrar na Afip, semelhante à Receita Federal brasileira. No trâmite, quinze pessoas avaliam, diariamente, mais de 3 000 solicitações, mas a palavra final é do Secretário de Comércio Interior, Guilherme Moreno. “Conhecido por atacar o jornal Clarín, por comandar a manipulação da inflação e por deixar uma pistola em cima da mesa de seu gabinete, ele barra nove em cada dez solicitações” (30/5/2012, p.82), declara o narrador, na composição dos personagens na intriga. Depois, os empresários argentinos precisam se comprometer a importar a mesma quantidade que exportam. “É uma prática totalmente fora da lei, tanto que nenhum funcionário do governo assina os papéis” (30/5/2012, p.82), explica o advogado especialista em direito aduaneiro, Alejandro Perotti, que, como conta o narrador, foi consultor jurídico da Secretaria do Mercosul, entre 2003 e 2006.

No enquadramento dramático de *Veja*, “[...] nos últimos meses, donos de lojas de celulares compraram queijo, batata congelada e vinho argentinos para conseguir crédito com o governo” (30/5/2012, p.82). A rigor, o Brasil é o maior prejudicado, na América Latina, pelo volume comercializado no vizinho. “É uma tragédia para nós. Há meses não consigo embarcar uma carreta sequer”, conta diretor-presidente da Ditália, Noemir Capoani, fabricante de móveis em Monte Belo do Sul, no Rio Grande do Sul (30/5/2012, p.82). Capoani acrescenta que “[...] o volume que está parado vale 8 milhões de dólares e caberia em 200 caminhões” (30/5/2012, p.82).

O nacionalismo da Argentina gera caos no Brasil. “Podemos ter de tomar medidas drásticas por causa da queda da demanda argentina, principalmente entre junho e agosto, quando o mercado brasileiro está mais fraco” (30/5/2012, p.82), declara Eduardo Smaniotto, diretor da Priority, fábrica de calçados gaúcha, detentora da marca West Coast. Como a empresa não consegue exportar, já pensa em dar férias para os empregados, o que imprime um novo ritmo à produção e à lucratividade. Uma das alternativas dos personagens de *Veja* é exportar produtos inacabados, de modo a atender ao governo argentino, com manutenção de empregos no país, como vem procedendo a empresa de tecelagem Döhler. “Se não fosse assim, demoraríamos três meses para conseguir um aval”, conta o diretor comercial da empresa, Carlos Döhler.

No fio da narrativa de *Veja*, a Argentina se fecha para investimentos estrangeiros, o que causa falta de dólares no país. Isso ocorre “[...] em razão de decisões arbitrárias e contrárias à iniciativa privada, como o confisco da petrolífera YPF, em abril, investidores estrangeiros fugiram do país e levaram dólares consigo” (30/5/2012, p.83). Assim, sem contratos com o setor financeiro internacional, tenta evitar a evasão da moeda americana, com medidas desnecessárias. “Frear as importações brasileiras também é uma forma de esconder as fragilidades da indústria argentina, menos competitiva” (30/5/2012, p.83), em decorrência de sua política atrasada. “As fábricas de sapatos deles são quase artesanais. Nós somos muito mais modernos” (30/5/2012, p.83), conta o gerente comercial da Democrata, de Franca, no interior de São Paulo, Marcelo Paludetto.

Na configuração dramática do narrador-veículo, na capa, a tristeza do empresário brasileiro, sentado em meio à montanha de mercadorias (madeiras processadas), com amplo destaque (137,6cm/col.), contrasta com a presidente, Cristiana Kirchner (9,7cm/col.), no rodapé, com mãos abertas como que se defendendo de críticas, em discurso - certamente de cunho nacionalista (30/5/2012, p.81-82). Um nacionalismo que confronta os brasileiros, protagonistas. Na sequência, o narrador mantém sua estratégia, com o drama vivido pelo personagem, em meio à produção de tecelagem (39,6cm/col.), no alto da página (30/5/2012, p.82), tendo contíguo o amigo empresário, personagem da estória, na mesma condição, em meio às máquinas de confecções paradas (18,8cm/col.), na página ao lado. Além da presidente argentina, a imagem do seu secretário de comércio interior, Guillermo Moreno, antagonista na narrativa, aparece com a mão levantada, em discurso (15,4cm/col.), no rodapé (30/5/2012, p.82), com ar autoritário, cujo comportamento é atender empresários com pistola na mesa e atacar o conglomerado Clarín.

O governo brasileiro entra na disputa econômica, em favor dos empresários exportadores, e, em maio, começou a tomar medidas para impedir entradas de produtos do vizinho, como forma de retaliar a política argentina. “O Brasil tem sido tolerante com a Argentina há muito tempo. Estamos pagando o preço por isso” (30/5/2012, p.83), revela o presidente da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), Humberto Barbato. No final, na sequência do enquadramento dramático, *Veja* chama a atenção para o sofrimento da população argentina, que, com o “[...] fechamento das fronteiras com o Brasil e o resto do mundo já faz com que falem remédios.” (30/5/2012, p.83), por

exemplo. Mas os organismos internacionais estão atentos, “[...] na sexta-feira, 25, a União Europeia entrou na OMC questionando as normas argentinas. Até agora, o nacionalismo cristinista não deu mostras de que vai ceder” (30/5/2012, p.83).

Seguindo a matriz hegemônica na diegese de *Veja*, três semanas depois, as intrigas internacionais envolvem o Brasil, país em desenvolvimento, com representação na América Latina, na ordem global. Não somente os exportadores dos grandes centros comerciais neoliberais sofrem com o nacionalismo argentino, mas o empresário brasileiro vive num atencioso drama, como revela o narrador, com produção para o exterior, barrada pela política kirchnerista. Na estória, a situação econômica do país de Kirchner é o resultado exatamente da falta de abertura econômica para o setor privado internacional, que provoca fuga de dólares e escassez de produtos essenciais. Na mesma ordem, o atraso é inevitável, tornando-se uma nação do passado, em contraste com a modernidade dos grandes centros econômicos, com tecnologia avançada. O Brasil tem fábricas mais modernas do que o vizinho, que se fecha para o exterior, com uma elite neoliberal para o comércio exterior, que exige política de abertura comercial na América Latina e participação da política do estado brasileiro nesse processo global.

As disputas, portanto, se ampliam, envolvendo muitos agentes sociais, personagens de *Veja*, nas intrigas entre elites nacionais e internacionais, além de governos dos centros econômicos globais e suas agências reguladoras e fiscalizadoras das políticas isoladas do sistema da ordem mundial. As estórias evidenciam definições simbólicas e verdades, de modo a construir a realidade, mesmo que seja momentânea, na manutenção estratégica da dependência econômica.

No poder de voz, os protagonistas seguem em frente, nas intrigas do semanário, com 122 palavras, com maioria dos narradores formada por empresários. Os antagonistas, 27 palavras de Cristina Kirchner e o governo argentino na defesa das medidas nacionalistas.

Nem prego do mundo neoliberal

A estória segue, três semanas depois. Cristina Kirchner não arreda o pé de seu nacionalismo e terá que pagar “O preço da teimosia” (20/6/2012, ed. 2274, p.98-99), como dito no título de *Veja*, já na esteira da matriz narrativa hegemônica. Não se compreende por

que a presidente prefere manter a aposta no cavalo errado, como já imortalizou Carlos Gardel, no clássico “*Por una Cabeza*” (20/6/2012, p.98). Nuançando com outra narrativa no tempo, na composição dos elementos catárticos e composição dramática, conta o narrador que o cantor faz referência a um homem que apostava no mesmo cavalo, apesar de perder insistentemente por uma cabeça. A metáfora do narrador serve para este momento, pois, “[...] confiar no cavalo errado tem sido um vício de quase todos os presidentes argentinos, inclusive a atual, Cristina Kirchner” (20/6/2012, p.98). Como conta *Veja*, “[...] apesar do pessimismo com a economia global, resolver a situação do país não exigiria muito esforço. Conter os gastos governamentais, desvalorizar o peso e adotar medidas para atrair investidores externos” (20/6/2012, p.98). Mas, na contramão, o governo “[...] prefere maquiagem as estatísticas de inflação, fechar a fronteira para produtos estrangeiros, principalmente brasileiros, espantar investidores e perseguir quem poupa em dólar” (20/6/2012, p.99).

De fato, uma política lunática, prossegue o narrador, que não contribuiu até mesmo para a aprovação do governo que caiu de 64% para 42%, “[...] segundo a consultoria Management & Fit, de Mar del Plata” (20/6/2012, p.99). A desaprovação é de mais de 50%, portanto. “Do ponto de vista da conjuntura macroeconômica, a Argentina está infinitamente melhor do que nas crises anteriores. Os atuais problemas do país são totalmente atribuíveis à má gestão e à cegueira ideológica do governo” (20/6/2012, p.99), conta o *historiador*, Luis Alberto Romero, em Buenos Aires.

Na composição da intriga, Cristina Kirchner, a principal personagem desta narrativa, a lunática, é descrita (71,2cm/col.) como uma pessoa fora do controle, com comportamento agressivo, o qual gera, como resultado, queda de popularidade. Sua aceitação, entre outubro de 2011 e junho de 2012, caiu para 34%, cujo número está em destaque, impresso na sua mão esquerda espalmada, com gesto de enfrentamento contra seus adversários da política neoliberal.

Se Domingos Juan Perón é realmente endeusado pela política argentina, esta seria uma boa hora para seguir pelo menos um dos aspectos de sua política. O seu primeiro governo (1946-1952), que, de fato, foi intervencionista, não serve ao propósito. “No segundo (1952-1955), teve de lidar com inflação alta, uma queda nas reservas internacionais e uma seca prolongada. Diante do abismo, Perón voltou atrás. Reabriu o país para o capital estrangeiro e segurou o aumento de preços e salários” (20/6/2012, p.99). A

condição econômica da Argentina nos tempos atuais “[...] é menos grave do que a dos tempos de Perón” (20/6/2012, p.99), diz economista da Management & Fit, Matías Carugati. Chegou o tempo de Cristina dar uma guinada. Contudo, acrescenta o economista, “[...] para ela, o estado deve dominar a economia, e ponto final” (20/6/2012, p.99).

Na narrativa, a decisão da personagem Cristina Kirchner se mostra mais complicada, ao se aproximar de pessoas como Axel Kicillof, que se tornou o seu vice-ministro da Economia, e responsável pela privatização da YPF. Na imagem (5,2cm/col.), o personagem está ao lado de Cristina, no alto da página, com mão direita em que visivelmente se observa aliança, no dedo anelar, sugerindo relações íntimas com a viúva, não somente na revolução da Argentina. Como escreve o narrador, ao lado do antagonista de *Veja*, a presidente “[...] tem a cada dia uma nova ideia revolucionária” (20/6/2012, p.99). Como exemplo, lançou empréstimos para construção de casas financiadas com dinheiro das aposentadorias. “Dois dias depois, a Afip, a Receita argentina, proibiu as pessoas de comprar dólares para poupança” (20/6/2012, p.99). É o nacionalismo (assistencialista) para créditos, objetivando a construção de casas populares, mas que não permite a especulação financeira com dólares, impedindo a liberdade dos poupadores.

Na composição dramática do narrador, os empresários precisam recorrer ao governo para comprar pregos no exterior, enquanto atletas olímpicos não conseguem retirar materiais esportivos na alfândega. Com o nacionalismo, Cristina somente complica a situação do governo, com desaceleração econômica, com a falta de insumos para a indústria. Um país que caminha para o abismo. Como pano de fundo do narrador, o problema está na falta de abertura com o setor financeiro externo. Isto ocorre porque “[...] boa parte dos dólares poupados pelo Banco Central se esvaiu com a retirada dos depósitos em moeda estrangeira dos bancos, feita pelo setor privado, assustado com os rumos incertos da economia” (20/6/2012, p.99). O estado precisa garantir contratos com o setor financeiro, com abertura das barreiras para o neoliberalismo. Mas “[...] Cristina não arreda o pé. Lunático, este era o nome do cavalo preferido de Gardel” (20/6/2012, p.99).

As instituições privadas se fazem fundamentais na narrativa de *Veja*, de modo que as vozes se organizam na configuração de um mundo eficientemente neoliberal. No entanto, a verdade se estabelece na voz do historiador, para definir a realidade do país, numa perspectiva política. Na estória, os protagonistas mantiveram a ordem com 52 palavras, sem abertura para os antagonistas, sem voz.

A matriz narrativa segue na ordem dos protagonistas, com suas virtudes. Já os antagonistas, além dos caminhos errados, à beira do abismo, do descontrole, da desordem e da pobreza, na vida íntima, estão tal qual suas atitudes revolucionárias, contrárias à visão conservadora. Afinal, os lunáticos políticos também amam, depois da viuvez. Embora possa ser somente uma forma dramática de ironia do narrador sobre a vida política e íntima dos personagens, numa relação necessária para se conhecer o caráter de um grande líder, ou mesmo dos anti-heróis. Todavia, o explícito e o implícito têm eficiência na estória, de modo que o *não dito* vai se revelando, às vezes, mais importante do que o *dito*, para a metanarrativa de *Veja*, já conhecido, por vezes, sem a eficácia esperada.

Na Argentina, ainda não é o fim, mas, quando ele chegar, o último que sair que feche as portas. Possivelmente uma frase-síntese dos tempos vividos pela população, na estória de *Veja*, quatro semanas depois. O país da América da América Latina está cada vez mais parecido com uma ilha, no meio de um vasto mundo globalizado, com abundância de produtos e oportunidades. Para uma narrativa dramática, como deve ser a realidade do país, intitula o narrador: “Nas garras do leviatã argentino” (18/7/2012, ed. 2278, p.82). Na narrativa imagética, Cristina Kirchner, a presidente, na introdução da estória, está sendo suspensa por uma mão mecânica, já nos seus últimos movimentos, com desgaste irreversível, sofrido pelo tempo secular, em cuja figura embasbacada, a personagem está congelada, falando e olhando para si, ao mesmo tempo. Finalmente petrificada, uma múmia carregada pelo leviatã, o monstro do estado nacionalista.

O país segue com suas dificuldades, já caminhando para as ruínas econômicas. Buenos Aires, Rua Flórida, serve como exemplo: o seu calçadão cheio de turistas, vendedores e trabalhadores. “Nas vitrines, porém, há espaços vazios e anúncios de se *alquila*, ‘aluga-se’. Dez estabelecimentos, incluindo lojas de telefone celular, de eletrônicos, de roupas e uma casa de câmbio, estão desocupados. Trata-se de uma aberração para um endereço tão disputado” (18/7/2012, p.82). A realidade não era assim, no ano passado, em 2011, quando não havia nenhuma loja vazia. O fechamento do comércio é consequência da falta de importação, conta o narrador, diante das medidas radicais do governo de Cristina Kirchner de fechar o país para o mercado externo. Na configuração dos personagens segue o secretário de Comércio Interior, Guillermo Moreno, a se apresenta na figura daquele que é responsável pelas atrocidades com a economia argentina.

Falta de tudo no país, de ferro de passar a notebooks. “As casas de câmbio, por sua vez, só podem vender moeda estrangeira a quem tiver autorização da burocracia estatal” (18/7/2012, p.82). No enquadramento dramático, escreve *Veja*: “A cena retrata o que acontece quando um governo intervém com mão pesada e de forma improvisada na economia” (18/7/2012, p.82). Os argentinos correm riscos, não somente na liberdade de ir e vir, como o direito de viajar, quando quiserem, mas, devido à falta de produtos para consumo, haverá ainda perda de emprego. “A queda da atividade econômica já afetou 20 000 postos de trabalho desde o ano passado. Outros 30 000 se mantêm apenas porque o estado (ele, de novo) subsidia uma parte de sua renda” (18/7/2012, p.82).

Florencia Robert está consciente desses riscos. “Está difícil viver nesse clima de incerteza. Tenho medo de perder o meu sustento” (18/7/2012, p.82), diz. Ela que trabalha há um ano em um restaurante japonês na capital. No cardápio da empresa o dono resolveu ironizar o secretário de Cristina e anexou bilhete no cardápio. “Porque nosso querido amigo Guillermo Moreno não quer que os negócios cresçam na Argentina, desculpe a falta de produtos no cardápio” (18/7/2012, p.82-83).

A Afip, a Receita Federal dos argentinos, não poupa ninguém das burocracias para importação. Nem clínicas médicas e hospitais, todos os que precisam comprar dólares. O oftalmologista, Omar López Mato, conta que precisou “[...] adiar operações por não conseguir comprar lentes intraoculares para alta miopia que não são produzidas aqui” (18/7/2012, p.83). Em alguns bairros, centenas de vendedores resolveram fazer pequenos protestos diante da falta de produtos para comercialização. Os imigrantes, como fala *Veja*, desistiram das viagens pelos impedimentos da Afip na troca de moeda, impossível até mesmo no período de férias. “Quando lia sobre as restrições impostas por Hugo Chávez aos venezuelanos para comprar dólares, eu achava uma loucura. Agora meu país está seguindo pelo mesmo caminho” (18/7/2012, p.82), descreve a situação vivida na Argentina, a publicitária María Sofía Rebagliati, que teve pedido de câmbio negado, para viagem ao exterior. O narrador retoma o imaginário do seu interlocutor, na voz do personagem, os riscos da venezuelização, com estatizações, retrocesso na economia e fechamento do país para o mundo globalizado.

No fio da estória, a narrativa no tempo pretérito, *Veja* ordena os acontecimentos na busca de sentido da realidade, organizando os personagens na trama. A situação do país realmente ficou dramática depois da eleição de Cristina Kirchner, com 54% dos votos, em

outubro do ano passado. “Naquele mês, a economia argentina começou a perder o fôlego, embora o governo ainda insistisse no aumento exagerado dos gastos públicos e na ideia de que a inflação descontrolada não passava de uma invenção dos grupos capitalistas” (18/7/2012, p.83). Foram tempos de inflação, com números manipulados pelo governo, que “[...] aumentava os preços do consumo e mão de obra, reduzindo a competitividade da produção nacional e freando o crescimento econômico” (18/7/2012, p.83). Tempos em que o país ainda sofria com a falta de confiança dos setores financeiros internacionais, em decorrência do calote de 2002, conta *Veja*, tecendo sua narrativa, fazendo referência a pontos fundamentais para a tessitura da sua estória. O risco com a desaceleração da economia era a falta de dólares, para honrar compromissos externos.

“O plano posto em prática pela presidente para resolver essa situação exacerbou a tendência estatizante da dinastia Kirchner, iniciada pelo marido de Cristina, Néstor, presidente entre 2003 e 2007” (18/7/2012, p.84). Sem os dólares externos, o governo “[...] imprime moeda, o que aumenta a inflação. Para evitar o esvaziamento das reservas internacionais, decidiu-se restringir a compra de dólar [...]” (18/7/2012, p.84), assim como as importações que são feitas com moeda americana. Mas o efeito foi o contrário do esperado, com a valorização do dólar no mercado paralelo, com 30% acima do oficial. Os argentinos então passaram a guardar a moeda estrangeira em casa, atingindo “160 bilhões de dólares, o dobro da cifra de 2001” (18/7/2012, p.84). A falta de produtos do mercado externo prejudicou os empresários da indústria nacional. As importações somente para insumos indispensáveis para manter a produção. No final, como descreve *Veja*, diante da crise mundial, o governo optou pelo nacionalismo, com aumento do poder do estado, promovendo estatizações e se isolando do setor financeiro internacional.

“Mais de 80% do que o país importou no ano passado foi de itens indispensáveis para manter as linhas de produção, como máquinas, insumos e energia” (18/7/2012, p.84). Nesse sentido, no fio da estória, diz o executivo de uma montadora de automóveis, que não quis se identificar, temendo represálias (18/7/2012, p.84): “Sem acesso a esses bens, não nos resta outra solução a não ser paralisar a produção, e o governo parece não entender que isso se converte em demissões e em retração econômica” (18/7/2012, p.84).

No enquadramento dramático, destaca o narrador, nada passa pelo secretário de comércio interior, Guillermo Moreno, nem mesmo artigos esportivos e não se importa nada que se possa produzir no país. Se, antes, somente produtos acabados eram barrados,

recentemente não passam pela alfândega “[...] componentes, insumos e bens de capital” (18/7/2012, p.84). O empresário argentino para importar qualquer produto precisa exportar algo no mesmo valor. “A regra do ‘*uno por uno*’ criou esquisitices antológicas” (18/7/2012, p.86); para vender telefone o empresário argentino precisa vender batata frita e vinho, ironiza o narrador, novamente.

O poder de Moreno está tão evidente entre os empresários argentinos que viagens ao exterior para negócios têm outros significados: o de aproximar do super-secretário. “Muitos empresários acreditam que ao viajar com Moreno podem ter licenças de importação aprovadas. Recusar um convite dele seria um suicídio comercial” (18/7/2012, p.86). Seguindo a estratégia de se posicionar como agente da estória, o narrador ironiza o comportamento autoritário do personagem da secretaria de comércio interior, cuja narrativa em voz indeterminada: “*Conta-se* até que, numa dessas viagens, o próprio Moreno serviu a comida no avião: ‘*pasta o carne*’? Os empresários, em pânico, não sabiam qual opção, massa ou carne, era a *mais patriótica* na visão do secretário” (18/7/2012, p.86, grifo nosso).

A perseguição do estado aos empresários e cidadãos continua e aumenta a insegurança jurídica, escreve *Veja*. Na semana passada, empresários do setor imobiliário que queixaram em uma reportagem do jornal Clarín, tiveram suas atividades suspensas, por ordem da presidente, ainda na sexta-feira da mesma semana. “A ingerência do cristinismo na economia chega a ponto de obrigar os bancos a emprestar 5% de seus depósitos a empresas, para incentivar o investimento. A taxa de juros imposta pelo governo, inferior à inflação real não é suficiente para cobrir os custos” (18/7/2012, p.86). Os banqueiros passam a ser obrigados a cobrir prejuízos. No final, “Cristina Kirchner, tão embaçada consigo mesmo que não percebe a iminência da própria ruína” (18/7/2012, p.86).

Na sequência, na composição dramática de *Veja*, o narrador-veículo usa amplo espaço para escrever a estória do nacionalismo (Leviatã) argentino, nas configurações de personagens adjuvantes da narrativa. Assim, a assistente administrativa do restaurante japonês, Florencia Roberts, está no alto da página (37,5cm/col.), diante de uma mesa com seu ornamento e cardápio na mão, preocupada com o seu futuro, de perder o sustento, no meio da tanta insegurança das empresas, por falta de produtos das importações (18/7/2012, p.84-85). Na mesma condição, temendo pelo fechamento do governo ao mercado externo, está logo abaixo (22,5cm/col.) Alejandro Zylbersztein, que tentou produzir modelo de

calçado para o Brasil, para atender às exigências governamentais, mas efetivamente os custos na Argentina não permitiram competir no país vizinho. Desistiu do negócio para exportação (18/7/2012, p.84-85). Ao lado (35,5cm/col.), casal equatoriano reclama da burocracia do governo em trocar dólares para viagem ao Canadá em visita a familiares doentes. Fabián Zamprano, médico, e a esposa Katuska Andrade, *chef* de cozinha, não conseguiram comprar os 1 000 dólares necessários e recorrerão ao câmbio negro, pagando mais. Frustrados, caminham pelas ruas de Buenos Aires (18/7/2012, p.86-87).

Na página seguinte, lojas de importados fazem protestos, baixando cortinas para chamar atenção pela falta de produtos, e seus funcionários (53,7cm/col.), com medo de perder emprego, saem às ruas, também em protestos (18/7/2012, p.87). Ao lado, dois empresários de entreposto no Mercado Central de Buenos Aires, José Olmedo e Martin Scallan, reclamam da falta de frutas importadas para comercializarem, o que não faz sentido em um mundo globalizado, conta Olmedo (18/7/2012, p.87). E, finalmente, pai e filho (31,2cm/col.) cirurgiões plásticos, descrevem a falta de material para o trabalho, sendo necessário improvisar para atender os clientes (18/7/2012, p.86-87).

No fio da narrativa, definitivamente, o acontecimento-intriga coloca em disputa o poder político de estado entre nacionalismo do governo Kirchner e os representantes do modelo da globalização econômica. Na Argentina, os personagens protagonistas revelam-se a elite nacional que mantém comércio com o mercado externo e dependem dele, como donos de restaurante japonês, clínicas de estética, imigrantes internacionais, os quais se inserem na trama de *Veja*, que objetiva as metanarrativas, contrastando a realidade apresentada com a idealizada pelo narrador, na perspectiva de atingir o imaginário do interlocutor.

No final, no centro, como moral da estória está o fechamento de barreiras do governo para produtos estrangeiros, de modo que a narrativa se mostra na expectativa de demonstrar a importância da atuação do setor de capital externo, no país, para produção e crescimento econômico. A rigor, a realidade revelada na narrativa define vozes implícitas, correspondendo ao modelo global, na configuração da estória, no pretérito, organizando o presente e exigindo mudanças para um futuro mais próximo, no *leviatã* (Estado) argentino, em conformidade com a matriz narrativa hegemônica.

Na narrativa, que preencheu seis páginas, os protagonistas se fizeram efetivos com 132 palavras, entre adjuvantes, com 78 palavras e superaram as vozes dos agentes

principais de *Veja*, com 54. Quanto aos antagonistas, o narrador foi mais radical, não tiveram direito ao poder de voz.

Nas ilhas da América Latina

Na trama política, ao longo da estória de *Veja*, um núcleo de personagens antagonistas vai se formando. Inicialmente, com Néstor Kirchner, Cristina, La Cámpora (e os milhares de jovens), Máximo Kirchner (filho do casal), Guillermo Moreno (ministro do comércio interior, que recebe pessoas com arma na mesa) e Alex Kicillof (vice-ministro da economia). A política peronista é superada pelo kirchnerismo até chegar ao cristinismo, quando “Cristina Kirchner avança com um projeto político próprio [...]” (29/8/2012, p. 80), sinalizado para a esquerda estatizante e para tempos novos.

Como escreve *Veja*, o cristinismo “[...] quer sentar-se na direção das companhias e tomar as decisões estratégicas. O homem, com as habilidades para instalar à força essa nova fase já foi escolhido. É o economista de 40 anos, Axel Kicillof, ou, mesmo, ‘Kicilove’” (29/8/2012, ed. 2284, p. 80). O jovem rapaz tem olhos azuis e uma pinta de cantor de tango e, não somente, é membro da La Cámpora, com poder de indicação de aliados para cargos no governo. Na configuração do personagem, prossegue o narrador, “Com costeletas protuberantes, antiquadas ideias marxistas e o primeiro botão da camisa sempre aberto, Kicillof precisou de apenas oito meses no governo para conquistar o status de confidente para assuntos econômicos da presidente.” (29/8/2012, p. 80) Portanto, é o homem do poder. A rigor, foi dele a ideia da estatização da YPF, da espanhola Repsol; hoje é ele quem define o preço da gasolina e brevemente da eletricidade.

Como mostra *Veja*, no título, no cristinismo “Todo o poder a ‘Kicilove’” (29/8/2012, p. 80), com Cristina, viúva de Néstor, há 22 meses, ao lado do vice-ministro (30 cm/col.), no alto da página, sorridentes e entre confidências. No final, na ironia, o narrador reconfigura o poder simbólico dos antagonistas da estória, que comandam o estado nacionalista e assistencialista, na disputa política com grupos econômicos liberais.

Na composição do personagem, o narrador deixa marcas do antagonista, como um homem de esquerda, com ideias marxistas e determinado a apertar a elite nacional, com uso do poder do estado cada vez mais nacionalista. “Apesar de seus múltiplos defeitos, o Kirchnerismo ainda acreditava que a iniciativa privada era necessária. Cristina não pensa

assim. Com ela, a participação do estado na economia se tornou a maior da América Latina: 42% do PIB”, ressalta *Veja*, sinalizando para o enquadramento dramático e pano de fundo da estória. Como conta o cientista político, diretor do Centro de Pesquisas Políticas, em Buenos Aires, Marcos Novaro, “Néstor Kirchner pressionava o empresário a baixar os preços, já Kicillof quer determinar diretamente os valores. Estamos passando por uma clara transição de capitalismo de amigos para um capitalismo de estado, com economia centralizada” (29/8/2012, p. 80).

Os empresários estão atentos com o vice-ministro, pois sabem que “[...] se rebelarem contra as ordens de Kicillof correm o risco de ter suas empresas expropriadas. O ideólogo do cristinismo é um insaciável” (29/8/2012, p. 80).

Efetivamente, no alto da página de abertura da narrativa, Cristina Kirchner, nunca tão bem, no episódio, quanto agora, ao lado do vice-ministro. Sistemáticamente, uma imagem de impacto para o poder de representação presidencial, que não somente dirige o estado nacionalista, como vai se transformando numa dinastia, com todos os regalos dos imperiais. Assim, o pano de fundo se estabelece, a distância, entre os antagonistas e protagonistas representados nas vozes da narrativa. Ademais, tornou-se uma prática do narrador descrever os personagens (sobretudo antagonistas), no sentido de compor seu caráter, para depois ordenarem-se as metanarrativas.

Dessa forma, se Néstor era autoritário e agressivo com os adversários, compreendendo os neoliberais, então, ganha status de cortês com os empresários amigos. Do mesmo modo, a relação de proximidade de Cristina com Hugo Chávez já seria motivo para ironias. A sequência se mostra pertinente e estratégica, para o narrador se valer da ambiguidade de sentido das imagens e palavras, no imaginário social, para a construção da realidade e a representação do poder.

Cinco semanas depois, caminhando para o fechamento do episódio, *Veja* desvela, em síntese, a matriz narrativa hegemônica que persegue, na composição de suas intrigas, mais uma vez, na ordenação dos personagens, na trama. A realidade vai se estabelecendo fortemente para pontos específicos de uma América Latina, se observada a estória da Argentina, simbolicamente isolada, em que as vozes em disputa têm impacto entre o nacionalismo e o setor financeiro internacional, aliado aos mercados no modelo neoliberal – cujo epicentro está nas grandes potências mundiais. Nesta perspectiva, toda ilha nacionalista deve ser condenada. Como o modelo da política comunista cubana, na região

do Caribe, os argentinos vão se tornando ilhéus na América do Sul, na visão de mundo do narrador.

Aos poucos, no nacionalismo, os cidadãos argentinos tornam-se “Ilhados e mal pagos” (3/10/2012, ed. 2289, p.84), diz *Veja*, no Título, com a presidente Cristina Kirchner sobre um pequeno banco de areia, ao lado da bandeira do país, com os braços cruzados, como se teimosamente quisesse se manter no pequeno cubículo político, em meio ao mar de possibilidades, em tempos de globalização.

A frase do poeta inglês, John Donne, serve como sentença para o governo: “Nenhum homem é uma ilha” (3/10/2012, p.84). O mesmo vale para uma mulher. Há muitos anos, quando Cuba era um mistério e não a miséria material e moral que se conhece hoje, os comunistas brincavam com os versos do inglês dizendo que ‘só Fidel Castro é uma ilha’ (3/10/2012, p.84). O narrador recorre mais uma vez ao símbolo do núcleo simbólico da região, com referência ao comunismo dos irmãos Castro, no sentido de aproximação à natureza da política da Argentina, com Cristina Kirchner, na configuração dos personagens, de maneira eficiente, nos enfrentamentos entre antagonistas e protagonistas. “Pois bem, com a presidente Cristina Kirchner a Argentina está se transformando numa ilha – um ponto isolado da comunidade financeira internacional – governada por autoridades cada vez mais repressoras” (3/10/2012, p.84-85).

Como estratégia, o governo nacionalista toma medidas para bloquear “[...] as liberdades individuais, como acesso à livre informação individual a bens de consumo e ao capital, sobre a justificativa de ‘salvaguardar’ a nação” (3/10/2012, p.85). As medidas do governo contra os mercados globais colocam a população em situação de sofrimento, pois as restrições somente aumentam nas compras em dólares, com uso de cartão de crédito, “[...] passando pelos investimentos nos setores de comunicação e de petróleo” (3/10/2012, p.85). A cada dia os cidadãos vão sendo bombardeados por propaganda oficial que os ameaça e, no mercado, a perda de emprego, como consequência da “[...] fuga de investidores estrangeiros e pela impossibilidade de importar insumos básicos para a indústria” (3/10/2012, p.85).

Os salários deterioram na ilha argentina de Cristina, com perdas de 25%, cujos índices de inflação são manipulados pelo governo – ponto de fundamentação do narrador, para confirmar a crise econômica no país, cujo resultado é a disputa do governo e os setores neoliberais pela estória. Como exemplo, o Carrefour fez acordo com o governo

para pressionar para baixo os preços de produtos da cesta básica. “Como os fabricantes não conseguem repassar para o consumidor o aumento do custo de produção desses itens, o desabastecimento é frequente” (3/10/2012, p.85), segue o narrador no fio da estória. No final, os supermercados passam a racionar a quantidade de itens para cada pessoa.

O *cacerolazo* continua na moda na Argentina. “Um ritual melancólico, encenado todos os dias às 8 horas da noite. No começo, parece inútil. Na Argentina, porém, quando os painéis se tornam rotineiros, é sinal de que alguma coisa vai acontecer” (3/10/2012, p.85). A rigor, os argentinos começam a se decidir pelo enfrentamento com o governo nas ruas, embora esta seja uma rotina nas narrativas do episódio. “Em dez meses, a aprovação do governo caiu de 65% para 35%. Perdida Cristina ataca o mensageiro. Na semana passada, o Grupo Clarín recebeu uma advertência pública direta” (3/10/2012, p.85). A presidente, em comunicado, disse que, até o dia 7 de dezembro, o conglomerado deverá se desfazer de parte de seus canais de TV e emissoras de Rádio. “O objetivo do governo seria fazer valer da lei de mídia *aprovada* em 2009, que proíbe empresas de comunicação de manter mais de uma emissora de TV na mesma praça, mas todos sabem que o grupo está sendo punido” (3/10/2012, p.86, grifo do autor). A empresa de mídias da Argentina, que compõe o núcleo dos protagonistas de *Veja*, a qual desde o início da narrativa, está ao lado de La Nación, na oposição política, desvela: “O real interesse de Cristina, portanto, é aumentar o controle da informação por a parte do governo, que já tem o controle autoritário de 80% dos canais de rádio e televisão do país” (3/10/2012, p.85). No país somente têm voz os jornais chapas-brancas, os que elogiam a presidente, cujos cidadãos são náufragos neste mar de informações, conta *Veja*.

A ilha começou a ser delimitada com a eleição de Cristina Kirchner, quando “[...] a presidente poderia ter corrigido o rumo do país reorganizando as contas públicas, reduzindo subsídios, atraindo investidores externos e desvalorizando a moeda nacional para conter a inflação crescente” (3/10/2012, p.86), no final, diminuindo o tamanho do estado. No entanto, “[...] em vez disso optou por aprofundar o populismo barato” (3/10/2012, p.86), avançando contra os cofres públicos, “[...] enchidos durante a gestão de seu marido Néstor, morto em 2010” (3/10/2012, p.86). Nessa perspectiva, o ex-presidente revela-se um protagonista de *Veja*, não mais aquele que fundou o populismo, o kirchnerismo, uma evolução do peronismo, mas quem encheu os cofres do governo.

Cristina Kirchner não está mais para o kirchnerismo, mas para o cristinismo, na ordenação do narrador dos personagens na trama, com atenção na diegese. Desse modo, depois de eleita, a presidente se lançou contra os mercados externos, restringido, sobretudo, negócios com a moeda americana e a saída de dólares do país. “Nem um prego sequer vindo de fora” (3/10/2012, p.86), mas com subsídios para transporte e eletricidade, aumentando o poder do estado. “O governo anunciou que, a partir deste mês, vai taxar em 15% o uso de cartão de crédito no exterior, praticamente a única forma de pagar as compras com câmbio oficial” (3/10/2012, p.86). Como resultado, setores importantes começam a perder negócios, como o imobiliário, com tradição em transações na moeda americana. “Nossos telefones não tocam, apesar dos anúncios”, conta dono de uma das maiores imobiliárias do país, o empresário Armando Pepe. Nem mesmo as livrarias escapam ao poder do governo na ilha. Os livros com impressão no exterior esgotam e não são repostos com as intervenções políticas. “Até o currículo escolar do meu filho precisou ser mudado por causa da restrição aos livros importados. Nosso governo quer nos perturbar de todas as formas”, fala a designer de interiores Solange Agteberg, que aparece no rodapé da narrativa, em uma grande livraria, em pose para *Veja*, com livro nas mãos (26,4cm/col.), na composição dramática do narrador. “Na ilha de Cristina, os cidadãos só leem o que ela quer”.

Na Argentina, “[...] o governo pretende enfiar produtos argentinos goela abaixo dos consumidores a qualquer custo, mas a população insiste no direito de escolher itens de qualidade” (3/10/2012, p.86). *Veja*, implicitamente, na narrativa dramática, retoma no imaginário do seu interlocutor a relação entre o estado nacionalista e o atraso tecnológico. As indústrias globalizadas, ao contrário, mantêm o avanço das inovações, obtendo, assim, a qualidade desejada pelos consumidores. Desse modo, a população recorre ao vizinho Uruguai, cruzando o Rio da Prata de balsa (3/10/2012, p.86).

Na ilha de Cristina, os produtos de marcas sumiram. “As grifes Escada, Armani e Yves Saint Laurent fecharam suas lojas no país. A unidade da Louis Vuitton encerrou as atividades na semana passada, e a Cartier vai abandonar Buenos Aires no fim de Outubro” (3/10/2012, p.87). Como conta o empresário Ricardo Morales, de 67 anos, “Nossa liberdade de compra foi desastrosamente violada” (3/10/2012, p.87). O personagem está perplexo, ao observar “boquiaberto [...] vitrine vazia da Louis Vutton, ao lado da esposa” (3/10/2012, p.87). Na sequência do enquadramento dramático de *Veja*, em destaque,

imagem (52,3cm/col.) de uma loja da empresa, no alto da página (3/10/2012, p.87), com suas vitrines, sem nenhum produto à mostra, com caixas fechadas para o transporte, fechamento. O objetivo do governo em estrangular o setor de luxos é “[...] evitar a fuga de dólares do país” (3/10/2012, p.87), fica muito evidente, descreve o narrador, o que atinge também empresas brasileiras. “As araras da nossa loja ainda exibem a coleção de inverno. Deveríamos já ter roupas de primavera, mas não conseguimos importar até agora” (3/10/2012, p.87), conta a gerente de expansão internacional da Osklen, uma marca brasileira de roupas, a argentina Ana Anavi, que revela a desistência do plano de abrir uma nova loja, no bairro de Palermo, na condição política atual do país. “Na ilha de Cristina os investidores externos são tratados como piratas, não como empregadores” (3/10/2012, p.87), escreve *Veja*, como agente político, com sua visão de mundo.

Na América Latina, o narrador configura os países protagonistas liberais, em detrimento dos antagonistas nacionalistas. Com a retirada de 90 bilhões do país, pelos investidores internacionais, “[...] a Colômbia ultrapassa a Argentina em atração de investimentos e terminará o ano como o segundo maior PIB da América do Sul, atrás do Brasil” (3/10/2012, p.87). Como descreve o ex-ministro da Economia, na gestão Néstor Kirchner, Roberto Lavagna, “[...] na segunda gestão de Cristina, o estado interveio mais fortemente na economia. Isso é ruim. O governo pode orientar, mas não dá resultados quando se põe a produzir. A Argentina tem inegável potencial, mas precisa de políticas públicas que transformem isso em realidade” (3/10/2012, p.87). O personagem, conta o narrador, foi o último ministro da Economia de fato. Os atuais “[...] obedecem a Cristina, que depende cada vez mais de fatores exógenos - o principal é a manutenção dos altos preços da soja e de outros produtos agrícolas de exportação - para financiar as contas da ilha” (3/10/2012, p.87). Na disputa entre governo nacionalista e mercado internacional, na configuração da fala do personagem, de redução do estado e promoção do neoliberalismo, escreve *Veja*: deveria ser “[...] epitáfio da ilha de Cristina” (3/10/2012, p.87).

Em essência, já no final do episódio, pontos fundamentais das narrativas desvelam o sentido de observar como surgem as intrigas para os acontecimentos (a inversão é proposital). Na perspectiva das vozes em disputas, há grupos que se definem como representantes dos protagonistas do narrador, de modo a obter poder para os confrontos contra a política de governo, a cada passo de medidas estatais, sobretudo na economia, como é o caso da Argentina, como escrevemos no início deste texto. As histórias estão

permanentemente em disputas, como se pode observar, com núcleos que se formam para os enfrentamentos, na configuração do imaginário social, considerando símbolos e estórias (que se somam às histórias, neste contexto). A realidade está nos movimentos dos personagens protagonistas, que evidenciam o poder de verdade, que é consubstanciado nas narrativas, nos signos imagéticos e textuais, com influência na cultura que se forma no tempo pretérito, cujas mudanças sendo decididas no presente e apontamentos de estórias para o futuro. A narrativa se torna, enfim, um processo que substancia a própria realidade política, que exige personagens e instituições, resultante em matrizes discursivas para hegemonia das metanarrativas.

Nesse contexto, o peronismo serve como protagonista contra o kirchnerismo, que, por sua vez, ganha status de importância contra o cristinismo. Para cada estória, os símbolos são isolados dos personagens ou deles se aproximam, em conformidade com o fio da narrativa, como é o caso da venezuelização. Como exemplo, Néstor Kirchner foi responsável por encher os cofres públicos, durante seu governo, amigo dos empresários aliados. O peronismo abriu o mercado, em tempo de crise, com o objetivo de reduzir a inflação, portanto, serve de modelo. No entanto, apesar da vitória de Cristina, no primeiro turno, com 54% dos votos, é antagonista, como defensora do estado centralizador, estatizante, que expulsa o setor financeiro e o mercado internacional. Os ministros se tornam antagonistas ou protagonistas, na composição da estória, como Kicillof, antagonista, que figura na disputa no governo pelo lugar de Néstor, agora, protagonista. Ex-ministro do kirchnerismo se transforma em agente da matriz narrativa, com direito a voz na oposição ao governo do cristinismo, sendo que, nesta narrativa, seguem os privilégios dos protagonistas, com 117 palavras e dos antagonistas, com apenas sete, de Cristina Kirchner.

No final, a cada passo, a América Latina, no imaginário social empreendido pelo narrador, se torna região dos países-ilhas, no enquadramento dramático de um mundo nas disputas políticas entre sul e norte, centro com sul, norte com centro e centro com periferia. As ilhas são inevitáveis, enquanto houver estórias, para uma população, vivendo num mundo de informações. Cada um escolhendo a sua ilha, enfim.

A rigor, o personagem antagonista de *Veja*, Cristina Kirchner, tem uma péssima notícia. A justiça argentina aceitou apelação do conglomerado Clarín, para não se desfazer de canais de comunicação, apesar da “[...] Lei de Mídia, aprovada em 2009, que limitam o

número de licenças de rádio e televisão a que cada empresa tem direito” (12/12/2012, ed.2299, p.84). O prazo para o Clarín apresentar a divisão dos seus canais de comunicação seria até a meia-noite do dia 7, como revelou a própria presidente, mas, no dia anterior, “[...] um tribunal de apelações declarou que até que se julgue a constitucionalidade da lei, ninguém é obrigado a fazer nada. A prepotência do governo foi, por ora, neutralizada” (12/12/2012, p.84).

“Ela parou na justiça” (12/12/2012, p.84), retrata *Veja* no título, apresentando Cristina Kirchner (15,1cm/col.), no rodapé da narrativa (12/12/2012, p.84), apontando sobre a mesa documentos que sugerem a Lei de Mídia, vestida de preto e histérica, como configuração frequente na narrativa. Logo acima, com destaque (30cm/col.), o Palácio da Justiça, ao fundo, havendo, em primeiro plano, cartazes criticando a data limite estabelecida em discurso pela presidente, o 7D, para o Grupo Clarín, o que não ocorreu, portanto.

E meio à disputa pelas estórias, nesse mundo de intrigas políticas entre governo da argentina nacionalista, na sua ilha, e os mercados mundiais, no mar da globalização, conta o cientista político da universidade de Belgrano, Orlando D’Adamo: “Nossa justiça é independente e pode impor limites. Ainda não somos a Venezuela” (12/12/2012, p.84).

Seguiremos adiante nesta análise, no entanto, alguns pontos merecem destaque, neste caminho. As narrativas de *Veja* sobre a Argentina demonstram claramente o *modus operandi* da formação de uma matriz narrativa hegemônica, a de estabelecer as disputas em favor do neoliberalismo, da ordem das grandes economias globais. Nessa perspectiva estão importantes países da Europa, como a Alemanha, a Inglaterra, a França, a Espanha. Nessa mesma linha de pensamento, os Estados Unidos, mantêm-se permanente e fundamental referência do narrador, de modo a dar tessitura a sua estória, para chegar a sua ideologia. Cujas metanarrativas se encerra na intersubjetividade de vozes definida habilmente. Na organização, contudo, tem forte presença os representantes da ordem global, como a OMC, Setor Financeiro e Bancos Centrais, que, na teia, formam os nós desse processo, que, com efeito, chegam às diversas partes do mundo, inclusive à América Latina. Todavia, retornaremos a essa questão mais adiante.

No que se refere ao campo simbólico, sobre este episódio, o acadêmico ganha grande importância discursiva na disputa, entre o estado do bem-estar social e o pragmatismo econômico mundial, de modo a construir lógicas sociais, cujo pensamento nas histórias tem como base este novo tempo determinante. As vozes que se sucedem na narrativa, como vimos, estão na composição de grandes empresas, que, embora nacionais, têm relações fortes com os mercados externos, formando-se, assim, uma rede de interesses e práticas, de modo a modificar o comportamento político do próprio estado, e, muitas vezes, de maneira arbitrária e autoritária. As disputas, como se nota, não são simples. Os narradores, nessa abordagem, passam a ganhar importância, como *Veja*, Grupo Clarín, La Nación, The Economist, entre outros tantos meios de comunicação. As disputas na política global, regional e local passam pelos mensageiros, que não somente transportam a mensagem, mas se inserem nela, como agente social, como tentamos demonstrar. A ilha, portanto, não é apenas um lugar isolado no mapa, mas a metáfora para as intrigas de um mundo que deve se formar como uma coesa aldeia, com delimitação de sentido cultural, econômico e político.

De fato, como no caso da Argentina, devemos observar que o processo é muito similar no enfrentamento à política global, no sentido de composição de sua narrativa, quando estabelece seus mensageiros, organiza sua historicidade, com seus símbolos, personagens e vozes, de modo que, no final, haja sentido, na ordem de pensamento nacional. Os poderes simbólicos e culturais são sempre levados em consideração para a ordem política, por vezes, como instrumento de legítima defesa, em batalhas sucessivas, com suas instituições políticas, econômicas e sociais. Uma ilha, cujas histórias podem representar mais do que uma vila, a globalidade.

Dessa maneira, fundamentalmente, a *matriz narrativa hegemônica* segue o seu curso natural, nas intrigas e disputas de um mundo com suas vozes, personagens e agentes institucionais simbólicos, entre heróis e anti-heróis. O mundo cheio de histórias, poder e representação sempre vai existir, afinal. Contudo, seguimos em frente com outras abordagens desta narrativa, com atenção nas vozes dos narradores, suas territorialidades e ideologias.

VOZES HEGEMÔNICAS DA NARRATIVA SOBRE A ARGENTINA

Ao longo da estória de *Veja* sobre o país da América Latina, a Argentina, verificamos a formação de uma matriz narrativa, com referência constante para a diegese configurada pelo narrador, de modo a sempre apontar para a defesa do modelo político e econômico neoliberal, em tempos pós-modernos e da globalização. Nesta análise, assim como o episódio anterior, torna-se fundamental compreender a origem das vozes, na estratégia de separar na trama os personagens que deem tessitura a essa teia de acontecimentos-intrigas, coerentes hegemonicamente com a proposta de *Veja*. Como já mencionamos, o Jornalismo se distancia da ficção literária, ao considerar que seus personagens têm suas vozes arregimentadas por conhecimento de grupos culturais e políticos, que, dessa mesma maneira, deverão estar relacionados com instituições e lugar de representação social. Entendemos, assim, que seja um agente da estória, mantendo relações com determinados discursos, concernentes à visão de mundo hegemônica, ou na busca de alternativa, para a política social e disputas ideológicas.

Assim sendo, quais as vozes dos protagonistas e antagonistas para composição política da Argentina? Nas disputas de poder, nas quais o narrador busca apoio ideológico para sua narrativa sobre a América Latina, para legitimar suas verdades e estabelecer poder para uma matriz narrativa hegemônica? Nesta seção devemos atentar, dessa forma, para os personagens das tramas de *Veja*, protagonistas e antagonistas, de modo a entender como efetivamente se dão as disputas ideológicas, culturais e políticas, envolvendo globalização, neoliberalismo e América Latina. Substancialmente, mantendo o olhar no episódio das narrativas sobre o país do Rio da Prata, a Argentina.

Inicialmente, nas 76,5 páginas da estória sobre a Argentina, na composição do poder político entre os narradores, o veículo leva considerável vantagem, ao compor sua narrativa, pois obteve, ao longo das análises, 67, 43% de espaço para descrever a diegese, com imagens, gráficos, boxes, desenhos e aquilo com que, de maneira direta, o seu interlocutor tem contato rapidamente no texto. O narrador-veículo, de fato, consegue dar ordem ao olhar do seu interlocutor, ao desvelar neste texto imagético, além de outros recursos, pontos fundamentais para a configuração da estória publicada, portanto, na ordenação de sentidos para o público – com repetições e afirmações permanentes na diegese.

Em seguida, o narrador-jornalista, na configuração de seu texto para a composição da estória, na maioria das vezes, está em contato com os personagens e locais em que as tramas se desenrolam no campo de ação, portanto, aquele que convive com o calor dos acontecimentos, vivenciando-o persistentemente. Nesta abordagem, com 28,71% do espaço no episódio para descrever a realidade observada, considerando sua cultura e lugar de pertencimento na sociedade, seu próprio *ethos* jornalístico, inserido nesse universo de informação, portanto, com seus valores.

Como terceiro nesta linha, muito importante na análise, o narrador-personagem, com apenas 3,86% dos textos analisados, que, no entanto, não deve ser avaliado como de pouco interesse na disputa de poder, pois, nas 2,97 páginas que obteve, ao longo da trama, ordenou pontos fundamentais da narrativa, dando suporte para os dois narradores anteriores, como protagonistas, ou enfrentando-os, no papel de antagonistas, portanto, legitimando ou deslegitimando grupos políticos, instituições e visão de mundo, como descrito ao longo da narrativa. Assim, os personagens são sujeitos da estória com pertencimento a diferentes ambientes políticos e econômicos da sociedade. Agentes sociais fundamentais na tessitura das narrativas, os quais legitimam verdades, poder e realidades, *Veja* organiza sua diegese e procura convencer o seu interlocutor sobre a política argentina, na ordem global. Portanto, a estória se relaciona com poderes desses narradores para o equilíbrio do sistema social, no qual a hegemonia para a narrativa é do veículo, como se pode observar no gráfico abaixo.

Tabela 12 – Divisão dos narradores em *Veja*

Narradores	Páginas	Porcentagem (%)
Veículo	51,6	67,43
Jornalista	22	28,71
Personagens	2,97	3,86

Nota: consideram-se 31 edições para 31 textos de *Veja*, em um total de 76,5 páginas analisadas.

Seguindo em frente, agora, especificamente sobre os narradores-personagens e suas vozes, torna-se importante observar as estratégias do narrador-*Veja* de configurar os personagens na trama, na composição da estória, permitindo, assim, efeitos de sentido. Sobre o episódio da Argentina, todos os personagens obtiveram, como espaço para suas narrativas, 2965 palavras (nas 76,5 páginas), cerca de três páginas, o que, no final, favorece

com ampla diferença os protagonistas, ou seja, aqueles com papéis principais, com poderes para estabelecer a verdade e a ordem social, muitas vezes, os próprios heróis da narrativa, com 87,1% de espaço. Os adjuvantes do protagonista, com 22,6%, elevam a participação desses personagens sobre o episódio da Argentina, na ordenação dos valores estabelecidos na narrativa, de modo a atingir o pano de fundo do narrador e as metanarrativas.

Na tessitura das intrigas nos acontecimentos, os antagonistas merecem, portanto, menos espaço, sendo que ficam com 21% e os seus adjuvantes com poucos 0,02%, demonstrando que *Veja*, no seu roteiro narrativo, dá mais importância, nas disputas, para os seus heróis e pouca expressão para aqueles que os enfrentam, na perspectiva de outra visão de mundo. Por certo, impede a pluralidade de vozes nas histórias, com suas diferenças ideológicas, na diegese política no episódio sobre o país da América Latina.

Desse modo, importante pontuar que os personagens do narrador nem sempre participam da história da mesma maneira e efetivamente, mas com vozes sendo reproduzidas a partir das referências nas intersubjetividades já estabelecidas e nos ecos de enunciados cristalizados na matriz narrativa hegemônica. Portanto, como verdades, na defesa de visão de mundo e com enfrentamento, na condição de agente político da narrativa.

Nesse sentido, considerando a divisão dos quatro narradores, separadamente, como se observa na tabela abaixo, considerando também tão somente o universo de textos (31), ou seja, independentemente da quantidade de palavras (vozes) dos narradores-personagem, os protagonistas levam vantagem, *com voz* nas histórias, em 87,1% e seus adjuvantes 22,6%. Nas intrigas, os antagonistas obtiveram 71% e seus adjuvantes 3,23%. A voz é de menos expressão para os anti-heróis de *Veja*, portanto, na produção narrativa, que se relaciona com as *palavras* expressas, torna a situação para os antagonistas ainda mais complicada, na defesa de seus argumentos e posicionamentos políticos, nas disputas, com menos voz nas narrativas e palavras.

Tabela 13 – Divisão dos personagens nas narrativas de *Veja*

Personagens	Palavras	Narrativas Com Voz	Narrativas Sem Voz
Todos	2965	31	31
Protagonistas	1938 (65,2%)	27 (87,1%)	4 (12,9%)
Adjuvantes- Protagonistas	367 (12,3%)	7 (22,6%)	24 (77,4%)
Antagonistas	623 (21%)	22 (71%)	9 (29%)

Adjuvantes- Antagonistas	7 (0,02%)	1 (3,23%)	30 (96,8%)
Neutros	51 (1,7%)	3 (9,68%)	28 (90,3%)

Nota: a quantificação por palavras, inicialmente, na primeira coluna. Posteriormente, na segunda e terceira colunas, a definição se dá por unidade, conforme o universo de 31 textos analisados, representando, assim, número de narrativas com voz e sem voz para cada grupo de personagens, separadamente.

Por sua vez, as *vozes neutras*, isto é, aquelas que não cabem nem do lado dos protagonistas, nem dos antagonistas, aparecem com apenas relatos de mensagens, sem visão ideológica explícita, com 9,68%, com voz. De fato, sem notoriedade, o que fica demonstrado serem estórias com participação política efetiva de narradores com suas ideologias explícitas nas narrativas, com margem de destaque para os protagonistas e sua visão de mundo, substancialmente.

Como consequência dessa abordagem, a quantidade de narrativas *sem voz* pende mais para os antagonistas, com 29% e seus adjuvantes, 96,8%, que, juntos, deixam de se expressar na estória de *Veja, sem voz*, enquanto do lado dos protagonistas, apenas 12,9% deixam de expressar e os seus adjuvantes, 77,4%, não têm voz nas narrativas. Isso demonstra que as disputas realmente ocorrem entre os considerados nesta abordagem como sendo os principais personagens; e os *neutros* com 90,3%, por sua vez, *sem voz* nas narrativas, apenas confirmam a tensão nas disputas políticas e ideológicas.

Em essência, há dois movimentos do narrador para a construção de sua narrativa hegemônica, na interação com seu interlocutor, nos enquadramentos dramáticos, ao longo das estórias: oferece mais espaço para os protagonistas, aqueles que reproduzem o pensamento do narrador, ou seja, compõe a visão de mundo estabelecida no seu *roteiro narrativo*, de modo a desvelar a realidade política da Argentina, com vantagens sobre aqueles que enfrentam o modelo neoliberal e os efeitos econômicos da globalização, com políticas dos grandes centros, como países da Europa e dos Estados Unidos, de maneira mais evidente. Ao mesmo tempo, dá menos espaço de voz para os antagonistas nas narrativas, definindo pontos de vista mais explicitamente dos heróis, nas disputas com os anti-heróis, nos acontecimentos-intrigas, no agendamento do semanário.

Poder simbólico dos personagens na narrativa

Como observamos em seção deste texto, nas estórias, os personagens é que emergem na tessitura das tramas, de modo a compor uma narrativa, a apresentar uma moral, um pano de fundo, não havendo, portanto, narrativas isentas ou inocentes. No jornalismo, os personagens dos acontecimentos notoriamente em disputas ganham conotações mais emblemáticas, em razão das intrigas para configuração da ordem social, e, conseqüentemente, de suas instituições, em um mundo político de possibilidades e interesses de grupos irmanados, para mudanças ou manutenção da ordem de poder. Certamente, disputas que nunca terminam, enquanto houver estórias e sociedade, com suas mediações, ainda mais em tempo de edificação de uma aldeia global, como parece ser a realidade com a comunicação que se expande.

Dessa maneira, na tentativa de mostrar os personagens em disputas nas estórias e observar de que modo se estrutura a narrativa hegemônica de *Veja*, separamo-los conforme gráfico abaixo. Importante destacar que a demonstração não é inequívoca e está permanentemente em transformação, assim como a matriz hegemônica, como descrevemos, se faz provisória, sofrendo efeitos da polifonia de vozes nos enunciados e cultura de seus agentes e interlocutores. Neste princípio, como estratégia de *Veja*, os personagens mudam de papel, permanentemente, seguindo o fio da narrativa, objetivando determinado fim ideológico. Contudo, alguns personagens da estória formam núcleos, com mais persistência, como heróis na diegese, como, por exemplo, os conglomerados de Comunicação Clarín e La Nación, que, como mensageiros das narrativas, no final, se tornam personagens políticos na trama, com funções de oposição, com permanente enfrentamento do governo nacionalista de Néstor e Cristina Kirchner. Personagens que, no obscurantismo dos partidos políticos, assumem como agentes e adversários privilegiados do estado, inclusive no cenário eleitoral tradicional, impondo-se efetivamente nas decisões institucionais.

Tabela 14 – Divisão dos personagens nas narrativas: heróis e anti-heróis

NA DIEGESE DA MATRIZ NARRATIVA HEGEMÔNICA	
PROTAGONISTAS	ANTAGONISTAS
<i>Conglomerado Com. – Clarín / La Nación / Globovisión e Outros</i>	<i>Cristina Kirchner</i>

Empresários/ Elite Rural	Nestor Kirchner
Repsol – Espanha	La Cámpora - Máximo Kirchner / Axel Kicillof
Estados Unidos	Guillermo Moreno
Europa – Inglaterra/ Espanha/ França	Elite nacionalista
Instituições globais - ONU/ OMC/ FMI/ Bancos	Juan Domingo Perón / Eva Perón
<i>Chile</i>	Che Guevara
<i>Colômbia</i>	Hugo Chávez
<i>México</i>	Fidel Castro
<i>Peru</i>	Salvador Allende
<i>Brasil</i>	Venezuela
	Cuba

Nota: a ordem não revela a quantificação dos personagens na trama, no entanto, o destaque para os grupos de mídia e elite econômica (protagonistas) e o casal Kirchner (antagonistas), no alto da tabela.

Nas tramas, em disputas como antagonista de destaque do narrador, está o grupo La Cámpora, formado por jovens, que busca maneira de enfrentar as histórias hegemônicas das mídias na oposição, como tentamos demonstrar na descrição das batalhas no terreno das narrativas. A juventude politizada ganha importância na Argentina, sobrepondo-se aos políticos tradicionais, nos seus embates, porém, com consequência na composição do Congresso e partidos políticos na oposição. A rigor, as histórias nas intrigas políticas compõem-se para as metanarrativas. Na sequência, os agentes globais, defensores do neoliberalismo, persistentemente inserem-se, como referência, na representação das ideologias de *Veja*, como OMC, FMI e ONU, enfaticamente. Como afirmamos, na introdução deste trabalho, os guardiões do sistema econômico global são responsáveis por regular as políticas nacionais, com enfrentamento contra o estado, com viés nacionalista, o qual obtém apoio popular nas decisões, que culminaram em pontos de viradas da história. Nessa perspectiva, a estatização da YPF, da Repsol espanhola ganha destaque, com ênfase, no sentido de estabelecer uma ordem econômica com menos participação estatal, burocracias e intervenção nas empresas e consolidação simbólica de poder. Não seriam de estranhar os destaques para países da Europa e Estados Unidos nas narrativas de *Veja*, como aqueles que promovem novas relações comerciais, em conformidade com um mundo sem fronteiras e sem regras burocráticas nacionais, para o capitalismo global.

Seguindo a matriz narrativa, em análise dos personagens de *Veja*, o protagonismo de países latino-americanos, como o Chile, o Peru, o México, a Colômbia e o Brasil

ganham evidência, efetivamente, como referência, na ordem narrativa. O que torna a América Latina, nesta abordagem, sempre conforme o episódio Argentina – porém, se revela persistente na estória da mídia – uma divisão entre os neoliberais e nacionalistas, o que não quer dizer, de fato, de esquerda, ou comunista, por vezes. Portanto, a Argentina, a Venezuela, Cuba, a Bolívia e o Equador se revelam contraditórios em relação à matriz narrativa do narrador, com medidas heterodoxas na economia, nas decisões políticas. As instituições desses países, assim como suas estratégias de estado, passam a merecer a função antagonista, nas disputas dos acontecimentos-intrigas, que sucedem, ao longo da narrativa.

Cabe ainda, ressaltar que nem sempre são personagens com voz, mas com ampla força simbólica, capaz de dar sentido ao mundo, à política e à forma de pensamento de uma região e estado. Sobretudo da proximidade com as culturas locais, com representação e poder nas decisões sobre as instituições sociais, apesar das disputas com agentes da política externa. No episódio da Argentina, Cristina Kirchner, entre derrotas e vitórias na política, se mantém com hegemonia na condução do país, sempre nos enfrentamentos com seus adversários e suas estórias – com embates sucessivos e tensos. Um universo narrativo em que as vozes e o poder simbólico de representação se inserem na formulação da realidade, a qual não cessa de ser construída e acrescida, em conformidade com novos tempos e agentes sociais.

Territórios da matriz hegemônica

Em razão das estórias de *Veja*, que apresentamos, ao longo deste trabalho, parecemos evidenciar-se grupos de personagens, o que, por vezes, chamamos de núcleos de poder simbólico, os quais têm capacidade de intervir nas narrativas, diante de sua representação. Como escrevemos no episódio anterior são vozes de personagens com vínculos institucionais e, por isso, têm papel paradigmático na narrativa, como protagonistas e antagonistas, em conformidade com a diegese do narrador. Desse modo, como afirma Thompson, com capacidade de agir para alcançar objetivos, assim de intervir no curso dos acontecimentos (1988, p. 21).

Como se pode notar na tabela 15, personagens fundamentais para a composição da matriz narrativa do semanário, que não se resume no protagonismo dos setores

econômicos, simplesmente, mas no poder simbólico de instituições paradigmáticas, como academia e grupos de comunicação midiática. Assim, esse núcleo da narrativa merece como vozes dos protagonistas, 957 palavras e antagonistas, 167, ao longo das narrativas, nas 76,5 páginas preenchidas pelos narradores. São personagens que, ao longo da trama, ganham evidência pela sua condição de estabelecer a ordem, confrontar verdades e historicidades, em momentos de tensão e desequilíbrio, em conformidade com um consenso discursivo, que está impregnado na matriz narrativa de *Veja*.

Como referência, no entanto, aos enfrentamentos, está o campo político, no qual a diferença entre protagonistas (662) e antagonistas (435) é menor, embora, como estratégia, haja vantagens para o protagonista da estória, mas em permanente tensão. Como notamos, é nesse espaço que está a maior referência sobre o poder dos antagonistas, como as disputas com Cristina Kirchner e seus aliados políticos, na arrumação de uma ordem pressuposta hegemônica nacional e regional. Desse modo, o campo da ciência ganha importância de classificação e sistematização do mundo, em tempos pós-modernos - o que pode ser uma tradição, ao longo dos últimos séculos, o da modernidade.

Tabela 15 – Vozes dos personagens, em conformidade com instituições que representam e sua legitimidade.

Poderes institucionais	Adjuvantes Prot.	Protagonistas	Neutros	Antagonistas	Adjuvantes Ant.
<i>Empresário - Econômico</i>	<i>157</i>	<i>320</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>
<i>Político</i>	<i>0</i>	<i>662</i>	<i>0</i>	<i>435</i>	<i>0</i>
Judiciário/Militar - coercitivo	<i>0</i>	35	0	19	0
<i>Academia/Simbólico</i> ⁶⁷	<i>105</i>	<i>852</i>	<i>51</i>	<i>116</i>	<i>0</i>
<i>Intelectuais</i>	<i>0</i>	<i>258</i>	<i>13</i>	<i>0</i>	<i>0</i>
Economistas	<i>35</i>	<i>248</i>	<i>15</i>	<i>45</i>	<i>0</i>
Historiadores	<i>0</i>	<i>192</i>	<i>0</i>	<i>0</i>	<i>0</i>

⁶⁷ Como pontos de elucidação da divisão deste tópico “Academia/Simbólico”, os intelectuais são aqueles com relação ao meio acadêmico, como pesquisador, professor, escritores ou mesmo aqueles que se relacionam com instituições educacionais ou pesquisa. Os economistas, efetivamente, aqueles que têm formação na área ou exercem esta atividade. Os historiadores têm papel importante em razão da definição das histórias sobre a região, estabelecendo esclarecimento sobre os processos históricos, que assim como as narrativas pressupõem relações ideológicas, e ganham importância na historicidade da América Latina e seus personagens e influência na estória. A mídia, por ser uma instituição sensível na região, não somente para Cuba, mas para outros episódios das narrativas de *Veja*. Outros, quando não se consegue evidenciar os limites institucionais na personalidade do personagem de *Veja*. Neste contexto da narrativa este último não aparece.

Mídia	0	154	8	5	0
<i>Outros</i>	70	0	30	66	0
ONGs	0	0	0	2	0
Populares	105	69	0	21	7
Outros	0	0	8	68	0

Cabe ainda pontuar sobre os personagens *populares*, que servem de representação, no sentido de legitimar condições de vida, em tempos de disputas políticas, ideológicas e econômicas, sendo que os personagens protagonistas mereceram 174 palavras, enquanto os antagonistas 28, no total, em contraposição aos personagens anti-heróis, portanto, ainda que haja o apoio popular para líderes políticos regionais, antagonistas da estória de *Veja*, com eleições sucessivas, como o casal Kirchner e Hugo Chávez.

Finalmente, com referência ao território e ao poder simbólico dos personagens de *Veja*, no episódio da Argentina, parte significativa dos agentes da estória vem da América Latina, onde ocorrem as disputas políticas, objeto de análise deste texto; no entanto, segue o privilégio para os protagonistas, com 1551 palavras e seus adjuvantes, com 333, quantitativamente, com 1884 palavras. Por sua vez, os antagonistas assumem na narrativa 623 palavras e seus adjuvantes, 7. Desse modo, seu único lugar na geopolítica de vozes na estória de *Veja*. Os personagens que não assumem ideologia na narrativa, os chamados neutros, obtêm 51 palavras, por sua vez. Como se observa na tabela 16, as disputas com personagens da política latino-americana ficam circunscritas às representações institucionais da região, o que não ocorre do lado dos protagonistas com mais cosmopolitismo, característico da matriz narrativa hegemônica de *Veja*, com outros territórios, origens das vozes, como os grandes centros mundiais.

Tabela 16 – Divisão dos personagens das narrativas de *Veja* por regiões, com referência ao poder e legitimidade global.

Regiões	Adjuvantes-Prot.	Protagonistas	Neutros	Antagonistas	Adjuvantes-Ant.
<i>América Latina</i>	333	1551	21	623	7
<i>Brasil</i>	0	191	30	0	0
Estados Unidos	0	75	0	0	0
Europa	9	90	0	0	0
Outros	34	31	0	0	0
Total de vozes estrangeiras	367	1938	51	623	7

No que se refere ao *Brasil*, com importância política na região, como discutimos anteriormente e observado na narrativa, os personagens com representação institucional têm papel de protagonistas, com 191 palavras, ou, então, de neutros, com 30. Estrategicamente, na narrativa de *Veja*, não há vozes brasileiras, mesmo institucionais contraditórias sobre a visão nacionalista da Argentina, com vantagem para o poder do Estado na regulação política da economia regional. Na realidade, como visto na narrativa, o país merece *status* de país exportador, seguindo a matriz hegemônica, condizente com o neoliberalismo global. Rapidamente se observa um Brasil com tendência ao poder político, com intervenção nos vizinhos, de maneira a estabelecer relações de domínio, com amplas vantagens na exportação, como no episódio sobre a Argentina.

Na sequência geopolítica, as vozes de *Veja* têm origem na Europa, com 90, para os protagonistas e 9, para seus adjuvantes, aqui se destacando a reprodução constante dos enunciados do inglês John Maynard Keynes (1883-1946), o qual o narrador estabelece para o seu interlocutor do keynesianismo de Estado, de modo a compor, como discurso, na Argentina, para a superioridade das instituições privadas, que, na crise econômica, torna-se imprescindível na proteção estatal e não o contrário. Entre outros personagens com ecos na narrativa, está o também inglês, então, primeiro ministro, Winston Churchill, na referência ao estado britânico e sua representação política e econômica mundial.

Os Estados Unidos fizeram-se representar com suas instituições democráticas, como sendo da Sociedade Interamericana de Imprensa, com papel importante na disputa entre governos latino-americanos, com os conglomerados regionais pelas histórias políticas publicadas nos veículos regionais, agentes da oposição, na narrativa de *Veja* – além das vozes de agentes do FMI. De fato, efetivamente, o país da América do Norte se torna personagem de poder simbólico, com permanente representação na matriz narrativa do semanário brasileiro, sem, no entanto, sequer apresentar vozes de personagens, apenas como ponto de comparação, que fundamenta o enquadramento dramático, de modo a gerar sentidos para a diegese, na comparação com as nações de economia em desenvolvimento da região, fechadas em suas ilhas nacionalistas.

Por fim, outros tantos personagens protagonistas (34), como seus adjuvantes (31), mereceram vozes, aos quais não sendo possível encontrar, por certo, um território de referência, entrando para os neutros, porém, pertencendo ao núcleo dos personagens principais, ao lado dos heróis da narrativa.

No encerramento deste episódio, devemos reforçar alguns pontos fundamentais das análises, de que embora haja a formação de núcleos de personagens estratégicos para narrativas hegemônicas, nas disputas, elas permanecem sendo provisórias, em razão das relações culturais, seja de um país, ou regionalmente, no processo comunicativo, com suas especificidades e significações. Na Argentina, os resultados políticos nem sempre favoreceram os interesses econômicos globais no terreno político, pois, no final, desde 2003, a família Kirchner se mantém no poder do Estado, apesar das disputas com a oposição e interesses de grupos com representações institucionais paradigmáticas. Quando se pensou que, em razão das crises com grupos opositores com *cacerolazo*, nas ruas das principais cidades do país, haveria alternância de poder, a presidente se reelegeu, de maneira surpreendente, em primeiro turno, com 54% dos votos, em 2011.

As histórias, portanto, não têm apenas um narrador em atividade, mas outros que se somam à política de um país, com intervenção dos poderes locais, nas comunidades, nas relações cotidianas, com ampla relação nas coletividades, que resultam em experiências sociais. No final, o pensamento único de uma matriz narrativa hegemônica insistentemente insere-se nos meandros das sociedades modernas, nos conglomerados de comunicação, mas sua eficácia está na condição de exigir disputas e novas histórias, de maneira sucessiva. Não somente o narrador-*Veja* tem sua missão na intersubjetividade, numa ordem de pensamento, mas a tendência dos povos de uma única aldeia é de trocas mais evidentes de informação, para acontecimentos-intrigas, disputas, representações. Para mais jornalismo e suas histórias, no final.

CONCLUSÃO

A análise sobre a América Latina desenvolvida nesta pesquisa buscou, desde o princípio, a compreensão de como o Jornalismo brasileiro retrata a política da região, considerando como ponto fundamental as transformações sociais nesse tempo pós-moderno, de informação, globalização, mercados e neoliberalismo. Se a proposta inicial seria envolver a maioria dos países latino-americanos, devido à complexidade das abordagens, e, por conta do espaço para tais reflexões, resultou finalmente, nas narrativas de Cuba e Argentina. A rigor, duas nações distintas na inserção global, no que se referem, sobretudo, à cultural, política e conectividade com os centros econômicos internacionais.

Assim, a análise crítica narrativa passou a ser o método pelo qual permitiu compreender as estratégias dos narrados (veículo, Jornalistas e personagens), no sentido de construir a ideologia política regional mediada, de modo a formar a opinião pública sobre a realidade latino-americana, na contemporaneidade.

A revista *Veja*, do Grupo Abril, tornou o recorte da pesquisa, com suas reportagens sobre a América Latina, entre os anos de 2008 e 2012. Semanário brasileiro com destaque em seu segmento no Brasil, com grande influência na política nacional e importância na agenda midiática regional e internacional. Desta maneira, o objetivo se fez ordenar a histórias publicadas pelo veículo paulista, em forma de reportagem, com atenção na performance dos narradores e definição da realidade política da região. A atenção se voltou na pesquisa para a construção de uma matriz narrativa, com seus núcleos simbólicos e disputas entre os personagens, nas intrigas sucessivas em dois episódios. Nessa abordagem, entender na perspectiva do leitor, a visão de mundo que se delimita na perspectiva da cultura, economia e composição da identidade dos latino-americanos, na controversa pós-modernidade.

A rigor, a globalização, ao longo do tempo, se afirma como um conceito complexo, sobretudo quando todos, potencialmente, interagem pela comunicação. No entanto, pode ser também apenas o universo das narrativas, com seus personagens, numa intersubjetividade consensual, que se forma para a determinação de modelos sociais. Compreendemos aqui que as mediações, assim como os enunciados, levam consigo significados, ideologia e poder. Desta maneira, por sua vez, uma matriz hegemônica narrativa se faz o epicentro de uma esfera pública para a formação de conhecimento,

pensamento, cultura e política, estabelecendo valores, transformações de costumes e tradições. Por certo, não é um campo sem lutas, mas de disputas sucessivas. Porém, os narradores podem, no final, com suas estratégias de desvelar o mundo, com suas raízes e modelos, estabelecer visões que delimitam a própria realidade. Contudo, os consensos, sendo configurados, não se efetivam rapidamente, como um passe de mágica, perante espaço de intrigas e acontecimentos que retratam os desequilíbrios. No entanto, as vozes que agem no processo das narrativas, passam por uma roteirização do narrador que busca soluções, no sentido de avançar a estória rumo ao futuro. Seria possível, neste ponto, afirmar que a globalização está na ordenação do imaginário pela narrativa? Por certo não. Todavia, ideologia e poder se interagem com vozes e comunicação, de modo a compor cenários para narrativas, relacionando ficção e realidade.

Apenas como hipótese, o narrador-*Veja* talvez nem seja o único a retratar, em suas narrativas, as vozes que ordenam a América Latina. Afinal, as instituições que aparecem nessas análises são reconhecidas mundialmente e com força simbólica de representação para uma sociedade complexa e que precisa buscar o equilíbrio, ordem, mediante desequilíbrios e conflitos persistentes. Desse modo, a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI), setores financeiros internacionais, Comunidade Europeia e os Estados Unidos têm grande importância nos tempos modernos de mais comunicação, de narrativas midiáticas, como observamos nos episódios de *Veja*. A configuração do narrador não é simplesmente a definição de uma estória, que, longe da inocência de seus enunciados, faz emergir imaginários e transformações, nos diversos interlocutores e agentes sociais. A ordenação se revela uma estratégia de poder, de modo que os narradores se inserem nessa realidade, a partir de sua representação, o que os torna seres dotados de intersubjetividades e formas simbólicas. A escolha, portanto, dos personagens da estória, como afirmamos, não é aleatória, mas configura-se previamente, de modo a coordenar os desequilíbrios, nos momentos dramáticos da narrativa, neste caso sobre a América Latina. No entanto, após a desordem, o equilíbrio significa pontos de viradas, transformações, para as disputas que continuam.

Assim, devemos retomar as análises desta pesquisa, a qual sucessivamente tenta percorrer sobre a polifonia das vozes, na sociedade da comunicação, impregnadas nas estórias, no processo de configuração dos consensos. No entanto, como os acontecimentos-intrigas existem permanentemente, revelando desajustes, que exigem reparos e equilíbrio,

o narrador segue na sua missão de desvelar a realidade, na relação com seus personagens, conforme escolhas sistemáticas, que, na interação, busca suas ideologias e metanarrativas, na organização e reordenação de seus enunciados e discursos. Desse modo, como observamos sobre a América Latina, na composição das intrigas, os protagonistas sempre obtiveram maior espaço para expressar suas ideias. Os antagonistas, por sua vez, quase sempre são atacados na sua postura política, sendo deslegitimados de seu poder simbólico, ao longo da textualidade. Fidel Castro e Cristina Kirchner não compreenderam que o mundo mudou, na visão do narrador, e que, assim como o comunismo, o socialismo, o nacionalismo e mesmo o estado do bem-estar social não servem como modelo de desenvolvimento social, na globalização. Como desvela *Veja*, o neoliberalismo seria o caminho seguro para o progresso, a democracia, a igualdade, as riquezas, e permitiria fundamentar e defender os direitos humanos.

Nesta abordagem, *como estratégia* de composição das narrativas, os protagonistas são legitimados para exercer seu poder de dizer, com mais palavras e, ao mesmo tempo, mais espaço nas histórias. Nas disputas, os antagonistas, no enfrentamento ideológico da matriz narrativa do narrador, deslegitimados por seus ideais, têm menos voz, quantidade e frequência de palavras para se expressarem, no desenrolar das tramas. Uma forma de *Veja* impor, manipular o imaginário do interlocutor, da própria sociedade? Não devemos deixar de observar que há outras histórias, com seus personagens e configurações das intrigas, de modo que, a cada passo, os narradores interagem, disputam nesse debate de confronto e ideologias. Contudo, *Veja* ordena suas narrativas, tecendo sua teia, buscando referência não somente nos agentes da história, mas retomando o inconsciente de seu interlocutor para fragmentos de histórias narradas, fundamentalmente no passado, de modo a lhes dar tessitura no presente e lançar os fios da diegese para o futuro, distante, ou mesmo, mais recente. Assim, no fio da história, abarca a política da América Latina, colocando-a numa trama maior, de modo a institucionalizá-la para a ordem das metanarrativas em consenso.

Em contrapartida, os países também se dividem nessa perspectiva, sendo que, na região, a política cubana de Fidel Castro mantém relação com outras nações, com suas histórias, certamente em contraposição à matriz da narrativa de *Veja* que se propõe hegemônica, daí um personagem importante na tessitura, mas do lado dos anti-heróis, cujo protagonista mais evidente são os vizinhos Estados Unidos e os vários dissidentes políticos da ilha nacionalista e comunista. No mesmo grupo, está a presidente argentina Cristina

Kirchner, em enfrentamentos sucessivos com o conglomerado de comunicações, o Clarín. Nas disputas acirradas, o próprio narrador assume o seu papel no consenso narrativo e defende os protagonistas, como se observou no curso das histórias do personagem midiático argentino – um agente fundamental na trama do narrador, quando o assunto é Argentina, ou, mesmo, o nacionalismo. Um cenário no qual os protagonistas não são efetivamente evidentes nas narrativas, mas sustentam simbolicamente o modelo político, para uma realidade pós-moderna, em conformidade com a fluidez econômica de um mundo sem barreiras.

Embora nas tramas os personagens mudem de lugar, na configuração das narrativas, seguindo o fio da diegese e seus valores, na América Latina, poucas mudanças se mostraram nesse quadro de agentes, sendo que a cada momento, na sequência da história, os mesmos personagens antagonistas para os mesmos e novos protagonistas, relacionando-os a determinadas instituições, cuja origem está nos Estados Unidos e países europeus, com hegemonia para a Inglaterra e a Espanha, nesta análise. Na narrativa de *Veja*, o Brasil e Lula são representações distintas, como notamos, pois, enquanto o presidente-personagem estava no caminho equivocado, ao apoiar a política do castrismo, a nação mantém-se embalada pela ordem dos centros econômicos, em conformidade com a matriz narrativa, com direito a alegrar-se na onda dos mercados globais e setores financeiros internacionais. Assim, nas disputas, os personagens antagonistas reconhecidos podem criar novos modelos políticos e econômicos nacionais, alternativos. Portanto, configurados como antagonistas, na disputa com o modelo econômico sem fronteiras de *Veja*. Em regra, na América Latina, o Chile, o Peru, o México e a Colômbia, ao lado do Brasil são agentes integrados ao mundo moderno do narrador. No entanto, Cuba, Venezuela, Bolívia e Equador estão do lado dos antagonistas, cujos governos são de esquerda, socialistas e formam um núcleo rival nas histórias do semanário. Não seriam sem razão os estereótipos que surgem implícita e explicitamente, caracterizando os antagonistas, no enquadramento dramático: sem consciência, mentiroso, maquiavélico, do atraso, fantasma, sem pudor, infantil, autoritário, etc.

Importante, notar que nem sempre os personagens com voz são os mais importantes, pois o poder simbólico das instituições e países da ordem global ganham notoriedade e potencializam os enunciados e verdades estabelecidas. Nessa perspectiva, está a repetição frequente de *Veja* sobre a hegemonia de poderes globais, como os Estados

Unidos, a Espanha, a Inglaterra, além de seus aliados, nas disputas neoliberais, como a França e a Noruega. A rigor, a narrativa arrasta ecos de vozes, ou seja, enunciados de personagens de poder simbólico reproduzido como fundamentos das narrativas, considerando suas vozes em outras estórias, de modo a dar tessitura às metanarrativas para a ordenação da realidade.

Substancialmente, a academia tem fundamental importância na diegese de *Veja*, a legitimar suas estórias, sobretudo, quando há disputas com outros personagens, os quais têm representação simbólica, de modo a convencer o interlocutor da competência e da capacidade de afirmar e revelar, na estória, outras realidades, no confronto com a matriz do narrador. No geral, para esta ordem narrativa, as instituições acadêmicas se tornam fundamentais na organização do universo do narrador, nas análises dos dois episódios, quando, na configuração narrativa, forma o grupo dos protagonistas. No enfrentamento, como estratégia do narrador, não há relevância para a quantidade de vozes da *inteligência*, no grupo dos antagonistas, nos episódios sobre a América Latina.

As luzes, nesse contexto da pesquisa, estão para a política, lugar em que as disputas são mais tenazes, por isso, a maior quantidade de vozes, com semelhança quantitativa, apesar de privilégios para os protagonistas. Contudo, são em menor quantidade os personagens antagonistas para mais diversidades de vozes para os protagonistas. Assim, dois pontos importantes: uma maioria se posiciona sobre um ponto de vista, com sinergia à matriz narrativa, enquanto, na defesa de outras ideologias, alguns personagens estereotipados nas narrativas, no enfrentamento no fio da estória. Como se vê, as estratégias do narrado são permanentes e determinantes.

De fato, nesta abordagem há composição de núcleos de personagens protagonistas, como grande parte de conglomerados de comunicação, com destaque na Argentina, para Clarín e Lación, além de outros veículos de comunicação nos acontecimentos-intrigas. Fazem parte da estória da Argentina, grupos de elites que defendem abertura comercial, dispendo contra o governo nacionalista do país, com populares nas ruas com as caçarolas nas mãos, em protesto, na defesa da política de dependência econômica, como analisamos no início desta pesquisa. Externamente, há ordens institucionais globais, que, mesmo sem voz, desvelam efeitos de enunciados de punições e premiações, nas estórias de *Veja*, de modo a controlar os ímpetus dos personagens antagonistas e favorecer os protagonistas.

Mas não é só, Cristina Kirchner faz parte de outras narrativas, de grupos de jornais mantidos pelo estado, controlado pela La Cámpora, formada por jovens, com determinação e força política, além das elites nacionalistas, sobretudo os pequenos empresários. Numa perspectiva externa, a Venezuela se mostra um personagem com postura ao lado do governo argentino, assim como a elite política cubana, como agentes organizados na defesa de seus ideais. Vale ressaltar a própria intervenção do governo argentino na configuração da história (com h), no sentido de reordenar as suas narrativas, na disputa, inclusive com as histórias de *Veja*. As intrigas, no território das próprias histórias, na configuração dos heróis nacionais, seus símbolos, com efeito sobre a globalização e personagens da ordem global.

Em Cuba, o processo tem semelhança, quanto aos núcleos de poder simbólico, com Hugo Chávez, como importante na política de resistência ao modelo neoliberal e matriz de *Veja*. Merece destaque a estratégia do semanário brasileiro da deslegitimação das vozes dos jornais cubanos, estatais, de maneira intensa, estratégica e determinada. A busca insistente do narrador é pela inserção das novas tecnologias, com suas vozes externas, no apoio aos dissidentes que enfrentam o governo, e se tornaram, por isso, os mais importantes protagonistas de *Veja*. Dessa forma, os antagonistas, de fato, são os irmãos Castro e aqueles que publicamente os defendem, como Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, além do presidente venezuelano. Nas narrativas, na composição da diegese, não se dispensa sequer símbolos religiosos para esta finalidade, como protagonista do narrador.

A configuração das narrativas substancialmente passa por esse processo dramático, necessário à concepção de mundo, no qual, como se pode perceber nas análises, ocorrem ininterruptamente, ao ponto de as disputas acontecerem no âmbito da própria história e seu direito de compor os personagens e configurar as intrigas. Desse modo, os heróis mudam de lugar para as narrativas, de núcleos em disputas, cuja finalidade é a construção da realidade. A América Latina tem sua história e personagens para suas narrativas, com representação simbólica e ideologias. A mediação não se torna simples na tessitura dessa teia de narrativas, que exige significados e sentidos para o interlocutor no seu cotidiano. Além do que os próprios narradores carregam para suas histórias sua cultura e seus *ethos*, de modo que veículo, jornalista e personagens, nem convivem com o mesmo universo, mesmo que defendam ideais semelhantes, ou politicamente satisfaçam um consenso hegemônico.

A política, portanto, passa pelo crivo institucional; suas vozes, nas estórias dos narradores, em tempo de neoliberalismo se inserem na diegese, em busca, sobretudo, de poder. No final, as narrativas do Jornalismo fazem parte das disputas, num mundo complexo, com efeitos sistêmicos sobre a América Latina, relacionando passado, presente e se lançando para o futuro, com suas estórias, personagens, vozes, poderes, ideologias e realidades.

O que sobressai, no que se refere à metanarrativa de *Veja*, resultante fundamentalmente na construção da realidade, mas não dito explicitamente? América Latina tem como único caminho para atingir seus objetivos, de liberdade, democracia, desenvolvimento econômicos, a transformação cultural para acessar a fluidez de um mundo conectado pelo poder hegemônico. Portanto, fora desta realidade a política será sempre um sonho de fracasso e incompetência, nos seus resultados históricos, por vezes um pesadelo a ser negado com insistência pelas vozes de agentes sociais “esclarecidos”.

Os heróis e símbolos do passado não conseguem dar conta das novas propostas de uma sociedade verdadeiramente na pós-modernidade, com novas tecnologias de integração para o consenso discursivo. O caminho como revelados nas estórias é de pleno êxito, desde que aceitemos a verdade estabelecida pelos grandes centros econômicos mundiais, que notoriamente atingiram, ao longo do tempo, o desenvolvimento almejado e idealizados pelas mentes mais brilhantes. Sem dúvida, a abertura de mercados para as potências internacionais está ainda muito distante desse projeto histórico regional, de integração de nações para o atraso e políticas esquerdizantes. Devemos pensar para frente, para o futuro, como está escrito nas reconhecidas obras de singulares e talentosas vozes das academias e mídias internacionais, os núcleos simbólicos globais.

A questão que se hegemoniza, desta maneira, é o controle ideológico para uma organização sistêmica, por meio de uma matriz narrativa, com forças institucionais, levando prioritariamente em conta o poder político e econômico, na globalização. A rigor, como descreve Foucault, “o importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo” (1979, p. 12), portanto. Pesa sobre a política Latino-americana, na metanarrativa de *Veja*, uma única realidade jamais dita: não se pode acreditar em liberdade social fora da legitimidade de uma ordem política, de uma matriz hegemônica de poder, sobretudo na contemporaneidade, mesmo que haja, no final, a decisão de nações inteiras. Pois, assim está posto e as instituições confirmam a cada dia,

eis a verdade e o poder, para a construção política e social latino-americana. Resistir significa estar na contramão da história que aponta para o futuro da evolução humana, sem regionalismo isolado.

Finalmente, as disputas e intrigas estão na ordem ideológica, nas estratégias narrativas, de poder simbólico. O jornalismo na pós-modernidade ganha importância sublime e se faz indispensável nesta organização global, com suas vozes, legitimidade e definição de territorialidade nas disputas, que se consolidam nas determinações de verdades mediadas. Contudo, a ordem desta matriz hegemonia narrativa desvela-se provisória, considerando com ênfase a dinamicidade das histórias, numa referência com o tempo, experiências e significados, enfim, na relação com o outro e coprodução de sentidos.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Maria Fernanda Lopes. *Veja Sob Censura: 1968 – 1976*. São Paulo: Jaboticaba, 2009.
- ARRIGHI, Giovanini. *O Longo Século XX*. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BOMFIM, Ivan Elizeu. *Latinidade: a América Latina pelas páginas de Veja e Carta Capital*. Acesso: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bomfim-ivan-latinidade.pdf>. Acessado em fev. 2015.
- BORON, Atílio A. *O Socialismo no Século 21*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 14ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- CALZELOTO, Edilson e PRADO, José Luiz Aidar. *Tecnologias Digitais na Revista Veja: a construção de um futuro despotencializado*. E-compós, Brasília, v.17, n.1, jan./abr. 2014.
- CANCLINI, Néstor García. *A Globalização Imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2007.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Latino-americanos à procura de um lugar neste século*. São Paulo: Iluminura, 2008.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina; ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CAVALCANTI CUNHA, Maria Jandyra, A narrativa jornalística em testemunho. In: MOTA, C. M.; MOTTA, L. G.; CUNHA, M. J. C. *Narrativas Midiáticas*. Florianópolis: Insular, 2012, p. 117-138.
- CONTI, Mario Sergio. *Notícias do Planalto: a imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- DAGNINO, Evelina; Olvera, Alberto J.; PANFICHI, Aldo (orgs.). *A Disputa pela Construção Democrática na América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia*. São Paulo: Unesp, 1997.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Globalização e Identidade Cultural na América Latina: a cultura subalterna no contexto do neoliberalismo*. São Paulo: CELACC, 2008.

- FIORI, José Luíz. *O poder Global*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 10ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREDRIGO, Fabiana de Souza. *Guerras e Escritas: a correspondência de Simón Bolívar (1799-1830)*. São Paulo: Unesp, 2010.
- GENETTE, Gérard. *Fronteiras da Narrativa*. In: BARTHES, Roland (et.al.). *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere, Volume 2*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- IANNI, Octavio. *A Era do Globalismo*. 11ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- JOSÉ, Emiliano. *Imprensa e Poder: ligações perigosas*. Salvador: EDUFBA, 1996.
- KATZ, Claudio. *Singularidades da América Latina*. In: MATTEI, Lauro (org.). *América Latina no Limiar do Século XXI*. Florianópolis: Insular, 2011.
- KRAWCZYK, Nora Rut; WANDERLEY, Luiz Eduardo (orgs.). *América Latina: estado e reformas numa perspectiva comparada*. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- LADEIRA MOTA, Célia Maria. *A narrativa semiótica da imagem*. In: MOTA, C. M.; MOTTA, L. G.; CUNHA, M. J. C. *Narrativas Midiáticas*. Florianópolis: Insular, 2012, p. 197-215.
- LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. 15ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- MATIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação: como extensões do homem*. 18ª ed., São Paulo: Cultrix, 2006.
- MORAES, Dênis (org.). *Mídia, Poder e Contrapoder: da democracia monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MORAES, Dênis. *Vozes Abertas da América Latina: estado, políticas públicas e democratização da comunicação*. Rio de Janeiro: MauadX: Faperj, 2011.

- MOTTA, LUIZ G. Por que estudar narrativas? In: MOTA, C. M.; MOTTA, L. G.; CUNHA, M. J. C. *Narrativas Midiáticas*. Florianópolis: Insular, 2012, p. 23-32.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Análise Crítica da Narrativa*. Brasília: Editora UnB, 2013.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos*. Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-25, julho/dezembro 2007.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Narratologia: análise da narrativa jornalística*. Brasília, DF: Casa das Musas, 2005.
- MOTTA, Luiz Gonzaga; GUAZINA, Liziane. O Conflito Como Categoria Estruturante da Narrativa Política: *o caso do Jornal Nacional*. XVII Encontro da Compós, UNIP, SP, em junho de 2008.
- NAÇÕES UNIDAS. *Balance Preliminar de las Economías de América Latina y el Caribe*. Cepal, 2014, acesso http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/37344/S1420978_es.pdf?sequence=68. Acessado em Dez. 2014.
- NAÇÕES UNIDAS. *Panorama Social da América Latina*. Cepal, 2013, acesso http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/1252/S2013870_pt.pdf?sequence=1. Acessado em Dez. 2014.
- NERES, Geraldo Magella. *Política e Hegemonia: a interpretação gramsciana de Maquiavel*. Curitiba: Ibpe, 2009.
- OLIVEIRA, Dennis (org.). *Cultura e Comunicação na América Latina: integrar para além do mercado*. São Paulo: CELACC; ECA; USP, 2012.
- PANIAGO, Paulo. Um Retrato Interior: O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade. Tese de doutorado. 2008. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – UnB, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2008.
- PINTO, Milton José. *Comunicação e Discurso*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.
- RAMOS, Jorge Abelardo. *História da Nação Latino-americana*. 2ª ed., Florianópolis: Insular, 2011.
- SADER, Emir (org.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SADER, Emir. *A Nova Toupeira*. São Paulo: Boitempo, 2009.

- SILVA, Carla Luciana Souza da. *O “Admirável Mundo” de Veja: Influências Sociais de uma Revista De Informação*. HOL, 2008, n. 15, 89-105.
- SILVA, Décio Renault da. *Jornalismo e História: o jornalista como historiador do presente*. Tese de doutorado. 2011. 214 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – UnB, Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2011.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que Estudar a Mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.
- SPEKTOR, Matias. *18 Dias: quando Lula e FHC se uniram para conquistar o apoio de Bush*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- STEIBERGER, Margarethe Born. *Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina*. São Paulo: EDUC, 2005.
- TAQUARI, Carlos. *Tiranos e Tiranetes: a ascensão e queda dos ditadores latino-americanos e sua vocação para o ridículo e o absurdo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- THOMPSON, Jonh B. *A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- VATTIMO, Gianni. *O Fim da Modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.